

# *A Arte do Debate*



Thiago Toscano Ferrari & Maurício C. P.

# *A Arte do Debate*

“Não é preciso ter olhos abertos para ver o sol, nem é preciso ter ouvidos afiados para ouvir o trovão. Para ser vitorioso você precisa ver o que não está visível.”  
**(Sun Tzu)**

“A vitória está reservada para aqueles que estão dispostos a pagar o preço.”  
**(Sun Tzu)**

**Thiago Toscano Ferrari & Maurício C. P.**

Copyright 2021 by  
Thiago Toscano Ferrari  
Maurício C. P.  
Vitória, ES.

Capa: Ana Luísa Barroso da Silva Neto (adaptação) de:  
<https://cdn.culturagenial.com/imagens/a-escola-de-atenas-de-rafael-sanzio-og.jpg>

Revisão  
Grupo Apologética Espírita  
Site: [www.apologiaespirita.com.br](http://www.apologiaespirita.com.br)  
e-mail: [apologiaespirita@gmail.com](mailto:apologiaespirita@gmail.com)

Diagramação:  
Thiago Toscano Ferrari  
e-mail: [toscanoferrari@yahoo.com.br](mailto:toscanoferrari@yahoo.com.br)

Vitória-ES, novembro/2021

# Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	12
2. Eclesiastes sob escrutínio.....	14
2.1. Examinando o contexto de Eclesiastes 9,5-6.....	14
2.2. Argumentos e eventos que parecem comprovar a mortalidade da alma!.....	17
2.3. Argumentos e eventos que comprovam a sobrevivência da alma após a morte!.....	35
2.4. Conclusão.....	40
3. A fé sem obras está morta.....	41
3.1. O amor cobre pecados – verdade ou mentira?.....	41
3.2. Estamos livres das consequências dos nossos atos?.....	42
3.3. Misericórdia quero e não sacrifícios.....	44
3.4. A Porta Estreita como analogia as Virtudes.....	49
3.5. Houve ou não o progresso da humanidade?.....	51
3.6. O dilema da Parábola do Bom Samaritano.....	54
3.7. Devemos ou não praticar o Evangelho?.....	57
3.8. O conceito de fé e obras por Paulo e Tiago.....	58
3.9. O segundo capítulo da epístola de Tiago e a exortação das boas obras.....	63
3.10. A parábola das Ovelhas e Cabritos. O que decide a salvação?..	65
3.11. I Coríntios 13, o conhecimento pleno e a prática do Amor.....	69
3.12. A fé está acima das obras?.....	72
3.13. Seremos julgados pela fé, ou pelas obras?.....	74
3.14. O pensamento de Paulo e o combate ao farisaísmo.....	79
3.15. As Obras da Lei e as Boas Obras segundo Paulo.....	83

3.16. O pensamento de Pedro.....	97
3.17. O pensamento de João.....	100
3.18. Considerações Finais.....	100
4. A Reencarnação, a Comunicação com os Mortos e as Pesquisas Científicas.....	102
5. Allan Kardec pode ser considerado um racista?.....	117
6. Comunicação com os mortos na Bíblia.....	137
6.1. Analisando o Livro de Deuteronômio.....	139
6.2. O código de Hamurabi e a correlação com o Deuteronômio....	141
6.3. Existe a manifestação de bons e maus espíritos?.....	143
6.4. A diferença entre a comunicabilidade com os “mortos” e a necromancia.....	145
6.5. Adulteração no livro de Deuteronômio.....	146
7. Analisando a comunicação com os “mortos” e os seus exemplos.....	150
7.1. A comunicação com o plano espiritual como algo natural nas Escrituras.....	151
7.2. O parecer do R. N. Champlin e a aparição do espírito de Pedro.....	152
7.3. Tobias 5 e a manifestação factual de um espírito que já foi encarnado.....	154
7.4. A comunicação entre o espírito de Samuel e Saul.....	155
7.5. A Transfiguração de Jesus.....	161
8. Analisando as leis divinas e as leis mosaicas.....	170
8.1. A lei ordenada por Moisés.....	170
8.2. Jesus veio cumprir a lei e complementá-la.....	172
8.3. O desenvolvimento da Torá e do Tanah.....	174
8.4. Exemplos de leis mosaicas que foram revogadas.....	180

9. A definição de defraudar, fraudar e espoliar.....	186
10. Analisando Isaías 8,19-20.....	189
11. Os textos originais na Bíblia.....	191
12. Considerações Finais.....	202
13. Há diferença entre o Cristianismo e Espiritismo?.....	205
14. Jesus disse que João Batista era Elias reencarnado?....	227
14.1. Entrevista com um Judeu Ortodoxo.....	228
15. Argumentos contrários à imortalidade física de Elias...231	
15.1. João 3,13 e o sentido de “subir ao céu” .....	232
15.2. Isaías 14 e o sentido de “subir ao céu” .....	234
15.3. O pressuposto figurado e sua falsa analogia.....	236
15.4. O “subir” e a jornada evolutiva de Jesus.....	237
15.5. O “subir”, o “esvaziar” e a suposta deidade de Jesus.....	237
15.6. A “natureza divina” e a deidade.....	239
15.7. Raciocínio lógico ou “tentativa desesperada”?.....	241
15.8. A carta de Elias – II Crônicas 21,1 e 21,12-15.....	242
15.9. Subida de Jesus – antes ou depois da encarnação terrena?..	246
15.10. Declaração de Jesus – É o não a prova mais persuasiva?.....	246
16. Discutindo profecias.....	247
16.1. Malaquias – A chave inicial.....	247
16.2. Lucas 1:17 – Seu verdadeiro sentido.....	249
16.3. O profeta Elias x Um profeta semelhante.....	249
16.4. Mateus 11,14-15 – O entendimento do Mestre.....	250
16.5. Mateus 11,7-15 – João Batista como cumpridor da profecia referenciada a Elias.....	251
16.6. Os ministérios de João Batista e de Elias.....	252
16.7. O carma de João Batista – Verdade ou mentira?.....	252

16.8. Elias, Eliseu e João Batista.....	255
16.9. Expressões idênticas? Contextos idênticos ou diferentes?.....	256
<b>17. A salvação de todos.....</b>	<b>259</b>
17.1. Razão infalível – será mesmo?.....	259
17.2. Discernimento espiritual – acima ou abaixo da razão?.....	260
17.3. Soberania e “vontade permissiva”.....	260
17.4. Mateus 25 e as “penas eternas”.....	261
17.5. Existe condenação irremissível?.....	263
17.6. O verso áureo e a “vida eterna”.....	264
17.7. “Enquanto se pode achá-lo” – quanto tempo dura e o que significa?.....	266
17.8. Salmo 22 e a “salvação de todos”.....	269
17.9. Pregação aos mortos – verdade ou mentira?.....	270
17.10. Pregação aos “espíritos em prisão” – antes ou depois dos “dias de Noé”?.....	271
17.11. Miqueias 7,18 – confirma ou rejeita a ira eterna?.....	273
17.12. O dilema dos efeitos dissonantes.....	273
<b>18. Paulo e a ressurreição, um obstáculo à imortalidade de Elias – I Coríntios 15.....</b>	<b>274</b>
18.1. O problema da semântica.....	274
18.2. A “transformação” que ocorrerá com os vivos e os mortos....	275
18.3. O “corpo espiritual”, a transfiguração e o arrebatamento de Elias.....	276
<b>19. Paulo e o “conhecimento pleno” – I Coríntios 13.....</b>	<b>277</b>
19.1. João 16,12 e o conhecimento limitado.....	277
<b>20. O sacrifício de Jesus e a expiação.....</b>	<b>278</b>
20.1. Arrependimento, confissão e sacrifício – o que nos purifica?.	281
20.2. Paulo, Tiago e a relação fé x obras.....	283

20.3. A palavra da cruz, o homem natural e as “coisas de Deus” .....	284
20.4. Jesus, Tomé e as provas materiais.....	287
20.5. Salvação impossível?.....	287
20.6. A pregação de João Batista e o “Cordeiro de Deus” .....	288
20.7. A dúvida de João Batista e a resposta de Jesus.....	293
21. Analisando I Tessalonicenses 5,21.....	294
22. O foco do debate e o foco da Bíblia.....	294
23. Considerações finais.....	295
24. O Diálogo entre Jesus e Nicodemos.....	296
24.1. A passagem de João 3,1-21 em análise.....	297
24.2. A resposta chave de Jesus.....	305
24.3. Nicodemos entende como “do alto”, ou “de novo”?.....	312
24.4. Jesus esclarece o que todos nós estamos sujeitos a passar....	316
24.5. Reencarnação, uma lei natural!.....	321
24.6. A jornada evolutiva de Jesus.....	322
24.7. A Exegese esquecida.....	326
24.8. O desenvolvimento da Exegese.....	326
24.9. Análise de Torres Pastorino.....	328
24.10. Palingênese – Uma análise pormenorizada!.....	334
25. Considerações Finais.....	339
26. O Evangelho de Judas.....	341
26.1. Analisando a traição de Judas.....	341
26.2. A profecia de Jesus em Mateus 19,28 era dirigida aos doze apóstolos, ou não?.....	342
26.3. A evolução da imagem negativa de Judas e o antissemitismo	344
26.4. Judas era ou não um ladrão? Jesus poderia confiar as finanças a um ladrão?.....	345



26.5. A profecia de II Samuel 15,12-31 teria um “duplo cumprimento”?.....	348
26.6. Judas cobrou ou lhe foram dadas as trinta moedas?.....	350
26.7. Onde está a contradição?.....	351
26.8. O Espiritismo de fato não diverge do Cristianismo!.....	353
26.9. Houve o remorso de Judas e, por conseguinte, o seu arrependimento!.....	355
26.10. Como ocorreu a morte de Judas?.....	356
26.11. O Evangelho de Judas e a sua veracidade histórica.....	357
<b>27. Considerações Finais.....</b>	<b>408</b>
<b>28. Os fenômenos mediúnicos contidos na Bíblia.....</b>	<b>409</b>
28.1. Definições.....	409
28.2. Pneumatografia.....	416
28.3. Pneumatofonia.....	420
28.4. Desdobramento.....	421
28.5. Aparições.....	423
28.6. Transfiguração.....	425
28.7. Xenoglossia.....	431
28.8. Os dons espirituais sob a ótica de Paulo.....	433
28.9. Desaparecimento do corpo de Jesus.....	436
28.10. O Espiritismo é doutrina de demônios?.....	440
<b>29. Os fenômenos mediúnicos na Igreja.....</b>	<b>441</b>
29.1. Bicorporeidade.....	442
29.2. Projeciologia.....	445
<b>30. O Antigo Testamento, o Novo Testamento e os fenômenos mediúnicos.....</b>	<b>452</b>
<b>31. Considerações Finais.....</b>	<b>461</b>

32. Quem realmente é Satanás e quem são os demônios?	463
33. Reencarnação ou Penas Eternas?.....	493
33.1. Afinal, quem foi o Apóstolo que substituiu Judas, Paulo ou Matias?.....	493
34. Analisando a descida de Jesus às “regiões inferiores”. 495	
34.1. Efésios 4,7-10 e o santo mistério.....	496
34.2. Efésios 4,11-16 e o serviço dos santos.....	497
34.3. O que realmente ensina tal passagem.....	499
34.4. A pregação de Paulo e a de Pedro com um dilema.....	500
35. Analisando a pregação de Jesus “aos espíritos em prisão” .....	501
35.1. A pregação “aos espíritos em prisão” foi nos dias de Noé, ou nos dias de Jesus?.....	504
35.2. A pregação “aos espíritos em prisão” e o Credor Incompassivo .....	506
35.3. A “pregação aos mortos” foi feita aos mortos, ou aos ainda vivos?.....	512
35.4. O que realmente ensina tal passagem.....	514
36. Analisando a Serpente, Satã e os Daimons.....	514
37. Escândalos, se vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a! .....	517
37.1. Jesus nos sugere a automutilação?.....	517
37.2. Afinal, qual o ensinamento desta passagem!.....	519
38. O inferno e as penas eternas para erros finitos.....	522
38.1. “A falibilidade dos projetos humanos”, segundo Tiago.....	523
38.2. Marcos 9 e o que ele ensina sobre “salgar com fogo”.....	525
39. Considerações Finais.....	527

40. Seremos salvos ou teremos que nos salvar?.....	533
40.1. A Porta estreita e a Porta larga – Devemos nos esforçar?.....	533
40.2. As duas opções, nos esforçar, ou ficar com os braços cruzados! .....	536
40.3. A antiga lei disciplinar e um novo ensinamento.....	539
40.4. A eternidade de uma prisão temporária.....	543
40. 5. O entendimento de uma conjunção diante de falsas premissas .....	544
40.6. Afinal, o que ensina Mateus 5,21-26?.....	552
40.7. A primeira e a segunda revelação, não haveria a terceira?.....	553
40.8. Jesus anunciou as coisas vindouras após a ressurreição? Mas não seria o Consolador?.....	556
40.9. A parábola do Jovem Rico e o seu real sentido.....	561
40.10. O objetivo do Espírito da Verdade.....	572
40.11. A parábola do administrador infiel e uma explanação sobre este assunto correlato.....	573
40.12. O Reino dos Céus está, ou não dentro de nós? O que realmente Jesus quis dizer com este ensinamento aos Fariseus de outrora e aos modernos?.....	593
40.13. A Transubstanciação e a análise de Torres Pastorino.....	600
40.14. Ezequiel combate o pecado original e as penas eternas.....	618
40.15. O sentido de salvação apresentado por Jesus a Zaqueu.....	625
41. Considerações Finais.....	628
Fontes bibliográficas.....	630

## 1. INTRODUÇÃO

Costumamos dizer que a toda a antítese, cria-se uma tese. Este foi o objetivo dos debates no Fórum Evangelho em sua segunda versão em meados do ano de 2005 a 2006, vindo a sair do ar todo o fórum em meados do ano de 2006 por diversas razões aos quais não nos compete citá-las. Estes debates foram travados entre espíritas e demais adeptos de crenças protestantes dos mantenedores deste fórum, onde participaram os espíritas Alicia Caldas, Douglas Camillo, Waldemar Buchwitz, Thiago Toscano Ferrari e o Maurício C. P., revisado todas as participações deles pelo **Grupo de Apologética Espírita** que muito contribuiu para este trabalho.

Ocorre que este Fórum Evangelho veio a ser reaberto em meados de 2009, conforme podemos verificar no link "<http://www.forumevangelho.com.br/>". Novamente alguns colonistas participaram em defesa da Doutrina espírita com apoio de outros espíritas, tal qual cito o Arnaldo Ferreira de Paiva, Marcos Arduin, SSBezerra, Jax e do espiritualista Anderson Luiz Louzada. Pois bem, os temas não voltaram aos assuntos abordados a este e-book, mas trataram de outros temas que não compete transformarem em artigos por serem temas marginais a Doutrina Espírita, tal como o sofrimento de Jesus na cruz e o que o motivou por parte do Eterno em permiti-lo, o que denota que a causa foi completamente política, através do império romano, e religioso pelos judeus à época. Enquanto os protestantes defendem que deveria ser remido o pecado de Adão para perdão dos pecados de todos os cristãos, esboroam que o pecado, ou erro continua a ser praticado até os dias de hoje e a teologia do sangue, ou transubstanciação está deveras tratado nesta obra.

Após verificamos todos estes tópicos com temas propostos a pesquisas, passaremos agora aos nossos textos que defendemos a Doutrina Espírita na segunda versão do fórum em meados de 2005 e 2006, conforme citamos ao início de nossa abordagem. Resolvemos separar os textos por classificação de um sumário, visando facilitar a

consulta dos demais leitores.

O Colunista Maurício C. P. é o autor dos textos de *Jesus disse que João Batista era Elias reencarnado?* e *Allan Kardec pode ser considerado um racista?*. O artigo *Os fenômenos mediúnicos contidos na Bíblia* foi elaborado por Alicia Caldas, Douglas Camillo, Waldemar Buchwitz, Thiago Toscano Ferrari e o Maurício C. P. O colunista Thiago Toscano Ferrari é o autor dos artigos *Eclesiastes sob escrutínio* que é em parceria com Maurício C. P., *A fé sem obras está morta*, *A Reencarnação*, *a Comunicação com os Mortos e as Pesquisas Científicas*, *Comunicação com os mortos na Bíblia*, *Há diferença entre o Cristianismo e Espiritismo?*, *O Diálogo entre Jesus e Nicodemos*, *O Evangelho de Judas*, *Quem realmente é Satanás e quem são os demônios?*, *Reencarnação ou Penas Eternas?* e *Seremos salvos ou teremos que nos salvar?*

O artigo inicial *A Torá e a Reencarnação* de autoria do colunista Thiago Toscano Ferrari se transformou em um e-book e saiu desta obra, mesmo tendo nascido nesta lista de discussão, que já mencionamos, mas que, devido ter tomado uma abrangência deveras extensa, necessitava de um espaço único para ser tratado e que em breve será publicado.

Boa pesquisa!

Fevereiro / 2014

(Revisado em novembro / 2021)

## 2. Eclesiastes sob escrutínio

“Demonstrando a existência e a imortalidade da alma, o Espiritismo reaviva a fé no futuro, levanta os ânimos abatidos e faz suportar com resignação as vicissitudes da vida”. (Allan Kardec)

Este é um tema bastante intrigante e que nasceu em uma lista de discussão a longa data e em duas etapas, ao qual resolvemos transformar agora em um artigo genérico para esclarecimento de minha posição ante ao texto e a visão espírita da inconsciência após a morte. Dessa forma, dividimos este texto em tópico para facilitar a consulta aos leitores e espero que possam apreciar nosso pequeno esboço.

### 2.1. Examinando o contexto de Eclesiastes 9,5-6

Primeiramente precisaremos recorrer a uma bibliografia mais coerente com nossas pesquisas e que revelam um teor mais próximo dos originais, tal qual citamos a obra Bíblia Hebraica, constante em nossa singela biblioteca e que trazemos a lume. Vejamos:

<sup>5</sup>Pois sabem os vivos que hão de morrer, mas nada mais podem saber os mortos, nem tampouco há para eles ainda qualquer recompensa, pois até sua recordação já foi esquecida. <sup>6</sup>Perdido está também seu amor, seu ódio, até sua inveja, e não têm mais qualquer porção no que ocorre sob o sol. (Eclesiastes 9,5-6) (TANAH. 2012, p. 929)

Os argumentos que pretendemos analisar gravitam em torno de Eclesiastes, capítulo 9, versos 5 e 6. O objetivo dos mortalistas, ao nos trazerem esta referência, segundo eles mesmos defendem, é que *“justificar a inconsciência e, por conseguinte, impossibilidade de comunicação, pelo ponto de vista bíblico, com os mortos”*, e ao fazê-lo se esboroa em outros textos, igualmente bíblicos, que trazem claramente as provas do contrário.

Segundo os mortalistas, ao dizerem que o texto em foco *“prova*

*exatamente o que estamos debatendo, ou seja, o estado de inconsciência dos mortos **com relação aos vivos aqui na Terra***. Ou seja, um estado meramente **relativo** de inconsciência, ao que respondemos lembrando que O texto revela **total** inconsciência (não inconsciência relativa) na morte e a impossibilidade de qualquer recompensa “**debaixo do sol**”, porque “**o seu amor, o seu ódio, e a sua inveja já pereceram**”, **daí porque “não terão eles jamais recompensa”**, revelando na expressão **daí porque** ser esta última assertiva consequência natural e necessária do estado absoluto de inconsciência, atribuído aos mortos na primeira. Se o estado fosse relativo, as ressurreições e vida futura deveriam ocorrer fora desta terra, para sermos coerentes, e não “debaixo do sol”.

Com base no verso 5, afirmamos que o texto não diz só isso, e revisitamos as afirmações constantes do verso 6, discordando da alusão de que a inconsciência ali tratada seria apenas relativa, só fazendo parte de “*coisas que se sucedem embaixo do sol*”. O comentário em referência à nossa argumentação, dizem os mortalistas “**de que este texto não se refere a inconsciência dos mortos é baseada muito mais em sua negação do que propriamente refutação**”. Entretanto, não argumentamos que o texto **não se refere a inconsciência dos mortos**, o que dissemos é que exatamente o contrário e, conseqüentemente, não procede dizerem os mortalistas que nos baseamos **muito mais em sua negação**, nem muito mais nem muito menos, porque não fizemos qualquer negação do texto. Só afirmações. Mas acertam os mortalistas ao dizerem que, **se o texto diz** que os mortos estão inconscientes, **deve-se entender que também** não terão recompensas e, portanto, colocaria também por terra a ressurreição dos justos, pois era isto o que já vinha demonstrando diante da clareza meridiana, taxativa, daqueles versos.

Os mortalistas dizem que “*o participante entende até onde o texto diz que os mortos **jamais** terão recompensa, para daí entender que **nunca** terão recompensa*”, porque as palavras “nunca” e “jamais” são sinônimas, tem o mesmo significado. Mas dizem os mortalistas que “*a explicação é clara*”, e dão a solução: “o livro de Eclesiastes fala sobre *as coisas que se sucedem embaixo do sol*”, ou seja, **aqui em vida, na Terra**”. Na sequência, os mortalistas apresentam uma conclusão,

naturalmente decorrente da tese que defendem, amarrando todas as partes à “solução”. O que se nota desde a partícula inicial:

**“Logo, quando o autor afirma que os mortos têm sua memória entregue ao esquecimento, refere-se às coisas embaixo do sol; quando diz que os mortos não têm qualquer sentimento de ódio, inveja ou amor, refere-se às coisas embaixo do sol; e, quando diz que os mortos jamais terão recompensa, para sermos justos com a hermenêutica do texto, refere-se às coisas embaixo do sol”.**

Mas diante deste fato exarado pelos mortalistas, já havíamos sido justos com a **hermenêutica do texto** e, relacionamos a inconsciência e a ausência de recompensas que se encontram no texto, mostrando que se a ressurreição **deve ocorrer** “debaixo do sol”, ou seja, **aqui na Terra, então** ela está **igualmente descartada**.

Embora os mortalistas não gostem que qualifiquemos sua tese como suspeita, é isto o que se evidencia ao verificarmos que a ressurreição (em que acreditam) implica em recompensas (Lucas 14:14), e estas **antecedem**, necessariamente **nesta Terra** ou **“debaixo do sol”**, os “novos céus e nova terra” que nos aguardam, **contrariando, deste modo** o entendimento esposado por eles de que Eclesiastes estabelece regra ou definição do que ocorre com os mortos, em vez de apenas refletir a opinião reducionista e momentânea do autor.

Em sua finalização, os mortalistas nos dizem que **“tal recompensa terá sido pelo que fizeram antes de terem morrido, e não pelo que acontecer depois”**, ao passo que o texto é taxativo e apenas diz que **“nem tampouco terão eles recompensa e nem têm eles daí em diante parte para sempre em coisa alguma do que se faz debaixo do sol”**, de modo que se na visão do narrador a ação foi praticada antes ou depois, o certo é que após a morte não há recompensas, bem como nenhuma participação em coisas que se fazem “debaixo do sol” ou nesta terra, descartando consequentemente para esta terra qualquer possibilidade de **ressurreição** e vida futura.

Para encerrar este tópico a título de reflexão, com referência a Eclesiastes 9,5: **“Porque os vivos sabem que hão de morrer, mas os**



*mortos não sabem coisa nenhuma, nem tampouco terão eles recompensa, mas a sua memória fica entregue ao esquecimento.*”, onde Há um período na vida de Salomão em que ele se encontrava desiludido, enfraquecido na fé e até um tanto afastado de Deus. Todo o começo de Eclesiastes, até pelo menos o décimo capítulo, evidencia-se esta situação. Nota-se num estudo apurado deste livro, a recuperação espiritual e emocional de Salomão, quando suas revelações passam de pessoais e amarguradas para espirituais e divinas, mudando totalmente sua posição em relação às afirmações feitas acima: Eclesiastes 12,7: **“E o corpo volta para a terra como o era, e o espírito sobe para Deus, que o deu”**.

## **2.2. Argumentos e eventos que parecem comprovar a mortalidade da alma!**

O conceito de basar, no Tanah ocorre quando se refere tanto a animais, quanto ao ser humano. Ela designa carne, corpo, parentesco, fraqueza, etc. Na criação da mulher a partir de uma das costelas do homem, como citarei mais adiante, Josefo em sua análise de Gênesis 2. Outrossim, em Gn 2:21 está escrito que *“e fechou o lugar com basar (carne)”*. Já em Gn 2:24, de modo semelhante a *nephesh*. Por outro lado, a *basar* indica o ser humano como tal, agora no aspecto físico, ou seja material. Mediante esta abordagem, os mortalistas defendem que: *“a nephesh = a vida, alma, fôlego da vida, e não carne (basar), onde diz que Eva recebeu a nephesh (sopro da vida), onde?”* Se perceberem, fizemos a devida distinção entre a *ruwach*, *nephesh* e *basar*, não havendo, porquanto a mistura de conceitos entre a *nephesh* e a *basar*. Já Eva receber a *nephesh* é por questões de dedução, já que ambos são iguais perante o criador. Os mortalistas prosseguem dizendo que: *“Basar corresponde a corpo, polpa, gordura magra, parentes, a humanidade, a nudez, a auto-pele, de basar; carne (fresca), por extensão, o corpo de pessoa, a genitália de um homem – o tipo do corpo, (gordura, magra) carne, parentes, (homem), + nudez, auto, pele. Veja que Deus distingue o que seja alma Vivente e Carne/espécie”*. Diante desta argumentação, os mortalistas exemplificam:

Então, me lembrarei do meu concerto, que está entre mim e

vós e ainda toda alma vivente de toda carne; (animal/espécie) e as águas não se tornarão mais em dilúvio, **para destruir toda carne [basar]**. (Gn 9,15)

Observem que a **destruição é da carne [basar]** e não da *nephesh*. Havíamos dito que conforme a abertura do tópico, em nos trazer o uso dessa palavra hebraica [*nephesh*] para a compreensão do ser humano. Vejamos o seu significado:

'Então, formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser [*nephesh*] vivente (ser vivo). (Gn 2:7).

Partindo deste entendimento, os mortalistas dizem que:

“Deus reuniu duas coisinhas aí, o pó da terra e fôlego de vida. Com seu poder criador, ordenou que da mistura dessas duas coisas aparecesse o homem vivo, uma alma vivente. Em Gênesis 2:07 não diz que o ser humano tem Alma, mas que ele é uma alma. Homem vivo e alma vivente é a mesma coisa”.

Neste quesito, recorreremos ao historiador Flávio Josefo e ver o seu parecer quanto à passagem:

2. Gênesis 2. Moisés fala ainda mais particularmente da criação do homem. Ele diz que Deus tomou pó da terra, **fez o homem e, com a alma, inspirou nele o espírito e a vida**. Ele acrescenta que esse homem foi chamado **Adão, que em hebreu significa “ruivo”**, porque a terra de que ele foi formado era dessa cor, que é a cor da terra natural e a qual se pode chamar virgem. Deus mandou vir os animais, tanto os machos quanto as fêmeas, para diante de Adão, e este, o primeiro de todos os homens, deu-lhes os nomes que conservam ainda hoje.

3. Deus, vendo que Adão estava sozinho, enquanto os outros animais tinham cada qual uma companheira, quis também dar-lhe uma consorte. Para isso, quando ele estava adormecido, tirou-lhe uma das costelas, da qual formou a mulher. E, logo que Adão a viu, percebeu que ela havia sido tirada dele e que era parte dele mesmo. Os hebreus dão à mulher o nome de

Issa, e a que foi a primeira de todas chamou-se **Eva, isto é, “mãe de todos os viventes”**. (JOSEFO, Flávio. *História dos Hebreus*. Rio de Janeiro/RJ: Editora CPAD, 8ª Edição, 2004, pag. 19).

O que Josefo deixa transparecer aqui é que Deus fez o homem e, com alma, inspirou nele o espírito e a vida, diferentemente do homem ser uma alma. Ele distingue entre estar com alma e não ser alma como entendido pelo Almoedo. No dicionário de James Strong existe a definição para adão que converge ao que Josefo disse. Vejamos:

**0119 אדם 'adam aw-dam'**

de derivação desconhecida; DITAT – 26b; v

1) **ser vermelho, vermelho**

1a) (Qal) **ruivo** (referindo-se aos naziritas)

1b) (Pual)

1b1) corar

1b2) tingido de vermelho

1b3) avermelhado

1c) (Hifil)

1c1) fazer ficar vermelho

1c2) ofuscar

1c3) emitir (mostrar) vermelhidão

1d) (Hitpael)

1d1) avermelhar

1d2) ficar vermelho

1d3) parecer vermelho

(Dicionário Bíblico Strong Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong, James Strong, LL. D, S.T.D., Barueri/SP, Editora SBB, Ano 2002, pág. 24.)

**0120 אדם 'adam aw-dawm'**

procedente de 119; DITAT – 25a; n m

1) homem, **humanidade (designação da espécie humana)**

1a) homem, ser humano

1b) homem (como indivíduo), humanidade (sentido intencionado com muita frequência no AT)

1c) Adão, o primeiro homem

1d) cidade no vale do Jordão

(Dicionário Bíblico Strong Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong, James Strong, LL.D, S.T.D., Barueri/SP, Editora SBB, Ano 2002, pág. 24.)

Kardec, em sua obra do Pentateuco espírita *A Gênese* – Capítulo XII – *Gênese Mosaica*, nos esclarece esta passagem como uma alegoria bem representativa, vejamos:

11. - Ele se houve com mais acerto, dizendo que Deus formou o homem do limo da Terra <sup>(1)</sup>. A Ciência, com efeito, mostra (cap. X) que o corpo do homem se compõe de elementos tomados à matéria inorgânica, ou, por outra, ao limo da terra. A mulher formada de uma costela de Adão é uma alegoria, aparentemente pueril, se admitida ao pé da letra, mas profunda, quanto ao sentido. Tem por fim mostrar que a mulher é da mesma natureza que o homem, que é por conseguinte igual a este perante Deus e não uma criatura à parte, feita para ser escravizada e tratada qual hilota. Tendo-a como saída da própria carne do homem, a imagem da igualdade é bem mais expressiva, do que se ela fora tida como formada, separadamente, do mesmo limo. Equivale a dizer ao homem que ela é sua igual e não sua escrava, que ele a deve amar como parte de si mesmo.

---

<sup>(1)</sup> O termo hebreu haadam, homem, do qual se compõem Adão e o termo haadama, terra, têm a mesma raiz. (KARDEC, A. 2019, p. 217).

Quem obtiver o interesse de aprofundar na alegoria da ‘Perda do Paraíso’. Sugiro perscrutar o tema, também na obra *A Gênese*; Capítulo XII, *Gênese Mosaica*. Prossequimos dizendo que a palavra hebraica *ruwach* significa em muitos textos, o sentido de espírito, destina-se também a ser como uma força da natureza, sendo ela o vento, o ar em movimento, etc. Jesus ao dialogar com Nicodemos, provavelmente em aramaico, tendo o evangelho de João na tradução hebraica e grego koiné, fala da *ruwach* (Jo 3,1-21). Na maioria das vezes, *ruwach* significa o sopro forte do vento, como sendo, não se sabe de onde o vento vem [sua última encarnação], não se sabe para o vento vai [sua próxima encarnação]. Os mortalistas dizem que: “no novo testamento, a palavra Espírito muda de *ruwach* para, (πνεῦμα *pneuma*), onde é mencionado em João 3,5-6” Exatamente isso, e em nosso texto

**O Diálogo entre Jesus e Nicodemos** que os prezados leitores poderão acessar ([AQUI](#)) poderão atestar que esta passagem está no sentido figurado, os desdobramentos de uma exegese comentada e uma conclusão desejada da sugestão da reencarnação como uma lei natural (Jo 3,12)..

Sanada toda esta celeuma, agora partiremos para o desenvolvimento das interpretações das citações que parecem sugerir a mortalidade da alma. Antes de adentrar em toda a argumentação dos mortalistas, precisaremos definir o que seja a interpretação correta para (1Tm 6,16) e (1Co 15,53) Pois bem, vamos ao dicionário novamente:

**110 αζαλαζηα athanasia**

de um composto de 1 (como partícula negativa) e 2288;

TDNT – 3:22,312; n f

1) **eternidade**, imortalidade

(STRONG, J., LL.D, S.T.D., 2002, pág. 1982)

Entendemos que a eternidade somente a Deus pertence, já a imortalidade sem a necessidade de passar pelas reencarnações, culminando a ressurreição do espírito para a pureza de nossa alma, este sim era a que Paulo se referia. Eterno somente Deus e imortais já somos, mas a imortalidade sem mais necessidade de reencarnação, somente será conseguida através da prática dos ensinamentos do Mestre Jesus em sua plenitude. Os mortalistas dizem que:

*“Sobre essa expectativa temos o verso de Mt 10,28: E não temer os que matam o corpo, mas não podem matar a alma: teme antes aquele que é capaz de destruir a alma e o corpo no inferno”.*

Pois bem, ao citar a passagem em análise, os mortalistas nos apresentam ainda os originais em grego. Vejamos:

Και μη φοβηθητε απο των αποκτεινοντων το σωμα, την δε ψυχην μη δυναμενων να αποκτεινωσι· φοβηθητε δε μαλλον τον δυναμενον και ψυχην και σωμα να απολεση εν τη γεεννη. (Mt 10,28)

Apresentar os originais gregos sem uma exegese mais acurada de todo o texto e contexto, enfatizando somente o fato de que a alma é destruída juntamente com o corpo no inferno, necessita de uma análise mais detalhada quanto ao tema. Primeiramente foi identificado somente a [πλεπκα pneuma] como alma, mas temos que ir mais a fundo no contexto e nas outras palavras gregas com apoio de um léxico grego e um bom dicionário também em grego, além de obter o parecer de Torres Pastorino em sua obra **Sabedoria do Evangelho – Volume 3**, a fim de chegarmos à resposta adequada ao texto. Observamos ainda que o texto em grego nos transmite a ideia de privar alguém de uma vida espiritual plena quando precipitado na *geenna*, tal como no sentido figurado. Vejamos:

ἀποκτείνω ou ἀποκτένω matar Mt 14.5; Lc 11.47; Jo 8.22; 16.2; **privar (alguém) da vida espiritual Mt 10.28**; 2 Cor 3.6. Fig. Ef 2.16. (GINGRICH, F. W., 1979; pag. 30).

Partiremos para a análise do dicionário Bíblico Strong Léxico Hebraico, Aramaico e Grego:

**4151 πλεπκα pneuma**

de 4154; TDNT – 6:332,876; n n

3) um espírito, i.e., simples essência, destituída de tudo ou de pelo menos todo elemento material, e possuído do poder de conhecimento, desejo, decisão e ação.

3a) espírito que dá vida

**3b) alma humana que partiu do corpo**

(STRONG, J., LL.D, S.T.D., 2002, p. 1705-1706.)

Agora vamos ao parecer de Torres Pastorino em sua obra **Sabedoria do Evangelho – Volume 3**.

### INSTRUÇÕES AOS EMISSÁRIOS – PARTE III

Mat. 10:24-33

24. “Não é o discípulo mais que seu mestre, nem o servo mais que seu senhor: 25. basta ao discípulo ser como o seu mestre e ao servo como o seu senhor”. Se chamaram

Beelzebul ao dono da casa, quanto mais (o farão) aos seus domésticos! 26. Portanto, não os temais: pois nada há de encoberto que não venha a descobrir-se, nem de oculto que não venha a saber-se. 27. O que vos digo às escuras, dizei-o na luz; e o que ouvis aos ouvidos, proclamai-o nos telhados. **28. Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma; temei, antes, o que pode fazer perder tanto a alma como o corpo no vale das lamentações.** 29. Não se vendem dois passarinhos por um centavo? e nenhum deles cairá no chão sem vosso Pai. 30. E até os cabelos de vossa cabeça estão todos contados: 31. Não temais, pois: mais valeis vós que muitos passarinhos. 32. Portanto todo aquele que me aceitar diante dos homens, eu também o aceitarei diante de meu Pai que está nos céus; 33. mas aquele que me rejeitar diante dos homens, eu também o rejeitarei diante de meu Pai que está nos céus.

Luc. 6:40

40. O discípulo não é mais que seu mestre, mas todo aquele que é diplomado é como seu mestre.

Nesta terceira parte, que intitulamos “encorajamentos”, encontramos, em forma sentenciosa, três recomendações de coragem, iniciadas com as palavras “não temais”. A fórmula inicial salienta que um discípulo não deve pretender tratamento superior ao que teve seu mestre, nem o servo ser mais bem tratado que seu senhor. A verdade é evidente. Muito felizes deverão julgar-se discípulos e servos, se conseguirem tratamento semelhante ao do mestre e ao do senhor. Lucas apresenta uma particularidade: o discípulo não é mais que seu mestre, mas todo discípulo diplomado (katértisménos, participio passado passivo de katartízō, isto é, que foi aparelhado, preparado, formado, ou seja, diplomado), é como (é igual) a seu mestre.

Depois vem o exemplo: chamaram o Mestre de Beelzebul. Essa palavra desorientou os exegetas durante séculos. Nessa forma aparece nos manuscritos, e significa literalmente “senhor do fumeiro”; não deve ser confundido com Beelzebub, “senhor das moscas”, a quem Ozonias (2.º Reis 1:6) mandava consultar em suas dificuldades. Na época de Jesus, Beelzebul

tinha o sentido genérico de “ídolo”, isto é, de culto a uma divindade falsa; então, Beelzebul era o falso profeta, o falso sacerdote. Se assim chamaram o “dono da casa”, quanto mais o farão a seus familiares!... Até hoje vemos esse epíteto aplicado, mesmo dos púlpitos, aos que seguem os lídimos preceitos de Jesus. E o próprio ato de sermos assim denominados, constitui para nós a maior glória, pois vem provar à saciedade que, segundo a predição de Jesus, nós realmente somos seus seguidores, seus discípulos, pois recebemos o mesmo epíteto que Ele.

A argumentação é feita nos moldes rabínicos, da menor para a maior (a *minori ad majus*, na fórmula silogística da Escolástica). Por que temê-los? Depois aparece uma sentença axiomática, também repetida: tudo o que se esconde, há de aparecer à luz; e as malevolências dos homens, tenham ele que títulos tiverem e atribuam-se a autoridade que quiserem, tudo se virá a saber a respeito da verdade. Podem eles intitular-se a si mesmo delegados, embaixadores e representantes de Deus, mas suas credenciais estão assinadas por eles mesmos, e portanto nenhum valor real apresentam, porque lhes falta a chancela da Divindade. Tudo isso, que é escondido virá a ser publicado.

A seguir uma advertência baseada no costume da época. O pregador, denominado *darshan*, não discursava na sinagoga aos sábados em voz alta: falava a meia-voz ao intermediário chamado *amorâ* ou *turgem ân*, e este é que repetia em voz alta o que o *darshan* lhe comunicava (cfr. Strack e Billerbeck, *Kommentar zum neuen Testament aus Talmud und Midrash: Das Evangelium nach Matth.*, Munchen, 1922, tomo 1, pág. 579; citado por Pirot, o.c.). Assim diz Jesus, que o que lhes é dito às escuras, deve ser proclamado na luz; isto é, o que é dito simbolicamente, deve ser explicado com clareza, e tudo o que for oculto deve ser traduzido à luz; e o que for dito aos ouvidos, deve ser gritado dos telhados. Prende-se esta última frase também a um hábito da época: o *hazzan* subia, às sextas-feiras, ao telhado mais alto da aldeia e tocava a trombeta, para avisar a todos os camponeses que se recolhessem para respeitar o sábado.

Justamente pela explicação clara desses ensinamentos



secretos vem a humanidade esperando há quase dois mil anos. Com a ajuda do Pai, eles estão sendo trazidos aos poucos, infelizmente ainda de modo deficiente, por incapacidade dos intérpretes. Aparece o segundo conselho de coragem. Aqui encontramos a oposição entre sôma (corpo) e psychê (alma). Não devem temer-se os que só tem o poder de matar o corpo (sôma), mas não no possuem para matar a alma (psychê), ou seja, desviá-la do rumo certo, levando-a para o antissistema, para o polo negativo. Em numerosos lugares, tanto do Antigo como do Novo Testamento, aparecem como ações opostas as locuções “matar a alma” e “salvar a alma”. A alma (psychê) é o corpo astral que plasma o corpo físico na reencarnação e aparece, no físico, sob a forma de sangue (Deut. 12:23). A distinção entre “matar o corpo” (sôma) e “matar a alma” é bem clara nas Escrituras. Quem mata o corpo apenas destrói o veículo mais denso, mais grosseiro, mas, com isso, não afeta o corpo astral (a alma), já que esta prossegue sua mesma vida em outro plano de vibrações e, de modo geral, não é prejudicado senão por perturbação momentânea pois de qualquer forma dirimiu um carma que o alivia de dívidas do passado. Por tudo isso, a alma se vê “salva” da garra dos perseguidores. Já a “morte da alma” se apresenta sob outros aspectos muito mais graves. É atingido o próprio corpo astral, que se perturba profundamente e, ao chegar ao outro plano de vibrações, permanece desequilibrado de tal forma, que só novo mergulho no “vale das lamentações” (na reencarnação terráquea) poderá reequilibrá-lo através do esquecimento temporário. No entanto, a reencarnação desses que se encontram “mortos” nesse estado é terrivelmente dolorosa, pois que, pelo próprio desequilíbrio, construirão corpos físicos deficientes, defeituosos, ou pelo menos com os neurônios cerebrais disrítmicos, o que lhes causará sérias perturbações mentais e até demência. Por tudo isso, compreende-se que a morte do corpo físico não é temível, mas a da alma é de consequências desastrosas, e por isso deve ser temida: “teme: os que podem fazer perder tanto a alma quanto o corpo no vale das lamentações”, perdidos no escuro cárcere da loucura que afeta tanto o corpo como a alma. No entanto, a Providência do Pai que em todos e em tudo habita, está sempre atenta a tudo, e nada nos acontecerá sem Ele. O texto grego áneo tou patrós humôn, que literalmente significa “sem vosso Pai”, pode ser entendida

nesse sentido preciso (que preferimos): nada ocorre sem o Pai que está dentro de tudo e de todos (cfr. Ef. 4:6 e 1 Cor. 15:28), e que constitui a essência ou substância ultérrima de tudo o que existe; ou b) “fora de vosso Pai”. pois nada existe fora Dele, já que Nele estamos mergulhados integralmente. Nele nos movimentamos, Nele existimos (cfr. At. 17:28); ou c) interpretando-se o sentido: “Sem o consentimento ou a vontade de vosso Pai”. Se o Pai está em nós e nós estamos no Pai, que temer? Tudo o que ocorre conosco, ocorre juntamente com o Pai que nos acompanha a cada segundo, e nada ocorre a nós sem que o Pai nos acompanhe amoravelmente. Até os pardais, que quase nada valem, não caem ao chão sem Ele; até os fios de cabelo de nossas cabeças; que estão todos contados pelo Pai, não caem sem Ele. E uma criatura humana, que muito mais vale, como poderia qualquer coisa ocorrer-lhe sem a coparticipação do Pai? É ainda o raciocínio a minori ad majus; se não cai um cabelo nosso, como ocorreria uma enfermidade ou morte sem que isso ocorresse com o Pai, a seu lado dentro Dele. Não adotamos as traduções “sem o consentimento” do Pai nem, menos ainda, “sem a vontade” do Pai, para não falsear a ideia expressa por Jesus. Essas duas expressões dariam a falsa impressão de que um Pai externo e pessoal estaria deferindo requerimentos, dando uma permissão exterior para que uma desgraça atingisse ou não seus filhos, enquanto Ele ficaria “de fora”, a olhar passivamente os estertores de dor das criaturas. E menos ainda a “vontade” do Pai, que faria que o imaginássemos como um sádico a gozar com o sofrimento das criaturas, sofrimento planejado e desejado pela vontade Dele.

Essa tradução plasmou erradamente a mentalidade geral durante milênios, e ainda hoje ouvimos: “Fulano ficou aleijado... foi a vontade de Deus”: ou então: “Fulano foi roubado... foi a vontade de Deus”; e coisas piores, como se Deus, o Pai Amoroso e Bom, fora um malfieitor criminoso que só quisesse desgraças. Porque se algo de bom e agradável acontece, ninguém diz que “foi vontade de Deus”, ao contrário: o que é bom é atribuído à sorte da criatura, à sua competência, à justiça, e até ao acaso, mas jamais à vontade de Deus. Esta só ocorre nos acontecimentos tristes e dolorosos. Para a massa, Deus ainda é “o vingador” do tempo de Moisés. No entanto, pelo ensino de Jesus, aprendemos o

contrário: o Pai é a Alegria, a Felicidade, a Bondade, e só quer o Bem de seus filhos; se algo de mal ocorre, é provocado por nossos erros, como consequência de nossas investidas contra a Lei. Ora, quem bate com a cabeça num muro de pedra, quebra a cabeça por vontade própria, não por vontade de Deus. Ele construiu o muro de pedra da Lei para guiar a humanidade, e leva todos a obedecerem à Lei para não se ferirem nas pedras, sendo até mesmo beneficiados e defendidos por essa muralha granítica. Mas se alguém, por ignorância ou maldade, teima em investir contra o muro, Ele não tem culpa, não é por Sua vontade que isso ocorre. As consequências são colhidas pela criatura que cometeu o erro, e exclusivamente por culpa própria, porque quis. A conclusão é dada com a “maior” “vós valeis mais que muitos passarinhos”. Lemos depois a sentença que finaliza esta parte do discurso, e que constitui uma ilação de tudo o que foi dito. O raciocínio caminha com impecável lógica.

- a) o discípulo não é mais que o Mestre;
- b) se perseguiram o Mestre, perseguirão o discípulo;
- c) não obstante, coragem! preguem a doutrina; já que
- d) os inimigos só poderão prejudicar o corpo,
- e) mas nada acontece fora do Pai, nem a um passarinho;
- f) ora, os discípulos valem muito mais,
- g) então aceitem esse Mestre, apesar dos sofrimentos.

As traduções correntes transladam o verbo grego homologéō por “confessar”. Realmente, pode apresentar-se esse sentido. Mas o significado português atual de confessar pode dar ideia de “contar os pecados a um sacerdote ou seus erros a um juiz”. E esse não é o significado desse verbo, que, etimologicamente exprime: “falar” (logéō) “a mesma coisa” (homo), e portanto, “concordar, estar de acordo, reconhecer, aceitar”. Preferimos o último, por causa da oposição com a segunda parte do dístico: “aceitarei, quem me aceitar; rejeitarei, quem me rejeitar”. O princípio ensinado é claro: é o

discípulo que escolhe o mestre e se entrega à sua formação. Se ao professor fosse dado escolher seus discípulos, seria ótimo; mas a ele só cabe ser escolhido pela preferência de quem nele confia e lhe quer ouvir os ensinamentos. Portanto, a lógica ainda continua precisa: se alguém O aceitar, será aceito por Ele; mas se O rejeitar, por Ele será rejeitado.

*As frases do ensino tornam-se cada vez mais incisivas. A diferença entre individualidade e personalidade é aqui realçada com todo o vigor. Jamais poderá pretender a personalidade transitória superar ela mesma o nível da individualidade. Em relação a esta, a personalidade é um discípulo diante de um mestre, uma escrava perante seu senhor, e não lhe cabe outro recurso senão abaixar a cabeça, “renunciar a si mesma” e, carregando sua cruz por ela mesma construída, seguir no rumo da espiritualização. Mais tarde virão outros conhecimentos em apoio: só quem der preferência absoluta à individualidade poderá dizer-se discípulo (Mat. 10:37). Por enquanto, está firmado o princípio da superioridade de uma sobre a outra, sem possibilidade de enganos. Por mais que se esforce, a personalidade poderá, no máximo, quando já “diplomada”, igualar a individualidade através do conhecimento que lhe advém exatamente da sabedoria profunda da própria individualidade, sua mestra inequívoca. Quem coloca a personalidade acima de seu “mestre e senhor”. o Espírito, o Cristo Interno, ainda se encontra bastante atrasado na estrada da evolução no período da construção de suas cruces, às quais automática e sucessivamente vai ficando preso, tendo que carregá-las posteriormente até o cimo do Calvário.*

*Ora, enquanto o Cristo Interno se acha crucificado na matéria, trilhando a dura, árdua, íngreme e pedregosa estrada para o Gólgota, terá que passar pelas Forças Caudinas do sofrimento; e como se acha entre “espíritos” muito materializados, que nem sabem o valor do Espírito, terá que suportar a perseguição do meio ambiente que o acolhe. Acha-se assim elucidada a frase: “se o mestre e senhor (Espírito, Cristo Interno) é chamado Beelzebul (senhor do fumeiro, isto é, chefe das trevas, da ignorância), muito mais o serão os seus familiares” (ou domésticos), que são seus veículos, e em primeiro lugar seu intelecto que governa toda a sua*

personalidade. Quer isto dizer que a perseguição movida pelo mundo material ao Espírito, sê-lo-á também aos veículos daqueles que servem ao Espírito, como seus discípulos e servos. No entanto, toda essa perseguição movida pela matéria (diabo, satanás) ao Espírito, no planeta em que vivemos, será temporária: “nada há encoberto que se não descubra”. Se nas condições atuais o Espírito está oculto sob a matéria, ele virá a descobrir-se, manifestando-se radiantemente ao próprio mundo. E a massa humana irá aos poucos encontrando-o dentro de si mesma. Para isso, requer-se tempo, não contado em dias e meses, mas computado em séculos e milênios. “Tudo o que está oculto, virá a saber-se”, e por isso a única parte real da vida (o Cristo) será conhecido de todos. Caberá, pois, aos discípulos e continuadores da obra de Jesus (da individualidade) ensinar às massas o Segredo do Reino, falando claramente o que Ele revelou sob o véu da simbologia mística, explicando Seus ensinamentos, em época futura mais preparada para recebê-Lo. Melhor dito: o que cada criatura evoluída ouviu em segredo, silenciosamente, ensinado por seu Cristo Interno residente em seu coração, ela deverá proclamá-lo a todos os ventos, na hora oportuna.

Recordemos: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas não podeis suportá-lo agora; quando vier, porém, o Espírito verdadeiro, ele vos guiará a toda verdade, porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará coisas futuras” (João, 16:12-13). Então, nada de mistérios nem de “segredos ocultos” só para iniciados: devemos divulgar “por cima dos telhados” tudo o que formos aprendendo. Chega a seguir, a advertência de coragem: nada do que ocorre à personalidade, de bem ou de mal, atinge a individualidade, o Eu profundo. Se algum mal é feito à personalidade de Fulano, só a personalidade de Fulano sofrerá com isso, pois o Eu profundo é inatingível. Mas aqueles que podem obrigar o “espírito” a reencarnar no “vale das lamentações” (a Terra), esses devem ser temidos. Fugir dos que chegam a nós, obrigando-nos a com eles criar carmas dolorosas para o futuro. E finalmente a certeza da vitória: os passarinhos, os cabelos, tudo está no Pai, e jamais coisa alguma poderá ocorrer sem o Pai, que reside dentro de nós, que constitui nosso Eu mais profundo. Por que temer? O Pai está conosco, em redor de nós, dentro de cada um de nós, e nós estamos

*mergulhados no Pai como peixes no oceano: nada nos acontecerá sem o Pai. Então, “não temais”! Todavia, há importante pormenor a considerar. Toda criatura que “diante dos homens”, publicamente, aceitar seu Espírito, seu Cristo Interno, será aceita e recebida em união com Ele, “diante do Pai que está nos céus”, isto é, que habita dentro de nós, e, portanto, será feita a união mística. Mas quem, “diante dos homens” rejeitar sua própria individualidade, preferindo viver a vida ilusória da personalidade, será rejeitado “diante do Pai” e não poderá realizar a unificação mística. Está, pois, neste passo, bem esclarecida a questão da graça e do livre-arbítrio, tão discutida há milênios, e já resolvida em duas frases lapidares pelo Mestre Incomparável. Se o movimento partir do livre-arbítrio do homem (aceitar o Cristo Interno), o Cristo Interno aceitará a criatura (graça) diante do Pai (com a união mística). Mas essa graça não poderá descer até o homem que a rejeitar livre e espontaneamente. Portanto, a rejeição é provocada pela personalidade, que em primeiro lugar rejeita o Cristo Interno, mergulhada e gozosa que está com a matéria em que se rebolca. É a velha exemplificação do copo: se o colocarmos debaixo de uma bica aberta, mas emborcado de boca para baixo, ele não poderá ficar cheio; mas se o colocarmos de boca para cima, ele se encherá das bênçãos da água que dessedenta. (PASTORINO, C. J. T., 1964, p. 70-74)*

Em continuidade a Torres Pastorino, vejamos abaixo a continuidade do capítulo em análise:

“Em verdade vos digo que não passará **esta geração** sem que todas estas coisas aconteçam” (Mt 24,34)

Mediante tal assertiva, entendo que Jesus estava se referindo aos espíritos encarnados e desencarnados representados por ‘esta geração’, já que o evento do apocalipse inicia com a diáspora judaica e culmina com o fim das provas e expiações de nosso planeta, assim como abordo no capítulo I e item 1 do texto abaixo.

Neste segundo ponto é estabelecido uma comparação de Mt 10,28, traçando um paralelo com:

Qualquer que procurar salvar a sua vida perdê-la, e quem perder a sua vida, preservá-la. (Lc 17,33)

Citando-o no original grego:

ὅς ἐάν ζητήσῃ τὴν **ψυχὴν** αὐτοῦ σώσαι ἀπολέσει αὐτὴν καὶ ὁς ἐάν ἀπολέσῃ αὐτὴν **ζωογονήσει** αὐτήν. (Lc 17,33)

A partir deste momento, nos é trazido o significado para *ζωογονήσει = para trazer vivo – para dar vida – para preservar a vida*. Diante disso, nos traz o seu entendimento os mortalistas:

Agora Vamos ao Verso em Questão. A palavra “alma” (ψυχή psique) neste contexto significa “a capacidade de viver.” Isto é, um outro ser humano pode ser capaz de tirar a nossa vida (ψυχή), mas ainda temos a capacidade de viver de novo. Conforme a bíblia, Deus sempre pode nos trazer de volta à vida através da ressurreição. Assim, embora, naturalmente, medo de pessoas, que podem causar a morte física, “Jesus” está dando a perspectiva, de uma vida verdadeiro e eterno. Nesse verso em questão nos diz que não se deve temer o homem, mas sim Deus. Portanto meus queridos cristãos não se assustem com a perspectiva da morte temporal, mas a temer a Deus, que Ele pode destruir a alma e o corpo para sempre Mateus 5:22.

Deus não destrói a alma e nem o pecador, antes, porém lhe dá uma nova oportunidade para resgate de suas faltas conforme o evento do **“O cego de nascença de João 9 que prova a lei do renascimento”**

Já sobre a citação de que a alma é mortal, comentam os mortalistas:

O versículo que eles usam para essa ênfase é João 11,25-26 Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida. Aquele que crê em mim, ainda que morra, viverá; e quem vive e crê em mim, não morrerá eternamente.

Veremos adiante como a **Torá, a Lei de Moisés**, nos mostra, já que não há penalidades eternas do Eterno para um infrator com falhas

finitas. Toda a planta que o Eterno não plantou, esta será arrancada, já disse o mestre. Quando é citado pelos mortalistas:

**A alma que pecar, essa morrerá;** o filho não levará a maldade do pai, nem o pai levará a maldade do filho; a justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele. (Ez 18,20)

O profeta combate justamente à ideia das punições hereditárias, passadas erroneamente de pai para filho. Cada qual é responsável pelos seus atos. Assim como está escrito na **Torá, a Lei de Moisés**:

Não te prostrarás diante deles, nem mesmo os servirás pois Eu sou o Eterno, teu Deus, Deus zeloso, que visito a iniquidade dos pais nos filhos, **sobre** terceiras e quartas gerações, aos que me aborrecem, e faço misericórdia até duas mil gerações aos que Me amam. (Ex 20,5-6) (TORÁ, A Lei de Moisés, 2001, p. 214, grifo nosso).

E passou a divina presença do Eterno diante dele e proclamou: “Eterno, Eterno, Deus piedoso e misericordioso, tardio em irar-se e grande em benignidade e verdade; que guarda benignidade para duas mil gerações, que perdoa a iniquidade, rebelião e pecado, e não livra o pecado que não faz penitência; visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, **sobre** terceiras e quartas gerações.” (Ex 34,6-7) (TORÁ, A Lei de Moisés, 2001, p. 266, grifo nosso)

Infelizmente as bíblias traduzidas para o português estão equivocadas e em desacordo com a *Torá, a Lei de Moisés*. Confirmam suas bíblias. A Tora e o Tanah em hebraico são lidos da direita para a esquerda, enquanto os evangelhos até o apocalipse da esquerda para a direita, perfazendo um círculo perfeito, coroados, portanto, pelo Consolador Prometido pelo Mestre Jesus. É preciso compreender a primeira revelação de Moisés, entender o caráter missionário do mestre Jesus e consolidar sua mensagem com o Consolador Prometido.

Os mortalistas continuam em suas análises, dizendo que:

Esse verso iria só citá-lo e com seu atalho ao link como de



costume, mais embora ficou extenso, mais não perde a capacidade de clareza sobre o que seja ALMA e como ela pode MORRER.

Contudo, a tradução correta para a passagem de Josué é a seguinte:

e tomou-a com o seu rei e todas as suas cidades e as feriu a fio de espada; e a **toda vida que nelas havia destruiu totalmente**, nada deixou de resto; como fizera a Hebrom, a Libna e ao seu rei, assim fez a Debir e ao seu rei”. (Jos 10,28-39)

O único que tem o poder de levar a alma ao vale das lamentações que é a Terra, para resgate de suas faltas sobre as terceiras e quartas gerações é o Eterno.

E dito pelos mortalistas que:

Todo o que procurar salvar a sua vida, perdê-la-á; mas todo o que a perder, encontrá-la-á. (Lc 17,33)

Já em Lucas 17,33 é uma parábola para os egoístas que buscam se salvar, não praticando o Evangelho em resgate dos aflitos e perseguidos, perdendo, porquanto a sua alma, ou seja, a sua vida diante do Eterno. Não que a alma seria perdida, morta ou aniquilada.

Em Mt 5,22, após a sermão do monte, Jesus nos alerta quanto a nossa ira contra o nosso próximo e nos alerta que o fogo reparador da *geena* é que moldará o espírito renitente no erro contra seu próximo! Não precisa de grego aqui não, é só interpretação de texto mesmo! Sobre o desenvolvimento da TDNT, vejamos:

TDNT corresponde à obra de Gerhard Kittel, Theological Dictionary of the New Testament. Ao lado da sigla TDNT, o primeiro número (ex.: 1:232) remete ao volume e ao verbete a ser consultado na coleção de 8 volumes da obra de Kittel; o segundo número remete ao verbete da obra condensada em um único volume por G. W. Bromiley. (STRONG, J., LL. D, S.T.D., 2002, p. 1251)

Mas eu vos digo: todo aquele que se irar contra seu irmão será castigado pelos juizes. Aquele que disser a seu irmão: Raca, será castigado pelo Grande Conselho. Aquele que lhe disser: Louco, será condenado ao fogo da geena. (Mt 5,22)

Dessa forma, entendo não ser oportuno o desenvolvimento no quesito da 'TDNT Theological Dictionary of the New Testament', a fim de não tornar muito extenso e cansativo aos leitores, senão análises pontuais. Apresentamos o argumento aniquilacionista de que na passagem de Levítico, é bem clara que *nephesh* não significa 'alma'. Ela define o ser humano como um todo, um ser vivo (com vida no sangue). O texto afirma que homem não tem *nephesh*, mas é *nephesh*, vive como *nephesh*. Contudo, se aplicarmos o real significado como vida, a *nephesh* [vida física] é mortal. Isto está claro em Lv 24,17-18 para os aniquilacionistas, ao qual desenvolveremos o entendimento. Tanto é fato que eles parecem concordar dizendo que: *"E o que está escrito 'E o homem passou a ser [nephesh] vivente (ser vivo) uma alma vivente'"*.

Partindo deste princípio, e dito sobre a passagem, fazendo a questão de colocá-la nos originais. Vejam:

"Qualquer um que leva a vida de outra pessoa deve ser condenado à morte [וְאִישׁ כִּי יַהֲרֹג אֶת-כָּל-נַפְשׁ אָדָם מוֹת יוּמָת] (Lv 24,17)

Qualquer pessoa que mata animais de outra pessoa deve pagar por isso no total um animal vivo para o animal que foi morto. [וּמִכָּה נֶפֶשׁ - בְּהֵמָה יִשְׁלַמְנָהּ נֶפֶשׁ תַּחַת נֶפֶשׁ] (Lv 24:18)

Ambas as passagens tratam da lei de talião e como demonstrado acima. Como comentado anteriormente, o único capaz de imputar a alma pecadora no vale de lágrimas é o Eterno. Poderia ainda nos dizer que o Eterno se contradiz em mandar matar o infrator, mas Moisés em sua sabedoria não tinha tanta força para conter os corações endurecidos. Por este motivo é que usa o nome do Eterno para conter a violência dos pecados contra do Decálogo. Jesus exorta os Judeus de sua época neste quesito, pois a lei era dura, pois nossos corações naquela oportunidade eram endurecidos. Mediante a citação da passagem em análise, é dito pelos aniquilacionistas que:

**Não há novidade aí, vida acabou alma morreu.'. Ocorre que o que frisei que a [nephesh] vida acabou e não a alma que morreu.**

Lembremos e da diversidade de significados para *nephesh* apresentados no embasamento de nossa argumentação e não se deve apegar a um significado somente, quer dizer alma. O que acabará é a vida e não necessariamente sugere a morte da alma. Ademais, esta passagem se refere a lei de Talião do olho por olho e dente por dente. Portanto, aquele homem que matar, certamente este morrerá, não significando que sua alma será consumida.

### **2.3. Argumentos e eventos que comprovam a sobrevivência da alma após a morte!**

Seguiremos, porquanto, a alguns argumentos que comprovam a sobrevivência da alma após a morte, lembrando que alma [perispírito] é o veículo de manifestação do espírito. Primeiramente deveremos estabelecer os níveis de interpretação judaicos das escrituras, tanto na Tora, no Tanah, nos Evangelhos até o livro da Revelação.

Neste ponto inicial, traço um paralelo ao historiador Flávio Josefo, corroborando o pensamento judaico quanto a esta passagem, posteriormente, ratificando tal evento, com um comentário no final sobre a mediunidade. Agora recorreremos a este historiador quanto ao evento da aparição do espírito de Samuel a Saul, registrado em (1Sm 28), corroborando e abalizando de como é visto pelo judaísmo ortodoxo:

252. 1 Samuel 28. Nesse mesmo tempo, os filisteus resolveram fazer guerra aos israelitas. O rei Aquis ordenou a reunião de todas as suas tropas na cidade de Suném e por isso mandou dizer a Davi que lá se encontrasse também, com os seus seiscentos homens. Ele respondeu que obedeceria com prazer, para testemunhar-lhe a sua gratidão pelos favores de que lhe era devedor. O rei, por sua vez, prometeu-lhe que se fosse vitorioso recompensaria os seus serviços com grandes honras e o faria comandante de sua guarda.

## CAPÍTULO 15

Saul, vendo-se abandonado por Deus na guerra contra os Filisteus consulta por meio de uma médium a sombra de Samuel, que lhe prediz derrota na batalha e a morte dele e de seus filhos. Aqui, um dos reis dos Filisteus, leva com ele Davi para o combate, mas os outros príncipes o obrigam a reenviá-lo a Ziclague. Davi descobre que os amalequitas saquearam e incendiaram ziclague, persegue-os e os dizima. Saul perde a batalha. Jônatas e dois outros de seus filhos são mortos e dois outros de seus filhos são mortos, e ele Saul fica muito ferido. Obriga um escudeiro a matá-lo. Bela ação dos habitantes Dejabes de Gileade para com os corpos desses príncipes.

253. Saul, informado de que os filisteus tinham avançado até Suném, marchou contra eles e acampou em frente ao exército inimigo, próximo do monte de Gilboa. Percebendo, porém, que eles eram incomparavelmente mais fortes, sentiu a coragem diminuir e rogou aos profetas que consultassem a Deus para saber qual seria o resultado daquela guerra. Deus não lhe respondeu, e esse silêncio duplicou-lhe o temor, pois se julgou abandonado por Ele. O seu ânimo abateu-se e ele resolveu, nessa dificuldade, recorrer à magia. No entanto Saul havia expulsado do país todos os magos e adivinhos e toda espécie de gente que costuma predizer o futuro, e assim, não sabendo onde buscá-los, mandou indagar de onde se poderia encontrar a voltar às almas dos mortos, para interrogá-las e saber coisas futuras.

Um dos seus disse-lhe que uma mulher na cidade de En-Dor poderia satisfazer esses desejos. Imediatamente e sem falar com quem quer que fosse, disfarçado e acompanhado por duas pessoas somente, foi procurar a mulher, rogando-lhe que predissesse o que estava para lhe acontecer e que para esse fim fizesse voltar **à alma de um morto que ele ia nomear**. Ela respondeu que não podia fazê-lo porque o rei proibira, por um edito, que se fizesse essa espécie de predição e rogou que, jamais tendo ela lhe feito mal, não lhe armasse cilada para fazê acontecer o que acontecesse, ele não o faria e que ela não corria risco algum. Esse juramento tranquilizou-a, **e ele pediu que fizesse vir à alma de Samuel**.

Como ela não sabia quem era Samuel obedeceu sem dificuldade. Quando, porém, a sua presença se fez notar, algo de divino que ela percebeu surpreendeu-a e a perturbou. Voltou-se então para Saul e disse-lhe: “Não sois vós o rei Saul?” (Ela o soubera pela visão.) Ele respondeu-lhe que sim, e ordenou-lhe que revelasse a causa da grande perturbação que notava nela. **Ela respondeu que via aproximar-se um homem que parecia todo divino.** Saul perguntou: **“Que idade tem ele e como está vestido?”** Ela respondeu: **“Ele parece alguém dentre os que a fazem cair numa falta que custaria a ela a própria vida”.** Saul jurou-lhe que, um velho muito duvidou de que era mesmo Samuel\* e prostrou-se diante dele até o chão.

A sombra perguntou-lhe por que o havia obrigado a voltar do outro mundo. Respondeu Saul: “A necessidade me obrigou a isso, porque, tendo sido atacado por um exército muito poderoso, me encontro abandonado, sem o auxílio de Deus, que nem pelos seus profetas nem por outro modo me informa sobre o que está para acontecer. Assim, só me resta recorrer a vós, que sempre me testemunhastes tanto afeto”. **Samuel, sabedor de que o tempo da morte de Saul havia chegado, disse-lhe: “Sei que de fato Deus vos abandonou e em vão desejais que Ele diga o que vos deve suceder. Mas, visto que o quereis, sabeis que Davi reinará e terminará venturosamente esta guerra e que, pelo castigo de não terdes executado e vencido os amalequitas, o vosso exército amanhã será desbaratado e perderá a coroa, a vida e os vossos filhos nessa batalha”.**

Essas palavras gelaram o coração de Saul, e ele desmaiou, tanto pela dor excessiva quanto porque havia dois dias não se alimentava. A mulher rogou-lhe que tomasse algum alimento, para restaurar as forças e poder voltar ao exército. Ele recusou-o, mas ela insistiu, dizendo que não lhe pedia outra recompensa por ter arriscado a vida para fazer o que ele desejava. Por fim, não podendo mais resistir àquelas súplicas insistentes, **Saul disse-lhe que comeria alguma coisa. Logo ela matou um vitelo, que era tudo o que possuía, preparou-o e o serviu a ele e aos seus. Saul voltou naquela mesma noite para o seu exército.**

**Eu não poderia deixar de admirar a bondade dessa mulher, que, jamais tendo visto o rei, em vez de se ressentir por ele a ter reduzido a tão grande pobreza, proibindo-a de exercer a arte que era o seu meio de vida, teve tanta compaixão de sua infelicidade que não se contentou em consolá-lo.** Sabendo que ele morreria no dia seguinte, deu-lhe tudo o que possuía sem pretender recompensa alguma e sem dele nada esperar. Nisso ela é tanto mais louvável quanto os homens são naturalmente levados a fazer o bem somente àqueles dos quais podem também recebê-lo. E assim, ela nos dá um belo exemplo de como ajudar sem interesse os que têm necessidade de nosso auxílio, pois é uma generosidade tão agradável a Deus que nada pode levá-lo a nos tratar mais favoravelmente.

Julgo oportuno acrescentar outra reflexão, que poderá ser útil a todos, particularmente aos reis, aos príncipes, aos grandes, aos magistrados, às outras pessoas constituídas em dignidade e a todos os que, sob qualquer condição, têm a alma grande e nobre, a fim de inflamá-los de tal modo à virtude que não haja penas nem tributações que não aceitem ou perigos que não desprezem até mesmo a morte, para conquistar uma reputação imortal, chegando a dar a própria vida pelo bem da pátria. **Vimos o que fez Saul, pois, ainda que Samuel o tivesse avisado de que seria morto com os filhos na batalha, preferiu perder a vida a praticar um ato indigno de um rei, como, para conservá-la, abandonar o exército, o que seria o mesmo que entregá-lo nas mãos dos inimigos.**

Assim, Saul não hesitou em expor-se com os filhos a uma morte certa, julgando que seria melhor e muito mais satisfatório terminar com estes gloriosamente os seus dias, em pleno combate pela salvação da pátria, e merecendo assim viver perenemente na memória da posteridade do que sobreviver à própria infelicidade e, além de não ter mais uma posição, ser pouco considerado pela opinião pública. Não poderia, pois, deixar de considerar esse soberano, nesse ponto, como muito justo, sensato e generoso. E, se algum outro fez ou fizer a mesma coisa, não haverá elogios de que não seja digno. Pois, ainda que quem faça guerra na esperança de obter a vitória mereça que os historiadores elogiem os seus feitos grandiosos, parece-me que somente

devem ser considerados projectos na coragem os que, a exemplo de Saul, preferem a honra à própria vida, desprezando perigos certos e inevitáveis.

Nada é mais comum que empreender aquilo cujo desfecho é duvidoso e disso auferir grandes vantagens, se houver sorte favorável. Mas nada poder prometer senão coisas funestas, estar certo de que perderá a vida no combate e afrontar intrepidamente a morte é o que se pode chamar o cúmulo da generosidade e da coragem. Foi isso o que admiravelmente fez Saul. Ele deu exemplo a todos os que desejam eternizar a memória pela glória das ações, mas principalmente aos reis, ao qual a nobreza dessa condição não somente proíbe abandonar o cuidado dos súditos como os torna dignos de censura se nutrirem por eles apenas uma medíocre afeição. **Poderia eu falar ainda muito mais em louvor de Saul, mas, para não ser demasiado longo, necessito retomar o fio de meu discurso.**

\* “Então Saul não duvidou de que era mesmo Samuel”. **É possível que Flávio Josefo, para fazer tal asserção, se tenha baseado em targuns (paráfrases do Antigo Testamento usadas pelos rabinos).** No entanto esse entendimento não pode ser aceito porque contraria o ensino da Bíblia a respeito do assunto. (N do E) (JOSEFO, F, 2004, p. 284-288).

É claro que esta nota de rodapé do tradutor da obra de Josefo contraria a visão aniquilacionista, mas convenhamos de que a visão judaica é de que de fato Samuel se manifestou a Saul, atestado por um historiador judeu, contrapondo uma visão protestante do episódio. O bom senso nos remete que o conhecimento pleno do Tanah, que pertence aos judeus e com eles é que devemos depreender o conhecimento contido nesta passagem, bem como em outras mais. Para corroborar ainda mais a nossa tese da aparição do espírito de Samuel a Saul, recorreremos a obra ***Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*** e assegurar tal evento. Vejamos:

Esta conotação de temor da acareação com o sobrenatural é vista no terror de Saul diante do aparecimento de Samuel (1 Sm 28.21) e no temor de Israel na presença da morte

repentina (Lv 26-16; Sl 78.33). (WALTKE, B. K., HARRIS, R. L., ARCHER Jr, G. L., 1998, p. 153)

Apresentamos ainda a reencarnação do profeta Elias como João Batista em todos os seus pormenores (Mt 17,12; Mc 9:11-13; Mt 11,10; Mt 11,13; Mt 26,52; I Rs 18,22.40; Mt 14,11; Mt 3,11; Mt 3,14; Mt 11,11; Jo 3,28; II Rs 13,15; (Mq 3,1; 4,5; Mt 17,5,10,11,13; At 8,39-40; II Cr 21,1.12-15; Hb 11,13), bem como o entendimento dos judeus quanto à reencarnação (Ez 37:11-14) e o Diálogo entre Jesus e Nicodemos como uma lei natural (Jo 3:13). (Mt 16,13-17; 14,1-2; Mc 6,14-15; Jo 9,1-3; 5,5-14; Jo 3:1-16).

## 2.4. Conclusão

A conclusão que chegamos neste artigo é a compreensão de apenas um significado para [*nepshesh*], como sendo compreendida somente com a alma, passa a ligeira impressão que a alma não sobrevive após a morte. Contudo, pelo exposto, esta não é a expressão da verdade, tendo que a cada contexto a sua análise pormenorizada e a aplicação do significado correto, principalmente quando se tratam de alegorias, ainda por cima nos originais.

Deixo, portanto a mensagem de Lísias, no romance de Chico Xavier acerca de sua obra *Nosso Lar*, aos quais todos nós nos reencontraremos para continuarmos no aprendizado e diálogo fraterno. “A terra que é uma cópia daqui [*Nosso Lar*] André, mas tudo tem um por que é um sentido como você vai ver”.

Espero ter esclarecido aos prezados leitores e em especial aos aniquilacionistas e mortalistas, ao qual muito estimo e parafraseando Jesus, através de seu discípulo amado “***Na verdade, na verdade te digo que nós dizemos o que sabemos, e testificamos o que vimos; e não aceitais o nosso testemunho***”. (Jo 3,11)”.



### 3. A fé sem obras está morta

*Assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta (Tg 2:26)*

*Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, **retribuirá a cada um conforme as suas obras.** (Jesus – Mt 16:27).*

Entendemos que não há divergências no quesito “**A fé sem obras está morta**”. Em vista disso, se nos é apresentado por critério de julgamento “**a cada um segundo as suas obras**”, vemos que o princípio de julgamento é baseado nas obras, ou seja, sua presença ou ausência decidem nosso destino, o que nos leva à conclusão de que seremos medidos ou salvos por elas. Desta maneira, subdividiremos os assuntos em tópicos, a fim de corroborar essa tese e também para facilitar o acompanhamento dos leitores.

O objetivo é estabelecer o critério de julgamento de acordo com a verdade, e não é outra coisa o que ensina o Espiritismo. Seu princípio é “a cada um segundo as suas obras”. Esta é a ideia não contestada e se esta regra se encontra nos Evangelhos, apresentada como critério de julgamento, fica claro que é pelas obras que seremos recompensados e não pela fé, ou religião que professamos.

Neste intento, nos é questionado por alguns “que as passagens que aceita da Bíblia estão todas certas, nenhum questionamento são feitas a elas?” A recomendação do próprio apóstolo Paulo é de “examinar todas as coisas e reter o que é bom”. Se há esta recomendação, nem tudo pode ser aceito, cegamente, sem antes ser julgado ou examinado. Ademais, a Codificação não advoga para si a infalibilidade e muito menos verdade absoluta, pois essa só a Deus pertence.

#### 3.1. O amor cobre pecados – verdade ou mentira?

Neste primeiro tópico, trataremos do amor que cobre multidão de pecados, ideia defendida, de acordo com a Bíblia. Alguns contestam nossa defesa da fé sem obras é morta, julgando que é necessário este elemento (amor e ensino de Cristo mais as vivências nas diversas reencarnações) para o resgate das nossas faltas. Todavia, dizem ainda que quando parafraseamos Pedro em dizer que “O amor cobre multidão de pecados”, julgam que o amor dá a remissão dos pecados, não haveria a necessidade de reencarnações, bastaria amar e ter seus pecados remidos e, conseqüentemente, viver uma única vida. O assunto aqui não é reencarnação, mas se as nossas explicações foram convincentes nos textos “Diálogo entre Jesus e Nicodemos” e “Analisando Norman Geisler, Elias é ou não João Batista?”. Nestes estudos, abordamos com abrangência o assunto referente à reencarnação.

Passemos adiante e analisemos a passagem na carta de Pedro, a fim de iniciarmos a nossa análise.

*“Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque **o amor cobre multidão de pecados**”. (1 Pe 4:8)*

Conforme tal citação da primeira epístola de Pedro, lembramos que a nossa intenção era a de propor aos demais leitores que devemos nos ater em amarmos uns aos outros, a fim de que possamos cobrir as nossas faltas e débitos para com a justiça divina, umbilicalmente ligada com a nossa proposta das análises a serem aprofundadas da parábola do Jovem Rico, da parábola do Mordomo Infiel e da passagem do encontro de Jesus com Zaqueu. Todas estas abordagens e parábolas estão desenvolvidas no texto “*Seremos salvos ou temos que nos salvar?*”. Neste intento, conforme foi dito, esta é a necessidade de que nos amemos uns aos outros, suportando nossos defeitos, nos auxiliando mutuamente é que certamente seremos levados pelo caminho que aponta à porta estreita das virtudes.

### **3.2. Estamos livres das conseqüências dos nossos atos?**

Jesus veio nos apontar o caminho para alcançarmos as virtudes celestes, burilando os nossos vícios através da prática de seus ensinamentos. Ademais, é neste ponto que nos concentramos, ou seja, na prática das boas obras exemplificadas pelo Mestre.

Na concepção dogmática, Jesus veio ao mundo para tirar nossos pecados, ou erros, através do derramamento de seu sangue, porém isto implicaria em sequência na perfeição dos nossos atos para com a Justiça Divina e, por conseguinte, para com o nosso próximo que para mim é a perfeição que somente será alcançada através do esforço pessoal, na prática do Evangelho ao longo dos séculos, pelo espírito que alavanca e sobe a cada degrau na evolução de suas virtudes, através das vidas sucessivas, a fim de chegar à estatura mediana do Mestre, ou seja, sermos perfeitos como o Pai celestial o é. O aceite de um sacrifício expiatório não faz sentido, pois não nos torna perfeitos nem nos livra do dever de nos esforçarmos em adquirir na prática diária, as virtudes celestes.

Entretanto, como estas mesmas virtudes não são e nem serão angariadas sem nos esforçarmos ao longo de diversas experiências das vidas sucessivas, é completamente ilógico crer que Jesus teria “vindo para tirar os nossos pecados, porém isto não nos faz uma pessoa perfeita, sem direito a falhar em nenhuma outra vez”, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas. Se Jesus veio a nos tirar os nossos erros, logo teríamos que ser uma pessoa perfeita, pois se Ele nos tirou algo imperfeito é que já não o temos, ou seja, os nossos defeitos. O que defendemos é que Jesus nos apontou um Caminho, sendo este através do esforço em adentrar na porta estreita das virtudes e sem nos esforçarmos, nenhum mérito haveria de seguirmos a Ele.

O mais estranho na argumentação desses mesmos que aceitam a graça pela fé apenas é que o que “Cristo fez foi nos livrar da consequência do pecado em nossa vida espiritual (separação de Deus), nos ligando a Deus, pelo seu sangue, de modo que possamos ser filhos de Deus. Entendam, pelo sangue estamos sem defeito perante Deus, e é estranho, para não escrever outra coisa”. Ou seja, Jesus nos retirou a responsabilidade de nossos atos através de sofrer a consequência deles e que não somos mais cobrados pelo que fizemos de errado, porém,

podemos errar, ou pecar, mas não arcaremos com estes erros, já que Jesus os quitou com a Justiça Divina. Algo que nem mesmo Jesus pregou, mas disse:

*“com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também”. (Mt 7:2).*

Neste intento, estabelece-se um princípio de que “colhemos o que tivermos plantado”. “a sementeira é livre, mas a colheita é obrigatória”. “Na mesma medida com que medirdes, sereis medidos”.

Sobre a transubstanciação, aprofundamos ainda mais este tema no texto já citado “*Seremos salvos ou temos que nos salvar?*”. Todavia se pelo sangue de Jesus estamos sem defeito perante Deus, poderíamos, assim como uma analogia, transgredir todos os Seus princípios, pois não somos mais responsabilizados pelos nossos atos. Seria como uma terceirização ou transferência de responsabilidade, o que Jesus não pregou.

### **3.3. Misericórdia quero e não sacrifícios**

O sacrifício vicário que *Jesus nos enfatiza de que a misericórdia (perdão) está acima dos sacrifícios*. Vejamos:

*Ide, pois, e aprendei o que significa: **Misericórdia quero, e não sacrifícios**. Porque eu não vim chamar justos, mas pecadores (Mt 9:3).*

Os que aceitam a graça pela fé apenas apontam a resposta desta passagem em Os 6:6. Vejamos a passagem:

*“porque **eu quero o amor mais que os sacrifícios**, e o conhecimento de Deus mais que os holocaustos”. (Os 6:6)*

Dizem que “Jesus veio para cessar com os sacrifícios no antigo testamento, oferecendo a Si mesmo. Contudo, eles ainda dizem que não está Cristo desabonando o que Deus Pai implantou”. Ou seja, se

Jesus veio para cessar com os sacrifícios e oblações do AT, não faria sentido o que Ele mesmo disse, pois disse que estes mesmos sacrifícios não eram necessários e não se enquadravam na vontade divina, já naquele momento. Não é uma questão de desabono a uma determinação da Torah e sim de uma nova vertente, apontando um ensinamento que apresenta o Evangelho como modelo e guia para que déssemos mais ênfase à prática de sua moral e nos suportarmos uns aos outros como irmãos, a fim de alcançarmos as virtudes celestes através do esforço em adentrar a Porta Estreita. Esta é a ênfase, e não dar credibilidade para os sacrifícios que não eram e nunca foram necessários, segundo o Cristo.

Os mesmos que aceitam a graça pela fé apenas apresentam ainda o texto de Rm 10:1-3. Examinemos abaixo o texto:

*“Irmãos, o desejo do meu coração e a súplica que dirijo a Deus por eles são para que se salvem. (2) Pois lhes dou testemunho de que têm zelo por Deus, mas um zelo sem discernimento. (3) Desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria justiça, não se sujeitaram à justiça de Deus”. (Rm 10:1-3)*

É fato de que até o verso 15 desta passagem trata-se da conclusão de uma exortação de Paulo se dirigindo aos Judeus que rejeitaram a vinda de Jesus. Acreditamos que Jesus é o Messias e mesmo assim nos dizem que “a mesma analogia feita por Paulo aos judeus cabe com relação aos demais povos, quando estes tentam alcançar a Salvação por seus próprios meios”. Este argumento caberia somente aos que não acreditam em Jesus. Que meios são esses aventados? Não seriam as obras de amor para com o próximo (Mt 25:31-46), como tentam reverter os que aceitam a graça pela fé apenas, mas sim as obras da lei de Moisés que esclareceremos mais adiante.

Nesta passagem, Paulo enfatiza que quem praticar a justiça decorrente da Lei, este viverá por ela. E nunca que Paulo quis dizer que iríamos angariar a salvação por nossos próprios meios ou pela Lei contida na Torah. A tentativa dos que aceitam a graça pela fé apenas é de dizer que “a fé era acompanhada das obras, mas as obras se

viesses sem fé, de nada adiantavam”. Como poderia, neste contexto e no que dissemos, afirmarmos que iríamos praticar aquilo em que não acreditamos? É isso que reza a passagem de Romanos trazida. Se não houver as obras de amor para com o próximo, a fé é morta, pois nada produz. Agora, se há obras de frutos de amor ao próximo, alguém duvida que inexistam a fé em algo superior? É pelos frutos que conhecemos a árvore e se não há frutos na árvore, é porque esta é estéril e nada produz. Agora, dizer que pode haver frutos sem a árvore, aí é forçar a barra e tentar provar que há efeito sem causa! Ao citarem Os 6:6 (segunda parte), dizem os que aceitam a graça pela fé apenas que isolamos o contexto. Mas quem primeiro fez isso foi o Cristo. Defendeu uma ideia com base tão somente na primeira parte, desprezando a segunda. Já os que aceitam a graça pela fé apenas enfatizam a segunda parte, desprezando a primeira. De um lado temos o Cristo, de outro os que aceitam a graça pela fé apenas. O Cristo diz que Deus não quer sacrifícios, os contraditores tentam provar o contrário. Ficamos com Jesus.

Ademais, na parte terceira, capítulo dois que trata da “Lei da Adoração”, da obra “**O Livro dos Espíritos**”, Kardec nos elucida com seus questionamentos e a resposta dos espíritos, sobre a questão dos sacrifícios:

**669. O hábito de sacrifícios humanos vem da mais alta Antiguidade. Como o homem pôde ser levado a acreditar que tais coisas pudessem ser agradáveis a Deus? –**

Primeiramente, porque não compreendia Deus como fonte da bondade. Entre os povos primitivos, a matéria domina o espírito; eles se entregam aos instintos animais, é por isso que são geralmente cruéis, porque o seu sentido moral ainda não se desenvolveu. Além disso, os homens primitivos deveriam acreditar, naturalmente, que uma criatura viva tinha muito mais valor aos olhos de Deus do que um morto. Foi isso que os levou a sacrificar primeiro os animais e em seguida os homens, uma vez que, seguindo sua falsa crença, pensavam que o valor do sacrifício estava diretamente ligado à importância da vítima. Na vida material, se oferecemos um presente a alguém, o escolhemos de um valor tanto maior quanto quereis demonstrar à pessoa mais amizade e consideração.

Devia ocorrer o mesmo com os homens ignorantes em relação a Deus.

**669a. Assim, os sacrifícios de animais teriam precedido os sacrifícios humanos?** – Sim. Não há dúvida.

**669b. Então, de acordo com essa explicação, os sacrifícios humanos não teriam sua origem num sentimento de crueldade?** – Não, mas numa ideia errônea de ser agradável a Deus. Vede o que ocorreu com Abraão<sup>2</sup>. Depois, os homens abusaram ao sacrificar seus inimigos. Porém, Deus nunca exigiu sacrifícios de animais nem de homens; Ele não pode ser honrado com a destruição inútil de sua própria criatura.

**670. Os sacrifícios humanos feitos com intenção piedosa algumas vezes puderam ser agradáveis a Deus?** – Não, nunca. Mas Deus julga a intenção. Os homens, sendo ignorantes, podiam acreditar que faziam um ato louvável ao sacrificar um de seus semelhantes. Nesse caso, Deus apenas levava em conta o pensamento e não o fato. Os homens, ao se melhorarem, reconheceriam seu erro e reprovariam esses sacrifícios, que não deviam alcançar compreensão no pensamento dos Espíritos esclarecidos; digo esclarecidos porque os Espíritos estavam, então, envolvidos por um véu material, mas, pelo livre-arbítrio, podiam ter uma percepção de sua origem e finalidade, e muitos já compreendiam, por intuição, o mal que faziam, embora continuassem a fazê-lo para satisfazer suas paixões.

**671. Que devemos pensar das chamadas guerras santas? O sentimento que leva pessoas fanáticas a exterminarem o máximo que puderem dos que não compartilham de suas crenças para serem agradáveis a Deus parece ter a mesma origem que os estimulava antigamente a sacrificar os seus semelhantes?** – Eles estão envolvidos pela ação de maus Espíritos e ao guerrearem com seus semelhantes contrariam a vontade de Deus, que diz que se deve amar seu irmão como a si mesmo. Todas as religiões, ou melhor, todos os povos, adoraram um mesmo Deus, tenha um nome ou outro. Por que fazer uma guerra de extermínio apenas pelo

fato de terem religiões diferentes ou não terem ainda alcançado o progresso dos povos esclarecidos? Os povos podem ser desculpados por não acreditarem na palavra daquele que era animado pelo Espírito de Deus e enviado por ele, principalmente quando não o viram e não foram testemunhas de seus atos; porém, como quereis que acreditem nessa palavra de paz, quando pretendeis impor essa palavra com a espada na mão? Devemos levar-lhes o esclarecimento e procurar fazer-lhes conhecer a doutrina do Salvador pela persuasão e pela doçura, não pela força e pelo sangue. Na maioria das vezes, não acreditais nas comunicações que temos com alguns mortais; como haveis de querer que estranhos acreditassem na vossa palavra, quando vossos atos desmentem a doutrina que pregais?

**672. A oferenda dos frutos da terra, feita a Deus, tem mais mérito aos seus olhos do que o sacrifício de animais?** – Já vos respondi ao dizer que Deus julga a intenção e o fato tem pouca importância para ele. Seria evidentemente mais agradável oferecer a Deus frutos da terra do que o sangue das vítimas. Como já vos dissemos e repetimos sempre, a prece dita do fundo do coração é cem vezes mais agradável a Deus do que todas as oferendas que poderíeis lhe fazer. Repito que a intenção é tudo e o fato não é nada.

**673. Não haveria um meio de tornar essas oferendas mais agradáveis a Deus se aliviassem as necessidades daqueles a quem falta o necessário; e, nesse caso, o sacrifício de animais, quando feito com um objetivo útil, não se tornaria meritório, embora fosse abusivo quando não servia para nada ou só tinha proveito apenas para as pessoas que não tinham necessidade de nada? Não haveria alguma coisa de verdadeiramente piedoso em consagrar aos pobres os primeiros frutos dos bens que Deus nos concedeu na Terra?** – Deus abençoa sempre aqueles que fazem o bem, e aliviar os pobres e aflitos é o melhor meio de honrá-Lo. Não quero dizer, entretanto, que Deus desaprova as cerimônias que fazeis por devoção, mas há muito dinheiro que poderia ser empregado mais utilmente e não é. Deus ama a simplicidade em todas as coisas. O homem que fundamenta sua crença nas exterioridades e não no



coração é um Espírito com vistas estreitas. Julgai se Deus deve se importar mais com a forma do que com o conteúdo.

1. Resposta dada pelo Espírito de M. Monod, pastor protestante de Paris, falecido em abril de 1856. A resposta anterior, nº 664, é do Espírito São Luís (N. K.).
2. **Abraão**: patriarca da Bíblia que se propôs a sacrificar Isaac, seu filho, a Deus, como prova de obediência, mas pela intervenção de um Espírito foi impedido de fazê-lo – Veja em *Gênese*, 22 – (N. E.). (KARDEC, A., 2019a, p. 312-315)

### 3.4. A Porta Estreita como analogia as Virtudes

Sobre este assunto da Porta Estreita como alusão as virtudes, enfatizaremos esta passagem com mais profundidade no texto “*Seremos salvos ou temos que nos salvar?*”. Todavia, apenas comentaremos a ideia central de alguns que aceitam a graça pela fé apenas que entendem um outro entendimento, que nem mesmo Jesus mencionou, na passagem de Lc 13:22-30. Vejamos a passagem:

*“(22) Sempre em caminho para Jerusalém, Jesus ia atravessando cidades e aldeias e nelas ensinava. (23) Alguém lhe perguntou: Senhor, são poucos os homens que se salvam? Ele respondeu: (24) **Procurai entrar pela porta estreita; porque, digo-vos, muitos procurarão entrar e não o conseguirão.** (25) Quando o pai de família tiver entrado e fechado a porta, e vós, de fora, começardes a bater à porta, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos, ele responderá: Digo-vos que não sei de onde sois. (26) Direis então: Comemos e bebemos contigo e tu ensinaste em nossas praças. (27) Ele, porém, vos dirá: Não sei de onde sois; apartai-vos de mim todos vós que sois malfeitores. (28) Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes Abraão, Isaac, Jacó e todos os profetas no Reino de Deus, e vós serdes lançados para fora. (29) Virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e sentar-se-ão à mesa no Reino de Deus. (30) Há últimos que serão os primeiros, e há primeiros que serão os últimos”.* (Lc 13:22-30)

Em consonância com os ensinamentos de Jesus sobre a importância de nossa dedicação e esforço em adquirirmos as virtudes, segundo o entendimento da parábola da porta estreita, os que aceitam a graça pela fé apenas terminam por não concordar com este posicionamento de Jesus. Dizem ainda os que aceitam a graça pela fé apenas que nossa análise faz “alusão ao ‘esforço’ mencionado por Jesus, pois vos digo que muitos procurarão entrar, mas se esquece de fazer a mesma alusão, até porque não conseguirá, de que muitos destes que se ‘esforçarem’ não poderão entrar (verso 24), num claro e grave contraste com a doutrina espírita, que não prega condenação eterna”.

Realmente não é pregada a condenação eterna na doutrina espírita. Entretanto, acreditamos que ao redigimos o verso 24 “*Esforçai-vos por entrar pela porta estreita; porque eu vos digo que muitos procurarão entrar, e não poderão*”. O que nos cabe aqui é esclarecer que não há no texto a seguinte frase dita pelos que aceitam a graça pela fé apenas: “de que muitos destes que se ‘esforçarem’ não poderão entrar (verso 24)”. O que há no princípio do texto (v 24) é de que devemos nos esforçar em adentrar a Porta Estreita e na segunda parte deste verso, vemos que muitos procurarão entrar, e não poderão. Ou seja, muitos procurarão entrar sem nenhum esforço e não poderão, já que Jesus não poderia condenar os que praticaram a Sua própria recomendação de “*Esforçai-vos por entrar pela porta estreita*”.

No desfecho desta passagem, os que aceitam a graça pela fé apenas, nos asseveram que “se alguém se encontra em falhas, pela doutrina espírita, terá que sofrer novas encarnações (é ou não é?)”. Novas encarnações implicam em novas chances de aperfeiçoamento e correção. A punição divina é sempre corretiva e visa sempre a um restabelecimento do infrator. Até que ele se ajuste às leis divinas, o sofrimento é inevitável. Isto é mais animador do que pensar que um indivíduo tenha que sofrer eternamente por faltas cometidas numa breve existência, na maioria das vezes interrompida por causas adversas, fora de seu controle, e sem que ele tenha a chance ou tempo de se arrepender e reparar todas as faltas. Acreditamos que se nos encontramos com defeitos, não possuindo a plenitude das virtudes, como ficaria então para o dogmatismo essas nossas falhas? Seriam transformadas em virtudes sem nenhum esforço? Pois, se não temos a

possibilidade de voltarmos e persistirmos na prática do Evangelho, a fim de angariar estas mesmas virtudes, como ficaríamos para as adquirir em apenas uma vida? Impossível, sem a reencarnação não há o entendimento acerca da justiça Divina.

Os que aceitam a graça pela fé apenas concluem ao contexto de Lucas 13 da maneira de “sustentar sua teoria do ‘esforço’ de entrar pela porta estreita, algo terá que mudar em sua resposta para englobar estes que ficarão de fora, nas palavras de Jesus, lançados fora, pois pela tal porta estreita não poderão entrar de jeito nenhum (v. 24 e 25)”. Entendemos que os que ficarão de fora foram justamente os que procuraram entrar pela porta estreita, porém, sem nenhum esforço, por este motivo é que ficaram de fora. Todavia, assim como na parábola do filho pródigo, o problema reside na pessoa, mas o Senhor sempre estará de braços abertos ao regresso do filho arrependido.

### **3.5. Houve ou não o progresso da humanidade?**

Entendemos que o fim dos tempos elucidado pela Doutrina Espírita diz que é o fim do mundo velho e o nascer de um mundo novo e grandes transições são turbulentas, pois há um choque de ideias que venham a causar a grande tribulação profetizada por Jesus, nos dias de hoje, bem como desastres naturais para resgate de faltas coletivas e aceleração do progresso da humanidade através da fraternidade.

Acreditava-se que devido a grandes perseguições e guerras ocorridas por volta dos anos 60 d.C. e 70 d.C., marcando a queda de Jerusalém, vemos que os Cristãos primitivos criam no retorno de Jesus, porém, ao analisar os fatos históricos e escatológicos, identificamos que não houve tal regresso, mas verificamos a destruição do Templo de Salomão e eventos tais que são comuns a um período de transição, mesmo que tempestuosa, mas salutar. O que vemos nos dias de hoje já não é diferente.

Ao apresentar a evolução dos direitos humanos nas nações de hoje que proibem veementemente as perseguições religiosas e ideológicas, diferentes de outrora, dos tempos do Império Romano que

a mando dos Césares, mandavam cristãos para os espetáculos de horror no Coliseu em Roma. Contudo, os que aceitam a graça pela fé apenas dizem que “existe a perseguição dos muçulmanos aos cristãos no Oriente Médio, ou Palestina, sendo um fato similar ao que o império romano na primeira era cristã”.

Os que aceitam a graça pela fé apenas ainda nos questionam: “sabiam que ainda hoje em muitos países muçulmanos, por exemplo, paga-se com a vida o simples fato da menção do nome de Jesus Cristo? Você sabe quantos missionários existem nestes e em outros países que correm risco de morte?” Chegando a meditar nesta exemplificação que muitos que aceitam a graça pela fé apenas apresentam, refletimos os dois lados da moeda. Por um lado, os muçulmanos que têm uma fé baseada no Alcorão, têm a sua vertente radical que não é tolerada pelos verdadeiros muçulmanos que procuram seguir a sua fé e respeitam a do seu semelhante. Por outro lado, vemos os Cristãos ocidentais, que representados pelos EUA, sendo de protestantes a maioria do credo dos Norte-Americanos, representados pelo governo de Bush que desde seu pai busca meios de invadir os países árabes, a fim de promoverem uma guerra inócua e sem motivo, única e exclusivamente para angariar mais petróleo de suas multinacionais e movimentar o mercado de armamento bélico da superpotência americana.

Com o pequeno esboço apresentado, é claro que vemos missionários que são sérios e buscam, não somente, exercer no Oriente Médio o apoio e a ajuda solidária aos povos mais necessitados, mas também os vemos em outras nações, tais como a África que têm um quadro de exploração e miséria deploráveis. Tendo isto em mente e sem generalizarmos, vemos que, infelizmente os bons pagam pelos maus exemplos da representação governamental deste credo. Assim sendo, como são completamente reprimidos os muçulmanos, certamente veremos movimentos radicais e estes espalham o terrorismo a inocentes, acreditando que estão justamente fazendo o certo através da retaliação, ou até mesmo da lei de talião.

Fazendo jus aos fatos, vemos o estado de Israel numa batalha sangrenta contra os muçulmanos pela Terra Prometida. Por uma causa muito maior, existe uma mesquita sobre a ruína do Templo de Salomão,

onde até uns acreditam que se esta mesquita for retirada deste lugar, a 3ª guerra mundial terá o seu início. Acredito que esta mesquita é para realmente mostrar que Deus é um só e que Seus princípios são universais, independentemente da crença.

Diante desses fatos, ainda nos dizem os que aceitam a graça pela fé apenas: “sabe quais são as mesmas características desta perseguição aos cristãos hoje em dia com as atrocidades no Coliseu? É que tanto em um lugar como em outro, não é fácil ser cristão, só se identificarão como cristãos aqueles que realmente forem”. Como os direitos humanos de todas as nações proíbem a perseguição de um credo, ou de uma crença, vemos que tais atrocidades do Império Romano diferem, e muito, de um movimento radical que é o oposto da essência dos povos árabes, sendo estes em sua maioria praticantes do islamismo. Haja vista o fato que apresentamos dos péssimos exemplos cristãos, não devemos generalizar, pois existem os bons e sempre será pelos frutos (obras) que conheceremos a árvore. Uma boa árvore não dá maus frutos e uma árvore má não dá bons frutos. Se, serão pelas obras que identificaremos os verdadeiros cristãos, e não apenas através do credo, é preciso ser nas atitudes e não nas palavras.

Se a legislação atual proíbe tais eventos atrozés que ocorriam com naturalidade na era dos cristãos primitivos, somos impelidos a crer que a humanidade progrediu não somente neste aspecto, mas em muitos outros. Em desfecho ao que apresentamos, concluem os que aceitam a graça pela fé apenas que “no Brasil e em outros lugares do mundo onde há liberdade religiosa é tão fácil ser cristão, quaisquer pessoas e religiões que peguem, mesmo que 1% da doutrina de Cristo, já se arvoram em serem chamados de cristãos. Nestes lugares onde não há perseguição direta contra os cristãos, acredita-se que isto seria uma ‘evolução’ ou apenas uma maneira de, como diz um velho adágio *‘não consegue destruir seus inimigos, junte-se a eles’?*” O verdadeiro cristão será reconhecido pelos seus atos, ou seja, pelas suas obras que serão medidos e vistos e não pela fé que professa, ou a religião que segue, mas pelas suas obras, tanto que quem tiver fé e não tiver obras, a sua fé é morta. O adágio apresentado de que: *“não consegue destruir seus inimigos, junte-se a eles”* procederia se os árabes se juntassem aos perseguidos. Todavia, nos aponta o Evangelho em perdoar os

inimigos, amar aqueles que nos odeiam e orar por aqueles que nos perseguem. Certamente, se praticarmos estes ensinamentos, verão que somos verdadeiros cristãos, sem precisar nos juntar a eles, mas respeitá-los, procurando cessar a violência com a prática do amor e do perdão.

### **3.6. O dilema da Parábola do Bom Samaritano**

Muitos dos que aceitam a graça pela fé apenas, dizem que o Samaritano estava salvo pelo paralelo feito com o Sermão da Montanha que está em Mt 5:1-48; Lc 6:20-23; Mc 9:49-50; Lc 14:34-35. Ocorre que a passagem da parábola do Bom Samaritano está em Lc 10:25-37. Com isso, citamos a parábola abaixo:

***E eis que se levantou certo doutor da lei e, para o experimentar, disse: Mestre, que farei para herdar a vida eterna? Perguntou-lhe Jesus: Que está escrito na lei? Como lês tu? Respondeu-lhe ele: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu entendimento, e ao teu próximo como a ti mesmo. Tornou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isso, e viverás. (Lc 10:25-28)***

Entretanto, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas, logo não poderia ser uma parábola, ou história que Cristo contava para ilustrar algum ensinamento, apenas ensinam como devem agir os que creem Nele (que era o público-alvo do sermão). Se Jesus foi interrogado por um Sacerdote, ou até mesmo por alguns dos Fariseus no local onde foi ministrada a Parábola, é porque não era para os que acreditavam em Jesus que ele estava pregando e sim para os que o testavam e sempre o colocavam à prova. Prossequimos com a parábola:

*“Ele, porém, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? Jesus, prossequindo, disse: Um homem descia de Jerusalém a Jericó, e caiu nas mãos de salteadores, os quais o despojaram e espancando-o, se retiraram, deixando-o meio morto. Casualmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e vendo-o, passou de largo. De igual modo também um levita chegou àquele lugar, viu-o, e*

*passou de largo. Mas um samaritano, que ia de viagem, chegou perto dele e, vendo-o, encheu-se de compaixão; e aproximando-se, atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho; e pondo-o sobre a sua cavalgada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte tirou dois denários, deu-os ao hospedeiro e disse-lhe: Cuida dele; e tudo o que gastares a mais, eu to pagarei quando voltar”. (Lc 10:29-35)*

Tendo em vista que esta parábola refletia um ensinamento aos Sacerdotes, Levitas, Fariseus, dentre outros religiosos mais que colocavam as práticas exteriores acima do amor ao próximo, expressado anteriormente na mais ampla aplicabilidade prática e diária, há um ensinamento implícito nesta passagem que precisa ser desvelado. O ensino propiciado por Jesus nessa edificante parábola é dos mais significativos. Nele há o exercício da caridade desprentensiva, incondicional, em seu sentido amplo, sem limitações.

O samaritano, considerado herege e apóstata pelos judeus ortodoxos, foi o paradigma tomado pelo Mestre para nos ensinar tão profundo ensinamento. **O “X” da parábola consiste em fazer evidenciar aos nossos olhos que, o indivíduo que se intitula religioso e se julga virtuoso aos olhos de Deus, nem sempre é o verdadeiro expoente de virtudes que julga possuir.** Ensina aos outros como fazer caridade, mas ele nem de longe quer praticá-la. O sacerdote que passou primeiramente, certamente atribuía a si qualidades excepcionais e se julgava zeloso cumpridor da lei e dos preceitos religiosos. Ao deparar com o moribundo, quem sabe balbuciou uma prece em seu favor, mas daí até a ajuda direta a distância é enorme. O mesmo deve ter sucedido com o levita um homem considerado especial dentre os demais por fazer parte da Tribo de Levi, sendo esta uma das 12 Tribos de Israel. Diante destes dois exemplos, poderíamos considerar que o Sacerdote e o Levita, mesmo que ocupando os mais prestigiosos cargos Religiosos e muito respeito pelo povo Judeu, não tiveram condições de expressarem o verdadeiro amor ao próximo como Virtude Ativa (Caridade), pois estavam presos aos hábitos exteriores da fé sem obras e, por conseguinte, morta!

**O samaritano, considerado desprezível pelos judeus ortodoxos, devido a preconceitos religiosos, mas cumpridor dos seus deveres humanos, não se limitou a condoer-se do moribundo.** Chegou-se a ele e o socorreu da melhor forma possível, levando-o em seguida a um lugar de repouso onde o assistiu melhor, recomendando-o ao hospedeiro e prontificando-se a ressarcir todos os gastos quando de sua volta. O amor ao próximo, ou a caridade (virtude ativa) foi ali dispensada a um desconhecido, e quem a praticou não objetivou recompensa, o que não é muito comum na Terra, onde todos aqueles que praticam atos caridosos, logo pensam nas recompensas futuras, na retribuição da vida espiritual.

Os samaritanos eram dissidentes do sistema religioso implantado na Judeia, eram provenientes de Samaria, adversários e contrários a todo e qualquer sistema religioso da época. Com o intuito de demonstrar a precariedade dos ensinamentos da religião oficial e com o paradoxo deste exemplo do Samaritano, Jesus passou não somente o ensinamento àqueles Judeus ortodoxos, mas a toda a humanidade de que seremos todos julgados pelas obras e não pela religião, ou fé que professamos.

No desfecho da parábola, entendemos a recomendação de Jesus:

*“Qual, pois, destes três te parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores? **Respondeu o doutor da lei: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Disse-lhe, pois, Jesus: Vai, e faz tu o mesmo.** (Lc 10:36-37).*

Não obstante, se “Amar o próximo como a nós mesmos”, está de acordo com a parábola acima, logo está em consonância com as passagens de Mt 7:22-24, Mt 25:31-46 e Mt 6:3 que analisaremos mais adiante. Diante de toda a análise desta parábola, vemos ainda os que aceitam a graça pela fé apenas desviando do assunto acerca da Parábola do Bom Samaritano, nos dizendo que: “há outros mandamentos, outras boas obras a se fazer, como, por exemplo, crer naquele que Deus enviou que, dentre tantas coisas”. Citam ainda as passagens abaixo:



*“Por isso vos disse que morrereis em vossos pecados; porque, se não credes que eu sou, morrereis em vossos pecados”. (Jo 8:24).*

E a passagem:

*“pois isto é o meu sangue, o sangue do pacto, o qual é derramado por muitos para remissão dos pecados”. (Mt 26:28).*

Perguntamos: Estas duas passagens referem-se à Parábola do Bom Samaritano? cremos que não, com isso o que ficou claro é que não há outro entendimento, senão o que nos propusemos e elucidamos. Sobre a questão de acreditar que Jesus é o Messias, os espíritas acreditam e sobre a questão da transubstanciação, analisamos no texto *“Seremos salvos ou temos que nos salvar?”*.

### **3.7. Devemos ou não praticar o Evangelho?**

Segundo o nosso questionamento: o que adianta ser um Pastor, um Padre, ou qualquer outro líder religioso, ou ainda membro praticante de uma religião qualquer que não põe o Evangelho em prática? Respondem os que aceitam a graça pela fé apenas “não adianta nada. Assim como também não adianta crer em parte do que pregou Cristo e dizer que a outra parte foi ‘ensinamentos mal compreendidos’ (sutil sinônimo de mentira). Faça as boas obras, continue-as praticando, porém não ponha apenas metade do Evangelho em prática, creia no mesmo Cristo que nos trouxe, além do ensino sobre as boas obras, o ensino que para o homem é impossível a Salvação por seus próprios esforços somente (Mt 19:26)”. Entendemos que os ‘ensinamentos mal compreendidos’ como ‘sutil sinônimo de mentira’ alegado pelos que aceitam a graça pela fé apenas são as muitas coisas que Jesus tinha a dizer, Ele não disse por que seriam ‘mal compreendidos’, além disso, tudo que Ele disse precisaria ser “lembrado”, seria tudo isso “sinônimo de mentira”?

Acerca da parábola do bom samaritano, questionamos: o que

adiantava ser sacerdote, levita ou doutor da lei se não cumpre com os mandamentos de Cristo? Os que aceitam a graça pela fé apenas até concordam em dizer que ‘não adianta nada’ e por este motivo que a fé sem obras está morta! Como ele diz que acreditar em Jesus não é suficiente, temos que pôr os Seus ensinamentos em prática é isso que sempre defenderemos – a prática do Evangelho!

### 3.8. O conceito de fé e obras por Paulo e Tiago

Neste tópico abordaremos a visão de Paulo e de Tiago, mediante o conceito de fé e obras que ambos tinham, a quem eles se dirigiam e a palavra final de Jesus. Alguns que aceitam a graça pela fé apenas ignoram o pensamento deste apóstolo que tanto contribuiu para pregar a essência dos ensinamentos de Jesus, sem contradizer o combate de Paulo contra o farisaísmo e o apego às liturgias Judaicas de sua época.

Segundo esses mesmos que aceitam a graça pela fé apenas, eles dizem que “o apóstolo Tiago realça muito mais as obras do que os outros escritores bíblicos”. Com isso, encontramos na epístola de Tiago:

*E sede **cumpridores da palavra**, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não cumpridor, é semelhante ao homem que contempla ao espelho o seu rosto natural; porque se contempla a si mesmo, e vai-se, e logo se esquece de como era. Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso persevera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito. Se alguém entre vós cuida ser religioso, e não refreia a sua língua, antes engana o seu coração, a religião desse é vã. **A religião pura e imaculada para com Deus, o Pai, é esta: Visitar os órfãos e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo.** (Tg 1:22-27)*

Prática das obras ou da fé? Tiago não deixa margem para nenhuma dúvida de que os “**cumpridores da palavra**” são os que praticam as boas obras. Essa colocação de Tiago é muito interessante: “**A religião pura e imaculada para com Deus é esta: visitar os órfãos**

**e as viúvas nas suas tribulações, e guardar-se da corrupção do mundo**”, ou seja, prática do amor ao próximo pela realização dos atos de caridade. E Tiago também diz:

*Todavia, se cumprirdes, conforme a Escritura, a lei real: **Amarás a teu próximo como a ti mesmo**, bem fazeis. (Tg 2:8).*

Após esta introdução, os que aceitam a graça pela fé apenas não satisfeitos, entendem que “obras, biblicamente falando, não são apenas as com o intuito de amor ao próximo, uma vez que Abraão não fez obra alguma ao próximo, e, sim, a Deus”. No segundo capítulo desta epístola, Abraão não realizou nenhuma obra ao próximo, porém, esta referência de Tiago era como uma alusão ao que o mesmo abre em seu capítulo com a seguinte **exortação da caridade para com o próximo**:

*Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? **Pode, acaso, semelhante fé pode salvá-lo? Se um irmão ou uma irmã estiverem carecidos de roupa e necessitados do alimento cotidiano**, e qualquer dentre vós lhes disser: **Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, sem, contudo, lhes dar o necessário para o corpo, qual é o proveito disso? Assim, também a fé, se não tiver obras, por si só está morta.** (Tg 2:14-17).*

Na abertura desta exortação de Tiago, não há dúvidas de que ele enfatiza a caridade como uma expressão de amor ao próximo e este é o nosso entendimento, sendo o mesmo do apóstolo Tiago. Entretanto, para alguns que aceitam a graça pela fé apenas, Tiago “parece ensinar que a salvação é pelas obras, e não pela fé”. Ora, parece? Contudo a resposta do apóstolo diz o oposto:

***verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente.** (Tg 2:24)*

Todavia, para que aceitam a graça pela fé apenas “isto é só aparência, é tão somente a fé que justifica. Tiago ao dizer o que disse, não soube se expressar e na verdade quis dizer o contrário”. Na tentativa de fundamentar este argumento, esses mesmos que aceitam a

graça pela fé apenas dizem que “o próprio Lutero teve por um tempo este seu mesmo engano”. Engano? Vejamos que o próprio Lutero, ao elaborar as suas 95 teses, não foi contra as boas obras de caridade, mas principalmente contra o abuso da Igreja Católica, tornou-se público e notório o desvirtuamento da essência do Evangelho, descambando para a cobrança das indulgências. O que Lutero realizou foi insurgir contra a própria Igreja diante deste abuso e outros mais, enfatizando o desmerecimento da epístola de Tiago por haver este “desvio”.

Ao vermos a **21ª tese** de Lutero, viemos a encontrar:

*Erram, portanto, os **pregadores de indulgências** que afirmam que a pessoa é absolvida de toda pena e **salva pelas indulgências do papa.**<sup>[12]</sup>*

Em consonância com as teses 23, 24, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 42, 43, 44, 52, 53, 59, 62, 65, 66 e 67. Todas estas teses são veementemente **contra as cartas de indulgência** e não contra as boas obras. O que defendemos é que o mesmo abuso das indulgências, realizadas pela Igreja Católica na Idade Média, numa analogia, estes desvirtuamentos vêm sendo repetidos em muitas Igrejas Protestantes nos dias de hoje, com a ambição da arrecadação de dízimos e ofertas, angariando templos suntuosos e enriquecimento ilícito de muitos que se aproveitam. Não estamos generalizando, mas documentando um fato para que os cristãos que são sérios venham a se insurgir contra tais atos, assim como Lutero o fez com a cobrança das indulgências, denunciem estes que venham a realizar tais desvirtuamentos.

Passando adiante, dizem os que aceitam a graça pela fé apenas que “Paulo fala da fé para a **Salvação**, enquanto Tiago mostra as boas obras como **resultado** desta mesma fé”. De tudo não é verdade, pois Paulo se dirige aos que não têm a mesma fé que a dos cristãos primitivos, já que ele se dedica em sua maioria aos gentios e judeus que não acreditavam no messias e se apegavam aos devaneios do materialismo e das liturgias judaicas, sem esquecer-se das pregações e exortações aos cristãos primitivos.

O apóstolo Paulo enfatiza não a fé para a salvação, mas a

Graça que é por meio da fé e das boas obras que angariaremos a salvação, senão, se for por meio da fé somente, não haveria como sermos salvos, já que **a fé sem obras está morta** e foi isso que Tiago enfatizou, quando disse que:

*verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente. (Tg 2:24)*

*assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta (Tg 2:26).*

Paulo prega a graça que vem por meio da fé e é consumada através das boas obras, e assim chega-se à salvação. Já Tiago prega a justificação pelas obras e não pela fé somente, trazendo assim o foco do tópico de que **a fé sem obras é morta** e conseqüentemente **não pode gerar** como **resultado a salvação**, já que a fé sem frutos é inoperante. Continuando, caro leitor, os que aceitam a graça pela fé apenas pregam que: “O próprio apóstolo Paulo, em uma de suas cartas, junta o ensino dele com o de Tiago”:

*Porque pela graça sois salvos, **por meio da fé (1)**, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus **para boas obras (2)**, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas. (Ef 2:8-9).*

Entretanto, **onde foi demonstrado** pelos defensores da graça que o apóstolo Paulo junta o ensino dele com o de Tiago? Em nenhum lugar, no entanto, **realizaremos a comparação** dos dois textos em questão. Após a repetição desta mesma passagem predileta dos defensores da graça, este faz duas observações também já reprisadas do escrito anteriormente.

**\* 1 Somos salvos por meio da fé, sem obras?** Ou com as boas obras? Se, somos salvos por meio da fé, tão logo a fé não é um fim e sim um meio de se chegar a esta salvação, tão logo, o fim desta mesma fé são as boas obras, gerando conseqüentemente a salvação, mas se **a fé sem obras está morta** são as obras que dão vida à fé. A

vida está nas obras, assim como a vida do corpo está no espírito. Ao menos que se mude a essência deste tópico.

**\* 2 Criados para e não salvos pelas boas obras.** Criados para as obras? Ou criados para a fé? Se fôssemos criados para a fé, logo ela seria um fim e não um meio. Para os leitores entenderem melhor, a fé a que se refere Paulo é um meio de se chegar a graça que somente é **consumada através das obras**. Tão logo, sem as boas obras **a fé é morta**. Se a fé é morta, ela nada produz. Paulo enfatiza que a fé é um meio, as obras um fim para que andemos nelas, gerando o resultado da graça que é concedida por Deus, através da prática do “**amor ao próximo**”.

Ademais, realistamos o seguinte questionamento aos que aceitam a graça pela fé apenas, com o fito de obtermos uma resposta: A fé extraída da citação de Paulo é uma fé **com obras** ou uma **fé sem obras**? Demonstraremos nas linhas abaixo o que entendemos sobre tal assunto, versando sobre o contexto de Ef 2:8-10 e Tg 2:14-26, a fim de juntá-los e chegarmos ao veredicto. O apóstolo Paulo diz que:

*pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; **não vem das obras**, para que ninguém se glorie. (Ef 2:8)*

Neste ponto, Paulo deixa claro que o homem é justificado pela fé. Por outro lado, afirma o apóstolo Tiago que:

***verificais que uma pessoa é justificada por obras** e não por fé somente. (Tg 2:24)*

Com efeito, segundo Tiago, uma pessoa **é justificada por obras** e não apenas pela fé. Chegamos à seguinte conclusão, segundo Paulo, o homem é justificado pela fé sem obras e segundo Tiago o homem é justificado pelas obras. Se ambos os textos forem referentes às mesmas boas obras, estamos diante de uma contradição, mas se Paulo se referia às obras da legalidade judaica e Tiago às boas obras, entendemos que ambos não falavam das mesmas obras e que os textos não se contradizem. Se os que aceitam a graça pela fé apenas

sustentarem a sua tese de que eram as mesmas obras que os apóstolos se referiam, não somos nós que laboramos em erro e há um grande problema de contradição textual para que eles, os que aceitam a graça pela fé apenas resolvam.

Finalizando a minha abordagem sobre tal tema, a fé só existe se existirem obras. Sendo as boas obras um fim universal, logo chegaríamos à salvação, ou a graça concedida por Deus através da prática da moral contida no Evangelho, sabendo que estas mesmas obras viriam a ser ensinadas por Jesus, e os seus ensinamentos morais são universais.

### **3.9. O segundo capítulo da epístola de Tiago e a exortação das boas obras**

Sobre esta passagem, os que aceitam a graça pela fé apenas questionam: “se ele (Abraão) entregasse o filho por entregar, sem ter tido a fé, como muitos fazem hoje, tentam ser bons apenas para se mostrarem, sem ter fé em Deus?”, Prosseguem os que aceitam a graça pela fé apenas no seguinte questionamento: “assim como muitos oferecem ‘oferendas’ a deus sem ter fé no verdadeiro Deus?” Esta segunda pergunta é tão sem nexos quanto à primeira. Voltando à primeira pergunta e procurando aprofundar, respondemos novamente: Em Primeiro lugar, o apóstolo Tiago evidencia uma analogia a Abraão, realizando sacrifício de seu próprio filho Isaque, no altar a Deus, este acontecimento está em consonância com a passagem do amparo ao próximo, através das boas obras (Tg 2:14-26). Tiago vem a estabelecer dois princípios que tratam de “**amor a Deus sobre todas as coisas**”, e a prova disso foi à oferta do próprio filho da parte de Abraão a Deus sobre o altar de sacrifícios, sendo o outro princípio o do “**amar ao próximo como a si mesmo**” abordado do verso 14 a 17, tendo em vista que o primeiro e maior mandamento deve vir primeiro, o que não discordamos. Todos estes dois princípios se baseiam no ensino do Mestre Jesus e que demonstraremos mais adiante.

Entendemos que se “toda a lei e os profetas dependem destes dois mandamentos”, podemos dizer que as “boas obras” envolvem o

dever do homem primeiro para com Deus e segundo para com o próximo. Vejamos a passagem abaixo para corroborar o que temos afirmado.

*“Se alguém diz: Eu amo a Deus, e odeia a seu irmão, é mentiroso. Pois **quem não ama a seu irmão, ao qual viu, não pode amar a Deus, a quem não viu.** E dele temos este mandamento, que **quem ama a Deus ame também a seu irmão.**” (1 Jo 4:20,21).*

Caridade é amor e o amor é caridade. A verdadeira caridade ou verdadeiro amor **se manifesta em boas obras**, nas três direções: **Deus, nós mesmos e o próximo**. Para amarmos ao próximo como a si mesmo, devemos nos amar primeiro. Quem ama a Deus deve se amar e amar ao próximo. Não existe caridade sem estes requisitos acima.

A questão esclarecida acima e em conformidade com o que o apóstolo Tiago nos elucida no segundo capítulo de sua epístola, são dois princípios de **“amor a Deus sobre todas as coisas”** e **“amar ao próximo como a si mesmo”**, sendo estes dois pilares toda a essência da Torah e dos ensinamentos de Jesus. É isto que está claramente na Bíblia e na passagem em análise, onde não procuramos inverter tal ordem, antes ao contrário aproximamos essa ideia ainda mais ao âmago da questão.

Ainda em análise, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas: “foi à fé que moveu a obra, e não o contrário. **A obra aperfeiçoou a fé** (Tg 2:22), ou seja, já havia a fé em Deus, se não houvesse fé a obra aperfeiçoaria o que?” Se acreditarmos que a fé por si só move as boas obras, como poderia algo que é inoperante, operar algo (Tg 2:20)? O que fica claro no texto é que a obra quem moveu e aperfeiçoou a fé, e não o inverso (Tg 2:22). Havia a fé em Deus, assim como até os “demônios” também acreditam, todavia, não havia o **“amor a Deus sobre todas as coisas”** e este se consumou através da obra de Abraão em oferecer o seu único filho (**Tg 2:21**).

Com efeito, elaboramos um terceiro questionamento: Diante do exposto, **concordam** que segundo Tiago a fé de Abraão, até aquele



momento, era morta? Caros leitores, segundo alguns que aceitam a graça pela fé apenas: “o contexto que entram as exortações de Tiago para se identificar alguém que tem fé ou não, **afinal, crer em Deus até os demônios creem** (Tg 2:19)”. Nesta passagem de Tiago, fica claro que se a fé sem obras realmente nos garantissem a salvação, até os demônios se salvariam, pois eles também acreditam em Deus. Contudo, concluem os que aceitam a graça pela fé apenas dizendo que “serão as nossas obras perante Deus, como afirmam que não são apenas as obras com intuito de ajuda ao próximo, a exemplo o caso de Abraão”. Como anteriormente foi dito, Tiago vem a estabelecer dois princípios que tratam de “**amor a Deus sobre todas as coisas**”, e a prova disso foi à oferta do próprio filho da parte de Abraão, sendo o outro princípio o do “**amar ao próximo como a si mesmo**” abordado do verso 14 a 17, tendo em vista do que temos que realizar uns para com os outros. Todos estes dois princípios se baseiam no ensino do Mestre Jesus e neste contexto elucidado de Tiago.

### **3.10. A parábola das Ovelhas e Cabritos. O que decide a salvação?**

Nesta parábola há um grande dilema para os que aceitam a graça pela fé apenas, tendo em vista que o caráter de recompensa é através das obras, pois ‘a cada um segundo as suas obras’. Ao invés disso, muitos que aceitam a graça pela fé apenas tangenciam para o dogma das penas eternas, uma saída pela porta dos fundos para que ninguém o pudesse ver. Mas isto não ilude leitores mais atentos. Assim, dizem os que aceitam a graça pela fé apenas que “devemos encarar as boas obras como mandamentos, pois assim o mesmo Jesus afirmou, e quem O ama cumpriria tais mandamentos (Jo 14:15)”. Se as boas obras se referem como mandamentos e após o esclarecimento desta visão, dentro do segundo capítulo da Epístola de Tiago, temos que concordar que tanto Jesus, quanto Tiago enfatiza o “**amor a Deus sobre todas as coisas**” e o “**amar ao próximo como a si mesmo**”, estes dois grandes mandamentos só poderão se cumprir através das boas obras.

Iremos, agora, analisar o texto em questão e verificar qual é o caráter de recompensa que nós estamos sujeitos:

“Quando, pois vier o Filho do homem na sua glória, e todos os anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; e diante dele serão reunidas todas as nações; e ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos à esquerda. Então dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai. Possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo; **porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me.** Então os justos lhe perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? E responder-lhes-á o Rei: **Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes.** Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos; **porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; era forasteiro, e não me acolhestes; estava nu, e não me vestistes; enfermo, e na prisão, e não me visitastes.** E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos? Então, lhes responderá: **Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna.**” (Mt 25:31-46).

Após esta passagem em que Jesus nos esclarece, os que aceitam a graça pela fé apenas comentam que “quem não cumprir, diferentemente do que prega o espiritismo, não terão ‘outras encarnações’, antes, porém, será dito a estes: Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, **para o fogo eterno**, preparado para o Diabo e seus anjos”. Como se não bastasse à recusa em nos demonstrar o caráter de retribuição nesta parábola dos bodes e das ovelhas, que será retribuído a cada um segundo ‘as suas obras’, desviam muitos que aceitam a graça pela fé apenas no mérito de combater a reencarnação através das penas

eternas, sendo que não é o foco deste tema, vindo a sair pela tangente novamente, mas sabemos que:

*O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades (Sl 103:8-10).*

Antes, porém, desenvolveremos tal tema no tópico apropriado sobre “**Reencarnação ou Penas Eternas?**”. Entretanto, sabemos que a pena do culpado tem a durabilidade da quitação de seu débito e estando quite esta dívida, este pode vir a retomar o seu caminho, onde entendemos que Deus perdoa o culpado, mas não o inocenta, enquanto que as penas eternas colocam Deus com a incapacidade de perdoar o infrator arrependido e dar-lhe a quitação com o seu débito, colocando em cheque a exortação de Jesus de que devemos perdoar 70x7, ou seja, infinitamente. É um desrespeito flagrante **em colocar Deus abaixo do homem**.

Diante do esboço traçado, os que aceitam a graça pela fé apenas nos fazem o pertinente questionamento, trazendo a sua posterior e própria resposta: “Se quiserem pregar salvação pelas obras, como seria a condenação? Para sermos coerentes, devemos responder que seriam pelas obras também”. Depende da abordagem, pois a salvação é pelas obras de amor ao próximo e a condenação é por não praticar tais obras de caridade, conforme exorta o Mestre: “*Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer.*” Ou seja, estando à salvação ligada às boas obras, a condenação está ligada à ausência delas.

Podemos ver o caráter de julgamento de tal parábola estar de acordo com “**a cada um segundo as suas obras**” e vemos ainda as obras evidenciadas: **porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me**. Essa passagem simboliza o dia do juízo, dia que

devemos prestar contas a Deus de tudo o que fizemos. Quem foi para a direita de Deus (bom lugar) foram os de fé ou os que fizeram obras? As obras exemplificadas são: dar de comer aos famintos, vestir os nus, dar água a quem tem sede, hospedar os viajantes, visitar os doentes e os prisioneiros, tudo isso são atos de amor ao próximo.

No simbolismo, a separação dos bons dos maus é pela fé de cada um? Pela religião? Ou pelas obras praticadas em favor ao próximo? Repetimos: **“FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO”** e o caráter de julgamento continua sendo o mesmo: **“a cada um segundo as suas obras”**. Não é raro, mas nenhum comentário se vê da parte dos que aceitam a graça pela fé apenas sobre o caráter de julgamento nesta parábola ser **invariavelmente** através das obras.

Conforme o questionamento: Como acabar com 30.000.000 de pessoas que vivem abaixo dos índices de miséria em nosso País? Através da fé ou das obras? Responde alguns que aceitam a graça pela fé apenas: que **“com certeza através das obras**, principalmente as que forem movidas pela fé, pois **perante Deus** é a que importará para a Salvação, pois apenas a obra de caridade, sem o ágape, o amor de Deus, para nada se aproveita ‘ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres’ e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria”. Sabemos que é o amor de Deus que deve nos mover a isso. Como anteriormente já foi esclarecido, o que é inoperante não pode vir a operar nada, não tem vida, já que **a fé sem obras é inoperante**, e, por conseguinte morta! O que importará para a salvação é que está explícito nesta parábola: **“porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me. Então os justos lhe perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? E responder-lhes-á o Rei: Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes”**. Amor é caridade e caridade é amor. Sem amor não há caridade e sem caridade não há amor.

Vale ainda ressaltar que os justos não sabiam que faziam o bem e esta máxima é:

*(...) Quando, pois, deres esmola, não faças tocar trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. Mas, quando tu deres esmola, **não saiba a tua mão esquerda o que faz a direita;** (Mt 6:2-3)*

Outra coisa não é o que o Espiritismo diz e recomenda exaustivamente, fazer as obras sem esperar retorno, fazê-las por amor somente, o que é justamente o que Paulo enfatiza (I Cor 13).

### **3.11. I Coríntios 13, o conhecimento pleno e a prática do Amor**

Neste tópico, existe a tão alegada tentativa de se desassociar a caridade do amor e vice-versa, como se a caridade pregada no Espiritismo fosse esse espantalho, engendrado pelos contraditores. Devido a isso, iremos ao cerne da questão, a fim de dirimir as dúvidas decorrentes. Todavia, sabemos através de **Lc 17:21**, que sobre “o Reino de Deus está em cada um de nós”, cuja explanação realizada e amplamente comentada está no tópico “**Seremos salvos ou temos que nos salvar?**” Adentrando neste quesito, sabemos que, segundo versão da **Bíblia Anotada**:

***Ágape é mais que afeição mútua; expressa a valorização altruísta no objeto amado. (Bíblia Anotada)***

O Amor é mais do que a afeição mútua em amar aqueles que nos amam, ou seja, das pessoas, umas para com as outras, já que o Amor expressa a valorização altruísta no objeto amado indistintamente. Em outras palavras, altruísta é o próprio altruísmo a quem amamos e vamos ao significado desta palavra para entender melhor:

#### **Altruísta**

s. 2 gén.,

pessoa que pratica o **altruísmo**;

pessoa cheia de **filantropia**;

adj. 2 gén.,  
relativo ao altruísmo;  
filantropo.

### **Altruísmo**

do Fr. Altruisme

s. m.,

**disposição para se interessar e dedicar ao próximo;**

**amor ao próximo;**

**abnegação;**

filantropia.

Como foi dito na nota de rodapé da Bíblia Anotada que o Amor **expressa a valorização altruísta no objeto amado**. Recorremos ao significado da palavra altruísta e altruísmo, onde este nos deu a certeza de que não basta ter uma afeição mútua, é preciso ser filantropos, ou seja, não esperar retorno do que realizamos em favor daqueles que amamos (Mt 6:2-3) e dos que nos perseguem, é ainda preciso ter a **disposição para se interessar e dedicar ao próximo**, e esta postura só será possível através da **abnegação** em favor daqueles que amamos e mais, daqueles que estão fora do nosso círculo de afeição e até por aqueles que nos odeiam.

Após a versão da nota de rodapé da **Bíblia de Jerusalém**, ela vem a nos esclarecer ainda mais o que estamos descortinando:

*À diferença do amor passional e egoísta é a caridade (ágape) é um amor de dileção, que quer o bem do próximo (Bíblia de Jerusalém).*

Vemos que somente a prática da **caridade (ágape)** que se pode opor ao **amor passional e egoísta** e foi isto que demonstramos. Este é o que Paulo realmente enfatiza, sobre este amor que não espera retorno, se interessa e dedica-se ao próximo através da abnegação, realizando tudo o que gostaria que vos fizesse e isso será possível somente através das boas obras, ou obras de Amor (caridade) pela qual realmente chegaremos à plenitude do **amor ao próximo**, assim como o Mestre nos amou e vivenciou esta realidade em seus atos.

Após estes esclarecimentos acima, vemos o seguinte questionamento dos que aceitam a graça pela fé apenas: “não há nenhuma inferência de que seja o Amor de Deus para com conosco e sim o nosso sentimento para como o próximo?” Diante do contexto de I Cor 13 não há realmente a inferência de que seja o amor de Deus para conosco, e sim do nosso amor como um dom supremo e que leva a perfeição. Voltando ao texto de Paulo, os que aceitam a graça pela fé apenas dizem que “este texto de 1 Cor 13 fala somente do ágape como o amor de Deus, texto e contexto analisados”. Após esta afirmação de que o texto e contexto afirmam o amor (ágape) de Deus. Se nesta trata do amor de Deus, como poderíamos exercer este amor então? Através das obras? Ou da fé? A lógica do texto nos mostra que exerceremos este sentimento somente através das obras de amor (ágape / caridade).

Conforme explanado anteriormente que o sentido do amor nesta passagem é amplo, geral e irrestrito, numa alusão ao Amor de Deus, segundo este amor, o que apontamos é que neste contexto este amor se reflete sobre **a caridade (ágape) é um amor de dileção, que quer o bem do próximo (Bíblia de Jerusalém)**. Segundo os que aceitam a graça pela fé apenas, nos questionam: “como explicar o versículo 3 do referido capítulo? ***E ainda que distribuísse todos os meus bens para sustento dos pobres, e ainda que entregasse o meu corpo para ser queimado, e não tivesse amor, nada disso me aproveitaria***”. Ocorre que o amor (ágape / caridade) não é somente doar todos seus bens materiais aos mais necessitados, é preciso ter a **disposição para se interessar e dedicar ao próximo**, e esta postura só será possível através da **abnegação** em favor deles. É isto o que Paulo quis dizer e que viria a ser o pleno conhecimento e a perfeição, para o que era ainda imperfeito. O verso 5 explica isso: “...não busca os seus interesses...”. Espero que também não esqueça o verso 2.

Agora, dentro deste mesmo contexto e defesa da alegação dos que aceitam a graça pela fé apenas, não haveria lógica em “distribuir todos os meus bens para sustento dos pobres (= caridade) e... não ter caridade?” O que mencionamos é que a caridade não é somente isso e foi o que demonstramos acima. No entanto, o **ágape** de Deus por nós em nos entregar Jesus (Jo 3:16) para que por meio Dele fôssemos salvos, devido a direção das atitudes que devemos ter, a fim de alcançar

o grau de pureza dos espíritos de escol, disso não duvidamos, mas como seria o nosso amor ao próximo? Somente se nos entregarmos por ele através do *ágape* com a abnegação e a dedicação a cada um de nosso semelhante indistintamente. Por este motivo que acreditamos que somente através das obras de amor (*ágape*) é que poderemos chegar ao conhecimento pleno e por isso que elas estão acima da fé, bem como:

*Agora, pois, permanecem a fé, a esperança, o amor, estes três; mas o maior destes é o amor (ágape / caridade). (I Cor 13:13)*

Ter apenas fé em Jesus, sem pôr os seus ensinamentos em prática, é **fé morta** e sem capacidade de nos dar a condição de chegar à perfeição. Assim sendo, somente através das obras de amor que estaremos em condições de atingir o conhecimento pleno.

### **3.12. A fé está acima das obras?**

Esclarecemos acima o princípio básico de “**amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo**”. Destarte, entendemos que este princípio esteve ligado à mensagem, tanto de Paulo quanto de Tiago e principalmente na mensagem do Mestre Jesus que instituiu este princípio no NT, demonstrando que toda a lei e os profetas dependem desta moral universal. Portanto, caro leitor, se para alguns que aceitam a graça pela fé apenas disserem que “sou salvo, e não me aplicar às boas obras, tanto as com amor ao próximo como a Deus (exemplo de Abraão), revelarão que a minha fé é apenas teórica” e, por conseguinte, uma **fé morta** e incapaz de gerar frutos, conforme apresentamos, inclusive no segundo capítulo da epístola de Tiago este princípio fundamental do grande mandamento, somos impelidos a compreender que só poderemos “**amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos**” através daquilo que se chama AÇÃO.

Com o fito de nos questionar novamente, alguns que aceitam a graça pela fé apenas, tentando incutir a ideia de a fé esta acima das obras, nos apresentam mais uma pergunta para meditar, conforme



havíamos dito que **verdadeiramente a fé sem obras é morta**, nos questionam: “se, conforme dizem, o que seriam as obras sem fé?” Assim sendo, nos convidam os que aceitam a graça pela fé apenas a meditarmos em Hb 11:6 antes de respondermos. O mais curioso, na pergunta, é querer enfatizar que possa haver **efeito sem causa** e pior, se há obras, invariavelmente existe a fé interior em algo superior e que se traduz nas obras de amor ao próximo.

O texto aludido pelos que aceitam a graça pela fé apenas no contexto do capítulo 11 da epístola aos Hebreus, esta passagem até o desfecho da epístola nos traz a fé em Deus como perseveraram os patriarcas e os profetas; tendo em vista na consumação da obra pela vinda do Messias, sendo este, Jesus que aperfeiçoou a Lei e suportou aos que O negaram e lhe tiraram a própria vida, mesmo assim perseverou o Mestre em permanecer no Amor por aqueles que o odiavam, sem esperar o retorno. É isto que depreendemos do texto resumidamente, Hb 13:1-6. Não há nada no texto que dê a inferência de que **a fé está acima das obras**. Não há como fugir a questão de que **a fé sem obras está morta**, pois, se a fé está acima das obras, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas e defensores da fé somente, por si só ela subsistia e é isso não é verdade, portanto, nem uma e nem outra está acima, ambas estão no mesmo patamar, mas que sem obras, a fé é morta e não há boas obras sem a fé em algo transcendental – Deus.

Os que aceitam a graça pela fé apenas, na tentativa de enfatizarem a ideia de que Cornélio, pelo relato em Atos nos aponta para a fé como algo que era suficiente para que ele tivesse a sua salvação, esquecem-se de que as orações e esmolas de Cornélio subiram a Deus. Tendo em vista esta atitude de Cornélio, poderiam apenas as suas orações subir a Deus? É claro que não, pois era necessária esta sua fé em algo transcendental e à abnegação da prática das boas obras, simbolizadas pelas esmolas, bem como podemos constatar:

*eis que se apresentou diante de mim um varão de vestes resplandecentes e disse: Cornélio, **a tua oração foi ouvida, e as tuas esmolas, lembradas na presença de Deus.** (At*

10:30-31).

Nesta passagem, ocorre que o Cornélio tinha sido ouvido apenas pelo ouvir segundo o que defendem os que aceitam a graça pela fé apenas, sem entrever o merecimento de Cornélio pelas orações (fé) e esmolas (obras). Deixamos a simples pergunta: Se Cornélio fosse apenas um homem que fizesse orações a Deus, ele teria a oportunidade de que estas subissem até Ele e de que um Anjo lhe visitasse? Creio que não, este caso também confirma que **a fé sem obras é morta**.

O que enfatizamos, na resposta anterior, é que se Cornélio não aperfeiçoasse a fé (orações) e obras (esmolas), tão pouco seria recompensado. Em vista disso, não entendemos onde ele encontrou que a fé está acima das obras, pois, se assim o fosse, **a fé sem obras não estaria morta** e seria como inverter a ordem proposta na própria Escritura (Tg 2:26). Ademais, se para o apóstolo Pedro:

***Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados. (1 Pe 4:8)***

Não será nenhum que aceitam a graça pela fé apenas que nos induzirá a crer de outro modo. Se a prática das boas obras de amor para com o próximo está **Acima de tudo, estaria a fé acima das obras? cremos que não!**

### **3.13. Seremos julgados pela fé, ou pelas obras?**

Após as exposições que nos dispusemos a realizar até o momento, entendemos que é por meio das obras que confirmamos a fé. Depreendemos com o apóstolo Tiago pode nos elucidar:

***Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras; mostra-me essa tua fé sem as obras, e eu, com as obras, te mostrarei a minha fé. (Tg 2:18).***

Tendo em vista a nossa ideia de seguir ao que nos propusemos, de acordo com as considerações iniciais, cremos que **a fé sem obras**

**está morta** e não temos fé e, por isto, devemos fazer as obras, pois, **temos obras e por isso confirmamos a nossa fé**. Querer induzir aos leitores de que as boas obras de “amor ao próximo” são diferentes de boas obras de “amor ao próximo”, é o mesmo que forçar a barra em dizer que quem realizou todas as recomendações de Jesus será condenado (Mt 25:31-46), já que para o mesmo sofisma, temos que: “há muitos que fazem obras sem ter fé, e para estes a perdição eterna está reservada”, segundo alguns que aceitam a graça pela fé apenas afirmam. Seria como inverter o tema proposto em dizer que as obras dependem da fé e que **“as obras sem a fé são mortas”**, mas é a fé quem depende das boas obras para ser consumada, pois:

*Vês como a fé operava juntamente com as suas obras; com efeito, foi pelas obras que a fé se consumou, (Tg 2:22).*

Tanto que **se não há boas obras, não haverá fé e se há boas obras, invariavelmente haverá a fé genuína e verdadeira**. Alguns que aceitam a graça pela fé apenas na intenção em frisar que existem boas obras que levam a condenação, tenta distorcer mais uma vez os nossos argumentos e pior, inferir a um texto do evangelho de Mateus que os que tiveram boas obras serão condenados, vindo a citar:

*Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. **Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente que edificou a casa sobre a rocha.** (Mt 7:22-24).*

Não poderíamos deixar de alertar aqueles que acreditam que as obras não nos levam a salvação, pois o mesmo Cristo atesta ser necessário colocar seus ensinamentos em prática. O que Jesus estava se referindo neste momento é para aqueles que profetizaram, expulsaram demônios e fizeram milagres **em Seu nome** através da fé, ou seja, ensinaram em Seu nome e em nada praticaram os Seus ensinamentos. Em outras palavras, tinham a fé, acreditavam em tudo o que pregavam e **em nome de Jesus**, mas não praticavam nada do que Ele havia

ensinado, não edificavam “a casa sobre a rocha” e, portanto, concluímos que não se trata de **condenação** pelas boas obras, mas **por falta da pratica delas e dos ensinamentos do Mestre Jesus**.

Mais adiante, os que aceitam a graça pela fé apenas nos apresentam a parte posterior da passagem: ***Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente que edificou a casa sobre a rocha***. Após citá-la, concluem “que Cristo não está falando aqui apenas das boas obras, mas principalmente, o que motivou tais pessoas aos atos que praticaram. A fé para fazer obras de glorificação a Deus ou as obras para se mostrarem aos homens?” A nossa resposta é a mesma que **Jesus** enfatiza em dizer que tudo o que fizeram, foi **em teu nome**. Em nome de quem? De Jesus, e os que aceitam a graça pela fé apenas nos questionam se era para se mostrarem aos homens, sendo que realizavam tudo em nome de Jesus, mas **não praticavam nada do que Ele ensinou**. É isto que está no texto.

Uma abordagem do ***Evangelho Segundo o Espiritismo***, capítulo XVIII – itens 8 e 9, sendo que esta citação vem a esclarecer o que temos dito:

**8. Aquele que violar um destes menores mandamentos e que ensinar os homens a violá-los, será considerado como último no reino dos céus; mas, será grande no reino dos céus aquele que os cumprir e ensinar.** – (S. MATEUS, cap. V, v.19.)

**9. Todos os que reconhecem a missão de Jesus dizem: Senhor! Senhor! - Mas, de que serve lhe chamarem Mestre ou Senhor, se não lhe seguem os preceitos? Serão cristãos os que o honram com exteriores atos de devoção e, ao mesmo tempo, sacrificam ao orgulho, ao egoísmo, à cupidez e a todas as suas paixões? Serão seus discípulos os que passam os dias em oração e não se mostram nem melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com seus semelhantes? Não, porquanto, do mesmo modo que os fariseus, eles têm a prece nos lábios e não no coração.** Pela forma poderão impor-se aos homens; não,

porém, a Deus. Em vão dirão eles a Jesus: “Senhor! não profetizamos, isto é, não ensinamos em teu nome; não expulsamos em teu nome os demônios; não comemos e bebemos contigo?” **Ele lhes responderá: “Não sei quem sois; afastai-vos de mim, vós que cometeis iniquidades, vós que desmentis com os atos o que dizeis com os lábios, que caluniais o vosso próximo, que espoliais as viúvas e cometeis adultério.** Afastai-vos de mim, vós cujo coração destila ódio e fel, que derramais o sangue dos vossos irmãos em meu nome, que fazeis corram lágrimas, em vez de secá-las. Para vós, haverá prantos e ranger de dentes, porquanto o reino de Deus é para os que são brandos, humildes e caridosos. Não espereis dobrar a justiça do Senhor pela multiplicidade das vossas palavras e das vossas genuflexões. O caminho único que vos está aberto, para achardes graça perante ele, é o da prática sincera da lei de amor e de caridade.”

São eternas as palavras de Jesus, porque são a verdade. Constituem não só a salvaguarda da vida celeste, mas também o penhor da paz, da tranquilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre. Eis por que todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nessas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a rocha. Os homens as conservarão, porque se sentirão felizes nelas. As que, porém, forem uma violação daquelas palavras, serão como a casa edificada na areia. o vento das renovações e o rio do progresso as arrastarão. (KARDEC, A., 2019c, p. 247-248) (grifo nosso).

Vemos que a ideia de que **“a fé sem obras está morta”** está suficientemente embasada, o que nos conduz ao fato de que o caráter de julgamento permanece como sendo o mesmo de **“a cada um segundo as suas obras”** e de que não foi provado que **“a cada um será dado segundo a fé”**, sendo esta ideia como ensinamento de Jesus.

O que tentamos realizar foi toda a explanação sobre todos os ensinamentos do Mestre Jesus e a sua importância fundamental em colocar estes mesmos ensinamentos em prática. Sabermos que Jesus afirma que podemos fazer essas mesmas obras e até maiores. Com

isso, nos dá a certeza de que as obras que fazemos serão também para cumprir a vontade de Deus. Mas quais são as obras de Jesus? No tempo que passou junto de nós, curou os enfermos, deu vista a cegos, curou os paráliticos, libertou pessoas de espíritos maus, enfim somente obras de amor, o amor operante de que já falamos por várias vezes. Em consonância com esta nossa abordagem, citamos:

*Não crês tu que eu estou no Pai, e que o Pai está em mim? As palavras que eu vos digo não as digo de mim mesmo, mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras. Crede-me que estou no Pai, e o Pai em mim; **crede-me, ao menos, por causa das mesmas obras.** Na verdade, na verdade vos digo que **aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço, e as fará maiores do que estas, porque eu vou para meu Pai.** (Jo 14:10-12).*

Finalizando esta análise, para os que aceitam a graça pela fé apenas: “já é salvo: **‘Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama; e aquele que me ama será amado de meu Pai, e eu o amarei, e me manifestarei a ele’.** E assim eles comentam que crer em Cristo em primeiro lugar, pois quem crê o ama, não há como crer em alguém sem amá-lo ou amá-lo sem crer e, como consequência, cumpre seus mandamentos, exteriorizando pelas obras que fazemos a Deus e ao próximo.” Todavia, é preciso ter e guardar os Seus mandamentos, já que é preciso colocá-los em prática, pois, sem a prática, não haverá como ser recompensado e muito menos como receber o galardão (Mt 25:31-46). Destarte, há evidências demais para **fundamentarmos** que “**a fé sem obras está morta**” e citaremos inúmeros outros exemplos que corroboram esta tese de que “**A cada um segundo as suas obras**”, conforme abaixo:

***Pois retribui ao homem segundo as suas obras e faz que a cada um toque segundo o seu caminho.** (Jó 34:11)*

***Paga-lhes segundo as suas obras, segundo a malícia dos seus atos; dá-lhes conforme a obra de suas mãos, retribui-lhes o que merecem.** (Sl 28:4)*

*e a ti, Senhor, pertence a graça, pois **a cada um retribuis***

**segundo as suas obras.** (Sl 62:12)

*Se disseres: Não o soubemos, não o perceberá aquele que pesa os corações? Não o saberá aquele que atenta para a tua alma? **E não pagará ele ao homem segundo as suas obras?** (Pv 24:12)*

*O Senhor também com Judá tem contenda e castigará Jacó segundo o seu proceder; **segundo as suas obras, o recompensará.** (Os 12:2)*

*Alexandre, o latoeiro, causou-me muitos males; **o Senhor lhe dará a paga segundo as suas obras.** (II Tm 4:14)*

*Dai-lhe em retribuição como também ela retribuiu, **pagai-lhe em dobro segundo as suas obras** e, no cálice em que ela misturou bebidas, misturai dobrado para ela. (Ap 18:6)*

*Vi também os mortos, os grandes e os pequenos, postos em pé diante do trono. Então, se abriram livros. Ainda outro livro, o Livro da Vida, foi aberto. **E os mortos foram julgados, segundo as suas obras, conforme o que se achava escrito nos livros.** (Ap 20:12)*

*Deu o mar os mortos que nele estavam. A morte e o além entregaram os mortos que neles havia. **E foram julgados, um por um, segundo as suas obras.** (Ap 20:13)*

*E eis que venho sem demora, e **comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras.** (Ap 22:12)*

### **3.14. O pensamento de Paulo e o combate ao farisaísmo**

Neste tópico, entraremos neste quesito do combate de Paulo ao farisaísmo e aos fariseus, sacerdotes, saduceus, dentre outros judeus que davam muito mais importância à prática da forma da legalidade judaica do que o fundo da prática do “amor ao próximo”, ou seja, praticavam todas as liturgias religiosas de seu tempo, mas não colocavam os ensinamentos primordiais em prática.

Partindo desta premissa, será necessário adentrar em alguns comentários dos que aceitam a graça pela fé apenas e intercalar os comentários acerca desta nossa tese do combate de Paulo a este comportamento farisaico e hipócrita de sua época, sendo ele até mesmo um fariseu que combateu os cristãos primitivos, perseguindo-os e até mesmo tirando-lhes a vida, a exemplo de Estevão que morreu aos seus pés. Paulo recebeu primorosos ensinamentos de Gamaliel, assim como há registros nos livros dos Atos dos Apóstolos.

Ademais, quando defendemos a tese da “fé cega”, não é como uma ofensa, ou como se a fé fosse algo que precisasse ser provada, ou ainda como se não acreditássemos na mensagem de Jesus e muito menos nos ensinamentos de seus Apóstolos, mas para verificarmos o público-alvo de cada ensinamento pregado, por cada um destes porta-vozes de Jesus, com o exame circunstanciado de cada citação e o veredicto de que, a partir desta análise, chegaríamos à **“fé inabalável que é capaz de encarar face a face, a razão por todas as eras da Humanidade”**, parafraseando Kardec, nos apresentando uma certeza de que só a partir da pesquisa atenta e abrangente, nos aproximamos da realidade dos fatos e, por conseguinte da verdade. Neste intento, chegaríamos a ver com os olhos de ver e testificar o que corroboramos de que **“a fé sem obras está morta”** e do caráter de julgamento ser **“a cada um segundo as suas obras”**.

Os que aceitam a graça pela fé apenas citam I Ts 1:2-3, sendo o primeiro verso que cita o próprio apóstolo Paulo, Silvano, Timóteo e à Igreja de Tessalônica como todos estes salvos. Ou seja, na visão dos que aceitam a graça pela fé apenas, “o apóstolo se alegra pela ‘obra da fé’, ‘trabalho do amor’ dos salvos que ali congregavam que mostravam a consequência de sua fé”. Todavia, o apóstolo Paulo lembrava-se em suas orações sem cessar **da obra da vossa fé, do trabalho do amor**, dos que congregavam em Tessalônica e a fé dava frutos nesta congregação, através da abnegação das obras de amor ao próximo que eles realizavam. Tão logo, vemos o princípio de que **a fé sem obras é morta**, pois se mostrava a fé, através das boas obras, pois **eram lembrados pelas obras de amor ao próximo e não pela fé somente**.



Partindo desta premissa, os que aceitam a graça pela fé apenas alegam que Paulo se dirigiu aos que eram cristãos. Todavia, nem todos os cristãos que dizem Senhor, Senhor, entrarão no reino. Ou seja, ter apenas a fé sem a prática não garante a salvação e conscientização, pois é preciso que aquele **que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente que edificou a casa sobre a rocha.** (Mt 7:22-24). Destarte, faz-se necessário crer e praticar as boas obras.

Sobre o texto de **II Cor 5:10**, esta passagem é aventada pelos que aceitam a graça pela fé apenas que todos os cristãos estão **reconciliados** por Cristo e por este motivo vão comparecer ao tribunal de Cristo não para a receberem pelas obras do bem que tiverem feito, mas para o que então? Não vemos esta resposta. Segundo os que aceitam a graça pela fé apenas, quando Paulo diz que cada um receberá “segundo suas obras”, esta vem a ser apenas uma exortação. Ora, se é uma exortação, é para que sejam seguidas e praticadas as boas obras, já que segundo Paulo, o objeto do juízo é para que **cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal.** Se cada um receberá a recompensa por algo que realizar de bem ou mal, certo é que todos os que praticarem o mal não terão uma boa recompensa. Ademais, se os que aceitam a graça pela fé apenas consideram que das obras que fizemos como já salvos é que nos será recompensado pelo que tiver **praticado de mal**, certamente não é porque já está salvo, mas pelo simples fato de haver transgredido algum mandamento divino que teremos que o resgatar. Assim sendo, a tão alegada fé, se não tiver boas obras, certamente está morta e nada produz. A inércia desta mesma fé pode levar a **prática do mal.**

No texto de **GI 2:16**, alegam os que aceitam a graça pela fé apenas que nossos comentários têm a finalidade de justificar as obras da lei mencionadas por Paulo e que estas são obras da lei de Moisés e de Deus respectivamente. Mais adiante, no tópico posterior, analisaremos os comentários desses que aceitam a graça pela fé apenas acerca do entendimento dele sobre os textos do Paulo Neto e o L. Palhano Jr. Todavia, ainda alega o opositor que “seria interessante observar que Paulo não fala apenas das obras ‘da lei’ como ineficazes para a Salvação, mas de obras como um todo” e com isso vem a citar

as passagens de II Tm 1:9 e Tt 3:4-7. Com efeito, Paulo traz inúmeras advertências a estes discípulos, exortando-os:

***Porque o amor do dinheiro é raiz de todos os males; e alguns, nessa cobiça, se desviaram da fé e a si mesmos se atormentaram com muitas dores. (I Tm 6:10).***

Assim sendo, se o egoísmo, o orgulho e a cobiça é a raiz de todo o mal, a prática das boas obras é o que nos leva ao oposto e que está proposto nos ensinamentos de Jesus e do mesmo foi apresentado por Paulo, já que o mandamento é:

*pratique o bem, **sejam ricos de boas obras**, generosos em dar e prontos a repartir; que acumulem para si mesmos tesouros, sólido fundamento para o futuro, **a fim de se apoderarem da verdadeira vida.** (I Tm 6:18-19).*

A verdadeira vida é esta, crer em Jesus e principalmente praticar os seus ensinamentos, já que **“a cada um será dado segundo as suas obras”**. Defendem os que aceitam a graça pela fé apenas que: “sendo justificados pela sua graça”, sendo esta graça a oportunidade de viver os ensinamentos morais de Jesus, irretocáveis e persuadidos à prática das boas obras de “amar ao próximo como a nós mesmos”, ao qual fomos preparados para andar nelas, evidenciadas no Evangelho, entendemos que:

*Fiel é esta palavra, e quero que, no tocante a estas coisas, faça afirmação, confiadamente, **para que os que têm crido em Deus sejam solícitos na prática de boas obras. Estas coisas são excelentes e proveitosas aos homens.** (Tt 3:8).*

Ademais:

*Agora, quanto aos nossos, que **aprendam também a distinguir-se nas boas obras a favor dos necessitados**, para não se tornarem infrutíferos (Tt 3:8).*

Como comentamos, a graça do Mestre consiste em nos dar a oportunidade de ouvir e crer em Seus ensinamentos e principalmente

colocá-los em prática, já que **a fé sem obras está morta**, a fim de não se tornarem infrutíferos, segundo os apóstolos Paulo, Tiago e o Mestre Jesus.

### **3.15. As Obras da Lei e as Boas Obras segundo Paulo**

Partiremos da premissa sobre a visão de Jesus acerca das obras da lei, sendo elas **'rituais', 'festas', 'cerimoniais', 'dogmas', ou quaisquer exigências tais como 'dizimos', guardar os 'sábados' e coisas deste tipo**. Acreditamos que sobre os fundamentos lançados pelo Mestre, objetivaremos chegar à distinção de Paulo sobre as obras da lei e boas obras.

Dos dois grandes mandamentos, segundo Jesus, dependem a Lei e os Profetas e estes nos dão a mérito e demérito sobre o nosso galardão, tão logo praticarmos estes dois maiores mandamentos, o que seria imprescindível, a fim de atingirmos a plenitude de nossa consciência e, por conseguinte, a nossa salvação. Segundo Jesus, estes dois grandes mandamentos estavam na Torah, mas não eram praticados, tanto que após a citação da passagem de Mt 22:36-40, Jesus faz uma série de advertências, as quais estão registradas em Mt 22:41-46; 23:1-39. Não citaremos todas as passagens por ser desnecessário, mas comentaremos pontos importantes, a fim de definirmos as advertências de Jesus sobre obras da legalidade judaica, sendo estas baseadas nas credenciais e rituais da fé e não na prática da essência da Torah.

1ª Advertência – *Então falou Jesus às multidões e aos seus discípulos, dizendo: Na cadeira de Moisés se assentam os escribas e fariseus. **Portanto, tudo o que vos disserem, isso fazei e observai; mas não façais conforme as suas obras; porque dizem e não praticam.*** (Mt 23:1-3). Ou seja, eram hipócritas em pregar, pois não praticavam nada do que diziam.

2ª Advertência – *Todas as suas obras eles fazem a fim de **serem vistos pelos homens**; pois alargam os seus filactérios, e aumentam as franjas dos seus mantos;* (Mt 23:5). Davam mais importância às exterioridades do que à prática da essência da Torá.

3ª Advertência – ***gostam do primeiro lugar nos banquetes, das primeiras cadeiras nas sinagogas, das saudações nas praças, e de serem chamados pelos homens: Rabi.*** (Mt 23:6-7). Davam muita importância ao fato de serem reconhecidos pelos homens com título de justos, mas negavam a humildade de servir, sem serem notados por homens.

4ª Advertência – ***Mas ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque fechais aos homens o reino dos céus; pois nem vós entraís, nem aos que entrariam permitis entrar. [Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque devorais as casas das viúvas e sob pretexto fazeis longas orações; por isso receberéis maior condenação].*** (Mt 23:13-14) Muitas palavras e poucas atitudes.

5ª Advertência – ***Fariseu cego! limpa primeiro o interior do copo, para que também o exterior se torne limpo. Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas! porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas por dentro estão cheios de ossos e de toda imundícia.*** (Mt 23:26-27). Adornavam a aparência de justos, mas não praticavam a essência da Torah, dando uma maior importância às exterioridades das liturgias religiosas e os prosélitos dos homens.

6ª Advertência – ***Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.*** (Mt 23:28). É o que temos afirmado os que se acham justos aos próprios olhos não têm este comportamento de sempre tecerem julgamentos sobre todas as pessoas e demais crenças, que parecem justos aos olhos dos homens, se consideram filhos de Deus e salvos, mas, em seu interior são como sepulcros caiados pela hipocrisia de pregarem aquilo que não praticam.

Esta é a definição de Paulo, sobre estas exterioridades da Lei Mosaica que ele combatia tão veementemente. Jesus também lutava contra este comportamento farisaico, contra a hipocrisia dos que observavam a Lei, mas não praticavam a essência da Torah, que era em **“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si**

**mesmo**". Paulo não poderia descartar estes dois grandes mandamentos em detrimento da fé como meio exclusivo de se chegar ao Pai, numa passagem isolada de Efésios em detrimento do restante das Escrituras que dizem repetidamente "**A cada um segundo as suas obras**", e inclusive ratificado por Jesus.

Conforme foi esclarecido acima de como eram estas obras da lei que tanto foram combatidos por Jesus e, por conseguinte, através de Paulo, entendo que o Paulo Neto, quando cita o Palhano Jr, este se baseia em **fontes não espíritas** para corroborar o que temos dito e que eles desenvolveram. Antes de adentrar sobre tal assunto, acerca do tema debatido sobre a "lei de Moisés, lei de Deus, cumprimento da lei".

Ademais, seria interessante reprisar as fontes citadas pelo autor Palhano Jr em sua obra "**Aos Gálatas – A Carta da Redenção**", onde este diz:

"Para compreendermos melhor o texto acima, é preciso meditar e entrar no verdadeiro significado das expressões: 'justificado', 'obras da lei', 'fé' e 'carne'. É o que pretendemos fazer a seguir. O verbo empregado na epístola para justificado é **dikaicó**, característico de Paulo e tão empregado por ele, que é preciso entendê-lo de modo correto. Na margem da **Revised Standard Version of Bible**, o termo é traduzido como 'tido por justo', isto é, considerado justo ou aprovado aos olhos de Deus; e o ponto a ser decidido era a maneira pela qual o indivíduo alcançaria uma posição aceitável diante de Deus (Guthrie, D. **Gálatas, introdução e comentários**, São Paulo, Vida Nova, 1984, p. 107)".

"Vamos agora à expressão 'obras da lei'. Talvez devêssemos fazer aqui um parêntese para um estudo pormenorizado sobre essa expressão, mas não o faremos; acrescentá-lo-emos mais tarde ou em um apêndice. A expressão grega **ex ergon nomou** tem sido traduzida para o português como 'pelas obras da lei', contudo pela proposta de Tenney (Tenney, M. C. **Galatian: the charter of christian liberty**. Michigan, Eerdmans Publishing, 1950, p. 194), uma **tradução mais exata** seria '**por obras legais**', isso porque a palavra 'lei' foi usada sem o artigo definido, principalmente em certas frases

escolhidas que transmitem significações especializadas. A ausência do artigo usualmente significa que a qualidade do conceito escolhido é salientado em lugar da sua identidade, embora em Gálatas e em outras epístolas, Paulo se refira à 'lei mosaica' como a principal concretização do conceito. Em Robertson (Robertson's, A. T. **A grammar of the greek new Testament in the light of historical research**, 3ª edição. New York, George H. Doran Co. 1919, p. 796) (...)'.

A lei compreendia toda ela aos Judeus, todavia, ao que se refere Paulo acerca das “**por obras legais**”, segundo A expressão grega **ex ergon nomou** proposta de Tenney (Tenney, M. C. **Galatian: the charter of christian liberty**. Michigan, Eerdmans Publishing, 1950, p. 194). Este é o entendimento esclarecido acima de como era visto por Jesus e como foi combatido por ambos, tanto pelo Mestre, como por Paulo.

Todavia, os contraditores nos apresentam alguns exemplos, como em uma analogia as “obras da lei” a que Paulo se refere são as obras de todas as leis anunciadas no VT, conforme abaixo:

**1** – Neste primeiro ponto, os que aceitam a graça pela fé apenas abordam que em **Nm 8:1-3; 8 e 14-18**, Esdras refere-se que “**a mesma Lei** é chamada ora de Lei de Deus ora de Lei de Moisés, indistintamente”. Assim sendo, toda a reprovação de Paulo está sobre o quesito de obras no sentido da legalidade judaizante para angariar a recompensa, já que por meio da fé e prática dos ensinamentos de Jesus é que seriam suficientes para a justificação.

Nesta citação de Esdras, encontramos em Lv 23:33-36; 39-43; Dt 16:13-15. Mediante as referências, encontramos uma lei estabelecida com preceitos para “**A Festa dos Tabernáculos**”. Certamente que esta obra da legalidade religiosa se tornou mais importante do que a prática dos ensinamentos do Mestre com o passar dos séculos. Por este motivo que, tanto Jesus como Paulo combatiam estes comportamentos farisaicos. Ou seja, alguém aqui pratica esta legalidade religiosa que é uma lei divina, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas? Cremos que não, e por este motivo que salientamos a prática do

Evangelho.

2 – Já em **Gl 3:10**, os que aceitam a graça pela fé apenas enfatizam que nesta citação lemos que: “*Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei para fazê-las*”, e este vem a classificar como “numa clara citação a Dt 27:26, que enumera “**obras da lei**” tanto as cerimoniais como a parte integrante dos 10 mandamentos”. Ao examinarmos o texto aludido, chegamos ao seguinte parecer. Primeiro, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas, as obras da lei são todas as obras a que se refere Paulo, entretanto se não há nenhuma diferenciação de boas obras como as obras da lei, este argumento se **autopulveriza** em dois aspectos, pois, nos versos posteriores da passagem aventada, lemos:

*E é evidente que, **pela lei, ninguém é justificado diante de Deus**, porque o justo viverá pela fé. Ora, **a lei não procede de fé**, mas: *Aquele que observar os seus preceitos por eles viverá.* (Gl 3:11-12).*

Após este esclarecimento, vemos que o defensor da graça se encontra em dois dilemas.

a) Se para os que aceitam a graça pela fé apenas, as “boas obras” e “obras da lei” são a mesma coisa, temos no texto acima que **pela lei, ninguém é justificado diante de Deus** e que em Tiago lemos: *Verificais que **uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente*** (Tg 2:24). Se Paulo se refere às legalidades religiosas e Tiago das boas obras, o problema está resolvido, mas se os que aceitam a graça pela fé apenas sustentarem a sua tese de não separar o trigo do joio, eles anulam em sua interpretação um desses textos confrontados e controversos.

b) Outro dilema em que estão os que aceitam a graça pela fé apenas com a sua linha de argumentação, é que se **a lei não procede de fé**, essas mesmas obras não procedem da fé, tão logo a fé não seria a causa e as obras nem muito menos seriam a consequência. Porém, se é acerca das legalidades religiosas que Paulo se refere e não as obras da lei como um todo, tão logo teremos sanado o problema, pois

## as boas obras procedem da fé que sem elas é morta.

3 – Os que aceitam a graça pela fé apenas encerram dizendo que em **Mc 7:10**, “Jesus declara: *‘Porque Moisés disse: Honra a teu pai e a tua mãe.’*” E ainda, segundo eles: “Jesus coloca este mandamento a ser observado como lei de Moisés e, portanto, esta também seria uma ‘obra da lei’ de Moisés”. Quem declara este mandamento (**Ex 20:12**)? Certamente não foi Moisés, mas por meio dele que nos foi passado, pois este declara uma legalidade religiosa, como uma lei disciplinar na **passagem do mesmo verso** que foi suprimida,

***e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. (Dt 5:16; Ex 21:17; Lv 20:9)***

Nesta citação do sétimo capítulo do evangelho de Marcos, Jesus enfatiza a tradição dos anciãos por darem mais valor as suas tradições religiosas, rejeitando os mandamentos divinos (Mc 7: 1-9). Há a inferência que não é o que está fora do homem que o contamina, mas o que está dentro dele que o faz, sendo estes os sentimentos de hipocrisia, rancor, mágoa, ódio, orgulho, egoísmo e não um demônio externo.

Portanto, ao fim destes três pequenos exemplos mal compreendidos, dentre outros mais que trouxemos, estes são suficientes para esvaziar a afirmação de que Paulo se referia as “boas obras” e “obras da lei” como um todo. Ademais, o pensamento e atitude de Paulo era a de que ele estava se referindo, não a que o indivíduo ‘não seria justificado por suas obras, mas sim, não seria justificado pelas obras da legalidade religiosa’, ou através das “obras da lei”.

Com efeito, cremos que ter fé, só por ter de nada adianta, já que **a fé sem obras está morta**, porém, para os que aceitam a graça pela fé apenas, o apóstolo “Paulo ensina outra coisa, que as obras, sem a fé, não salvam ninguém”. E **onde que há efeito sem causa?** Não há a possibilidade de existirem as “boas obras” que, sendo de amor ao próximo possam ser diferenciadas das mesmas “boas obras” universais de amor ao próximo. Seria como tentar condenar alguém que pratica esta lei de **“amor ao próximo”**, sendo que todos que as praticam serão



os justos e **os injustos serão todos aqueles que não as praticam**. Esta será a diferença entre justos e injustos.

Referente ao texto de **Gl 5:4-6** foi esclarecido no texto em análise, e conforme Paulo, este diz que **Separados estais de Cristo, vós os que vos justificais pela lei; da graça decaístes.** (v. 4). Mais adiante, o apóstolo Paulo identifica qual era tal preceito religioso da lei de Moisés que ainda vigorava e que não justificava, tal como:

*Nós, entretanto, pelo Espírito aguardamos a esperança da justiça que provém da fé. Porque em Cristo Jesus **nem a circuncisão nem a incircuncisão vale coisa alguma; mas sim a fé que opera pelo amor.*** (vv. 5-6).

Quando Paulo fala que **a fé que opera pelo amor**. Não que ele queria dizer que a fé opera o amor, mas que a fé é operada pelo amor, ou seja, através do amor das boas obras que exemplificam o **“amor ao próximo”** e que exprimem o princípio de que **“a fé sem obras está morta”** de que o amor que faz a fé operante. Caso contrário, a fé é morta!

Mais adiante, quando os que aceitam a graça pela fé apenas comentam o texto de **Gl 5:14**, eles dizem que nos contradizemos textualmente, pois nesta pequena passagem, tenta o proponente passar a impressão de que ao afirmar Jesus o **“Amarás ao teu próximo como a ti mesmo”**, **“faz parte do mesmo mandamento** que ele um pouco mais acima chamou de **‘obras da lei de Moisés’**, especificamente em (Lv 19:18)”. E onde foi que afirmamos que o mandamento de **“Amar o próximo como a nós mesmos”** é sobre as obras da legalidade religiosa? Esclarecemos que tais obras da lei eram aventadas pelos judaizantes, conforme o próprio apóstolo Paulo que nos diz:

*Mas, se sois guiados pelo Espírito, **não estais debaixo da lei.*** (v. 18 do mesmo capítulo).

Estranho incitarmos que pelo espírito está acima da lei de **“Amar a Deus sobre todas as coisas e Amar ao próximo como a si mesmo”**. É claro e evidente que é sobre a legalidade religiosa a que ele se refere de

que:

*Separados estais de Cristo, **vós os que vos justificais pela lei**; da graça decaístes. (v. 4 do mesmo capítulo).*

Neste caso, Paulo exemplifica como sendo o preceito judaico da circuncisão, onde reza a pregação de Paulo neste ponto, recomendando que... **pelo amor servi-vos uns aos outros** (v. 13).

Adentrando no texto de **Gl 6:2** segundo os que aceitam a graça pela fé apenas esta passagem não “passa de exortações aos já salvos, integrantes da igreja na Galácia, alvo das cartas do apóstolo”. Todavia, quando os que aceitam a graça pela fé apenas não veem brechas para sobrepor a fé, como o simples acreditar fosse o suficiente, diz-nos que esta epístola era dedicada aos já salvos e, segundo Paulo, **Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo**. Cumprir a lei de Cristo é para com todos, pois Jesus não instituiu o “amar ao próximo como a si mesmo” como sendo o que acreditassem Nele, mas principalmente por aqueles que os perseguiam, caluniavam e odiavam-nos. Esta é a **lei de Cristo** e a sua prática é universal. (**Mt 25: 31-46**). O apóstolo Paulo nos dá ainda uma pista desta lei:

*Então, enquanto temos oportunidade, **façamos bem a TODOS**, mas principalmente aos domésticos da fé. (v. 10 do mesmo capítulo).*

Um entendimento paralelo a inferência de Paulo em realizarmos o ato de amor ao próximo, principalmente por aqueles que são domésticos da fé, é simplesmente pelo fato de, parafraseando Emmanuel que “*amem os que estão ao seu lado, pois se não formos capazes de amarmos e suportamos as cargas dos que nos rodeiam, muito menos faríamos pelos que estão foram de nosso dia a dia*”.

Tentando ainda nos apresentar outro entendimento ao texto em análise, os que aceitam a graça pela fé apenas nos remetem “a lei da sementeira como que Paulo, aqui em Gálatas, simplesmente aplica a mesma parábola contada por Jesus em Mt 13, pois quem conhece a lei da sementeira sabe que, apenas os que germinarem permanecerão”.

Após esta sugestão dos que aceitam a graça pela fé apenas, ao contrário de querer dar o braço a torcer pelo que realmente está implícito no texto, prefere levá-lo a uma parábola que não tem nada a ver com o contexto de tal passagem que reprisamos:

***Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção; mas o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna. E não nos cansemos de fazer bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido. (Gl 6:7-9).***

O próprio apóstolo Paulo nos dá a entender anteriormente a esta citação, nesta mesma epístola que **o que semeia na sua carne, da carne ceifará a corrupção**. Ou seja, os que praticam:

*Ora as obras da carne são manifestas, as quais são: a prostituição, a impureza, a lascívia, a idolatria, a feitiçaria, as inimizades, as contendas, os ciúmes, as iras, as facções, as dissensões, os partidos, as invejas, as bebedices, as orgias, e coisas semelhantes a estas, contra as quais vos previno, como já antes vos preveni, que os que tais coisas praticam não herdarão o reino de Deus. (Gl 5:19-21).*

E os que praticam as atitudes de “amor ao próximo”, sendo:

*o que semeia no Espírito, do Espírito ceifará a vida eterna como o fruto do Espírito é: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão, o domínio próprio; contra estas coisas não há lei. (Gl 5:22-23).*

Por este motivo o outro Paulo (o Neto) apresentou uma análise mais sólida, quando disse que **É o que chamamos de Lei de Ação e Reação, vulgarmente denominada Carma. Não há como se iludir, tudo o que fizermos voltará contra nós ou a nosso favor. Se semearmos ódio, colheremos exatamente o ódio, se ao contrário, plantarmos amor; ceifaremos amor. Por isso, Paulo adverte para não nos cansarmos de fazer o bem, pois na colheita é isso que colheremos**. Querer apontar em

outra direção é não querer ao menos explicar sobre o que diz o texto, tão claramente.

Deparamos com a análise sobre o texto de **Rm 2:5-8; 9-11 e 13**. O primeiro paradigma que nos compete quebrar, é que segundo os que aceitam a graça pela fé apenas dizemos que “Paulo ensina que ninguém será salvo por praticar as ‘obras da lei’ como se os ensinamentos do apóstolo se referissem às da lei de Moisés”. Esclarecemos que o caráter de julgamento que o Paulo (apóstolo) instituiu, como sendo o **juízo de Deus; o qual recompensará cada um segundo as suas obras**. Assim, fica claro que os que aceitam a graça pela fé apenas começaram ignorando este fundamento.

Segundo, para Deus não há distinção entre as demais pessoas, já que todos são iguais perante Ele e a Sua lei, bem como nos diz Paulo: **glória, porém, e honra e paz a qualquer que pratica o bem; primeiramente ao judeu e também ao grego; porque, para com Deus, não há aceitação de pessoas**. Ademais, faltou aos que aceitam a graça pela fé apenas dizer neste texto que Paulo se referia aos de mesma fé como vinha afirmando, porém, vemos que para Deus, não há aceitação de pessoas. Ou seja, nenhum comentário, pois as pessoas se referem à humanidade.

Concluem os que aceitam a graça pela fé apenas que “as obras a que Paulo, o apóstolo, se refere são, exatamente, **obras da lei de Moisés**”. Enfim, para os que aceitam a graça pela fé apenas “o apóstolo Paulo afirma, no contexto, versículos 14 e 15: *porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem por natureza as coisas da lei, eles, embora não tendo lei, para si mesmos são lei, pois mostram a obra da lei escrita em seus corações, testificando juntamente a sua consciência e os seus pensamentos, quer acusando-os, quer defendendo-os*”.

O que apresenta o apóstolo Paulo é justamente a prática da lei encontrada nos oráculos mais adiante, assim como mais importante quem as pratica, do que os que apenas creem, bem como podemos verificar:

*Mas se tu és chamado judeu, e repousas na lei, e te glorias*

*em Deus; e conheces a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído na lei; e confias que és guia dos cegos, luz dos que estão em trevas, instruidor dos néscios, mestre de crianças, que tens na lei a forma da ciência e da verdade; tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pegas que não se deve furtar, furtas? Tu, que dizes que não se deve cometer adultério, adúlteras? Tu, que abominas os ídolos, roubas os templos? Tu, que te glórias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Assim pois, por vossa causa, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios, como está escrito. Porque a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se guardares a lei; mas se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão tem-se tornado em incircuncisão. Se, pois, a incircuncisão guardar os preceitos da lei, porventura a incircuncisão não será reputada como circuncisão? E a incircuncisão que por natureza o é, se cumpre a lei, julgará a ti, que com a letra e a circuncisão és transgressor da lei. Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu aquele que o é interiormente, e circuncisão é a do coração, no espírito, e não na letra; cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus. (Rm 2 17-29).*

Ou seja, Paulo combate a hipocrisia farisaica, assim como Jesus o fizera e ficou comprovado no princípio deste tópico, em nossa introdução. E como se pratica a Lei e os Profetas? **“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo com a si mesmo”** tal é a lei. Agora, dizer que erramos em identificar o combate do apóstolo Paulo em relação ao farisaísmo, é inverter o ônus da prova e querer mostrar o oposto do que os textos não apresentam como sendo ambas as mesmas coisas as “obras da legalidade religiosa” com “as boas obras”.

Partindo desta epístola, analisaremos **Rm 3:21-28** e chegamos ao princípio de que **a fé sem obras está morta** mais uma vez. Entretanto, entendemos que por não comentar nada do que há no texto pelos que aceitam a graça pela fé apenas, ratificamos que todos os que procuravam a justiça de Deus **pela fé em Jesus Cristo**, vemos **que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei**. Agora, o grande dilema em que se encontram os que aceitam a graça pela fé apenas, pois se para ele as “obras da lei” e “boas obras” são a mesma coisa,

vemos que **a fé sem obras não está morta** e inverte até mesmo a proposta deste estudo de que **“a fé sem obras está morta”**. Nem é preciso dizer quem está se contradizendo, já que está mais claro do que a alva.

Fica evidente em tal texto, segundo o apóstolo Paulo, o homem é justificado pela fé sem as obras da lei, está querendo dizer que o homem se torna justo ao aderir ao evangelho de Jesus, não sendo mais necessário cumprir as “obras da Lei”, ou seja, a legislação mosaica, assim como a circuncisão, por exemplo.

Acerca da passagem de **Rm 8:28-30**, entendemos que:

*“O projeto eterno de Deus é predestinar, chamar, tornar justo e glorificar a cada um e a todos os homens, fazendo com que todos se tornem imagem do seu Filho e reúnam como a grande família de Deus. O projeto não exclui ninguém. Mas o homem é livre: pode aceitar ou recusar tal projeto, pode escolher a vida ou a morte, salvar-se ou condenar-se” (Bíblia Sagrada, Ed. Pastoral, em nota de rodapé).*

Pela vontade de Deus todos nós estaremos um dia na mesma evolução que Jesus. Seremos justificados em Jesus, quando aplicarmos, no dia a dia, os seus ensinamentos sintetizados no amor incondicional. Sobre o texto de **Rm 10:4-13**, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas “é mais do que claro de como o ensino da fé para a salvação é tema contínuo das cartas de Paulo”. É claro que se apegarmos isoladamente a poucos versos que pregam a salvação pela fé em Jesus, acima das “obras da lei” como já explanamos amplamente neste tópico. Paulo citando *“Isaías ousou dizer: **Fui achado pelos que não me buscavam, manifestei-me aos que por mim não perguntavam.** (Rm 20:20)”* e ainda que aos que foram apresentados à verdade *“Quanto a Israel, porém, diz: **Todo o dia estendi as minhas mãos a um povo rebelde e contradizente.** (Rm 20:21)”*.

Ainda sobre tal epístola, mas sobre a passagem de **Rm 13:8-11**, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas “apenas prova o ensino de que primeiro vem a fé para a Salvação e, depois, as obras como

resultado da fé”. Como sempre, aventa-se ao texto que a fé é para a salvação, segundo o contexto de Paulo, este apóstolo afirma que **ameis uns aos outros** que é segundo a essência do ensinamento de Jesus, ainda que convergindo o ensinamento entre ambos, temos que **Amarás ao teu próximo como a ti mesmo**. Ou seja, em consonância com o que foi amplamente versado neste estudo e no que há no Evangelho é que **De sorte que o cumprimento da lei é o amor**. Tendo em vista tal fundamento, entendemos que realmente aceitar a fé seja o começo, mas não um fim, **porque a nossa salvação está agora mais perto de nós do que quando aceitamos a fé**. Certamente, se a fé fosse mais importante do que a prática das boas obras de **“amor ao próximo”**, porém, sabemos que **a nossa salvação** está mais próxima pela prática do **“amor ao próximo”** do que **quando aceitamos a fé**. Ter a fé apenas, ainda nos mantém inoperantes, necessário é praticar o Evangelho para nos aproximarmos da salvação, segundo Paulo e principalmente como disse Jesus (Mt 25:31-46).

Sobre a passagem de **Ef 1:3-4**, alegam os que aceitam a graça pela fé apenas que “é mais uma exortação aos crentes”. Alegando concordar que devemos nos tornar santo e irrepreensível diante de Cristo em amor, mas segundo os que aceitam a graça pela fé apenas “isto não é para a salvação e, sim, demonstrar para o que fomos predestinados (v. 5), nós, crentes, que obtivemos a redenção não por estas obras, mas sim, ...**pelo seu sangue**, a redenção dos nossos delitos” (versículo 7 do **mesmo capítulo** de Ef). Todavia, segundo Jesus, será dado **“a cada um segundo as suas obras”**, ao qual não implica no aceite apenas do sacrifício vicário Dele, antes que coloque seus ensinamentos em prática. Destarte, este é o caráter de julgamento e todos que praticam tal lei **para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor** uns para com os outros, através do **“amor ao próximo”**.

Esclareceremos ainda mais amplamente sobre o significado da Transubstanciação, onde entendo que muitos têm colocado o amor **pelo seu sangue** acima da prática de Seus ensinamentos de **“Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo”**. Destarte, eis o perigo de voltar-se a prática de legalidades evangélicas nos dias de hoje, assim como outrora.

No que tange aos textos aludidos de **Col 3:12-14 e 15-17**, no qual o acreditamos que as boas obras sejam apenas para Glorificar a Deus! Mas também, com efeito, **foi pelas obras que a fé se consumou**, (Tg 2:22). Se as boas obras, e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus, certamente não é através da fé que resplandecerá a nossa luz e sim através das nossas boas obras, não para alimentar o nosso orgulho diante dos homens, mas para exortar o Evangelho vivo em nossas atitudes, do contrário, **“a fé sem obras está morta”**.

Finalizando o pensamento de Paulo com o texto de **I Tm 2:1-4**, os que aceitam a graça pela fé apenas explicam exatamente o motivo de fazerem “deprecações, orações, intercessões, e ações de graças, por todos os homens; pelos reis, e por todos os que estão em eminência, para que, além de termos uma vida quieta e sossegada, em toda a piedade e honestidade, as pessoas venham ao pleno conhecimento da verdade e sejam salvos por aquele que se deu a si mesmo em resgate por todos (v. 6 do mesmo capítulo)”. Apenas uma parte suprimida, pois para **Deus nosso Salvador, que quer que todos os homens se salvem, e venham ao conhecimento da verdade**. E outro questionamento que deixamos para meditação: Paulo exorta a Timóteo a praticar boas obras a favor de todos: amor altruísta e se Deus quer que todos os homens se salvem, quem poderá ser contra a vontade de Deus?

Ademais, para efetuar a nossa conclusão ao pensamento de Paulo sobre as “obras da lei”, não sendo estas como um caráter universal de obras. Fica um tanto que claro quando Paulo distinguiu as “obras da lei” pelas “boas obras” de Jesus:

*Porque, sendo livre de todos, fiz-me escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Procedi, para com os judeus, como judeu, a fim de ganhar os judeus; para os que vivem sob o regime da lei, como se eu mesmo assim vivesse, para ganhar os que vivem debaixo da lei, **embora não esteja eu debaixo da lei**. Aos sem lei, como se eu mesmo o fosse, não estando sem lei para com Deus, **mas debaixo da lei de Cristo**, para ganhar os que vivem fora do regime da lei. (I Cor 9:19-21).*



Assim como Paulo deixa claro que não estivesse **debaixo da lei**, representando as obras da legalidade judaizante de sua época, **mas debaixo da lei de Cristo**. Seria estranho Paulo não estar debaixo da lei do “**Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo**”, sendo esta a lei de Jesus. Destarte, Paulo estava debaixo desta lei e não daquela, assim como nos evidencia na parábola dos cabritos e ovelhas já analisadas, evidenciando que “a cada um segundo as suas obras” é o fundamento de julgamento que o mesmo Paulo pregou.

### 3.16. O pensamento de Pedro

Partindo da premissa dos esclarecimentos que realizamos sobre o pensamento de Paulo, separamos o conceito que este apóstolo dava às obras da legalidade judaica e às boas obras de amor ao próximo, pregadas pelo Mestre Jesus. Assim como realizamos as explicações acima, enfatizamos que os que aceitam a graça pela fé apenas afirmaram o pensamento de Paulo voltados apenas a fé que outorga a salvação, entretanto, aponta para uma séria advertência do apóstolo Pedro:

*É o que, aliás, ele ensina em todas as suas cartas. Nelas existem passagens de difícil compreensão; e **existem pessoas ignorantes e inconstantes que lhes deformam o sentido, como aliás o fazem com outras partes das Escrituras, para a sua própria ruína.** (II Pe 3, 26).*

Dizem os que aceitam a graça pela fé apenas que as duas epístolas de Pedro são universais e que são dirigidas aos primeiros cristãos. Não há como negar tal evidência textual, porém, como aos primeiros cristãos que foram dirigidas tais epístolas, este apóstolo não poderia deixar de exortá-los a **prática da caridade** e ratificar o caráter de julgamento, sendo que Deus **julga segundo a obra de cada um**. Mesmo estes primeiros cristãos que alcançaram fé igualmente preciosa na justiça do nosso Deus e salvador Jesus Cristo, porém, vemos que ainda era necessário acrescentar **à vossa fé a virtude** que é **o amor fraternal, e ao amor fraternal a caridade**, provando que a “**fé sem**

**obras está morta**” e que, porventura nada gera, nem muito menos a salvação, já que sem as boas obras, ela é morta. Deixaremos para tratar da Transubstanciação para análise no texto “**Seremos salvos ou temos que nos salvar?**”, subsequente a nossa argumentação sobre **aspersão do sangue de Jesus Cristo e o sangue de Cristo** com o seu real significado simbólico e não literal.

Partindo para a análise dos que aceitam a graça pela fé apenas, acerca do pensamento de Pedro, assim o vemos em escrutínio a passagem de **I Pe 1:17**, com os seguintes comentários de que a expressão “**Deus não faz acepção de pessoas**” não é uma expressão que designe ‘**salvação pelas obras**’, muito pelo contrário, apenas denota que Deus aceita e aceitará a todos aqueles que vierem ao conhecimento de Cristo e O aceitarem como Salvador”. Todavia, tal passagem distorcida pelos que aceitam a graça pela fé apenas não se resume apenas em que “**Deus não faz acepção de pessoas**”. Em sentido de que seja “**salvação pelas obras**”. Ocorre que para Deus todos nós somos iguais perante a sua lei, portanto, todos nós seremos julgados por ela e **segundo a obra de cada um**. Tendo suprimido este princípio de julgamento através das obras, inverteu-se o entendimento, corrompendo o sentido deste caráter de julgamento. Destarte, a passagem prossegue em testificar este princípio:

*E, se invocais por Pai aquele que, **sem acepção de pessoas**, julga **segundo a obra de cada um**, andai em temor, durante o tempo da vossa peregrinação. (I Pe 1:17).*

Após fundamentarmos, segundo Pedro, o caráter de julgamento ser **segundo a obra de cada um**, mesmo não tendo nenhum comentário acerca deste princípio, ainda alegam os que aceitam a graça pela fé apenas que: “segundo o Pedro, este próprio apóstolo ensina, assim como Paulo, a fé para a Salvação, conforme vemos no versículo 5:... que pelo poder de Deus sois guardados, **mediante a fé, para a salvação** que está preparada para se revelar no último tempo; e 9 alcançando o fim da vossa fé, **a salvação das vossas almas**”. Entretanto, fica claro que acreditar em Jesus somente não era suficiente, pois, segundo o Mestre é necessário em colocar todos os Seus ensinamentos em prática através das boas obras de amor ao

próximo, já que **a fé sem obras está morta**, tão logo não poderá gerar a salvação e por este motivo que o Pai **julga segundo a obra de cada um**. Destarte, segundo os que aceitam a graça pela fé apenas, “as obras como resultado desta mesma fé, no versículo 15 do mesmo capítulo: sede vós também santos em todo o vosso procedimento”. Mas a fé sem obras está morta e não havendo este **procedimento** para as boas obras de amor ao próximo, certamente não estará sobre a rocha.

Sobre o texto aludido de **I Pe 3:8-12** e segundo os que aceitam a graça pela fé apenas este “não altera em nada o entendimento fartamente exposto sobre as boas obras como resultado de alguém já salvo”, ou seja, não está implícito a exortação de obras de um já salvo, por que o Pai **julga segundo a obra de cada um**? É pelo simples fato de que qualquer um, crendo ou não em Jesus é capaz de realizar o mal e assim sendo, todos seremos pesados pelas nossas atitudes expressas em nossas obras.

Certamente que se **a fé sem obras está morta**, tão logo, vemos que **todos de um mesmo sentimento, compassivos, amando os irmãos, entranhavelmente misericordiosos e afáveis**, através das obras e não da fé somente. Com efeito, chegamos a conclusão à mesma conclusão de Pedro, de que “A caridade cobre uma multidão de pecados”, é por isso que o lema do Espiritismo é: “*Fora da caridade não há salvação*”.

Para finalizar o pensamento de Pedro, as que aceitam a graça pela fé apenas citam o texto de **II Pe 1:2-10**, onde também acreditamos que é precioso, tanto que realmente é mais uma exortação aos crentes. Se Pedro foi é duro com aqueles que se dizem salvos e não agem como tal como este recomenda:

*E vós também, pondo nisto mesmo toda a diligência, **acrescentai à vossa fé a virtude**, e à virtude a ciência, e à ciência a temperança, e à temperança a paciência, e à paciência a piedade, e à piedade o amor fraternal, e ao amor fraternal a caridade. Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estéreis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. **Pois aquele em***

*quem não há estas coisas é cego, (II Pe 1:2-10)*

Encerram ainda os que aceitam a graça pela fé apenas em salientar que “vendo somente o que está perto, havendo-se esquecido da **purificação dos seus antigos pecados**”, onde infelizmente, distorcem o sentido e não frisaram em enfatizar: “**ociosos e estéreis no conhecimento de Cristo**”. Ou seja, segundo Pedro é necessário acrescentar **à vossa fé a virtude** que é o **amor fraternal a caridade**, já que **a fé sem obras está morta**.

### **3.17. O pensamento de João**

Iniciamos a análise do pensamento de João, com os comentários dos que aceitam a graça pela fé apenas que “a sua primeira carta já mostra a quem são as exortações às boas obras. Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é, o veremos”. Citam ainda os que aceitam a graça pela fé apenas que: “**Se alguém é tido como filho de Deus, como diz João, não ama de palavra, mas de obras e em verdade (I Jo 3:18)**”. Concordamos, pois não somente pela fé, mas ao texto aludido que apresentamos de **I Jo 3:17-18** encontramos que **não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade**. Com efeito, se é através das boas obras que devemos amar verdadeiramente, nem é preciso dizer mais nada, João Evangelista já encerrou o princípio de que **a fé sem obras é morta** e os demais apóstolos e o próprio Jesus institui o caráter de julgamento como sendo “**a cada um segundo as suas obras**”. De tudo isso, não há como fugir.

### **3.18. Considerações Finais**

Caro Leitor, pudemos apresentar-vos e entendemos que conseguimos firmar a tese em bases profundas na pedra angular de que verdadeiramente “**a fé sem obras é morta**”, que o caráter de julgamento é “**a cada um segundo as suas obras**”, e somente se pegarmos versículos isolados de seu contexto, poderemos provar que a fé somente é suficiente. Todavia, faz-se necessário buscar a essência

dos ensinamentos do Mestre e dos demais apóstolos em conjunto de que será através da prática das boas obras de “**amor ao próximo**” que alcançaremos a perfeição e o nosso galardão para com o Pai.

Esta é a conclusão que chegamos, os que aceitam a graça pela fé apenas chegam à seguinte conclusão de que a “fé sem obras é morta, mas apenas as obras não são suficientes para termos a Salvação”. E a fé sem obras é suficiente para angariarmos a salvação? Enfim, o que efetivamente nos salva? A resposta é sintomática: A PRÁTICA DOS ENSINAMENTOS DE JESUS.

Entretanto, ainda encerram os que aceitam a graça pela fé apenas em dizer que: “não adianta pinçar da Bíblia mandamentos de Cristo para que façamos boas obras como se elas nos garantissem a salvação”. E se não praticarmos as boas obras, a nossa fé será viva? Cremos que não, muitos que aceitam a graça pela fé apenas se furtam do direito de fundamentar algo sobre tal ensinamento (Mt 25:31-46), se desviou para o dogma das penas eternas. Resumindo, a fé sem obras está morta, e o que fundamentamos é que seremos julgados pelas obras, e não pela fé. Se sem fé é impossível agradar a Deus, mas se esta fé não tiver as boas obras, será morta. Ou seja, é preciso crer em Jesus, mas só provaremos a nossa crença Nele através de nossas atitudes (boas obras). Assim como nos disse Ele: *Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras.* (Mt 16:27). Não serei eu que vou contestar Jesus, pois estou com Ele e não abro, creio que será dado “a cada um segundo as suas obras”. A separação que haverá, não será através da fé, mas sobre justos e injustos (Mt 25:31-46).

#### 4. A Reencarnação, a Comunicação com os Mortos e as Pesquisas Científicas

*“O após vida existe e nós podemos nos comunicar com aqueles que chamamos de mortos” (Padre François Brune)*

Apresentamos os nossos estudos nos textos *“Analisando Norman Geisler, João Batista é ou não Elias?”*, *“O Diálogo entre Jesus e Nicodemos”*, *“Jesus disse que João Batista era Elias reencarnado”* e *“A Comunicação com os mortos na Bíblia”*. Outrossim, agora resolvemos desbravar outro campo, o da ciência, a fim de que possamos embasar as nossas pesquisas em ambos as ramificações do que a Doutrina Espírita entabulou como a filosofia, moral e ciência, cabendo este estudo a este último braço do Espiritismo.

Citarei ao menos três fontes que corroboram a via transversa da argumentação que reside na unicidade da vida encarnada, das quais a Universidade da Virgínia, no site oficial do Dr. Ian Stevenson, há em sua obra *Children Who Claim to Remember Previous Lives (reincarnation)*, com a abordagem de casos de crianças que tem memorizado as suas vidas passadas e estes casos verídicos foram documentados e catalogados meticulosamente e em fase experimental.

Se a ciência caminhasse para a prova contrária de que não há vida além da vida e a inexistência das vidas passadas, não haveria infindas pesquisas que provam que há a reencarnação através da Terapia de Vidas Passadas, bem como a vida após a vida, abordada em *Apparitions and After-Death Communications*, também do Dr. Ian Stevenson através da The Division of Perceptual Studies (DOPS), formerly the Division of Personality Studies, is a unit of the Department of Psychiatric Medicine at the University of Virginia.

**Fonte:** [Division of Perceptual Studies](#) [14]

O Tradicional Psicoterapeuta Dr. Brian Weiss, publicou o seu livro **Same Soul, Many Bodies** (Mesma alma, vários corpos), onde este aborda a Reencarnação num aspecto científico, juntamente com outros

doutores em sua página oficial.

**Fonte:** <http://www.brianweiss.com/> [15]

A ciência está estudando e se desenvolvendo nas pesquisas, sobre o caso em questão, sendo este o método da TVP e chegando à conclusão de que existe a reencarnação que não é privilégio da Doutrina Espírita, mas uma crença que era pregada muito antes de Cristo e este no-la ensinou no NT, como uma Lei natural (**Jo 3:12**). Na TVP, há o ponto atingido na regressão que é a memória espiritual adquirida nas vidas progressas, onde está gravada a trajetória do espírito. Cito o Dr. Marco Natali, “Vidas Além da Vida” e ele relata seus resultados obtidos com seus pacientes através das Terapias de Vidas Passadas.

A Reencarnação não é uma questão para ser negada ou afirmada, mas, sobretudo, para ser estudada e pesquisada com neutralidade e imparcialidade científica, raciocínio lógico e questionador. Se apresentarem algum estudo científico sério e que é como pedra basilar para que se defenda a tese de uma única vida como espíritos encarnados, poderemos discuti-la, senão nos apresentarem algo é por que a unicidade da vida terrena não tem respaldo bíblico e muito menos científico para ser sustentada.

Hoje em dia, como vimos, a tese da reencarnação passou da esfera religiosa e filosófica para a área da pesquisa científica. Devemos ficar, pois, atentos ao progresso desta pesquisa, com as consequências sem dúvida de grande gravidade que elas poderão trazer à nossa visão de mundo e, conseqüentemente, à forma de como nos comportamos em relação a nós mesmos e a nossos semelhantes. E, como nos falam os Doutores James Fadiman e Robert Frager.

“se há a possibilidade de aceitar o fenômeno, então a possível origem da personalidade e das características físicas pode incluir eventos ou experiências de encarnações anteriores. Tudo o que se pode afirmativamente dizer é que existe uma evidência factual que não pode ser facilmente descartada”  
(**Fadiman & Frager, 1986, p. 176**).

Caro leitor, mais uma vez venho adentrar no campo das

pesquisas científicas e a evolução das mesmas no âmbito da comunicabilidade entre o plano físico e espiritual. Destarte, utilizando-me novamente da ferramenta *Wikipédia*, chegamos a iniciar os comentários acerca do fenômeno conhecido como **transcomunicação instrumental** que diz respeito à detecção de vozes e imagens de origem aparentemente metafísica mediante a utilização de equipamentos eletrônicos como rádio, televisão, telefone e computador.

Seguem os relatos desta enciclopédia virtual:

Segundo seus estudiosos, permitiria entrar em contato com uma dimensão diversa da realidade física propriamente dita, tornando possível ao homem dialogar com entidades inteligentes de origem ignorada, que interagiriam ativamente respondendo às perguntas feitas TCI (Transcomunicação Instrumental) também é o termo comumente utilizado para se fazer referência a um conjunto de fenômenos relacionados a comunicação entre seres do plano físico e espiritual, por intermédio de instrumentos eletrônicos como rádios, televisões, aparelhos telefônicos e etc. Muitas vezes, o termo é confundido com o EVP (Electronic Voice Phenomena). Porém o EVP, por se tratar apenas da manifestação de vozes em aparelhos, está contido dentro de uma disciplina muito mais abrangente, que é a TCI.

O livro de D'Argonnel, sendo a primeira obra sobre o assunto, ainda sem esta denominação moderna, foi "Vozes do Além pelo Telephone (Novo e admirável system de comunicação - Os espiritos fallando pelo telephone)" de Oscar D'Argonnel, publicado no Rio de Janeiro, no ano de 1925.

Reúne o autor, celebrado pesquisador espírita no começo do século XX, diversos casos onde a comunicação com os mortos podia dar-se através do telefone. Apesar de suas ponderosas considerações, por ser um veículo particularmente propenso a fraudes e engodos, o assunto não mereceu outras abordagens mais sérias, durante muitas décadas.

A preocupação com a possibilidade da comunicação espiritual, sem a interferência direta de um médium, fez parte de grandes cientistas. Nos Estados Unidos, Thomas Alva Edison



patenteou uma máquina, voltada a tal finalidade. No Brasil, **Augusto de Oliveira Cambraia**, português naturalizado e notável inventor (mais conhecido pelo seu tecido, a cambraia), em 1909 patenteia o “Telégrafo Vocativo Cambraia” e um aparelho que fosse também capaz de possibilitar o intercâmbio entre os chamados “planos da vida”: ambos, Edison e o brasileiro Cambraia, figuram entre os maiores inventores da humanidade. **Wikipédia [16]**

Está aí caro leitor, conforme este esboço traçado, irei me basear em diversas outras fontes, ao qual se dedicam ao estudo e evidências de tal fenômeno. O **Dr. Hernani Guimarães Andrade** é um exemplo, onde é diretor do **IBPP**, ou seja, o **Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas**. Por outro lado, há também a **Sônia Rinaldi** que é a coordenadora da **Associação Nacional dos Transcomunicadores** e com isso, repasso a entrevista dele, bem como um vídeo ao final com a sua última reportagem sobre o assunto: **Entrevista com Sônia Rinaldi**

**O jornalista Jorge Rizzini**, do Jornal Espírita – órgão de divulgação da FEESP – Federação Espírita de São Paulo, **conversou recentemente com a coordenadora da ANT** Publicado na revista **Isto É** em 16/03/2005.

Revista Isto É - [Entrevista com Sônia Rinaldi sobre a TCI \[17\]](#)

Com efeito, ao final desta reportagem realizada com a Sônia Rinaldi, está demonstrada a evidência científica e a evolução nas pesquisas neste campo de aparatos que captam o plano espiritual e nos dão uma certeza que é possível mantermos contato com o plano espiritual. Ademais, há a obra desta estimada pesquisadora que é “Gravando Vozes do Além”, disponível para quem quiser se aprofundar e pesquisar ainda mais sobre o assunto [AQUI](#).

Acompanhem agora um site dedicado às pesquisas relacionadas a TCI. O site [Portaltci-Phyllis Delduquel \[18\]](#) e no site do IPPB – Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas, encontramos mais fontes de pesquisa [AQUI](#).

Além da evidência científica apresentada, trazemos a

conhecimento dos demais leitores e interessados, as duas obras o Pe. François Brune em “**Os mortos nos falam**” e em parceria com um pesquisador da Universidade de Sourbone, escreveu o livro “**Linha Direta com o Além**”.

**Fonte:** <http://www.neudelondrina.org.br> [19]

Segundo o site do confrade Jefferson Benetton: Na França, o **padre François Brune** escreveu o livro “**Os Mortos nos Falam**”, traduzido em 11 idiomas e vendido em livrarias católicas. **Em parceria com um pesquisador da Universidade de Sourbone**, escreveu o livro “**Linha Direta com o Além**”. Não obstante, eis a matéria abaixo com as referidas obras deste padre e a sua relação com a Transcomunicação, conforme segue:



**Matéria: Padre François Brune e Clóvis Nunes**

**Título: Linha direta com o Além é pesquisada**

**Um padre francês e um escritor brasileiro falam da comunicação com os mortos através de rádio, TV e computador.**

O Padre François Charles Antoine Brune é bacharelado em Latim, Grego e Filosofia. Coursou seis anos de “Grand Seminaire”, sendo cinco no Instituto Católico de Paris e um na Universidade de Tubingen. Tem cinco anos de curso superior de Latim e Grego na Universidade de Sorbone. Estudou as línguas assírio-babilônico, hebreu e hierógrafos egípcios. Foi licenciado em Teologia no Instituto Católico de Paris em 1960, e em Escritura Sagrada, no Instituto Bíblico de Roma, em 1964. Foi professor de diversos “grands Seminaires” durante sete anos. Estudou a tradição dos cristãos do Oriente e dedica-se a estudos dos fenômenos paranormais.

O Padre François Charles Antoine Brune, bacharel em latim,

grego e filosofia, dispara :

" O escandaloso é o silêncio, o desdém, até mesmo a censura exercida pela Ciência e pela Igreja a respeito da descoberta incontestável mais extraordinária de nosso tempo : O após vida existe e nós podemos nos comunicar com aqueles que chamamos de mortos".

Autor dos livros “Os Mortos nos Falam” e “Linha Direta do Além”, o Padre François Brune esteve em Londrina para participar do debate promovido pelo NEU – Núcleo Espírita Universitário, onde afirmou que os mortos se comunicam através de instrumentos, como televisores e gravadores.



Em parceria com um pesquisador da Universidade de Sourbone, escreveu o livro “**Linha Direta com o Além**”. Na França, o padre François Brune escreveu o livro “**Os Mortos nos Falam**”, traduzido em 11 idiomas e vendido em livrarias católicas.

O padre argumenta que escreveu o livro “Os Mortos nos Falam” com a perspectiva de derrubar o espesso muro de silêncio, de incompreensão, de ostracismo, sustentado pela maior parte dos meios intelectuais do Ocidente.

*“Para eles, dissertar sobre a eternidade é tolerável ; dizer que se*

*pode vivê-la torna-se mais discutível e afirmar que se pode entrar em comunicação com ela é considerado insuportável” – explica François Brune.*

O padre conta que nunca manteve contato com alguma pessoa que já tenha morrido. *“Fiz contato com pesquisadores em diversos lugares, que tiveram contato com mortos, através de sinais de televisão, de gravador”.* Segundo ele, *“...felizmente, no Além, a vida é melhor que na terra”.*

O livro “Os Mortos nos Falam” (Editora Edicel, de Brasília) já vendeu mais de 10 mil exemplares. O Padre François Brune viu na transcomunicação instrumental uma forma de provar que a vida continua no além-túmulo: *“Eu quero mostrar que a vida continua, que há Deus que nos ama, que nos espera e que o único valor da vida é o amor. Quero mostrar que a vida depois da morte depende de nossa vida neste mundo”.*

Em seu livro, Brune reuniu vários relatos historicamente comprovados, um deles envolvendo inclusive um Papa. Em 17 de setembro de 1952, o padre Gemelli, que era então presidente da Academia Pontifícia de Ciências, tentava filtrar a qualidade do som de gravações de Canto Gregoriano. Exasperado com os problemas técnicos que enfrentava, exclamou: *“Papai, me ajude!”* Órfão desde a infância, padre Gemelli costumava repetir essa invocação sempre que estava em dificuldade.

Tarefa terminada, ele voltou a escutar a fita. Quase desmaiou quando, de repente, em vez da gravação do canto, apareceu a voz de seu pai defunto que lhe dizia : *“Mas é claro que vou te ajudar, Zuccone (Abobrão, em italiano), eu estou sempre perto de você!”* Zuccone era o apelido que seu Pai lhe dera quando vivo. Padre Gemelli foi contar tudo ao papa Pio XII. Mas este, longe de mostrar espanto, tranquilizou o sacerdote: *“Isso nada tem a ver com Espiritismo. O gravador é um aparelho objetivo que não podemos influenciar. Essa experiência poderá talvez suscitar estudos científicos que confirmarão a fé no mundo do além”.*

Clóvis de Souza Nunes, parapsicólogo baiano, Professor, Projetista Técnico, Escritor, Conferencista e Pesquisador de fenômenos paranormais e que também proferiu palestras na Universidade Estadual de Londrina junto com o padre François Brune, conta que já chegou a receber mensagem diretamente dos Espíritos durante algumas reuniões. Numa ocasião, em Luxemburgo, recebeu uma comunicação de Konstantino Raudive, o segundo homem a gravar vozes de Espíritos. A mensagem dizia : *“... a infelicidade é que hoje em dia as pessoas têm medo da morte (...) A morte resulta em uma eternidade radiosa, uma liberação que põe termo às vossas tragédias. A morte é uma outra vida.”*

Clóvis Nunes é Autor do livro “Da Mediunidade à Transcomunicação Instrumental”. Ele afirma: *“As vozes do Além não são chocantes, são esclarecedoras, consoladoras”*. Segundo ele, algumas vozes são iguais às das pessoas humanas e outras não. *“Há vozes que são reconhecidas exatamente com o mesmo timbre, com a mesma característica”* - diz. O escritor Baiano conta que as pesquisas com gravações de vozes do “Além” são controladas pela comunidade científica há mais de trinta anos. Clóvis de Souza Nunes garante: *“Não existe a mínima possibilidade das gravações de vozes e imagens serem fraudadas”*.

Computador em cena na era da informática: O computador não poderia estar de fora das experiências que visam a comunicação entre vivos e mortos, substituindo os médiuns que durante milênios foram os instrumentos dessas tentativas de saber como é o mundo após a morte e o que acontece com as pessoas que deixam essa vida. No Brasil, segundo Clóvis, os Espíritos começaram a manifestar-se através do computador mais recentemente. Em seu livro *“Transcomunicação: comunicações tecnológicas com o mundo dos mortos”*, ele conta que em junho de 1986 recebeu uma visita muito interessante: Uma viúva, acompanhada de um filho e uma filha, estiveram na sede do Instituto de Pesquisas Psicobiofísicas, em São Paulo, apresentando gravações de vozes captadas por microcomputador.

As vozes, segundo o relato da família, começaram a ser captadas em 1985: O rapaz, filho da viúva, certa noite estava fazendo um programa para seu microcomputador, mas quando o colocou em

operação verificou que a tela nada mostrava além de uma confusão de sinais. Quando acionou a fita em um gravador comum, ouviu a voz de seu pai, falecido um ano antes, enviando uma mensagem de Natal à família. Era o dia 9 de dezembro. Depois disso, segundo ele, os contatos entre o espírito e seus familiares passaram a ser regulares.

Segundo temos notícias o Padre. François Brune é o representante do Vaticano para assuntos de Transcomunicação Instrumental (Comunicação dos mortos por aparelhos eletrônicos).

### **Em seu livro, diz o Padre François Brune:**

“Escrevi este livro para tentar derrubar o espesso muro de silêncio, de incompreensão, de ostracismo, erigido pela maior parte dos meios intelectuais do ocidente. Para eles, dissertar sobre a eternidade é tolerável; dizer que se pode entrar em comunicação com ela é considerado insuportável”.

“Tomem este livro como um itinerário. Abandonem, tanto quanto possível, suas ideias preconcebidas. Não tenham medo; se este livro não os transformar, logo se aperceberão. Em todo caso, leiam esta obra como a história de uma descoberta fabulosa e verdadeira”.

“Progressivamente então, surgirão essas verdades essenciais que se tornarão, assim eu lhes desejo, a matéria de suas vidas. A morte é apenas uma passagem. Nossa vida continua, sem qualquer interrupção, até o fim dos tempos. Levaremos conosco para o além nossa personalidade, nossas lembranças, nosso caráter”.

“O após vida existe e nós podemos nos comunicar com aqueles que chamamos de mortos”.

Poderíamos ainda nos perguntar por que não nos recordamos das vidas passadas, Kardec, tendo esta mesma dúvida, questiona os espíritos superiores na obra “***O Livro dos Espíritos***”, Parte Segunda, Capítulo 7, Retorno à vida corporal. Vejamo-la:

### **Esquecimento do passado**

**392 Por que o Espírito encarnado perde a lembrança de seu passado?** O homem não pode nem deve saber tudo. Deus em Sua sabedoria quer assim. Sem o véu que lhe encobre certas coisas, o homem ficaria deslumbrado, como aquele que passa sem transição do escuro para a luz. O esquecimento do passado o faz sentir-se mais senhor de si.

**393 Como o homem pode ser responsável por atos e reparar faltas das quais não tem consciência? Como pode aproveitar a experiência adquirida em existências caídas no esquecimento? Poderia se conceber que as adversidades da vida fossem para ele uma lição ao se lembrar do que as originou; mas, a partir do momento que não se lembra, cada existência é para ele como a primeira e está, assim, sempre recomeçando. Como conciliar isso com a justiça de Deus?** A cada nova existência o homem tem mais inteligência e pode melhor distinguir o bem do mal. Onde estaria o mérito, ao se lembrar de todo o passado? Quando o Espírito volta à sua vida primitiva (a vida espírita), toda sua vida passada se desenrola diante dele; vê as faltas que cometeu e que são a causa de seu sofrimento e o que poderia impedi-lo de cometê-las. Compreende que a posição que lhe foi dada foi justa e procura então uma nova existência em que poderia reparar aquela que acabou. Escolhe provas parecidas com as que passou ou as lutas que acredita serem úteis para o seu adiantamento, e pede a Espíritos Superiores para ajudá-lo nessa nova tarefa que empreende, porque sabe que o Espírito que lhe será dado por guia nessa nova existência procurará fazê-lo reparar suas faltas, dando-lhe uma espécie de intuição das que cometeu. Essa mesma intuição é o pensamento, o desejo maldoso que frequentemente vos aparece e ao qual resistis instintivamente, atribuindo a maior parte das vezes essa resistência aos princípios recebidos de vossos pais, enquanto é a voz da consciência que vos fala. Essa voz é a lembrança do passado, que vos adverte para não recair nas faltas que já cometestes. O Espírito, ao entrar nessa nova existência, se suporta essas provas com coragem e resiste, eleva-se e sobe na hierarquia dos Espíritos, quando volta para o meio deles.

☼ Se não temos, durante a vida corporal, uma lembrança

precisa do que fomos e do que fizemos de bem ou mal em existências anteriores, temos a intuição disso, e nossas tendências instintivas são uma lembrança do nosso passado, às quais nossa consciência, que é o desejo que concebemos de não mais cometer as mesmas faltas, nos adverte para resistir.

**394 Nos mundos mais avançados que o nosso, onde os habitantes não são oprimidos por todas as nossas necessidades físicas e enfermidades, os homens compreendem que são mais felizes do que nós? A felicidade, em geral, é relativa. Nós a sentimos em comparação a um estado menos feliz. Como, definitivamente, alguns desses mundos, ainda que melhores que o nosso, não estão no estado de perfeição, os homens que os habitam devem ter seus motivos de aborrecimentos. Entre nós, o rico, que não tem angústias de necessidades materiais como o pobre, tem, ainda assim, outras que tornam sua vida amarga. Portanto, pergunto: em sua posição, os habitantes desses mundos não se crêem tão infelizes quanto nós e não se lamentam de sua sorte, já que não têm lembrança de uma existência inferior para servir de comparação?** Para isso, é preciso dar duas respostas diferentes. Há mundos, entre esses que citastes, onde os habitantes têm uma lembrança muito clara e precisa de suas existências passadas; estes, vós o compreendeis, podem e sabem apreciar a felicidade que Deus lhes permite saborear. Há outros onde os habitantes, como dissestes, colocados em melhores condições do que vós, na Terra não têm grandes aborrecimentos nem infelicidades. Esses não apreciam sua felicidade pelo fato de não se lembrarem de um estado ainda mais infeliz. Entretanto, se não a apreciam como homens, apreciam como Espíritos.

☼ Não há no esquecimento das existências passadas, principalmente nas que foram dolorosas, qualquer coisa de providencial, em que se revela a sabedoria divina? É nos mundos superiores, quando a lembrança das existências infelizes não passa de um sonho ruim, que elas se apresentam à memória. Nos mundos inferiores, as infelicidades atuais não seriam agravadas pela lembrança de tudo que se suportou?



Concluamos: tudo que Deus fez é bem-feito e não nos cabe criticar suas obras e dizer como deveria reger o universo.

A lembrança de nossas individualidades anteriores teria inconvenientes muito graves; poderia, em certos casos, nos humilhar muito; em outros, exaltar nosso orgulho e, por isso mesmo, dificultar nosso livre-arbítrio. Deus deu, para nos melhorarmos, exatamente o que é necessário e basta: a voz da consciência e nossas tendências instintivas, privando-nos do que poderia nos prejudicar. Acrescentemos ainda que, se tivéssemos lembrança de nossos atos pessoais anteriores, teríamos igualmente a dos outros, e esse conhecimento poderia ter os mais desastrosos efeitos sobre as relações sociais. Não havendo motivos de glória no passado, é bom que um véu seja lançado sobre ele. Isso está perfeitamente de acordo com a Doutrina dos Espíritos sobre os mundos superiores ao nosso. Nesses mundos, onde apenas reina o bem, a lembrança do passado nada tem de doloroso; eis por que neles pode se saber da existência anterior, como sabemos o que fizemos ontem. Quanto à estada que fizeram nos mundos inferiores, não é mais, como dissemos, do que um sonho ruim.

**395 Podemos ter algumas revelações de nossas existências anteriores?** Nem sempre. Muitos sabem, entretanto, o que foram e o que fizeram; se fosse permitido dizer abertamente, fariam singulares revelações sobre o passado.

**396 Certas pessoas acreditam ter uma vaga lembrança de um passado desconhecido que se apresenta a elas como a imagem passageira de um sonho, que se procura, em vão, reter. Essa ideia é apenas ilusão?** Algumas vezes é real; mas muitas vezes é também ilusão contra a qual é preciso ficar atento, porque pode ser o efeito de uma imaginação superexcitada.

**397 Nas existências de natureza mais elevadas que a nossa, a lembrança das existências anteriores é mais precisa?** Sim; à medida que o corpo se torna menos material, as lembranças se revelam com mais exatidão. A lembrança do

passado é mais clara para os que habitam mundos de uma ordem superior.

**398 Pelo estudo de suas tendências instintivas, que são uma recordação do passado, o homem pode conhecer os erros que cometeu?** Sem dúvida, até certo ponto; mas é preciso se dar conta da melhora que pôde se operar no Espírito e as resoluções que ele tomou na vida espiritual. A existência atual pode ser bem melhor que a precedente.

**398 a Ela pode ser pior? Ou seja, o homem pode cometer numa existência faltas que não cometeu em existências precedentes?** Isso depende de seu adiantamento; se não resistir às provas, pode ser levado a novas faltas, que são consequência da posição que escolheu. Mas, em geral, essas faltas mostram antes um estado estacionário do que retrógrado, porque o Espírito pode avançar ou estacionar, mas nunca retroceder.

**399 Os acontecimentos da vida corporal são, ao mesmo tempo, uma expiação pelas faltas passadas e provas que visam ao futuro. Pode-se dizer que da natureza dessas situações se possa deduzir o gênero da existência anterior?** Muito frequentemente, uma vez que cada um é punido pelos erros que cometeu; entretanto, não deve ser isso uma regra absoluta. As tendências instintivas são a melhor indicação, visto que as provas pelas quais o Espírito passa se referem tanto ao futuro quanto ao passado.

☼ Alcançado o fim marcado pela Providência para sua vida na espiritualidade, o próprio Espírito escolhe as provas às quais quer se submeter para acelerar seu adiantamento, ou seja, o gênero de existência que acredita ser o mais apropriado para lhe fornecer esses meios e cujas provas estão sempre em relação com as faltas que deve expiar. Se triunfa, se eleva; se fracassa, deve recomeçar.

O Espírito sempre desfruta de seu livre-arbítrio. É em virtude dessa liberdade que escolhe as provas da vida corporal. Uma vez encarnado, delibera o que fará ou não e escolhe entre o bem e o mal. Negar ao homem o livre-arbítrio seria reduzi-lo à

condição de uma máquina.

Ao entrar na vida corporal, o Espírito perde, momentaneamente, a lembrança de suas existências anteriores, como se um véu as ocultasse; entretanto, às vezes, tem uma vaga consciência disso e elas podem até mesmo lhe ser reveladas em algumas circunstâncias. Mas é apenas pela vontade dos Espíritos Superiores que o fazem espontaneamente, com um objetivo útil e nunca para satisfazer uma curiosidade vã.

As existências futuras não podem ser reveladas em nenhum caso, porque dependem da maneira que se cumpra a existência atual e da escolha que o Espírito virá a fazer.

O esquecimento das faltas cometidas não é um obstáculo ao melhoramento do Espírito porque, se não tem uma lembrança precisa disso, o conhecimento que teve delas quando estava na espiritualidade e o compromisso que assumiu para repará-las o guiam pela intuição e lhe dão o pensamento de resistir ao mal; esse pensamento é a voz da consciência, sendo auxiliado pelos Espíritos Superiores que o assistem, se escuta as boas inspirações que sugerem.

Se o homem não conhece os atos que cometeu em suas existências anteriores, pode sempre saber de que faltas tornou-se culpado e qual era seu caráter dominante. Basta estudar a si mesmo e julgar o que foi não pelo que é, mas por suas tendências.

As contrariedades e os reveses da vida corporal são, ao mesmo tempo, uma expiação pelas faltas passadas e provas para o futuro. Elas nos purificam e elevam, se as suportamos com resignação e sem reclamar.

A natureza dessas alternâncias da vida e das provas que suportamos pode também nos esclarecer sobre o que fomos e o que fizemos, como aqui na Terra julgamos os atos de um culpado pelo castigo que a lei lhe impõe.

Assim, o orgulhoso será castigado em seu orgulho pela

humilhação de uma existência subalterna; o mau rico e o avaro, pela miséria; aquele que foi duro para com os outros sofrerá, por sua vez, durezas; o tirano, escravidão; o mau filho, pela ingratidão de seus filhos; o preguiçoso, por um trabalho forçado, etc.

1. **Virgílio:** Poeta latino. Autor da Eneida. Viveu entre 71 e 19 a.C (N. E.).
2. **Rafael:** Rafael Sanzio (1483-1520) pintor, escultor e arquiteto italiano (N. E.).
3. **Estado patológico:** situação em que o organismo sofre alterações provocadas por doenças (N. E.).
4. **A moral:** o conjunto das virtudes; a vergonha; o brio (N. E.) (KARDEC, A. 2019a. p. 209-213)

Fica aí, como conclusão final, a fala do Padre François Brune, cujo conteúdo sugere reflexão aos detratores e desinformados que tentam dizer que tudo no Espiritismo é superstição, fruto da imaginação, etc. Se ainda querem afirmá-lo dessa maneira, teriam que contrariar uma autoridade do Vaticano, que nunca foi contestado pela cúpula da Santa Sé, entabulando que é possível haver a comunicação entre os dois planos, o espiritual e material, bem como as fontes científicas que avançam em nos presentear com comprovações de que a reencarnação existe. Destarte, por providência divina, há o esquecimento do passado por sabedoria da espiritualidade como razão de não nos lembrarmos das vidas pregressas e termos a chance de resgate pretéritos com os nossos desafetos.

## 5. Allan Kardec pode ser considerado um racista?

*“o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel a criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, **apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos de cor.**” (Allan Kardec)*

Existem muitas pessoas que andam propagando sempre as mesmas acusações, tirantes a forma e a ordem em que se encontram, esperando com isso nos vencer pelo cansaço e pela petulância audaciosa que nada serve para mudar a realidade dos fatos, que é muito diferente daquilo que apregoam.

Temos notado que a discussão desse tema, tem havido certa insistência, com certo jogo repetitivo, sutilmente preparado para manter acesa a chama da indignação “antirracista” contra Kardec, uma pessoa à qual jamais puderam acusar de qualquer atitude racista, seja direta ou indiretamente, e que em sua vida jamais compactuou com ideologias e conceitos que se identificavam aquilo a que ele próprio chamava: **“distinções estabelecidas entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos de cor” (RE,1861).**

O mais curioso disso tudo é como tentam a todo custo dissociar um suposto racismo de Kardec com o espiritismo, doutrina resultante de seu denso e rigoroso trabalho de Codificação. Só mesmo um lamentável erro lógico pode justificar ao mesmo tempo que:

1º Kardec era racista;

2º Na Doutrina Codificada por ele, seu racismo estava “densamente descrito”;

3º Apesar de tudo isso, este racismo não contaminou aqueles

que absorveram os seus ensinamentos.

Encontramos, em uma das críticas mais comuns: “Como o ‘espiritismo não é racista’, se conforme diz o autor das virulências, ‘o racismo de Kardec foi densamente descrito através da transcrição da codificação básica do Espiritismo’? Isso parece um contrassenso!” Reafirmamos que o espiritismo não é racista, pois seus adeptos não são racistas e por que o espiritismo não instiga a segregação racial.

Porém para os defensores do racismo na doutrina espírita, Kardec era racista, sim, pois, segundo eles, em suas explicações de cunho espiritual encontra-se forte presença da ideologia racista, como por exemplo, ao atribuir uma origem “espiritual” e terrena distinta para a raça branca raça Adâmica – que seria superior às demais;

Realmente é impossível conciliar os parágrafos acima, sem prejuízo do significado da palavra, manipulado conforme a necessidade de acusar ou defender. No primeiro comentário se diz que o espiritismo não é racista, “por que o espiritismo não instiga a segregação racial”, e ponto final, está definida a palavra “racismo”, para não culparem seus adeptos. Mas o objetivo da crítica é culpar e atingir Allan Kardec, e não seus adeptos. Isso nós vemos no segundo comentário, onde a primeira definição deixa de ser válida para Kardec, pois o que se quer é colocar em jogo seu prestígio, e para isso não importam as consequências, mesmo que para isso precisem dilatar o significado e abrangência do vocábulo. Daí recorre a juízos de valor, onde “entendem” que uma ideologia que sugira origens diferentes para raças diferentes seja necessariamente racista, ainda que esta se baseie nos mais rigorosos métodos de investigação científica da época, tanto de fatos geológicos, quanto de observações antropológicas.

A teoria da raça adâmica é um exemplo claro disso. Ela complementa a hipótese sobre a origem do corpo humano, a qual sugere sua origem em diversos pontos da terra, e acrescenta que o espírito humano se desenvolveu tanto no planeta como migrou de outros mundos de nosso Universo. Tudo isso é apresentado de forma incontestável no livro “A Gênese” (capítulo XI, “A Gênese Espiritual”), tomando como base as mais recentes descobertas geológicas e

antropológicas de sua época. Porém, nada disso é colocado como verdade absoluta, tudo isso se baseava na Ciência que para os defensores do racismo na doutrina espírita é chamada de “Ciência Verdadeira”. Muito pelo contrário, por ser uma doutrina progressiva e não estacionária, não se lhe pode atribuir o epíteto de “teoria racista”. Maiores detalhes os leitores podem encontrar no endereço que citaremos logo abaixo. Uma leitura calma, isenta e atenta do capítulo é sempre muito útil e recomendável, pois nos impede de chegar a conclusões sem conhecimento de causa.

Comentaremos somente alguns dos casos que citam da Codificação com o fito de encontrar ali algo que ela mais combate, qual seja o racismo. Um desses é o caso dos hotentotes, que extraem desse trecho abaixo, em *O Livro dos Espíritos*, capítulo V:

“Em relação à sexta questão, dir-se-á, sem dúvida, que o Hotentote é de uma raça inferior; então, perguntaremos se o Hotentote é um homem ou não. Se é um homem, por que Deus o fez, e à sua raça, deserdado dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é um homem, porque procurar fazê-lo cristão?” (KARDEC, A., 2019a, p. 149).

Ora, qualquer observador que se preze notará que em nenhum momento Kardec afirma ser o hotentote uma raça inferior, pelo contrário, diante das questões que formula aos não reencarnacionistas sobre o porquê de existirem homens selvagens e civilizados podemos tirar as seguintes conclusões:

1. Trata-se de perguntas e não afirmativas;
2. As perguntas se referem à desigualdade de aptidões e de progresso social de povos primitivos, como é o caso do hotentote;
3. A resposta não é dele, o que se nota pelo “dir-se-á naturalmente”, onde Kardec apresenta uma resposta provável, que poderia ser dada por aqueles que creem na unicidade das existências, refletindo o que eles pensavam e não ele;
4. Kardec faz uma pergunta que sugere discordância da

resposta acima: “Perguntaremos se o Hotentote é um homem ou não.”

5. Na continuidade do raciocínio, ele parte das possíveis respostas, dadas não por ele, mas pelos que combatem a reencarnação: “Se é...” e “Se não é...”. E logo em seguida completa o raciocínio esclarecendo que a causa da diversidade intelectual resulta do adiantamento ou atraso do espírito e questiona se a explicação dada pela Doutrina Espírita não seria mais concorde com a Justiça de Deus.

Eis aí um caso clássico onde o próprio texto invocado traz desmentido claro e inequívoco às intenções deletérias dos defensores do racismo na doutrina espírita por ideias preconcebidas. Outro texto que citam é este em “**A Gênese**”, Cap. X, XI E XII:

**"Do ponto de vista fisiológico, algumas raças apresentam característicos tipos particulares, que não permitem se lhes assinale uma origem comum.** Há diferenças que evidentemente não são simples efeito do clima, pois que os brancos que se reproduzem nos países dos negros não se tornam negros e reciprocamente. **O ardor do Sol tosta e brune a epiderme, porém nunca transformou um branco em negro, nem lhe achatou o nariz, ou mudou a forma dos traços da fisionomia, nem lhe tornou lanzudo e encarapinhado o cabelo comprido e sedoso. Sabe-se hoje que a cor do negro provém de um tecido especial subcutâneo, peculiar à espécie.** Há-se, pois, de considerar as raças negras, mongólicas, caucásicas como tendo origem própria, como tendo nascido simultânea ou sucessivamente em diversas partes do globo. O cruzamento delas produziu as raças mistas secundárias. Os caracteres fisiológicos das raças primitivas constituem indício evidente de que elas procedem de tipos especiais. As mesmas considerações aplicam, consequentemente, assim aos homens, quanto aos animais, no que concerne à pluralidade dos troncos. (KARDEC, A., 2019e, p. 200-201) (grifo nosso)

Onde, nas citações acima, perguntamos, estaria subentendido um racismo? O que se mostra claro do exposto, é exatamente a existência destes “tipos particulares” a cada raça, e “que não permitem



se lhes assinale uma origem comum”. Dizer com base científica que “a cor do negro provém de um tecido especial subcutâneo, peculiar à espécie” é racismo?

Vamos agora ao famoso caso da “teoria da beleza” em “**Obras Póstumas**”, do qual citam:

**O negro pode ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato; mas não é belo no sentido absoluto, porque os seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos; podem bem exprimir as paixões violentas, mas não saberiam se prestar às nuances delicadas dos sentimentos e às modulações de um espírito fino.**

Eis porque podemos, sem fatuidade, eu creio, nos dizer mais belos do que os negros e os Hotentotes; mas talvez também seremos, para as gerações futuras, o que os Hotentotes são em relação a nós; e quem sabe se, quando encontrarem os nossos fósseis, não os tomarão pelos de alguma variedade de animais. (KARDEC, A., 2019f. p. 144-145), (grifo nosso)

Adentramos aqui a “teoria da beleza”, segundo a qual, conforme opinião do espírita Eugênio Lara, Kardec agiria com “preconceito” por se achar mais belo do que os negros e os hotentotes. Em primeiro lugar a teoria não é de Kardec, mas consta do livro “As revoluções inevitáveis no globo e na Humanidade” de Charles Richard. O que Kardec faz é simplesmente comentar a teoria, sugerindo que a beleza seja relativa, porque “os negros se acham mais belos do que os brancos e vice-versa”. Vejamos seus comentários:

A beleza é uma coisa de convenção, e relativa a cada tipo? O que constitui a beleza para certos povos não é para outros uma horrível fealdade? Os negros se acham mais belos do que os brancos e vice-versa. **Nesse conflito de gostos, há uma beleza absoluta e em que consiste ela?** Somos realmente mais belos do que os Hotentotes e os Cafres, e por quê?

Esta questão que, à primeira vista, parece estranha ao objeto

de nossos estudos, a ele se refere, todavia, de maneira direta, e toca o próprio futuro da Humanidade. Ela nos foi **sugerida, assim como a sua solução, pela passagem seguinte de um livro muito interessante e muito instrutivo**, intitulado: As revoluções inevitáveis no globo e na Humanidade, por Charles Richard.

O autor dedica-se a combater a opinião da degenerescência física do homem desde os tempos primitivos, e refuta, vitoriosamente, a crença na existência de uma raça primitiva de gigantes, e se dedica a provar que, do ponto de vista da força física e do talhe, os homens de hoje valem os antigos, se não os ultrapassam mesmo.

**Passando à beleza das formas, assim se exprime**, às páginas 44 e seguintes:

(...)

**Do que precede se pode concluir** (conclusão que se baseia no texto citado)

A beleza real consiste na forma que mais se distancia da animalidade, e reflete melhor a superioridade intelectual e moral do Espírito, que é o ser principal. O moral fluindo sobre o físico, que apropria às suas necessidades físicas e morais, segue-se: Primeiro que o tipo da beleza consiste na forma mais própria à expressão das mais altas qualidades morais e intelectuais; 2º que, à medida que o homem se eleva moralmente, seu envoltório se aproxima do ideal da beleza, que é a beleza angélica.

O negro pode (condicional, consequências da conclusão acima) ser belo para o negro, como um gato é belo para um gato; mas não é belo no sentido absoluto, porque os seus traços grosseiros, seus lábios espessos acusam a materialidade dos instintos; podem bem exprimir (condicional) as paixões violentas, mas não saberiam (condicional) se prestar às nuances delicadas dos sentimentos e às modulações de um espírito fino.

Pelo que se depreende do exposto, os defensores do racismo na doutrina espírita omitem cuidadosamente o contexto, o qual demonstra exatamente o oposto do que querem alegar, ou seja, que a teoria não é de Kardec, e que suas conclusões são tiradas “do que precede”, tomando como base os pressupostos da teoria de Charles Richard, mesmo assim ainda são empregados termos no condicional, não dando o caso por encerrado. Não vemos como, segundo a ótica equivocada de alguns, rotular Kardec de racista ou preconceituoso simplesmente por achar a raça branca mais bela do que a raça negra, da mesma forma que seria injusto acusar-me de preconceito por achar Giselle Bund.C.hen mais bela do que a Naomi Campbell ou vice-versa, mas ilustremos o caso: se eu achar a negra Naomi Campbell mais bela do que a Giselle eu não sou preconceituoso, mas se eu achar o oposto, então serei um preconceituoso, quiçá um racista. Em suma, estamos proibidos de achar a raça branca mais bela. Eis o “padrão” de julgamento com que querem a todo custo rotular Kardec. E ainda chamam a isso “opinião lúcida, imparcial e abalizada”. Quanto preconceito!

Já foi mostrado em que pontos Kardec concorda com a teoria e em que pontos ele não se posiciona, agora mostraremos se o simples fato de expor uma teoria à publicidade subentende uma adesão ou endosso da parte dele. Sobre estas e outras teorias vejamos o que ele tem a nos dizer na obra *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Introdução:

**Toda teoria em manifesta contradição com o bom senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura.**

(...)

Essa a base em que nos apoiamos, quando formulamos um princípio da doutrina. **Não é porque esteja de acordo com as nossas ideias que o temos por verdadeiro. Não nos arvoramos, absolutamente, em árbitro supremo da verdade** e a ninguém dizemos: “Crede em tal coisa, porque somos nós que vo-lo dizemos.” **A nossa opinião não passa,**

**aos nossos próprios olhos, de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalível do que qualquer outro.** (KARDEC, A. 2019c, p. 21-22)

Por estas razões, engana-se os defensores do racismo na doutrina espírita e had-hominen de Kardec quando diz que: Kardec se utilizou apenas do seu critério subjetivo de beleza estética. Porém acerta quando, num lampejo de bom senso, reconhece que nem toda teoria é necessariamente uma realidade científica, mas uma condição hipotética ideal, onde devem ser observados certos pressupostos, certas regras ou normas, que numa realidade podem ser observadas imperfeita ou parcialmente.

E assim, seria im procedente alegar o que se segue: Para corroborar nossa opinião de que Kardec era preconceituoso e influenciado por teorias racistas em voga na Europa do século XIX. Pois não há nenhuma prova de que Kardec houvesse endossado algumas destas “teorias racistas”, embora as tenha comentado e trazido à discussão. A mesma regra, evidentemente, vale para outras “teorias racistas”, tais como Frenologia e Fisiognomonía. Sobre isso, e antes de verificarmos a procedência das acusações, vejamos o que os defensores do racismo na doutrina espírita têm a nos dizer:

Fica claro aqui que o fundador do espiritismo foi influenciado e muito por teorias humanas, tais como a Frenologia. Teorias falhas que o próprio tempo tratou de desmentir. A realidade é dura, mas é a verdade: as literaturas clássicas do espiritismo foram escritas por um “intelectual” e ocultista europeu influenciado por doutrinas humanas pseudo-científicas preconceituosas, equivocadas e ultrapassadas (mas que foram atribuídas a supostos “espíritos evoluídos”), tais como a Frenologia e o Eurocentrismo, ambas de teor racista. Grande erro de Kardec foi atribuir tais ensinamentos a espíritos “evoluídos”, incluí-las numa doutrina espiritual que se diz filosofia racional e considerá-la a Terceira Revelação aos Homens.

O que é a frenologia, segundo Kardec? Teria ele a endossado

ou apenas publicou e discutiu seus pressupostos? Teria Kardec atribuído “tais ensinamentos (frenologia) a espíritos ‘evoluídos’”? Quando e onde podemos encontrar comprovação de tais declarações? Conforme o que segue abaixo, Kardec não parece sentir toda esta ingênua simpatia sem reservas pela frenologia. Vejamos como ele encara o assunto na *Revista Espírita 1862*, mês de abril a tratar do tema Frenologia espiritualista e espírita:

O corpo médico está dividido, sobre a questão do magnetismo, como o está sobre a homeopatia, a alopatia, sobre a **frenologia**, sobre o tratamento da cólera, sobre as purgações e a sangria, e sobre tantas outras coisas, **de tal sorte que uma opinião, pró ou contra, é sempre uma opinião individual que não tem força de lei;** (KARDEC, A. Revista Espírita, outubro de 1859, O Magnetismo reconhecido pelo poder judiciário, grifo nosso)

Não impomos as nossas ideias a ninguém; aqueles que as adotam é porque as acham justas; aqueles que vêm a nós é porque pensam e acham ocasião para aprenderem, mas não o é como filiação, porque não formamos nem denominação, nem partido; estamos reunidos para o estudo do Espiritismo, **como outros para o estudo da frenologia**, da história ou de outras ciências; (KARDEC, A. Revista Espírita, abril de 1860, Considerações sobre o objetivo e o caráter da Sociedade, grifo nosso)

**A frenologia é a ciência que trata das funções atribuídas a cada parte do cérebro.** O doutor Gall, fundador desta ciência, pensou que, uma vez que o cérebro é o ponto onde chegam todas as sensações, e de onde partem todas as manifestações das faculdades intelectuais e morais, cada uma das faculdades primitivas deve ter aí seu órgão especial. Seu sistema consiste, pois, na localização das faculdades. O desenvolvimento de cada parte cerebral, compelindo ao desenvolvimento do envoltório ósseo, e aí produzindo protuberâncias, disso concluiu que, do exame dessas protuberâncias, poder-se-ia deduzir a predominância de tal ou tal faculdade, e daí o caráter ou as aptidões do indivíduo; daí, também, o nome de cranioscopia dado a esta ciência, com a diferença de que **a frenologia tem por objeto tudo o que**

concerne às atribuições do cérebro, ao passo que a cranioscopia se limita às induções tiradas da inspeção do crânio; em uma palavra, Gall fez, a respeito do crânio e do cérebro, o que Laváter fez para os traços da fisionomia (Fisiognomia).

**Não temos a discutir aqui o mérito dessa ciência, nem examinar se ela é verdadeira ou exagerada em todas as suas consequências; ela é, porém, alternativamente defendida e criticada por homens de um alto valor científico; se certos detalhes são ainda hipotéticos, ela não repousa menos sobre um princípio incontestável, o das funções gerais do cérebro, e sobre as relações existentes entre o desenvolvimento e a atrofia desse órgão e as manifestações intelectuais. O que é de nossa alçada, é o estudo de suas consequências psicológicas.**

(...)

Infelizmente, **Laváter caiu num defeito comum à maioria dos autores de sistemas**, e ó que, de um princípio verdadeiro em certos aspectos, concluem numa aplicação universal, e, no seu entusiasmo por descobrir uma verdade, veem-na por toda a parte: aí está o exagero e, frequentemente, o ridículo. **Não temos que examinar aqui o sistema de Laváter em seus detalhes; diremos somente que tanto é inconsequente remontar do físico ao moral por certos sinais exteriores, quanto é ilógico atribuir um sentido qualquer às formas ou sinais sobre os quais o pensamento não pode ter nenhuma ação.**

(...)

**Se examinarmos agora essa ciência nas suas relações com o Espiritismo, teremos a combater várias induções errôneas que dela se poderiam tirar.**

(...)

**Uma outra indução, não menos errada, é tirada do princípio da pluralidade das existências. De sua**

semelhança com certos personagens, há os que concluem poderem ter sido esses personagens; ora, pelo que precede, é fácil demonstrar-lhes que aí não está senão uma ideia quimérica.. Como dissemos, as relações consanguíneas podem produzir uma semelhança de formas, mas não está aqui o caso, e Esopo pôde, mais tarde, ser um homem muito bonito, e Sócrates um forte e belo jovem; assim, quando não há filiação corpórea, não se pode ver senão uma semelhança fortuita, porque não há nenhuma necessidade, para o Espírito, de habitar corpos semelhantes, e em se tomando um novo corpo não lhe traz nenhuma parcela do antigo. Entretanto, segundo o que dissemos acima, do caráter que as paixões podem imprimir aos traços, poder-se-ia pensar que, se um Espírito não progrediu sensivelmente, ele retorna com as mesmas inclinações, e poderá ter sobre o seu rosto idêntica expressão; isso é exato, mas seria no máximo um ar de família, e daí a uma semelhança real há muita distância. Esse caso, de resto, deve ser excepcional, porque é raro que o Espírito não venha, numa outra existência, com as disposições sensivelmente modificadas. Assim, dos sinais fisionômicos não se pode tirar nenhum indício de existências precedentes; não se pode encontrá-los senão no caráter moral, nas ideias instintivas e intuitivas, nos pendores inatos, naqueles que não são o fato da educação, assim como na natureza das expiações que se sofre; e ainda isso não poderia indicar senão o gênero de existência, o caráter que se deveria ter, tendo-se em conta o progresso e não a individualidade. (Ver O Livro dos Espíritos, números 216 e 217). (KARDEC, A. Revista Espírita, julho de 1860, A Frenologia e a Fisiognomia, grifo nosso)

O Siècle, de 4 de fevereiro contém uma carta do doutor Riboli que foi a Caprera examinar a cabeça de Garibaldi, do ponto de vista frenológico. **Não entra no nosso quadro apreciar o julgamento do doutor**, e ainda menos o personagem político; mas a leitura dessa carta nos forneceu algumas reflexões que, naturalmente, aqui encontram seu lugar.

O doutor Riboli **acha** que a organização cerebral de Garibaldi corresponde perfeitamente a todas as eminentes faculdades morais e intelectuais que o distinguem, e acrescenta:

(...)

Toda a carta está escrita com um entusiasmo que denota a mais profunda e a mais sincera admiração pelo herói italiano. Entretanto, **queremos muito crer que as observações do autor não foram influenciadas por nenhuma ideia preconcebida; mas isso não é do que se trata: aceitamos seus dados frenológicos como exatos (aceitar dados não significa aceitar a teoria), e não o fossem, Garibaldi com isso não seria nem mais nem menos do que é.** Sabe-se que **os discípulos de Gall formam duas escolas:** a dos materialistas e a dos espiritualistas. Os primeiros atribuem as faculdades aos órgãos; para ele os órgãos são a causa, as faculdades são o produto; de onde se segue que fora dos órgãos não há mais faculdades, dito de outro modo, que quando o homem está morto, tudo está morto. Os segundos admitem a independência das faculdades; as faculdades são a causa, o desenvolvimento dos órgãos é um efeito; de onde se segue que a destruição dos órgãos não leva ao aniquilamento das faculdades. **Não sabemos a qual dessas duas escolas pertence o autor da carta, porque a sua opinião não se revela por nenhuma palavra;** mas supusemos um instante que as observações acima foram feitas por frenólogo materialista, e nos perguntamos que impressão deveria sentir à ideia de que essa cabeça, que carrega todo um mundo, não deve seu gênio senão ao acaso ou ao capricho da Natureza que lhe teria dado a maior massa cerebral em lugar antes que num outro; ora, como o acaso é cego, e não tem plano premeditado, poderia muito bem aumentar o volume de uma outra circunvolução do cérebro, e dar assim, sem o querer, um outro curso às suas inclinações. Esse raciocínio se aplica, necessariamente, a todos os homens transcendentais, a qualquer título que isso seja. Onde estaria seu mérito se não devesse senão ao deslocamento de um pequeno pedaço de substância cerebral? Se um simples capricho da Natureza pode, em lugar de um grande homem, fazer um homem vulgar, em lugar de um homem de bem fazer um celerado?

Isso não é tudo. Considerando essa cabeça poderosa, hoje, não há alguma coisa de terrível em pensar que, amanhã, talvez, desse gênio nada restaria, absolutamente nada senão a matéria inerte que será a pastagem dos vermes? Sem falar das funestas consequências de um semelhante sistema, se fora acreditado diremos que ele formiga de contradições



inexplicadas, e que os fatos as demonstram a cada passo. Tudo se explica, ao contrário, pelo sistema espiritualista: as faculdades não são o produto dos órgãos, mas os atributos da alma, cujos órgãos não são senão os instrumentos servindo para a sua manifestação. Sendo a faculdade independente, a sua atividade leva o desenvolvimento do órgão, como o exercício de um músculo aumenta-lhe o volume. O ser pensante é o ser principal, cujo corpo não é senão um acessório destrutível. O talento, então, é um mérito real, porque ele é o fruto do trabalho, e não o resultado de uma matéria mais ou menos abundante. Com o sistema materialista, o trabalho com a ajuda do qual se adquire o talento, está inteiramente perdido na morte, que frequentemente não deixa o tempo de desfrutá-lo; com a alma, o trabalho tem a sua razão de ser, porque tudo o que a alma adquire serve para o seu desenvolvimento; trabalha-se por um ser imortal, e não por um corpo que, talvez, não tenha senão algumas horas para viver.

Mas, dir-se-á, o gênio não se adquire; ele é inato; é verdade; mas, também, porque dois homens nascidos nas mesmas condições são tão discordantes do ponto de vista intelectual? Por que Deus favoreceria um mais do que o outro? Por que daria a um os meios de progredir que recusaria ao outro? Qual é o sistema filosófico que resolveu esse problema? Só a doutrina da preexistência da alma pode explicar: o homem de gênio já viveu, tem aquisição, experiência, e a esse título tem mais direitos a nosso respeito que se tivesse a superioridade por um favor não justificado da Providência, ou do capricho da Natureza. **Gostamos de crer que o doutor Riboli viu na cabeça daquele que não tocava, por assim dizer, senão com um temor respeitoso, qualquer coisa mais digna de sua veneração que uma massa de carne, e que não a rebaixou ao papel de uma mecânica desorganizada.** Lembra-se desse trapeiro filósofo que, vendo um cão morto no canto da rua, dizer-se à parte: o que é senão nós! Pois bem! Todos vós que negais a existência futura, eis a que reduzis os maiores gênios. (Revista Espírita, março de 1861, A cabeça de Garibaldi)

Tal é, em poucas palavras, o princípio da ciência frenológica. Embora o nosso objetivo não seja desenvolvê-la aqui, uma

palavra ainda é necessária sobre o modo de apreciação. **Enganar-se-ia estranhamente crendo-se poder deduzir o caráter absoluto de uma pessoa só pela inspeção das saliências do crânio.**

(...)

Isso basta para mostrar que **as observações frenológicas práticas apresentam uma dificuldade muito grande**, e repousam sobre considerações filosóficas, que não estão ao alcance de todo o mundo. Colocadas estas preliminares, encaremos a coisa de um outro ponto de vista.

(...)

Dois sistemas radicalmente opostos têm, desde o princípio, dividido os frenologistas em materialistas e em espiritualistas. Os primeiros, nada admitindo fora da matéria, dizem que o pensamento é um produto da substância cerebral; que o cérebro segrega o pensamento, como as glândulas a saliva, como o fígado a bÍlis; ora, como a quantidade de secreção é geralmente proporcional ao volume e à qualidade do órgão secretor, dizem que a quantidade do pensamento é proporcional ao volume e à qualidade do cérebro, que cada parte do cérebro, segregando uma ordem particular de pensamentos, os diversos sentimentos e as diversas aptidões estão na razão do órgão que os produz. Não refutaremos esta monstruosa doutrina que faz do homem uma máquina, sem responsabilidade de seus atos maus, sem mérito de suas boas qualidades, e que não deve seu gênio e suas virtudes senão ao acaso de seu organismo (1- (1) Vede a Revista EspÍrita de março de 1851: A cabeça de Garibaldi, página 76).

Com semelhante sistema, toda punição é injusta e todos os crimes são justificados.

Os espiritualistas dizem, ao contrário, que os órgãos não são a causa das faculdades, mas os instrumentos da manifestação das faculdades; que o pensamento é um atributo da alma e não do cérebro; que a alma, possuindo por si mesma aptidões diversas, a predominância de tal ou tal faculdade leva ao

desenvolvimento do órgão correspondente, como o exercício de um braço leva ao desenvolvimento dos músculos desse braço; de onde se segue que o desenvolvimento do órgão é um efeito e não uma causa. Assim, um homem não é poeta porque tem o órgão da poesia; tem o órgão da poesia porque é poeta, o que é muito diferente. **Mas aqui se apresenta uma outra dificuldade diante da qual a frenologia forçosamente se detém: se é espiritualista, nos dirá bem que o poeta tem o órgão da poesia, mas não nos diz porque ele é poeta; porque o é antes que seu irmão, embora educado nas mesmas condições; e assim com todas as outras aptidões. Só o Espiritismo pode dar-lhes a explicação.**

(...)

**Voltemos à frenologia. Ela admite órgãos especiais para cada faculdade, e não cremos que esteja com a verdade; mas iremos mais longe.** Vimos que cada órgão cerebral é formado de um feixe de fibras; pensamos que cada fibra corresponde a uma nuance da faculdade. **Isto não é senão uma hipótese, é verdade, mas que poderá abrir caminho para novas observações.** (KARDEC, A. 2019g, p.137-147, grifo nosso)

Eis aí o que podemos judiciosamente chamar de opinião lúcida, imparcial e abalizada. Acreditamos que agora, conforme o exposto fica mais fácil entender a postura clara e reservada de Kardec, em face de algumas “teorias racistas”, conforme breve análise de alguns sofismas.

Há pessoas que se apegam ingenuamente à mera opinião de dois espíritas, tais como o Sr. Signates e Eugênio Lara, como se isso fosse à expressão da MAIS absoluta verdade, como se eles fossem infalíveis e como se entre nós devesse haver um consenso que absolutamente inexistente em seu próprio meio protestante. Quanta utopia!

Pegam palavras soltas, versos isolados, e ficam achando que somos menos ocupados quanto eles para ficar dançando ao som de suas valsas, e respondendo a todas as cavilações que nos dirigem. Pensam que estamos preocupados com o que alguns espíritas pensam de Kardec, mas omitem deliberadamente o mais importante, ou seja, a

opinião de Kardec sobre racismo. Mas vejamos agora se podemos conciliar racismo com o pensamento de Kardec:

"...Possam nossos irmãos futuros se lembrarem deste dia memorável em que os Espíritas lioneses, dando o exemplo de união e de concórdia, colocaram, nesses novos banquetes o primeiro passos da aliança que existir entre os Espíritas de todos os países do mundo; porque o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, **apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais ó o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos de cor** . O Espiritismo, alargando o círculo da família pela pluralidade das existências, estabelece entre os homens uma fraternidade mais racional do que aquela que não tem por base senão os frágeis laços da matéria, porque esses laços são perecíveis, ao passo que os do Espírito são eterno. Esses laços, uma vez bem compreendidos, influirão pela força das coisas, sobre as relações sociais, e mais tarde sobre a Legislação social, que tomará por base as leis imutáveis do amor e da caridade; então ver-se-á desaparecerem essa anomalias que chocam os homens de bom senso, como as leis da Idade Média chocam os homens de hoje...". (KARDEC, A. Revista Espírita 1861, pág. 297-298, grifo nosso).

### **“O homem de bem”**

“O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem que podia, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a outrem tudo o que desejara Lhe fizessem”.

“Deposita fé em Deus, na Sua bondade, na Sua justiça e na Sua sabedoria. Sabe que sem a Sua permissão nada acontece e se Lhe submete à vontade em todas as coisas”.

“Tem fé no futuro, razão por que coloca os bens espirituais

acima dos bens temporais”.

“Sabe que todas as vicissitudes da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar”.

“Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar paga alguma; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seus interesses à justiça”.

“Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, no fazer ditosos os outros, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que prodigaliza aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si, é para cuidar dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse. O egoísta, ao contrário, calcula os proventos e as perdas decorrentes de toda ação generosa”.

**“O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção de raças, nem de crenças, porque em todos os homens vê irmãos seus”.**

**“Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança anátema aos que como ele não pensam”.**

“Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade, tendo como certo que aquele que prejudica a outrem com palavras malévolas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a suscetibilidade de alguém, que não recua à ideia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amar o próximo e não merece a clemência do Senhor”.

“Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que perdoado Ihe será conforme houver perdoado”.

“É indulgente para as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência e tem presente esta sentença do Cristo: ‘Atire-Ihe a primeira pedra aquele que se

achar sem pecado”.

“Nunca se compraz em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em evidenciá-los. Se a isso se vê obrigado, procura sempre o bem que possa atenuar o mal”.

“Estuda suas próprias imperfeições e trabalha incessantemente em combatê-las. Todos os esforços emprega para poder dizer, no dia seguinte, que alguma coisa traz em si de melhor do que na véspera”.

“Não procura dar valor ao seu espírito, nem aos seus talentos, a expensas de outrem; aproveita, ao revés, todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja proveitoso aos outros’.

“Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado”.

“Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, porque sabe que é um depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões”.

**“Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus ; usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para os esmagar com o seu orgulho. Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição subalterna em que se encontram”.**

“O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da posição que ocupa e se empenha em cumpri-los conscienciosamente. (Cap. XVII, nº 9.)”.

“Finalmente, o homem de bem respeita todos os direitos que aos seus semelhantes dão as leis da Natureza, como quer que sejam respeitados os seus”.

“Não ficam assim enumeradas todas as qualidades que distinguem o homem de bem; mas, aquele que se esforce por possuir as que acabamos de mencionar, no caminho se acha

que a todas as demais conduz”. (KARDEC, A O Evangelho Segundo o Espiritismo, págs. 272-274, grifo nosso).

**“Com a reencarnação, desaparecem os preconceitos de raças e de castas, pois o mesmo Espírito pode tornar a nascer rico ou pobre, capitalista ou proletário, chefe ou subordinado, livre ou escravo, homem ou mulher. De todos os argumentos invocados contra a injustiça da servidão e da escravidão, contra a sujeição da mulher à lei do mais forte, nenhum há que prime, em lógica, ao fato material da reencarnação. Se, pois, a reencarnação funda numa lei da Natureza o princípio da fraternidade universal, também funda na mesma lei o da igualdade dos direitos sociais e, por conseguinte, o da liberdade”.** (KARDEC, A. A Gênese, pág. 31, grifo nosso).

“Somente o progresso moral pode assegurar aos homens a felicidade na Terra, reftreando as paixões más; somente esse progresso pode fazer que entre os homens reinem a concórdia, a paz, a fraternidade”.

**“Será ele que deitará por terra as barreiras que separam os povos, que fará caíam os preconceitos de casta e se calem os antagonismos de seitas, ensinando os homens a se considerarem irmãos que têm por dever auxiliarem-se mutuamente e não destinados a viver à custa uns dos outros”.**

“Será ainda o progresso moral que, secundado então pelo da inteligência, confundirá os homens numa mesma crença fundada nas verdades eternas, não sujeitas a controvérsias e, em consequência, aceitáveis por todos”.

**“A unidade de crença será o laço mais forte, o fundamento mais sólido da fraternidade universal, obstada, desde todos os tempos pelos antagonismos religiosos que dividem os povos e as famílias, que fazem sejam uns, os dissidentes, vistos, pelos outros, como inimigos a serem evitados, combatidos, exterminados, em vez de irmãos a serem amados”.** (KARDEC, A. A Gênese, págs. 414-415, grifo nosso).

“Essa fase já se revela por sinais inequívocos, por tentativas de reformas úteis e que começam a encontrar eco. Assim é que vemos fundar-se uma imensidade de instituições protetoras, civilizadoras e emancipadoras, sob o influxo e por iniciativa de homens evidentemente predestinados à obra da regeneração; que as leis penais se vão apresentando dia a dia impregnadas de sentimentos mais humanos. **Enfraquecem-se os preconceitos de raça, os povos entram a considerar-se membros de uma grande família**; pela uniformidade e facilidade dos meios de realizarem suas transações, eles suprimem as barreiras que os separavam e de todos os pontos do mundo reúnem-se em comícios universais, para as justas pacíficas da inteligência”. (KARDEC, A. A Gênese, págs. 415-416, grifo nosso).

“Com efeito, suponhamos uma sociedade de homens bastante desinteressados, bons e benevolentes para viverem, entre si, fraternalmente, não haveria entre eles nem privilégios nem direitos excepcionais, sem o que não haveria ali fraternidade. **Tratar alguém como irmão, é tratá-lo de igual para igual; é querer-lhe o que desejaria para si mesmo; num povo de irmãos, a igualdade será a consequência de seus sentimentos, de sua maneira de agir, e se estabelecerá pela forças das coisas.** Mas qual o inimigo da igualdade: É o orgulho. O orgulho, que, por toda a parte, quer primar e dominar, que vive de privilégios e de exceções, pode suportar a igualdade social, mas não a fundará jamais e a destruirá na primeira ocasião. Ora, sendo o orgulho, ele também, uma das pragas da sociedade, enquanto não for destruído, oporá uma barreira à verdadeira igualdade”. (KARDEC, A. Obras Póstumas, pág. 230, grifo nosso).

“Fora da caridade não há salvação”

“Estes princípios, para mim, não são apenas uma teoria, eu os coloco em prática; faço o bem tanto quanto o permite a minha posição; presto serviço quanto posso; os pobres jamais foram rejeitados em minha casa, ou tratados com dureza; a todo momento não foram sempre recebidos com a mesma benevolência? Jamais lamentei meus passos e minhas diligências para prestar serviço; pais de família não saíram da prisão pelos meus cuidados? Certamente não me cabe fazer o



inventário do bem que pude fazer; mas, num momento em que parece tudo esquecer-se, é-me muito permitido, creio, chamar à minha lembrança que **a minha consciência me diz que não fiz mal a ninguém, que fiz todo o bem que pude**, e isso o repito sem pedir conta de opinião; sob esse aspecto, a minha consciência está tranquila e de alguma ingratidão com a qual pude se pago, em mais de uma ocasião, isso não poderia ser para mim um motivo para deixar de fazê-lo; a ingratidão é uma das imperfeições da Humanidade, e como nenhum de nós está isento de censuras, é preciso saber passar aos outros pelo que se nos passa a nós mesmos, a fim de que se possa dizer, como J. C.: 'que aquele que está sem pecado, lhe atire a primeira pedra'. Continuarei, pois, a fazer todo o bem que puder, mesmo aos meus inimigos, porque o ódio não me cega; e eu lhes estenderia sempre a mão para tirá-los de um precipício, se a ocasião disso se apresentasse”.

“Eis como entendo a caridade cristã; compreendo uma religião que nos ordena retribuir o mal com o bem, com mais forte razão restituir o bem pelo bem. Mas não compreenderia jamais a que nos prescrevesse retribuir o mal com o mal. (Pensamentos íntimos de Allan Kardec; documento encontrado em seus papéis)’. (KARDEC, A. Obras Póstumas, pág. 327, grifo nosso).

Para finalizar, não podemos deixar de ressaltar que sobre isso, ao contrário do que pensam alguns, o Kardec como um homem de seu tempo e na qualidade de Codificador do Espiritismo, já deixou seu veredicto irrevogável:

“o Espiritismo, restituindo ao Espírito o seu verdadeiro papel na criação, constatando a superioridade da inteligência sobre a matéria, **apaga naturalmente todas as distinções estabelecidas entre os homens segundo as vantagens corpóreas e mundanas, sobre as quais o orgulho fundou castas e os estúpidos preconceitos de cor”**.

## 6. Comunicação com os mortos na Bíblia

*O diálogo com os mortos não deve ser interrompido porque, na realidade, a vida não está limitada pelos horizontes do mundo. (Papa João Paulo II),*

*O espiritismo existe, há sinais na Bíblia, na Sagrada Escritura, no Antigo Testamento. Não se pode negar que exista esta possibilidade de comunicação. (Gino Concetti).*

*A Igreja acredita que seja possível uma comunicação entre este mundo e o outro mundo. A Igreja se sente peregrina, porque vive na terra e possui uma pátria no céu. (Sandro Register).*

Neste estudo, irei me basear no excelente texto do Paulo Neto que tem o mesmo título de nosso trabalho “**Comunicação com os Mortos na Bíblia**”, a fim de dar continuidade aos assuntos por ele abordados e também aprofundar em outros ainda não explorados. Entendemos que o Espiritismo é uma doutrina racional e científica dos tempos atuais, com Jesus ao entabular diálogo com Elias e Moisés no Monte Tabor, diante dos apóstolos. Com o perfil de fácil consulta dos leitores, daqui a diante, vou prosseguir na subdivisão em tópicos e subtópicos para facilitar a consulta dos prezados leitores.

Temos a informação, baseado no **ESDE (Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita)** <sup>[20]</sup>, de que o Antigo ou Velho testamento abrange três conjuntos, discrimináveis pelo conteúdo e nem sempre uniformemente distribuídos em: Lei – livros históricos de legislação mosaica, Profetas – livros de inspirações mediúnicas, intercalados de passagens históricas, Escrituras Sagradas – livros hagiográficos (de coisas santas) de poesia e sapiência.

Em Moisés encontrava-se o grande legislador hebreu saturando-se de todos os conhecimentos iniciáticos, no Egito Antigo, onde seu espírito recebeu primorosa educação, à sombra do prestígio de Témutis, cuja caridade fraterna o recolhera. A Lei, ou Torá abrange cinco livros iniciais, englobados em tradução grega sob o nome de Pentateuco: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

O livro do *Gênesis* abrange a história simbólica das origens da

Humanidade, posto em destaque o povo Hebreu até a sua entrada no Egito; *Êxodo*, as agruras desse povo, sua saída do Egito e aliança com o Senhor, através dos Dez Mandamentos, recebidos por Moisés no Monte Horeb, na cadeia do Sinai; *Levítico*, leis civis e religiosas, núcleo da legislação mosaica destinada ao povo e em especial a Sacerdotes, isto é levitas (Descendentes de Levi, a serviço do Divino); *Números*, outras leis e prescrições, principalmente recenseamento do povo Hebreu e enumeração das famílias; ***Deuteronômio***, recapitulação de preceitos e episódios, **inclusive a morte de Moisés**. Sobre os profetas e os livros hagiográficos eu não vou me adentrar no estudo deles, e sim irei focar na Lei ou o Pentateuco, sobretudo, utilizaremos a narrativa dos Profetas como foco proposto do tópico apenas para exemplificação.

## 6.1. Analisando o Livro de Deuteronômio

Vou me ater, necessariamente neste instante, ao livro de Deuteronômio e tecer alguns comentários, mediante a observância em seu significado, sua origem e as suas ordenanças, tal qual se pratica somente a determinação de proibição de evocação com os “mortos” para destituir a Doutrina Espírita de seu devido crédito mediante a análise prematura e errônea da mesma, onde, porventura, **não coadunamos com a necromancia** ou a magia antiga. Contudo, vamos a análise e o que significa Deuteronômio:

*“O título grego do livro significa segunda lei ou cópia da lei: lei, porque o livro tem muito de código legal; segunda, porque outra a precedeu. Os judeus o chamavam debarim, ou seja, palavras: porque o livro, até o final do capítulo 33, é um longo discurso de Moisés. Um discurso no qual cabem muitas coisas. Se nos limitarmos a indicações programáticas, apontaríamos: começa o retrospectivo (1,1); começa a legislação (4,44); começa a aliança (28,69); começam as bênçãos (33,1)”. (Bíblia do Peregrino, p. 292).*

O que esta obra contém:

“O Código deuteronômico contém também prescrições alheias ao Código da Aliança e por vezes arcaicas, que provêm de

fontes desconhecidas”. (*Bíblia de Jerusalém*, p. 30).

*“Antes de morrer, Moisés dá início ao assentamento das tribos. Promulga um código que prevê e decide as situações mais importantes da comunidade: monarquia, sacerdócio, profetismo, culto, justiça social, guerra e paz, família, escravidão e sociedade, direito civil, processual e penal”.* (*Bíblia o Peregrino*, p. 292, grifo nosso).

*“12,1-26,19. A Lei deuteronômica contém leis que se referem aos vários aspectos da vida nacional, como leis sociais, culturais e criminais”.* (*Vozes*, p. 211, grifo nosso).

*“O livro não é uma simples repetição da legislação contida nos livros precedentes, mas além de leis novas, oferece complementos, esclarecimentos e modificações a primeiras. É, de certo modo, uma segunda lei, promulgada no fim da longa peregrinação dos israelitas, paralela à lei dada no Sinai e destinada a regular mais de perto a vida do povo escolhido, no solo da Terra Prometida à qual eles estavam para chegar e dela tomar posse definitiva”.* (*Paulinas*, p. 183).

Qual é a verdadeira origem desta obra:

***“O Decálogo, dentro da Aliança, é a única Lei que provém diretamente de Deus; tudo o mais vem de Moisés”*** (*Santuário*, p. 242, grifo nosso).

Importante esta informação contida nesta nota de rodapé, onde argumentamos sobre esta questão da Lei Imutável e Universal contida no Decálogo e a Lei mutável, sendo ela social, cultural, religiosa e criminal, apresentada pelo grande Legislador Moisés. Quem quiser pode confirmar, que várias prescrições contidas no Deuteronômio, onde nele podem ser encontradas no Código de Hamurabi, escrito cerca de 1780 antes de nossa era.

Ademais, analisando com mais vagar sobre a arte da necromancia, encontramos no **Dicionário Aurélio**, conforme abaixo:

**Necro:** Do gr. nekro < gr. nekros, oû. O que significa 'morte'; 'cadáver'; 'extinto'.

**Mancia:** Do gr. -manteia. O que significa 'adivinhação', 'predição'.

A **Necromancia** tem a mesma formação das palavras **Cartomancia**, que significa adivinhação por meio de cartas de jogar, ou então **Quiromancia** que é a adivinhação pelo exame das linhas da palma da mão; quiroscopia. Outrossim, o termo **adivinhação**, nesse caso, provoca uma diferença considerável ao que estão nos postulados espíritas, onde Kardec não deixa uma linha sequer que aprove, ou até mesmo abone tais práticas. Por outro lado, o codificador previne de utilização indevida da mediunidade para fins de adivinhação, já que é alvo certo para mistificações. Tão logo, essa passagem de Deuteronômio 18.10-12, pode ser aplicada a quem quiserem, menos aos espíritas que seguem as orientações de Jesus e da codificação de Allan Kardec já comentada anteriormente, porque os verdadeiros seguidores doutrinários, **já** se comunicam com os Espíritos visando adivinhação. Enfim, ainda devo adentrar neste assunto mais adiante.

## 6.2. O código de Hamurabi e a correlação com o Deuteronômio

Utilizando a ferramenta da **Wikipédia** <sup>[21]</sup>, a enciclopédia global, chegamos a informação de que Hamurabi, onde também são usadas as transcrições Hammu-rapi ou Khammurabi, este foi o sexto rei da primeira dinastia babilônica. Conseguiu, durante o seu reinado, conquistar a Suméria e Acádia, tornando-se o primeiro rei do Império babilônico. Hamurabi reinou de 1728 a.C. até sua morte, em 1686 a.C., tendo ampliado a hegemonia da Babilônia por quase toda a Mesopotâmia, iniciando pela dominação do sul, tomando Ur em e Isin do rei de Larsa no início de seu reinado.

Em 1762 a.C. conquistou Larsa, em 1758 a.C. tomou Mari, em 1755 a.C. Echuma e provavelmente em 1754 a.C. conquistou Assur. Foi o primeiro grande organizador que consolidou o seu império sobre normas regulares de administração. **Tornou-se famoso por ter mandado compilar o mais antigo código de leis escritas, conhecido como Código de Hamurabi** no qual consolidou uma legislação preexistente, transcrevendo-a numa estela de diorito em três alfabetos

distintos.

A estela do Código de Hamurabi foi encontrada em Susa em 1901. Nela, além da coleção de cerca de 282 artigos (mais apropriadamente casos de jurisprudência), pode-se ver a imagem de Hamurabi em frente ao trono do deus Shamash. O monumento hoje pode ser admirado no Museu do Louvre, em Paris, na sala 3 do Departamento de Antiguidades Orientais.

Com efeito, encontramos nas diversas notas de rodapé das Bíblias de consulta utilizadas, a seguinte informação:

*“A lei sobre os escravos já aparece no Código da Aliança (Ex 21,1-5), **como aparece também no Código de Hamurabi (art. 117)**, mas é fácil ver-se a grande diferença com a escravatura greco-romana”. (Santuário, p. 255, grifo nosso).*

Importante afirmativa sobre as leis escravocratas do o Código de Hamurabi e as demais instituídas por Moisés. Certamente Moisés obteve contato com tais leis e elaborou as suas de acordo com este modelo no Código de Hamurabi.

Outrossim, temos também que:

*“A lei de talião assenta-se em instituições sedentárias (Ex 21,24; Lv 24,19), contra os costumes nômades baseados nas represálias (Gn 4,15-24). **O equilíbrio dos clãs exigia a lei de talião**, em que o culpado é posto no lugar de sua vítima, **existente no Código de Hamurabi (195, 197, 200, 210, 230)**”. (Santuário, p. 260, grifo nosso).*

*“O código de Hamurabi (par. 129) é mais benigno para estes casos que a lei de Israel”. (Santuário, p. 264).*

Confrontando as duas personalidades de Hamurabi e Moisés, onde este último, Moisés, que terá vivido por volta de 1250 a.C., é o personagem bíblico responsável pelo Êxodo do povo hebreu do Egito para sua Terra Prometida, atravessando o Mar Vermelho. Moisés é, segundo a tradição, o autor dos 5 livros do Pentateuco, e é ainda o personagem principal de Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. É

visto pelos judeus como seu principal legislador, ao definir leis e regras de conduta ao povo de Israel, e um de seus principais guias espirituais.

Para os cristãos, a história do êxodo israelita, **liderado por Moisés** (e segundo a Bíblia, sob ordens divinas) representa a libertação espiritual do reino do pecado (representado por Faraó e o Egito) para o reino de Deus (que por sua graça manifesta a libertação a um povo que se passa a assumir como tal, e pertença de Deus). Durante 40 anos (talvez entre 1250 e 1210 a.C.), os Judeus erram pelo deserto. É nesse período que Moisés encontra Deus no Monte Sinai e recebe os 10 mandamentos. Depois da morte de Moisés, o seu servo Josué atravessa o rio Jordão, ganha a batalha de Jericó e conduz os judeus a Canaã.

Mais abaixo, tecerei alguns comentários sobre as ordenanças mosaicas e a sua atual prática, se é que ela ainda existe e será neste tema que retornarei mais adiante, ou seja, a mutabilidade das leis puramente humanas.

### **6.3. Existe a manifestação de bons e maus espíritos?**

Frisamos que os Espíritos se comunicam naturalmente e com a permissão de Deus. Segundo os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, a ordem da proibição é clara, aceitar ou não já é de foro íntimo. Todavia, mesmo a discussão deles não pautar se não é se os Espíritos se comunicam ou não, **até porque precisaríamos saber que Espíritos são estes**, mas isto não é o foco do assunto, o que importa é se é permitido ou não. Ou seja, mediante a sugestão do proponente, creio que João em sua epístola nos esclarece:

*Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora. Nisto reconheceis o espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo. (1 Jo 4:1-3)*

Quando o apóstolo João nos orienta que temos que provar todos os Espíritos que se manifestam, a fim de **saber que Espíritos são estes**, ou seja, se são bons ou maus espíritos. Certamente é pelo fato de que ambos podem se manifestar. Outrossim, segundo os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, o fato de haver comunicação não significa permissão de Deus, e, sim, que isto faz parte de sua “vontade permissiva”, para não ferir o livre-arbítrio dado ao homem, uma vez que é proibido ao homem várias coisas, como adultério, fornicação, dentre outros pecados. Com efeito, desviar-se da conduta estabelecida pelas leis tanto divinas, quanto humanas, implicaria em frutos a colher sobre aquele que utiliza uma forma inadequada sobre o seu livre-arbítrio. O que Moisés queria impedir, não foi o fato de se comunicar e sim da forma de como ela se procedia, onde se vê claramente este relato no AT, até mesmo porque este fenômeno é natural, tanto no AT, quanto no NT e que demonstraremos mais adiante.

*Mas no arraial ficaram dois homens; chamava-se um **Eldade, e o outro Medade; e repousou sobre eles: o espírito**, porquanto estavam entre os inscritos, ainda que não saíram para irem à tenda; e profetizavam no arraial. Correu, pois, um moço, e tenho dado os levitas a Arão e a Eldade e Medade profetizaram no arraial. Então Josué, filho de Num, servidor de Moisés, um dos seus mancebos escolhidos, respondeu e disse: **Meu Senhor Moisés, proíbe-lho. Moisés, porém, lhe disse: Tens tu ciúmes por mim? Oxalá que do povo do Senhor todos fossem profetas**, que o Senhor pusesse o seu espírito sobre eles! Depois Moisés se recolheu ao arraial, ele e os anciãos de Israel. (Nm 11:26-30)*

Conforme a citação do livro de Números acima, certamente era um momento em que dois homens, entre eles Eldade e Medade que não faziam parte do meio em que estavam Moisés, os setenta anciãos e demais hebreus no acampamento. Com efeito, estes dois homens vieram a profetizar e não foram proibidos por Moisés, mesmo não fazendo parte dos demais anciãos.

Assim sendo, segundo os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, o fato de continuarem existindo adultérios, fornicações e demais pecados pode se inferir que é com o aval de Deus que ocorre?



O questionamento em foco os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, reside em nossa argumentação de que Deus viria a evitar tal comunicabilidade do plano espiritual com o físico, a fim de que a comunicabilidade não existisse, já que para alguns ela não existe, mas a sua proibição sim. Ou seja, viria Deus proibir algo que não existe? Certamente é algo **ilógico** em se proibir algo que não pode ocorrer.

Todavia, se ainda existindo adultérios, fornicções e demais pecados pode se inferir que é com o aval de Deus que ocorre? A resposta é sim, pois nada do que ocorre no universo é sem o aval de Deus. Outrossim, se ocorrem tais atos em desacordo com a Providência Divina, certamente é pelo fato de termos o nosso livre-arbítrio e podermos escolher entre o caminho reto das virtudes celestes, ou a dos vícios da matéria.

Assim como recomenda João de que viéssemos a provar os Espíritos (**I Jo 4:1-3**), com certeza é porque devemos saber quais são as sãs e a vãs comunicações. Ademais, se ocorrem comunicações com fins úteis e fúteis, obviamente os maiores prejudicados com tais comunicações fúteis no caso, seremos nós mesmos.

Embora ocorram tais comunicações, sempre devemos buscar a Deus, todavia, sempre que estivermos em um momento da necessidade de um auxílio da parte Dele, obviamente que será através de um espírito que virá nos socorrer ao chamado, assim como ***Ainda, quanto aos anjos, diz: Aquele que a seus anjos faz ventos, e a seus ministros, labareda de fogo; (Hb 1:7)***. Se os espíritos são os ministros do Pai, o que Moisés proibiu foi à forma como elas ocorria esta comunicabilidade e que esclareceremos abaixo.

#### **6.4. A diferença entre a comunicabilidade com os “mortos” e a necromancia**

Neste intento, **Severino Celestino**, em sua obra “*Analisando as Traduções Bíblicas*” discorre muito bem sobre esta questão, situando as gritantes diferenças do objetivo no trato com os mortos, entre os povos primitivos, no caso em questão, os Egípcios e os espíritas de hoje.

Assim ele arremata:

*“Quem conhece o Espiritismo sabe muito bem que os espíritos não vão a cemitério debruçarem-se sobre túmulos, nem ali dormir, para dialogar com os espíritos e este era o costume daquela época, por isso, proibido por Moisés. Além disto, os Espíritos não exigem a presença dos ‘mortos’ nem evocam os espíritos superiores para deles obterem revelações ilícitas, nem delas tirarem benefícios pessoais, mas esperam as suas manifestações espontâneas, para delas receberem sábios conselhos e proporcionarem alívio àqueles que sofrem. Se os Hebreus utilizassem a comunicação dos mortos do mesmo modo e seriedade com que os Espíritos o fazem hoje, certamente Moisés não os teria proibido de nada. Pelo contrário, tê-los-ia estimulado. Veja Números 11:26 a 30” (SILVA, 2012, p. 94, grifos nossos)*

Ao qual abordamos outrora, alhures para dar continuidade se era uma proibição de Deus e não de Moisés, é porque elas ocorriam rotineiramente e se elas ocorriam era porque Deus as permitia, com já dizia nosso irmão Chico Xavier de que o telefone só toca do lado de cá, portanto se era uma proibição de Deus, haveria de ter sido anunciada no Decálogo, ou até mesmo uma impossibilidade desta comunicação do plano Espiritual para o Físico, fato este que não ocorreu e não existe esta hipótese da impossibilidade de se comunicar com o plano espiritual. O que ocorre é que podemos provar todos os espíritos, a fim de que possamos verificar se realmente são ou não vindos da parte de Deus.

## **6.5. Adulteração no livro de Deuteronômio**

Baseando-me na obra **“Analisando as Traduções Bíblicas”**, segue o estudo a seguir que analisa a tradução de alguns textos da Bíblia Hebraica, ou seja, o Tanah, especialmente com relação à passagem tão propalada de **Deuteronômio 18**, onde é considerada a mais utilizada relativamente contra a Doutrina Espírita. Observem que na transliteração, foram consideradas as regras de acentuação da língua portuguesa, mas que salta aos nossos olhos algumas traduções

que conhecemos.

e) Deuteronômio, (18: 9-11) : Texto Hebraico.

כִּי אַתָּה בָּא אֶל-הָאָרֶץ אֲשֶׁר-יְהוָה אֱלֹהֶיךָ נֹתֵן לָךְ לְאֶתְמַד  
לַעֲשׂוֹת כְּתוֹעֵבֹת הַגּוֹיִם הָהֵם: לֹא-יִמְצֵא בְךָ מִשְׁבִּיר בְּנֹרָה  
וּכְתוּב בְּאֵשׁ קִסֵּם קִסְמִים מְעוֹנֵן וּמְנַחֵשׁ וּמְכַשֵּׁף: הַזְכֵּר הַזְכֵּר  
וְשָׂא לְאוֹב וְדַעֲנִי וְדַרְשׁ אֱלֹהֵי-מֵתִים:

Texto Hebraico Transliterado

"**ki atá ba él-haaréts asher lahvéh Eloheichá noten lach lô tilmad la'assôt kto'avôt hagoim hahém. lô-imatzê bechá ma'avir benô-uvitô baêsh kôssen ksamim me'onem umnachêsh umchashêf: vchovêr vchavêr vshoêl ôv veid'oni vedorêsh el-hametim**".

Tradução Literal

"**ki**=quando; **atá**=entrares; **bá**=fores, chegares ou entrares; **él-haaréts**=na terra; **asher**=ao qual; **lahvéh**=lahvéh; **Eloheichá**=teu Deus; **noten lach**=te dá; **lô tilmad**=não aprendas; **la'assôt**=fazer; **kto'avôt**=sujeiras, manchas, abominações; **hagoim hahém**=daquelas nações estrangeiras. **lô-imatzê bechá**=Não se achará entre ti; **ma'avir benô-uvitô**=quem faça passar seu filho ou sua filha; **baêsh**=pelo fogo; **kôssen**=nem encantador; **ksamim**=nem feiticeiros; **me'onem**=nem agoureiro; **umnachêsh**=nem cartomante; **umchashêf**= e nem mágico, bruxo, ou feiticeiro; **vchovêr**=nem mago; **vchavêr**=e semelhante; **vshoêl ôv**=nem quem consulte o necromante, o mágico ou o feiticeiro; **veid'oni**= e o mágico ou adivinho; **vedorêsh**= e quem exija a presença; **el-hametim**=dos mortos"

Analisemos agora todo este texto palavra por palavra para que você, leitor, possa tirar suas conclusões.

Começemos pelas recomendações de Moisés no Versículo nove(9) do Deuteronômio 18: "**Quando entrares ou chegares na terra que lahvéh teu Deus te dá, não aprendas a fazer as abominações daquelas nações**".

Aqui começam as recomendações. A quem são dirigidas estas recomendações?

Aos Espíritas?

Claro que não!

**“Quando entrares na terra que Iahvéh te deu”.**

Quando quem entrar?

Certamente que Moisés se refere aos **“Bnei Israel”**, Filhos de Israel, ou o povo de Israel.

E a que terra prometida por Deus se refere Moisés?

Sabemos que o autor sagrado se refere à terra de Canaã ou terra prometida por Deus a Abraão e seus descendentes.

Ora, se estas recomendações foram dirigidas aos filhos de Israel ou Hebreus, nós, espíritas, 4.000 anos depois, não temos a menor responsabilidade sobre esse fato, pois por acaso, recebemos de Moisés a incumbência de ir para a terra prometida?

Parece-nos que os desejosos de atacar, a todo custo, o seu **“PRÓXIMO”** só porque possui outra filosofia religiosa, ficam tão presos às questões críticas e pessoais, que não percebem a verdadeira época e origem dos textos sagrados e a quem eles foram realmente dirigidos.

Vamos analisar, agora, o texto do Deuteronômio, o que de uma maneira geral, resume os demais e serve para que cada um possa tirar as suas dúvidas e conclusões.

**Iô-imatzê bechá**=Não se ache contigo; **ma'avir benô-uvitô baêsh**=quem faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha.

Refere-se esta primeira parte ao costume entre os fenícios de queimar os primogênitos no altar de Moloq<sup>35</sup>. Moisés proíbe ainda que nem sequer se faça oferta dos filhos e filhas de Moloq, fazendo-os passar pelo fogo (Lv. 18:21 – 2Rs. 23:10). Os acontecimentos bíblicos fazem pensar em ritos realizados para fundações ou em caso de derrotas e infortúnios (1Rs. 16:34; 2Rs. 3:27).

**Maimônides<sup>85</sup>, (1135-1204), filósofo, médico, mestre da literatura rabínica e um dos maiores iluminadores do povo judeu em todos os tempos**, explica este procedimento: “Um grande fogo é aceso. O pai toma um de seus filhos e o entrega aos sacerdotes que são adoradores do fogo. Aqueles sacerdotes devolvem o filho ao pai, após ter sido entregue em suas mãos, para que possa ser passado através do fogo, com o consentimento do pai. O pai é quem passa o seu filho sobre o fogo, com a permissão do sacerdote. Ele faz seu filho andar com os próprios pés através das chamas, de um lado ao outro. De fato, em tal ritual, não se queima a criança em honra de Moloq como filhos e filhas eram queimados no ritual de uma

espécie de idolatria, mas faz-se meramente com que ele passe através do fogo, a serviço do ídolo chamado Moloq’.

Veja a desobediência dos israelitas em 2 Reis 17:17: **“Fizeram passar pelo fogo seus filhos e filhas, praticaram a adivinhação e a feitiçaria, e venderam-se para fazer o mal na presença de lahvéh, provocando sua ira”**.

Eles ainda estavam muito ligados aos costumes egípcios, daí a preocupação de Moisés, Isaías faz referência em seu livro no Capítulo 19:3, sobre este costume que é herdado dos Egípcios. Veja seu comentário: **“O espírito dos egípcios será aniquilado no seu íntimo, confundirei o seu conselho. Eles irão em busca dos seus deuses vãos, dos encantadores e dos adivinhos” (vél-haovôt vél-haid’onim)**.

Na etimologia clássica grega, Cronos devorava seus filhos. A imolação de crianças na fogueira era acompanhada de cerimônias de encantamento destinadas a apaziguar o deus. Acaz, rei de Judá, realizou tais práticas e está em 2Rs. 16:2-4. Veja: **“Acaz tinha vinte anos quando começou a reinar e reinou dezesseis anos em Jerusalém. Não fez o que é agradável aos olhos de lahvéh, seu Deus, como havia feito David, seu pai. Imitou a conduta dos reis de Israel, e chegou a fazer passar pelo fogo, segundo os costumes abomináveis das nações de lahvéh havia expulsado de diante dos filhos de Israel”**.

Aqui existe, por parte da maioria dos tradutores, a tendência de utilizar um texto escrito, em um passado remoto, para adaptá-lo a uma realidade completamente diferente, no presente, tendo, principalmente, como objetivo condenar uma Doutrina que eles desconhecem.

Analise o versículo 10 e responda: Onde é quem no texto acima traduzido, estão as palavras **“médiuns, espiritismo, ou espírita ou espírito”** que tantos tradutores encontram?

Com um pouco de Exegese e Hermenêutica desprovidas de sectarismo religioso faz falta a muita gente!...

Agora observe a tradução da 35ª. edição da Bíblia, realizada pelo centro Bíblico Católico editora Ave Maria22: **“Quando tiverdes entrado na terra que o Senhor, teu Deus, te dá, não te porás a imitar as práticas abomináveis da gente daquela terra. Não se ache no meio de ti quem faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, nem que se dê a adivinhação, à astrologia, aos agouros, ao feiticismo, à magia, ao espiritismo, à adivinhação ou a evocação dos**

**mortos**". (tradução incorreta).

Está de acordo, caro leitor, com os textos hebraicos traduzidos acima?

Observe ainda o que coloca a Bíblia "**Tradução do Novo Mundo das Escrituras Sagradas**<sup>13</sup>" dos nossos irmãos Testemunhas de Jeová:

**“Quando tiveres entrado na terra que Jeová, teu Deus, te dá, não debes aprender a fazer as coisas detestáveis dessas nações. Não se deve achar em ti alguém que faça seu filho ou sua filha passar pelo fogo, alguém que empregue adivinhação, alguém praticante de magia ou quem procure presságios, ou um feiticeiro, ou alguém que prenda outros com encantamento, ou alguém que vá consultar um médium Espírita, ou um prognosticador profissional de eventos, ou alguém que consulte os mortos**". (tradução incorreta).

Analise a tradução, comparando-a com o texto traduzido acima e tire suas conclusões... onde existe médium e espírita neste versículo? (SILVA, 2012, p. 85-89, grifos no original)

Após esta análise, vemos que há uma tentativa de se condenar a Doutrina Espírita em cima desta passagem, mesmo que estes que se arvoram em detratar o Espiritismo, infelizmente venham **adulterar** um documento histórico. Embora, temos visto a tentativa de se “traduzir” e inserir nos originais hebraicos, neologismos espiritistas, tais como **espiritismo** e **médium**, onde as mesmas foram criadas em 1857 por Kardec, como poderiam estar nos originais?

Mediante tal fato caros leitores, comprova-se a tentativa de se convencer de que a Doutrina Espírita possui uma condenação Bíblica que não existe e pior, por **adulteração** de um documento histórico **que é crime**. Ademais, voltarei neste ponto mais adiante quando abordar outras edições desta passagem e de outras mais.

## **7. Analisando a comunicação com os “mortos” e os seus exemplos**

Neste ponto do estudo, abordaremos exemplos da comunicabilidade tanto no AT, como no NT, onde não poderia deixar de

relembrar que se esta norma era uma determinação divina a sua proibição factual e irrestrita, certamente Jesus a violou quando se comunicou com os espíritos gloriosos de Moisés e Elias no Monte Tabor (**Mt 17:1-13; Mc 9:2-8; Lc 9:28-36**). Com efeito, se testificarmos que a proibição era sobre a forma de como se sucediam tais comunicações, o problema está resolvido, mas se não identificarmos estas diferenças, fatalmente Jesus veio a transgredir uma lei divina. Todavia, o nosso objetivo será identificar que **esta proibição era da forma em que ocorria** e não em sua proibição de ocorrer.

### **7.1. A comunicação com o plano espiritual como algo natural nas Escrituras**

Argumentamos também que esta comunicabilidade era de acordo com a vontade Divina e não de acordo com os nossos caprichos. Diante disso, damos exemplo no AT:

*Então eles disseram a Jeremias: Seja o Senhor entre nós testemunha verdadeira e fiel, se assim não fizermos conforme toda a palavra com que te enviar a nós o Senhor teu Deus. Seja ela boa, ou seja, má, à voz do Senhor nosso Deus, a quem te enviamos, obedeceremos, para que nos suceda bem, obedecendo à voz do Senhor nosso Deus. **Ao fim de dez dias veio a palavra do Senhor a Jeremias. (Jr 42:5-7)***

Assim como vemos o mesmo fato em **Daniel 5:5** que foi observado e narrado historicamente, chegando a manifestação da **Pneumatografia** ou escrita direta de um Espírito a escrever sem o intercâmbio do médium, ou a mais conhecida Psicografia. Concluindo de que a comunicação do plano espiritual com o físico é espontânea e vice-versa, bem como em **Jeremias 42:5-7** e em Daniel não foram frívolas e sim uma manifestação da espiritualidade superior regida pelo Pai.

*Na mesma hora **apareceram uns dedos de mão de homem**, e escreviam, defronte do castiçal, na caiadura da parede do palácio real; e o rei via a parte da mão que estava escrevendo. **(Dn 5:5)***

Portanto, grifamos e é testificado de que o Plano Espiritual não

está a nosso comando e desejos, pois é a Espiritualidade Superior regida por Jesus quem faz e executa a vontade do Pai, onde neste caso o Profeta Jeremias aguardou até 10 dias para receber tal comunicação com o plano espiritual, fato este que condiz com a nossa argumentação de que o plano espiritual se manifesta ao plano físico com a permissão do Pai, no entanto o que frisamos novamente de que Moisés proibiu as evocações frívolas herdadas pelos costumes egípcios e qualquer forma de adivinhação e necromancia, enquanto o povo Hebreu esteve em seu cárcere no reinado de Ramsés II, onde os filhos de Israel eram odiados pelos egípcios e forçados ao trabalho escravo árduo e penoso.

## **7.2. O parecer do R. N. Champlin e a aparição do espírito de Pedro**

Poderia ainda citar mais exemplos de como esta manifestação era natural, tanto que deixo o parecer do Teólogo R. N. Champlin para iniciar as minhas exemplificações:

### ***Comentário de R. N. Champlin, Ph. D. de Atos 12.15***

***“Eles lhe disseram: Estás louca. Ela, porém, persistia em afirmar que assim era. Então, disseram: É o seu anjo.”***

*No quarto parágrafo Champlin diz: “Aqueles primitivos crentes devem ter crido que os mortos podem voltar a fim de se manifestarem aos vivos, através da agência da alma. Observemos que a segunda alternativa, por eles sugerida, sobre como Pedro poderia estar no portão, era que ele teria sido morto e que o seu ‘anjo’ ou ‘espírito’ havia retornado. Portanto, aprendemos que aquilo que é ordinariamente classificado como doutrina “espírita” era crido por alguns membros da igreja cristã de Jerusalém. Isso não significa, naturalmente, que eles pensassem que tal fosse a regra nos casos de morte; porém, aceitaram a possibilidade da comunicação dos espíritos, que a atual igreja evangélica, especialmente em alguns círculos protestantes dogmáticos, nega com tanta veemência.*

***O famoso escritor evangélico C.S. Lewis apareceu a J.B. Philips tradutor de bem conhecida tradução do Novo Testamento para o inglês, por duas vezes, após a sua***



*morte, e se assentou naturalmente em sua sala de estar, tendo conversado com ele como se nada tivesse acontecido que pudesse ser classificado como falecimento. Porém, por toda à parte abundam histórias de fantasmas, e muitos céticos negam tudo. Todavia, há muitos desses fenômenos, sob tão grande variedade, e cruzam todas as fronteiras religiosas, para que se possa duvidar dos mesmos como fatos. Algumas vezes os mortos voltam, e entram em comunicação com os vivos. Os teólogos judeus aceitavam isso como um fato, havendo entre eles a crença comum de que os “demônios” são espíritos humanos maus, desencarnados.*

*Essa ideia era forte na igreja cristã até o século V D.C., tendo sido apresentada por pais da igreja como Clemente de Alexandria, Justino Mártir e Orígenes, os quais também acreditavam na possibilidade do retorno e até mesmo da reencarnação de alguns espíritos, com o propósito de realizarem ou continuarem suas missões. (Ver esta doutrina em Mat. 16.14). Os essênios, dos quais João Batista parece ter sido membro, também mantinham crenças idênticas. É um equívoco cercarmos as doutrinas de muralhas, supondo em vão que somente nós, da moderna igreja cristã do século XX, temos as corretas interpretações das verdades bíblicas. Ainda temos muito a aprender, sobre muitas questões, e convém que guardemos nossas mentes abertas, pelo menos o suficiente para permitirmos a entrada de uma réstia de luz. **Sabemos pouquíssimo sobre o mundo intermediário dos espíritos e supomos que o estado “eterno” já existe, o que todas as evidências mostram não ser ainda assim.** (CHAMPLIN, p. 250)*

Após esta análise mais acurada dos fatos e, finalizando, gostaríamos de salientar que as manifestações dos espíritos dos que habitaram no orbe terrestre certamente era aceita na época do Cristianismo primitivo, haja vista este exemplo indubitado, mediante o parecer e suporte do comentário de R. N. Champlin que é Ph.D. de Atos 12.15. Vale ressaltar que Pedro estava preso e presumiam que ele estava morto. Portanto, a priori, acreditavam que o seu espírito, ou anjo se manifestava naquela ocasião.

*“E, batendo Pedro à porta do pátio, uma menina chamada Rode saiu a escutar; E, **conhecendo a voz de Pedro**, de gozo não abriu a porta, mas, correndo para dentro, **anunciou que Pedro estava à porta**. E disseram-lhe: *Estás fora de ti. Mas ela afirmava que assim era. E diziam: **É o seu anjo**”* (At 12:13-15)*

### **7.3. Tobias 5 e a manifestação factual de um espírito que já foi encarnado**

Este é um dos relatos mais evidentes de que os anjos, nada mais são os espíritos que já passaram pelo orbe terrestre, porém, que já atingiram um certo grau de evolução e assim podem assistir os demais. Com efeito, cito o seguinte relato:

*Apenas saíra, Tobias encontrou um jovem de belo aspecto, equipado como para uma viagem. **Sem saber que se tratava de um anjo de Deus**, ele o saudou e disse-lhe: *De onde és tu, ó bom jovem? **Ele respondeu: Sou israelita**. Tobias perguntou-lhe: *Conheces porventura o caminho para a Média? Oh, muito!, respondeu ele. Tenho percorrido frequentemente esse caminho. Hospedei-me em casa de Gabael, nosso compatriota que habita em Ragés, na Média, cidade que está situada na montanha de Ecbátana. (Tb 5:5-8)***

Tobias parte em viagem a fim de encontrar Gabael, conforme as orientações de seu pai que até pudesse encontrar alguém pelo caminho para o guiar até o seu destino, já que não sabia o caminho a tomar. Todavia, quando Tobias encontra um jovem ao seu turno, não sabia ele **que se tratava de um anjo de Deus**. A resposta do anjo nos deixa ainda mais certo de que este espírito, já desencarnado, era de nacionalidade **israelita**, ou seja, já viveu como tal, assim como conhecia o caminho da Média, havia percorrido este caminho frequentemente, hospedando-se à casa de Gabael, o destino de Tobias. Com efeito, pediu-lhe Tobias que o aguardasse, pois ele viria a dar a notícia ao seu pai de que encontrara alguém com quem ir ao eu destino. Com isso, prossegue o relato em seu desfecho.

*Então o anjo disse-lhe: **Eu o levarei até lá e to reconduzirei.***

**Tobias então perguntou-lhe: Rogo-te que me digas de que família e de que tribo és tu? O anjo respondeu: Que é que procuras: a raça do servo, ou o próprio servo para acompanhar teu filho? Mas, para tranquilizar-te: eu sou Azarias, filho do grande Ananias. És de família distinta,** respondeu Tobias. Rogo-te que não me queiras mal por ter querido conhecer tua origem. O anjo então disse: Conduzirei o teu filho são e salvo, e to trarei de novo são e salvo. (Tb 5:15-20)

Após este desfecho do diálogo entre Tobias e o espírito Azarias, temos a certeza de que mesmo sem saber que era um espírito, vemos que este tinha uma família e, portanto uma vida em que esteve encarnado, com o indubitável relato de sua materialização e diálogo com Tobias, acertando a tal viagem e testificando que a comunicação embasada com fins sérios, como este acima é louvável e inteiramente permissível. Que os demais leitores possam tirar as suas próprias conclusões.

#### **7.4. A comunicação entre o espírito de Samuel e Saul**

Mediante as indubitáveis e insuspeitas manifestações evidenciadas acima, dentre outras mais que as páginas desta nossa análise seriam poucas ao relatar (**Ez 3:12-14; Jó 4:15-16; At 2:1-4; 6:8-10; 8:29-30; Hb 1:7** e etc). Assim sendo, temos outros dois eventos tão importantes como tal. O primeiro evento é a aparição do espírito de Samuel a Saul (**I Sm 28**), já o segundo é a Transfiguração de Jesus, com a aparição dos espíritos gloriosos de Moisés e Elias no Monte Tabor, na presença de três testemunhas, sendo elas Pedro, João e Tiago (**Mt 17**).

O primeiro exemplo, no que se refere à aparição do espírito de Samuel a Saul (**I Sm 28**), os opositores da comunicabilidade entre os dois planos nos apresentam o seu ponto de vista, quando dizem que “Deus poderia, no VT, permitir uma consulta? Sim, poderia, mas não no caso em foco, tanto que, em I Cr 10:13, assim é descrito a derrocada de Saul”:

*"Assim morreu Saul por causa da sua infidelidade para com o*

*Senhor, porque não havia guardado a palavra do Senhor; e também porque buscou a adivinhadora para a consultar” (I Cr 10:13).*

Os mesmos opositores da comunicabilidade entre os dois planos, continuam dizendo que “seria, no mínimo estranho, Deus ter causado a morte de alguém por algo que ele mesmo ‘liberou’”. A morte de Saul não se deu pelo fato dele ter consultado a pitonisa em si, ou seja, este acontecimento foi narrado **após** a morte de Saul. Tanto é fato que o livro de Crônicas foi escrito posteriormente ao de Samuel, onde temos a evidência textual do Escriba, quando este diz que **também** porque buscou a adivinhadora para a consultar. Esta questão é pelo fato de ser **também**, nos mostra que foi **principalmente por não ter guardado a palavra do Senhor**, vindo a agir de forma desequilibrada e deliberada que perdeu o seu trono para Davi.

Destarte, poderia Deus ter causado a morte de alguém por algo que ele mesmo “liberou”? Poderia ainda Deus infringir o mandamento de “Não matarás”? Deus em sua Onipotência poderia, mas em sua infinita Sabedoria não o faria, já que como Ele viria a julgar àqueles que transgredissem a Sua lei, já que Ele mesmo não a cumpre? O que de fato levou a derrocada de Saul foi exatamente por ele haver se desviado antes mesmo de buscar auxílio diante de Deus e posteriormente da Pitonisa.

Em resumo, o relato da aparição do Espírito de Samuel a Saul, este evento foi sobremaneira verídico, pois está relatado desta forma nos originais e se alguns pregam que foi suspeita de fraude, fatalmente estão indo de encontro com o que a Bíblia relata de fato e com isso, colocando a sua infalibilidade que tanto defendem em xeque. De mais a mais, a própria Bíblia nos evidencia e testifica que o espírito de Samuel se manifestou a Saul, bem como se encontra registrado em **Eclesiástico**, no capítulo **46** e versículos de **13 ao 20**:

***Samuel foi amado pelo seu Senhor, do qual era profeta. Ele instituiu a monarquia e consagrou chefes do seu povo. Governou a comunidade conforme a Lei do Senhor, e o Senhor visitou Jacó. Por sua fidelidade, mostrou que era profeta, e por suas palavras foi reconhecido como verdadeiro***

*vidente. Quando os inimigos o comprimiam de todos os lados, ele invocou o Senhor Todo-poderoso, oferecendo um cordeiro recém-nascido. Então, do céu o Senhor trovejou e, com forte estrondo, fez ouvir a sua voz, aniquilando os chefes do inimigo e todos os príncipes dos filisteus. Antes da hora de repousar para sempre, deu testemunho diante do Senhor e do seu ungido: "Nem dinheiro, nem sandálias eu tomei de quem quer que seja". **E ninguém ousou acusá-lo. Mesmo depois de sua morte, ele profetizou, predizendo ao rei o seu fim. Mesmo do sepulcro, ele levantou a voz, numa profecia, para apagar a injustiça do povo.** (Ec 46:13-20)*

Vamos agora recorrer ao historiador Flávio Josefo quanto ao evento, corroborando o que foi dito pelo professor Severino Celestino, abalizada de com é visto pelo judaísmo:

**252. 1 Samuel 28.** Nesse mesmo tempo, os filisteus resolveram fazer guerra aos israelitas. O rei Aquis ordenou a reunião de todas as suas tropas na cidade de Suném e por isso mandou dizer a Davi que lá se encontrasse também, com os seus seiscentos homens. Ele respondeu que obedeceria com prazer, para testemunhar-lhe a sua gratidão pelos favores de que lhe era devedor. O rei, por sua vez, prometeu-lhe que se fosse vitorioso recompensaria os seus serviços com grandes honras e o faria comandante de sua guarda.

## CAPÍTULO 15

Saul, vendo-se abandonado por Deus na guerra contra os Filisteus consulta por meio de uma médium a sombra de Samuel, que lhe prediz derrota na batalha e a morte dele e de seus filhos. Aqui, um dos reis dos Filisteus, leva com ele Davi para o combate, mas os outros príncipes o obrigam a reenviá-lo a Ziclague. Davi descobre que os amalequitas saquearam e incendiaram ziclague, persegue-os e os dizima. Saul perde a batalha. Jônatas e dois outros de seus filhos são mortos e dois outros de seus filhos são mortos, e ele Saul fica muito ferido. Obriga um escudeiro a matá-lo. Bela ação dos habitantes Dejabes de Gileade para com os corpos desses príncipes.

253. Saul, informado de que os filisteus tinham avançado até Suném, marchou contra eles e acampou em frente ao exército

inimigo, próximo do monte de Gilboa. Percebendo, porém, que eles eram incomparavelmente mais fortes, sentiu a coragem diminuir e rogou aos profetas que consultassem a Deus para saber qual seria o resultado daquela guerra. Deus não lhe respondeu, e esse silêncio duplicou-lhe o temor, pois se julgou abandonado por Ele. O seu ânimo abateu-se e ele resolveu, nessa dificuldade, recorrer à magia. No entanto Saul havia expulsado do país todos os magos e adivinhos e toda espécie de gente que costuma predizer o futuro, e assim, não sabendo onde buscá-los, mandou indagar de onde se poderia encontrar a voltar às almas dos mortos, para interrogá-las e saber coisas futuras.

Um dos seus disse-lhe que uma mulher na cidade de En-Dor poderia satisfazer esses desejos. Imediatamente e sem falar com quem quer que fosse, disfarçado e acompanhado por duas pessoas somente, foi procurar a mulher, rogando-lhe que predissesse o que estava para lhe acontecer e que para esse fim fizesse voltar **à alma de um morto que ele ia nomear**. Ela respondeu que não podia fazê-lo porque o rei proibira, por um edito, que se fizesse essa espécie de predição e rogou que, jamais tendo ela lhe feito mal, não lhe armasse cilada para fazê acontecer o que acontecesse, ele não o faria e que ela não corria risco algum. Esse juramento tranquilizou-a, **e ele pediu que fizesse vir à alma de Samuel**.

Como ela não sabia quem era Samuel obedeceu sem dificuldade. Quando, porém, a sua presença se fez notar, algo de divino que ela percebeu surpreendeu-a e a perturbou. Voltou-se então para Saul e disse-lhe: “Não sois vós o rei Saul?” (Ela o soubera pela visão.) Ele respondeu-lhe que sim, e ordenou-lhe que revelasse a causa da grande perturbação que notava nela. **Ela respondeu que via aproximar-se um homem que parecia todo divino**. Saul perguntou: **“Que idade tem ele e como está vestido?” Ela respondeu: “Ele parece alguém dentre os que a fazem cair numa falta que custaria a ela a própria vida”**. Saul jurou-lhe que, **um velho muito duvidou de que era mesmo Samuel\* e prostrou-se diante dele até o chão**.

A sombra perguntou-lhe por que o havia obrigado a voltar do outro mundo. Respondeu Saul: “A necessidade me obrigou a

isso, porque, tendo sido atacado por um exército muito poderoso, me encontro abandonado, sem o auxílio de Deus, que nem pelos seus profetas nem por outro modo me informa sobre o que está para acontecer. Assim, só me resta recorrer a vós, que sempre me testemunhastes tanto afeto”. **Samuel, sabedor de que o tempo da morte de Saul havia chegado, disse-lhe: “Sei que de fato Deus vos abandonou e em vão desejais que Ele diga o que vos deve suceder. Mas, visto que o quereis, sabeis que Davi reinará e terminará venturosamente esta guerra e que, pelo castigo de não terdes executado e vencido os amalequitas, o vosso exército amanhã será desbaratado e perderá a coroa, a vida e os vossos filhos nessa batalha”.**

Essas palavras gelaram o coração de Saul, e ele desmaiou, tanto pela dor excessiva quanto porque havia dois dias não se alimentava. A mulher rogou-lhe que tomasse algum alimento, para restaurar as forças e poder voltar ao exército. Ele recusou-o, mas ela insistiu, dizendo que não lhe pedia outra recompensa por ter arriscado a vida para fazer o que ele desejava. Por fim, não podendo mais resistir àquelas súplicas insistentes, **Saul disse-lhe que comeria alguma coisa. Logo ela matou um vitelo, que era tudo o que possuía, preparou-o e o serviu a ele e aos seus. Saul voltou naquela mesma noite para o seu exército.**

**Eu não poderia deixar de admirar a bondade dessa mulher, que, jamais tendo visto o rei, em vez de se ressentir por ele a ter reduzido a tão grande pobreza, proibindo-a de exercer a arte que era o seu meio de vida, teve tanta compaixão de sua infelicidade que não se contentou em consolá-lo.** Sabendo que ele morreria no dia seguinte, deu-lhe tudo o que possuía sem pretender recompensa alguma e sem dele nada esperar. Nisso ela é tanto mais louvável quanto os homens são naturalmente levados a fazer o bem somente àqueles dos quais podem também recebê-lo. E assim, ela nos dá um belo exemplo de como ajudar sem interesse os que têm necessidade de nosso auxílio, pois é uma generosidade tão agradável a Deus que nada pode levá-lo a nos tratar mais favoravelmente.

Julgo oportuno acrescentar outra reflexão, que poderá ser útil

a todos, particularmente aos reis, aos príncipes, aos grandes, aos magistrados, às outras pessoas constituídas em dignidade e a todos os que, sob qualquer condição, têm a alma grande e nobre, a fim de inflamá-los de tal modo à virtude que não haja penas nem tributações que não aceitem ou perigos que não desprezem até mesmo a morte, para conquistar uma reputação imortal, chegando a dar a própria vida pelo bem da pátria. **Vimos o que fez Saul, pois, ainda que Samuel o tivesse avisado de que seria morto com os filhos na batalha, preferiu perder a vida a praticar um ato indigno de um rei, como, para conservá-la, abandonar o exército, o que seria o mesmo que entregá-lo nas mãos dos inimigos.**

Assim, Saul não hesitou em expor-se com os filhos a uma morte certa, julgando que seria melhor e muito mais satisfatório terminar com estes gloriosamente os seus dias, em pleno combate pela salvação da pátria, e merecendo assim viver perenemente na memória da posteridade do que sobreviver à própria infelicidade e, além de não ter mais uma posição, ser pouco considerado pela opinião pública. Não poderia, pois, deixar de considerar esse soberano, nesse ponto, como muito justo, sensato e generoso. E, se algum outro fez ou fizer a mesma coisa, não haverá elogios de que não seja digno. Pois, ainda que quem faça guerra na esperança de obter a vitória mereça que os historiadores elogiem os seus feitos grandiosos, parece-me que somente devem ser considerados provecos na coragem os que, a exemplo de Saul, preferem a honra à própria vida, desprezando perigos certos e inevitáveis.

Nada é mais comum que empreender aquilo cujo desfecho é duvidoso e disso auferir grandes vantagens, se houver sorte favorável. Mas nada poder prometer senão coisas funestas, estar certo de que perderá a vida no combate e afrontar intrepidamente a morte é o que se pode chamar o cúmulo da generosidade e da coragem. Foi isso o que admiravelmente fez Saul. Ele deu exemplo a todos os que desejam eternizar a memória pela glória das ações, mas principalmente aos reis, ao qual a nobreza dessa condição não somente proíbe abandonar o cuidado dos súditos como os torna dignos de censura se nutrirem por eles apenas uma medíocre afeição. **Poderia eu falar ainda muito mais em louvor de Saul, mas,**



**para não ser demasiado longo, necessito retomar o fio de meu discurso.**

\* “Então Saul não duvidou de que era mesmo Samuel”. É possível que Flávio Josefo, para fazer tal asserção, se tenha baseado em targums (paráfrases do Antigo Testamento usadas pelos rabinos). No entanto esse entendimento não pode ser aceito porque contraria o ensino da Bíblia a respeito do assunto. (N do E) (História dos Hebreus, JOSEFO, Flávio, Editora CPAD, 8ª Edição, 2004, Rio de Janeiro/RJ, pag. 284-288).

Sabemos, porquanto que o tradutor desta obra é o Pe. Vicente Pedroso e não aceita tal afirmação de Flávio Josefo, mas ficamos com o historiador Judeu e seu esclarecimento. O que nos demonstra que o que sobressalta a este evento é a caridade da Pitonisa de En-Dor para com Saul. Tudo o que foi dito pelo profeta Samuel depois de desencarnado veio a ocorrer, conforme relata o historiador Flávio Josefo que era contemporâneo de Jesus.

## **7.5. A Transfiguração de Jesus**

Sobre a segunda evidência da comunicação com os “mortos” na Bíblia, comentaremos a Transfiguração de Jesus, evidenciando a aparição dos espíritos gloriosos de Moisés e Elias, na presença de Pedro, João e Tiago (**Mt 17:1-13**). Com efeito, no dizem os opositores da comunicabilidade entre os dois planos que a tentativa de desenquadrar o mandamento contra a consulta aos mortos se baseia num único exemplo do NT, o episódio da transfiguração. E eles consideram este assunto correlato ao fato da Transfiguração de Jesus, assim argumentam e questionam que hoje está liberado ou continua vigente o mandamento de proibição à consulta aos mortos? Cristo “cumpriu” esta lei, ou foi reconciliada pelo Cristo na Transfiguração no Monte Tabor? A palavra certa não seria reconciliada, mas diferenciada, tanto que demonstraremos mais adiante.

Caro leitor, neste momento, chegamos ao **ponto chave do texto**, pois temos duas alternativas a seguir, mediante o parecer dos

opositores da comunicabilidade entre os dois planos, os quais relatamos abaixo:

1. Se de fato existe a proibição da evocação aos mortos de modo geral e irrestrito, independente do fato de existirem as comunicações do plano espiritual com o plano físico de forma natural, assim como demonstramos. Outrossim, se a proibição era de âmbito geral e irrestrito e se Jesus se comunicou com os espíritos gloriosos de Moisés e Elias, fatalmente Jesus veio a **transgredir** uma determinação da Lei.

2. Por outro lado, temos a proibição realizada por Moisés aos Hebreus, a fim de impedir a forma como elas ocorriam, evitando que o povo Hebreu assimilasse esta cultura outrora egípcia, vindo a praticarem a necromancia e consultas a espiritualidade por motivos fúteis, bem como explanamos nas linhas acima de acordo com o parecer de Severino Celestino. Se esta proibição foi realizada por Moisés com este objetivo, certamente Jesus **não transgrediu** uma determinação da Lei e o problema está resolvido, já que Jesus veio cumprir a Lei e os Profetas, bem como *Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. (Mt 5:17)*. Com efeito, Jesus não poderia derogar o que ele mesmo veio cumprir e complementar o AT.

Mediante estes dois pontos, temos aí caro leitor, o parecer lógico para a questão da evocação aos “mortos” e diante dos exemplos acima, sabemos que eles nos mostram claramente que existem comunicações de cunho sério, com o interesse em auxílio ao próximo que a Doutrina Espírita pratica. Todavia, existem comunicações frívolas e fúteis, ou até mesmo a necromancia e são estas as formas de como eram praticadas estas comunicações que certamente Moisés proibiu, onde concordamos.

Partindo desta passagem da Transfiguração de Jesus, narrada tanto em **Mt 17:1-13**, quanto em **Mc 9:2-8** e **Lc 9:28-36**, temos o parecer dos opositores da comunicabilidade entre os dois planos, em relação ao versículo 1 até o 4 do capítulo 17 de Mateus, e citando o nosso parecer de que nesta narrativa, fica claro de que houve a materialização de Elias e Moisés aos apóstolos e estes eram tão reais

de que Pedro quis fazer uma cabana aos três. Comentam os opositores da comunicabilidade entre os dois planos que entendemos por “materialização”, a Bíblia ensina sobre “corpo glorificado”, corpo este que teremos após a ressurreição, como Paulo descreve em I Cor 15:51. Segundo os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, o corpo glorificado que Paulo se referia, numa analogia sobre os espíritos materializados de Moisés e Elias que ele realizou, estes mesmos corpos eram referentes aos corpos **após a ressurreição**, segundo a corrente de pensamento que muitos defendem. Tão logo, se era **após a ressurreição**, sendo esta a ressurreição do último dia ao que se referem os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, não poderiam estar ali presente Moisés e Elias **antes da ressurreição** do último dia. Portanto, se eles estavam presentes naquela oportunidade, certamente eram os seus perispíritos que estavam manifestando-se através de sua materialização diante dos apóstolos.

Outrossim, segundo os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, Jesus estava *transfigurado*, ou seja, “em glória”, da mesma maneira que Elias e Moisés estavam. Lucas, outro autor que escreveu sobre este evento, diz que não só o de Jesus, mas os corpos de Elias e Moisés *“apareceram com glória”*(Lc 9:31). Certamente o perispírito de Jesus, devido a sua pureza produziu tal fenômeno de transfigurar-se, modificando assim a cor de suas roupas, irradiando o seu semblante com tamanha luminosidade, inerentes a sua evolução moral. Com efeito, os opositores da comunicabilidade entre os dois planos asseveram que a transfiguração de Jesus não se referia a “materialização”, uma vez que Jesus ainda estava vivo e, portanto, “material”, e não há como ocorrer materialização de algo que já está material, físico. Correto, Jesus não precisava de se materializar para ser visto, já que estava sendo observado pelos apóstolos presentes. O fenômeno de Jesus foi o de se transfigurar e os de Moisés e Elias foi da aparição, mas que para quem os narrou, era a mesma coisa.

Com efeito, temos este **outro exemplo de transfiguração**, onde ocorreu com Moisés ao receber, pela segunda vez as Tábuas da Lei. Embora com efeitos de menores proporções do fenômeno ocorrido com Jesus, temos que observado fenomenologicamente a transfiguração da face de Moisés representando a comunicabilidade do

plano físico com o espiritual, portanto fato este similar ao da Transfiguração de Jesus no monte Tabor, conforme se segue que:

*Quando Moisés desceu do monte Sinai, trazendo nas mãos as duas tábuas do testemunho, sim, quando desceu do monte, **Moisés não sabia que a pele do seu rosto resplandecia, por haver Deus falado com ele.** Quando, pois, Arão e todos os filhos de Israel olharam para Moisés, eis que a pele do seu rosto resplandecia, pelo que tiveram medo de aproximar-se dele. (Ex 34:29-30).*

Destarte, o fato de haver a transfiguração entre Jesus e Moisés, não descarta a possibilidade da **aparição** e, por conseguinte, a materialização de Moisés e Elias, já que se tratam de fenômenos distintos, mesmo sendo do mesmo gênero. No entanto, Kardec analisa tais fenômenos das transfigurações e em específico a de Jesus, quando diz que no **item 44** da “**A Gênese**”:

*44. É ainda nas propriedades do fluido perispirítico que se encontra a explicação deste fenômeno. **A transfiguração, explicada no cap. XIV, nº 39, é um fato muito comum que, em virtude da irradiação fluídica, pode modificar a aparência de um indivíduo;** mas, a pureza do perispírito de Jesus permitiu que seu Espírito lhe desse excepcional fulgor. Quanto à aparição de Moisés e Elias cabe inteiramente no rol de todos os fenômenos do mesmo gênero. (KARDEC, A. A Gênese, **Cap. XIV, nº 44, grifo nosso**).*

E também:

*De todas faculdades que **Jesus** revelou, nenhuma se pode apontar estranha às condições da humanidade e que se não encontre comumente nos homens, porque estão todas na ordem da Natureza. Pela superioridade, porém, da sua essência moral e de suas qualidades fluídicas, **aquelas faculdades atingiam nele proporções muito acima das que são vulgares.** Posto de lado o seu envoltório carnal, ele nos patenteava o estado dos puros Espíritos. (KARDEC, A. A Gênese **Cap. XIV, nº 44, grifo nosso**).*

Assim corrobora o fato de que Jesus, *Enquanto ele orava, **mudou-se a aparência do seu rosto, e a sua roupa tornou-se branca***

**e resplandecente.** (Lc 9:28-29).

Embora os opositores da comunicabilidade entre os dois planos tenham entendido sobre a Transfiguração de Jesus que não era uma permissão de consulta aos mortos, mas segundo eles, tão somente uma **antecipação** da glória futura do seu reino, cumprindo o que Jesus havia dito em Lc 9:27 *Alguns há, dos que estão aqui, que de modo nenhum provarão a morte até que vejam o reino de Deus.* Segundo os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, o fenômeno da transfiguração de Jesus evidencia a antecipação da glória futura do seu reino. Contudo estavam presentes naquele momento os espíritos de Moisés e Elias que certamente já estavam, de antemão nesta **antecipação**? Algo estranho, Jesus manifestar algo que viria a ocorrer no futuro, mas que estava no presente naquele momento.

Assim sendo, continuando os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, Pedro, em sua carta, corrobora que o que viu foi a glória de Cristo na transfiguração: citando a referência da passagem de II Pe 1:16-18. Contudo, após analisarmos meticulosamente tal fenômeno mais acima, sendo este sobre a **glória de Cristo**, temos ainda o que esclarecer o que ocorreu com os espíritos de Moisés e Elias para que estivessem materializados. Com isso, parafraseando Kardec no **item 35 da A Gênese**, lemos:

*35. Para nós, o perispírito, no seu estado normal, é invisível; mas, como é formado de substância etérea, o Espírito, em certos casos, pode, por ato da sua vontade, fazê-lo passar por uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que se produzem as aparições, que não se dão, do mesmo modo que os outros fenômenos, fora das leis da Natureza. Nada tem esse de mais extraordinário, do que o do vapor que, quando muito rarefeito, é invisível, mas que se torna visível, quando condensado. Conforme o grau de condensação do fluido perispíritico, a aparição é às vezes vaga e vaporosa; doutras vezes, mais nitidamente definida; doutras, enfim, com todas as aparências da matéria tangível. Pode, mesmo, chegar, até, à tangibilidade real, ao ponto de o observador se enganar com relação à natureza do ser que tem diante de si.*

*São frequentes as aparições vaporosas, forma sob a qual muitos indivíduos, depois de terem morrido, se apresentam às pessoas que lhes são afeiçoadas. As aparições tangíveis são mais raras, se bem haja delas numerosíssimos casos, perfeitamente autenticados. Se o Espírito quer dar-se a conhecer, imprime ao seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha quando vivo.*

(1) O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, caps. VI e VII.

(2) Nota da Editora: As **materializações prolongadas**, quais as **verificadas por William Crookes**, não eram, então, conhecidas. (**A Gênese Cap. XIV, nº 35**, grifo nosso)

Ademais, ao analisarmos mais friamente tal fenomenologia narrada tanto no AT, como no NT, encontramos a evidência de que somos corpo + perispírito + espírito, ou seja, no caso de Jesus naquela oportunidade em que esteve na Transfiguração, Ele estava nesta condição. Contudo, já no caso de Moisés e Elias, estes estavam somente se manifestando através do perispírito + espírito e que esclarecemos acima, onde Jesus se **transfigurou**, por outro lado, Moisés e Elias tiveram uma **aparição**, ou uma materialização. Aos que tiverem interesse, pesquisem na obra “**A Gênese**”, no que tange ao **Cap. XIV, nº 35 ao 44**.

Por outro lado, os opositores da comunicabilidade entre os dois planos vindo a repetir o que havia dito alhures e que devidamente esclarecemos nas linhas acima, este repete novamente sobre o evento da Transfiguração de Jesus como a antecipação da glória futura do seu reino, o episódio também remete a iminente morte e ressurreição de Cristo, pois ambos conversavam com Jesus sobre “...*sua partida que estava para cumprir-se em Jerusalém*” (Lc 9:31). Embora concordem nesta assertiva de que falavam sobre a iminente morte e ressurreição de Jesus, os opositores da comunicabilidade entre os dois planos prosseguem em dizer que este fato pois estudiosos bíblicos fazem um paralelo nas Escrituras envolvendo estes dois personagens bíblicos, atribuindo a Moisés como sendo “A lei” e Elias representando “os profetas”, duas figuras das Escrituras que teve cumprimento em Cristo (Lc 24:44). Neste ponto não temos o que discordar, mas e o que faltou

citarem os opositores da comunicabilidade entre os dois planos em mais um acontecimento da Transfiguração? É o que foi amplamente demonstrado sobre o cumprimento da profecia do envio do Profeta Elias, manifestado na nepesh de João Batista, ou seja, Elias reencarnado como João Batista.

Continuando o raciocínio, segundo os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, Jesus foi “abonado” não pela comunicação, e, sim, como filho de Deus, o Messias, o Cristo enviado a cumprir as Escrituras. Se Jesus veio a cumprir o que está na Lei, certamente é pelo fato de não tê-la derogado no evento da Transfiguração e que procuramos evidenciar nos dois pontos chaves acima. Embora, para os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, Cristo foi “abonado” por ter sido obediente até o fim, pois, mesmo sendo filho unigênito do Pai “... *esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens (Fp 2:7)*. Por isto que ele foi “abonado”, pois não ensinava de si mesmo, mas, *nada faço de mim mesmo; mas como o Pai me ensinou, assim falo. (Jo 8:28)*. Com efeito, como já evidenciamos, Jesus não poderia ter sido impelido pelo Pai, ou até mesmo abonado, mas que existem manifestações com o objetivo sério, no caso em questão, o fato da Transfiguração de Jesus com o aparecimento de Moisés e Elias, como também as comunicações fúteis e frívolas, sendo estas proibidas por Moisés.

Baseado nesta diferença, traçada entre Moisés e Jesus, o Mestre (vivo) se comunicou com Moisés (morto) e Elias (morto) e é neste ponto em que comprovamos que houve de fato uma comunicação entre vivos e mortos:

***Assim Moisés, servo do Senhor, morreu ali na terra de Moabe, conforme o dito do Senhor, que o sepultou no vale, na terra de Moabe, defronte de Bete-Peor; e ninguém soube até hoje o lugar da sua sepultura. Tinha Moisés cento e vinte anos quando morreu; não se lhe escurecera a vista, nem se lhe fugira o vigor. (Dt 34:5-7).***

Se Moisés desencarnou (morreu) e estava ao lado com Jesus no monte Tabor, juntamente com Elias, há de se convir de que este

também desencarnou (morreu). Reiteramos e confirmamos o que dissemos outrora, de que quem se materializou foi Elias e Moisés e não Jesus, pois Ele se transfigurou, onde são fenômenos do mesmo gênero, porém distintos.

Com efeito, encontramos em Gênesis com referência a nota de rodapé:

*E andou Enoque com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus para si o tomou. (Gn 5:24)\* Nota de rodapé: Henoc levou uma vida de amizade com Deus, moral e religiosamente perfeita, mas viveu apenas 365 anos. O número significa a perfeição de uma vida igualável ao número dos dias de um ano completo. Em vista de sua vida perfeita foi arrebatado para junto de Deus. **Tal maneira de descrever um fim de vida corresponde à expressão popular “Deus o levou”, referindo-se à morte de pessoas bondosas e queridas. (II Reis 2:19-24) Os prodígios mostram que o espírito de Elias tinha repousado sobre o seu discípulo, para benefício de uns e desgraça de outros. O ciclo de Eliseu no-lo apresenta sobretudo como taumaturgo, maior até mesmo que Elias, e como homem que intervém decididamente na política interna e externa. Estes relatos devem ter-se originado entre os círculos proféticos. (Bíblia Sagrada – Editora Vozes).***

Com os dados acima, até mesmo Henoc morreu, citando a referência popular que comumente ouvimos: “Deus o levou”, “está com Jesus”, “agora está com Deus” e “foi se juntar com os pais”. Esta referência é feita quando se pergunta por pessoas que já desencarnaram, assim como: *Tornou-se agradável a Deus e foi por ele amado; como, porém, vivia no meio de pecadores, foi transferido. (Sb 4:10) bem como Henoc agradou ao Senhor e foi trasladado, exemplo de conversão para as gerações (Ecl 44:16).*

Em Atos 8:39-40 simplesmente diz que Felipe foi “arrebatado” e em seguida já estava em Azoto. Em paralelo, o mesmo fato leva a crer que Elias passou pelo mesmo fenômeno, já que ele também houvera sido “arrebatado”, mas como Felipe, este também veio a desencarnar (morrer) de fato. Outra prova é que Elias ainda escreveu uma carta ao Rei Jeorão 10 anos após o seu “arrebatamento” em 2ª Cr 21:1; 12-15.



Assim sendo, quando citamos a passagem de Mt 17:9: *Enquanto desciam do monte, Jesus lhes ordenou: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem seja levantado dentre os mortos.* Conforme o questionamento dos opositores da comunicabilidade entre os dois planos: por que não era permitido contar-lhe sobre a visão? A resposta está em Lc 24:44-47. Embora, segundo eles, não se encontra algo validando a consulta aos mortos. Todavia, o que foi demonstrado e comprovado é que Moisés proibiu a sua futilidade na forma em que ocorriam tais comunicações, porém, Jesus evidenciou que existem as comunicações sérias e Ele exemplificou que existem.

Portanto, o que demonstraremos daqui a diante é que a lei de Deus é imutável e manifesta no Decálogo, por outro lado, evidenciaremos com exemplos que a lei humana, esta, sim, vem a passar por mudanças, onde até mesmo as normas de Moisés seguem o mesmo destino, já que provém de compilações do Código de Hamurabi. Sobre a proibição da consulta aos mortos. Segundo os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, Jesus ao cumprir a Lei, nada afirmou que tal comunicação foi liberada, mas pelas evidências demonstradas, se não houver uma distinção entre a proibição de Moisés e a comunicação de Jesus com Moisés e Elias, Jesus veio a corroborar com tais práticas sem nenhum critério, vindo assim a transgredir uma lei. Por outro lado, se houver a diferenciação, o problema está resolvido.

Com efeito, o evento da transfiguração **não é** tão somente é uma manifestação do reino de Deus. Já que esclarecemos o que de fato ocorreu, como fenômeno, sendo que o principal está a evidência de que foi admitido por Jesus naquele momento: *“digo-vos que **Elias já veio, e não o conheceram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram**”* em alusão à morte trágica de João Batista, e devido a isso, finalmente **“entenderam os discípulos que lhes falara de João Batista”**. Ou seja, a comprovação textual de que João Batista foi Elias reencarnado. De fato, a proibição continua sobre as comunicações frívolas, porém, segundo os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, esta não faz parte de lei disciplinar (as punições a quem consultasse os mortos é que eram), higiênica ou sacrificial; e se para eles esta faz parte da natureza de Deus, não havendo uma diferenciação na proibição de Moisés e a atitude de Jesus, fatalmente encontramos uma **contradição**. Com

efeito, se as distinguirmos, o problema está resolvido.

Assim sendo, o que evidenciaremos mais adiante é que não foi abolida somente a lei disciplinar, higiênica ou sacrificial. O que de fato existe, foram leis que não vigoram mais hoje em dia e é o que demonstraremos, a fim de que o pensamento de que Deus quer que os homens sejam desestimulados de ouvirem quaisquer vozes que possam não vir diretamente de Deus. Sendo assim, implicaria em não dar ouvidos aos Seus próprios ministros, ou espíritos (**Hb 1:7**), já que é através deles que Ele se manifesta. E segundo João, se temos que provar tais espíritos é porque de fato se manifestam os bons e os maus, sendo evidente que as teorias que surgem por aí é que se deve precaver, tais como a de que Deus pode vir a transgredir as suas próprias Leis e que demonstraremos mais adiante.

## **8. Analisando as leis divinas e as leis mosaicas**

Neste tópico, pretendemos analisar as Leis que são imutáveis, onde provém de Deus e também as leis mosaicas que são passíveis de mudança, partindo da premissa da evolução da Humanidade, juntamente com o progresso de leis criadas e regidas por homens. Neste intento, resolvemos rever o que dizem os opositores da comunicabilidade entre os dois planos e tecer os devidos comentários. Foi ainda aventado por eles que demonstraram bíblicamente, que as leis punitivas, assim como as sacrificais, nenhuma delas, vigora mais hoje em dia, **em vista da incompetência do homem comum em aplicá-la**, a primeira e, as sacrificais, que encontraram cumprimento em Cristo. Lendo com mais atenção o que está dito pelos opositores da comunicabilidade entre os dois planos, eles nos apresentam como **incompetência** o fato de não cumprirmos o rol das leis que eles mesmos disseram que foram revogadas. Ou seja, se eles defendem que tais leis punitivas e sacrificais foram revogadas, por uma via transversa eles se contradizem em querer defender o oposto, como comumente pudemos averiguar **em vista da incompetência do homem comum em aplicá-la** o que eles advogam como revogado!

### **8.1. A lei ordenada por Moisés**

Conforme a proposta inicial, vemos claramente que as diversas leis aplicadas ao povo de Israel, leis estas ministradas pelo grande legislador Moisés, chegamos ao ponto chave deste tema, onde demonstraremos. Assim sendo, lemos a seguinte passagem:

*Nessas tábuas **escreverei as palavras** que estavam nas primeiras tábuas, que quebras-te, e **as porás na arca**. Assim, fiz uma arca de madeira de acácia, alisei duas tábuas de pedra, como as primeiras, e subi ao monte com as duas tábuas nas mãos. Então **o Senhor escreveu nas tábuas**, conforme a primeira escritura, **os dez mandamentos**, que ele vos falara no monte, do meio do fogo, no dia da assembleia; e o Senhor mas deu a mim. Virei-me, pois, desci do monte e **pus as tábuas na arca** que fizera; e ali estão, como o Senhor me ordenou. (Dt 10:2-5)*

*Então ele vos anunciou o seu pacto, o qual vos ordenou que observásseis, isto é, **os dez mandamentos**; e **os escreveu em duas tábuas de pedra**. Também **o Senhor me ordenou ao mesmo tempo que vos ensinasse estatutos e preceitos, para que os cumprísseis na terra a que estais passando para a possuídes**. (Dt 4:13-14)*

*Ora, tendo **Moisés acabado de escrever num livro todas as palavras desta lei**, deu ordem aos levitas que levavam a arca do pacto do Senhor, dizendo: **Tomai este livro da lei, e ponde-o ao lado da arca** do pacto do Senhor vosso Deus, para que ali esteja por testemunha contra vós. (Dt 31:24-26)*

O Decálogo foi colocado dentro da arca da aliança, e os estatutos que vinham de Moisés e que Javé ordenou que ele (Moisés) ensinasse ao povo foi colocado ao lado da arca, mostrando a diferença entre elas, onde indubitavelmente aponta para a imutabilidade do Decálogo e a mutabilidade da lei Mosaica. Com efeito, os opositores da comunicabilidade entre os dois planos dizem que argumentaram também que a ordem de comunicação com os mortos não era “disciplinar”, conforme havíamos dito alhures, e segundo eles, o que era disciplinar eram as punições a quem cometiam tais infrações. O que

quisemos passar anteriormente é que o que Moisés proibiu foi à forma de como estas comunicações se davam, já que por ser um fenômeno natural, não haveria como proibi-las, mas não permitir que fossem utilizadas com o objetivo fútil em que a maioria praticava, assim como pudemos esclarecer mais acima. Certamente Moisés estabeleceu o que corretamente deveria evitar, a necromancia, as artes mágicas e as práticas abusivas.

Quando comentamos anteriormente que a prática da evocação aos mortos foi estabelecida por Moisés e não por Deus, não foi com o fito de julgá-la passível de mudança, mas para estabelecer a diferença entre a proibição de Moisés e a comunicação de Jesus com os espíritos de Moisés e Elias, assim como **fundamentamos** acima. Isto se prova quando dissemos que a lei mosaica é mutável, mas que os Dez Mandamentos não, pois se houvesse uma proibição geral, irrestrita e imutável esta deveria estar estabelecida no Decálogo, onde nem mesmo o fenômeno da Transfiguração teria ocorrido, senão teríamos uma contravenção de uma Lei divina, geral, irrestrita e imutável. Foi justamente que apresentei, ou seja, a **diferença entre ambos os casos de Moisés e Jesus**.

## **8.2. Jesus veio cumprir a lei e complementá-la**

Neste momento, dissemos que Jesus se referia na Lei como um todo. Segundo os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, o Mestre se referia a Lei como um todo, nisto se inclui a ordenança contra a comunicação com os mortos. Não defendemos que Jesus veio a derogar as leis no Tanah, mas se Ele veio cumpri-las, não deveria ter se comunicado com os espíritos de Moisés e Elias. Todavia, se não tivermos a consciência da diferença da proibição estabelecida por Moisés, da forma como tais evocações eram realizadas, identificando a diferença do evento da Transfiguração de Jesus vindo a se comunicar com “mortos”, estaremos diante de uma **contradição**. Porém, se as diferenciarmos, o problema estará resolvido.

Diante disso caro leitor, o os opositores da comunicabilidade entre os dois planos nos arremata que demonstrou que Jesus deu cumprimento a toda a Lei, não apenas partes dos 10 mandamentos,

conforme algumas partes de Mt 5. Embora ainda comentaremos mais adiante sobre Mt 5, por antecipação em citar o fundamento de posteriores comentários, conforme abaixo.

***Não penseis que eu tenha vindo destruir a lei ou os profetas: não os vim destruir, mas cumpri-los: - porquanto, em verdade vos digo que o céu e a Terra não passarão, sem que tudo o que se acha na lei esteja perfeitamente cumprido, enquanto reste um único iota e um único ponto. (Mt 5:17-18)***

Parafraseando o Evangelho Segundo o Espiritismo, lemos que:

*Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio cumpri-la, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens. Por isso é que se nos depara, nessa lei, o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo, base da sua doutrina. Quanto às leis de Moisés, propriamente ditas, ele, ao contrário, as modificou profundamente, quer na substância, quer na forma. Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, por mais radical reforma não podia fazê-las passar, do que as reduzindo a esta única prescrição: “Amar a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a si mesmo”, e acrescentando: **aí estão a lei toda e os profetas.***

*Por estas palavras: “O céu e a Terra não passarão sem que tudo esteja cumprido até o último iota”, quis dizer Jesus ser necessário que a lei de Deus tivesse cumprimento integral, isto é, fosse praticada na Terra inteira, em toda a sua pureza, com todas as suas ampliações e consequências. Efetivamente, de que serviria haver sido promulgada aquela lei, se ela devesse constituir privilégio de alguns homens, ou, sequer, de um único povo? Sendo filhos de Deus todos os homens, todos, sem distinção nenhuma, são objeto da mesma solicitude.*

*Mas, o papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, tendo por exclusiva autoridade a sua palavra. Cabia-lhe dar cumprimento às profecias que lhe anunciaram o advento; a autoridade lhe vinha da natureza excepcional do seu Espírito e da sua missão divina. Ele viera ensinar aos*

*homens que a verdadeira vida não é a que transcorre na Terra e sim a que é vivida no reino dos céus; viera ensinar-lhes o caminho que a esse reino conduz, os meios de eles se reconciliarem com Deus e de pressentirem esses meios na marcha das coisas por vir, para a realização dos destinos humanos. Entretanto, não disse tudo, limitando-se, respeito a muitos pontos, a lançar o gérmen de verdades que, segundo ele próprio o declarou, ainda não podiam ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos implícitos. Para ser apreendido o sentido oculto de algumas palavras suas, mister se fazia que novas ideias e novos conhecimentos lhes trouxessem a chave indispensável, ideias que, porém, não podiam surgir antes que o espírito humano houvesse alcançado um certo grau de maturidade. A Ciência tinha de contribuir poderosamente para a eclosão e o desenvolvimento de tais ideias. Importava, pois, dar à Ciência tempo para progredir. (KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Cap. I; pág. 33 e 35-36, grifo nosso).*

Tanto é fato que sobre esta passagem, teceremos comentários em tópicos posteriores a este, onde procuraremos desenvolver mais amplamente sobre este assunto, onde Jesus nos declara que ***Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora. Quando vier, porém, aquele, o Espírito da Verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras.*** (Jo 16:12-13). Retornaremos em outro tópico sobre este assunto.

### **8.3. O desenvolvimento da Torá e do Tanah**

É apresentado pelos opositores da comunicabilidade entre os dois planos um exemplo que se encontra na passagem em que uma mulher é pega em adultério e seu quase apedrejamento. A observância referente ao cumprimento à Lei disciplinar de Moisés por Jesus é modificada, onde, no caso da mulher adúltera, por exemplo, Jesus não disse que eram para que não a apedrejassem, mas que atirassem a primeira pedra àquele que estivesse sem pecado, fato este que prova a mutabilidade da Lei de Moisés que era o apedrejamento às adúlteras em sua época.

Embora Jesus enfatizou de que ide e não peques mais, com isso “Não adulterarás” não foi alterado e sim permanece até os dias de hoje e permanecerá pelos séculos vindouros, mas a Lei de Moisés foi modificada tanto na forma quanto ao fundo. Esperamos que os opositores da comunicabilidade entre os dois planos entendam a mutabilidade da Lei disciplinar de Moisés de acordo com o adiantamento da humanidade e a imutabilidade do Decálogo. Por outro lado, existe o seguinte comentário dos opositores da comunicabilidade entre os dois planos quando citam a passagem da mulher adúltera e eles parecem concordar com o que defendemos, vejamos:

*Mas, como insistissem em perguntar-lhe, ergueu-se e disse-lhes: Aquele dentre vós que está sem pecado seja o primeiro que lhe atire uma pedra. (Jo 8:7).*

Após citá-la questionam os opositores da comunicabilidade entre os dois planos: Quem teria a autoridade de revogar o apedrejamento, a lei disciplinar, senão o próprio legislador? Se eles perguntam se pode uma lei ser revogada, logo somos impelidos a crer que esta mesma lei não é divina e sim mosaica, já que **as leis divinas são imutáveis** e que demonstraremos mais adiante.

Mais adiante do questionamento realizado pelos opositores da comunicabilidade entre os dois planos, eles nos apresentam uma curiosa resposta, ao qual vejamos: Mas Jesus determinou que atirasse a primeira pedra aquele que estivesse **sem pecado**, logo, **Cristo não negou o apedrejamento através da Lei, mas tornou inócua a sentença através de sua sabedoria**, pois o único que era digno de executar o castigo previsto simplesmente só fez perdoar e não condenar, e depois orientou a pecadora para que não pecasse mais. Ou seja, se Jesus não negou **o apedrejamento através da Lei**, mas que **tornou inócua** esta lei, vemos que **Ele revogou o apedrejamento**. Por outro lado, os opositores da comunicabilidade entre os dois planos se delongam em dizer que Jesus era **o único** que era digno de executar o castigo previsto simplesmente só fez perdoar e não condenar. Todavia, o castigo previsto na lei mosaica era o apedrejamento e todos os hebreus que pegassem uma mulher em adultério, imediatamente deveriam apedrejá-la e não Jesus que era o único que era digno de

executar o castigo previsto, mas **todos** tinham como praticá-lo, mediante a determinação mosaica.

Esta é a tese que defendemos caro leitor e parece que os opositores da comunicabilidade entre os dois planos não provam o contrário, antes disseram que uma lei divina é passível de mudança, mas bem sabemos que **as determinações divinas são imutáveis** e não as leis humanas. Neste caso em que analisamos, a lei mosaica foi passível de mudanças, onde até está demonstrado acima, não que o homem pecaminoso por natureza, para condenar quem quer que seja, mas para não julgar o próximo, mas a si mesmo que Jesus orienta em julgar os próprios defeitos, procurando transformá-los em virtudes. O que defendemos é que a mudança interior transforma o nosso ser, a família onde convivemos, o bairro onde moramos, a cidade onde estamos, o país em que habitamos e principalmente o mundo em aprendemos a escola da vida. A transformação é de dentro para fora e não de fora para dentro e é isto que o Consolador nos apresenta – **a reforma íntima**.

Sobre a passagem de **Levíticos**, lemos:

***Não te vingarás nem guardarás ira contra os filhos do teu povo: mas amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor. (Lv 19:18)***

Acreditamos que na época não havia o seu cumprimento devido à dureza do coração do povo Hebreu em assimilar o que Jesus houvera sancionado com a sua vinda, mas temos a certeza que este mandamento se chocou com as demais ordenanças da pena de Talião e a Lei do Divórcio **abordada por Moisés**. Com efeito, identificamos que Moisés abonava perseguir os inimigos, por outro lado, Jesus nos ensina em perdoá-los. Leiamos:

*Ele lhes respondeu: **Que vos ordenou Moisés?** Tornaram eles: **Moisés permitiu lavrar carta de divórcio e repudiar. Mas Jesus lhes disse: Por causa da Dureza do vosso coração, ele vos deixou escrito esse mandamento; (Mc 10:3-5)***

Em certa altura, os opositores da comunicabilidade entre os dois



planos analisaram sobre alguns exemplos, desta vez retirados do Sermão da Montanha. Neste intento, colocamo-nos na ocasião em comentá-los.

**1º Exemplo** – Os opositores da comunicabilidade entre os dois planos citam a seguinte passagem:

*Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e, quem matar será réu de juízo. (Mt 5:21)*

E a partir desta citação, comentam: “faz parte dos 10 mandamentos. Mas, seria apenas isto, não matar e, assim, cumprir a Lei? Claro que não, Jesus, na continuidade deste versículo, mostra-nos o que seria cumprir esta parte: *Eu, porém, vos digo que todo aquele que se encolerizar contra seu irmão, será réu de juízo; e quem disser a seu irmão: Raca, será réu diante do sinédrio; e quem lhe disser: Tolo, será réu do fogo do inferno. (versículo 22)*”. Em conclusão arrematam: Cristo coloca **no mesmo nível** o simples fato de se encolerizar contra seu irmão, não implicando necessariamente que tenha cometido algo fisicamente contra ele. Não necessariamente **no mesmo nível** que Jesus coloca tais atitudes, pois **aprofunda** no quesito de que **quem [sem motivo] se encolerizar contra o seu irmão será réu de Juízo**.

No mais, Jesus diz para **aquele que ofender**, ou **estiver em débito** com o seu próximo que *deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta (Mt 5:24)*. Sendo que Jesus encerra a questão *Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo. (Mt 5:26)*. Agora, Jesus não coloca este **no mesmo nível** seu novo ensinamento, da mesma forma que alguém que tira a vida de seu próximo, já que existem penas proporcionais para males também equivalentes. O que Jesus nos apresenta é uma complementação do Decálogo e que não estava incutida na lei mosaica, ao qual dedicamos uma abordagem especial deste assunto no texto: **“Seremos salvos ou temos que nos salvar?”**.

**2º Exemplo** – Prosseguem os opositores da comunicabilidade entre os dois planos em seus exemplos:

*Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. (Mt 5:27)*

E assim eles comentam: “também, faz parte dos 10 mandamentos. Para a mentalidade dos fariseus, bastava não ‘consumir o ato sexual’” para não ter transgredido esta Lei, mas Cristo volta a dar o real entendimento no versículo seguinte: *Eu, porém, vos digo que todo aquele que olhar para uma mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela. (versículo 28)*”. Não seria o real ensinamento, mas pelo fato dos hebreus já estarem preparados para receber uma orientação mais abrangente. Assim como Jesus se delonga em dizer que *Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. (Mt 5:29)*.

Ademais, este ensinamento de Jesus estará amplamente comentado no texto: “**Reencarnação x penas eternas**”, onde tratamos mais detalhadamente o assunto sobre a ótica da reencarnação, senão, o texto literalmente nos apresenta a mutilação.

**3º Exemplo** – E por fim, encerram os opositores da comunicabilidade entre os dois planos:

*Também foi dito: Quem repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. (Mt 5:31)*

Segundo eles, esta não faz parte dos 10 mandamentos, isto foi dado por Moisés ao povo hebreu e, mesmo assim, Cristo dá o seu cumprimento - *Eu, porém, vos digo que todo aquele que repudia sua mulher, a não ser por causa de infidelidade, a faz adúltera; e quem casar com a repudiada, comete adultério* – E eles complementam: “não diz Cristo que, por ser de Moisés, não é lei de Deus, pelo contrário, em Mc 10:4 Jesus toca também neste assunto quando responde a alguns fariseus que tentariam experimentá-lo, corroborando o mandamento deixado por Moisés, e explicando o motivo dele: *Então se aproximaram dele alguns fariseus e, para o experimentarem, lhe perguntaram: É lícito ao homem repudiar sua mulher? Ele, porém, respondeu-lhes: Que vos ordenou Moisés? Replicaram eles: Moisés permitiu escrever carta de divórcio, e repudiar a mulher. Disse-lhes Jesus: Pela dureza dos vossos*

*corações ele vos deixou escrito esse mandamento.*

Conforme havíamos citado acima, esta lei mosaica que **ordenou Moisés** com a intenção de fazer-se cumprir pela **Dureza do vosso coração**, ele vos deixou escrito esse mandamento; no caso em questão, pela dureza do coração do povo hebreu. Se pela dureza do coração dos hebreus que ela era necessária naquela época, Jesus apresenta uma maior responsabilidade pelos atos individuais em seu tempo, e Ele dá exemplos disso, já que na época de Moisés, a carta de divórcio era dada por qualquer motivo, portanto, Jesus esclarece que **todo aquele que repudia sua mulher, a não ser por causa de infidelidade, a faz adúltera**. Se existe o estabelecimento de que não será nenhum motivo que leve a repúdio do cônjuge, certamente é pelo fato de também cometer adultério àquele que, sem um único motivo de **infidelidade**, vir a emitir a carta de divórcio, este **a faz adúltera** e aquele que vir a casar-se com a repudiada, **comete adultério**. Este é o parâmetro da lei que não era praticada na época de Jesus e Ele sanciona tal ensinamento.

Caro leitor, como apenas chegou até este ponto, sobre as análises dos opositores da comunicabilidade entre os dois planos, acerca do tema da lei em que Jesus discorria no Sermão do Monte. Por outro lado, vemos que eles dizem que existem **mais e mais casos em que podemos depreender que Cristo jamais foi contra a Lei**, até mesmo contra os sacrifícios que, enquanto ainda não tinha entregado a si mesmo para a morte, eles continuavam (Mt 5:23). Se viermos a analisar sobre as ofertas que eram oferecidas ao altar, perceberemos que o sentimento de rancor para com o próximo era mais evidente em sanarmos primeiro o sentimento de afeto desfeito com o próximo, do que oferecer a oferta a Deus no verso 24, posterior ao **mesmo capítulo** citado pelos opositores da comunicabilidade entre os dois planos. Por outro lado, analisamos a questão do **último ceitil** (Mt 5:21-26) no texto **“Seremos salvos ou temos que nos salvar?”**.

Porém, está faltando a continuidade da explanação de Jesus sobre mais exemplos, em que se aventurou os opositores da comunicabilidade entre os dois planos a comentar, mas furtando-se em nos trazer a continuidade da passagem sugerida. Todavia,

demonstraremos abaixo a continuidade do Sermão do Monte, a fim de **fundamentar** tudo o que até agora foi apresentado. Vejamos:

*Ouvistes que foi dito: **Olho por olho, dente por dente**. Eu, porém, vos digo: **não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra**; e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes. (Mt 5:38-42).*

Esta era a pena de talião constante na lei mosaica e apresentada como origem no Código de Hamurabi. Se defendermos a tese que esta era uma lei também divina, consequentemente ela não seria passível de mudança, assim como Jesus apresenta um outro conceito.

E para finalizar:

*Ouvistes que foi dito: **Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo**. Eu, porém, vos digo: **amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem**; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste. (Mt 5:43-48).*

A lei mosaica permitia odiar e perseguir os inimigos, já Jesus, nos Evangelhos nos dá um outro ensinamento, o de orar pelos que nos perseguem e amar a quem nos odeiam. O Mestre muda uma lei mosaica tanto na forma, quanto no fundo e esta a nossa tese que defendemos e que está tão clara nos textos apresentados.

#### **8.4. Exemplos de leis mosaicas que foram revogadas**

Antes de adentrar neste quesito, havéramos dito que

“**misericórdia quero e não sacrifícios**” e quando dissemos isso, nos advém à ideia de que a misericórdia como condição fundamental sobre ao qual Deus mais se agrada no VT. Todavia, segundo os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, esta citação é encontra em Os 6:6 e, aparentemente, contradiz o ensino escriturístico da expiação pelo sangue, da qual o espiritismo nega. Para os opositores da comunicabilidade entre os dois planos a Doutrina Espírita nega, mas quando **esclarecemos**, eles não comentam e que comentaremos mais adiante, em um tópico propício para tal. Por outro lado, dizem os opositores da comunicabilidade entre os dois planos: a citação de Os 6:6 está parcial, pois diz que *Pois misericórdia quero, e não sacrifícios; e o conhecimento de Deus, **mais do que os holocaustos***, ou seja, **não está Deus desabonando o que Ele mesmo implantou** e, sim, de que de nada adiantaria o povo oferecer holocaustos caso não tivesse um coração verdadeiramente arrependido para Deus. Embora, sabemos que esta determinação não foi realizada pelo Pai, quando lemos:

***Assim diz o SENHOR dos Exércitos, o Deus de Israel: Ajuntai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios e comei carne. Porque nada falei a vossos pais, no dia em que os tirei da terra do Egito, nem lhes ordenei coisa alguma acerca de holocaustos ou sacrifícios. (Jr 7:22).***

Ou seja, Jesus mais à frente em citação a passagem de Oseias, nos traz a certeza de que a prática da misericórdia com o próximo era muito mais importante do que a prática da legalidade religiosa. Com efeito, o exemplo de Jesus no suplício do Gólgota era sobre a misericórdia pelos seus algozes, e este é o exemplo deixado por ele. No entanto, retornarei a este assunto no tópico apropriado.

Diante da assertiva que muitas das leis que foram anunciadas fora do Decálogo ainda vigoram, segundo foi aventado pelos opositores da comunicabilidade entre os dois planos que “os mandamentos referentes à punições não vigoram, pois os homens, antes de observarem o pecado cometido deveriam julgar com retidão, com amor ao próximo, mas observavam apenas uma parte da Lei e não toda ela. É assim que deve ocorrer hoje, na Nova Aliança, observar os mandamentos de Deus e, a quem não observa, deixar que Deus os

julgue”. Identificaremos algumas ordenanças de Moisés para a análise de sua mutabilidade e o porquê que elas não são praticadas em sua totalidade até os dias de hoje. Tais exemplos, como a escravidão e as leis voltadas aos “servos”, não são mais praticados, dentre outros mais que estão enunciadas abaixo e sem a sua devida prática nos dias atuais. Destarte, não há como sustentar que podemos observar apenas uma parte da Lei e não toda ela, já que se observarmos toda ela, não poderíamos de deixar de praticá-las, ou a parte que convém.

**Êx 21:7 Se um homem vender sua filha para ser escrava, esta não lhe sairá como saem os escravos.**

*Êx 21:2 Quem ferir a outro de modo que este morra, também será morto.*

*Êx 21:5 Quem ferir a seu pai ou a sua mãe, será morto.*

*Êx 21:16 O que raptar a alguém, e o vender, ou for achado na sua mão, será morto.*

*Êx 21:17 Quem amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, será morto.*

**Êx 21:23-25 Mas se houver dano grave, então darás vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé, queimadura por queimadura, ferimento por ferimento, golpe por golpe.**

*Êx 22:2 Se um ladrão for achado arrombando uma casa, e, sendo ferido, morrer, quem o feriu não será culpado do sangue.*

**Êx 22:16 Se alguém seduzir qualquer virgem, que não estava desposada, e se deitar com ela, pagará seu dote e a tomará por mulher.**

*Êx 22:19 Quem tiver coito com animal, será morto.*

**Êx 31:14 Portanto guardareis o sábado, porque santo é para vós outros; aquele que o profanar morrerá; pois qualquer que nele fizer alguma obra será eliminado do meio do seu povo.**

Êx 34:19 *Todo que abre a madre é meu, também de todo o teu gado, sendo macho, o que abre a madre de vacas e de ovelhas.*

Êx 34:20 *O jumento, porém, que abrir a madre, resgatá-lo-ás com cordeiro; mas, se o não resgatares, será desnucado Remirás todos os primogênitos de teus filhos. **Ninguém aparecerá diante de mim de mãos vazias.***

Êx 34:26 *As primícias dos primeiros frutos da tua terra trará à casa do SENHOR teu Deus. **Não cozerás o cabrito no leite de sua própria mãe.***

Lv 11:7-8 *Também o **porco**, porque tem unhas fendidas, e o casco dividido, mas não rumina; este vos será imundo, **da sua carne não comereis, nem tocareis no seu cadáver**; estes vos serão imundos.*

Lv 11:21-22 *Mas de todo o inseto que voa, que anda sobre quatro pés, cujas pernas traseiras são mais compridas, para saltar com elas sobre a terra, estes comereis. Deles comereis estes: a locusta segundo a sua espécie, o gafanhoto devorador segundo a sua espécie, o grilo segundo a sua espécie, e o gafanhoto segundo a sua espécie.*

Lv 19:11 *Não furtareis, nem mentireis, nem usareis de falsidade cada um com o seu próximo;*

Lv 19:26 **Não comereis coisa alguma com o sangue;**

Lv 19:27 **Não cortareis o cabelo em redondo, nem danificareis as extremidades da barba.**

Lv 20:9 *Se um homem amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, será morto;*

Lv 20:10 *Se um homem adúlterar com a mulher do seu próximo, será morto o adúltero e a adúltera.*

Lv 20:13 *Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, ambos praticaram coisa abominável; serão mortos; o seu sangue cairá sobre eles.*

*Lv 20:18 Se um homem se deitar com a mulher no tempo da enfermidade dela, e lhe descobrir a nudez, descobrindo a sua fonte, e ela descobrira a fonte do seu sangue, ambos serão eliminados do meio do seu povo.*

*Lv 20:27 O homem ou mulher que sejam necromantes, ou sejam feiticeiros, serão mortos: serão apedrejados; o seu sangue cairá sobre eles.*

*Lv 21:9 Se a filha dum sacerdote se desonra, prostituindo-se, profana a seu pai: com fogo será queimada.*

*Lv 21:17-20 Fala a Arão, dizendo: Ninguém dos teus descendentes nas suas gerações, em quem houver algum defeito, se chegará para oferecer o pão do seu Deus Pois nenhum homem em quem houver defeito se chegará: como homem cego, ou coxo, de rosto mutilado, ou desproporcionado, ou homem que tiver o pé quebrado, ou a mão quebrada, ou corcovado, ou anão, ou que tiver belida no olho, ou sarna, ou impigens, ou que tiver testículo quebrado.*

*Lv 26:7 Perseguireis os vossos inimigos, e cairão à espada diante de vós.*

***Dt 21:15-16 Se um homem tiver duas mulheres, uma a quem ama e outra a quem aborrece, e uma e outra lhe derem filhos, e o primogênito for da aborrecida, no dia em que fizer herdar a seus filhos aquilo que possuir, não poderá dar a primogenitura ao filho da amada, preferindo-o ao filho da aborrecida, que é o primogênito.***

*Dt 21:18-21 Se alguém tiver um filho contumaz e rebelde, que não obedece à voz de seu pai e à de sua mãe, e, ainda castigado, não lhes dá ouvidos, pegarão nele seu pai e sua mãe e o levarão aos anciãos da cidade, à sua porta, e lhes dirão: **Este nosso filho é rebelde e contumaz, não dá ouvidos à nossa voz: é dissoluto e beberrão. Então todos os homens da sua cidade o apedrejarão, até que morra;** assim eliminarás o mal do meio de ti: todo o Israel ouvirá e temerá.*

***Dt 22:10 Não lavrarás com junta de boi e jumento.***



*Dt 22:23-24 Se houver moça virgem, desposada, e um homem a achar na cidade e se deitar com ela, então trareis ambos à porta daquela cidade, e os apedrejareis, até que morram; a moça, porquanto não gritou na cidade, e o homem, porque humilhou a mulher do seu próximo; assim eliminarás o mal do meio de ti.*

***Dt 23:1 Aquele a quem forem trilhados os testículos, ou cortado o membro viril, não entrará na assembleia do Senhor.***

*Dt 23:2 Nenhum bastardo entrará na assembleia do Senhor; nem ainda a sua décima geração entrará nela.*

***Dt 23:13 Dentre as tuas armas terás um pau; e quando te abaixares fora, cavarás com ele, e, volvendo-te, cobrirás o que defecaste.***

***Dt 25:5 Se irmãos morarem juntos, e um deles morrer, sem filhos, então a mulher do que morreu não se casará com outro estranho, fora da família; seu cunhado a tomará e a receberá por mulher, e exercerá para com ela a obrigação de cunhado.***

*Dt 25:11-12 Quando brigarem dois homens, um contra o outro, e a mulher de um chegar para livrar o marido da mão do que o fere, e ela estender a mão, e o pegar pelas suas vergonhas, cortar-lhe-ás a mão: não a olharás com piedade.*

Mediante tantos exemplos, fica claro que muitas leis mosaicas já não são adotadas nos dias de hoje, já que com o progresso da humanidade, certamente tais leis já estão até sem nenhum embasamento a fim de estarem vigorando. Agora, aplicar todas como leis divinas e imutáveis, não há base para se sustentar tal tese, apenas se pegarmos o convém, como fazem os opositores da comunicabilidade entre os dois planos em querer expor uma lei que supostamente condena a Doutrina Espírita, mas que retornaremos a este assunto mais adiante.

Ademais, parafraseando a epístola aos hebreus:

*Portanto, por um lado, se revoga a anterior ordenança, por causa de sua fraqueza e inutilidade (pois a lei nunca aperfeiçoou coisa alguma) e, por outro lado, se introduz esperança superior, pela qual nos chegamos a Deus. E, visto que não é sem prestar juramento (porque aqueles, sem juramento, são feitos sacerdotes, mas este, com juramento, por aquele que lhe disse: O Senhor jurou e não se arrepende; Tu és sacerdote para sempre); por isso mesmo **Jesus se tem tornado fiador de superior aliança.** (Hb 7, 18-19)*

Assim como:

*Agora, com efeito, obteve **Jesus ministério tanto mais excelente**, quanto é ele também **mediador de superior aliança** instituída com base em superiores promessas. **Porque, se aquela primeira aliança tivesse sido sem defeito, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para segunda.** E, de fato, repreendendo-os, diz: *Eis aí vêm dias, diz o Senhor, e firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. **Quando ele diz Nova, torna antiquada a primeira.** Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido, está prestes a desaparecer.* (Hb, 8, 6-7 e 13).*

## **9. A definição de defraudar, fraudar e espoliar**

Segundo os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, não é apenas os Dez Mandamentos que são imutáveis, mas se para ele toda a lei mosaica que explanamos no subtópico acima são também imutáveis, por que não existe nos dias de hoje leis que ainda vigoram para a servidão e escravidão? Forçoso é concluir que estas leis, bem como outras mais foram revogadas e que não são imutáveis como alegam os opositores da comunicabilidade entre os dois planos.

Por outro lado, dentro do livro de Levíticos, os opositores da comunicabilidade entre os dois planos nos apresentam mais um exemplo: *Sabes os mandamentos: Não matarás; não adulterarás; não furtarás; não dirás falso testemunho; a ninguém defraudarás; honra a*

*teu pai e a tua mãe.* Por conseguinte, eles nos apresentam a seguinte resposta: o **mandamento** (pois Jesus disse que é) **não defraudarás**. Mas, o mesmo não se encontra no Decálogo! Alguns poderiam dizer que este mandamento se enquadra, sim, no Decálogo, na expressão “**Não furtarás**”, mas veja acima que “não furtarás” também foi citado como um dos mandamentos na passagem em questão, logo, se fossem a mesma coisa não precisaria ser citada duas vezes! O mandamento “não defraudarás” está, especificamente, fora dos 10 mandamentos, na passagem de Levíticos. Vejamos:

*Se venderdes alguma coisa ao vosso próximo ou a comprardes da mão do vosso próximo, não vos defraudareis uns aos outros.(Lv 25:14)*

Diante do que foi apresentado pelos opositores da comunicabilidade entre os dois planos, estes nos informam que defraudar não é o mesmo que furtar, mas partindo da definição do verbo **defraudar, fraudar e espoliar**, viemos a chegar ao seu significado etimológico que é o mesmo:

#### **Defraudar**

[Do lat. *defraudare*.]

V. t. d.

1. **Espoliar** fraudulentamente; fraudar: defraudar o tesouro público
  2. Privar dolosamente de: defraudar uma herança
  3. Lesar dolosamente; prejudicar, esbulhar; **fraudar: defraudar os clientes**
  4. Contrariar, iludindo com subterfúgios: **defraudar a lei**
  5. **Iludir**, desenganar; **fraudar: defraudar a expectativa**
- V. t. d. e i.
6. **Privar fraudulentamente; espoliar:**

#### **Fraudar**

[Do lat. *fraudare*.]

V. t. d.

1. Cometer fraude contra; lesar por meio de fraude; defraudar: fraudar a alfândega
2. Despojar fraudulentamente; **espoliar com fraude;** defraudar: fraudar os cofres públicos

### 3. Enganar, iludir: fraudar os amigos

4. Frustrar, desenganar: fraudou as esperanças do pai

### 5. Roubar por contrabando.

[Pret. imperf. ind.: fraudava, .... fraudáveis, fraudavam; pres. subj.: fraude, fraudes, fraude, etc. Cf. fraude, s. f., e fraudáveis, pl. de fraudável.]

### *Espoliar*

[Do lat. spoliare, por via erudita.]

V. t. d.

1. **Privar de alguma coisa ilegalmente**, por **fraude** ou violência; **roubar**, despojar, esbulhar.

Após esta análise, comprova-se que “**Não Furtarás**” e “**Não dirás falso testemunho**” está umbilicalmente ligado a “**Não defraudarás uns aos outros**”, ao menos que ambas determinações sejam distintas para os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, mesmo sendo similares. Se existe a citação louvável em Levíticos, certamente que não desabonaremos esta obra que era destinado especialmente aos Levitas, ou descendentes da Tribo de Levi que eram responsáveis pelo Templo, mas que possuíam leis que estavam ligadas ao Decálogo e, por conseguinte, que repassavam a essência da Torá.

No entanto, para os opositores da comunicabilidade entre os dois planos que a proibição aos “mortos” ainda vigora, mas que Jesus não a derogou na Transfiguração do Monte Tabor, mesmo tendo se comunicado com os espíritos de Moisés e Elias. Por outro lado, identificamos que se não diferenciarmos a proibição de Moisés para a contaminação cultural com os Egípcios, a fim de prevenir as comunicações frívolas entre vivos e “mortos”, separando-a do evento da Transfiguração de Jesus que se comunicou com os espíritos de Moisés e Elias, teremos uma **contradição**. Todavia, se distinguirmos tais fatos, o problema está resolvido e **não há contradição**, senão, os opositores da comunicabilidade entre os dois planos terão um sério problema a resolver.

Segundo os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, “a comunicação jamais foi ‘suspensa, foi, sim, **proibida**. E,

jamais ‘reconciliada’, pois o episódio da Transfiguração, conforme explicação acima, com textos e contextos das Escrituras, nada mais é do que a manifestação do reino de Deus na Terra. É o que está nas Escrituras, aceitar ou não depende da fé a qual professa”. Caro leitor, foi demonstrado que as leis mosaicas do Pentateuco é que foram cumpridas, desenvolvidas e suplantadas tanto a forma quanto ao fundo pelo Mestre Jesus e a Doutrina Espírita não coaduna e nem pratica a necromancia, adivinhação e magia. Assim sendo, misturar a necromancia com o Espiritismo tem apenas um único objetivo – condenar.

## 10. Analisando Isaías 8,19-20

Sobre este tema, dedicamos em complemento a tudo que abordamos, ao qual transcrevo abaixo a ideia central.

*Quando vos disserem: Consultai os que têm espíritos familiares e os feiticeiros, que chilreiam e murmuram, respondei: Acaso não consultará um povo a seu Deus? **Acaso a favor dos vivos consultará os mortos? Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles.** (Is 8:19-20)*

Agora o mais importante, que é a resposta sintomática das perguntas acima é: “Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles”. Assim pergunto: **“eles” quem?** A quem se refere este pronome? A resposta está justamente na pergunta anterior: **“A favor dos vivos consultarão os mortos?”**. Pois bem, o pronome **“eles”** se refere aos **“mortos”**.

Vale ressaltar que todos os que tentam negar a comunicabilidade dos “mortos” com os vivos, citam esta passagem apenas o versículo 19, mas sobre o verso 20 que é subsequente, vemos que há outro entendimento que não é o que nos pretendem mostrar, assim como muitos se aventuram. O texto nos apresenta duas possibilidades e não apenas uma como pretendem mostrar, ao qual elas são:

1. Eles **falarem** segundo a lei e o testemunho.

2. Eles **não falarem** segundo a lei e o testemunho, e neste caso é porque **não há luz neles**.

As possibilidades esclarecidas pelo texto estão dentro do prisma de que uma verdadeira comunicação com os mortos, **via** necromantes e adivinhos existe por um lado negativo e outro positivo. Esta possibilidade de comunicação ou comunicabilidade com os “mortos” não é questionada, ou muito menos combatida como aludem os opositores da comunicabilidade entre os dois planos.

A partir do momento em que o texto apresentado na Bíblia nos permite as duas possibilidades, e isto dentro da comunicabilidade, não há como negar a evidência textual de acordo com o que ele apresenta. Destarte, não existe a impossibilidade de se evitar a consulta indevida aos mortos, a forma de filtrar **não a comunicação em si**, mas **a qualidade das respostas** é “**segundo a lei e ao testemunho**”. A partícula “**se**” indica a **possibilidade** de falarem ou não segundo “**a lei e ao testemunho**”. São **duas** as possibilidades apontadas pelo texto.

Para que o texto em análise retratasse o pensamento dos opositores da comunicabilidade entre os dois planos, este deveria estar construído da seguinte forma: **Acaso a favor dos vivos** consultará os **mortos**? Se **aqueles** não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles. Todavia, se invertermos o pronome **estes** por **aqueles**, teremos a construção gramatical **correta** para que os opositores da comunicabilidade entre os dois planos tenham razão, porém, encontramos o pronome **estes** e por este motivo se refere aos mortos. Assim sendo, segue a semântica fiel e correta, sem os malabarismos exegéticos dos opositores da comunicabilidade entre os dois planos que mais uma vez caem por terra.

*...**Acaso a favor dos vivos consultará os mortos**? Se eles não falarem segundo esta palavra, é porque não há luz neles...*

O Capítulo 8 do livro de Isaías retrata a profecia sobre a invasão dos Assírios em Israel, portanto, há de se convir que esta prática de

adivinhação é a que o próprio Moisés proibiu, pois, os profetas de Israel, tais como Samuel eram também videntes (Médiuns), assim como lemos:

*Antigamente, em Israel, indo alguém consultar a Deus, dizia: Vinde, vamos ter com o vidente; porque ao profeta de hoje, antigamente, se chamava vidente. (I Sm 9:9)*

Os intermediários entre "Deus" e os homens no AT, porém, não faziam estes as consultas fúteis e sim revelações acerca dos hebreus e sua destinação, leiamo-la:

*“Samuel respondeu a Saul e disse: **Eu sou o vidente**; sobe adiante de mim ao alto; hoje, comereis comigo. Pela manhã, te despedirei e tudo quanto está no teu coração to declararei.” (I Sm 9:19).*

## 11. Os textos originais na Bíblia

A fim de responder ao seguinte questionamento que elaborei alhures e que reitero novamente: **“A Bíblia condena mesmo a Doutrina Espírita e a mediunidade?”**. Conforme eu havia dito mais acima que viria a comentar mais amplamente sobre as traduções tendenciosas que visam única e exclusivamente a detratar a Doutrina Espírita, me utilizei da excelente pesquisa do escritor e divulgador do Espiritismo **Paulo da Silva Neto Sobrinho**. Mediante este trabalho brilhante caros leitores, com a palavra, a bíblia nos recomenda:

*“A quem está escutando as palavras da profecia deste livro, eu declaro: **Se alguém acrescentar qualquer coisa a este livro, Deus vai acrescentar a essa pessoa as pragas que aqui estão descritas. E se alguém tirar alguma coisa das palavras do livro desta profecia, Deus vai retirar dessa pessoa a sua parte na árvore da Vida e na Cidade Santa, que estão descritas neste livro.**” (Ap 22, 18-19)*

Cansados de tanto ouvir de inúmeros opositores da comunicabilidade entre os dois planos e de vários tradutores das bíblias a expressão de que ela é conforme os originais, procurarmos fazer um breve levantamento para contestar sua veracidade e provar a verdadeira

adulteração.

Vejamos a pesquisa que fizemos nas onze Bíblias de nossa biblioteca, das quais anotamos algumas passagens que escolhemos como a prova do crime:

### **Ave-Maria**

*Lv 19, 31: Não vos dirijais aos espíritas nem adivinhos: não os consulteis,...*

*Lv 20, 6: Se alguém se dirigir aos espíritas ou aos adivinhos para fornicar com eles,...*

*Lv 20, 27: Qualquer homem ou mulher que evocar os espíritos ou fizer adivinhações, será morto...*

*Dt 18, 10-11: Não se ache no meio de ti quem faça passar pelo fogo seu filho ou sua filha, nem quem se dê à adivinhação, à astrologia, aos agouros, ao feiticismo, à magia, ao espiritismo, à adivinhação ou à evocação dos mortos.*

*Is 8, 19: Se vos disserem: Consultai os espíritos dos mortos, os adivinhos, os que conhecem segredos e dizem em voz baixa: Porventura um povo não deve consultar os seus deuses? Consultar os mortos a favor dos vivos? Em nota: seus deuses: os espíritos dos antepassados.*

*1 Sm 28, 3.7.8: ... E Saul expulsara da terra os necromantes, os feiticeiros e adivinhos... “Procurai-me uma necromante para que eu a consulte”... “Predize-me o futuro, evocando um morto; faze-me vir aquele que eu te designar”. (1 Sm 28, 3.7.8)*

*Como aparece a palavra necromante é porque tiveram informação da realidade, assim quando colocam espiritismo ou espírita, é porque querem atingir aos adeptos da Doutrina Espírita.*

### **Barsa**



*Lv 19,31: Não vos dirijais aos **mágicos**, nem consulteis os adivinhos,...*

*Lv 20,6Se algum homem declinar para os **mágicos**, e **adivinhos**, e se der a eles por uma espécie de fornicção;...*

*Lv 20,27: Se qualquer homem, ou mulher **tem espírito de Píton**, ou espírito de adivinho, sejam punidos de morte...*

*Dt 18, 10-11: nem se ache entre vós quem pretenda purificar seu filho, ou filha, fazendo-os passar pelo fogo: nem quem consulte adivinhos, ou observe sonhos e agouros, nem quem seja feiticeiro, ou encantador, **nem quem consulte Píton** ou adivinhos, **nem quem indague dos mortos a verdade**.*

*Is 8,19: E quando vos disserem: **Consultai os pitões**, e os adivinhos, que murmuram em segredo em seus encantamentos: Acaso não consultará o povo ao seu Deus, há de ir falar com os mortos acerca dos vivos?*

*1 Sm 28, 3.7.8: ...E Saul tinha lançado fora da terra os **mágicos**, e adivinhos... “Buscai-me uma mulher que tenha o **espírito de Píton**, e eu irei ter com ela, e a consultarei”... “Adivinha-me pelo espírito de Píton, e faze-me aparecer quem eu te disser”.*

Aqui não vemos nenhum termo sendo usado para condenar o Espiritismo, o único detalhe fica por conta de ser uma Bíblia mais antiga, em geral menos preconceituosa que as atuais. Seria um sinal que antigamente “a palavra de Deus” tinha preocupações diferentes das que encontramos nas Bíblias atuais?

### ***Bíblia de Jerusalém***

*Lv 19,31: Não vos voltareis para os **necromantes** nem consultareis os adivinhos...*

*Lv 20,6 ; Aquele que recorrer aos **necromantes** e aos adivinhos para se prostituir com eles, ...*

*Lv 20,27: O homem ou a mulher que, entre vós, forem*

**necromantes** ou adivinhos serão mortos...

*Dt 18, 10-11: Que em teu meio não se encontre alguém que queime seu filho ou sua filha, nem faça presságio, oráculo, adivinhação ou magia, ou que pratique encantamentos, **que interrogue espíritos** ou adivinhos, ou ainda **que invoque os mortos**;*

*Is 8,19: Se vos disserem: “Ide **consultar os espíritos** e os adivinhos, cochichadores e balbuciadore”, não consultará o povo os seus deuses, e os mortos a favor dos vivos?*

*1 Sm 28, 3.7.8: ... Saul havia expulsado da terra **os necromantes** e os adivinhos... “Buscai-me uma mulher que **pratique a adivinhação** para que eu lhe fale e a consulte”... “Peço-te que pratiques para mim a adivinhação, evocando para mim quem eu te disser”.*

Embora a maioria dos textos deva ser fiel aos originais, já que naquela época as práticas eram essas, ainda assim colocam em Deuteronômio e em Isaías alguma coisa que, não obstante de forma velada, atinge ao Espiritismo. Um detalhe importante dessa tradução é que ela contou entre uma equipe de tradutores católicos e protestantes.

### **Bíblia do Peregrino**

*Lv 19,31: Não consulteis **necromantes** nem adivinhos...*

*Lv 20,6: Se alguém consultar **necromantes** e **adivinhos** para se prostituir com eles,...*

*Lv 20,27: O homem ou a mulher que **praticar a necromancia** ou a adivinhação, é réu de morte...*

*Dt 18, 10-11: Não haja entre os teus quem queime seus filhos ou filhas, nem adivinhos, nem astrólogos, nem agoureiros, nem feiticeiros, nem encantadores, **nem espiritistas**, nem adivinhos, **nem necromantes**.*

*Is 8,19: Certamente vos dirão: **Consultai os espíritos** e adivinhos, que sussurram e cochicham: um povo não consulta*

*seus deuses e os mortos a respeito dos vivos, em busca de instruções seguras?*

*1 Sm 28, 3.7.8: ... Por outra parte, Saul havia desterrado **necromantes** e adivinhos... Procurai-me **uma necromante** para que a consulte... Adivinha para mim o futuro, evocando os mortos, e faze que me apareça quem eu te disser.*

A única vacilada ficou por conta do Deuteronômio, cujo termo é diretamente usado contra o Espiritismo. Em relação a Isaias aparece, mas de forma indireta, como em outras também fizeram.

### **Mundo Cristão**

*Lv 19,31: Não vos voltareis para **os necromantes**, nem para os adivinhos; ...*

*Lv 20,6: Quando alguém se virar para **os necromantes** e **feiticeiros** para se prostituir com eles,...*

*Lv 20,27: O homem ou mulher que sejam **necromantes**, ou sejam **feiticeiros**, serão mortos: ...*

*Dt 18, 10-11: Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, **nem necromante**, nem mágico, **nem quem consulte os mortos**;*

*Is 8,19: Quando vos disserem: **Consultai os necromantes** e os adivinhos, que chilreiam e murmuram, acaso não consultarás o povo ao seu Deus? A favor dos vivos se consultarão os mortos?*

*1 Sm 28, 3.7.8: ... Saul havia desterrado **os médiuns e adivinhos**... “Apontai-me uma mulher que seja **médium**, para que me encontre com ela e a consulte...” “Peço-te que me adivinhes pela necromancia, e me faças subir aquele que eu te disser”.*

Apesar de saberem exatamente o que significa a necromancia,

ainda assim colocam termos diretos contra o Espiritismo, principalmente na passagem onde Saul faz a consulta ao espírito-Samuel.

### **Novo Mundo**

*Lv 19,31: Não vos vireis para **médiuns espíritas** e não consulteis **prognosticadores profissionais de eventos**,...*

*Lv 20,6: Quanto à alma que se vira para os **médiuns espíritas** e para os **prognosticadores profissionais de eventos**, ...*

*Lv 20,27: E quanto ao homem ou à mulher em que se mostre **haver um espírito mediúnico** ou um espírito de predição, sem falta devem ser mortos!...*

*Dt 18, 10-11: Não se faça achar em ti alguém que faça seu filho ou sua filha passar pelo fogo, alguém que empregue adivinhação, algum praticante de magia ou quem procure presságios, ou um feiticeiro, ou alguém que prenda outros com encantamentos, ou alguém que vá **consultar um médium espírita**, ou um prognosticador profissional de eventos, ou alguém que **consulte os mortos**.*

*Is 8,19: E caso vos digam: **Recorrei aos médiuns espíritas** ou aos que têm espírito de predição, que chilram e fazem pronunciações em voz baixa, não é a seu Deus que qualquer poso devia recorrer? [Acaso se deve recorrer] a pessoas mortas a favor de pessoas vivas?*

*1 Sm 28, 3.7.8: ... Quanto a Saul, tinha removido do país os **médiuns espíritas** e os prognosticadores profissionais de eventos... “Procurai-me uma mulher que seja **donã de mediunidade espírita**, e eu irei ter com ela e a consultarei....” “Por favor, use de adivinhação para mim por meio da mediunidade espírita e faze-me subir aquele que eu te indicar”.*

Essa tradução é a pior de todas, pois em todos os textos há termos claros contra o Espiritismo, provando claramente a intenção de se fazer isso. Tanto esta última tradução quanto a anterior são provenientes do protestantismo, daí se justifica porque eles, mais que os católicos, são contrários às práticas espíritas. Inclusive é onde o

radicalismo impera com maior vigor.

### **Pastoral**

*Lv 19,31: Não se dirijam **aos necromantes**, nem consultem adivinhos,...*

*Lv 20,6: Quem recorrer **aos necromantes e adivinhos**, para se prostituir com eles,...*

*Lv 20,27: O homem ou mulher que **pratica a necromancia** ou adivinhação, é réu de morte...*

*Dt 18, 10-11: Não haja em teu meio alguém que queime seu filho ou filha, nem que faça presságio, pratique astrologia, adivinhação ou magia, nem que pratique encantamentos, **consulte espíritos** ou adivinhos, ou também que **invoque os mortos**.*

*Is 8,19: Quando disserem a vocês: “**Consultem os espíritos** e adivinhos, que sussurram e murmuram fórmulas; por acaso, um povo não deve consultar seus deuses e consultar os mortos em favor dos vivos?”*

*1 Sm 28, 3.7.8: ... De outro lado, Saul tinha expulsado do país os necromantes e adivinhos. Então Saul disse a seus servos: “Procurem **uma necromante**, para que eu faça uma consulta”. ... “Quero que você me adivinhe o futuro, evocando os mortos. Faça aparecer a pessoa que eu lhe disser”.*

A não ser o “consultar os espíritos” nada de mais grave é colocado, apesar, de que, como em outras traduções, demonstram ter conhecimento do termo correto que verdadeiramente deveria ser o empregado.

### **Paulinas**

*Lv 19,31: Não vos dirijais **aos magos** nem interrogueis os adivinhos,...*

*Lv 20,6: A pessoa que se dirigir a **magos e adivinhos** e*

fornicar com eles,...

*Lv 20,27: O homem ou mulher em que **houver espírito pitônico** ou de adivinho, sejam punidos de morte...*

*Dt 18, 10-11: Não se ache entre vós quem purifique seu filho ou sua filha, fazendo-os passar pelo fogo, nem quem consulte adivinhos ou observe sonhos e agouros, nem quem use malefícios, nem quem seja encantador, nem quem **consulte aos nigromantes**, ou adivinhos, ou **indague dos mortos a verdade**.*

*Is 8,19: E, quando vos disserem: **Consultai os magos e os adivinhos**, que murmuram em segredo nos seus encantamentos, (respondei): Porventura o povo não há de consultar o seu Deus? Há de ir falar com os mortos acerca dos vivos?*

*1 Sm 28, 3.7.8: ...Saul tinha lançado fora do país os **magos e adivinhos**.... “Buscai-me uma mulher **necromante**, e eu irei ter com ela e a consultarei...” “Adivinha-me pelo espírito de necromante e faze-me aparecer quem eu te disser”.*

Essa é a única que não traz nada contra o Espiritismo. A ressalva que fazemos é apenas em relação à expressão “indague dos mortos a verdade”, pois é totalmente divergente em relação às outras traduções.

### **Santuário**

*Lv 19,31: Não recorráis às **evocações** e aos sortilégios:...*

*Lv 20,6: Se alguém recorrer às **invocações** e aos **sortilégios**, entregando-se a essas práticas,...*

*Lv 20,27: O homem ou a mulher que se **entregar a evocação** ou sortilégio será condenado à morte;...*

*Dt 18, 10-11: Não haja ninguém no meio de ti que faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha; ou se dê à pratica de encantamento, ou se entregue à augúrios, à adivinhação ou à*

magia, ao feiticismo, **ao espiritismo**, aos sortilégios ou à **evocação dos mortos**.

*Is 8,19: Hão de dizer-vos: **consultai os espíritos** e os adivinhos que murmuram e segredam. Porventura o povo não deve consultar os seus deuses e consultar os mortos acerca dos vivos para obter uma revelação e um testemunho?*

*1 Sm 28, 3.7.8: ... Saul tinha expulsado do país os **feiticeiros** e os adivinhos.... “Buscai-me uma **necromante** para que eu a consulte...” “Predize-me o futuro, evocando um morto, e faze-me aparecer quem eu te designar”.*

A correlação ao que presumem ser o Espiritismo é clara, já que, como a maioria das pessoas, são ignorantes em relação a seus fundamentos e práticas, pressupõem que seja algo relacionado a evocação dos mortos, daí ser essa a característica predominante nessa tradução, que também não deixa de citar nominalmente o Espiritismo.

### **SBB**

*Lv 19,31: Não vos virareis para **os adivinhos e encantadores**; ...*

*Lv 20,6: Quando uma alma se virar para **os adivinhadores e encantadores**, para se prostituir após deles, ....*

*Lv 20,27: Quando pois algum homem ou mulher em si **tiver um espírito de adivinho**, ou for encantador, certamente morrerão:...*

*Dt 18, 10-11: Entre ti não achará quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticheiro; nem encantador de encantamentos, nem **quem consulte um espírito adivinhante**, nem mágico, nem **quem consulte os mortos**;*

*Is 8,19: Quando vos disserem: **Consultai os que têm espíritos familiares** e os adivinhos, que chilreiam e murmuram entre dentes; – não recorrerá um povo ao seu Deus? a favor dos vivos interrogar-se-ão os mortos?*

1 Sm 28, 3.7.8: ... e Saul tinha desterrado **os adivinhos e encantadores**... “Buscai-me uma mulher que tenha o **espírito de feiticeira**, para que vá a ela e a consulte...” “Peço-te que me adivinhes pelo espírito de feiticeira, e me faças subir a quem eu te disser”.

Poderia passar despercebido se não tivesse o “consulte os mortos”, entretanto, está, como se diz popularmente, menos pior do que outras. Mais uma tradução protestante, disso poderá acertadamente concluir, caro leitor, que todas as outras são de origem católica, exceto a que já dissemos que a tradução foi feita por tradutores dessas duas correntes religiosas.

### **Vozes**

Lv 19,31: Não recorrais **aos médiuns**, nem consulteis os espíritos...

Lv 20,6: Se alguém recorrer **aos médiuns e adivinhos**, prostituindo-se com eles,...

Lv 20,27: O homem ou a mulher que **se tornar médium** ou adivinho, serão mortos por apedrejamento...

Dt 18, 10-11: Não haja em teu meio quem faça passar pelo fogo o filho ou a filha, nem quem se dê à adivinhação, nem haja astrólogo **nem macumbeiro** nem feiticeiro; nem quem se dê à magia, **consulte médiuns**, interroque espíritos ou **evoque os mortos**.

Is 8,19: Se vos disserem: “**Consultai os necromantes** e os adivinhos que sussurram e murmuram”; acaso não consultará um povo os seus deuses, os mortos em favor dos vivos?

1 Sm 28, 3.7.8: ...Saul tinha eliminado do país os **necromantes** e os adivinhos... “Procurai-me uma mulher **entendida em evocar os mortos**, pois quero ir a ela e consultá-la”... “Por favor, adivinha para mim por meio da necromancia e evoca-me aquele que eu te disser!”.

Mais uma tradução direcionada que usa termo próprio dos



espíritas, numa evidente tentativa de relacioná-lo a algo condenável por Deus. Para que você, caro leitor, possa fazer uma comparação é importante transcrevermos esses textos citados numa tradução feita diretamente dos textos hebraicos pelo escritor Severino Celestino. Vejamos:

***Livro: Analisando as Traduções Bíblicas***

*Lv 19,31: Não ireis diante dos **necromantes** nem dos adivinhos. Não procureis vos contaminar com eles...*

*Lv 20, 6: O ser que vai diante dos **necromantes** e dos adivinhos para se prostituir atrás deles eu dou as minhas faces contra esse ser, eu o corto do seio de seu povo.*

*Lv 20, 27: E o homem ou mulher em que está um **necromante** ou um adivinho, será condenado à morte;...*

*Dt 18,9-11: Não se achará em ti quem faça passar seu filho ou sua filha pelo fogo, nem adivinhador, nem feiticeiro, nem agoureiro, nem cartomante, nem bruxo, nem mago, nem quem **consulte o necromante** e o adivinho, **nem quem exija a presença dos “mortos”**.*

*Is 8,19: E se vos disserem **consulte ou exija a presença dos antepassados ou dos patriarcas** e dos adivinhos, cochichadores e balbuciadoreis. Por acaso o povo não poderá exigir a presença dos seus deuses? Consultar os mortos a em favor dos vivos?*

Embora todos os tradutores digam que seus textos guardam fidelidade aos textos originais, percebemos claramente que só se for naquilo que lhes interessam, pois, como provamos acima, existem passagens que contêm termos que são colocados propositalmente para atingir uma outra corrente filosófico-religiosa, qual seja o Espiritismo, que, por questão de ética, não segue o mesmo comportamento utilizado por eles.

Quem sabe que se esses tradutores se esqueceram que os termos **médium, espírita, espiritista e Espiritismo** foram neologismos

criados por Kardec em 18 de abril de 1857, quando da publicação de “O Livro dos Espíritos”, conforme ele mesmo diz na introdução desse livro. Ora, se encontramos tais termos em trechos bíblicos só há uma explicação para esse fato: **adulteração para combater o Espiritismo**, qualquer pessoa sensata verá isso, comportamento que não esperamos dos opositores da comunicabilidade entre os dois planos.

Observar que, a bem da verdade, qualquer palavra que fosse usada deveriam estar relacionada à necromancia, que é a evocação dos mortos para fins de adivinhação, coisa que nada tem a ver com o Espiritismo, sabem muito bem disso, entretanto no combate usam de armas sutis, já que dificilmente os opositores da comunicabilidade entre os dois planos deixarão de acreditar no que “está escrito” ou na palavra deles, para perceber que a verdade é bem diversa daquilo que colocam. Após esta abordagem do Paulo Neto, aos que tem ainda dúvidas sobre estas traduções apresentadas, através da obra “*Analisando as Traduções Bíblicas*” do Dr. Severino Celestino.

## 12. Considerações Finais

Caro leitor, após estes estudos realizados e amparados pela ciência através das pesquisas sobre a TCI e a sua evolução, temos a insuspeita certeza que cada vez mais a ciência vem desbravando tais fenômenos e trazendo luzes ao nosso entendimento de que a morte nada mais é do que a passagem para a vida. Doravante, no livro “**Os mortos nos falam**”, o teólogo católico **padre François Brune** lamenta: *“O mais escandaloso é o silêncio, o desdém, até mesmo a censura exercida pela Ciência e pela Igreja, a respeito da descoberta incontestemente extraordinária de nosso tempo: a após vida existe e nós podemos nos comunicar com aqueles que chamamos de mortos”*.

Sabemos que as manifestações dos espíritos desencarnados tanto no NT e no VT, estas eram normais (**I Sm 28; Tb 5; Ez 3:12-14; Dn 5:5; Is 8:19-20; Jó 4:15-16; Mt 17:1-13; At 2:1-4; 6:8-10; 8:29-30; 12:13-15; Hb 1:7 e etc**). Por outro lado, a determinação proibitiva de Moisés (**Dt 18**) era para conter a contaminação da cultura egípcia e dos demais povos, onde vemos Jesus evidenciando tais diferenças em sua

missão (**Mt 17:1-13**). Acerca da mutabilidade da lei mosaica, está claro que diversas leis foram extintas, porém, sobre a da proibição de comunicabilidade com os “mortos”, esta ainda encontra-se em vigor, já que a Doutrina Espírita não vem a praticar quaisquer tipos de adivinhações, ou até mesmo a necromancia.

Com efeito, sobre a questão de profetas e médiuns, temos a certeza de que todo profeta é médium, mas nem todo médium é profeta. Em análise sobre os profetas do VT, temos a dizer que eram médiuns de presciência, porém, quando identificamos que diversas traduções tendem para passar uma imagem pejorativa de adivinhação, necromancia e agouros em alusão a mediunidade abordada pela Codificação que nos orienta da **responsabilidade com este dom**. Cada um tem o livre arbítrio de utilizá-lo com um fim justo, ou não, só temos que **denunciar** este crime de **defraudação no original**.

Pretendo finalizar este texto com a seguinte reedição de minha pequena analogia da imutabilidade da Lei Divina, ao qual transcrevo: Os demais Teólogos ignoram tal fato e dizem que Jesus pode tudo porque era Deus e Deus pode passar por cima até de sua própria lei, e este fato me lembra a seguinte estória de um Juiz e Legislador que cria as suas leis e julgam os seus subordinados com a “justiça”, mas derroga as suas próprias Leis sem se preocupar em dar o próprio exemplo de as cumprir. Mera contradição, pois aonde haveria Justiça de um Deus que transgride as próprias Leis; o bom senso e a razão apontam para a proibição de evocação a Moisés e não a Deus, pois Deus não pode contradizer-se!

Após esta ilustração, os opositores da comunicabilidade entre os dois planos respondem: **“Deus poderia passar por cima de sua própria Lei? Sim, não tenho dúvidas, afinal, Ele é Deus, o Supremo Juiz**, qualquer tentativa de compará-lo a um juiz humano já é falha por si mesma. Mas, tal Lei, como vimos, jamais foi transgredida e abonada e, principalmente, no caso em questão (comunicação de Saul com o suposto Samuel), proibida, tal fato foi o que resultou em sua morte, conforme I Cr 10:13 *Assim morreu Saul por causa da sua infidelidade para com o Senhor, porque não havia guardado a palavra do Senhor; e também porque buscou a adivinhadora para a consultar*. Se tivesse sido

ordem ou com permissão, aval de Deus, isto sim seria uma baita contradição dEle, causar a morte de alguém por algo que ELE mesmo 'liberou'." Conforme a explanação do confrade, Saul buscou ao Senhor, ao qual não o respondeu, onde pelo seu desespero buscou a necromante e que factualmente houve a manifestação do espírito de Samuel a Saul e que fundamentamos alhures. Por outro lado, se tal lei jamais foi transgredida, então temos Jesus ao lado dos Espíritos de Moisés e Elias e a transgressão desta mesma lei, mas se houver a diferenciação entre estes dois eventos, não haverá contradição.

Embora, para os opositores da comunicabilidade entre os dois planos a determinação é uma só e Jesus então a transgrediu? Já que para eles, Deus pode transgredir as Suas próprias Leis. Ademais, a grande diferença conceitual que temos de Deus. Para nós espíritas: ***Deus prova a sua grandeza e seu poder pela imutabilidade das suas leis e não pela ab-rogação delas***, enquanto para os opositores da comunicabilidade entre os dois planos, ele se traduz numa caricatura formada a partir das mais grotescas imperfeições humanas, um deus por demais "humano" que se comporta à maneira dos tão falhos deuses gregos, fazendo leis "perfeitas" que ele pode violar a bel prazer. Foi este o objetivo da alusão à justiça humana, se um juiz humano não pode transgredir a lei ao qual julga, poderia Deus transgredir a Lei ao qual Ele mesmo cria, a fim de nos julgar o que Ele não cumpre? Estaria a Justiça humana acima da Divina? É claro que não, pois **Deus** é em Seus Atributos ao qual o nosso entendimento alcança: **Imutável**, Imaterial, Eterno, Único, Onipotente, Onisciente, Onipresente, Soberanamente Justo e Bom. Embora, saibamos que *"O pronunciamento do papa legitima, de uma forma muito clara, a atual posição da igreja, com relação ao diálogo com os mortos, que ao longo do tempo vem sofrendo modificações"* (**Clóvis Nunes**).

### 13. Há diferença entre o Cristianismo e Espiritismo?

*“O Espiritismo não dogmatiza... Não é nem uma seita, nem uma ortodoxia, mas uma filosofia viva, aberta a todos os espíritos livres, filosofia que evolui, que progride. ...Não impõe nada; propõe... O que propõe apoia em fatos de experiência e em provas morais. ...Não exclui qualquer outra crença, antes a todas abraça numa fórmula mais vasta, numa expressão mais elevada e extensa da verdade.” (Léon Denis)*

O pensamento que vivemos em um sistema que é o Universo e através das nossas experiências sensoriais obtemos conhecimento desse universo. Como todo sistema, é impossível para alguém que esteja dentro do sistema obter conhecimento sobre todo o sistema, especialmente a respeito da forma de criação e desenvolvimento desse sistema. Tentamos, através da ciência, descobrir mais e mais das variáveis que compõe o universo e de como elas se comportam, como uma altera a outra, entretanto é impossível para nós descobrir as causas fundamentais de toda a existência.

Ninguém pode dizer o porquê à gravidade existe, só podemos detectá-la e estudá-la, mas explicar porque as massas se atraem, isso não é possível. Sabemos dessas limitações. Nós, humanos, temos uma necessidade de descobrir o propósito de todas as coisas que nos envolvem e em especial de nós mesmos, esse conhecimento não pode ser atingido através da ciência, pois se trata de algo que somente o criador do sistema tem a resposta, dado que o sistema tenha sido criado, o que parece ser óbvio.

Então é necessário que alguém externo ao sistema nos diga coisas a respeito da estrutura e do propósito de todas as coisas, chamamos a esse ato de revelação. Para muitos defensores dessa ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si, a diferença fundamental entre o Cristianismo e o Espiritismo é esta: “Para os Cristãos, a pessoa que tem autoridade para revelar características próprias do sistema em que vivemos é Jesus Cristo, ou seja, os Cristãos autenticam Jesus Cristo como a autoridade em revelação. Para os

Espíritas, a pessoa que tem autoridade para revelar as características próprias do sistema em que vivemos são os espíritos, ou seja, os espíritas autenticam os espíritos como autoridade em revelação”.

Daí surge todo o conflito, pois a autoridade de revelação não é a mesma, os Cristãos acreditam na revelação de Jesus Cristo e através desta enxergam o mundo, os Espíritas acreditam na revelação dos espíritos e através desta enxergam o mundo, incluindo-se aí as palavras de Cristo. Dentro desses dois pontos, esclarecemos:

1. Os Cristãos autenticam Jesus Cristo como a autoridade em revelação, e com base nisso concordariam em reconhecer que todo aquele que cumpre este requisito é cristão? Apenas a título de hipótese, se o Espiritismo reconhecer oficialmente essa autoridade e isso for provado, seriam eles coerentes com a afirmação e reconheceria o Espiritismo como Cristão?

2. Também dizem que os espíritas autenticam os espíritos como autoridade em revelação. Quando declaram isso, entende-se que qualquer coisa que venha dos espíritos assume autoridade para o Espiritismo? Ainda dentro desse ponto, sugerem os demais cristãos que o Espiritismo coloca o ensino dos espíritos acima de Jesus?

Dentro dos pontos acima, o que nos apresenta representa uma visão do assunto, passível de erros? Será que admitem essa possibilidade? Fizemos perguntas básicas, de início. São necessárias para estabelecermos um ponto de partida em cima dos dois pontos. A partir daí, pensamos, estaremos em condições de aprofundar no assunto.

Para os defensores dessa ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si, a Bíblia não ensina nada sobre espíritos, já que dizem que as fontes são diferentes. Há controvérsias! Esta é apenas uma visão da Bíblia. A Bíblia diz que os anjos são espíritos ministradores, chama aos demônios de espíritos impuros e a Deus classifica como Pai dos Espíritos. Aceitar este ponto de vista equivale a rejeitarem as evidências que apontam no sentido contrário.

O assunto aqui está centrado na autoridade da revelação de

Jesus, e suas relações com o Espiritismo. Kardec, ao discutir a natureza de Jesus, definiu o método a ser usado no estudo sobre o tema:

*Jesus, nada tendo escrito, seus únicos historiadores foram os apóstolos que, eles não mais, nada escreveram quando vivos; não tendo nenhuma história profana contemporânea falada dele, não existe sobre a sua vida e a sua doutrina, nenhum outro documento senão os Evangelhos; portanto, é ali somente que é necessário procurar a chave do problema. Todos os escritos posteriores, sem disso excetuar os de São Paulo, não são, e não podem ser, senão comentários ou apreciações, reflexo de opiniões pessoais, frequentemente contraditórias, que não poderiam, em nenhum caso, ter a autoridade do relato daqueles que receberam as instruções diretamente do Mestre. (KARDEC, A. Obras Póstumas, Estudo sobre a natureza do Cristo, grifo nosso)*

Depende de onde se concentra essa autoridade. Se ela se concentra nos evangelhos, ele não deixa de ser Espiritismo. Por que os defensores da ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si, entendem que ele, o Espiritismo, deixa de sê-lo? Quando dizem isso se referem às obras de Alan Kardec, que compõe o fundamento do Espiritismo. Acreditamos que é correta esta concepção. Mas como seria essa autoridade dos espíritos, no entendimento sobre o tema para os demais cristãos? Quais livros espíritas já leram muitos desses críticos? O Espiritismo aceita tudo o que dizem os espíritos? Kardec expõe o seguinte parecer, questionando os espíritos:

## **268. Questões sobre a natureza e a identidade dos Espíritos**

**1ª Por que sinais se pode reconhecer a superioridade ou a inferioridade dos Espíritos?** “Pela linguagem, como distinguis um doidivas de uni homem sensato. Já dissemos que os Espíritos superiores não se contradizem nunca e só dizem coisas aproveitáveis. Só querem o bem, que lhes constitui a única preocupação. Os Espíritos inferiores ainda se encontram sob o influxo das ideias materiais; seus discursos se ressentem da ignorância e da imperfeição que lhes são características. Somente aos Espíritos superiores é dado

*conhecer todas as coisas e julgá-las desapassionadamente.”*

**2ª A ciência é sempre sinal certo de elevação de um Espírito?** *“Não, porquanto, se ele ainda está sob a influência da matéria, pode ter os vossos vícios e prejuízos. Há pessoas que, neste mundo, são excessivamente invejosas e orgulhosas; julgais que, apenas o deixam, perdem esses defeitos? Após a partida daqui, os Espíritos, sobretudo os que alimentaram paixões bem marcadas, permanecem envoltos numa espécie de atmosfera que lhes conserva todas as coisas más de que se impregnaram.*

*Esses Espíritos semi-imperfeitos são mais de temer do que os maus Espíritos, porque, na sua maioria, reúnem à inteligência a astúcia e o orgulho. Pelo pretensão saber de que se jactam, eles se impõem aos simples e aos ignorantes, que lhes aceitam sem exames as teorias absurdas e mentirosas. Embora tais teorias não possam prevalecer contra a verdade, nem por isso deixam de produzir um mal passageiro, pois que entram a marcha do Espiritismo e os médiuns voluntariamente se fazem cegos sobre o mérito do que lhes é comunicado. Esse um ponto que demanda grande estudo da parte dos espíritas esclarecidos e dos médiuns. Para distinguir o verdadeiro do falso é que cumpre se faça convergir toda a atenção.*

**3ª Muitos Espíritos protetores se designam pelos nomes de santos, ou de personagens conhecidas. Que se deve pensar a esse respeito?** *“Nem todos os nomes de santos e de personagens conhecidas bastariam para fornecer um protetor a cada homem. Entre os Espíritos, poucos há que tenham nome conhecido na Terra. Por isso é que, as mais das vezes, eles nenhum nome declinam. Vós, porém, quase sempre quereis um nome; então, para vos satisfazer, o espírito toma o de um homem que conhecestes e a quem respeitais.”*

**4ª O uso desse nome não pode ser considerado uma fraude?** *“Seria uma fraude da parte de um Espírito mau, que quisesse enganar; mas, quando é para o bem, Deus permite que assim procedam os Espíritos da mesma categoria, porque há entre eles solidariedade e analogia de pensamentos.”*



**5ª Assim, quando um Espírito protetor diz ser São Paulo, por exemplo, não é certo que seja o Espírito mesmo, ou a alma, do apóstolo que teve esse nome?** *"Exatamente, porquanto há milhares de pessoas às quais foi dito que têm por anjo guardião São Paulo, ou qualquer outro. Mas que vos importa isso, desde que o Espírito que vos protege é tão elevado quanto São Paulo? Eu já o disse: como precisais de um nome, eles tomam um para que os possais chamar e reconhecer, do mesmo modo que tomais os nomes de batismo para vos distinguides dos outros membros da vossa família. Podem, pois, tomar igualmente os dos arcanjos Rafael, Miguel, etc., sem que daí nada de mais resulte.*

*"Acrece que, quanto mais elevado é um Espírito, tanto mais dilatada é a sua irradiação. Segue-se, portanto, que um Espírito protetor de ordem muito elevada pode ter sob a sua tutela centenas de encarnados. Entre vós, na Terra, há notários que se encarregam dos negócios de cem e duzentas famílias; por que haveríeis de supor que menos aptos fôssemos nós, espiritualmente falando, para a direção moral dos homens, do que aqueles o são para a direção material de seus interesses?"*

**6ª Por que é que os Espíritos que se comunicam tomam frequentemente nomes de santos?** *"Identificam-se com os hábitos daqueles a quem falam e adotam os nomes mais apropriados a causar forte impressão nos homens por efeito de suas crenças.*

**7ª Quando evocados, os Espíritos superiores vêm sempre em pessoa, ou, como alguns o supõem, se fazem representar por mandatários incumbidos de lhes transmitir os pensamentos?** *"Por que não virão em pessoa, se o podem? Se, porém, o Espírito evocado não pode vir, o que se apresenta é forçosamente um mandatário."*

**8ª E o mandatário é sempre suficientemente esclarecido para responder como faria o Espírito que o envia?** *"Os Espíritos superiores sabem a quem confiam o encargo de os substituir. Além disso, quanto mais elevados são os Espíritos, mais se confundem pela comunhão dos pensamentos, de tal*

sorte que, para eles, a personalidade é coisa indiferente, como o deve ser também para vós. Julgais, então, que no mundo dos Espíritos superiores não haja senão os que conhecestes na Terra, como capazes de vos instruírem? De tal modo sois propensos a considerar-vos como os tipos do universo, que sempre supondes nada mais haver fora do vosso mundo. Em verdade vos assemelhais a esses selvagens que, nunca tendo saído da ilha em que habitam, creem que o mundo não vai além dela.”

**9ª Compreendemos que seja assim, quando se trate de um ensino sério; mas, como permitem os Espíritos superiores que outros, de baixo estalão, adotem nomes respeitáveis, para induzirem os homens em erro, por meio de máximas não raro perversas? “Não é com a permissão dos primeiros que estes o fazem. O mesmo não se dá entre vós? Os que desse modo enganam os homens serão punidos, ficai certos, e a punição deles será proporcionada à gravidade da impostura. Ao demais, se não fôsseis imperfeitos, não teríeis em tomo de vós senão bons Espíritos; se sois enganados, só de vós mesmos vos deveis queixar. Deus permite que assim aconteça, para experimentar a vossa perseverança e o vosso discernimento e para vos ensinar a distinguir a verdade do erro. Se não o fazeis, é que não estais bastante elevados e precisais ainda das lições da experiência.”**

**10ª Não sucede que os Espíritos pouco adiantados, porém, animados de boas intenções e do desejo de progredir, se veem designados às vezes para substituir um Espírito superior, a fim de que tenham o ensejo de se exercitarem no ensinar aos seus irmãos? “Nunca, nos grandes centros; quero dizer, nos centros sérios e quando se trate de ministrar um ensinamento geral. Os que aí se apresentam o fazem por sua própria conta, para, como dizeis, se exercitarem. Por isso é que suas comunicações, ainda que boas, trazem o cunho da inferioridade deles. Delegados só o são para as comunicações pouco importantes e para as que se podem chamar pessoais.”**

**11ª Nota-se que, às vezes, as comunicações espíritas ridículas se mostram entremeadas de excelentes**

**máximas. Como explicar esta anomalia, que parece indicar a presença simultânea de bons e maus Espíritos?** “Os Espíritos maus, ou levianos, também se metem a enunciar sentenças, sem lhes perceberem bem o alcance, ou a significação. Entre vós, serão homens superiores todos os que as enunciam? Não; os bons e os maus Espíritos não andam juntos; pela uniformidade constante das boas comunicações é que reconheceréis a presença dos bons Espíritos.”

**12ª Os Espíritos que nos induzem em erro procedem sempre cientes do que fazem?** “Não; há Espíritos bons, mas ignorantes e que podem enganar-se de boa-fé. Desde que tenham consciência da sua ignorância, convém nisso e só dizem o que sabem.”

**13ª O Espírito que dá uma comunicação falsa sempre o faz com intenção maléfica?** “Não; se é um Espírito leviano, diverte-se em mistificar, sem outro intuito.”

**14ª Podendo alguns Espíritos enganar pela linguagem de que usam, segue-se que também podem, aos olhos de um médium vidente, tomar uma falsa aparência?** “Isso se dá, porém, mais dificilmente. Todavia, só se verifica com um fim que os próprios Espíritos maus desconhecem. Eles então servem de instrumentos para uma lição... O médium vidente pode ver Espíritos levianos e mentirosos, como outros os ouvem, ou escrevem sob a influência deles. Podem os Espíritos levianos aproveitar-se dessa disposição, para o enganar, por meio de falsas aparências; isso depende das qualidades do Espírito do próprio médium.”

**15ª Para não ser enganado, basta que alguém esteja animado de boas intenções? E os homens sérios, que não mesclam de vã curiosidade seus estudos, também se acham sujeitos a ser enganados?** “videntemente, menos do que os outros; mas, o homem tem sempre alguns pontos fracos que atraem os Espíritos zombeteiros. Ele se julga forte e muitas vezes não o é. Deve, pois, desconfiar sempre da fraqueza que nasce do orgulho e dos preconceitos. Ninguém leva bastante em conta estas duas causas de queda, de que se aproveitam os Espíritos que, lisonjeando as manias, têm a

certeza do bom êxito.”

**16ª Por que permite Deus que maus Espíritos se comuniquem e digam coisas ruins?** “Ainda mesmo no que haja de pior, um ensinamento sempre se colhe. Toca-vos saber colhê-lo. Mister se faz que haja comunicações de todas as espécies, para que aprendais a distinguir os bons Espíritos dos maus e para que vos sirvam de espelho a vós mesmos.”

**17ª Podem os Espíritos, por meio de comunicações escritas, inspirar desconfianças infundadas contra certas pessoas e causar dissídios entre amigos?** “Espíritos perversos e invejosos podem fazer, no terreno do mal, o que fazem os homens. Por isso é que estes devem estar em guarda. Os Espíritos superiores são sempre prudentes e reservados, quando têm de censurar; nada de mal dizem: advertem cautelosamente. Se querem que, no interesse delas, duas pessoas deixem de ver-se, dão causa a incidentes que as separarão de modo todo natural. Uma linguagem própria a semear a discórdia e a desconfiança é sempre obra de um mau Espírito, qualquer que seja o nome com que se adorne. Assim, pois, usai de muita circunspeção no acolher o que de mal possa um Espírito dizer de um de vós, sobretudo quando um bom Espírito vos tenha falado bem da mesma pessoa, e desconfiai também de vós mesmos e das vossas próprias prevenções. Das comunicações dos Espíritos, guardai apenas o que haja de belo, de grande, de racional, e o que a vossa consciência aprove.”

**18ª Pela facilidade com que os maus Espíritos se intrometem nas comunicações, parece legítimo concluir-se que nunca estaremos certos de ter a verdade?** “Não é assim, pois que tendes um juízo para as apreciar. Pela leitura de uma carta, sabeis perfeitamente reconhecer se foi um tipo sem educação, ou um homem bem educado, um néscio ou um sábio que a escreveu; por que não podereis conseguir isso, quando são os Espíritos que vos escrevem? Ao receberdes uma carta de um amigo ausente, que é o que vos assegura que ela provém dele? A caligrafia, direis; mas, não há falsários que imitam todas as caligrafias; tratantes que podem conhecer os vossos negócios? Entretanto, há sinais que não vos

permitirão qualquer equívoco. O mesmo sucede com relação aos Espíritos. Figurai, pois, que é um amigo quem vos escreve, ou que ledes a obra de um escritor, e julgai pelos mesmos processos.”

**19ª Poderiam os Espíritos superiores impedir que os maus Espíritos tomassem falsos nomes?** “Certamente que o podem; porém, quanto piores são os Espíritos, mais obstinados se mostram e muitas vezes resistem a todas as injunções. Também é preciso saibais que há pessoas pelas quais os Espíritos superiores se interessam mais do que outras e, quando eles julgarem conveniente, as preservam dos ataques da mentira. Contra essas pessoas os Espíritos enganadores nada podem.”

**20ª Qual o motivo de semelhante parcialidade?** “Não há parcialidade, há justiça. Os bons Espíritos se interessam pelos que usam criteriosamente da faculdade de discernir e trabalham seriamente por melhorar-se. Dão a esses suas preferências e os secundam; pouco, porém, se incomodam com aqueles junto dos quais perdem o tempo em belas palavras.”

**21ª Por que permite Deus que os Espíritos cometam sacrilégio de usar falsamente de nomes venerados?** “Poderias também perguntar por que permite Deus que os homens mintam e blasfemem. Os Espíritos, assim como os homens, têm o seu livre-arbítrio para o bem, tanto quanto para o mal; porém, nem a uns nem a outros a justiça de Deus deixará de atingir.”

**22ª Haverá fórmulas eficazes para expulsar os Espíritos enganadores?** “Fórmula é matéria; muito mais vale um bom pensamento dirigido a Deus.”

**23ª Dizem alguns Espíritos disporem de sinais gráficos inimitáveis, espécies de emblemas, pelos quais podem ser conhecidos e comprovarem a sua identidade; é verdade?** “Os Espíritos superiores nenhum outro sinal têm para se fazerem reconhecer além da superioridade das suas ideias e de sua linguagem. Qualquer Espírito pode imitar um sinal

material. Quanto aos Espíritos inferiores, esses se traem de tantos modos, que fora preciso ser cego para deixar-se iludir.”

**24ª Não podem também os Espíritos enganadores contrafazer o pensamento?** “Contrafazem o pensamento, como os cenógrafos contrafazem a Natureza.”

**25.ª Parece assim fácil sempre descobrir-se a fraude por meio de um estudo atento?** “Não o duvides. Os Espíritos só enganam os que se deixam enganar. Mas, é preciso ter olhos de mercador de diamantes, para distinguir a pedra verdadeira da falsa. Ora, aquele que não sabe distinguir a pedra fina da falsa se dirige ao lapidário.”

**26ª Há pessoas que se deixam seduzir por uma linguagem enfática, que apreciam mais as palavras do que as ideias, que mesmo tomam ideias falsas e vulgares por sublimes. Como podem essas pessoas, que não estão aptas a julgar as obras dos homens, julgar as dos Espíritos?** “Quando essas pessoas são bastante modestas para reconhecer a sua incapacidade, não se fiam de si mesmas; quando por orgulho se julgam mais capazes do que o são, trazem consigo a pena da vaidade tola que alimentam. Os Espíritos enganadores sabem perfeitamente a quem se dirigem. Há pessoas simples e pouco instruídas mais difíceis de enganar do que outras, que têm finura e saber. Lisonjeando-lhes as paixões, fazem eles do homem o que querem.”

**27ª Na escrita, dar-se-á que os maus Espíritos algumas vezes se traiam por sinais materiais involuntários?** “Os hábeis, não; os desazados se desencaminham. Todo sinal inútil e pueril é indício certo de inferioridade. Coisa alguma inútil fazem os Espíritos elevados.”

**28ª Muitos médiuns reconhecem os bons e os maus Espíritos pela impressão agradável ou penosa que experimentam à aproximação deles. Perguntamos se a impressão desagradável, a agitação convulsiva, o mal-estar são sempre indícios da má natureza dos Espíritos que se manifestam?** “O médium experimenta as sensações do estado em que se encontra o Espírito que dele se

*aproxima. Quando ditoso, o Espírito é tranquilo, leve, refletido; quando infeliz, é agitado, febril, e essa agitação se transmite naturalmente ao sistema nervoso do médium. Em suma, dá-se o que se dá com o homem na Terra: o bom é calmo, tranquilo; o mau está constantemente agitado.”*

*NOTA. Há médiuns de maior ou menor impressionabilidade nervosa, pelo que a agitação não se pode considerar como regra absoluta. Aqui, como em tudo, devem ter-se em conta as circunstâncias. O caráter penoso e desagradável da impressão é um efeito de contraste, porquanto, se o Espírito do médium simpatiza com o mau Espírito que se manifesta, nada ou muito pouco a proximidade deste o afetará. Todavia, é preciso se não confunda a rapidez da escrita, que deriva da extrema flexibilidade de certos médiuns, com a agitação convulsiva que os médiuns mais lentos podem experimentar ao contacto dos Espíritos imperfeitos. (KARDEC, A. O Livro dos Médiuns, Questões sobre a natureza e a identidade dos Espíritos)*

Dessa maneira, é indubitoso que não são todas as comunicações que se devem tomar como válidas. Deve-se antes passar ao crivo da razão. Nós enxergamos os ensinamentos de Jesus através dos evangelhos. Afinal, não são os evangelhos documentos válidos que atestam seus ensinamentos? A revelação dos espíritos tem caráter complementar, e não é sua proposta substituir a autoridade principal, do evangelho.

Se acaso na Bíblia ficar comprovado que um texto contradiz o outro, o método que seguimos é colocar os evangelhos acima de todo o restante da Bíblia. Na eventualidade de um discípulo que não possui "conhecimento pleno" dizer algo contrário ao que disse seu mestre, fica-se com a regra contida em Mateus. Vejamos:

*Não é o discípulo mais do que o seu mestre, nem o servo mais do que o seu senhor. (Mt 10:24)*

Entendemos que a responsabilidade por permanecer ou não em pecado é somente nossa. Um dos ensinamentos de Jesus foi à responsabilidade individual, bem como as penas proporcionais, destinada ao infrator. Ainda dentro deste prisma, questionam os

defensores dessa ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si: “Sendo que o espiritismo diz que a reencarnação tem como objetivo, além da evolução moral entre outras coisas, a reparação dos atos cometidos em vidas passadas, então, existe injustiça na visão espírita? Pois, se o que acontece, referindo apenas às coisas ruins, são por merecimento, então não existe injustiça no mundo. Até as maiores atrocidades, tais como holocaustos, assassinatos, guerras, enchentes, etc, cometidas, as vítimas as merecem! Parece, se for assim, bastante impiedoso.” Após este argumento, recorreremos ao codificador e a questão 171 de “O Livro dos Espíritos”:

### **Justiça da reencarnação**

**171.** *Em que se funda o dogma da reencarnação? “Na justiça de Deus e na revelação, pois incessantemente repetimos: o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento. Não te diz a razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se? Não são filhos de Deus todos os homens? Só entre os egoístas se encontram a iniquidade, o ódio implacável e os castigos sem remissão.”*

*Todos os Espíritos tendem para a perfeição e Deus lhes faculta os meios de alcançá-la, proporcionando-lhes as provações da vida corporal. Sua justiça, porém, lhes concede realizar, em novas existências, o que não puderam fazer ou concluir numa primeira prova.*

**Não obraria Deus com equidade, nem de acordo com a Sua bondade, se condenasse para sempre os que talvez hajam encontrado, oriundos do próprio meio onde foram colocados e alheios à vontade que os animava, obstáculos ao seu melhoramento. Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as ações de todas as criaturas e não haveria imparcialidade no tratamento que a todas dispensa.**

*A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que formamos da justiça de Deus para*



*com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam.*

*O homem, que tem consciência da sua inferioridade, haure consoladora esperança na doutrina da reencarnação. Se crê na justiça de Deus, não pode contar que venha a achar-se, para sempre, em pé de igualdade com os que mais fizeram do que ele. Sustém-no, porém, e lhe reanima a coragem a ideia de que aquela inferioridade não o deserda eternamente do supremo bem e que, mediante novos esforços, dado lhe será conquistá-lo. Quem é que, ao cabo da sua carreira, não deplora haver tão tarde ganho uma experiência de que já não mais pode tirar proveito?*

*Entretanto, essa experiência tardia não fica perdida; o Espírito a utilizará em nova existência. (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Justiça da reencarnação, grifo nosso)*

Em complemento, o que diz “O Livro dos Espíritos” sobre isso:

***738 b Mas nem por isso as vítimas desses flagelos são menos vítimas? Se considerásseis a vida como ela é, e quanto é insignificante em relação ao infinito, menos importância lhe daríeis. Essas vítimas encontrarão numa outra existência uma grande compensação para seus sofrimentos se souberem suportá-los sem se lamentar.***

***\* Quer a morte chegue por um flagelo ou por uma outra causa, não se pode escapar quando a hora é chegada; a única diferença é que, nos flagelos, parte um maior número ao mesmo tempo.***

*Se pudéssemos nos elevar pelo pensamento, descortinando toda a humanidade de modo a abrangê-la inteiramente, esses flagelos tão terríveis não pareceriam mais do que tempestades passageiras no destino do mundo. (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Terceira, Cap. 6, Lei de Destruição, grifo nosso)*

Na queda da torre de Siloé, **também havia quem dissesse que aqueles que morreram na tragédia eram mais culpados do que os que sobreviveram**. Por isso indagou Jesus: “*Ou pensais que aqueles dezoito, sobre os quais caiu a torre de Siloé e os matou, foram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém?*”, ao que responde e complementa: “*Não, eu vos digo; antes, se não vos arrependerdes, todos de igual modo perecereis.*” (Lc 13:4)

De acordo com o exposto, entendemos que as calamidades acontecem, mas isso não implica que as vítimas sejam culpadas e quiçá, merecedoras da tragédia. Agora ficam algumas perguntas: Como ficaria a justiça de Deus sobre isso se não houvesse reencarnação ou novas oportunidades? Que destino teriam todas essas vítimas, por terem sua vida única abreviada por essas forças externas, totalmente alheias à sua vontade? Que solução daria Deus, na hipótese de vida única, para as vítimas que nunca ouviram falar do evangelho? Recorremos à codificação:

#### *Flagelos destruidores*

*737. Com que fim fere Deus a Humanidade por meio de flagelos destruidores? “Para fazê-la progredir mais depressa. Já não dissemos ser a destruição uma necessidade para a regeneração moral dos Espíritos, que, em cada nova existência, sobem um degrau na escala do aperfeiçoamento? Preciso é que se veja o objetivo, para que os resultados possam ser apreciados. Somente do vosso ponto de vista pessoal os apreciais; daí vem que os qualificais de flagelos, por efeito do prejuízo que vos causam. Essas subversões, porém, são frequentemente necessárias para que mais pronto se dê o advento de uma melhor ordem de coisas e para que se realize em alguns anos o que teria exigido muitos séculos.”*

*738. Para conseguir a melhora da Humanidade, não podia Deus empregar outros meios que não os flagelos destruidores? “Pode e os emprega todos os dias, pois que deu a cada um os meios de progredir pelo conhecimento do bem e do mal. O homem, porém, não se aproveita desses meios. Necessário, portanto, se torna que seja castigado no seu*

*orgulho e que se lhe faça sentir a sua fraqueza.”*

*a) – Mas, nesses flagelos, tanto sucumbe o homem de bem como o perverso. Será justo isso? “Durante a vida, o homem tudo refere ao seu corpo; entretanto, de maneira diversa pensa depois da morte. Ora, conforme temos dito, a vida do corpo bem pouca coisa é. Um século no vosso mundo não passa de um relâmpago na eternidade. Logo, nada são os sofrimentos de alguns dias ou de alguns meses, de que tanto vos queixais. Representam um ensino que se vos dá e que vos servirá no futuro. Os Espíritos, que preexistem e sobrevivem a tudo, formam o mundo real (85). Esses os filhos de Deus e o objeto de toda a Sua solicitude. Os corpos são meros disfarces com que eles aparecem no mundo. Por ocasião das grandes calamidades que dizimam os homens, o espetáculo é semelhante ao de um exército cujos soldados, durante a guerra, ficassem com seus uniformes estragados, rotos, ou perdidos. O general se preocupa mais com seus soldados do que com os uniformes deles.”*

*b) – Mas, nem por isso as vítimas desses flagelos deixam de o ser. “Se considerásseis a vida qual ela é e quão pouca coisa representa com relação ao infinito, menos importância lhe darieis. Em outra vida, essas vítimas acharão ampla compensação aos seus sofrimentos, se souberem suportá-los sem murmurar.” Venha por um flagelo a morte, ou por uma causa comum, ninguém deixa por isso de morrer, desde que haja soado a hora da partida. A única diferença, em caso de flagelo, é que maior número parte ao mesmo tempo.*

*Se, pelo pensamento, pudéssemos elevar-nos de maneira a dominar a Humanidade e abrangê-la em seu conjunto, esses tão terríveis flagelos não nos pareceriam mais do que passageiras tempestades no destino do mundo.*

*739. Têm os flagelos destruidores utilidade, do ponto de vista físico, não obstante os males que ocasionam? “Têm. Muitas vezes mudam as condições de uma região. Mas, o bem que deles resulta só as gerações vindouras o experimentam.”*

*740. Não serão os flagelos, igualmente, provas morais para o homem, por porem-no a braços com as mais aflitivas necessidades? “Os flagelos são provas que dão ao homem*

*ocasião de exercitar a sua inteligência, de demonstrar sua paciência e resignação ante a vontade de Deus e que lhe oferecem ensejo de manifestar seus sentimentos de abnegação, de desinteresse e de amor ao próximo, se o não domina o egoísmo.” (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Terceira, Cap. 6, Lei de Destruição, grifo nosso).*

Como vê, a justiça da reencarnação vem de Deus e não dos espíritos, que são apenas os cumpridores de suas Leis. Na frase: *“Não te diz à razão que seria injusto privar para sempre da felicidade eterna todos aqueles de quem não dependeu o melhorarem-se?”* Os espíritos apelam para a nossa razão humana sim, pois é o nosso referencial. Se a nossa razão abrange somente uma parte da verdade, a razão divina abrange o todo. Sem um ponto de partida, não há como se chegar a alguma solução.

Já na frase: *“Se a sorte do homem se fixasse irrevogavelmente depois da morte, não seria uma única a balança em que Deus pesa as ações de todas as criaturas e não haveria imparcialidade no tratamento que a todas dispensa.”* O que está claro é que o autor desta frase diz que há somente uma balança como medida das ações humanas. Se houvesse dois pesos e duas medidas, Deus deixaria de ser imparcial.

Como não temos a condição de conhecer a intimidade divina, lógico é que formemos ideias a partir de alguns indicadores. Dentro de uma análise das informações que a Bíblia nos traz, através de Jesus, formamos uma ideia da justiça divina. Como poderia ser diferente? Muitos têm as suas ideias formadas quanto à justiça de Deus, que é resultado das informações que chegaram. O que não quer dizer que ninguém está absolutamente certo ou absolutamente errado.

Dentro das informações que colocamos do Livro dos Espíritos como vêm à justiça dos homens. Como? Onde está a justiça dos homens quando acontece um terremoto e morre milhares de pessoas? Se não é a justiça divina atuando, não podemos crer que seja a dos homens, tão falha.

Normalmente o que mais nos incomoda no outro é aquilo que temos em abundância em nós mesmos. A certeza absoluta das coisas

só Deus a tem. Dentro de nossa razão, humana e falha se curva diante da lógica, razão e bom senso das coisas que estudamos no Espiritismo. Mas não pensem que aceitamos de primeira tudo o que os espíritos dizem, pois da mesma forma que existem embusteiros encarnados, também existem os desencarnados e os verdadeiros da mesma forma. Kardec estudou anos a fio todas as manifestações que aconteciam em sua época, primeiramente como um cético, com a intenção de desmascarar os mistificadores. Mas como homem ponderado, usou o critério que a ciência usa para experimentar e provar os fatos. Daí se convenceu e pelo uso de sua mente muito arguta nos trouxe a Doutrina Espírita já muito apurada, mas ainda a se aperfeiçoar. Ao estudar seus livros também me rendi aos seus conceitos e não me sinto enganada. Que cada crítico tentem pelo menos ler as cinco obras básicas do Espiritismo, como uma leitura qualquer e verá que não é nada enganador o que está lá.

Nós nunca negamos que *“todas as nossas justiças são como trapos de imundícia”* comparados à infinita justiça expressa na deidade, todavia importa observar que quando Jesus disse *“Sede vós, pois, perfeitos, como perfeito é vosso Pai celestial” (Jo 5:48)*, demonstrou ser possível alcançarmos este modelo de perfeição. Justiça e perfeição são conceitos umbilicalmente ligados. Por isso não pensamos que Jesus esteve a nos pedir algo impossível de se obter, que é a perfeição da justiça divina, da qual Ele se faz modelo. É natural que ainda estamos muito longe de alcançá-la, e que uma única vida jamais seria suficiente para tal. Mas buscá-la deve ser nosso dever, pois é dela que depende a nossa felicidade ou infelicidade futura.

Na questão da razão humana, pensamos ser esta uma das dádivas que Deus nos concedeu. É claro que a razão jamais nos levará a um entendimento exato sobre Deus, mas ela é nosso ponto de referência. Como todas as coisas, ela também pode ser mal usada. Mas Kardec alertou sobre esse perigo: *“O homem que julga infalível sua razão está bem perto do erro”*. Não acreditamos que exaltamos a razão acima daquilo que ela merece. Ela é uma bênção divina e deve ser bem empregada. Infalibilidade, para nós, reside única e exclusivamente em Deus.

Os defensores da ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si assim nos questionam: “A revelação não se fez de uma vez só. Foi progressiva. Por quê?” Se partirmos do pressuposto de que somos feitos à imagem e semelhança de Deus, e que Deus é perfeito, é perfeitamente lógico inferirmos que as “fornadas” de seres humanos não se modificaram ao longo dos séculos. Por exemplo, se supormos que antigamente Deus fazia um ser humano de um jeito e hoje de outro, isto revelaria um Deus de um jeito antes e de outro jeito hoje. Seria um Deus que evolui? E se evolui, a fase anterior ainda não era perfeita? Assim sendo, se as revelações divinas foram feitas progressivamente coroando-se na revelação de Jesus, isso soa uma tremenda injustiça para com aqueles que passaram suas vidas todas com a revelação pela metade enquanto que outros com a revelação completa, mesmo que no final das contas sejam “aprovadas” no julgamento final.

Pode-se até argumentar que as revelações aguardavam os implementos culturais das civilizações, mas isso soa a atrelar ensinamentos espirituais a aquisições intelectuais. A progressividade das revelações, no entanto, casa muito bem com a pluralidade das existências. Espíritos sendo educados aos poucos. Todos passariam pelas vivências das revelações, progressivamente, e em cada retorno assimilando seus conteúdos passo a passo e sendo postos a provas para ver se assimilaram mesmo. Essa visão é muito mais justa do que alguns privilegiados terem acesso à verdade, outros a meias-verdades, e a grande maioria, a nada. Parafraseando o Pr Nehemias Marien, entendemos que *“A cada instante a providência divina estabelece o berço do seu primogênito nos lugares mais estranhos da terra”*.

Os defensores da ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si prosseguem em seus questionamentos: “Os espíritos se valem muito do que determinam ser a justiça de Deus. Desde quando o que nós achamos que é justiça de Deus realmente procede? É sabedoria carnal e longe da verdade espiritual.” E quando muitos cristãos defendem a total infalibilidade e literalidade nas suas interpretações da Bíblia, estão fazendo o que? Exatamente isso, ou seja, determinando o que é a justiça de Deus! A interpretação de uma escritura, por mais que queiram negar, e por mais “espiritual” que seja

esta interpretação, é uma atividade cerebral, intelectual e humana! Ou seja, sabedoria carnal tentando achar a espiritual!

Nós espíritas, por nossa vez, partimos do princípio que as verdades são universais, inerentes ao ser humano e não exclusivismos de certas religiões. Por isso o critério de universalidade das mensagens dos espíritos adotado por Kardec na codificação. É fácil observar isto. Peguemos preceitos morais tais como a intuição da existência de um Criador, o amor ao próximo, o fazer ao próximo o que gostaríamos que fizessem a nós. São características morais exaradas por Jesus, mas que inerentes ao ser humano, mesmo nas culturas mais simples.

Os defensores da ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si nos demonstram que eles sabem o que é e o que não é, porque Jesus mesmo se revelou e disse. E isto é fé. Eles ainda não querem que pensemos que desconsideram a razão. Pelo contrário, sem entendimento, vemos tantas distorções, falta de conhecimento de contexto, etc. Só que as coisas de Deus não são compreendidas dentro da nossa razão simplesmente. Por isso dizem que Jesus é o referencial, pois nEle não há variação, nem engano, nem distorção, como pode acontecer com a sabedoria humana. É aí que dizem o perigo de basear toda uma fé em preceitos de homens. Após esta explanação do pensamento de muitos cristãos, citam as passagens abaixo para embasamento:

*“Ora, a fé é a certeza das coisas que se esperam, e a convicção das coisas que não se veem.” (Hb 11:1)*

*“Porque, qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o espírito do homem, que nele está? Assim também ninguém sabe as coisas de Deus, senão o Espírito de Deus. Mas nós não recebemos o espírito do mundo, mas o Espírito que provém de Deus, para que pudéssemos conhecer o que nos é dado gratuitamente por Deus. As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais. Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente. Mas o que é espiritual discerne bem tudo, e ele de ninguém é*

*discernido. Porque, quem conheceu a mente do SENHOR, para que possa instruí-lo? Mas nós temos a mente de Cristo.” (I Cor 2:11-16)*

O primeiro texto não diz que nossa fé deve ser irracional. O segundo também não diz que as “coisas de Deus” sejam contrárias à razão, mas sim que existe falta de compreensão em relação às coisas espirituais. Compreensão está umbilicalmente ligada ao uso da razão, e o “homem natural” que não está disposto a aceitar “coisas espirituais”, tampouco buscará compreendê-la, pois que para isso terá que primeiro exercitar a humildade e reconhecer a sua ignorância em relação a certas coisas que lhe escapam de seus “cinco sentidos”, mas para fazer isto é necessário usar o raciocínio, aliado ao desejo sincero de aprender e assim assimilar novos conhecimentos. E isto em nada vem a ser um obstáculo ao uso da razão, mas ao contrário, revela que ela é útil inclusive para as “coisas de Deus”.

Defendemos a responsabilidade pessoal, no que se refere a permanecer ou não em pecado. Para muitos cristãos, o ponto chave é que Jesus redime, e para sustentar, demonstram Mt. 26:28, que é o único texto dos evangelhos onde fica sugerido um “sacrifício vicário”. A pergunta deles é: Como conciliar a ideia de que cada um deve pagar por seus próprios pecados diante da declaração patente de Jesus que seu sangue é derramado é para remissão dos pecados de muitos? Ela pode ser formulada de outra forma. Assim, por exemplo: Como conciliar a ideia patente de que “a cada um segundo as suas obras”, diante da declaração patente de Jesus que seu sangue é derramado é para remissão dos pecados de muitos?

Observem que se a ideia patente do texto Mt.26:28 é tirar de nós a responsabilidade, inelutavelmente ela contradirá a outra. A responsabilidade a que nos referimos está ligada ao abandono dos erros. Será que remissão de pecados, ou *aphesis tòn hamartíôn*, pode ser o mesmo que abandono dos erros? Se a palavra oriunda do latim *redimere* traz em seu bojo a ideia de libertação, resta saber se essa libertação estaria ligada ao abandono dos erros, ou se independe disso. A questão seria mais ou menos assim: se continuarmos pecando, isso terá efeito? Ou será que, para isso ter efeito, temos que fazer algo?



Seu sangue foi derramado por que o assassinaram. Isso é ponto pacífico. Segundo a Bíblia, a morte de Jesus e dos profetas não agradou a Deus. Jesus sabia que teria esse gênero de morte, e aceitou as consequências de sua missão, que tinha por fim a remissão dos pecados de muitos. Para isso, precisava deixar seus ensinamentos, precisava também nos dar exemplo de obediência a seus princípios, obediência até a morte, além de denunciar a hipocrisia dos religiosos. Tudo isso ele sabia que traria consequências, assim como sabia que essas consequências, em vez de extinguir, propagaria ainda mais sua mensagem e ela daria frutos. Diante disso, qual é o sentido de “resgate”? Quem cobrou esse resgate? Não pode ser Deus, pois a morte de Jesus não o agradou, mas ao contrário, provocou a sua ira sobre os criminosos. Também não pode ser o Diabo, pois isso mostraria um Deus limitado, sujeito aos caprichos e exigências de uma criatura. Pensamos que devido às consequências de sua morte, sua mensagem causaria um grande impacto na mente das pessoas, por isso ele disse que, ao ser levantado, atrairia para si a atenção de muitos. Nesse sentido, somente neste sentido, entendemos que o crime hediondo perpetrado na cruz, redundaria em benefício comparável a “resgate”. Em suma, concordamos que Jesus redime, mas para isso temos que fazer alguma coisa. Se não colocarmos seus ensinamentos em prática, essa redenção não nos alcança, e o sangue dele foi derramado em vão.

Entendemos que se Ele se dispôs a aceitar esse tipo de morte, não foi com outro objetivo senão o abandono dos erros, sem os quais é impossível a remissão dos pecados. Nós, espíritas, ao contrário do que muitos dizem, valorizamos muito seu sangue derramado, pois nosso empenho é justamente a prática de seus ensinamentos e o abandono dos erros.

Não discordamos que o sentido da palavra remissão está ligado ao pagamento de erros. O que ocorre é que, até onde sabemos, este “pagamento de erros” está sempre ligado a “abandono dos erros”. Os defensores da ideia de que o Cristianismo e Espiritismo divergem entre si defendem que a remissão de pecados não é o mesmo que abandono de erros. Pode até não ser a mesma coisa, mas uma coisa está ligada à outra. Uma depende da outra. Daí porque o abandono de erros é uma consequência do relacionamento do ser humano com Deus, mas a

questão a que queremos chegar é justamente esta: Existe remissão de pecados sem abandono dos erros? A resposta é clara: Não!

O Espiritismo é cristão porque segue exatamente as prescrições de Cristo sem intermediários, nem visões sectaristas. E existem cristãos que declaram abertamente o caráter eminentemente cristão do espiritismo. Por exemplo, o Pastor Nehemias Marien da Igreja Presbiteriana Bethesda, autor do livro “Transcendência e Espiritualidade”, declara em uma entrevista ao Portal do Espírito que: o espiritismo é o afluente mais caudaloso do cristianismo.

#### 14. Jesus disse que João Batista era Elias reencarnado?

E, se quereis dar crédito, **é este o Elias que havia de vir** (Mt 11,14)

Então **entenderam os discípulos que lhes falava a respeito de João, o Batista**". (Mt 17,13)

Percebemos que quanto mais se discute sobre este tema, mais nos aproximamos da verdade e verdade seja dita, o seu principal divulgador foi Jesus quando diz a respeito de João Batista como "*é este o Elias que havia de vir*". Estamos com Jesus, não abrimos mão desse nosso direito e defenderemos esse princípio, a menos que Jesus disse tudo, menos que João Batista não teria sido Elias. Portanto, serão divididos os assuntos em tópicos e subtópicos, a fim de facilitar a consulta aos leitores e chegarmos à conclusão de que João Batista é de fato Elias reencarnado.

Nosso propósito era evitar fazer desvios para outras questões ou aprofundar os pormenores, mesmo porque este tem sido um ardid bastante usado por opositores da reencarnação, quando discutem o tema. Estes mesmos opositores das vidas sucessivas, em suas análises, e com não pouca habilidade, fazem questão de abordar a tudo que está ao seu alcance. Segundo eles, existiria uma interligação entre os assuntos, o que em parte, não deixa de ser fato. E por este motivo, após reflexão mais apurada, resolvemos também fazer o mesmo, mas dividindo em subtópicos, para melhor facilidade de acesso e comparação da parte dos leitores. Acreditamos que uma análise imensa, sem o mínimo esforço de subdivisão ou racionalização por partes, só tende a enfadar os leitores e desanimar o estudo. Lembramos que aqui o nosso foco é "João Batista e Elias", mas nos estenderemos a pormenores sem deixar, é claro, de manter o encadeamento lógico centrado e convergente no ensino de Jesus, pois se este afirma e reafirma ser João o próprio Elias; estamos com ele e não abrimos mão. Tudo se baseará nesta premissa, a de que Ele, Jesus, é o centro e o principal propagador da tese a qual defendemos e continuaremos a defendê-la, até que nos provem que o que ele disse não foi à expressão

da verdade, e que as profecias que a isto aludem, deixam margem para crermos que “o profeta Elias” possa ser qualquer outro, desde que não seja ele próprio. As ideias estão aí, discutidas, refinadas e desenvolvidas, para conhecimento de todos. Reforçamos que cada um é livre para tirar suas próprias conclusões, independente de elas serem ou não, favoráveis à tese defendida por nós, ou pelos opositores da reencarnação.

#### **14.1. Entrevista com um Judeu Ortodoxo**

Antes de adentrarmos no tema, houve, numa lista de discussão, a participação de um judeu ortodoxo, ao qual fizemos dois importantes questionamentos. Com isso, suas respostas darão à partida em nosso estudo. Diante disso, segue a nossa primeira e segunda pergunta com o desencadeamento das respostas em seguida.

**1** – Os Judeus acreditam em reencarnação? Nós judeus acreditamos na ressurreição dos mortos que ocorrerá no Yom HaDin (Dia do Juízo), mas acreditamos também que a essência (Ruach), volta novamente em um novo corpo, caso sua missão não tivesse sido cumprida; ou quando houvesse alguma pendência no nosso mundo terreno. O Criador devolve essa essência, que se une a um novo corpo, formando um novo nefesh (ser/alma).

**2** – Os Judeus acreditam que o Profeta Elias reencarnou como João Batista? Não, as Escrituras Hebraicas = TaNaKh (Velho Testamento) e os próprios Escritos Cristãos (N.T.) são bem claro sobre este tema e aqui os coloco para sua análise.

*Melakhim Bet (2 Reis) 2:1 ---“Quando YHWH estava para tomar Eliyahu aos céus num redemoinho, Eliyahu parte de Gilgal com Elishá.”---*

*Melakhim Bet (2 Reis) 2:11 ---“E, indo eles caminhando e conversando, eis que um carro de fogo, com cavalos de fogo, os separou um do outro; e Eliyahu subiu aos céus num redemoinho.”---*

*Melakhim Bet (2 Reis) 1:4 ---“Agora, pois, assim diz o Senhor: Da cama a que subiste não descerás, mas certamente*

*morrerás. E Elias se foi.”---*

Em suma, Eliyahu não morreu, ele foi trasladado para junto do Criador, assim como foi Enosh (Enoque). Antes da vinda de Mashiach, o profeta Elias deverá surgir!

*Malakhy 3:25 TaNaKh (Malaquias 4:5,6 Vulgata;) ---Veja, eu mesmo lhe envio Eliyahu, o Inspirado, em face de vinda do grande e atemorizante dia de YHWH. ---.*

No “Novo Testamento” há uma grande confusão no qual não se consegue nenhuma explicação. O erro de interpretação ocorre quando Yeshua e Yochanan o Imersor (João o Batizador) entram em contradição. Existe contradição entre Jesus e João Batista.

De um lado Yeshua alega ser Yochanan o Elias, e do outro lado João declara não ser ele o Eliyahu. (?) Declaração de Jesus:

*Matyyahu (Mateus) 17:10-13 ---10 – E os seus adeptos o interpelaram, dizendo: Por que dizem então os soferim que é mister que Eliyahu venha primeiro? 11 - E Yeshua, responde, disse-lhes: Amen Eliyahu virá primeiro, e restaurará todas as coisas; 12 – Mas digo-vos que Eliyahu já veio, e não o penetraram, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram. Assim farão eles também padecer o filho do humano. 13 – Então entenderam os adeptos que lhes falara de Yochanan o Imersor.---*

Esta declaração profunda é dita por Yeshua. Primeiro ele reconhece que o profeta Elias deveria vir de acordo com a profecia de Malaquias; contudo essas palavras são incompreensíveis quando em seguida afirma que Eliyahu já veio. Note que em nenhum lugar da TaNaKh, afirma que Eliyahu vai voltar como uma outra pessoa.

O mais perplexo de tudo é quando Yochanan o Imersor declara que ele mesmo não é Eliyahu o Inspirado. Vejamos

*João 1:19-21 ---“19 Ora, este é o depoimento de Yochanan, quando os judeus lhe enviaram ministrantes e levitas de Yerushalaym para perguntar-lhe: “Quem és?” 20 E ele professou e não negou, mas confessou: “Eu não sou o*

*Mashiach.” 21 E perguntaram-lhe: “O que, então? És tu Eliyahu?” E ele disse: “não sou.” “És tu O Inspirado?” E ele respondeu: “não!”*

Estas palavras condenam totalmente a ideia de Yeshua ser o messias. Por que? Porque João Batista declara não ser Elias e nem ser Profeta. Logo Jesus não poderia ser o Mashiach no momento em que Yochanan afirma não ser Elias. 'Elohîm nos deu o livre arbítrio para ser o que desejamos e Yeshua não poderia controlar as palavras ditas por João Batista nem transformá-las no Profeta através de mágica.

Alguns citam (Lucas 1:17) ---*Na essência e no poder de Eliyahu*--- para justificar esta gritante contradição. Porém podemos explicar que não se trata de reencarnação, mais de um termo comparativo, isso é explicado abaixo:

*2 Reis 2:15 ---“Vendo-o, pois, os filhos dos inspirados que estavam defronte dele em Yericho, disseram: a essência de Eliyahu repousa sobre Elishá. E vindo ao seu encontro, prostraram-se em terra em faces dele.*

Note que Elias não reencarnou em Eliseu. Eliseu não era a reencarnação de Elias. Vale a pena lembrar que milhões de Cristãos rejeitam a Doutrina da reencarnação e rejeitando esta Doutrina, João não poderia ser Elias. Assim fica provado que se não há (ou veio) Eliyahu ha.Navi, não há Mashiach ha.Melekh em Yisra'Êl. Em suma Jesus não é o Messias. <sup>[24]</sup>

Após os nossos questionamentos e as respostas deste judeu ortodoxo, entendemos que agora poderemos entrar no assunto e organizar as ideias por ele levantadas, testificando que Elias foi transladado e depois veio a morrer, as profecias predizendo o regresso do profeta Elias era passível de se ocorrer somente através da reencarnação e neste caso, como João Batista, o motivo pelo qual João Batista não se autoafirma profeta e nem mesmo Elias e a principal tese, a de que Jesus declara que João Batista é mais ainda que profeta, sendo ele Elias. Entenderemos que somente esta organização dos argumentos é que abalizaremos de que João Batista é o Elias reencarnado e Jesus, o messias.

## 15. Argumentos contrários à imortalidade física de Elias

Uma das objeções que usam para negar as palavras de Jesus e, por conseguinte, a reencarnação de Elias é a sua suposta imortalidade. Segundo dizem, por ocasião do arrebatamento, relatado em II Reis capítulo 2, Elias foi ao céu e conquistou a imortalidade. Esta imortalidade seria uma objeção ao fato dele (Elias) ter reencarnado em João Batista, mas também se esboroa nas palavras de Jesus que o circunscreveu e identificou, em mais de uma ocasião, neste último.

Essa objeção seria das mais sérias, se não levássemos em conta a autoridade de Jesus e não houvesse vários textos do AT e do NT que inviabilizam por completo essa hipótese que, segundo a Enciclopédia Judaica, não passa de uma “lenda judaica”. Ela afirma isso, e nestes termos:

*“Ele [Eliyahu] é frequentemente identificado com **outros heróis das lendas Judaicas** sobre os quais foi lhes atribuído a imortalidade, tais como Melquisedeque, que não tinha pai ou mãe, e Enoque-Metraton....”* <sup>[25]</sup>

O mesmo evento que ocorreu com Elias, aconteceu com Enoque e transcrevemos a seguinte passagem para análise:

***Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. (Hb 11:13).***

Se creram em fé na promessa da terra prometida, Canaã, logo, não impediria de que **todos**, tais como Abel, Enoque, Noé, Abraão, Isaque, Jacó, Sara, todos esses **morreram** de fato na fé. Acreditaram em coisas que não viram, como alcançarem a promessa da Terra Prometida, todavia, o escritor da Epístola é claro em afirmar a aliança dos patriarcas com o messias, tal como uma pátria superior e celestial (v.16), abandonando a terra em que eram peregrinos.

Citamos a nota de rodapé das diversas Bíblias de consulta, no caso em questão, a Bíblia da Editora Vozes:

**Gn 5:24** E andou Enoque com Deus; e não apareceu mais, porquanto Deus para si o tomou.\* Nota de rodapé: Henoc levou uma vida de amizade com Deus, moral e religiosamente perfeita, mas viveu apenas 365 anos. O número significa a perfeição de uma vida igualável ao número dos dias de um ano completo. Em vista de sua vida perfeita foi arrebatado para junto de Deus. **Tal maneira de descrever um fim de vida corresponde à expressão popular “Deus o levou”, referindo-se à morte de pessoas bondosas e queridas. (II Rs 2:19-24)** Os prodígios mostram que o espírito de Elias tinha repousado sobre o seu discípulo, para benefício de uns e desgraça de outros. O ciclo de Eliseu no-lo apresenta, sobretudo como taumaturgo, maior até mesmo que Elias, e como homem que intervém decididamente na política interna e externa. Estes relatos devem ter-se originado entre os círculos proféticos. (Bíblia Sagrada – Editora Vozes, grifo nosso).

Salientamos que Enoque viveu apenas 365 anos. Este número, conforme na nota de rodapé acima da Bíblia Sagrada da Editora Vozes e segundo a Kabbalah, denota que significa a perfeição de uma vida igualável ao número dos dias de um ano completo. Semelhante atitude o referencia ao dito popular que comumente ouvimos: “Deus o levou”, “Está com Jesus”, “Agora está com Deus” e “Foi se juntar com os pais”. Esta referência é feita quando se pergunta por pessoas que já desencarnaram, assim como: *Tornou-se agradável a Deus e foi por ele amado; como, porém, vivia no meio de pecadores, foi transferido. (Sb 4:10)*, bem como *Henoc agradou ao Senhor e foi trasladado, exemplo de conversão para as gerações (Ecl 44:16)*.

Analisemos abaixo, vários desses textos, começando por João 3:13.

### **15.1. João 3,13 e o sentido de “subir ao céu”**

O texto de João 3:13 faz parte de um diálogo mantido entre Jesus e Nicodemos, e contém ensinamentos que colidem com a tese de que Elias ou qualquer outro houvesse ganho a imortalidade em corpo físico e ido para o céu até aquele momento. Assim diz o Senhor:



*“Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que desceu do céu, o Filho do homem.” (Jo 3:13)*

Desse texto, podemos deduzir que:

1. Até aquele momento, ninguém havia subido ao céu.
2. O único que subiu foi quem de lá desceu, o Filho do Homem.
3. Antes de ter subido, é óbvio que ele não estava lá.
4. Ele primeiro subiu, depois desceu.

Acreditamos que essas conclusões, além de lógicas, são a nosso ver irrefutáveis. Para isso, basta apenas que se retirem o preconceito, e a verdade salta aos olhos. Isso serve tanto para um “subir ao céu” literal, quanto simbólico. Em ambos os casos, é um ensino que colide frontalmente com a tese da alegada imortalidade atribuída a Elias.

Uma das teses defendidas pelos opositores da reencarnação para contornar os problemas decorrentes do texto de João 3:13 é alegar que a expressão “subir ao céu” não seria literal, mas simbólico. Dentro desse simbolismo, segundo eles, a expressão significa “**ter conhecimento das coisas celestiais**” e, principalmente, “**ser semelhante ao Altíssimo**”; algo que, realmente, apenas Cristo é”. Comentando esse entendimento e sabendo que, segundo o texto, antes de descer Ele subiu, dissemos que se “subir ao céu” equivale a “ter conhecimento das coisas celestiais”, então, forçosamente, seu paradoxo “descer” possui sentido inverso, qual seja o de “perder esse conhecimento”. Em relação a este comentário dizem os opositores da reencarnação que “existe a analogia de que ‘descer do céu’ equivaleria a perder entendimento das coisas celestiais. Mas é por aí mesmo”. Então, se é por aí mesmo, estamos diante dos fatos seguintes:

1. Antes de “subir ao céu”, Jesus não tinha “conhecimento das coisas celestiais”.
2. Esse “conhecimento” foi adquirido por ele
3. Ele perdeu esse “conhecimento” ao descer a terra

Eles dizem que “é por aí mesmo” e devemos lembrar que estamos a discutir tomando como base as premissas deles mesmo, os

opositores da reencarnação, e segundo elas, podemos ver que tanto literal quanto figuradamente, ele esbarra em alguns dilemas:

1. Se em algum momento ele não tinha “conhecimento das coisas celestiais” é porque ele é criatura e não o Deus Onisciente, como creem.

2. Se ele adquiriu esse conhecimento, isso revela que houve um **processo de aprendizagem** pelo qual Ele adquiriu “conhecimento das coisas celestiais”. Este processo nos sugere que ele percorreu alguns degraus evolutivos até chegar a este nível de conhecimento.

Esses dois problemas são comentados pelos opositores da reencarnação. Discutiremos mais adiante.

## 15.2. Isaías 14 e o sentido de “subir ao céu”

Para corroborar um entendimento figurado de “subir ao céu”, os opositores da reencarnação propõe uma fórmula, mas uma fórmula confusa, pouco crível sob o ponto de vista lógico. Sua fórmula é esta:

**“subir ao céu” = “semelhante ao Altíssimo”**

Segundo eles, “os textos e expressões são **iguais** e explicadas em Isaías 14:13-14”. Para eles, essa confusa analogia é o que “resta para quem não aceita buscar de subterfúgios para tentar derrubar esta referência que a Bíblia faz”. Eles reclamam que “adentrando nos comentários de Isaías 14, nós preferimos apenas repudiar o entendimento quanto a este capítulo também tratar-se de Satanás, e nada avalia quanto à expressão ‘subir ao céu’ ser idêntico ao usado em João 3, que identifica que tal termo é ser ‘semelhante ao Altíssimo’, conforme os versículos 13 e 14. Os opositores da reencarnação omitem o verso 15, mas eles acreditam não é diferente do que expõe”. Vejamos o texto:

### **Isaías 14**

*13 E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono; e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do norte; 14*

*subirei acima das alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. 15 Contudo levado serás ao Seol, ao mais profundo do abismo.*

O que podemos deduzir do texto acima? Será mesmo que “subir ao céu” equivale a “ser semelhante ao Altíssimo”. Mas é claro que não, isso é questão gramatical. Qualquer pessoa que, sem ideias preconcebidas, ler os versos acima verá que “subir ao céu” implica em:

1. Exaltar seu trono acima das estrelas de Deus (ele possui trono, trata-se de um rei).
2. Assentar-se no “monte da congregação”, que fica “nas extremidades do norte”.
3. Subir “acima das alturas das nuvens”.

Tudo isso tem um fim ou objetivo, que é “ser semelhante ao Altíssimo”. Não podemos confundir os meios para se atingir um objetivo, com o objetivo em si. O que encontramos aqui é que “subir ao céu” é um meio para tornar-se “semelhante ao Altíssimo”, ilusão do personagem da narrativa, o que difere do “subir ao céu” usado por Jesus com Nicodemos, Para Jesus, o ato de “subir ao céu” antes de “descer do céu” deu a ele “conhecimento das coisas celestiais”, e de posse disso ele argumenta que se Nicodemos não entendeu (ou fingiu não entender ou não quis entender) o que ele disse que eram “coisas terrestres”, tampouco o entenderia se Ele falasse de “coisas celestiais”.

Em resposta aos opositores da reencarnação, havíamos comentado que tais palavras atribuídas a Satanás revelam uma ignorância admirável num arcanjo que, por sua natureza e grau atingido, não deveria participar, quanto à organização do Universo, dos erros e dos prejuízos que os homens têm professado, até serem esclarecido pela Ciência. Como poderia, então, dizer que fixaria residência acima dos astros, dominando as mais elevadas nuvens?

Em vez de refutar eles apenas reafirmam o que disseram antes. É claro que agora fica explicado porque os opositores da reencarnação procuram entender, figurativamente apenas, a expressão “subir ao céu”. Se eles entenderem como figurativo, poderão aceitar que Elias foi ao

céu literalmente e sem problemas com a fala do Cristo. Dessa forma eles também defenderão a inteligência angelical e prodigiosa atribuída a Satanás. O problema é que essa forma de interpretar descarta totalmente a possibilidade de aplicarmos o texto ao rei de Babilônia, que em sua ignorância entendia e desejava “ser semelhante ao Altíssimo”, mas da seguinte forma, transcrita pelos opositores da reencarnação: O rei da Babilônia é descrito como alguém que dizia no coração: “Eu subirei ao céu” (Is 14:13). O rei da Babilônia é descrito como alguém que dizia no coração: “Subirei acima das alturas das nuvens” (Is 14:14).

Realmente é muito estranho que um ser tão inteligente tenha pensamentos tão ultrapassados acerca de Deus e acerca da natureza. A visão de “subir ao céu”, “subir acima das alturas das nuvens” é de quem está na Terra e não no céu cortejado pelos anjos, em ambiente de pureza absoluta, na presença do Altíssimo. Semelhante ignorância só pode ser atribuída a um homem terreno que, por ser rei de Babilônia e em época antiga sem os conhecimentos astronômicos atuais, julga que a ele basta “subir acima das nuvens” e “se assentar no monte da congregação, nas extremidades do norte” para “ser semelhante ao Altíssimo”. É uma ignorância que, mesmo em sentido figurado, nenhum ser angelical cometeria. Se os anjos vivem na presença do Altíssimo, são perfeitos e o conhecem, sabem muito bem que ele é Todo Poderoso, infinito em todas as coisas, e que portanto, seria um invencível adversário. Qualquer esforço no sentido de se “igualar” ao Todo Poderoso ou disputar seu poderio seria um esforço vão, completamente inútil, tremendamente indigno da inteligência atribuída a um ser que já ocupa posição tão elevada.

### 15.3. O pressuposto figurado e sua falsa analogia

Os opositores da reencarnação defendem que “**subir** acima das alturas das nuvens” não é literal e significa, assim como Jesus disse a Nicodemos, “**ser** semelhante ao Altíssimo”. O pressuposto figurado defendido pelos opositores da reencarnação, apenas serve para deixá-los em situação delicada, por se tratar de uma falsa analogia. Dizemos falsa analogia porque gramaticalmente o verbo “subir” é um verbo que indica movimento. Já o verbo “ser”, que os opositores da reencarnação

tomam por sinônimo daquele, é um verbo estático. Pensamos que seria mais prudente a eles associarem “subir” ao verbo tornar-se, pois tornar-se é um verbo que também indica movimento, e tem um fim ou um objetivo, que é “ser”. Pelo menos seriam mais coerentes com a própria tese que defendem, o que nem de longe colocaria sua tese como a mais aceita, do ponto de vista lógico, pelos motivos que foram e serão aventados.

#### 15.4. O “subir” e a jornada evolutiva de Jesus

Embora os opositores da reencarnação defendam que “num debate, é melhor deixar a Bíblia falar”, são eles que fazem a Bíblia de fantoche, para falar o que eles querem, quando quer e quando isso lhe convém. Parece eles não aceitam um dos fatos contidos nas entrelinhas de João 3:13, de que antes de subir ele [Jesus] passou por toda uma jornada evolutiva antes de presenciar as “coisas celestiais”. Mas quando tentam combater essa ideia, embora defensores da Deidade de Jesus, eles reconhecem que “Cristo falava com propriedade o que tinha lhe **revelado diretamente o Pai**, Ele era o único que tinha ‘subido ao Céu’, ou seja, que **penetrou o conhecimento de tais coisas**”, ou seja, inconscientemente os opositores da reencarnação confessam que houve um tempo de extensão indefinida em que o Pai não tinha ainda revelado a Jesus alguns conhecimentos, e se ele [Jesus] “**penetrou o conhecimento de tais coisas**” fica aí a confissão positiva, da lavra dos opositores da reencarnação, confirmando o que não aceitou (ou se contradizendo) em relação à nossa afirmativa.

#### 15.5. O “subir”, o “esvaziar” e a suposta deidade de Jesus

Embora confirmem inconscientemente o que dissemos, sobre a jornada evolutiva, a que ressalta inescapável do entendimento lógico e gramatical do texto (João 3:13), os opositores da reencarnação nos dizem que “descer do céu” seria “perder” tal semelhança, o que confere com os demais ensinamentos escriturísticos pois Cristo subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar (Fp 2:6)”, e com isso sugerem que ele era igual a Deus em tudo, mas que deixou de sê-lo quando se esvaziou de algo infinito para tornar-se finito. Mas isso já não soa lógico, pois para ele ser igual a Deus em

tudo, faz-se mister que o seja infinito também, como infinito o é o próprio Deus, o que segundo Pedro é **“Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo”** (I Pedro 1:3). Ora, se algo é infinito, para tornar-se finito deve se esvaziar infinitamente, e como o infinito não tem fim, necessário é que fique eternamente se esvaziando, e nunca ficará vazio. Mas, deixaremos um pouco de lado os argumentos lógicos, e voltemos ao texto, para vermos se realmente é isto o que de lá ressalta.

*Tende em vós aquele sentimento que houve também em Cristo Jesus, o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens; (Fp 2:5-7)*

Esse texto tem sido usado para provar uma suposta Deidade Preexistente de Jesus, na qualidade de alguém igual ao Pai. Em primeiro lugar, para alguém se esvaziar, não pode ser infinito e, por conseguinte, não pode ser “igual a Deus”. Então, como resolver esse problema? Acreditamos que, verificando outras traduções, onde podemos encontrar algumas pistas. Enumeremos algumas:

*The New Testament, de G.R. Noyes: “o qual, sendo em forma de Deus, **não achou que ter igualdade com Deus fosse algo de que devesse apossar-se**”.*

*Das Neue Testament, edição revisada, de Friedrich Pfäfflin: “Ele – realmente de natureza divina – **nunca se fez, com auto-confiança, igual a Deus**”.*

*La Bibbia Concordata: “o qual, embora sendo em forma de Deus, **não achou que ser igual a Deus fosse algo do que gananciosamente se apoderar**”.*

*A Bíblia na Linguagem de Hoje: “Ele sempre teve a mesma natureza de Deus, mas **não tentou ser, pela força, igual a Deus**”.*

*The New Jerusalem Bible: “O qual, sendo em forma de Deus, **não achou que a igualdade com Deus fosse algo do que se apossar**”.*

O que acima fica claro é que, longe de dizer que Jesus achava apropriado ser igual a Deus, as traduções acima mostram justamente o contrário. Ou seja, Jesus não achava isso apropriado. O contexto (3-5,7,8) esclarece como o verso 6 deve ser entendido. Instou-se aos filipenses: “com humildade cada um considere os outros superiores a si mesmo”. Daí, Paulo usa Cristo como notável exemplo dessa atitude: “Tende em vós aquele sentimento que houve também em Cristo Jesus”. Que sentimento? Achar não ser roubo ser igual a Deus? Não, isso seria exatamente o contrário do argumento que estava sendo apresentado. Ao contrário, Jesus, que reputava a Deus como sendo melhor do que ele, jamais se apossaria da igualdade com Deus, mas, em vez disso, “humilhou-se a si mesmo, tornando-se obediente até a morte, e morte de cruz”. Repetidas vezes Jesus mostrou que ele era uma criatura à parte de Deus e que tinha um Deus acima de si, um Deus a quem adorava, um Deus a quem amava e chamava de Pai. Em oração a Deus, isto é, ao Pai, Jesus disse: “que te conheçam **a ti, como o único Deus verdadeiro**” (Jo 17:3). Em João 2:17 ele disse a Maria Madalena: “Subo para **meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus**”. Em II Coríntios 1:3, Paulo confirma essa relação: “Bendito seja o **Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo**, o Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação”. O livro de Hebreus nos diz que “Ainda que era **Filho, aprendeu a obediência**, por aquilo que padeceu” (Hebreus 5:8). E visto que Jesus tinha um Deus, seu Pai, a quem ele devia obediência, ele não podia ao mesmo tempo ser ou fazer parte desse Deus.

## 15.6. A “natureza divina” e a deidade

Adentrando João 17:5, encontramos Jesus em oração ao Pai, orando nestes termos: “*Agora, pois, glorifica-me tu, ó Pai, junto de ti mesmo, **com aquela glória que eu tinha contigo antes que o mundo existisse***”. Sobre isto observem que “ter a mesma glória” não é sinônimo de “ter glória junto de”. Entenda-se que “ter a mesma glória” foi usada como ter o mesmo poder e a mesma autoridade, e “ter glória junto de” dá a ideia de compartilhar, ainda que não todo, ao menos uma parte desse poder e autoridade. Os defensores da deidade de Jesus citam esse texto associado a João 1:1 para dar a entender que ele, Jesus, teria o mesmo poder e autoridade de seu Deus e Pai. Devido a isso, é

necessário fazer alguns reparos neste equívoco que eles nos colocam, embora eles nos acusem de “entrar na questão da deidade de Cristo, o que não era assunto até então” quando o principiadador ou causador de tal arenga foram eles mesmos. Segundo os defensores da deidade de Jesus, teríamos entrado em contradição ao comentar João 1:1 em relação ao que dissemos sobre 17:5. Para eles “**se já possuía natureza divina**, mesmo que tenha outro papel em relação ao Pai, Ele, na glória, junto de Deus **era... Deus!**”, e embora um pouco hesitante de início, eles arrematam confiantes que “isto que ele afirmou já põe por terra uma das doutrinas do espiritismo, a negação da deidade de Cristo”, e esquece que antes do Espiritismo já existiam inúmeros setores do próprio Cristianismo que nunca aceitou essa deidade. Qualquer estudioso das escrituras sabe que ter “natureza divina” não significa ser igual a Deus. O próprio Jesus usou isso em sua defesa quando, semelhantemente aos defensores da deidade de Jesus, os fariseus o acusaram de se fazer igual a Deus. Disse ele:

*“Não está escrito na vossa lei: Eu disse: Vós sois deuses? **Se a lei chamou deuses àqueles a quem a palavra de Deus foi dirigida** (e a Escritura não pode ser anulada), àquele a quem o Pai santificou, e enviou ao mundo, dizeis vós: **Blasfemas; porque eu disse: Sou Filho de Deus?**” (Jo 10:34,35)*

Em não raras ocasiões ele foi alvo de acusações desse jaez, e em todas as oportunidades se defendeu delas. As duas principais acusações dos judeus estão descritas em João 5:18, nestes termos: “**Por isso, pois, os judeus ainda mais procuravam matá-lo, porque não só violava o sábado, mas também dizia que Deus era seu próprio Pai, fazendo-se igual a Deus.**” Ora, todos sabemos que ele próprio veio cumprir a lei e não abolir (Mt 5:17). Se violasse o sábado ou cometesse uma blasfêmia, estaria sendo um falsário, um mentiroso. Os apóstolos reconhecem que “**Ele não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano**” (I Pe 2:22), embora alguns ainda hoje insistam nessa absurda tese de que ao se dizer Filho de Deus, ele se fez igual a Deus.

Ao explicar João 1:1, ainda dissemos que “Logo no contexto, em João 1:18, diz que ninguém jamais viu a Deus, o verso 14 esclarece que



o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade; e vimos a sua glória, como a glória do unigênito do Pai, aquela mesma glória que ele tinha junto ao Pai”, ao que sofisma os defensores da deidade de Jesus e alegam que “primeiro tentam estabelecer que ‘ter a mesma glória’ é diferente de ‘ter glória junto de’, e o texto comentado por ele refere-se à glória que vimos em Cristo **como a glória do unigênito do Pai**, como não pode-se interpretar que não seja a mesma glória?” Mas, sem dúvida é a mesma glória, a do unigênito do Pai. E, afinal, quem é este unigênito senão o próprio Jesus?

Recomendo a todos os interessados que acessem a revista Galileu e leiam a matéria “Como Jesus se tornou Deus” para que entendam um pouco mais sobre o histórico dessa controvérsia a ponto de saber que muito antes do Espiritismo, essa suposta “deidade de Jesus” já era questionada, e muito. Para acessar e ler a reportagem, basta entrar e cadastrar o email. <http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,,ECT1080621-1706,00.html> <sup>[26]</sup>

### 15.7. Raciocínio lógico ou “tentativa desesperada”?

Num dado momento, o escrevinhador opositor da reencarnação vocifera: “posso considerar que há ou uma tentativa desesperada de negar o que escrevo, apenas para tentar ter meios de refutar o que expus sobre o termo ‘subir ao céu’, mesmo mudando o assunto, ou, então, apenas há uma **má compreensão das missões que cada um tem, Deus Pai e Deus Filho**. Prefiro ficar com a segunda opção”, e que bom que assim seja, pois isso mostra que sua busca pelo tortuoso caminho da Deidade tem um fim, qual seja o de negar aquilo que eu reafirmei, e que ressalta óbvio no texto de João 3:13, seja do ponto de vista literal ou mesmo do ponto de vista figurativo. Em todos os casos os opositores da reencarnação se esbarram em dilemas, dos quais jamais se sairão ilesos, pois terão que optar por rejeitar a sua crença trinitária que abriga necessariamente uma alegada deidade de Jesus ou então riscar da sua Bíblia a incômoda passagem de João 3:13. E como ele disse que “na Terra, Jesus esvaziou-se a si mesmo para ser homem e, dentro desta linha de raciocínio, nada há que faça contraditório com João 17:3 **E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, como o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste**”,

podemos então riscar dessa trindade também aquela terceira pessoa que, segundo ele, não era o Pai e nem estava aqui na terra, o “espírito santo”. Jesus teve aí, uma boa oportunidade para se lembrar e parece ter se esquecido disso. Será que quando “se esvaziou”, tornou-se tão humano que esqueceu isso também? Para ele, o “único Deus verdadeiro” é unidade **simples**, formado por uma apenas única pessoa, o Pai.

## 15.8. A carta de Elias – II Crônicas 21,1 e 21,12-15

Eis a passagem em análise:

*Depois Jeosafá dormiu com seus pais, e foi sepultado junto a eles na cidade de Davi; e Jeorão, seu filho, reinou em seu lugar. (II Cr 21:1)*

**Então lhe veio um escrito da parte de Elias, o profeta, que dizia:** Assim diz o SENHOR Deus de Davi teu pai: Porquanto não andaste nos caminhos de Jeosafá, teu pai, e nos caminhos de Asa, rei de Judá, Mas andaste no caminho dos reis de Israel, e fizeste prostituir a Judá e aos moradores de Jerusalém, segundo a prostituição da casa de Acabe, e também mataste a teus irmãos da casa de teu pai, melhores do que tu; Eis que o SENHOR ferirá com um grande flagelo ao teu povo, aos teus filhos, às tuas mulheres e a todas as tuas fazendas. Tu também terás grande enfermidade por causa de uma doença em tuas entranhas, até que elas saiam, de dia em dia, por causa do mal. (II Cr 21:12-15)

Outro texto que citamos é este acima, para mostrar que o arrebatamento de Elias, se prova alguma coisa, prova apenas que ele foi arrebatado (ou transportado) a algum lugar e que não foi encontrado nos arredores, por aquelas pessoas. De acordo com o texto, cerca de dez anos após este arrebatamento, Elias ainda se encontrava vivo, em região próxima, embora fora do alcance de seus conhecidos. Os opositores da reencarnação alegam que “isto nada serve como prova, muito pelo contrário, pois, se ainda profetizou, é prova de que estava vivo, não tinha morrido, impossibilitando, até mesmo para a doutrina espírita, o reencarne em João Batista”. Segundo eles, essa carta de

Elias ao rei Jeorão prova que ele estava vivo, e que isso seria um empecilho à sua reencarnação como João Batista. Concordamos com a primeira conclusão que para nós seria o “óbvio ululante”, embora isso nem de longe implique em sua imortalidade. Tivesse sido a carta escrita uma ou duas centenas de anos após, até poderíamos cogitar essa tese, mas passaram-se apenas dez anos, tempo que para ser percorrido não carece de nenhuma “imortalidade”. Os opositores da reencarnação, em sua conclusão, eles isolam nossas palavras, fazem elipses, expediente que nos leva a admirar a criatividade. Assim declaram: “e, sendo assim, alterando as palavras ‘forçoso é concluir que ele [João Batista]’ não ‘passou pela morte’”, e nem poderia deixar de ser, pois só havia passado dez anos desde o arrebatamento. E na oportunidade, já que estamos tratando disso, colocamos para refutação nossa análise cronológica do texto para provar aos leitores nossa tese.

Começando por II Reis 3:9-11, Josafá pergunta: ‘Não há aqui algum profeta do Senhor por quem consultemos ao Senhor?’, ao que respondem seus servos: ‘Aqui está Eliseu, filho de Safate, que deitava água sobre as mãos de Elias’. Isso ocorre no 18º ano do reinado de Josafá e prova que Elias não estava mais presente neste ano, que equivale ao 1º ano do reinado de Jorão, filho de Acabe, sobre Israel (ver II Reis 3:1). Vamos ser otimistas e entender que Elias fora arrebatado naquele mesmo ano, um pouco antes daquela pergunta de Josafá, e agora voltemos à cronologia. De acordo com I Reis 22:42, Josafá reinou por 25 anos em Judá. Chegando a II Reis 8:16, podemos notar que houve um período de **corregência** entre Josafá e seu filho Jeorão (aquele que recebe a carta), partindo do 5º ano do reinado de Jorão. Em II Crônicas 21:5 e 20, é dito que Jeorão reinou por 8 anos em Judá. No verso 19 de mesmo capítulo, fica claro que ele morreu 2 anos após receber a carta de Elias, o que indica que essa carta lhe chegou no 6º ano de seu reinado. Até aqui podemos concluir que Jeorão começou a reinar no 5º ano de Jorão (II Reis 8:16), e o 1º ano deste é o 18º de Josafá, ano em que Elias foi arrebatado. Considerando que o 5º ano de Jorão foi o 1º ano de Jeorão, e que o 6º ano deste equivale ao 10º ano do reinado de Jorão (que reinou doze), isso perfaz o cálculo de **dez anos**, entre o arrebatamento e a carta que Elias enviou ao rei Jeorão. Este é o tempo em que Elias ficou desaparecido.

Um outro fato importante a considerar é que se Josafá reinou por 25 anos, se o 18º ano foi o 1º ano de Jorão, e se Jeorão passou a reinar no 5º ano de seu reinado (Jorão), então, neste 5º ano Josafá já reinava por 22 anos, o que significa que ele morreu no 3º ano de Jeorão, cerca de três anos antes deste receber a carta. Pelo início da carta (II Crônicas 21:12), observa-se que Josafá já havia morrido, e isso confirma que essa carta foi escrita após a data dessa morte e não antes. Mais especificamente no 6º ano de Jeorão, como vimos.

Observemos como é colocada a questão cronológica:

**Jorão** reinou em **ISRAEL** de **852 a 841 a.C.**

**Jeorão** reinou em **JUDÁ** de **848 a 841 a.C.**

Isso foi muito antes de João Batista. Percebamos os senhores que o ano 848 situa-se no 5º ano a começar de 852. Por ser a.C., a contagem é regressiva. Nessa mesma contagem, temos o 6º ano de Jeorão situado em 843. Isto significa que o arrebato teria sido em 852, e deste ano para 843 existe um intervalo de dez anos. É só contar nos dedos.

Para facilitar consulta dos leitores, relacionamos os textos que tomamos por referência:

### **II Reis 3**

**1** Ora, **Jorão, filho de Acabe, começou a reinar sobre Israel, em Samaria, no décimo oitavo ano de Jeosafá, rei de Judá, e reinou doze anos.**

**9** Partiram, pois, o rei de Israel, o rei de Judá e o rei de Edom; e andaram rodeando durante sete dias; e não havia água para o exército nem para o gado que os seguia. **10** Disse então o rei de Israel: Ah! o Senhor chamou estes três reis para entregá-los nas mãos dos moabitas. **11 Perguntou, porém, Jeosafá: Não há aqui algum profeta do Senhor por quem consultemos ao Senhor? Então respondeu um dos servos do rei de Israel, e disse: Aqui está Eliseu, filho de Safate, que deitava água sobre as mãos de Elias.**

## **I Reis 22**

42 Era Jeosafá da idade de trinta e cinco anos quando começou a reinar, e **reinou vinte e cinco anos** em Jerusalém. Era o nome de sua mãe Azuba, filha de Sili.

## **II Reis 8**

16 Ora, **no ano quinto de Jorão, filho de Acabe, rei de Israel, Jeorão, filho de Jeosafá, rei de Judá, começou a reinar.**

## **II Crônicas 21**

5 **Jeorão** tinha trinta e dois anos quando começou a reinar, e **reinou oito anos em Jerusalém.**

12 **Então lhe veio uma carta da parte de Elias**, o profeta, que dizia: Assim diz o Senhor, Deus de Davi teu pai: **Porquanto não andaste nos caminhos de Jeosafá, teu pai**, e nos caminhos de Asa, rei de Judá;

19 No decorrer do tempo, **ao fim de dois anos, saíram-lhe as entranhas por causa da doença, e morreu desta horrível enfermidade.** E o seu povo não lhe queimou aromas como queimara a seus pais. 20 **Tinha trinta e dois anos quando começou a reinar, e reinou oito anos em Jerusalém.** Morreu sem deixar de si saudades; e o sepultaram na cidade de Davi, porém não nos sepulcros dos reis.

Essa carta lança por terra a ideia de que Elias estava no céu. Afinal, como escreveria e mandar uma carta de lá? Será que lá existe carteiro, papel e pena para escrever? No nosso entender, parece muito mais lógico, natural, que ele tenha sido arrebatado a outro lugar, embora na visão de quem fica, no caso Eliseu, seja para o céu. Ele viu a decolagem, não o pouso. Com isso reafirmamos a nossa posição já colocada neste texto, de que este arrebatamento o transportou a uma região próxima, onde presumimos, ele pudesse passar seus últimos dias em paz, e de onde ele pudesse acompanhar os acontecimentos envolvendo seu povo.

## 15.9. Subida de Jesus – antes ou depois da encarnação terrena?

Voltando ao caso João 3:13, agora discutiremos se o “subir ao céu” foi antes ou depois de seu “descer do céu”. Dissemos que, segundo o texto, Jesus foi o único que subiu, e se subiu é porque antes disso ele não estava lá, e os opositores da reencarnação retrucam que esse entendimento “estaria correto caso o sentido de ‘subir ao céu’ fosse literal”. O problema é que em qualquer sentido, seja ele literal ou simbólico, a subida ocorre antes da descida. Isso está gramaticalmente correto, é questão de interpretação de texto. Para refutar essa evidência textual, os opositores da reencarnação nos dizem que “não há nada na Bíblia que infira que Jesus tenha tido um tempo de ignorância com relação ao conhecimento das coisas celestiais e não tenha sido semelhante ao Altíssimo anterior a sua primeira vinda, como homem”, mas para isto ser verdade seria necessário riscarmos da Bíblia essa passagem, e inserirmos alguma que prove que ele era “semelhante ao Altíssimo anterior a sua primeira vinda”, pois dos textos que mostram, verificamos que nenhum deles sustenta essa tese. Ademais, pensamos que os versos 11 e 12 são suficientes para esclarecer o sentido real de “subir ao céu”:

*Em verdade, em verdade te digo que **nós dizemos o que sabemos e testemunhamos o que temos visto**; e não aceitais o nosso testemunho! **Se vos falei de coisas terrestres, e não credes, como creereis, se vos falar das celestiais?** (Jo 3:11-12)*

Jesus falava a Nicodemos sobre coisas terrestres, mas **podia** falar de coisas celestiais. Não porque era “semelhante ao Altíssimo”, mas porque esteve lá no céu literalmente. Por isso podia falar de “coisas terrestres” e também de “coisas celestiais”. Não só porque sabe, mas, sobretudo porque **viu**, segundo a Bíblia.

## 15.10. Declaração de Jesus – É o não a prova mais persuasiva?

Como cristão, procuramos sempre tomar o cuidado de entender a opinião de Jesus como palavra final sobre qualquer assunto. Pode qualquer discípulo dizer o contrário ou mesmo interpretar erroneamente

suas palavras. Seus discípulos nunca foram infalíveis neste ponto. E tanto é verdade que Jesus **prevendo isso**, nos deu um método a ser usado nestes casos (Ler Mateus 10:24). Para nós, a palavra de Jesus é a que se reveste da maior autoridade. Mas nem todos parecem aceitar na prática, essa metodologia.

Quando dissemos ser João 11:14 e Mateus 17:12 a expressão do entendimento de Jesus, bem como a prova mais persuasiva de que Elias morreu, os opositores da reencarnação nos dizem que “tal entendimento poderia ser usado se ignorássemos toda a Bíblia, ou pegarmos dela apenas o que convém” como se fosse necessário encontrar na Bíblia, em toda ela, confirmações sobre o que disse o Cristo, para em cima delas validarmos as declarações do Mestre. Acreditamos que está havendo aqui uma inversão de valores, pois em vez de julgar a Bíblia à luz dos ensinamentos de Jesus, o que se faz na prática é justamente o oposto. Felizmente, essa atitude não faz parte da metodologia espírita. Os opositores da reencarnação vão um pouco mais além, declaram em alto e bom som que “diante do que já expusemos neste texto, isto na verdade é **prova contrária** de que Elias é João Batista reencarnado” e assim bate de frente com Jesus. É o que discutiremos um pouco mais adiante.

## 16. Discutindo profecias

Acreditamos ser a profecia uma chave importante para entendermos melhor este assunto. Aliás, vamos ainda mais longe e dizemos que é a chave inicial para entendermos o tema. Na sequência, discutiremos esta chave inicial.

### 16.1. Malaquias – A chave inicial

Já mostramos a pouco a opinião abalizada de Jesus em relação à profecia contida em Malaquias, e agora veremos a profecia em si. Diz ela:

*“Eis que vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor. E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para*

*que eu não venha, e fira a terra com maldição”. (MI 4:4-5)*

Sobre isto, comentam os opositores da reencarnação que “os espíritas começam citando Malaquias 3:23-24 e Mateus 11:14, dizendo que tais profecias referem-se mesmo a Elias, **e não um profeta semelhante**”. Perguntamos a um judeu, profundo conhecedor do hebraico e do Tanách, se havia alguma brecha gramatical na profecia, que dessem margem a entendermos que o Elias da profecia poderia ser qualquer outro, desde que não fosse ele mesmo. A resposta do judeu é muito clara:

***Não existe nenhuma "brecha gramatical", esta Inspiração D-vina refere-se ao Eliyahu, que tirará todas as dúvidas, pontos que não foram esclarecidos ou entendidos da TaNaKh, é desta forma que ele preparará a rota para Mashiach, quando todos terão o conhecimento pleno da Torah e não poderão se desculpar de nada.***

O que significa que nenhum outro, que não o próprio **Eliyahu, o Inspirado**, pode preencher os requisitos dessa profecia. Mais adiante, ele nos diz que:

***Vale a pena lembrar que milhões de Cristãos rejeitam a Doutrina da reencarnação e rejeitando esta Doutrina, João não poderia ser Elias.***

***Embora eu saiba (pois é o que consta na TaNaKh) que Eliyahu não morreu e, portanto, sua ruach não poderia ter encarnado, fiz tal comentário para mostrar aos Cristãos, que declaradamente negam a Reencarnação; que a única maneira de Yochanan o Imersor ser o Elias, seria se a ruach do mesmo houvesse encarnado em João.***

Pensamos que isso dispensa maiores comentários. Não há dúvida de que, como todo judeu o Cícero entenda que Elias não morreu, e dentro desse prisma fica claro que somente “própria nefesh (pessoa) de Eliyahu é que prepara o terreno para Mashiach”, o que também colide com a tese do “profeta semelhante ou qualquer outro” defendida pelos opositores da reencarnação, embora também acredite na



imortalidade de Elias.

Vamos agora analisar Lucas 1:17 que, segundo os opositores da reencarnação, nós espíritas costumamos não mencionar. É o que veremos na sequência.

## **16.2. Lucas 1:17 – Seu verdadeiro sentido**

No anúncio profético do nascimento de João, no texto de Lucas 1:17 diz o anjo:

*“E irá adiante dele no espírito e virtude de Elias, para converter os corações dos pais aos filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, com o fim de preparar ao Senhor um povo bem disposto”. (Lc 1:17)*

Este é um texto que fecha com a profecia de Malaquias, assim exposta:

*Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR; E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição. (Ml 4:5-6)*

Embora os opositores da reencarnação se esforcem para provar a tese do “profeta semelhante” ou qualquer outro que possa salvá-los da encrenca, ficou aqui demonstrado que para ser cumprida a profecia necessária é que ela se cumpra com o próprio Elias (sua própria nephesh se vivo ou sua ruach se morto). Enumeramos os motivos porque entendemos tratar-se da ruach de Elias, ou seja, sua reencarnação como João Batista. Se os opositores da reencarnação entendem que Elias não morreu, para ser mais coerente a esta tese, a única forma de cumprir a profecia seria por meio de sua própria nephesh ou de um retorno pessoal, o que não foi o caso em se tratando de João Batista. Entendamos, portanto, que a expressão “no espírito e virtude de Elias” equivale a dizer “o profeta Elias”, o que justifica o arremate categórico do Mestre: “João é o Elias que havia de vir”, ou seja, sua própria ruach.

## **16.3. O profeta Elias x Um profeta semelhante**

Para os opositores da reencarnação, João Batista não é Elias, mas apenas um “profeta semelhante”. Essa incoerência foi devidamente apontada pelo judeu ortodoxo nas linhas acima reproduzidas. Quando explica esse texto, entendem os opositores da reencarnação que todos os outros devem gravitar em torno deste, como se esta fosse a referência única, exclusiva, inteiramente isolada, do chamado Novo Testamento sobre a vinda de Elias. Eles defendem que “o próprio versículo diz ‘no espírito’, pois se o texto fosse tratar de reencarnação de Elias, ele teria que estar escrito assim: ‘com o espírito’. A frase ‘no espírito de Elias’ denota ‘no mesmo ímpeto, semelhante’, e se fosse o mesmo espírito não precisaria relatar a virtude, porque ela estaria já está embutida no próprio espírito”, e dessa forma como dissemos, eles colocam todas as demais referências claras e inequívocas sobre o tema sob a camisa de força de um único texto interpretando erroneamente que “no espírito e virtude” deva significar qualquer coisa, desde que não seja uma reencarnação. Se conforme eles nos dizem, a virtude “já está embutida no próprio espírito”, torna-se desnecessária a menção desta no presente texto, uma vez que o mesmo texto diz “no espírito”. Mas se ele pretende mesmo “explicar que todas as referências, juntas, complementam-se e se fazem entender”, deverão aceitar o fato indesculpável de que esse texto seja entendido à luz de Malaquias e da opinião indiscutível do Mestre. E segundo estas, somente Elias (e não um “profeta semelhante”) é capaz de cumprir a profecia. Somente sim podemos entender que todas as referências, juntas, complementam-se e se fazem entender.

#### **16.4. Mateus 11,14-15 – O entendimento do Mestre**

Chegamos aqui, ao ponto mais importante dessa discussão, para onde deve convergir toda nossa atenção: o entendimento do Mestre. Fiz comentários citando um pedaço desse verso. Mas vejamos a íntegra:

*E, se quereis dar crédito, é este o Elias que havia de vir. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça. (Mt 11:14-15)*

Dentro deste assunto, podemos notar que, não obstante o tamanho quilométrico de respostas dadas pelos opositores da

reencarnação, as fragilidades de suas premissas ainda permanecem. Este caso é um exemplo clássico disso, pois encontramos a “refutação” ao nosso entendimento acerca das palavras de Jesus. Dizem os opositores da reencarnação que “Jesus afirmou que João Batista foi o Elias, **o que é bem diferente do que afirmar** que isto significa ‘João Batista é o (ou seja, o próprio) Elias que havia de vir’.” Ou seja, na visão fértil e imaginosa dos opositores da reencarnação, quando Jesus disse que João era **o Elias**, com isso ele quis dizer tudo, menos que João era **o Elias**. E assim, eles buscam inverter as coisas e induzir em erro seus leitores, para entenderem justamente **o oposto** daquilo que foi dito e pretendido pelo Mestre.

Ora, de que adianta escrever páginas e páginas, que mais tendem a cansar e enfadar leitores, para chegar ao **ponto chave** e cometer tamanha gafe? De nada adianta isso. A fragilidade está aí, para todos verem.

Jesus não só previu como se adiantou a esse tipo de atitude, daí porque nos diz o que está no verso 15. Nem todos estariam em condições de aceitar certas verdades.

### **16.5. Mateus 11,7-15 – João Batista como cumpridor da profecia referenciada a Elias**

Encontramos na passagem abaixo a referência que Jesus faz a João Batista, como cumpridor da profecia referenciada a Elias. Vejamos:

*Mt 11,7-15: “O que é que vocês foram ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? O que vocês foram ver? Um homem vestido com roupas finas? Mas aqueles que vestem roupas finas moram em palácios de reis. Então, o que é que vocês foram ver? Um profeta? Eu lhes afirmo que sim: alguém que é mais do que um profeta. **É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti'**. Eu garanto a vocês: de todos os homens que já nasceram, nenhum é maior do que João Batista. No entanto, o menor no Reino do Céu é maior do que ele. **Desde os dias de João Batista até agora, o Reino do Céu sofre violência, e são os***

*violentos que procuram tomá-lo. De fato, todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E se vocês o quiserem aceitar, João é Elias que devia vir. Quem tem ouvidos, ouça”.*

Após esta afirmativa de Jesus de que **“É de João que a Escritura diz: 'Eis que eu envio o meu mensageiro à tua frente; ele vai preparar o teu caminho diante de ti”**, entendemos que a referência à Escritura é exatamente a profecia de Malaquias que previa a volta de Elias antes da vinda do Messias, isso significa que João Batista é a reencarnação de Elias, fato confirmado por Jesus em Mt 11,14: “... é este [João Batista] o Elias que havia de vir” e que, conseqüentemente, Jesus é o Messias esperado.

## **16.6. Os ministérios de João Batista e de Elias**

Ao argumento dos ministérios, respondemos que a semelhança destes serve mais como prova de que se trata do mesmo ruach ou da mesma identidade espiritual. Diante disso, os opositores da reencarnação nos trazem mais uma de suas “pérolas” de afirmações gratuitas, destituídas do mais leve fundamento. Vejamos como eles nos respondem: “Com relação aos frutos dos ministérios, que o espiritismo entende tratar-se da mesma identidade espiritual, mais uma vez nota-se o grande abismo entre o cristianismo e o espiritismo, visto que João Batista pregava o arrependimento nesta vida, e não preparações para sucessivas reencarnações”, como se “arrependimento nesta vida” fosse algo estranho aos postulados espíritas. Sugerimos a eles que estudem um pouco mais sobre o assunto. Como podemos constatar, argumentos desse tipo, amalgamado a inverdades e cavilações, não refutam em nada o que dissemos sobre o paralelo entre identidade e semelhança de ministérios.

## **16.7. O carma de João Batista – Verdade ou mentira?**

Um dos pontos contestados pelos opositores da reencarnação foi a nossa afirmativa de que até o carma que Elias contraiu ao mandar executar os 450 sacerdotes de Baal (I Reis 18:22 e 40), na disputa para ver qual Deus era mais poderoso que o do outro, foi cumprido por João Batista, quando morre executado por ordem de Herodes. (Mateus

14:11). Citamos como exemplo de carma ou “lei de causa e efeito”, o texto de Mateus 26:52. A resposta dos opositores da reencarnação foi esta: “Este texto e **nem na Bíblia inteira encontramos uma inferência sequer** a uma suposta ‘**lei do carma**’”. Diante desse quadro, trouxemos à baila inúmeras outras referências, tiradas todas da Bíblia, ao que eles nos dizem em sua resposta que “refutamos de imediato os versículos apresentados de **I Reis 18:22 e 40, Mateus 14:11 e 26:52** e, como vimos, **nada a declarar**”. Vejamos os textos:

**1º Texto:** Elias manda degolar os falsos profetas

***I Reis 18:22 e 40***

*22 Então disse Elias ao povo: Só eu fiquei por profeta do SENHOR, e os profetas de Baal são quatrocentos e cinquenta homens.*

*40 Então Elias disse a eles: “Agarrem os profetas de Baal. Não deixem escapar nenhum”. E eles os agarraram. Elias fez os profetas de Baal descer até o riacho Quison, e **aí os degolou**.*

**Resposta dos opositores da reencarnação:** Nenhuma.

**2º Texto:** Constatamos o mesmo acontecendo a João Batista

***Mateus 14:11***

*10 E mandou **degolar João** no cárcere.*

*11 E a sua cabeça foi trazida num prato, e dada à jovem, e ela a levou a sua mãe.*

**Resposta dos opositores da reencarnação:** Nenhuma.

**3º Texto:** Lei do carma ou Lei de causa e efeito

***Mateus 26:52***

*52 Então Jesus disse-lhe: **Embainha a tua espada; porque todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão.***

**Resposta dos opositores da reencarnação:** O texto citado em apoio, Mateus 26:52, diz sobre a autoridade estabelecida como “ministro de Deus” (Rm 13:4) a estabelecer uma pena por um delito, no caso em questão, a pena de morte vigente (olho por olho – dente por dente), que

fora alertado por Cristo a Pedro, que usou, literalmente, sua “espada” contra o soldado romano.

**Refutação:** Estariam **provavelmente** certos na resposta **se em nenhum outro lugar a Bíblia falasse acerca desse princípio**. Então poderíamos **elucubrar** em cima disso, e supor que fosse mera alusão circunstancial, por força de “lei vigente da época”. O ocorrido a João Batista foi o cumprimento da lei do carma, e ela se traduz neste princípio: “todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão”. Sobre esse texto, faremos uma pergunta à qual pretendemos responder mais adiante. A pergunta é:

Diante da existência de outras referências, quando Jesus disse “todos os que lançarem mão da espada, à espada morrerão” (Mateus 26:52), ele o fez apenas levando em conta a “pena de morte vigente” (como defendem os opositores da reencarnação) ou será que aproveitou a ocasião e expôs um princípio?

Acreditamos que a verificação das referências nos ajuda a elucidar o caso, daí porque trouxemos todas elas. Comentaremos Mateus 7:12 argumentando que aquilo que fizemos aos semelhantes faremos a nós mesmos. Dissemos ainda que Jesus aconselhou a prática do bem para que fôssemos desse bem merecedores, porque a paga divina acontece a cada um **segundo as suas obras**, e com tudo isso parecem concordar, à exceção de que “tudo isto é nesta vida, enquanto ainda podemos achá-IO (Is 55...), pois tal retribuição nesta vida ou em vida futura não é, definitivamente, a lei do carma e o que trata o texto de Mateus 7:12, assim como todas as demais referências citadas das Escrituras”. As passagens que citamos foram estas: Jó 34:11; Salmo 28:4; Provérbios 12:14;24:12,29; Isaías 3:11; Lamentações 3:64; Ezequiel 18:20; 33:20; Eclesiástico 16:15; Mateus 16:27; 26:52; Romanos 2:6; II Coríntios 5:10; 9:6; 11:5; Gálatas 6:7; II Timóteo 4:14; Tiago 2:24; I Pedro 1:17; Apocalipse 2:23; 13:10; 22:12. Cabe aqui esclarecer que ao dizermos “lei do carma” ou “lei de causa e efeito”, estamos falando justamente da lei de retribuição “segundo as suas obras” consagrada pelas escrituras, e, portanto, repetindo este mesmo princípio contido em todos os versos acima. Este princípio é universal e, quer aceitemos ou não, estamos sujeitos a ele. Uma pessoa

pode, por exemplo, não aceitar a lei da gravidade, e, no entanto, isso não impede que ela recaia se acaso ela quiser desafiar e comprovar a inexistência dessa lei. Embora os opositores da reencarnação relutem em aceitar a “lei do carma”, este é e sempre será o **critério de julgamento** a ser usado não somente nesta vida, mas também em vida futura. Esta lei afeta, e muito, a vida futura. Estando de posse desses dados, e desfeitos todos os equívocos, pensamos que agora podemos pegar a explicação dos opositores da reencarnação sobre Mateus 26:52, ver se ela é de fato circunstancial e se isso ressalta em todos os textos citados. Isso ajudará o leitor a tirar suas próprias conclusões, na resposta à pergunta formulada. Ficamos com a segunda alternativa: Jesus aproveitou a ocasião e expôs um princípio.

### **16.8. Elias, Eliseu e João Batista**

Voltando aos comentários sobre Lucas 1:17, os opositores da reencarnação se esforçam por associar a expressão “com o mesmo espírito” ao texto de II Reis 2:15, onde se diz que “**O espírito de Elias repousa sobre Eliseu**”. Eles nos dizem, que em “relação à expressão ‘**com o mesmo espírito**’, que também encontramos em II Reis 2:15, e que significa ‘no mesmo ímpeto, semelhante’ e que reforça a tese de que João Batista desempenharia o mesmo ministério de Elias, com o mesmo ímpeto e força deste”. Os opositores da reencarnação ainda alegam que “o próprio versículo diz ‘no espírito’, pois **se o texto fosse tratar de reencarnação de Elias**, ele teria que estar escrito assim: ‘**com o espírito**’”, Mais adiante, uma das crenças dos opositores da reencarnação é que “as expressões ‘com o mesmo espírito’ são as mesmas com relação a Elias e Eliseu”. Já vínhamos discutindo há tempos e mostrando a inocuidade do argumento apresentado. Basta-se verificar os dois textos para constatar que a expressão “com o mesmo espírito” só existe em Lucas. Trata-se de outra conotação. No primeiro caso, o de II Reis, podemos sim concordar com os opositores da reencarnação, mas no segundo trata-se do cumprimento de uma profecia, a qual já foi demonstrado, somente Elias pode cumprir. O texto de Lucas, devidamente analisado e **comparado** a textos paralelos que tratam do mesmo assunto: a vinda de Elias, mostra uma riqueza de significado muito além da que pretende os opositores da reencarnação, e já mostramos o alcance disso, que vai muito além de significar meros

“profetas semelhantes”.

### **16.9. Expressões idênticas? Contextos idênticos ou diferentes?**

Discutiremos este tema, com base em quatro pontos, aos quais enumeramos abaixo:

**PONTO 1:** Não podemos comparar coisas situadas em contextos diferentes, especialmente para forçar uma palavra ou expressão a ter forçosamente o mesmo sentido em todos os textos. Diante deste nosso raciocínio, dizem os opositores da reencarnação que “o contexto histórico é diferente, mas as expressões, no contexto bíblico, idênticas, e denotam que Eliseu substituiria Elias à altura, tendo o mesmo ímpeto deste. Repare que isto ocorre imediatamente após o arrebatamento de Elias pois, antes deste evento, ele divide as águas ao meio (II Reis 2:8) e, logo depois do arrebatamento semelhante feito, da mesma forma, sucede com Eliseu (II Reis 2:14)”. Em resposta, temos como as tais “expressões idênticas” não existem no contexto bíblico. Ainda falta aos opositores da reencarnação prová-las, porque em todas as traduções a que recorreremos não encontramos o que eles chamam de “expressões idênticas”.

Que os leitores abram suas Bíblias nos dois textos: II Reis 2:15 e Lucas 1:17, e acompanhem nosso raciocínio. No primeiro texto temos a expressão “o espírito de Elias repousa sobre Eliseu”, o segundo diz que “irá adiante dele no espírito e virtude de Elias”. O primeiro texto menciona personagens contemporâneos: Elias e Eliseu. O segundo menciona personagens que viveram em épocas distintas, separadas por um hiato de vários séculos: Elias e João Batista. O primeiro texto elimina qualquer possibilidade de reencarnação, pelo fato de os personagens serem contemporâneos, e também elimina a possibilidade de influência de um morto sobre um vivo, haja vista que para isso Elias teria que, por óbvio, estar morto e isso é desmentido por sua carta enviada ao rei Jeorão anos após, conforme já deixamos devidamente comprovado. O segundo texto não elimina a possibilidade de reencarnação, porque os personagens não são contemporâneos, um existiu séculos antes, outro estava por nascer. O que até o momento seria mera hipótese passa a ser fato, a partir do momento em que o anjo declara nele o cumprimento



de uma profecia de Malaquias, e esta profecia como vimos não abre margem à possibilidade de algum outro, que não seja o próprio Elias, vir cumprí-la. Jesus também interpretou a profecia dessa forma. E tudo isso também foi devidamente discutido. O que os opositores da reencarnação entendem como “expressões idênticas” só poderia ser, na melhor das hipóteses, um significado implícito e aceito em ambas as passagens, o de ter “o mesmo ímpeto”, embora no segundo texto **não podemos nos ater somente a este significado** sem violar os quesitos da profecia, e por ela estar associada a outros textos que confirmam reencarnação. Os opositores da reencarnação mencionam que “entendemos ser os frutos dos ministérios prova inequívoca de que se trata da mesma identidade espiritual” e ignoram que no nosso entender isso depende de uma convergência de vários outros relatos, fato que inexistente para o caso de Eliseu. É o que discutiremos no ponto seguinte.

**PONTO 2:** Um foi o caso de Elias e João Batista, aliás corroborada por uma convergência de vários outros relatos que apontam para a mesma direção: reencarnação. Diante deste nosso raciocínio, dizem os opositores da reencarnação que é “estranho que tal convergência de vários outros relatos são apenas utilizados quando convém, por isso a tentativa de fugir o máximo que se pode **da mesma expressão** ‘com o mesmo espírito’ de Elias que se encontrava em Eliseu, pois reparem que exatamente após o evento descrito acima do arrebatamento, os filhos dos profetas descritos no versículo seguinte identificaram Elias em Eliseu (o espírito de Elias repousa em Eliseu), não como reencarnação, é lógico, algo que nem mesmo o espiritismo atribuiria pois conforme esta doutrina Eliseu já teria o seu desencarnado mas, sim, como desempenhando uma função semelhante”. Contudo não há qualquer tentativa nossa de “fugir o máximo que se pode **da mesma expressão** ‘com o mesmo espírito’ de Elias”, mesmo porque já comprovamos que essa “mesma expressão” inexistente nos dois textos. Quando se falou de alguém contemporâneo, dizendo, por exemplo, que “o espírito de Elias repousa em Eliseu”, não houve identificação de “Elias em Eliseu”, porque isso não significa que Elias é Eliseu ou vice-versa. Não existe para isso a convergência de vários outros relatos, que mencionamos em relação ao que ocorre com João Batista. Portanto, o argumento apresentado pelos opositores da reencarnação cai por terra, primeiro porque visava combater a convergência de vários outros relatos

embora nada tenha apresentado contra isso, segundo por ser imprópria a comparação, haja vista a falta dessa mesma “convergência” para um dos casos.

**PONTO 3:** Forçoso é querer ou pretender que o texto em lide sobre Elias e Eliseu implique, através de um grosseiro truque de retórica, em reencarnação. Diante deste nosso raciocínio, dizem os opositores da reencarnação que “queremos que eles entendam que os textos falam sobre reencarnação, mas não é o que foi apontado nos pontos 1 e 2”. Contudo, neste ponto, o que chamamos truque de retórica é o argumento, segundo o qual ao se entendermos Lucas 1:17 como reencarnação seríamos forçados a entender de que a expressão de II Reis implicaria igualmente em reencarnação. Nas explicações contidas nos pontos 1 e 2, de fato eles não disseram isso. Mas disse na resposta que motivou nossos comentários, como um truque de retórica, resposta essa colocada com um “apanhado geral”. Segue o trecho: “Portanto, **se formos interpretar com o mesmo espírito, como sendo uma prova de reencarnação**, ficará difícil para o espiritismo provar como Eliseu, que viveu a mesma época de Elias e, segundo a doutrina que professa, já possuiria o seu ‘desencarnado’ nele encarnado, **poderia ser reencarnação também de Elias**”. Embora seja um ardid que muitas vezes confunde leitores é o uso de falsas premissas. Tal é o caso acima, no qual os opositores da reencarnação fazem uso de premissa falsa para induzir ou sugerir aos leitores de que para o espiritismo o uso da expressão ‘com o mesmo espírito’ seria, de per si, uma prova de reencarnação, o que não é o caso, uma vez que no parágrafo anterior da mesma mensagem, eles mesmos reconhecem não ser este o argumento espírita, além do que no texto por ele citado a expressão é inexistente. Vejamos: “logo após o arrebatamento, encontraremos em I Reis 2.15 que ‘O espírito de Elias repousa sobre Eliseu’”. Pode-se interpretar de forma literal essa passagem? Não! **Não se tratava de reencarnação, nem mesmo para o espiritismo**, pois além deles terem vivido na mesma época, segundo esta teoria Eliseu já possuiria o seu “desencarnado” nele encarnado e, portanto, não poderia ser reencarnação do outro”. Pensamos serem suficientes estes fatos, para elucidar o que dissemos sobre o truque de retórica. Se continuarem insistindo sobre entendimentos não aceitos pelo Espiritismo para combatê-lo, ainda que à nível de hipótese, tal fato não passará daquilo

que dissemos: um truque de retórica, apenas.

**PONTO 4:** Seria mais fácil ao nosso opositor tentar encontrar pelo em ovo ou chifres em cabeça de cavalo, pois certamente não encontrará na Doutrina Espírita semelhante descalabro. Precisamos analisar cada texto dentro de seu contexto, o bom senso assim o exige. Diante deste nosso raciocínio, dizem os opositores da reencarnação que **“com certeza a doutrina espírita não prega que Eliseu seja a reencarnação de Elias**, também não afirmamos isto, nossa colocação foi a de que **se formos pegar literalmente a expressão** ‘com o mesmo espírito’ e os frutos dos ministérios como sinônimo de mesma identidade espiritual, terá o espiritismo dificuldade com o texto de II Reis 2:14 e os personagens bíblicos Elias e Eliseu, que viveram na mesma época e não podiam ser um a reencarnação do outro. Por conta disto entendemos que não é a toa que os espíritas tentam desassociar as mesmas expressões”. Embora, é por isso que não podemos associar as duas expressões, exatamente por não serem as mesmas e por tratarem de casos diferentes, situados em contextos diferentes. Sendo assim, por constatarmos igualmente a falta de toda aquela mesma “convergência” para o caso de Elias e Eliseu, podemos descartar por completo a existência dessa tal “dificuldade”. Se a doutrina espírita não prega que Elias reencarnou em Eliseu, fica confirmado que não se encontra nela semelhante descalabro, sendo isto apenas invenção dos opositores da reencarnação.

## **17. A salvação de todos**

Trataremos agora de outro desdobramento do debate, a salvação de todos. Segundo os salvacionistas, isto é algo que a Bíblia não ensina. É isto o que discutiremos na sequência.

### **17.1. Razão infalível – será mesmo?**

Sugerimos aos opositores da reencarnação uma visão mais racional das coisas, em resposta eles dizem que “os espíritas correm o risco até de contradizer o codificador da doutrina em que professam sua fé, estampada na frase de Kardec: **‘O homem que julga infalível sua razão está bem próximo do erro’**”, e de fato correríamos este risco se

nachássemos infalível nossa própria razão, motivo pelo qual pedimos a eles uma visão mais racional do que a nossa. Eles prosseguem: “Sendo assim, o mesmo parte de uma premissa da qual entendo que não fugirá”, e nem preciso mesmo fugir dela, pois com essa premissa eles mesmos concordam ao citar a frase de Kardec que trazemos em nosso estudo. O que talvez não concordamos é sobre a relação razão x discernimento, o que discutiremos na sequência.

### **17.2. Discernimento espiritual – acima ou abaixo da razão?**

Embora os opositores da reencarnação concordem com a razão não infalível, eles alegam que ao pedir isso, estamos contrariando, de imediato, a Bíblia, na qual afirma que todas as coisas espirituais são discernidas espiritualmente (I Cor 2:14-15, Hb 4:12), e assim nos levam a deduzir que “discernimento espiritual” precisaria ser contrário à razão, ou estar abaixo dela, para ser o que é. Acreditamos que o “discernimento espiritual” pode transcender nossa razão, ou estar acima dela, mas nunca contrariá-la. As passagens que eles citam em seu apoio não sustentam essa possibilidade. O primeiro texto não diz que o “discernimento” seja contrário à razão, mas sim à falta de compreensão das coisas espirituais. A compreensão de alguma coisa está umbilicalmente ligada ao uso da razão, e o “homem natural” que não está disposto a aceitar “coisas espirituais”, tampouco buscará compreendê-la, pois que para isso terá que primeiro exercitar a humildade e reconhecer a sua ignorância em relação a certas coisas que lhe escapam de seus “cinco sentidos”, mas para fazer isto é necessário usar o raciocínio, aliado ao desejo de aprender e assim assimilar novos conhecimentos. Já o segundo texto fala em “discernir os pensamentos e intenções do coração”, e isto em nada vem a ser um obstáculo ao uso da razão.

### **17.3. Soberania e “vontade permissiva”**

Fizemos comentários da visão dos opositores da reencarnação sobre o que eles chamam de “vontade permissiva do Pai”. Dissemos que “quando se afirma que o Pai quer a salvação de todos, isto não significa, de fato, aquilo que ele diz querer. E com esse malabarismo de palavras, parece estar a concluir que a vontade do Pai é assim como a

de certos chefes de governo, sem força, sem prestígio, sem moral. Nossa visão é diferente, e até que se ofereça uma visão mais racional das coisas, pensamos que não há salvação de penas eternas, assim como não há condenação irremissível. A condenação consiste em permanecerem os homens em trevas espirituais, enquanto as suas obras forem más (Jo 3:19). Porque não sabem o que fazem. Deus perdoará os maus no dia em que se voltarem para Ele dispostos a corrigir seus erros, e assim cumprir-se-á seu beneplácito: **Deus quer que todos os homens se salvem e cheguem ao conhecimento da Verdade (1 Tm.2:3,4)**. Ora, o que Deus quer, fatalmente se realiza, porque a Sua Vontade é Suprema, não está sujeita às contingências próprias da vontade humana. Podemos ‘querer’, mas de quantas coisas depende a realização da nossa vontade! Assim, o nosso ‘querer’ não passa de um ‘desejo’ nem sempre realizável, porque sujeito às limitações inerentes à nossa imperfeição. Porém a vontade de Deus é causa geradora, do contrário não seria perfeito, e tampouco exerceria alguma Soberania. E é inadmissível a mais leve restrição à Sua **Soberania**, daí o afirmarmos que tudo o que Ele quer necessariamente acontece: *Eu sou Deus; também de hoje em diante, eu sou; e ninguém há que possa fazer escapar das minhas mãos; operando eu, quem impedirá? (Is 43:13)*. Por acaso **operaria Deus contra** a sua Vontade? Absolutamente não, como já mencionamos novamente repetimos, Deus jamais violaria Sua própria Soberania, pois **Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse-lhes: Todo reino dividido contra si mesmo é devastado; e toda cidade, ou casa, dividida contra si mesma não subsistirá. (Mt 12:25)**. De modo que, repetimos: **Toda a terra se converterá ao Senhor e todas as nações adorarão a sua face. (Sl 22:27)** Agora vamos à análise desse texto.” E na contraproposta disso tudo, que ele chama de “vontade permissiva”, nada apresentam de argumentos senão apenas citações, como se estas por si resolvessem o problema lógico e conceitual que disso decorre.

#### **17.4. Mateus 25 e as “penas eternas”**

Os opositores da reencarnação alegam que abandonamos na continuidade do debate, sobre o julgamento das nações em Mateus 25, negligenciando, é claro, o texto final em que fala da condenação **eterna** aos que não estiverem à destra do Pai. Eles presumem que

“abandonamos” o tema por não ter, segundo eles, dado respostas à altura da “explicação” oferecida por eles. Relacionaremos o que eles dizem sobre o texto, e ver se em algum momento ele refutam mesmo o que dissemos. Dizem eles: “quero afirmar aqui que aceito Mateus 25:31, assim como aceito Mateus 7:22-24. Os cristãos, salvos pela fé e preparados para as boas obras, aqueles que não negligenciam o amor ao próximo, mas também sabem que **apenas isto é insuficiente para sua Salvação**, a estes, conforme Mateus 25:34 possuirão ‘por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo’. A estes, no julgamento das nações (que é o tema de Mateus 25:31-46), será concretizada a posse do reino preparado desde a fundação do mundo.” O que ocorre é que a resposta contradiz escandalosamente o cerne da questão esclarecida pelo texto, pois o motivo de possuírem esta “herança” é justamente o que se encontra exarado nos versos 36 e 37: “porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber;...”. Este era o motivo, a causa única da salvação apresentada pelo Cristo na parábola. E com o agravante de que eles (os justos) nem sabiam **por que** estavam salvos: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? quando te vimos forasteiro, e te acolhemos? ou nu, e te vestimos? quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? quando... quando... quando? Até aqui, nada dizem os opositores da reencarnação para combater o que dissemos sobre não existirem ‘penas eternas’ e “condenação irremissível”. O assunto ali tratado era outro, discutíamos sobre “salvação pelas obras”, o que pelo tamanho da resposta e por não achar conveniente ao cerne deste estudo achamos por bem não comentar. Ademais, existem textos que já abordam estes outros temas: **“A fé sem obras está morta”, “Seremos salvos ou temos que nos salvar?” e “Reencarnação ou Penas eternas?”**.

Mesmo assim, comentarei sobre “penas eternas” porque ele parece estar se referindo aos versos abaixo:

*41 Então dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o **fogo eterno**, preparado para o **Diabo e seus anjos**;*

*46 E irão eles para o **castigo eterno**, mas os justos para a **vida eterna**.*

Os salvacionistas haviam dito que “É incrível como o ensino do espiritismo se contradiz numa mesma passagem, em tão poucas linhas. Primeiro o codificador da doutrina espírita diz, conforme vimos mais acima”. Destacamos nos versos, e comentaremos o que eles pensam ser “contradição”. A polêmica questão acerca do “**diabo e seus anjos**” já estão em refinadas, discutidas e amplamente relatadas no nosso texto: “**Satanás, quem é? Demônios, quem são?**”.

### **17.5. Existe condenação irremissível?**

Embora a questão das “penas eternas” já tenha um texto específico (e **citado**), faremos uma breve digressão sobre o caso. Os opositores pretendem que à palavra “eterno” ou “eterna” subentenda-se uma condenação irremissível. O que significa condenação eterna, fogo eterno e vida eterna nestes textos? Para responder a isto é sempre bom verificar o que outras passagens dizem sobre isso. Em Judas 7, por exemplo, está escrito que Sodoma e Gomorra “*foram postas como exemplo, **sofrendo a pena do fogo eterno***”, e Pedro diz que “*reduzindo a cinza as cidades de Sodoma e Gomorra, condenou-as à destruição, havendo-as posto para exemplo aos que vivessem impiamente*”. Isso significa que não estão queimando até hoje, do que podemos concluir que “fogo eterno” significa “destruição”. É claro que não é destruição definitiva, pois isto seria uma condenação irremissível e de acordo com Jesus, “...*haverá menos rigor para a terra de Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade*”. Sendo assim, a expressão “fogo eterno” não pode ser tomada literalmente. Em Filemon aparece a expressão “para sempre” (vs.15) e se refere ao tempo de vida de uma pessoa, no caso o escravo Onésimo. Isaías 34: 9, 10 nos diz que:

*9 E os ribeiros de Edom transformar-se-ão em pez, e o seu solo em enxofre, e a sua terra tornar-se-á em pez ardente.*

*10 Nem de noite nem de dia se apagará; para sempre a sua fumaça subirá; de geração em geração será assolada; pelos séculos dos séculos ninguém passará por ela.*

É sabido que os edomitas desapareceram há séculos. Obadias 16 deixa claro que isso provocou uma total destruição. Jeremias 17:27, em profecia contra Jerusalém, fala o profeta em fogo que seria aceso e

“não se apagará”, e isto se cumpriu de acordo com os relatos de II Crônicas 36:19 a 21 “*para se cumprir a palavra do Senhor proferida pela boca de Jeremias, até haver a terra gozado dos seus sábados*”. Em Isaías 32:14-15 encontramos “para sempre” com duração de prazo limitado, ou seja, “até que” alguma coisa viesse a ocorrer. O texto diz:

*“Porque o palácio será abandonado, a cidade populosa ficará deserta; e o outeiro e a torre da guarda servirão de cavernas **PARA SEMPRE**, para alegria dos asnos monteses, e para pasto dos rebanhos; **ATÉ QUE** se derrame sobre nós o espírito lá do alto, e o deserto se torne em campo fértil, e o campo fértil seja reputado por um bosque.”*

Acreditamos que estas amostras, acima, são suficientes para implodir e “reduzir a cinzas” o dogma imoral das “penas eternas”, pois agora temos uma dimensão mais aproximada do significado de palavras mal traduzidas e que não exprimem corretamente em nossa língua o seu sentido original.

Existe todo um dilema em torno deste dogma, pois segundo as “penas eternas” no inferno são **nivelados** os grandes e pequenos criminosos, os culpados de momento e os reincidentes contumazes, os endurecidos e os que não tiveram tempo de se arrependerem. Além disso, nenhuma oportunidade de escape se oferece; a falta momentânea pode acarretar uma condenação eterna e, o que é pior, qualquer benefício que porventura hajam feito de nada lhes valerá. Ora, como ficaria neste caso a aplicação do critério ratificado por Jesus: **a cada um segundo as suas obras?**

Aos que não creem em Jesus, é verdade, nada mais resta do que a condenação, mas esta nunca tem caráter irremissível, e nela permanecem os culpados “para sempre”, entenda-se, somente “*enquanto não pagares o último centil*” (Mt 5:26). Passaremos agora ao outro argumento apresentado pelos opositores da reencarnação: o “verso áureo” de João 3:16.

## **17.6. O verso áureo e a “vida eterna”**

Este verso é um dos mais conhecidos da Bíblia. Está em João



3:16 e assim nos diz:

*Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que **todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.** (Jo 3:16)*

Qual é o sentido de “perecer” e “vida eterna”? Algumas reflexões se fazem necessárias para isso. O texto começa dizendo que Deus possui um grande amor por nós, e isso o levou enviar seu Filho. Existe uma condição a ser cumprida para não perecer: crer nele. Mas crer em que? É claro que este crer se refere a seus ensinamentos, pois do contrário sua vinda a este plano e sua morte teria sido em vão. Aquele que crê em seus ensinamentos, recebe a “vida eterna” ou “vida imanente”, que é uma vida de comunhão espiritual com ele, uma vida de qualidade, voltada à verdadeira adoração. O sentido de “vida eterna” não tem a ver com duração, pois isso induziria a crer que quem não crese não teria a vida eterna e, portanto, seu espírito seria destruído, aniquilado. Mesmo admitindo o absurdo do “castigo eterno”, ainda assim o espírito teria a vida eterna, embora não crendo em Jesus. Por isso, o sentido não tem a ver com duração, e sim com qualidade, com a verdadeira adoração. Se buscarmos, veremos que o sentido de “vida eterna” é dado pelo próprio Jesus, no evangelho de João, que é o que emprega mais vezes essa expressão (25 vezes, contra 20 nos demais livros do chamado NT). Ele a define dessa forma:

***“E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, como o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, aquele que tu enviaste”***  
(Jo 17:3).

Esse texto nós já havíamos comentado anteriormente. Juntando as duas passagens, percebemos que “todo aquele que nele crê” deve possuir uma correta noção sobre Deus e sobre Jesus, sabendo de antemão que a verdadeira adoração a Deus envolve a rejeição peremptória de teorias esdrúxulas como a trindade ou unicidade, uma vez que Deus e Jesus são pessoas distintas, um é maior e mais poderoso do que o outro, e apenas um deles (e não dois ou três) cumpre o papel de “**único Deus verdadeiro**”. De acordo com salvacionistas, “Cristo condiciona a vida eterna a quem crê, e alguém crê nesta vida, e logo após compara que quem não crê já está julgado”,

o que significa que eles, os salvacionistas, já está julgado, porque não crê de acordo com os quesitos exarados pelo Mestre em 17:3 e, por conseguinte, ainda não possui a “vida eterna”, está fadado a continuar perecendo como perecia os “donos da verdade” daquela época, inimigos de Cristo. Como podemos ver, o “verso áureo” embora seja mais um texto lançado contra o Espiritismo, traz uma verdade que longe de apoiar as tão famigeradas “penas eternas”, tem efeito de um tiro que lhe sai pela culatra.

### **17.7. “Enquanto se pode achá-lo” – quanto tempo dura e o que significa?**

Um dos argumentos usados a favor da graça divina com “prazo de validade” é Isaías 55:6. O texto diz:

*“Buscai ao SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto.” (Isaías 55:6)*

Naturalmente, entendem alguns que tal prazo se extinguiria com a morte física. Dessa forma estaria firmada a tese da vida única e, destarte, poderíamos rejeitar as vidas sucessivas. Esta é a óptica dos salvacionistas e tantos outros que, ao que parece se arvoram em “paladinos da verdade” para combater um dos pilares do Espiritismo que mais os preocupa: a reencarnação. Este é o argumento: “Se Cristo condiciona a vida eterna a quem crê, e alguém crê nesta vida, e logo após compara que quem não crê já está julgado, claro está que Cristo nos dá ensinamentos para serem observados enquanto ainda se pode achá-LO (Is 55:6)”. Em primeira instância, podemos dizer que a frase “**alguém crê nesta vida**” é um ingrediente necessário colocado pelos salvacionistas, com o fito de dar um pouco de suporte às suas pretensões em relação ao texto de Isaías. Se o espírito sobrevive e permanece consciente após a morte, é claro que essa premissa, presumimos que seja aceita pelos salvacionistas, estes creem pode ser agora ou após, nada há que impeça uma pessoa consciente de crer. Consciência pressupõe a capacidade de reflexão, e com esta o poder de tomar ou de mudar decisões, este poder é requisito indispensável para alguém crer ou não em alguma coisa, e mesmo se arrepender. Havíamos dito que a condenação consiste em permanecerem os homens em trevas espirituais, enquanto as suas obras forem más (Jo

3:19), ao que os salvacionistas retrucam que “neste contexto, mais uma vez ignorado, mostra que se as obras continuarem más, nada mais resta do que a condenação, uma vez que **quem não crê em Cristo em vida já está julgado**; porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus. (v. 18)”, e para dar suporte a isto eles acrescentam o argumento retrocitado. O problema é que ali nada se diz de que o ato de crer seja limitado a esta vida, mas como dissemos e repetimos, é acréscimo dos salvacionistas. O argumento que apresentamos continua válido. Basta a qualquer pessoa ler os versos 18 e 19. O verso 18 diz que quem não crê já está condenado e o 19 explica o porquê: “porque as suas obras eram más”, ou seja, aquilo que havíamos dito. O texto não diz que essa condenação é eterna, e Isaías 55:7, verso seguinte ao citado pelos salvacionistas, deixa clara a possibilidade desse quadro se **reverter**, o que implica que o “estar condenado” termina quando o ímpio “deixa o seu caminho, e o homem maligno os seus pensamentos, e se converte ao Senhor”. Por que se reverte esse quadro? O próprio verso (7) nos responde: “*porque grandioso é em perdoar*”, “*porque a sua benignidade dura para sempre*” (SI 136). Ora, que grandiosidade é essa em perdoar e que benignidade é essa que “dura para sempre” enquanto ao mesmo tempo fecha as portas do perdão aos que não aproveitaram ou **não tiveram oportunidade** disso? Este é o caso da esmagadora maioria das pessoas que passaram pela vida neste orbe. Uma pergunta que ecoa sem respostas minimamente aceitáveis, sob o ponto de vista lógico, é: que destino teriam essas pessoas? Na proposta dos salvacionistas, se uma pessoa não conheceu o evangelho, tendo ou não tido oportunidade para tal, ela já tem um destino: sofrer **a ira e a vingança de Deus**.

Diante disso, como podemos entender o texto de Isaías? Ele significa que após esta vida ou após um dado momento Deus irá se afastar de nós e fechar os seus ouvidos para sempre? Acreditamos que não. Jesus nunca disse isso. Verificamos nas nossas Bíblias, as referências para as quais que esse texto apontava, e encontramos:

**Mateus 5:25**

*25 Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele; para que não aconteça que o adversário te entregue ao guarda, e sejas lançado na prisão.*

26 *Em verdade te digo que **de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceitil.***

À luz desse texto fica claro que não adianta buscar ao Senhor ou invocá-lo, se já estiver “lançado na prisão”, e isso dura até “pagares o último ceitil” ou até que a justiça divina esteja plenamente satisfeita. Isso evidencia a realidade das penas proporcionais (e não eternas), estabelecida pelo Cristo:

*“Alguns serão castigados **com poucos açoites**, outros **com muitos**” (Lc 12:47,48).*

Aqui temos, claramente exposto, o fato de que todos os homens **não serão punidos da mesma maneira** ou com a mesma intensidade, mas receberão uma punição proporcional às suas culpas. Entendemos que a ligação deste texto com o de Isaías relaciona-se ao fato de que o ato de buscar ou invocar o Senhor deve ser feito antes dos açoites, a ponto de evitá-los. Está ligado aos açoites, e não à capacidade de perdão divino.

**João 7:34-35**

*34 Vós me buscareis, e não me achareis; e onde eu estou, vós não podeis vir.*

*35 Disseram, pois, **os judeus uns aos outros**: Para onde irá ele, que não o acharemos? Irá, porventura, à Dispersão entre os gregos, e ensinará os gregos?*

**João 8:21**

*21 Disse-lhes, pois, Jesus outra vez: Eu me retiro; buscar-me-eis, e morrereis no vosso pecado. Para onde eu vou, vós não podeis ir.*

*22 Então diziam **os judeus**: Será que ele vai suicidar-se, pois diz: Para onde eu vou, vós não podeis ir?*

Verso anterior:

**Isaías 55:5**

*Eis que chamarás a **uma nação que não conheces, e uma nação que nunca te conheceu a ti correrá, por amor do Senhor teu Deus, e do Santo de Israel; porque ele te glorificou.***

As duas passagens de João parecem estar ligadas ao povo judeu, numa alusão a um tempo futuro (em relação ao texto acima) de pregação das boas novas aos gentios, mas nada há que indique que os judeus estão fora do alcance da misericórdia divina. Jesus se dirige àqueles que não o receberam, aos endurecidos no pecado que o buscarão em vão, apenas para escapar das consequências, e não com genuíno arrependimento, já que estão endurecidos no pecado.

### ***II Coríntios 6:1-2***

*1 E nós, cooperando com ele, também vos exortamos a que não recebais a graça de Deus em vão;*

*2 (porque diz: No tempo aceitável te escutei e no dia da salvação te socorri; **eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação**);*

### ***Hebreus 3:13***

*13 antes exortai-vos uns aos outros todos os dias, **durante o tempo que se chama Hoje**, para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado;*

Estes versos evidenciam que devemos buscar e invocar o Senhor “para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado”, porque se chegarmos a esse estado não o buscaremos e nem o invocaremos, e então chegarão os “açoites”, dos quais não escaparemos. Mas os “açoites” não são eternos, estes, sim, têm duração com “prazo de validade”.

## **17.8. Salmo 22 e a “salvação de todos”**

Embora os salvacionistas relutem, esperneie e nos digam que “a não ser que ignoremos as demais passagens bíblicas sobre o assunto, que dá vazão a afirmar que toda a terra se converterá ao Senhor (Sl 22:27) fale sobre uma salvação a todos, indistintamente”, a verdade é que esse texto diz exatamente isso, e não abre margem a exceções. Os

debatedores em seu esforço hercúleo asseguram que “vale a pena reprisar, este versículo está dentro de um contexto específico, envolvendo a volta dELE em seu reino (v. 28)”, e este verso 28 diz “**porque o domínio é do Senhor, e ele reina (não diz reinará) sobre as nações**”, ou seja, ele tem soberania sobre tudo e, como já dissemos, vale a pena reprisar: tudo o que Ele quer necessariamente acontece, **operando eu, quem impedirá?** (Is 43:13). Portanto, não procede o que eles dizem: “Não são TODAS as pessoas de todas as faces da Terra, como quer os espíritas” porque não somos nós que queremos, mas o próprio Deus e se ele quer, não é a nossa vontade ou a dos salvacionistas que mudará alguma coisa, mas... como uma palavrinha que está no texto incomoda a quem quer buscar na Bíblia meios para defender sua doutrina e não encontra!

### **17.9. Pregação aos mortos – verdade ou mentira?**

Dissemos que “a Bíblia diz que foi pregado o evangelho até aos mortos (I Pe 4:6; I Pe 3:19), e sendo nós espíritos imortais, estaremos sempre em vida e, portanto, em condições de aceitar e buscar a Deus.” Embora os salvacionistas reclamem que “Este assunto desvirtua um pouco mais o tópico, uma vez que há diversas linhas de interpretação entre os evangélicos destes versículos” e assegure que faria algumas considerações rápidas e caso alguém ou nós quiséssemos. Faremos aqui mesmo as nossas considerações e nos colocando aberto a este convite, caso alguém solicite, como queiram. A análise rápida dos salvacionistas se centraliza no argumento de que “o termo ‘pregou’ pode adquirir outros significados, pois no original também implicaria em anunciar, comunicar, não exatamente pregar para fins de salvação e sim, para proclamar sua vitória aos santos que viveram antes de Cristo e, pela fé, esperavam pelo Messias prometido”, mas cabe observar que isso foi hipótese e não uma refutação. E se o texto diz que foi pregado o **evangelho até** aos mortos, é porque os mortos não conheciam o evangelho, se diz “**até**” é porque este era o mesmo evangelho pregado aos vivos, o que indica que as portas da misericórdia divina está aberta a todos: vivos e mortos. É notório que os salvacionistas admitiram que sua alusão acima foi uma hipótese e definiu sua posição: “somos da linha de que este versículo remete à pregação que foi feita **nos dias de**

**Noé**". Somos da opinião de que a pregação aos mortos citada por Pedro, foi direcionada não aos santos que viveram antes de Cristo, mas a **espíritos em prisão** (daí o porquê da pregação do evangelho) e ocorreu **num outro tempo** (posterior) e não **nos dias de Noé**. E é isto o que será devidamente analisado e comprovado em seguida.

### **17.10. Pregação aos “espíritos em prisão” – antes ou depois dos “dias de Noé”?**

O texto a ser analisado tem sido objeto de muitas controvérsias, mesmo entre evangélicos, para quem o “espírito santo” deveria ter unificado e guiado a “toda a verdade”, a despeito do que ocorre na prática. Vejamos o texto:

#### ***I Pedro 3***

*19 no qual também foi, e pregou aos espíritos em prisão;*

*20 os quais **noutro tempo** foram rebeldes, **quando** a longanimidade de Deus esperava, **nos dias de Noé, enquanto** se preparava a arca; na qual poucas, isto é, oito almas se salvaram através da água,*

Os salvacionistas entendem que “este versículo remete à pregação que foi feita **nos dias de Noé**”. Eles alegam que “resumidamente, Cristo, através do Espírito Santo, **na vida de Noé**, pregou aos contemporâneos deste, que são referidos como “espíritos em prisão” em I Pe 3.19, ou seja, aos que, em outro tempo, foram rebeldes, nos dias de Noé”, o que significa que, para eles, o tempo da pregação e o tempo da rebeldia referida foi o mesmo. Para isto, ele também menciona Lucas 4:19 associado a Isaías 61:1 para mostrar que “espíritos em prisão” não se trata de mortos e, sim, de vivos que não conhecem a palavra do Senhor. Os textos aludidos falam de “cativos”, mas não diz que estes sejam somente os vivos. Se alguém morre sem conhecer o evangelho, continua sendo um “cativo” ou “espírito em prisão”. Sua finalização foi de que “O evangelho foi pregado àqueles que creram e posteriormente morreram, a fim de que tivessem a vida eterna com Deus”, e isso estaria correto **se não houvesse no texto** (4:6) a partícula “**até**”, que inclusive já comentamos. Agora que foi

exposta a posição dos salvacionistas, resta-nos compará-la com o texto e ver se assim procede. Através de uma pergunta básica, podemos encontrar no texto a resposta que nos dirá o exato sentido em relação ao tempo de pregação e o tempo de rebeldia. A pergunta é: quando foi pregado o evangelho aos mortos (ou espíritos em prisão)? Vejamos a ligação gramatical que existe entre os versos:

***pregou aos espíritos em prisão***  
*QUEM são os espíritos em prisão?*  
*os quais **noutro tempo** foram rebeldes*

De acordo com este trecho, são os que foram rebeldes noutro tempo, ou seja, em tempo diferente do tempo da pregação. Que tempo é esse?

***quando a longanimidade de Deus esperava***  
***nos dias de Noé***  
***enquanto se preparava a arca***

Os trechos acima informam em que tempo foram **rebeldes**, mas não situa o **tempo da pregação**, que foi outro. Porém, o contexto de 4:6 deixa subentendido que, se o evangelho foi pregado a eles, só pode ter sido **após** e não durante aquele tempo, o tempo da rebeldia. E se o foi após e não antes ou durante, está claro e justificado por que o evangelho foi pregado “**até** aos mortos”, porque estes já estavam mortos desde o dilúvio. Não vemos como chegar a outra conclusão sem violar os nossos conhecimentos de gramática. Isto para nós é uma questão de **interpretação de texto**. E uma vez que os salvacionistas o tenham por “palavra infalível” é apenas necessário que eles sejam imparciais e tenham coragem de admitir o que está no próprio texto. Para que fosse válida sua tese, deveria o texto estar escrito dessa forma: “no qual também foi, e **noutro tempo** pregou aos espíritos em prisão, os quais foram rebeldes, **quando...**”, mas não é assim que está escrito.

Embora tenhamos fornecido e reforçado vários outros textos, estes versos em específico, são inelutavelmente o “**calcanhar de Aquiles**” de todo aquele que propala a salvação somente em vida. Vamos agora ao texto de Miqueias.



### 17.11. Miqueias 7,18 – confirma ou rejeita a ira eterna?

A ira eterna é corolária das “penas eternas”. Uma pressupõe a outra, e vice-versa. Não há como aceitar uma e ao mesmo tempo rejeitar a outra. Se derrubarmos uma, a outra cai por terra, automaticamente. Sobre o Salmo 22, a misericórdia de Deus é eterna e o texto de Miqueias que nos diz que sua ira não é eterna “porque ele se deleita na benignidade”, o que derruba as intenções dos defensores das penas eternas acerca da uma chance minguada, desigual e que varia de pessoa para pessoa, tão somente nesta vida, seguida de penalidade interminável e que perduraria a eternidade. A resposta oferecida por eles é que “Cristo veio salvar o que estava perdido e, conforme o texto de Miqueias 7:18 citado, e o **contexto ignorado**” eles citam em seguida o verso que mencionamos e arrematam: “pois a condenação aos ímpios **satisfará a sua justiça**. Vale uma lida neste capítulo para se perceber a desolação que virá aos que não crerem”. Pensamos em duas coisas que já foram esclarecidas. A primeira delas é que já ficou esclarecido que o “**satisfará a sua justiça**” não dura eternamente, mas somente enquanto durarem os ‘açóites’. Outra coisa que precisa ser esclarecida é que o verso diz que sua ira **não dura para sempre** e por isso, a desolação que virá aos que não crerem será “**por causa do fruto das suas obras**” (v.13), o que não vem a desmentir o verso 18 e 19, e nem o pode. Convido os leitores para que façam uma devassa no capítulo, e verifiquem se é verdade mesmo que o contexto traga algo que refute o vs.18 quando alude à desolação que virá aos que não crerem.

### 17.12. O dilema dos efeitos dissonantes

Entraremos agora num dilema, mas um dilema que não é nosso e sim daqueles que creem no “pecado original” e na “morte de Cristo” como um resgate efetuado em prol da humanidade. Para entendermos o dilema, basta compararmos os efeitos do “pecado original” e da “morte de Cristo” para vermos se há justiça nisso tudo. Em uma análise mais apurada, dissemos que “segundo o dogma do pecado original, a morte passou incondicionalmente a todos os homens, isso cumpre a parte **em Adão todos morrem**, mas não cumpre a segunda **em Cristo todos serão vivificados**, pois nessa ótica os que **não são** de Cristo ficam de fora daquilo que consta no verso 23. Ou seja, os efeitos do pecado de

um só homem são transmitidos a toda raça humana **incondicionalmente** ao passo que os efeitos do sacrifício vicário de um inocente são transmitidos **sob condições** a apenas uma esmagadora minoria de eleitos”. Embora tenham entendido o raciocínio, em vez de explicar ou refutá-lo, os defensores do pecado original simplesmente trocam o nosso argumento pelas suas citações, ou seja, eles não explicam o porquê desses efeitos dissonantes. Nem ao menos fazem um mínimo de esforço no sentido de conciliar ou colocar esses efeitos em pé de igualdade entre si. Eles tangenciam e não respondem, simplesmente dizem que “apenas se ignorássemos que Deus procura sempre por àqueles que O adorem em espírito e em verdade (Jo 4:23-24), e se referem, claramente, apenas aos que o receberam, aos que creem no seu nome, àqueles que deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus (Jo 1:12)”. Este é um dilema que ressoa em nossos ouvidos sem ao menos uma minguada tentativa de resposta da parte dos “proficientes irmãos” que nos acusam.

## **18. Paulo e a ressurreição, um obstáculo à imortalidade de Elias – I Coríntios 15**

Chegamos a um momento importante de nossas análises. Este ponto foi levantado para rebater alegações de que Elias ainda estaria vivo, residindo no céu desde o arrebatamento descrito em II Reis, por sinal já discutido nos primeiros segmentos. Este capítulo foi citado por conter elementos que vão de encontro à imortalidade de Elias. Ali é retratada a opinião de Paulo, um dos apóstolos, também conhecido como “apóstolo dos gentios” e esta opinião foi dada acerca da ressurreição e da imortalidade, num tempo em que admite ele apenas “**conhecer em parte**” (I Cor 13:12). Sendo um texto situado dentro da Bíblia e nossos opositores, ardorosos defensores da inerrância, forçoso é esperar que eles busquem harmonizar os textos e não entrar em contradição. Foi isso o que buscou fazer e é isto o que será analisado em detalhes.

### **18.1. O problema da semântica**

Uma das questões a que Paulo dá realce é sobre o “corpo da

ressurreição”. Ele define que “há corpos celestes e corpos terrestres” (v.40). A estes ele chama “corpo natural” e aos primeiros “corpo espiritual”. Deixa claro que se trata de corpos diferentes: “**Semeia-se corpo natural, ressuscitará corpo espiritual. Se há corpo natural, há também corpo espiritual**” (v.44). O que morre é o “corpo natural”, o que ressurge é outro, o “corpo espiritual”, porque “**a carne e o sangue não podem herdar o reino de Deus, nem a corrupção herdar a incorrupção**” (v.50). Isso deixa claro que são corpos diferentes. Os opositores festejam dizendo que “pelo menos os espíritas já bem esclareceram que o tema desse capítulo não é mesmo reencarnação”, mas acusam que “o problema é que eles se prendem muito em suas **interpretações descontextualizadas**, pois inferir que dentro do conceito de voltar em outro corpo, podemos dizer que isso também se entende por reencarnação, como disseram, é apenas se ignorarmos **todo o capítulo em questão**”, nos querendo transmitir que o fato da ressurreição se dar em **outro corpo**, como demonstramos, seria fruto de **interpretações descontextualizadas** que ignoram, supostamente, **todo o capítulo em questão**, embora tenham admitido mais à frente “já explicamos que será em outro corpo”. Pensamos que este seja um problema de semântica, pois se a própria concepção de nossos antagonistas admite um hiato de séculos ou milênios entre a morte e ressurreição de um indivíduo, e dentro do conceito de Paulo o corpo que morre **não é** o mesmo que ressuscita, claro está que estamos falando de corpos diferentes. Daí o porquê de nossa alusão, de que a ressurreição tratada por Paulo não deixa de ser uma reencarnação, já que esta se insere no mesmo conceito de voltar em outro corpo.

## **18.2. A “transformação” que ocorrerá com os vivos e os mortos**

Esta é uma pergunta cuja resposta se faz necessária, pois dissemos que a transformação ocorreria com os vivos somente, e os opositores acusam que esquecemos do verso 52, assegurando que ela não ocorrerá com os vivos somente. Nada melhor do que citar o texto para ver se assim procede.

*num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos serão ressuscitados incorruptíveis, e nós seremos transformados. (I*

O texto fala de dois grupos de pessoas, os mortos e os vivos. O primeiro grupo ressuscita “inocorrúptível” ou em “corpo espiritual”, o segundo é transformado. O texto é claro e não permite dúvidas. Uma troca de corpos também pode ser entendida como transformação, desde que se estabeleçam algumas diferenças, pois não é a mesma transformação que ocorreria aos vivos. Daí o motivo porque Paulo os diferencia, no verso 52. É isto o que queríamos transmitir, e pode ser que os opositores estejam programados para não entender ou não soubermos expressar devidamente, mas explicitaremos um pouco mais. A ciência diz que nosso corpo é formado principalmente de oxigênio, hidrogênio, azoto e carbono que se combinaram para formá-lo. Uma vez morrendo e se decompondo, esses elementos são restituídos à natureza para formar novas combinações e integrar novos corpos minerais, vegetais e animais (incluindo o homem), e assim sucessivamente. Daí, como pode haver transformação das mesmas moléculas que integraram diferentes corpos em diferentes épocas para reintegrarem ao mesmo esse corpo? Paulo não entendia isso, daí porque disse: “Eis aqui vos digo um **mistério**” (v.51). Tanto é que Paulo sobre isso foi explícito no verso seguinte, especificando que uns são transformados enquanto outros ressuscitam em novos corpos.

### **18.3. O “corpo espiritual”, a transfiguração e o arrebatamento de Elias**

Os opositores da reencarnação reconhecem acertadamente que usamos o capítulo para mostrar que diante dessa ideia do apóstolo, cai por terra o arrebatamento de Elias, e argumentam que “Elias aparece no monte no momento da transfiguração juntamente com Moisés apareceram com glória (Lc 9:3), o que denota que a transformação já ocorreu com ele”, mas se esquecem que se esta já ocorreu, não pode ter sido antes dele ter vindo como João Batista. Este fato foi admitido por Jesus naquele momento: “digo-vos que **Elias já veio, e não o conheceram**, mas fizeram-lhe tudo o que quiseram” em alusão à morte trágica de João Batista, e devido a isso, finalmente “**entenderam os discípulos** que lhes falara de **João o Batista**”. Seria o caso de perguntar: Para Elias (ou João Batista) aparecer com glória, será que

precisou de seu último corpo?

## 19. Paulo e o “conhecimento pleno” – I Coríntios 13

Dissemos que Paulo estava na impossibilidade de entender certas coisas, mostramos que ele próprio fez questão de reconhecer isso, quando disse: “**o nosso conhecimento é limitado**, e limitada é a nossa profecia” (I Cor 13:9). Reforçamos este argumento ao dizer que Profecias são revelações, são instruções que se reputam inspiradas, e dentro disso, se o que Paulo escreveu foi inspirado, então forçosamente foi um ensino ou instrução onde ele discorre sobre assunto, do qual ele mesmo reconhecia que em parte conhecemos, e em parte profetizamos, mas quando vier o que é perfeito, então o que é em parte será aniquilado, e mais adiante ele completa: agora conheço em parte (**tempo presente**), mas então conhecerei plenamente (**tempo futuro**), como também sou plenamente conhecido, e os opositores da reencarnação acusam que “ignoramos suas explicações, ignora que, mesmo conhecendo o que conhecemos sobre o Mestre (o tema deste versículo - o amor de Deus por nós, manifesto na pessoa de Cristo) e que nos foi revelado, o conhecimento pleno (tempo futuro) apenas se dará quando Ele voltar (quando vier o que é perfeito!)”, o que significa que termina por admitir aquilo que dissemos e que eles, a princípio, se dispôs a combater. Fica aí, então, exposto o fato inapelável, indesmentível, irrefutável de que Paulo poderia sim, estar equivocado em alguns pontos, o que reforçamos em seguida.

### 19.1. João 16,12 e o conhecimento limitado

O texto traz uma fala de Jesus, e Ele diz:

*“Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas presentemente não as podeis suportar” (Jo 16:12).*

O autor da fala é Jesus, como dissemos. Ora, se ele não disse tudo a seus discípulos e apóstolos, é porque estes não podiam ter sabido mais do que ele disse, e com efeito, poderiam ter perfeitamente se enganado, quanto ao sentido das palavras do Cristo. Mas o que ficou bem frisado é que mesmo não conhecendo tudo, o ensino de Paulo

também é contrário ao arrebatamento de Elias. Os opositores da reencarnação alegam que misturamos o que Paulo disse com o que Jesus disse em João 16:12, que são assuntos diferentes, mas uma coisa está umbilicalmente ligada a outra. Se Jesus não disse tudo, justifica-se a possibilidade de Paulo ter errado em alguns pontos. Paulo nunca foi contrário a isso, ele mesmo admitiu não ter “conhecimento pleno”, conforme demonstramos acima. Os opositores da reencarnação declaram que novamente esquecem o **contexto** deste versículo que ensina sobre coisas que os discípulos passariam como “ser expulsos das sinagogas” e “quem matá-los julgarão servir a Deus” (v 1); o que o Ajudador ensinaria “convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (v 8) como se este contexto pudesse negar o fato expresso na fala de Jesus. Completam eles que o contexto não indica que os discípulos não tivessem capacidade de compreensão embora Ele (Jesus) tenha dito a eles: “não as podeis suportar”. O fato de eles não poderem compreender as “muitas coisas” que Ele tinha a dizer não os torna inábeis a pregarem o evangelho, pois do contrário Jesus não os comissionaria para tal. Não podemos confundir as coisas, conhecimento limitado todos temos e não era diferente naquela época, mas isso não nos impede de assimilar, propagar, praticar os ensinamentos de Jesus, bem como separar o joio do trigo.

## **20. O sacrifício de Jesus e a expiação**

Não satisfeito com o parecer abalizado e inequívoco de Jesus, que aponta ser João Batista o Elias reencarnado, nossos opositores procuram meios para escapar de embaraçosa situação que isto causaria às suas crenças. Para tal, eles começam a se entrincheirar naquilo que eles chamam de ensino do “Elias reencarnado”, como se este “ensino”, por si só, desautorizasse toda e qualquer referência dada pelo Cristo em relação à identidade do Elias reencarnado. A impressão que isso nos passa é que qualquer opinião, desde que contradiga, ainda que aparentemente, a opinião passada pelo Cristo, deve ser preferível a esta, se isto envolver a reencarnação. Segundo ele, este ensino “difere completamente o que ensina o espiritismo e sua principal teoria, a reencarnação”. Abrimos aqui uma pausa para esclarecer que a reencarnação não é teoria, se enquadra nos princípios fundamentais do

Espiritismo. Ora, qualquer estudioso de “primeira viagem” que estudar a Codificação notará isso, logo de início, ao folhear a “**Introdução**” de “**O Livro dos Espíritos**”. Retornando às palavras dos opositores da reencarnação, se é verdade que o ensino do “Elias reencarnado” difere da reencarnação, então forçoso é aceitar que também difere do que ensina Jesus em relação ao próprio Elias reencarnado. Disso não há como escapar, e neste caso teremos que fazer uma escolha. Comentaremos este ponto mais adiante.

Para sustentar a tese citada, os opositores da reencarnação nos asseguram que “Cristo **não foi morto pela vontade dos homens** , e, sim, por determinação de Deus para que se cumprissem as Escrituras (Lc 24:44)”, o que soa contrário em relação a vários textos que estão nas escrituras. Afinal, quem de fato desejava a morte de Jesus? Se isto foi por “determinação de Deus”, então o maior interessado na morte violenta de Jesus foi o próprio Deus. Foi de sua vontade que isso acontecesse. Mas a morte de Jesus não era algo que devia ser evitado? Afinal, se Deus queria que isso acontecesse, por que ao mesmo tempo queria que isso fosse evitado? Isso parece mais aquilo que chamamos de “conflito interior”. Não parece um sentimento compatível com um Deus Soberanamente justo e bom. Ou ele quer ou ele não quer, ou ele se agrada ou ele não se agrada.

Citaremos alguns textos que lançam dúvidas sobre o fato de tudo isso ter acontecido por vontade ou “determinação de Deus”.

### **João 8**

*37 – Bem sei que sois descendência de Abraão, contudo **procurais matar-me, porque minha Palavra não está em vós.** 39 – Responderam, e disseram-lhe: Nosso pai é Abraão. Jesus disse-lhes: Se fôsseis filhos de Abraão, faríeis as obras de Abraão.*

*40 – **Mas agora procurais matar-me, a mim, homem que vos tem dito a verdade que de Deus tem ouvido; Abraão não fez isto.***

*43 – Não sois capazes de escutar a minha Palavra.*

*45 – **É porque digo a Verdade que não me acreditais.***

Jesus deixa claro que suas palavras não foram aceitas pelos descendentes de Abraão, e que a intenção dos fariseus de assassiná-lo era algo abominável, e acrescenta que Abraão, a quem chamavam pai, jamais faria isso. Depois Ele prossegue, definindo que a vontade deles em matá-lo provinha do diabo, que por ser assassino desde o princípio era o verdadeiro pai deles. Observe que o desejo pela morte de Jesus era do diabo, nunca de Deus. Será que neste caso a exigência dessa morte teria sido feita pelo diabo e não por Deus?

*42 – Disse-lhes, pois, Jesus: **Se Deus fosse o vosso Pai, certamente me amaríeis, pois que eu saí, e vim de Deus; não vim de mim mesmo, mas ele me enviou.***

*44 – **Vós tendes por pai ao diabo, e quereis satisfazer os desejos de vosso pai.** Ele foi homicida desde o princípio, e não se firmou na verdade, porque não há verdade nele. Quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira.*

Pedro também manifestou o seu repúdio fervoroso a esse ato criminoso, através de insistentes acusações aos judeus (Atos 2:36,23; 3:15; 4:10; 10:39). Paulo trata disso com bastante veemência, na epístola aos tessalonicenses:

### ***I Tessalonicenses 2***

*15 Os quais também **mataram o SENHOR Jesus e os seus próprios profetas, e nos têm perseguido; e NÃO AGRADAM A DEUS, e são contrários a todos os homens,***

*16 E nos impedem de pregar aos gentios as palavras da salvação, a fim de encherem sempre a medida de seus pecados; mas **a ira de Deus caiu sobre eles até ao fim.***

Aqui fica claro que a morte de Jesus e dos profetas **não agradou a Deus**, mas pelo contrário, só provocou a sua Ira ao invés de abrandá-la.

Na epístola aos Coríntios, Paulo diz que “**A sabedoria que Deus preordenou desde a eternidade não foi conhecida por nenhum dos poderosos deste século, porque se a tivessem conhecido, JAMAIS**



**teriam crucificado o Senhor da Glória”** (1 Cor 2:7,8). Aqui, ele está afirmando que se os poderosos de sua época tivessem algum conhecimento da sabedoria de Deus, jamais teriam crucificado Jesus.

Os defensores do sacrifício vicário declaram que a morte de Jesus **não foi** por vontade dos homens, mas o que ressalta dos textos é o extremo oposto. Não somente foi por vontade destes como também **não agradou a Deus**.

Como pode Deus querer sacrificar Seu Filho para aplacar Sua ira, se isso apenas teve efeito contrário? Se Deus é Soberano, como Ele pode querer esquematizar e exigir algo, se isto não lhe agrada?

### **20.1. Arrependimento, confissão e sacrifício – o que nos purifica?**

De acordo com os salvacionistas, nós quase acertamos ao dizer que não é seu sangue que purifica, mas o arrependimento acompanhado por confissão de pecados, pois esqueceria que “uma coisa está intimamente ligada à outra, quem se arrepende confessa seus pecados e, conseqüentemente, **aceita seu sacrifício vicário** e têm os seus pecados perdoados”. Para eles é necessário aceitar o sacrifício vicário para termos perdoados nossos pecados. A fé, neste caso, não seria a confiança na misericórdia divina, mas num suposto sacrifício perpetrado numa cruz. Seu raciocínio é: “o que adianta ter fé e não aceitar seu sacrifício?” Alguns textos evidenciam que não há essa “necessidade”.

**Hebreus 11:6** – *Ora, sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que o buscam.*

O tipo de fé que agrada a Deus está expresso acima. Nada se diz sobre crer num “sacrifício vicário”.

**Mateus 9:2** – *E eis que lhe trouxeram um paralítico deitado num leito. Jesus, pois, vendo-lhes a fé, disse ao paralítico: Tem ânimo, filho; perdoados são os teus pecados.*

Jesus viu a fé dos que trouxeram o paralítico, declarou perdão

ao parálítico por estes crerem no poder de Deus em galardoar os que o buscam. Nada se diz sobre crer num “sacrifício vicário”.

**Lucas 6:37** – *Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; **perdoai, e sereis perdoados.***

**João 20:23** – *Àqueles a quem perdoardes os pecados, **são-lhes perdoados;** e àqueles a quem os retiverdes, **são-lhes retidos.***

A condição de perdão é perdoar. Nada se diz sobre crer num “sacrifício vicário”.

**Lucas 7:47** – *Por isso te digo: **Perdoados lhe são os pecados, que são muitos; porque ela muito amou; mas** **aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama.***

O amor é a causa do perdão. Nada se diz sobre crer num “sacrifício vicário”.

**Atos 8:22** – *Arrepende-te, pois, **dessa tua maldade, e roga ao Senhor para que porventura te seja **perdoado o pensamento do teu coração;*****

O apóstolo fala em arrependimento, fala em rogar ao Senhor e, porventura, obter o perdão. Nada se diz sobre crer num “sacrifício vicário”.

**Tiago 5:15** - *e a **oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará;** e, se houver cometido pecados, **ser-lhe-ão perdoados.***

Oração da fé relacionada ao perdão dos pecados. Tudo indica tratar-se da fé descrita em Hebreus 11:6. Nada se diz sobre crer num “sacrifício vicário”.

**I João 1:9** – *Se **confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos **perdoar os pecados** e nos **purificar de toda injustiça.*****

Arrependimento e confissão de pecados estão relacionadas ao

perdão dos pecados. Mas um pouco antes ele fala em purificação pelo sangue. Seria literal esse sangue? Vejamos o contexto, recuando dois versos:

*1 João 1:7 – mas, [b]se andarmos na luz, como ele na luz está, temos comunhão uns com os outros, e o sangue de Jesus seu Filho nos purifica de todo pecado.*

Mesmo neste texto, onde se fala em sangue purificador, nada se diz sobre crer num “sacrifício vicário”. O que podemos extrair do texto é que “andar na luz” equivale a ser “purificado de todo pecado”. Não pode ser um sangue literal, nem uma fé baseada nisso. Os salvacionistas perguntam: “o que adianta ter fé e não aceitar seu sacrifício?” Adianta muito, se reunirmos todos os quesitos acima: perdoar quem nos ofende, amar muito, arrepender-se, confessar nossos pecados, rogar ao Senhor e **ter fé ou crer que Deus existe e que é galardoador dos que o buscam.**

Estas são algumas amostras de que perdão ou remissão de pecados não está condicionado à ideia contraditória de “derramamento de sangue”, citada pelos salvacionistas, sob a base frágil de um único versículo, escrito por um desconhecido.

## **20.2. Paulo, Tiago e a relação fé x obras**

Não bastasse a ideia contraditória defendida pelos salvacionistas, de que “sem derramamento de sangue não há remissão”, eles se desdenham da necessidade de ouvir e praticar os ensinamentos de Jesus. Alegam pressuroso que “pôr seus ensinamentos em prática, fazer boas obras também não, pois depende da exclusiva aceitação de sua morte vicária: Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus **para boas obras** e não pelas boas obras as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas.(Ef 2:8-10)” ao passo que em nenhuma oportunidade Jesus enfatizou essa “necessidade” de aceitar a sua “morte vicária”. E agora nos deparamos com outro problema no raciocínio dos salvacionistas. Para ele não fomos salvos pelas boas obras, mas para as boas obras. Segundo Paulo, as obras da lei não têm participação em

relação à justificação. E segundo Tiago, a fé sem obras está morta. Se as obras a que Paulo se refere são as “boas obras”, estamos diante de uma séria contradição. Tiago diz que “o homem é justificado pelas obras, e não somente pela fé” (Tg 2:24) e como exemplo cita Abraão e indica o cumprimento da escritura de Gênesis 15:6 **tão somente** quando este apresentou as obras. Com isso ele revela que durante décadas Abraão creu em Deus, mas a escritura que diz: “e isso foi-lhe imputado como justiça” só se cumpre ao oferecer seu filho Isaac. E conclui: “**Porque, assim como o corpo sem o espírito está morto, assim também a fé sem obras é morta.**” (Tg 2:26) Se as obras “não necessárias” de que fala Paulo são as “boas obras”, então estamos diante de um dilema e precisamos escolher entre Paulo e Tiago. Se as obras “não necessárias” são as obras da lei judaica, se Paulo se dirigia aos judaizantes, então temos o problema resolvido. E neste caso, os salvacionistas laboram em erro por desdenhar das “boas obras” como necessárias, aliás, **essenciais à salvação**, sem as quais a fé está morta ou inexistente.

### **20.3. A palavra da cruz, o homem natural e as “coisas de Deus”**

Declaram os salvacionistas que a salvação é “apenas pela fé, que os espíritas, a qualificam como sendo irracional e cega”, e eles dizem não se importarem com isso, embora suas atitudes denunciem o contrário. Para evitar novas dificuldades em responder questões no âmbito racional, eles seguem por um atalho que não raro vários outros também tomam, afirmando que “a própria Bíblia já explica que ao homem natural não compete saber as coisas de Deus pela limitada razão humana” e para justificar eles enumeram dois textos. São eles, respectivamente:

***1 Cor 1:18** – Porque a palavra da cruz é loucura para os que perecem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus.*

***1 Cor 2:14** – Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente.*

A experiência mostra que no iminente perigo de questões que

apelam à razão, a rota de fuga é, via de regra, apoiada pelos textos acima. Isso os dispensaria de maiores investigações.

Ocorre, porém, que os textos não dizem que “as coisas de Deus” sejam contrárias à razão, mas sim que existe falta de compreensão em relação às coisas espirituais. Compreensão está umbilicalmente ligada ao uso da razão, e o “homem natural” descrito é o que não está disposto a aceitar as “coisas espirituais”. Não buscará compreendê-las, pois que para isso terá que primeiro exercitar a humildade e reconhecer sua ignorância em relação a certas coisas que lhe escapam de seus “cinco sentidos”. Mas para reconhecer esta ignorância e estar aberto às coisas espirituais também é necessário usar o raciocínio, desde que aliado ao desejo sincero de aprender e assimilar novos conhecimentos.

O texto primeiro diz que “a palavra da cruz é loucura aos que perecem”. Será que o texto consagra a fé irracional e cega? Não, muito pelo contrário. O próprio texto diz que a palavra da cruz é loucura **aos que perecem**. Ora, os que perecem são os que não querem **entender** as coisas de Deus e, conseqüentemente, a mensagem por detrás de tudo isso. Já dissemos várias vezes, mas repetiremos: para entender alguma coisa, é necessário usar o raciocínio. Jesus foi crucificado. A Palavra de Deus que ecoou pela Terra foi silenciada. Com cravos foram perfurados as mãos e os pés do único que “tudo tem feito bem” (Marcos 7:37). Isso foi um pesadelo que abalou sobremaneira os discípulos, de forma tal que nem podemos imaginar.

Aliás, acreditamos que “*A cruz é escândalo para os judeus e loucura para os gregos. Mas isso porque ela representava a pior forma de morte, o mais maldito de todos os castigos*”.

Se fizermos uma retrospectiva, veremos que ao se recompor, Pedro imediatamente acusou os judeus de terem agido assim “**por ignorância**” (At 3:17), e reiterou seu repúdio com acusações enérgicas de assassinato: “Este Jesus, que **vós crucificastes (...);vós o matastes**, pregando-o numa cruz (...); aquele que conduz à vida, **vós o matastes (...)**; Jesus Cristo, o Nazareno, a quem **vós crucificastes (...);eles o mataram**, suspendendo-o no lenho da cruz” (At 2:36,23; 3:15; 4:10; 10:39). Seu amigo Paulo, por sua vez, foi ainda mais enfático

ao notificar os fiéis de Tessalônica de que “a morte dos profetas e do Senhor Jesus **não agradaram a Deus**” (cf. I Tessalonicenses 2:15), e que, por consequência disso, “**a ira de Deus está prestes a cair sobre eles** [os responsáveis]” (I Tessalonicenses 2:16).

Essa declaração de Paulo, sem dúvida, acalmou os nervos dos fiéis, pois naquelas comunidades helenistas Jesus era conhecido como um herói divino e milagreiro, cuja morte na cruz fora somente um final desgraçado e ininteligível, uma verdadeira “*loucura aos que perecem*” (I Coríntios 1:23). Sim, uma loucura incompreensível, pois a crucificação tinha um caráter tão humilhante e degradante, era tão cruel e horrenda, que se destinava apenas a escravos amotinados, criminosos notórios, rebeldes e revolucionários, não podendo sequer ser aplicada a cidadãos romanos, aos quais não era permitido nem sequer a aplicação de açoites. Romanos culpados de algum crime eram executados à espada. Tal gênero de morte horrorizava a todos, pois ainda era antecedida de uma flagelação, para enfraquecer a resistência do condenado, tal como fez Pilatos em relação a Jesus (Mateus 27:26).

Flávio Josefo descreve que em certas épocas se podiam ver nas estradas romanas extensas fileiras de cruzes nas margens, com os corpos crucificados de insurretos a servir de exemplo aos transeuntes. De acordo com seus relatos, as colinas ao redor de Jerusalém chegaram a ser totalmente desmatadas para se obter a madeira necessária para a confecção das cruzes. O próprio local do Gólgota ficava ao lado de uma estrada importante, para que todo mundo pudesse ver o que acontecia a quem desafiava a lei romana. A prática da crucificação, possivelmente adotada dos antigos fenícios, só foi abolida no Império Romano durante o reinado de Constantino, no século IV da nossa era.

Os pagãos de todos os tempos jamais puderam aceitar voluntariamente uma “teologia da cruz”. Para eles isso sempre foi mesmo uma grande loucura, desde priscas eras até a idade moderna. Um exemplo: durante as infrutíferas tentativas de evangelizar o Japão, o governo daquele país publicou um édito, no ano de 1614, no qual acusava os cristãos de “disseminar uma lei maligna e depor a verdade”, citando o apego dos missionários à cruz como indicativo de que

aprovavam atos criminosos.

Um milênio e meio antes vemos uma atitude similar em Estevão, o primeiro mártir do Cristianismo e sem dúvida um dos mais corajosos. Estevão **nunca encarou a morte de Cristo como um evento necessário**, e declarou prontamente aos integrantes do Sinédrio, o tribunal judeu: *“Qual dos profetas vossos pais não perseguiram? Eles chegaram a matar os que anunciavam de antemão a vinda do Justo, este mesmo que agora **traístes e assassinastes!**”* (At 7:52). Portanto, segundo Estevão, o Justo foi **traído e assassinado**. Foi, pois, no dizer de Estevão, **vítima** de um crime hediondo!

Realmente, só mesmo uma fé cega, aconchavada com a auto-ilusão, ambas acobertadas pela mais rija indolência espiritual, podem afastar para longe da consciência cristã as evidências nítidas, constantes nos próprios Evangelhos, de que a morte de Jesus foi um ato **contrário** à Vontade de Deus.

#### **20.4. Jesus, Tomé e as provas materiais**

Segundo os salvacionistas, o “Cristo **repreendeu** o apóstolo Tomé quando este pediu uma prova material de que Jesus, na sua frente, havia ressuscitado, pois como bem disse, ‘Bem-aventurados os que não viram e creram.’ (Jo 20:29)”, mas não vemos nisso uma repreensão e sim um aviso de que nem sempre precisamos ver para crer. A própria aparição do Mestre em corpo físico, materializado, perante Tomé é prova indesmentível de que ele não se opôs à exigência do apóstolo.

#### **20.5. Salvação impossível?**

Em uma de suas “pérolas”, os salvacionistas nos asseguram que “para considerar o Espiritismo como válido, deveria acatar somente parte das Escrituras”, o que implica num reconhecimento deles de que as escrituras, ainda que em parte, estão a validar o Espiritismo. Mas eles ainda comentam que “expiar nossos pecados por nossos próprios esforços é auto-salvação, impossível (Mt 19:26) de ser realizado por nós”. O interessante é que eles citam justamente Mateus 19, onde um jovem rico pergunta a Jesus sobre a salvação, e Jesus não responde

que é pela fé (perdeu a oportunidade), mas diz a ele: “guarda os mandamentos”, em seguida recomenda o desapego aos bens terrenos. Isso é o mesmo que se esforçar por “entrar pela porta estreita”. Diante disso, os discípulos se admiram e entendem ser impossível a salvação dos ricos. Jesus confirma isso, mas à luz do que disse antes: “difícilmente”. Mas cabe aqui notar que ele se referia só aos que se apegam aos bens materiais, e não a toda humanidade.

## **20.6. A pregação de João Batista e o “Cordeiro de Deus”**

Não satisfeito ainda em sua luta para negar a identidade verdadeira de João Batista, os opositores da reencarnação começam a se entrincheirar no que ele chama de “ensino do Elias reencarnado”. Embora se mostre com vontade de finalizar o debate, e até tenta fazer isso algumas vezes, é em uma dessas tentativas que eles se lembram e lançam seu argumento: “Para finalizar, veremos o ensino que nos trouxe o ‘Elias reencarnado’, e como este difere do que ensina o espiritismo, justamente a reencarnação”. Chega a ser notável o esforço dele (embora não explícito) em mostrar que haveria diferenças entre o ensino de João Batista e o de Jesus, caso aquele fosse o Elias. A impressão que fica é que, diante das supostas diferenças, devemos dar valor ao que disse João Batista, assumindo que Jesus não foi didático ou, na pior das hipóteses, quis enganar seus ouvintes e dizer o extremo oposto daquilo que intentava dizer.

Desde o início vimos enfatizando que, na eventualidade de haver contradição entre Jesus e seus discípulos, a autoridade do Mestre é a que deve prevalecer. Já citamos que **o próprio Mestre Jesus não só admite essa possibilidade, como nos dá o antídoto para isso: “Não é o discípulo mais do que o mestre, nem o servo mais do que o seu senhor” (Mateus 10:24).**

Tudo bem que os opositores da reencarnação não aceitem essa possibilidade e continuem insistindo “os espíritas insistem em dizer que prefere a autoridade do Mestre a de João Batista e os demais discípulos, como se o que estes tivessem pregado divergem do que ensinou Jesus”, a possibilidade existe independente de ele crer ou não, aceitar ou não, gostar ou não. Eles pensam estar descobrindo a



América, ao argumentar que “Apenas o fato de vermos que neste tópico, por diversas vezes serem utilizados passagens de livros escritos por seus apóstolos além do que Jesus disse nos Evangelhos, para defender a doutrina que professa, já significa que os ensinamentos, pelo menos para ele, não são tão divergentes assim”, como se não soubéssemos disso, e isso representasse alguma coisa que possa ir de encontro à possibilidade de existirem divergências. Nós aceitamos sim, o que ensinou o “Cordeiro de Deus” e seus discípulos. Porém, não descartamos essa possibilidade de um contradizer o outro. Deixamos uma abordagem sobre isso, ao discutir sobre “conhecimento pleno”.

Em mensagem anterior frisamos para “não inverter as coisas e interpretar o que ele disse á luz do que outros disseram, mas fazer o contrário”, e os opositores da reencarnação retrucam que “mesmo assim a situação não se inverte, **se os ensinamentos são iguais**, teremos o mesmo ensinamento, tanto no que Jesus ensinou quanto o que foi pregado pelos demais discípulos/apóstolos”, mas ainda bem que eles frisaram no condicional, “**se os ensinamentos são iguais**”, porque nem sempre é isso que encontramos.

Dependendo da ocasião podemos provar **aqui e agora** que João Batista, vulgo “Elias reencarnado”, **contradiz abertamente** um ensino do “Cordeiro de Deus”. Que ensino foi este? Basta abrirmos nossas Bíblias em João 1:21, e teremos a prova do que dissemos: “*E perguntaram-lhe: Então quê? És tu Elias? E disse: Não sou . És tu profeta? E respondeu: Não.*”

Vamos agora, avançar um pouco até chegar à outra frase do “Elias reencarnado”. É a mesma que, segundo os opositores da reencarnação, deitaria por terra a reencarnação. Encontramos no **verso 29**: “*No dia seguinte João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo*”.

Chegamos agora ao ponto crucial. Ao foco de suas investidas. À frase com a qual eles se agarram como um náufrago se agarra a um pedaço de madeira. Sobre isso enfatizamos ser temerário afirmar que João Batista estava errado, ao se referir a Jesus como “cordeiro de Deus”, pois através de sua vida e morte que ele cumpriu e coroou sua missão terrestre, para “tirar o pecado do mundo”, o que ele considera

apenas “um avanço neste sentido”, como se em momento anterior tivéssemos negado o que afirmamos, mudando depois nossas ideias sobre o caso. Sobre isso eles nos dizem que “Ele cumpriu e coroou sua missão de ser, dentre tantos títulos, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo **não com a sua vida e, sim, com a sua morte, numa clara alusão aos cordeiros imaculados que eram oferecidos para remissão dos pecados**, e claro está que refere-se a sua morte, pois apenas com a morte dos cordeiros que se derramava o sangue, **sem o qual não há remissão dos pecados**”. Foi demonstrado biblicamente que perdão de pecados não requer derramamento de sangue, embora o desconhecido autor de hebreus tenha dito isso. Sabemos que era costume milenar a imolação de animais pelos pecados do povo (Levítico 4:20) e isso naquelas eras bárbaras não deixava de ter um fundamento psicológico, pois servia para aliviar as consciências culpadas. O sacrifício de animais pelos pecados do povo era um ato próprio de povos bárbaros. Esta era uma ideia secularmente arraigada, daí porque alguns atribuíram à morte de Jesus caráter propiciatório, embora fique claro no texto bíblico que este crime não agradou a Deus e só fez provocar sua ira. Por outro lado, apenas dizer “cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” não implica em aceitar que isto agrade a Deus ou que Ele mesmo tenha feito essa exigência. Na época do AT, entendiam que os sacrifícios agradavam a Deidade e serviam para aplacar sua ira, mas era um entendimento deles acerca de Deus. Hoje podemos dizer que Deus sabia que a missão do Cristo atrairia a oposição dos líderes religiosos de sua época, porque parte dessa missão era denunciar a hipocrisia reinante. Os ensinamentos de Jesus precisavam ser trazidos para “tirar o pecado do mundo”, e como parte dessa missão era denunciar a hipocrisia reinante, Deus sabia que Jesus seria assassinado, e com todos os requintes de crueldades. Sabia também que este cumpriria sua missão terrestre, sem se importar com as consequências, dando seu exemplo de obediência “até a morte, e morte de cruz”. Ele não reagiu diante disso, por isso sua atitude foi a de um “*cordeiro mudo diante daquele que o tosquia*” (Atos 8:32). Tal foi a analogia apresentada. Assim como os cordeiros eram sacrificados, pensando que isso aplacaria a ira de Deus, da mesma forma a morte de Jesus foi comparada ao sacrifício dos cordeiros. Com essa morte, Ele atrairia a atenção de todos, e isso tornaria ainda mais notórios seus ensinamentos que libertam. Se a intenção do Elias reencarnado foi sugerir um

sacrifício expiatório, ele errou e contradisse o ensino do “Cordeiro de Deus”. Na hipótese de ser verdadeira a tese dos defensores do sacrifício vicário, haverá uma série de questões que eles precisam esclarecer, relacionadas a este suposto sacrifício. E mesmo dentro dessa hipótese, preferimos acreditar no ensino do “Cordeiro de Deus”, em detrimento do que disseram (ou sugeriu) o Elias reencarnado.

Estamos, então, diante de duas hipóteses:

**1.** O Elias reencarnado ensinou um sacrifício vicário ao apontar Jesus como “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo”.

**2.** O Elias reencarnado apenas associou Jesus aos cordeiros por semelhança de atitudes diante da perseguição e da morte, e também por que seu objetivo ao nos trazer ensinamentos era “tirar o pecado do mundo”, sem que isso implicasse em sacrifício expiatório.

Se os defensores do sacrifício vicário estiverem certos, a primeira hipótese será a correta e o Elias reencarnado entrará em contradição com o que ensina o “Cordeiro de Deus”, em relação à sua identidade.

Se os defensores do sacrifício vicário estiverem errados, a segunda hipótese será a correta e o Elias reencarnado não entra em contradição com o que ensina o “Cordeiro de Deus” sobre sua identidade.

As duas hipóteses são possíveis. Até que me provem o contrário, achamos correta a segunda. Por admitir que podemos errar, na eventualidade disso rejeitaremos a autoridade de Elias reencarnado para ficar com a autoridade do “Cordeiro de Deus”. Aliás, o próprio Elias reencarnado um pouco antes disse algo contrário ao ensino do “Cordeiro de Deus” em relação à sua própria identidade (João 1:21). Uma nova contradição de sua parte não surpreenderia, assim como não mudaria a forma de pensar de um verdadeiro cristão, pois este segue ao Mestre, unicamente.

Os defensores do sacrifício vicário reconhecem que “encontramos nas mensagens dos espíritas palavras enaltecendo o

Mestre, de que não podemos deixar de vivenciar seus ensinios”, então que reconheça também que sua autoridade está acima da autoridade de qualquer de seus discípulos, seja Paulo, seja Pedro, seja João ou mesmo o Elias reencarnado. Pois todos eles, embora o Mestre lhes houvesse confiado o “ministério da reconciliação”, estavam longe de possuírem “conhecimento pleno” das coisas.

Concordamos com os salvacionistas quando dizem que “Cristo não combateu a afirmativa de João porque Ele era, simplesmente, o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” e também porque a frase em si, não implicava em contradita ao que ele ensina em outras ocasiões, especialmente no que tange à identidade do Elias reencarnado.

Os salvacionistas reclamam que “parte dos ensinios de Cristo os espíritas ignoram, e a principal, pela qual ninguém se salvará”, mas não apontam este ensino principal que ignoramos, partindo da própria boca de Jesus. Em resposta a um “doutor da lei” sobre qual era o maior mandamento da lei, este cita os mandamentos e conclui que “**destes mandamentos dependem toda a lei e os profetas**” (Mateus 22:40). Os mandamentos estão entre os versos 37 a 39. Pensamos que o ensino principal de Jesus seja este, por seus exemplos e palavras.

Em contrapartida, podemos apontar várias ocasiões em que o Cristo poderia ter enfatizado o sacrifício vicário para salvação, e em nenhuma delas ele o fez. Preferiu enfatizar e premiar a obediência e as boas obras. Algumas destas ocasiões já foram apontadas no decorrer desse estudo.

Os salvacionistas citam o texto de Lucas 24:44-47, e embora façam isto insistentemente, não percebem que o texto diz que “em seu nome se pregasse o **arrependimento para remissão dos pecados**”, situando isso após o padecimento e ressurreição no terceiro dia. Foi uma oportunidade ímpar em que o autor poderia associar este padecimento com “derramamento de sangue” e assim fazer ligação com “**remissão dos pecados**”, mas não o fez. Para o autor, é o arrependimento que provoca “**remissão dos pecados**”, e isto por si já vem a se somar à extensa lista de outros textos que contradizem a ideia esdrúxula de que “**sem derramamento de sangue, não há remissão**”.

## 20.7. A dúvida de João Batista e a resposta de Jesus

Dissemos que “além disso, convém assinalar em relação ao ‘Elias reencarnado’, que embora fosse o maior ‘dentre os nascidos de mulher’, teve sérias dúvidas se Jesus era mesmo o Messias”. Os opositores da reencarnação indicam os textos de Lucas 7:19,22 e Mateus 11:3,5 como “referência não postada”. Nos últimos momentos de vida é natural que João ficasse preocupado, talvez até vacilasse na fé e isto o levasse a buscar confirmação daquilo que ele havia ensinado sobre o “Cordeiro de Deus”. A pergunta de João Batista reflete esse estado de espírito: **“És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?”** Os opositores da reencarnação se colocam como sendo alguém possuidor de um radar ultrapsíquico e ultratemporal, capaz de viajar no tempo e penetrar no âmago das consciências, atingindo o pensamento de João naquele instante, pois afirma que a pergunta foi “para confirmar o que tinha dito e não por ter dúvidas”, como se soubessem o que se passava na cabeça, prestes a ser degolada, de João Batista.

O problema dessa posição é que ela não encontra nenhuma sustentação no texto bíblico. Não há uma única sugestão que aponte como inverossímil a conclusão dos opositores da reencarnação. Pelo contrário, se ele pergunta “para confirmar”, é porque tem dúvida, necessita de uma confirmação relacionada ao objeto da pergunta. Se a pergunta se relaciona à identidade do “Cordeiro de Deus”, é porque existe uma dúvida, e ela é séria. Se os opositores da reencarnação não acham sério ter dúvidas sobre a identidade do Messias, nós achamos sério, e muito. E pensamos que não estamos sozinhos nesta opinião. Os opositores da reencarnação revelam como Jesus responde a essa dúvida expressa por João Batista: “o próprio Cristo, que não negou quando foi afirmado que Ele era o ‘Cordeiro de Deus’ que tira o pecado do mundo, agora confirma aquilo que João Batista já tinha anunciado: Ide, e contai a João o que tens visto e ouvido: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho”, e isto quer dizer que o Mestre não só confirma ser o “Cordeiro de Deus”, como aproveita este momento e revela em que sentido isto é verídico:

1. Ele era o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” porque “os cegos veem”
2. Ele era o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” porque “os coxos andam”
3. Ele era o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” porque “os leprosos são purificados”
4. Ele era o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” porque “os surdos ouvem”
5. Ele era o “Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” porque “aos pobres é anunciado o evangelho”

Está aí, confirmado para João Batista o que ele havia anunciado sobre **quem** era o “Cordeiro de Deus” e **por que** era o “Cordeiro de Deus”. E isto, inclusive, está reconhecido pelos opositores da reencarnação.

## 21. Analisando I Tessalonicenses 5,21

É digno de lástima que os opositores da reencarnação, embora aceitem (ou tentem aceitar) a Bíblia em toda sua inteireza, considerem que o método “julgar todas as coisas e reter o que é bom”, recomendado pelo apóstolo, seja “um método um tanto quanto suspeito”. Nossos opositores alegam que “julgar **todas as coisas**” seja descontextualizar “totalmente este versículo das Escrituras como se este ensinasse a ‘examinar todas as coisas e reter o que convém’”, mas a ideia de Paulo é esta mesma. E isto é verdade, desde que entendamos que “reter o que convém” equivale a “reter **o que é bom**”. Para nós, o que é bom é o que não entra em choque com o ensino de Jesus, é o que não amesquinha a bondade e justiça divinas, é o que também não vai de encontro à razão e o bom senso, tidos por critérios bíblicamente válidos e recomendados e assim estarmos em condições para julgarmos “coisas espirituais”.

## 22. O foco do debate e o foco da Bíblia

O foco do debate aqui é definir se Jesus disse ou não ser João Batista o Elias reencarnado, e acreditamos que isso está mais do que

respondido por nós, ao demonstrar que a semelhança deles não era apenas em nível de ministérios, mas chegava a um nível mais profundo, de identidade, ao demonstrar que só o próprio Elias poderia ter cumprido as profecias, ao demonstrar a impossibilidade de Elias não ter morrido diante do testemunho abalizado e ensinamentos de Jesus, ao demonstrar que a pregação de Elias reencarnado sobre o “Cordeiro de Deus” foi confirmada e devidamente interpretada por Jesus e que isto em nada difere do que Jesus ensinou acerca dele, ao contrário dos desejos dos opositores da reencarnação.

Penso que o foco do debate não foge ao foco da Bíblia, desde que a autoridade esteja sempre centrada nos ensinamentos de Jesus. Se os opositores da reencarnação entendem que Jesus não ensinou ou quis dizer o contrário do pretendia ensinar acerca de quem era “o Elias que havia de vir”, deixaremos devidamente refutados todos os seus comentários a respeito.

### **23. Considerações finais**

Neste fim de exposição, fazemos nossas as palavras dos opositores da reencarnação: “consideremos as Escrituras, toda ela, inclusive com o que o próprio Mestre ensinou e foi seguido pelos demais discípulos, cujos ensinamentos foram corroborados por Ele”, mas sem deixar de entender que considerá-la toda não significa aceitá-la toda, e sim aplicar o princípio que ela mesma recomenda: “julgar todas as coisas e reter o que é bom”. Isto ocorre porque nem tudo está de acordo com os ensinamentos de Jesus, dos quais “apenas omitindo e ignorando certos trechos” é que se pode “embasar quaisquer teorias” que o contrariem e o façam dizer o extremo oposto do que disse Jesus quando disse que **“João Batista é o Elias que havia de vir”**.

## 24. O Diálogo entre Jesus e Nicodemos

*A melhor maneira que o homem dispõe para se aperfeiçoar é aproximar-se de Deus. (Pitágoras)*

Este é um dos temas mais controversos e com diversas interpretações que temos conhecimento. Nosso objetivo não será o de forçar uma interpretação, mas a busca pela verdade, baseado na codificação de Kardec que no seu tempo foi um grande erudito e lançou luzes sobre este tema, através das mensagens espirituais codificadas por ele e registradas no Evangelho Segundo o Espiritismo. Muitos dos críticos apenas apontam suas observações, mas não nos apresentam o seu ponto de vista, vindo a se tornar meras cavilações.

Não botaremos um ponto final neste tema, esta não é a nossa pretensão, mas investigaremos este evento a fundo e tentar estabelecer um paralelo entre diversos escritores, bem como desenvolver a exegese, a fim de que cheguemos a nossa conclusão. Este texto nasceu em uma lista de discussão protestante, onde participaram judeus, protestantes, católicos e espíritas. Foram anos de debates e também de estudo. Entendemos que agora, após um refinamento de ideias, pesquisas e comparações entre os originais gregos, é que chegamos ao entendimento de tão importante passagem. Porquanto, dividiremos com os demais leitores o fruto deste trabalho de anos a fio em pesquisas.

Nossa abordagem neste estudo será o entendimento dos judeus, na época de Jesus, quanto à reencarnação, bem como documentamos em nosso artigo de pesquisa “A Torá e a reencarnação” que foi desmembrado deste artigo, devido ao longo trabalho que foi desenvolvido de pesquisa na Torá, Tanah, Septuaginta, Vulgata Latina e demais traduções ocidentais da Bíblia ao qual conhecemos nos dias de hoje.

Faremos, portanto, uma análise do diálogo entre Jesus e Nicodemos, estabelecendo de antemão que a reencarnação é uma lei



natural (Jo 3:12). Abordaremos também, em nossa conclusão, algumas supostas passagens que sugerem a negação da reencarnação, mas que num exame mais apurado, não é bem esse o real significado.

Daremos início ao nosso estudo, facilitando os leitores a subdividi-lo em tópicos e subtópicos que visam a fácil consulta.

Este estudo tem por objetivo a análise especificamente sobre o diálogo entre Jesus e Nicodemos, onde pretendemos estabelecer a codificação espírita como base de nosso desenvolvimento.

Após o desenvolvimento de nosso prefácio, pretendemos tratar com objetividade e profundidade o diálogo entre Jesus e Nicodemos, que é deveras importante para termos a ideia da reencarnação como uma lei natural (Jo 3:12). E, como nos falam os Doutores James Fadiman e Robert Frager:

*“Se há a possibilidade de aceitar o fenômeno, então a possível origem da personalidade e das características físicas pode incluir eventos ou experiências de encarnações anteriores. Tudo o que se pode afirmativamente dizer é que existe uma evidência factual que não pode ser facilmente descartada”.*  
(FADIMAN & FRAGER, 1986, p. 176).

O Espiritismo veio em tempo oportuno em que estávamos maduros para receber as explicações e adentrarmos em assuntos em que o próprio Jesus não pudera esclarecer minuciosamente, porquanto dizia:

Jo 16,12: **Tenho ainda muito que vos dizer**, mas vós não o podeis suportar agora.

Mediante a afirmativa do Mestre, entraremos no quesito da análise do diálogo entre Nicodemos e Jesus.

### **24.1. A passagem de João 3,1-21 em análise**

Chegamos ao ponto em que nos encontramos diante da passagem mais magnífica no evangelho de João, onde se trata da lei natural da reencarnação. Por outro lado, é uma das passagens que

desperta controvérsias, ou até mesmo certa dúvida em muitas pessoas. Diante disso, averiguaremos em suas minúcias no aludido texto de Jo 3:1-15 com base na codificação espírita. Vejamos:

**5. Ora, entre os fariseus, havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus – que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: “Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, porquanto ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele.”**

**Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade, digo-te: *Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.*”**

**Disse-lhe Nicodemos: “Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?”**

**Retorquiu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, digo-te: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. – O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. – Não te admires de que eu te haja dito ser preciso que nasças de novo. – O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito.”**

**Respondeu-lhe Nicodemos: “Como pode isso fazer-se?” – Jesus lhe observou: “Pois quê! és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade, em verdade, que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. - Mas, se não me credes, quando vos falo das coisas da Terra, como me creereis, quando vos fale das coisas do céu?” (S. JOÃO, cap. III, vv. 1 a 12.)**

**6. A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na Terra se nos depara em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas acima reproduzidas (nº 1, nº 2, nº 3). Se fosse errônea essa crença,**

Jesus não houvera deixado de a combater, como combateu tantas outras. Longe disso, ele a sanciona com toda a sua autoridade e a põe por princípio e como condição necessária, quando diz: “Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo.” E insiste, acrescentando: *Não te admires de que eu te haja dito ser preciso nasças de novo.*

7. Estas palavras: *Se um homem não renasce da água e do Espírito* foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo. O texto primitivo, porém, rezava simplesmente: *não renasce da água e do Espírito*, ao passo que nalgumas traduções as palavras – *do Espírito* – foram substituídas pelas seguintes: *do Santo Espírito*, o que já não corresponde ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários a que os Evangelhos deram lugar, como se comprovará um dia, sem equívoco possível. (1)

8. Para se apanhar o verdadeiro sentido dessas palavras, cumpre também se atente na significação do termo *água* que ali não fora empregado na acepção que lhe é própria.

Muito imperfeitos eram os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas. Eles acreditavam que a Terra saíra das águas e, por isso, consideravam a água como elemento gerador absoluto. Assim é que na *Gênese* se lê: “O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava sobre as águas; – Que o firmamento seja feito no meio das águas; – Que as águas que estão debaixo do céu se reúnam em um só lugar e que apareça o elemento árido; – Que as águas *produzam* animais vivos que nadem na água e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento.”

Segundo essa crença, a água se tornara o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: “Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito”, significam, pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma.” E nesse sentido que a princípio as compreenderam.

Tal interpretação se justifica, aliás, por estas outras palavras: *O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito*. Jesus estabelece aí uma distinção

positiva entre o Espírito e o corpo. *O que é nascido da carne é carne* indica claramente que só o corpo procede do corpo e que o Espírito independe deste.

9. *O Espírito sopra onde quer; ouves-lhe a voz, mas não sabes nem donde ele vem, nem para onde vai*: pode-se entender que se trata do *Espírito de Deus*, que dá vida a quem ele quer, ou *da alma do homem*. Nesta última acepção – “não sabes donde ele vem, nem para onde vai – significa que ninguém sabe o que foi, nem o que será o Espírito. Se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo que o corpo, saber-se-ia donde ele veio, pois que se lhe conheceria o começo. Como quer que seja, essa passagem consagra o princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, o da pluralidade das existências.

---

(1) A tradução de Osterwald está conforme o texto primitivo. Diz: “Não renasce da água e do Espírito”; a de Sacy diz: do Santo Espírito; a de Lamennais: do Espírito Santo. À nota de Allan Kardec, podemos hoje acrescentar que as modernas traduções já restituíram o texto primitivo, pois que só imprimem “Espírito” e não Espírito Santo. Examinamos a tradução brasileira, a inglesa, a em esperanto, a de Ferreira de Almeida, e todas elas está somente “Espírito”. Além dessas modernas, encontramos a confirmação numa latina de Theodoro de Beza, de 1642, que diz: “...genitus ex aqua et Spiritu...” “...et quod genitum est ex Spiritu, spiritus est.” É fora de dúvida que a palavra “Santo” foi interpolada, como diz Kardec. - A Editora da FEB, 1947. (KARDEC, 1996, p. 84-87; 90)

Importante citarmos a Kardec, pois em suas argumentações das passagens bíblicas ele afirma ter utilizado a tradução de Le Maistre de Sacy, isso é importante por ser uma das melhores traduções há seu tempo. Nos elucida que não há neste texto a inferência de *pneuma hagon*, ou o espírito santo, sendo apenas *pneuma*, ou espírito. Vale ressaltar que este mesmo evento na visão do professor Severino Celestino, em sua obra “*Analisando as Traduções Bíblicas*”, no capítulo XVII – A Reencarnação no Novo Testamento, ao se referir à passagem

de João 3, 1-12, diz o seguinte:

Este é o texto que tem dado mais trabalho aos exegetas que querem negar a Reencarnação. No entanto, é o mais claro e contundente de todos, por isso, existe um verdadeiro malabarismo por parte destes, no sentido de obscurecer o verdadeiro e claro sentido desta passagem. Iniciamos pelo vocábulo **'anóten'** que em grego pode significar **'de novo'** e **'do alto'**.

Nesta passagem, esse vocábulo significa realmente **'de novo'**, porém a maioria dos exegetas emprega o termo **'do alto'** para justificar a sua descrença na Reencarnação. Este malabarismo envolve também a questão gramatical na tradução do texto, como veremos mais adiante. Colocaremos, aqui, muitas observações e conceitos empregados, sobre este texto, feitos por Torres Pastorino na sua obra **'Sabedoria do Evangelho'**, com relação ao texto grego. Concordamos plenamente com todos os seus conceitos, razão por que o usaremos para reforçar nossa exegese. A análise do texto hebraico é de autoria e responsabilidade nossa.

Muitos começam com a afirmação de que Jesus teria dito: **'AQUELE QUE NÃO NARCAR 'DO ALTO'**. Observe, no entanto, que a pergunta feita por Nicodemos, em seguida, denota que ele entendeu que Jesus falava realmente em nascer **'de novo'** e não **'do alto'**: Como **'pode o homem, depois de velho, entrar pela segunda vez (deuteron) no ventre materno?'**.

Esta ambiguidade de entendimento só acontece na língua grega, porque no hebraico, que foi realmente a língua em que Jesus dialogou com Nicodemos, este problema não existe. O texto é bem claro e jamais pode significar **'do alto'**. Diz o seguinte: (**'im lô iualed ish mimkôr 'al lô-iukal lirôt et-malkut haelohim'**) **im**=se, **lô**=não, **iualed**=incompleto do grau qal do verbo **'nolad'**=nascer, **ish**=um homem, **mimikôr**=palavra composta, formada por **mi**=de + **makôr**=fonte de água viva, origem. Existe a expressão hebraica **'Mekôr chaim'** que quer dizer **'fonte da vida'**. Observe que não existe nada referente **'ao alto'**, no texto grego, como muitos querem se fazer entender. Assim, o Cristo

fala que aquele que não nasceu em origem, no sentido de se voltar à fonte original da vida, ou seja, nasceu novamente, '**não poderá**' (lô-iuchal=incompleto do verbo iachôl=poder) ver o reino de Deus (lirôt et-malkut haelohim).

Assim, no diálogo, a palavra grega '**anóten**' tem o sentido e significado de '**de novo**', portanto, Jesus falava de retorno, ou seja, de Reencarnação mesmo, como foi visto no texto hebraico.

Lembramos, ainda, que Nicodemos já era um cidadão de idade avançada e o Cristo lhe fala da Reencarnação (Nascer de Novo), como uma esperança e reconforto para ele, mostrando-lhe que a vida não termina com a morte, nem os velhos devem temer a morte, pois podem renascer e começar tudo novamente.

Na sequência, Cristo confirma que era isso mesmo que Ele queria dizer: '**Quem não nasceu de água (materialmente, com o corpo denso, dado que o nascimento físico é feito através da bolsa d'água do líquido amniótico), veja o cap. VII deste livro, Salmo 23 e de espírito (pneumatos), (ou seja, que adquira nova personalidade no mundo terreno, em cada nova existência, a fim de progredir). Se Nicodemos entendeu ao pé da letra as palavras de Jesus, o Mestre as confirma ao pé da letra e reforça o seu ensino. Com efeito, o espírito, ao reentrar na vida física, pode ser considerado o mesmo espírito que reinicia suas experiências, esquecido de todo passado**'.

A questão gramatical: No texto em grego não há artigo diante das palavras '**água**' (ek ydatos= de água) '**e espírito**' (kai pneumatos), portanto, o texto fala em nascer '**de água e de espírito**'. Não é portanto, nascer da água do batismo, nem do espírito, mas de água (por meio da água) e de espírito (pela Reencarnação do espírito).

O primeiro versículo do Gênesis (1:1) fala que no princípio criou Deus os Céus e a terra. A palavra '**céus**' em hebraico

'**Shamaim**' - שָׁמַיִם - significa: '**Carrega água**', '**Ali existe água**'; '**fogo e água**' que, misturados um ao outro, formaram os Céus.

Como podemos observar, tudo começou com as águas. Água é vida e essa era a crença geral naquela época. É lógico que o Cristo não falava de batismo e sim de retorno através da água. Lembramos ainda que 99% da constituição das células reprodutoras são água.

Daí a explicação que segue: **‘o que nasce da carne (ek tês sarkos) com artigo (tês) em grego, é carne’, isto é com corpo físico, com toda a hereditariedade física herdada do corpo dos pais; ‘e o que nasce do espírito (ek tou pneumatos) é espírito’, ou seja, o espírito que reencarna provém do espírito da última encarnação com toda a hereditariedade pessoal (cármica) que traz do passado.**

E Jesus prossegue: **‘Por isso não te admires de eu te dizer: é-vos necessário nascer de novo’**. Observe a diferença de tratamento: **‘dizer-TE’** no singular, e **‘é-VOS’** no plural, porque o renascimento é para todos, não apenas para Nicodemos. E mais: **o espírito sopra (isto é, age, reencarna, se manifesta onde quer), e não sabes de onde veio (ou seja, sua última encarnação), nem para onde vai (qual será a próxima).**

**As palavras de Jesus foram de modo a embaraçar Nicodemos, que indaga: "como pode ser isso"? E Jesus: "Tu que (entre nós dois) é Mestre de Israel, te perturbas com estas coisas terrenas? Que te não acontecerá então, se te falar das coisas celestiais (espirituais)?"**

Logicamente Jesus não podia esperar que Nicodemos entendesse as interpretações mais profundas desse ensinamento, nem tão pouco estava querendo ensinar-lhe o batismo, nesta passagem, como muitos querem justificar.

Se o Cristo falava realmente do batismo para Nicodemos, por que não o convidou a se batizar? E por que o próprio Cristo não o batizou? Leia em João 4:2 que Cristo não batizava, quem batizava eram os discípulos. E por que diante de tantas curas, milagres e encontros, como no da **‘Adúltera’**, com **‘Zaqueu’**, com o **‘Centurião’**, com a **‘Cananéia’**, Cristo nunca falou em batismo? Não seria uma oportunidade para este convite? No entanto, sua recomendação era para a mudança interior: **‘vai e não peques mais para que coisa pior não te venha acontecer’**.

E Jesus conclui exemplificando: **‘como Moisés ergueu a serpente no deserto, assim o Filho do Homem será erguido da Terra’**. (Veja a história da serpente erguida no deserto no Livro Números – vaicrá – 21:4-9).

Aqui o Cristo prevê o que aconteceria com Ele, ou seja, a sua morte na cruz para que hoje seja erguido na terra como filho de Deus e dirigente de toda a nação terrena.

Paulo, em sua epístola a Tito 3:4-5, interpreta bem esta citação do Cristo: **‘Mas quando apareceu a vontade de Deus, nosso salvador, e o seu amor para com os homens, não por obras da justiça que tivéssemos feito, mas segundo sua misericórdia nos salvou pelo lavatório da reencarnação, e pelo renascimento de um espírito santo’**.

Aqui, Paulo deixa bem claro que Deus nos salvou não porque o tivéssemos merecido, mas por Sua misericórdia, servindo-se da reencarnação a qual é um **‘lavatório’** (de água) e um **‘renascimento do espírito’**. A palavra grega do texto a que se refere Paulo é **παλιγγενεσις** **‘Palingenesia’** – isto é, **‘renascimento’**, **‘Novo Nascimento’**, **REENCARNAÇÃO**.

---

(1) Esclarece-nos o autor do livro, Dr. Severino que: O termo QAL ou qal é uma palavra hebraica que significa “Fácil” que tem o sentido gramatical de “forma fácil” ou “simples” de conjugação do verbo na língua hebraica. O verbo em hebraico possui sete graus de conjugação (Qal, nif'al, piel, pual, hif'il, haf'al e hitpa'el.) Nesse caso específico foi colocado com relação ao verbo nascer (nolad-em hebraico). O incompleto que é o futuro do verbo na forma QAL que é a mais simples das conjugações.

(2) Neste ponto o Dr. Severino coloca a palavra em grego, na “fonte” SIL EZRA, que não colocamos por não a possuímos. (DA SILVA, 2012, p. 240-242, os grifos são do original).

Após ambas as citações – da codificação e do professor Severino Celestino –, nos reportaremos ao nosso entendimento e exegese da passagem que nos propomos a analisar do diálogo entre Jesus e Nicodemos. Vamos a elas.



## 24.2. A resposta chave de Jesus

O diálogo se inicia nos versos 1 e 2, indicando que Nicodemos veio à noite, pois ele não queria ser visto pela multidão, já que era membro do Sinédrio e intérprete da Lei, e não queria ser visto junto com Jesus. Todavia, Nicodemos não deixou de reconhecer a autoridade do Mestre, dizendo-lhe **“que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor”**. Portanto, inicialmente Nicodemos reconheceu a Jesus como um Profeta. Mais adiante, no verso 3:

Jo 3,3: Jesus lhe respondeu: “Em verdade, em verdade, digo-te: **Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo**”.

A partir da indagação de Nicodemos, Jesus responde que *Ninguém pode ver o reino de Deus se não **nascer de novo***, ou seja, ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo através do ciclo das reencarnações. Essa é uma afirmativa sem deixar dúvidas que é necessário o processo das vidas sucessivas para elevar-se à condição de merecer o Reino de Deus, pois se Jesus quisesse transmitir a ideia do Batismo a Nicodemos – concepção de que o nascer de novo seria através do Batismo, como preferem admitir alguns –, Ele o teria dito de forma peremptória, já que se submeteu ao batismo. Nesse caso, é estranho entender o porquê do Mestre ter respondido que *Ninguém pode ver o reino de Deus se não **nascer de novo*** e se esse “nascer de novo” deveria ser entendido como sendo através do batismo. Essa necessidade de nascer de novo não delimita a uma época ou credo, mas abrange a humanidade como uma lei natural a ser aplicada a todos indistintamente (Jo 3:12).

Se assim se pretender entender, fica a pergunta: Será que Jesus se submeteu ao Batismo de João por que se Ele não o fizesse não nascia de novo e, por consequência, não se veria o reino de Deus? Quem se arriscaria de fazer tal tipo de pergunta? Ou seja, só se pode ver o reino de Deus se nascer de novo pelo Batismo como muitos creem que é desta forma que se é salvo? Outra pergunta: Os que não foram batizados não verão o reino de Deus? E mais: os que viveram antes da instituição do Batismo por João (pelo simples fato do Batismo não ser uma prática Judaica, porque a iniciação nessa religião era através da

circuncisão e da Tevilá que é um ritual similar ao batismo de João), jamais teriam alcançado o “nascer de novo” anunciado por Jesus? Mais outra pergunta: por que, então, a crença judaica da ressurreição (leia-se reencarnação)? Como se vê, estariam sem a oportunidade de ver o reino de Deus e desta forma os que vieram antes de Jesus não poderiam nascer de novo como muitos alegam? E como fica o “*Deus não faz acepção de pessoas?*” São questionamentos que sem a chave da reencarnação não há como respondê-las, bem como o entendimento de que o nascer de novo dito por Jesus é voltando a uma nova vida para experiências que nos oportunizarão nossa reforma íntima, a fim de atingirmos a própria recomendação de Jesus de “*Sede perfeitos como o Pai celestial vos é*”.

Quando é traduzido o texto do grego para as demais línguas ocidentais, tais como o latim e, por conseguinte o português, lemos no verso 3:

Jo 3,3: απεκριθη(respondeu) ο ιησους(Jesus) και(e) ειπεν(disse) αυτω(a ele) αμην(na verdade) αμην(na verdade) λεγω(digo) σοι(a ti) εαν(se) μη(não) τις(alguém) γεννηθη(nascer) **ανωθεν(de alto / do novo)** ου(não) δυναται(pode) ιδειν(ver) την(o) βασιλειαν(reino) του(de) θεου(Deus).

O termo ανωθεν (anôthen) tem dado muito que falar e produzido entendimentos diversos, principalmente quando é forçada a tradução para nascer do alto. Como já foi dito no NT hebraico, em Jo. 3.3, podemos encontrar "ממקור על" (mimekor 'al). A informação léxica para mekor "מקור", significa:

מקור *Fonte, manancial, vertente* Jr 51,36 Os 13,15; **fig. da esposa Pr 5,18.** רְגִיזָה – Fluxo de sangue (a fonte de seu sangue) Lv 12,7; רְמִיעָה - fonte de lágrimas Jr 8,23; (כִּימִים) - כִּימִים fonte viva/que mana, manancial Sl 36,10 Pr 10,11 13,14 14,27 Jr 2,13 17,13; חֲכִמָּה - de sabedoria Pr 18,4; מִשְׁקֵה מִשְׁקֵה - fonte corrompida 25,26 = מִעֵין נִרְפָּשׁ manancial turvo. Com verbos: יָבֵשׁ secar Os 13,15; נִפְתָּח – se aberta Zc 13,1. *Nota*

Sl 68,27 duvidoso: de <sup>קר</sup>, estirpe? (SCHÖKEL, p. 399, grifo nosso)

Origem, original, infinito (BEREZIN, p. 398).

Segundo alguns opositores da reencarnação, a fonte da vida seria manancial e este manancial está em:

Sl. 36,9: pois em ti está o manancial (מקור) da vida; na tua luz vemos a luz.

Como entendemos que esta passagem é de cunho simbólico, Luiz Alonso Schökel nos convida a este sentido que defendemos, quando coloca no sentido figurado a parte destacada em sua obra, não obstante que o manancial da vida é o Eterno, mas quem dá a vida ao qual nossa encarnação está propiciando é a mulher, tal qual vemos na passagem abaixo:

Pr 5,18 Será abençoada a tua fonte (מקור) e te regozijarás com a esposa de tua juventude (TANAH, p. 684)

Lv 12,7: E oferecê-lo-á diante do Eterno, e expiará por ela e se purificará da impureza de seu sangue. Esta é a lei da que der a luz homem ou mulher. (TANAH, p. 114)

Segundo estes mesmos opositores da reencarnação, indagam que se alguém pedir para olharmos para o infinito, para onde olharemos, senão para cima? Este é um argumento que não se sustenta, pois daria a impressão que Deus está na parte superior dos céus e que teríamos que olhar para cima a fim de encontrá-lo. Sabemos que Deus se encontra em toda a parte da natureza, ou seja, de Sua criação, e não seria necessário olhar para nenhuma parte específica para encontrá-lo.

Além disso, existe ainda a acepção da palavra em relação ao significado como fonte, ou ainda a origem deste nascimento que corrobora o que Severino nos ilustrou na vida intrauterina que é a vertente, ou até mesmo a origem da vida. Forçar a sua tradução para nascimento do alto, como a origem da vida que está em Deus, seria desconsiderar toda a semântica e objetivo do diálogo, sendo que veremos mais adiante que cairá por terra este tipo de tradução.

Os opositores da reencarnação ainda alegam que existe, no texto de João 3, a palavra "על" ('al) junto a "mekor", que fora citada por Celestino que esta significa: alto, altura, montante, cume, enquanto substantivo e como preposição: “em cima”, “sobre” etc. O que em parte procede a crítica. Existe ainda a adição de "מקור" que é usado no Novo Testamento hebraico também na passagem do mesmo evangelho de João:

Jo. 4,14: a água que eu lhe der se fará nele uma **fonte** de água que jorre para a vida eterna,

Segundo ainda os mesmos opositores da reencarnação, há a ambiguidade de tradução no hebraico, mostrando que a fonte é do céu, a água é do céu, a vida é do céu e O doador da vida também é do céu, ou seja, do alto. Destarte, anula desta forma o batismo de João, o Batista. Nesta passagem não há nenhuma exegese e por este motivo temos diversas interpretações diante do que nos trazem os antireencarnacionistas e nesta ocasião, com duas interpretações de um mesmo texto.

Continuam ainda afirmar os opositores da reencarnação que ανωθεν (anôthen) ocorre 34 vezes na totalidade da Bíblia grega, sendo 21 no Velho Testamento e 13 vezes no Novo Testamento, das quais duas estão no diálogo entre Jesus e Nicodemos e em todos os casos há a ideia de cima ou do alto, de acordo com as passagens:

Mt. 27.51 “E eis que o véu do santuário se rasgou em dois, **de alto** a baixo; a terra tremeu, as pedras se fenderam.”

Mc. 15.38 “Então o véu do santuário se rasgou em dois, **de alto** a baixo.”

Lc. 1.3 “também a mim, depois de haver investido tudo cuidadosamente desde o **princípio**, pareceu-me bem, ó excelentíssimo Teófilo, escrever-te uma narração em ordem.”

Jo. 3.31 “Aquele que vem **de cima** é sobre todos; aquele que vem da terra é da terra, e fala da terra. Aquele que vem do céu é sobre todos.”

Jo. 19.11 “Respondeu-lhe Jesus: Nenhuma autoridade terias

sobre mim, se **de cima** não te fora dado; por isso aquele que me entregou a ti, maior pecado tem.”

Jo. 19.23 “Tendo, pois, os soldados crucificado a Jesus, tomaram as suas vestes, e fizeram delas quatro partes, para cada soldado uma parte. Tomaram também a túnica; ora a túnica não tinha costura, sendo toda tecida **de alto** a baixo.”

At. 26.5 “pois me conhecem desde o **princípio** e, se quiserem, podem dar testemunho de que, conforme a mais severa denominação da nossa religião, vivi fariseu.”

Gl. 4.9 “agora, porém, que já conheceis a Deus, ou, melhor, sendo conhecidos por Deus, como tornais outra vez a esses rudimentos fracos e pobres, aos quais **de novo** quereis servir?”

Tg.1.17 “Toda boa dádiva e todo dom perfeito vêm **do alto**, descendo do Pai das luzes, em quem não há mudança nem sombra de variação.”

Tg. 3.15 “Essa não é a sabedoria que vem **do alto**, mas é terrena, animal e diabólica.”

Tg. 3.17 “Mas a sabedoria que vem **do alto** é, primeiramente, pura, depois pacífica, moderada, tratável, cheia de misericórdia e de bons frutos, sem parcialidade, e sem hipocrisia.”

Dessas ocorrências, segundo ainda os opositores da reencarnação, a observação fica por conta de Gl. 4.9, por constar em português “**de novo**”, no entanto a expressão grega que a originou não foi ανωθεν, mas παλιν ανωθεν (palin anôthen). Os dicionários nos identificam a palavra παλιν como um Adv. que significa “de novo”, “novamente”, “outra vez”, esta última possibilidade de tradução, inclusive, foi à usada na outra ocorrência de “palin” no mesmo verso:

Gl.4.9: como tornais **outra vez** (παλιν) a esses rudimentos.

Logo, nesse verso ανωθεν, compõe o pleonasma, mas não o determina. E como se vê, tudo aponta para alto, segundo os opositores da reencarnação. Tamanho esforço em se afirmar essa possibilidade de

tradução para nascimento do alto tem uma única razão, a de se negar a reencarnação. Tanto é fato que concluem que o sentido “do alto” ou “de cima” de  $\alpha\omega\theta\epsilon\nu$  é de tal forma que existe a palavra  $\kappa\alpha\tau\omega\theta\epsilon\nu$  (katôthen); seu antônimo.

Para reforçarem a sua ideia, os antireencarnacionistas dizem ainda que a forma aoristo, lembrada em  $\gamma\epsilon\nu\nu\eta\theta\eta$ , testemunha em desfavor da ideia do nascer de novo, pois se trata de um nascimento definitivo e não de renascimentos, já que afirmamos um novo nascimento é uma ocorrência singular, acontecendo de uma vez para sempre. Segundo ainda essa ideia, o aoristo é justamente a forma verbal grega que se apresenta para diferenciar as formas de ação repetitiva ou sucessivas. De tudo não é a verdade, pois se analisarmos a forma verbal do aoristo que significa indeterminado, indefinido, podendo nos remeter a quantidade de reencarnações necessárias para o aperfeiçoamento espiritual reservado a humanidade. Vejamos:

**Aoristo** é um tempo verbal existente nas línguas indoeuropeias, como o grego e o sânscrito. **Aoristos, em grego, significa sem limite.** Numa tradução mais livre, significa **indefinido** ou **indeterminado**. O aoristo indica uma ação verbal ou acontecimento, **sem definir absolutamente o seu tempo de duração**, ou sem definir com precisão o tempo em que a ação ocorreu. É uma espécie de tempo passado indefinido, indeterminado. Nas línguas comuns e modernas, **este tempo verbal não existe.**

**Os verbos em aoristo podem ser traduzidos de diferentes maneiras conforme o contexto.** Um modo/tempo que é como algo que denota um ato único de qualquer tipo, sem fixação nenhuma do tempo de sua ocorrência. A ação verbal aorista representa aspecto isolado, pontual e momentâneo.

Pode, **dentre outras formas, ser entendido com um gerúndio + particípio passado; ex; “tendo feito”, “tendo chegado”.** Indica ainda ações que não podem ser caracterizadas como ocorridas num momento determinado do tempo. **A ação ocorre uma única vez, de uma vez por todas.** O conceito não é de fácil compreensão para falantes de línguas que não tenham essa forma verbal.

Conforme a “Gramática do Novo Testamento Grego” de James H. Moulton (tomo I, 1908, pag. 109), o aoristo tem como efeito converter a um momento, ou seja, considera a ação como num curto instante: representa um momento de entrada (início) [...] ou de término [...] ou faz foco numa ação completa de algo que tenha ocorrido simples e isoladamente, sem distinguir passos ou detalhes do progresso da ação. (Wikipédia [27]) (grifo nosso)

Diante do que vemos a forma aorista de ἀνωθεν (anôthen), esta depende do contexto e a ação ocorre uma única vez, somente quando for um gerúndio + participípio no passado. Portanto, impropriedade a alegação dos opositores da reencarnação à tradução para nascer do alto. Dizemos ainda que à forma passiva aoristo do verbo nos diz que essa é uma ocorrência em que o papel do ser humano é totalmente passivo. Segundo os opositores da reencarnação, a produção do novo nascimento do alto, da parte de Deus, não isenta a participação do homem no desencadeamento do processo.

É justamente o oposto, pois nesta visão, o ser humano não tem a sua vontade própria (livre-arbítrio) em se regenerar e esperar um nascimento do alto, o que contrapõe à lógica, pois ocorreria sem a vontade humana, o que não é de fato a verdade, pois é através da vontade humana que Deus pode operar as mudanças necessárias ao homem e satisfazer a vontade da interpretação, como de nascer para o alto e atender às citações abaixo:

Jo. 1,12: Mas, a **todos quantos o receberam**, aos que crêem no seu nome, **deu-lhes o poder de serem feitos** (γενεσθαι) **filhos** de Deus.

Como ilustrado, é necessário que os homens se predisponham para com Deus a acreditarem no seu nome. Segundo ainda os opositores da reencarnação, γενεσθαι é, também, **uma forma [de] aoristo passivo** do verbo γινομαι, donde γεννωω é um verbo deverbativo. Segundo eles, o “ser tornado” e o “ser gerado” ou “ser nascido”, são estados que o homem passa a se encontrar quando recebe a Cristo, por isso, o próprio João nos diz em sua primeira carta, também usando a forma passiva, relatada abaixo:

1 Jo. 5,1: **Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, é o nascido (γεννηται=gegennêtai) de Deus;[...].**

Como ilustrado novamente, é necessário que os homens se predisponham para com Deus a acreditarem, neste caso em Jesus. À vontade, ou o livre-arbítrio, neste caso, para dar base aos opositores da reencarnação, tem que ocorrer para darem a eles o fundamento de nascer do alto, pois somente a vontade de Deus não poderá operar a mudança do ser humano e, portanto, desfavorável ao argumento dos opositores da reencarnação. Outra análise é a que encontramos no léxico do grego para o português de F. Wilbur Gingrich, onde corrobora com nossa defesa como nascer de novo, conforme abaixo:

**άνωθεν** adv.—1. de cima, esp. céu Mc 15.38; Jo 19.23; Tg 3.15—2. desde o início Lc 1.3; por um longo tempo At 26.5.—3. de novo, outra vez Gl 4.9. Em **Jo 3.3,7** **ã recebe, propositalmente, um significado duplo: do alto, de novo.** (GINGRICH F. Wilbur, p. 26) (grifos nosso).

Como podemos observar no significado duplo de ανωθεν (anôthen), percebemos que é a mesma análise feita por Torres Pastorino e que já vimos anteriormente através da análise de Severino Celestino e que verificaremos mais adiante. Com isso, notamos que os autores deste léxico estão em consonância com Pastorino.

### **24.3. Nicodemos entende como “do alto”, ou “de novo”?**

Para os opositores da reencarnação que defendem a ideia de que o vocábulo ανωθεν (anôthen), significa como “do alto” e não “de novo”, seria importante analisar a resposta de Nicodemos, rebatendo outro questionamento.

Jo 3,4: Disse-lhe Nicodemos: **“Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?”**

Este pensamento de Nicodemos é uma ideia da volta do espírito à vida corpórea, porém não muito bem definida para os Judeus, como já explanamos alhures, onde os Judeus a compreendiam de forma ainda não muito clara, porém só os Saduceus eram contra, onde Nicodemos



perguntou “para nascer segunda vez?” Ou seja, eles acreditavam que quem havia morrido, pudesse voltar a viver. Soaria mais estranho Jesus não negar logo em seguida que não era voltar ao ventre de sua mãe para voltar a nascer. Se Nicodemos tivesse entendido que era nascer 'do alto' ele deveria ter perguntado: Como podemos nascer “do alto”? Essa ideia, segundo os opositores da reencarnação, deve-se ao fato de Nicodemos entender errado não ser nenhuma estranheza, já que Jesus dizia uma coisa e os fariseus não entenderem ou rejeitarem. Porém, Jesus responde como nascer de novo e Nicodemos responde com o questionamento de como poderia nascer de novo. Caso houvesse dito Jesus nascer do alto, certamente Nicodemos responderia com uma pergunta peremptória, como pode um homem nascer do alto?

Outra justificativa dos opositores da reencarnação é a de que Nicodemos assim pensou: Um homem velho pode penetrar no útero? Segundo eles, não de uma nova mãe, mas da própria mãe e nascer, certamente não é uma ideia, ainda que vaga, de reencarnação em qualquer nível, pelo contrário, mostra um desconhecimento completo de qualquer processo que se assemelhe a “transmigração da alma”. Muito pelo contrário, como apresentamos no texto “A Torá e a Reencarnação”, sendo que os próprios apóstolos responderam a Jesus que ele poderia ser até mesmo João Batista, atesta sem dúvidas de que os judeus na época de Jesus não entendiam como se processava o retorno à vida numa nova existência (Mt 16: 13-17), sem nos furtar dos exemplos da Tanah.

Segundo os opositores da reencarnação, a expressão segunda vez e a surpresa de Nicodemos, testificada por Jesus: “Não te admires”, também testemunham em desfavor da reencarnação, pois mostra que apenas uma segunda vez anularia as vidas sucessivas. Entretanto, ao examinarmos o texto, já que Nicodemos era mestre da lei, entendia vagamente que os profetas retornariam à vida, este é o motivo pelo qual Jesus afirma “Não te admires”, já que era um conhecimento já pregado, mesmo que de forma ainda não muito clara (Mt 16: 13-17). Já Nicodemos ter inquirido como segunda vez não anula as demais encarnações, mas ele quis descobrir como um homem poderia voltar à vida e este era o objetivo dele, saber como se dava o processo das reencarnações.

A fim de fecharmos este assunto, pesquisamos as diversas bíblias, tanto as católicas, quanto as protestantes da biblioteca do escritor Paulo Neto, para verificar o que delas podemos estabelecer se vertem a tradução para o nascer do alto, ou nascer de novo. Vejamos:

“João emprega um termo grego, anóthem, que significa também ‘do alto’ (cf. 3,7.31). **Esse duplo sentido não existe na língua de Jesus e de Nicodemos**”. (Bíblia de Jerusalém, p. 1847).

“no v. 4 está dito ‘renascer’, e quanto ao v. 5 explicam que é uma alusão ao batismo”. (Bíblia Ave-Maria p. 1386).

“apenas no v. 3 usaram ‘do alto’, buscam, também, relacionar essa passagem ao rito do batismo”. (Bíblia Pastoral p. 1356-1357).

“aplicaram ao v. 3 a expressão ‘renascer de novo’, no v. 5 ‘renascer’ e no 7 ‘nascer outra vez’. Embora não falem nada sobre batismo, implicitamente querem levar a essa ideia quando, no v. 5, ao invés de colocar ‘e do Espírito’, mudam para ‘e do Espírito Santo’. Um detalhe importante dessa Bíblia é sua antiguidade; foi editada em 1965, do que concluímos que nas edições mais recentes, a preocupação de retirar a ideia da reencarnação fica mais evidente”. (Barsa Novo Testamento, p. 79).

“Usam no v. 3 e 5 ‘de novo’; na explicação do v. 3 colocam: O termo grego aqui empregado é ambíguo. Tanto se pode traduzir por ‘nascer de novo’ como por ‘nascer do alto’. **Nicodemos entende-o no primeiro sentido, como se vê pelo contexto**. Jesus, porém, reconduz a conversa ao seu caminho: os que pertencem ao Reino, não são os que nasceram da carne e do sangue (os descendentes de Abraão, como pensavam os judeus), mas os que nasceram de Deus (cf. Jo 1,13). Tal nascimento realiza-se no batismo (Jo 3,5)”. (Bíblia Santuário p. 1574). (grifo nosso).

“informam-nos que Nicodemos em grego quer dizer ‘vitória do povo’; aliás, muito significativo para a ideia da reencarnação”. (Bíblia Do Peregrino p. 2552).

“nos v. 3 e 7, aplicam o ‘do alto’, dando a seguinte explicação: A expressão nascer do alto (v. 3) **em grego pode ser entendida também como nascer de novo, como faz Nicodemos (v.4)**, no sentido de ser concebido e dado à luz. Jesus, no entanto, fala de um novo nascimento de Deus, da água e do Espírito Santo (v.5), numa referência direta ao rito do batismo (cf. 1,12s)”. (**Bíblia editora Vozes p. 1275**) (grifo nosso).

**3:3** nascer de novo. Lit., de cima (como em 3:31; 19:11), embora a palavra também signifique “outra vez”, “de novo” (Gl 4:9). O novo nascimento ou regeneração (Tt 3:5) é o ato de Deus que concede vida eterna ao que crê em Cristo. Como resultado, tal pessoa torna-se membro da família de Deus (1 Pe 3 1;23) com uma nova capacidade e um novo desejo de agradar a seu Pai celeste (2 Cor 5;17).

**3:5** Quem não nascer da água e do Espírito. Várias interpretações têm sido sugeridas para o termo água neste versículo: (1) Que ela se refere ao batismo como condição para a salvação. Isto, porém, contradiz muitas outras passagens do N.T. (Ef 2:8-9). (2) Representa o ato de arrependimento indicado pelo batismo de João. (3) Refere-se ao nascimento físico; assim, o versículo diria: “Quem não nascer a primeira vez da água e a segunda vez do Espírito”. (4) Significa a palavra de Deus, como em Jo 15;3. (5) É um sinônimo para o Espírito Santo, sendo esta a tradução: “da água, isto é, do Espírito”. Uma verdade é clara: o novo nascimento vem de Deus através do Espírito. (**Bíblia Mundo Cristão, p. 1322**).

De todas as bíblias consultadas, certamente não coadunam com a interpretação como um nascimento ‘do alto’, mas sim como ‘de novo’, sendo uma incontestável e correta tradução como nascer de novo. Neste ponto, temos alguns opositores da reencarnação defendendo o ‘nascer do alto’ e nascer de novo ‘através do batismo’. Com qual interpretação ficamos? O espiritismo nos convida a um único entendimento, sendo ele o ‘nascer de novo’, através da reencarnação, trazendo as experiências das vidas sucessivas e a aquisição das virtudes celestes, para enfim termos a condição de ‘ver o reino de Deus’.

## 24.4. Jesus esclarece o que todos nós estamos sujeitos a passar

Mais adiante, no diálogo com Nicodemos, Jesus afirma: *Retorquiu-lhe Jesus: “Em verdade, em verdade, digo-te: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus”.* (Jo 3:5). Jesus assim reafirmou e não condenou a reencarnação, já que após a indagação de Nicodemos, Ele não o repreendeu numa hipótese de dizer-lhe que era improvável para o homem nascer uma segunda vez. Se esta crença tivesse erro, Jesus certamente não deixaria de combatê-la, como fez com tantas outras. Essas palavras de Jesus “*Se um homem não renasce da água e do Espírito*”, foram interpretados como sendo a regeneração pela água do Batismo, ou ainda alguns opositores da reencarnação como a água da vida que emana de Deus, porém erroneamente.

Para entendermos a acepção e emprego das palavras utilizadas, é preciso ter em mente que Jesus utilizava os conhecimentos de sua época para exprimir seus ensinamentos. Destarte, a palavra água era empregada como o elemento gerador e que a Terra havia surgido das águas; por este motivo, eles acreditavam que a água era o elemento gerador absoluto, assim como:

Gn 1,2: ...O Espírito de Deus pairava por sobre as águas;

Gn 1,6: E disse Deus: Haja firmamento no meio das águas e separação entre águas e águas;

Gn 1,9: Disse também Deus: Ajuntem-se as águas debaixo dos céus num só lugar, e apareça a porção seca. E assim se fez.

Desta maneira, assim como analisamos a obra de Severino Celestino neste versículo, vemos que nos originais diz que Jesus responde:

Jo 3,5: Amén, amén, lhe digo, ninguém, se não nascer de água e da ruach (essência), não pode entrar ao reino de 'Elohím. [28]

Como afirmamos que a ruach para os Judeus representava a

essência, ou seja, o espírito que dá a vida ao novo corpo físico gerado, assim testificamos que o nascimento é pela reencarnação, ou o retorno da ruach. Assim é corroborada com a referida passagem correlacionada através da exegese de João para a epístola de Paulo a Tito e o significado de Palingenesia:

**Palingenesia – Significado** s.f. **Eterno retorno.** Renovação, regeneração, renascimento. Reaparição periódica dos mesmos fatos, vidas e almas. **Princípio filosófico e religioso admitido primeiramente pelos pitagóricos e estóicos.** Crença na persistência da humanidade através dos ciclos históricos, segundo Vico. (Dicionário on-line de Português, grifos nossos) [29]

Mais adiante, Jesus esclarece que *O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é Espírito.* (Jo 3,6). Jesus faz aqui uma distinção importante entre Espírito e corpo, já que Ele deixa claro que *o que é nascido da carne é carne*, ou seja, estas palavras indicam que só o corpo procede do corpo e o Espírito procede do Espírito, separando assim as suas naturezas que diferem entre si, sendo uma física e a outra etérea que vem formar um ser encarnado. Vemos que a análise dos originais diz que:

Jo 3,6: **O que nasce da bassar (carne) é carne; o que nasce da ruach (essência) é essência.** [28]

Acreditamos ser fundamental esta análise no hebraico, pois, como anteriormente já afirmamos, o que nasce do corpo físico difere da natureza etérea do que provém do espírito. Portanto, o nascer da carne, é o novo nascimento de um novo ser, ou da bassar (carne) é carne; e o nascimento do espírito, ou da ruach (essência) é essência. Sem sombra de dúvida que Jesus dizia em nascer em um novo corpo, com a mesma essência ou ruach que temos. Mais adiante, Jesus diz a Nicodemos novamente: *Não te admires de que eu te haja dito ser **preciso que nasças de novo.*** (Jo 3,7). Nesta passagem Jesus deixa clara a necessidade da reencarnação por ser preciso a todos nós. Baseado na análise de Severino, numa tradução mais fiel aos originais em hebraico, neste sétimo verso, podemos dizer que convergimos no mesmo pensamento de que o nascimento é necessário a toda a humanidade e

não somente ao Nicodemos que estava em diálogo com Jesus, bem como a continuação do diálogo.

Jo 3,8: **O Espírito sopra** onde quer e ouves a sua voz, mas **não sabes donde vem ele, nem para onde vai**; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito.

O Espírito sopra (isto é, age, reencarna, se manifesta onde quer), e não sabes donde vem ele (ou seja, sua última encarnação), nem para onde vai (qual será a próxima). Concluindo que o Espírito de Deus que dá a vida a quem ele quer, na acepção da alma do homem em questão; nesta última acepção: **não sabes donde vem ele**, entende-se que não se sabe quem ele é, ou seja, em relação a sua última encarnação e para onde vai, demonstrando que não saberá a sua encarnação futura, a menos que seja permitido pelo Pai revelá-lo. Se o Espírito fosse criado juntamente com o corpo, saber-se-ia de onde ele veio. Como não se sabe de onde vem o Espírito, nem para onde ele vai, estas são as afirmativas da preexistência da alma, e, por conseguinte, a evidência da pluralidade das existências. Igualmente, se fosse o Espírito Santo que se referia Jesus neste contexto, certamente saber-se-ia de onde ele veio e para onde ele vai, ou seja, ele viria de Deus e retornaria a Deus. Certamente é sobre a nossa essência ruach ao qual Jesus diz a Nicodemos, onde a doutrina espírita nos esclarece ser o Espírito que nos anima. A análise no original hebraico assim diz que:

Jo 3,8: Sopra onde quer, a **ruach (essência)**, e entendes a sua voz. Mas não sabes onde vem nem onde ele vai; assim de qualquer nativo da **ruach (essência)**. [2]

Novamente, Jesus cita a ruach, corroborando assim que Ele falava do Espírito e o seu processo de retorno a uma nova existência, pois sempre foi citado a **ruach (essência)** e não o Espírito Santo, ruach qodesh. Entretanto, alguns opositores da reencarnação dizem que Jesus fala em nascido de O Espírito, ou seja, não referenciou nascimento físico. Todavia, Jesus deixa bem explícito e separa os conceitos do que é da carne é carne e do espírito é espírito. Contudo, seguindo a objeção dos opositores da reencarnação, eles nos informam ainda que O Espírito, nas Escrituras, é associado às coisas do alto. Como anteriormente já dissemos, ficou descartada a interpretação de

‘do alto’, já que **Jesus falava a Nicodemos das coisas da terra e não celestiais** (Jo 3:12). Dizem ainda os opositores da reencarnação que nesta passagem de João 3, temos que estar atentos à passagem de Ez. 36.25, onde se mostra que a água provinda de Deus é purificadora e dá um espírito novo ao homem.

Entretanto, ao buscarmos na exegese mais adiante deste capítulo, esta passagem não é encontrada para dar apoio às ideias dos opositores da reencarnação, tendo mais como uma interpretação pessoal de alguns. Paradoxalmente, é uma interpretação de dentro para dentro das escrituras que colide com a exegese já existente. Com qual ficamos? Creio que a espírita não há divergências e é apenas uma, a reencarnação.

Continuando nas suas elucubrações, os opositores da reencarnação comparam a visão espírita como uma visão materialista. E segundo eles, o contexto foca o espírito, não a carne. Entretanto, o que estamos evidenciando é justamente uma lei natural, sendo ela a reencarnação, com embasamento no mesmo axioma de que **Jesus falava a Nicodemos das coisas da terra e não celestiais** (Jo 3:12). Segundo estes mesmos opositores da reencarnação, quanto ao não saber “de onde vem e nem para onde vai”, eles dizem que Jesus dirigia aquela palavra a Nicodemos.

Entendemos que Jesus não somente direcionou a Nicodemos, mas também a toda a humanidade que está umbilicalmente ligada à lei natural da reencarnação, sendo como **as coisas da terra e não celestiais** (Jo 3:12).

Os opositores da reencarnação alegam ainda que o espírito não age assim tão deliberadamente e nem se manifesta onde quer, e uma suposta reencarnação não depende só dele, pois após ser instruído pela “espiritualidade” escolheria acompanhado dos “mentores” qual a próxima “encarnação”, some-se a isto o fato de por vezes ser “conhecida” qual a última “encarnação”, ora pela própria pessoa, ora por terceiros. De tudo não é de fato a verdade. Vejamos o que Kardec nos ilustra em *O Livro dos Espíritos*:

**330 Os Espíritos conhecem a época em que**

**reencarnarão?** Eles a pressentem, assim como um cego sente o fogo quando dele se aproxima. Sabem que devem retornar a um corpo como sabeis que um dia deveis morrer, **mas não sabem quando isso vai acontecer.** (Veja, nesta obra, a **questão 166.**) (O Livro dos Espíritos – Parte segunda, Capítulo 7; Retorno à vida corporal)

**166 Como a alma, que não alcançou a perfeição durante a vida corporal, pode acabar de se depurar?** Submetendo-se à prova de uma nova existência.

**166 a Como a alma realiza essa nova existência? É pela sua transformação como Espírito?** A alma, ao se depurar, sofre sem dúvida uma transformação, mas para isso é preciso que passe pela prova da vida corporal.

**166 b A alma tem, portanto, que passar por muitas existências corporais?** Sim, todos nós temos muitas existências. Os que dizem o contrário querem vos manter na ignorância em que eles próprios se encontram. Esse é o desejo deles.

**166 c Desse princípio parece resultar que a alma, após ter deixado um corpo, toma outro, ou seja, reencarna em um novo corpo. É assim que se deve entender?** Evidentemente. (O Livro dos Espíritos, Parte segunda, Capítulo 4; Retorno à vida corporal)

Conforme o esclarecimento acima, isso corrobora que muitos opositores da reencarnação sequer examinam a codificação e julgam aquilo que desconhecem, entretanto, seguimos adiante com o diálogo entre Jesus e Nicodemos: *Respondeu-lhe Nicodemos: “Como pode isso fazer-se?” (Jo 3:9).* Como se vê pela pergunta, Nicodemos demonstrou que ainda não compreendia as palavras que Jesus estava empregando num sentido mais profundo. Isto corrobora a teste de que eles falavam de reencarnação e Nicodemos não compreendia o seu processo mais claramente, como assim já explanamos anteriormente o entendimento dos judeus quanto ao processo da reencarnação. Então prosseguimos com o diálogo:



Jo 3,10: Jesus lhe observou: “Pois quê! **és mestre em Israel e ignoras estas coisas?**”

Conforme a palavra de Jesus fica claro que Nicodemos ainda não houvera entendido tão profundamente as palavras Dele. Destarte, na época em que vivia Jesus (a crença dos Judeus) na volta do ser a um novo corpo não estava tão bem definida, não havendo, portanto, o amadurecimento necessário para que se pudessem compreender as ciências físicas e metafísicas que deram subsídios e suporte para que a Doutrina Espírita criasse raízes tão profundas, sendo estas já preditas pelo divino Mestre. Outro ponto importante é que Jesus se dirige a **Nicodemos como mestre em Israel** e que ainda não compreendia esse processo de reencarnação. Presumir que como mestre dos fariseus, Nicodemos foi chamado por Jesus, mas que ignora essas coisas, certamente é por um conhecimento que eles ensinam, mas que neste caso não o compreenderam. Com isso, Jesus arremata dizendo:

Jo 3,11: Digo-te em verdade, em verdade, que **não dizemos senão o que sabemos** e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho.

Havia neste trecho, nas palavras de Jesus, o arremate de que, como anteriormente já foi dito, de que Ele, Jesus, não poderia senão dizer em sua época da forma como poderia ser compreendido no tempo oportuno, já que Ele não poderia adiantar um processo que exigia um entendimento posto que em sua época não havia condições de assimilar a reencarnação, sendo o diálogo de Jesus com Nicodemos, refletido sempre a reencarnação, mesmo que em palavras tão profundas por debaixo de um véu: senão do que temos visto, ou seja, Jesus dizia o que sabia, mas não poderia adiantar um processo, sendo que muitos não haviam “visto”, ou assimilado para compreender a ligação do Perispírito ao corpo em sua concepção. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. Em outras palavras, apesar de Nicodemos ter ouvido e tentado assimilar a reencarnação, este não a compreendeu tão claramente.

## **24.5. Reencarnação, uma lei natural!**

Encontramos ainda, mediante o desfecho do diálogo entre Jesus e Nicodemos ser sobre a Reencarnação, a passagem abaixo que abalizará e coadunará em nossos comentários de que Jesus não falava das coisas “do alto”, ditas celestiais, mas sim das coisas da terra, ditas como lei natural. Vejamos:

Jo 3,12: **“Mas, se não me credes, quando vos falo das coisas da Terra, como me creereis, quando vos fale das coisas do céu?”**

Jesus insistiu e nem mesmo por isso Nicodemos foi batizado; com isso o Ele afirmou que a Reencarnação é uma lei natural quando disse: **“Mas, se não me credes, quando vos falo das coisas da Terra”** como uma lei que todos nós estamos sujeito quer queiramos ou não acreditar nela. Alguns opositores da reencarnação, numa tentativa inglória de tangenciarem na afirmativa de que Jesus falava nas coisas da terra como uma lei natural, sendo ela a reencarnação, alegam que Jesus quando diz *“Se vos falei de [coisas] terrestres...”*, no original é: *”εἰ τὰ ἐπιγεια εἶπον ὑμῖν*, onde o verbo “falar”(**εἶπον**), está também no aoristo, o que quer dizer que Jesus “falou de forma plena”, acerca das coisas terrestres aos rejeitadores. Ou seja, se afirmam os opositores da reencarnação que Jesus falou de forma plena das coisas terrestres, certamente não entrou em discursar sobre as coisas do alto, ditas celestiais.

## **24.6. A jornada evolutiva de Jesus**

Esta passagem é uma das mais complexas aos exegetas e opositores da reencarnação, em nos trazer uma análise que tenha lógica dentro do contexto que se refere à reencarnação. Pois bem, vejamos:

Jo 3,13: **“Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que de lá desceu, o Filho do Homem”**

Primeiro vejamos o que alguns opositores da reencarnação tentam harmonizar para fechar a questão do diálogo entre Jesus e Nicodemos. v.13 *“Ora, ninguém subiu (ἀναβέβηκεν) ao céu, senão o que desceu (καταβας) do céu, o Filho do homem.”*. *”ἀναβέβηκεν”*

(anabebêken) é o perfeito de αναβαινω (anabainô=subir); esta forma verbal grega se caracteriza pela permanência do estado da ação ocorrida no passado; é uma espécie de aoristo com presente, ou seja, não simboliza processos evolutivos como se pretende atribuir a Cristo, foi uma ação completa ocorrida no passado e que permanece. Isso justifica alguns manuscritos trazerem ao final do verso a expressão: “que está no céu”. “Céu” aqui simboliza a glória celestial, da qual ele “desceu” (καταβας), katabas é o particípio aoristo de καταβαινω (katabainô=descer), e denota que Ele estava se esvaziando (sentido do particípio grego) por completo (sentido do aoristo grego), isto se harmoniza completamente com:

Fp. 2,6-7: “o qual, subsistindo em forma de Deus, não considerou o ser igual a Deus coisa a que se devia aferrar, mas esvaziou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens”.

Essa argumentação seria mais uma além do que nos oferece a exegese, mas sabemos que Jesus chegou ao estado de puro espírito antes mesmo da formação de nosso orbe terrestre, mas não podemos nos furtar do esvaziar como a perda de sua grandeza espiritual.

Nesta passagem, sendo Jesus 'O Filho do Homem', este veio a dizer que “Ora, **ninguém subiu ao céu, senão o que de lá desceu, o Filho do Homem**”. Sendo o diálogo de Jesus e Nicodemos relacionado à reencarnação como uma lei natural, onde é compreensível de que nenhum encarnado na Terra chegou ao grau de espírito puro, senão Jesus que percorreu todos os estágios evolutivos (**subiu ao céu**) chegando ao grau de espírito puro antes da fundação do Planeta Terra e desceu a nossa compreensão (**de lá desceu**), para nos trazer, na época em que esteve em sua ditosa missão na Terra, o Evangelho da redenção e nos elucidar este processo de reencarnação da forma que a Doutrina Espírita (A Consoladora) nos esclarece mais judiciosamente, já que Ele não poderia se estender num assunto, diante de tantos outros, na época em que os “entendidos” ainda não estavam maduros para compreender, bem como, **Tenho ainda muito que vos dizer**, mas vós não o podeis suportar agora; (Jo 16:12). Cabe-nos ao menos o bom senso para aludirmos que Jesus falava de reencarnação com Nicodemos, como sendo uma lei natural a que todos nós estamos

sujeitos para o nosso aperfeiçoamento e resgate das faltas (Jo 3:12).

Assim, uma interessante explicação para esta passagem que acabamos de elucidar, quanto a Jo 3:13, o sentido para muitos opositores da reencarnação é de que ninguém subiu ao céu para poder falar com autoridade a respeito das “coisas celestiais”, segundo indica o contexto (v. 11). Só por revelação os homens podem discernir os segredos do céu, nunca especulando quanto a eles, como explica a *SDA Commentary*:

**Subiu ao céu** – Isto é, nenhum ser humano foi ao céu para conhecer as “coisas celestiais” (vers. 12). Só o Filho do homem, que desceu do céu, ali esteve e só ele pode revelá-las. Não se faz referência aqui à ascensão de Cristo ao céu depois da ressurreição.

A exegese apresentada a esta passagem, que diverge, inclusive da interpretação particular de alguns opositores da reencarnação, nos leva as seguintes (Pv 30:4; Jo 6:33,38; 51:62; 16:28; At 2:34; I Cor 15:47 e Ef 4:9-10). Analisando a descida de Jesus às “regiões inferiores”, sendo ela após a sua ressurreição e não no momento antes do diálogo com Nicodemos, encontramos as seguintes evidências abaixo. Neste ponto, segue a análise da passagem de Ef 4:7-16, em relação a questão da descida de Jesus às “regiões inferiores”, como santo mistério e o serviço dos santos, com destaque aos seguintes pontos:

**a.** Jesus desceu às regiões inferiores de fato, como um santo mistério, segundo Paulo, a fim de levar cativo o cativo e **até mesmo rebeldes**, ou seja, espíritos renitentes ainda no erro.

**b.** Jesus subiu os degraus evolutivos através das vidas sucessivas, **antes** de **sua encarnação** (Jo 3:13).

**c.** Jesus **desceu** à nossa compreensão. (Jo 3:13).

**d.** Jesus **foi elevado** no madeiro, bem como ascendido na escalada evolutiva (Jo 3:14; Hb 1:4).

**e.** Jesus desceu as regiões inferiores **após** a sua **ressurreição**.

**f.** Jesus desceu às regiões inferiores **antes** de sua **ascensão**.

**g.** Jesus **ascendeu** em espírito.

Analisemos a passagem:

Jo 3,14-15: E do modo por que **Moisés levantou a serpente no deserto**, assim importa que o filho do homem seja levantado, para que **todo o que nEle crê** tenha a vida eterna.

Esta passagem está referenciada na Torá, que Jesus cita (Nm 21:9), trazendo o entendimento de que Jesus ressurgiria e ser levantado, ou seja, subiria ainda mais na escalada evolutiva, onde o seu exemplo de misericórdia no suplício do Gólgota seria como a cura, ou seja, a regeneração da humanidade e, por conseguinte, do planeta Terra governado pelo Mestre Jesus, assim como, Ele: *tendo-se tornado tão superior aos anjos quanto herdou mais excelente nome do que eles.* (Hb 1:4). Diante de toda a explanação, citamos ainda: *para que **todo o que nEle crê** tenha a vida eterna.* (Jo 3:15).

Finalizamos a análise afirmando que o diálogo de Jesus com Nicodemos é sobre a reencarnação e não do nascer de novo do batismo, em virtude do pensamento dos Judeus daquela época e a compreensão que eles tinham sobre o que hoje tem o nome de reencarnação, de que certamente o diálogo de Jesus e Nicodemos é sobre a reencarnação. É bom lembrar que o ritual de iniciação entre os judeus era a circuncisão e não o batismo, bem como a Tevilá que era um ritual similar ao batismo de João, o Batista. Aliás, o único que batizava naquela época era João; entretanto, ele disse que viria alguém maior que ele que iria batizar com fogo, ou seja, o batismo da água não tem tanta sustentação nesta passagem como alegam.

Por outro lado. Jesus não houvera, em nenhum momento, falado de batismo em seu diálogo com Nicodemos. Diante disso, Ele não poderia deixar de citar o batismo para atestar e provar que o diálogo era relacionado a tal; tanto que Ele não o cita no fim do diálogo com Nicodemos, dizendo apenas que todo o que nEle crê(...). Se a passagem realmente fosse sobre o batismo, assim deveria ser o desfecho do diálogo: todo o que nEle crê e for batizado tenha a vida eterna. Dessa forma, fica claro que Jesus não falava de nascer 'do alto' e nem mesmo nascer 'de novo pelo batismo' com Nicodemos e sim da reencarnação. Acreditar ou não é de foro íntimo de cada um, mas *Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça* (Mt 11:15).

## 24.7. A Exegese esquecida

Alguns opositores da reencarnação, ao lerem a passagem que diz a respeito do diálogo de Jesus e Nicodemos, acabam forçando a interpretação para nascer “do alto” e partem para interpretações pessoais, sendo estas ligadas ao texto de Jo 3:1-15, tal como a exegese particular de alguns opositores da reencarnação em Sl. 36:9, Jo. 4.14, Mt.27.51; Mc 15.38; Lc. 1.3; Jo. 3.31; Jo. 19.11; Jo. 19.23; At. 26.5; Gl. 4.9; Tg.1.17;Tg. 3.15; Tg. 3.17; Jo. 1.12; 1 Jo. 5.1; Fp. 2.6,7.

Esquecendo-se da exegese que eles próprios não usam, tal como em Jo 3:5 lemos a exegese como resposta em Tt 3:5; Em Jo 3:8 lemos a exegese como resposta em Ec 11:5 e I Cor 2:11; Em Jo 3:9 lemos a exegese como resposta em Jo 6:52-60; Em Jo 3:11 lemos a exegese como resposta em Mt 11:27, Jo 1:18, Jo 7:16, Jo 8:28, Jo 12:49, Jo 14:24; Em Jo 3:13 lemos a exegese como resposta em Pv 30:4, Jo 6:33-38, Jo 6:51-62, Jo 16:28, At 2:34, I Cor 15:47, Ef 4:9-10; Em Jo 3:14 lemos a exegese como resposta em Nm 21:9, João 8:28, Jo 12:32; Em Jo 3:15 lemos a exegese como resposta em Jo 3:36, Jo 6:47.

Paradoxalmente, quando fazem as passagens das escrituras responderem as próprias escrituras, desvirtuam drasticamente da exegese que eles mesmos não a defendem, mas partem para interpretações particulares.

## 24.8. O desenvolvimento da Exegese

Com apoio de Torres Pastorino, em sua obra ‘*Sabedoria do Evangelho, volume 2*’, iniciaremos o aprofundamento da exegese.

Um dos episódios mais instrutivos, em qualquer plano que se consiga compreendê-lo: no literal, no alegórico, no simbólico ou no espiritual. Vamos inicialmente fazer os comentários exegéticos, passando depois aos hermenêuticos.

Passa-se o fato com um fariseu de nome grego, Nicodemos (“vencedor do povo”). Seu nome aparece mais duas vezes apenas, sempre em João (7-5 e 19:39). Era Doutor da Lei e

chefe dos judeus, o que indica pertencer ao Sinédrio. Procura Jesus à noite, hora mais propícia para uma conversa particular, acrescentando a circunstância da prudência de não ser visto.

Nicodemos dá a Jesus o título de Rabbi, tratando-o como igual. e explica as razões por que o considera também Doutor da Lei: as demonstrações de obras e palavras, Jesus fala em nascer “de novo” ou “do alto”. A palavra grega *ανουεν* pode ter os dois sentidos. João o emprega geralmente no segundo sentido (em 3:31, em 19:11 e em 19:23). Os "Pais" da igreja grega (Orígenes, João Crisóstomo, Cirilo de Alexandria, etc.) e alguns modernos (Calmes, Lagrange, Loisy, Bernard, Jouïon, Pirot, Tillmann e o nosso José de Oiticica) preferem "do alto". Os "Pais" da igreja latina (Agostinho, Jerônimo, Ambrósio, etc.) e outros modernos (d'Alás, Durand, Knabenbauer, Plummer, Zahn, etc.) opinam por 'de novo. Um e outro sentido cabem perfeitamente no contexto.

Jesus inicia a conversa afirmando que ninguém pode VER (*ιδειν*) no sentido de *conhecer*, ver com a Mente, identificar-se, e, portanto *viver* o Reino dos céus (mais abaixo é usado “Reino de Deus” como sinônimo perfeito) se não nascer de novo, ou do alto. “Nicodemos indaga como pode nascer pela segunda vez um homem velho se poderá voltar para o ventre materno”. Esta pergunta revela que o mestre de Israel entendeu “de novo” sem a menor dúvida.

O Rabbi não retira o que disse: ao contrário, confirma-o, especificando que o nascimento deverá ser “de água e de espírito” (em grego sem artigo); e dizendo mais: “que o que é carne nasce da carne e o que é espírito provém do espírito” (em grego com artigo). E repete: e necessário nascer de novo (ou do alto).

Depois acrescenta: “o espírito age onde quer”. As traduções vulgares trazem “o vento sopra onde quer”. Ora, a palavra *πνευμα* (pneuma) é repetida no original cinco vezes nos quatro versículos (5, 6, 7 e 8). Por que traduzir quatro vezes por “espírito” e uma vez por “vento”? Estranho... Mas há razões para isso. Veremos.

Jesus muda de tom, torna-se mais solene, eleva os conceitos

e penetra assuntos mais profundos. Admira-se que Nicodemos não o entenda. Salieta que entre os dois há uma diferença: Nicodemos é “o doutor de Israel”, enquanto ele, Jesus, não havia feito os cursos oficiais (daí aparecer em grego o artigo diante da palavra “doutor”). Salieta, então, que até aqui falou de coisas terrenas, e não foi entendido. Que sucederá se falar das celestiais (espirituais)?

Depois cita a serpente de bronze, que foi elevada por Moisés (Núm.21:4-9), dizendo que o mesmo deverá acontecer ao Filho do Homem. No livro da Sabedoria de Salomão (16:6-7) essa serpente é citada como “símbolo de salvação”.

Passemos, agora, à hermenêutica. (PASTORINO, C. J., p. 2-3)

Passaremos agora para as diversas interpretações que este texto em análise suscita, através do qual concluiremos qual é a mais apropriada.

## **24.9. Análise de Torres Pastorino**

Mediante a análise exegética da passagem, passaremos porquanto ao entendimento hermenêutico desta passagem, de Torres Pastorino, em sua obra *‘Sabedoria do Evangelho, volume 2*.

### **1.ª Interpretação: LITERAL**

É a adotada pela igreja Católico-Romana. Jesus diz a Nicodemos que a criatura só pode obter o Reino de Deus (salvar-se) se renascer pela água (que é mesmo a água física do batismo) e pelo espírito (que é a infusão do Espírito Santo). Daí ser traduzido o versículo 8 por “o vento sopra onde quer”, como um simples exemplo da liberdade do Espírito. O batismo é um rito de iniciação que se tornou um “sacramento”. A palavra latina sacramentum é a tradução do grego *μυστηριον*, e corresponde aos mistérios gregos que se aplicavam aos catecúmenos (profanos que haviam recebido a instrução oral e estavam prontos para ser “iniciados” nos mistérios). Nesse sentido era usada a palavra sacramento. No século 4.º, Ambrósio introduziu no latim a palavra grega *mysterium*, com o sentido de “coisa oculta”, segredo não revelável a estranhos.



O sacramento do batismo é a junção da água e das palavras que dão o Espírito, e se define: “sinal sensível que exprime e produz a graça santificante, permanentemente instituído por Jesus Cristo” (Tanquerey, *Theologia Dogmatica*, vol. III, n. 248). E Agostinho (Tratado 80, in *Johanne* n.3) confirma: No batismo há palavra e água. Tira a palavra, que fica? água pura. Se a palavra é unida ao elemento, temos o sacramento. Que força teria a água de lavar o coração, se não fossem as palavras”? (Patrol. Lat., vol. 35, col. 1810).

Essa é a única interpretação lícita, segundo o Concílio de Trento (sessão 7, cânon 2):

“Si quis dixerit aquam veram et naturalem non esse de necessitate baptismi, atque ideo verba illa Domini nostri Jesu Christi: ‘nisi quis renatus fuerit ex aqua et Spiritu Sancto’ ad metaphoram aliquam detorserit, anathema sit”.

"Se alguém disser que não há necessidade de água verdadeira e natural para o batismo, e igualmente que devem ser interpretadas como metáfora as palavras de nosso Senhor Jesus Cristo: ‘se alguém não renascer da água e do Espírito Santo’, seja anátema”.

Há, pois, uma interpretação fixada como dogma.

## **2.<sup>a</sup> Interpretação: ALEGÓRICA**

Foi justamente a condenada pelo Concílio de Trento, cujo artigo se dirigia contra Calvino e Grotius. Essa interpretação ainda é seguida pela maioria dos evangélicos (protestantes). A explicação da “água” corresponde ao rito do batismo. Mas o “espírito” tem novo significado: é o renascimento moral, a vida nova ou o novo teor de vida no caminho de Cristo. O sentido do renascimento espiritual, com a morte do “homem velho” e o nascimento do “homem novo” é muitas vezes ensinado nas Escrituras, desde o Antigo Testamento: “Lançai de vós todas as vossas transgressões, com que errastes, e fazei-vos um coração novo e um espírito novo” (Ez.18:31); “Também vos darei um coração novo e dentro de vós porei um espírito novo” (Ez.36:26); “Se alguém está em Cristo, é uma nova criação: passou o que era velho, eis que se fez novo” (2 Cor.5:17); “Não mintais uns aos outros, tendo-vos despido do homem

velho com seus feitos e tendo-vos revestido do homem novo” (Col.3:9); e ainda 2 Cor.2:11-13 ou Ef. 4:20-24 e Rom.6:3-11.

A tradução adotada no versículo 8 é também “vento”, defendendo-se a tradução com a frase do Eclesiastes (11:5): “Tu não sabes o caminho do vento”. Entretanto, aí a palavra usada não é πνευμα, mas ανεμος. Quanto ao verbo pnei, se é usado com sentido de “soprar” com referência ao vento, também pode significar “agir, exteriorizar-se, manifestar-se” em relação ao espírito. O latim traduz πνευμα por “spiritus” e πνει por spirare, dentro do sentido grego. Mas também em português usamos o mesmo radical, quer se trate do espírito (inspiração) quer se trate do vento (respiração), que se divide em inspiração e expiração; e quando o espírito se retira, dizemos que a pessoa “expirou”.

### **3.ª Interpretação: FISIO-REALISTA**

Aceita pelos espiritistas, como ensino da realidade fisiológica do que ocorre com as criaturas. A tradução de “ανουεν” é “de novo”, tal como a entendeu Nicodemos, que pergunta como pode “o homem, depois de velho, entrar pela segunda vez (δευτερον) no ventre materno”.

A essa indagação, longe de protestar que não era isso o que queria dizer, Jesus insiste e confirma suas palavras: “é o que te disse: indispensável se torna que o homem nasça de água” (isto é, materialmente, com o corpo denso, dado que o nascimento físico é feito através da bolsa d’água do líquido amniótico) e de espírito (ou seja, que adquira nova personalidade no mundo terreno, em cada nova existência, a fim de progredir). Se Nicodemos entendeu à letra as palavras de Jesus, o Mestre as confirma à letra e reforça seu ensino. Com efeito, o espírito, ao reentrar na vida física, pode ser considerado novo espírito que reinicia suas experiências esquecido de todo o passado.

Em grego não há artigo diante das palavras “água” e “espírito”. Não é, portanto nascer da água do batismo, nem do espírito, mas de água (por meio da água) e de espírito (pela reencarnação do espírito).

Daí a explicação que se segue: “o que nasce da carne (com

artigo em grego) é carne, isto é, é o corpo físico, com toda a hereditariedade física herdada do corpo dos pais; e o que nasce do espírito é espírito, ou seja, o espírito que reencarna provém do espírito da última encarnação, com toda a hereditariedade pessoal que traz do passado”. E Jesus prossegue: “por isso não te admires de eu te dizer: é-vos necessário nascer de novo”. Observe-se a diferença de tratamento: “dizer-TE” no singular, e “é-VOS” no plural, porque o renascimento é para todos, não apenas para Nicodemos. E mais: “o espírito sopra (isto é, age, reencarna, se manifesta) onde quer, e não sabes donde veio (ou seja, sua última encarnação), nem para onde vai (qual será a próxima)”.

As palavras de Jesus foram de molde a embaraçar Nicodemos, que indaga: “como pode ser isso”? E Jesus: “Tu que (entre nós dois) és o Mestre de Israel, te perturbas com estas coisas terrenas? Que te não acontecerá, então, se te falar das coisas celestiais (espirituais)? Logicamente Jesus não podia esperar que Nicodemos entendesse as outras interpretações mais profundas desse ensinamento (como dificilmente poderia ter querido ensinar o rito do batismo, que não havia ainda sido instituído nem ordenado por ele, a essa época, quando só havia o “batismo” de João).

Depois exemplifica: “como Moisés ergueu a serpente no deserto, assim o Filho do Homem será erguido da Terra”.

Paulo interpreta assim esse ensinamento de Jesus: “Mas quando apareceu a bondade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com os homens, não por obras de justiça que tivéssemos feito, mas segundo sua misericórdia nos salvou pelo lavatório da reencarnação, e pelo renascimento de um espírito santo” (Tit.3:4-5). As palavras utilizadas são bastante claras e inofensáveis: lavatório (lavar com água; λουτρον da reencarnação: παλιγγενεσια que é o termo técnico da reencarnação entre os gregos; pelo renascimento (anaxinóseos) isto é, um novo nascimento). Paulo, pois, diz que Deus nos salvou não porque o tivéssemos merecido, mas por Sua misericórdia, servindo-se da palingenésia (isto é, da reencarnação) a qual é um “lavatório” (de água) e um “renascimento” do espírito.

Que o renascimento é feito através da água, já o diz o Genesis (cfr.1:1-2; 1:6-7 e 2:4-7).

#### **4.ª Interpretação: SIMBÓLICA**

Para compreendê-la, estudemos algumas palavras:

NICODEMOS – significa “vencedor” do povo e exprime alguém que já venceu a inércia da massa popular por seus conhecimentos das Escrituras, já se destacou do “vulgo profano” superando sua natureza inferior.

DE NOITE – talvez signifique que Nicodemos procurou o Mestre em corpo astral (ou mental) durante o sono físico. Nessa condição ser-lhe-ia possível manter conversações mais íntimas. E João poderia ter assistido a ela, pois algumas cenas dos Evangelhos foram assistidas nessa condição (por exemplo, a “transfiguração”: “Pedro e seus companheiros (Tiago e João) estavam oprimidos de sono, mas conservavam-se acordados”, Luc.9:32).

Nesta interpretação, descobrimos um sentido diferente do diálogo literal entre os dois, o Rabbi e o Doutor da Lei, o Mestre Espiritual e o Mestre Intelectual. Antes de qualquer pergunta, Jesus dá a frase chave do novo ensinamento que vai ministrar: “é necessário nascer de novo para ver o Reino dos céus” – Nicodemos entende que Jesus lhe fala da reencarnação, fato já conhecido por ele, pois, sendo fariseu, aceitava normalmente a reencarnação, e não podia de modo algum estranhar o fato nem ignorar sua realidade.

Para confirmar esta assertiva, leia-se apenas esse trecho de Flávio Josefo: “Ensinam os fariseus que as almas são imortais e que as almas dos justos passam, depois desta vida, a OUTROS CORPOS” ... (Bell.Jud.2, 5, 11).

Como, pois, Nicodemos podia ignorar esta doutrina, a ponto de admirar-se tanto e fazer uma objeção pueril? Compreendamos sua frase, quando pergunta a Jesus: “Como poderá (basta) um homem renascer depois de velho? Acaso poderá (basta) que ele entre pela segunda vez no ventre materno, para (só com isso) ver o reino dos céus”?

Jesus então reafirma sua tese, mas ampliando-a, elevando-a de nível tornando-a universal: Não é do nascimento físico na matéria que ele fala. Não é do microcosmo: é do macrocosmo, de que falara em Mateus (19:28): “Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando na reencarnação (palingenesia) o Filho do Homem se assentar no trono de sua glória, sentar-vos-eis também em doze tronos, para julgardes as doze tribos de Israel”. Trata-se, aqui, da reencarnação ou renascimento do planeta.

Explica então: o que nasce da carne é carne, é matéria corruptível, mas a que nasce do “espírito” é o Espírito eterno, que não necessitará mais da carne para progredir. Só nasce na carne o que está sujeito às leis do Carma (individual, grupal, coletivo ou planetário): esse ainda é carne, ainda terá que nascer da água, porque está preso à baixa densidade. Mas o que nasce do espírito se liberta, ascende a outros planos. O ensinamento foi desenvolvido por Paulo na Epístola 1 aos Coríntios, capítulo 15, versículos 35 a 54, quando compara o homem terreno (psíquico) simbolizado em Adão, coma alma vivente (que vive), ao passo que o segundo Adão (Cristo) e portanto o Espírito, o Filho do Homem, é o espírito vivificante (que dá vida). Passou, então, do estado humano ao espiritual, deixou de ser “nascido de carne” para tornar-se “nascido de espírito”; e Paulo prossegue: “o primeiro é da Terra (nascido de carne) o segundo é do céu (nascido do espírito)”. E isto porque, prossegue ele, “a carne e o sangue não podem herdar o Reino dos Céus”. Jesus falara das “coisas terrenas” e Nicodemos não o percebia bem. Como adiantar-se mais? Como explicar-lhe que o Espírito prossegue na evolução, até chegar a ser “o resultado” do Homem, “o produto” da Humanidade, ou Filho do Homem (como já era o caso de Jesus)? Ele fala do que “viu”, porque estava no céu (no reino espiritual) e de lá “desceu”.

Os “apocalipses” ou “revelações” dos judeus narram histórias de santos varões que haviam subido a mundos “mentais” conscientemente: esses homens eram denominados “serpentes”. Nesse sentido é que Moisés “elevou a serpente” no deserto. De fato, a serpente simboliza a inteligência racional ou o intelecto (veja episódio de Adão, quando conquistou o intelecto por meio da serpente), mas quando a

serpente é “elevada” verticalmente, significa a Mente Espiritual. Sua elevação se dá na “cruz da matéria” (horizontal sobre vertical), e só depois de elevada na cruz, pode essa serpente conquistar o Reino dos Céus. Todos os que acreditaram nele (que cumprirem seus ensinamentos) conseguirão a “vida futura”, isto é, a vida Espiritual Superior.

Então, para “vermos” ou vivermos o Reino dos Céus, o Reino Divino, temos que “nascer de novo” como Filhos de Deus (“Tu és meu Filho, eu HOJE te gerei”, Salmo 2:7).

### **5.ª Interpretação: MÍSTICA**

Jesus, a individualidade, ensina ao homem “que venceu o povo” comum, isto é, à personalidade já evoluída acima do normal, que para conseguir o Encontro Místico é mister “nascer do alto”, no Espírito. A personalidade é pura carne, é matéria, mas a individualidade é celeste, é espiritual.

Se renunciarmos ao nosso pequeno “eu”, renascermos “do alto” viveremos no Reino Divino, não mais no Reino Humano: seremos Filhos do Homem e, além disso, Filhos de Deus.

Nesse ponto, estaremos (embora crucificados na carne) unidos à Divindade, num Esponsalício místico, perdidos em Deus, “como a gota no Oceano” (Bahá'u'lláh): seremos UM com o Todo, porque “eu e o Pai somos um” (Jo. 10:30).

Para consegui-lo, é preciso ter sido “suspenso” na cruz, como a serpente de Moisés: é indispensável passar por todas as crucificações da Terra, por todas as iniciações duras e difíceis, dando testemunho da Fé em Cristo, ao VIVER seus ensinamentos. (PASTORINO, C. J. T., p. 3-6, grifo nosso)

Mediante as cinco interpretações sugeridas por Pastorino, tencionamos em crer na terceira, quarta e quinta interpretações, por se tratarem de uma revelação acima da letra, que exige não analisarmos de forma literal. Com isso, Pastorino corrobora com a nossa tese de que Jesus falara a Nicodemos da reencarnação e não do batismo e nascimento do espírito santo.

## **24.10. Palingênese – Uma análise pormenorizada!**

Neste ponto de nossa investigação, nos basearemos na pesquisa de Paulo da Silva Neto Sobrinho, acerca do tema em seu artigo “A reencarnação na Bíblia”, onde nasceu a concepção judaica sobre a reencarnação. Vemos que os judeus estiveram entre diversas nações. A primeira nação sob a qual os judeus estiveram subjugados foi, segundo a Bíblia, o Egito; leiamos a informação:

Ex 12,40-41: **“A estada dos israelitas no Egito durou quatrocentos e trinta anos.** No mesmo dia em que findavam os quatrocentos e trinta anos, os exércitos de lahweh saíram do país do Egito”.

Não temos nenhuma dúvida de que seria completamente impossível que um povo totalmente subjugado a outro, pelo período de quatrocentos e trinta anos, perto de dez a doze gerações, considerando a perspectiva de vida da época, não absorvesse parte da cultura daquele que o dominava. É importante vermos se os egípcios acreditavam ou não na reencarnação, uma vez que isso é primordial para nosso estudo, pois comprovará que, além de crença muito antiga, os hebreus tiveram contato bem de perto com ela.

Recorreremos ao Dr. Hernani de Guimarães Andrade (1913-2003), que foi um dos poucos que, no Brasil, se dedicou à pesquisa sobre a reencarnação, que, em sua obra *Você e a reencarnação*, nos apresentam informações sobre a cultura do povo do Egito antigo:

O livro de Fontane, sobre o Egito, menciona uma referência ainda mais antiga da palingênese (3.000 a.C.):

**“Antes de nascer a criança já viveu; e a morte não é o fim. A vida é um evento que passa como o dia solar que renasce”.** (Müller, 1970, p. 21).

(ANDRADE, 2002a, p. 22, grifo nosso).

Observe, caro leitor, a data mencionada – 3.000 anos a.C. –, prova a antiguidade dessa crença; portanto, não é algo novo criado pelos espíritas. Informamos: “*palingenesia* (ou palingênese) que etimologicamente provém do grego: *palin* = de novo e *gignomai* = gerar, isto é: novo nascimento”. (ANDRADE, 2002a, p. 19).

Se “antes de nascer a criança já viveu” estamos falando de reencarnação, na qual é fator importante a preexistência do espírito, princípio que daqui já se pode, seguramente, concluir, porquanto o “já viveu” se refere a uma vida antes do nascimento. Pela afirmativa de que “a morte não é o fim”, podemos ver a confirmação de que a alma é imortal.

Por outro lado, a comparação com o Sol é bem interessante, pois a semelhança “de nascer e morrer” todos os dias dá-nos uma ideia do que nos ocorre na reencarnação, ou seja, na essência, somos espíritos e por isso a nossa vida é única, apesar de nascermos e morrermos milhares de vezes, ou melhor, enquanto for necessário para atingirmos a perfeição possível a uma criatura de Deus.

Dissemos que a palavra reencarnação não se encontra na Bíblia; e isso, até por motivos óbvios, acontece porque, conforme dito, ela só aparece em dicionários no ano de 1858, um ano após Kardec publicar a primeira obra espírita. Entretanto, agora, podemos dizer que há outra palavra que significa reencarnação que está, sim, ou, melhor dizendo, deveria estar na Bíblia.

Mas por que não está? Simplesmente porque, conforme diz o ditado: “tradutor, traidor”. Vejamos: o estudioso bíblico, Haroldo Dutra Dias (1971- ), nos informa que “Há um antigo ditado na Itália que afirma ser o tradutor um traidor (*Traduttore, Traditore*)” (DIAS, s/d, Site *O Portal do Espírito*). Assim, é que a palavra *palingenesis* (palingenesia), definição grega para “novo nascimento” ou renascimento (MULHER, 1986, p. 19) que aparece em Tito 3,5, simplesmente foi traduzida de forma a não deixar margem à crença na reencarnação, que é exatamente o sentido do termo.

O teólogo Russell Norman Champlin confirma que a palavra usada em grego é mesmo “*paliggenesia*”, isto é, “novo nascimento” (CHAMPLIN, 2005e, p. 439).

Vejamos como o teor desse passo é encontrado nas Bíblias:

“Ele nos salvou, não por causa de quaisquer obras que nós mesmos tivéssemos praticado na justiça, mas em virtude da sua misericórdia, **pelo banho do novo nascimento** e da renovação que o Espírito Santo produz”.



“Não pelas obras de justiça que tivéssemos feito, mas por sua misericórdia, salvou-nos mediante **o batismo de regeneração** e de renovação do Espírito Santo”.

“Não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou **pela lavagem da regeneração** e da renovação do Espírito Santo”.

Essas três versões, com pequenas variações, resumem o que encontramos nas diversas Bíblias pesquisadas.

Luiz Antonio Rucinski (1954- ), autor da obra *A reencarnação está na Bíblia... reencontrando o antigo ensinamento*, apresenta-nos a seguinte explicação:

[...] Vamos verificar o que Paulo nos ensina, em sua epístola a Tito.

#### **Versão em Grego da época**

“ουκ εξ εργαων των εν δικαιοσυνη ων εποησαμεν ημεις αλλα κατα τον αυτου ελεον εσωσεν ημας δια λουτρου **παλιγγενεσιας** και ανακαινωσεως πνευματος αγιου” (Tito 3:5)  
*Disponível no site*

<<http://agsimoes.myvnc.com/index.asp?opcao=teologia>>

Acesso em 23 de abr. 2006

#### **Versão em Grego Transliterado**

"ouk ex ergwn tw'n en dikaiosunh wn epoihsamen hmeiv alla kata ton autou eleon eswsen hmav dia loutrou **paliggenesia**v kai anakainwsewv pneumatov agiou." (Tito 3:5.) Disponível no site: <<http://agsimoes.myvnc.com/index.asp?opcao=biblia>>

Acesso em 12 jun. 2005

A palavra que Paulo usou naqueles dias foi: παλιγγενεσιας que, traduzido para o grego transliterado, é: paliggenesia. Em português, Palingenesia. (RUCINSKI, 2006, p. 111) (grifo do original).

Um pouco mais à frente, completa Rucinski:

E como seria a tradução correta hoje, direto do grego para o português?

*“Não por obras da justiça que tivéssemos feito, mas segundo sua misericórdia **nos salvou pelo lavatório da reencarnação, e pelo renascimento** de um espírito santo”*  
(Versão correta)

(RUCINSKI, 2006, p. 116, grifo do original).

Então, aquilo que deveria ser traduzido como palingenesia, ou seja, “novo nascimento” ou renascimento (=reencarnação) o foi como “banho de novo nascimento”, “o batismo de regeneração” e “lavagem da regeneração”, certamente, atendendo a interesses dogmáticos. Sabe o que é pior, caro leitor? É que sempre dizem, sem o menor constrangimento, que as traduções são fiéis aos originais. Pobre dos que acreditam neles!

Outra ocorrência da palingenesia é na passagem abaixo, descrita no evangelho de Mateus:

Respondeu Jesus: Em verdade vos declaro: no dia da **renovação** do mundo, quando o Filho do Homem estiver sentado no trono da glória, vós, que me haveis seguido, estareis sentados em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel. Mt 19,28 (versão católica)

E Jesus disse-lhes: Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando, na **regeneração**, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel. Mt 19,28 (versão protestante)

ο δε ιησους ειπεν αυτοις αμην λεγω υμιν οτι υμεις οι ακολουθησαντες μοι εν τη **παλιγγενεσια** οταν καθιση ο υιος του ανθρωπου επι θρονου δοξης αυτου καθισεσθε και υμεις επι δωδεκα θρονους κρινοντες τας δωδεκα φυλας του ισραηλ Mt 19,28 (versão grega)

Comparando as três versões, entendemos que Jesus, ao anunciar a passagem do planeta Terra, do estágio de provas e expiações para um mundo de regeneração, ocorrerá um julgamento coletivo com a finalidade de exilar os espíritos ainda renitentes nos erros que comprometem o adiantamento do orbe terrestre com a participação

dos apóstolos. Diante disso, estaria se cumprindo as profecias previstas. Outrossim, entendemos também que a Terra passará por uma transformação, igualmente comparada aos que estiverem alcançando pelos processos reencarnatórios através da *παλιγγενεσια*, assim como asseverou Torres Pastorino em sua obra já analisada.

## 25. Considerações Finais

Muitos arrematam nos lançando anátema com a passagem: *E, como aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo depois o juízo, (Hb 9:27)*. Entretanto, o verso diz morrer uma só vez e **não** viver uma só vez, e para que o argumento fosse forte o suficiente, como alegam, para derrubar a lei natural da reencarnação (**Jo 3:12**), a passagem deveria ser da seguinte forma: *E, como aos homens está ordenado viverem uma só vez, vindo depois o juízo*. Certamente o escritor da Epístola aos Hebreus, que é discutida a sua autoria, onde dizem ser de Paulo, de Lucas, ou até de alguns dos Apóstolos e diversos deles também como autores simultâneos, fica a elucidação da seguinte questão do capítulo 9 que tem por único objetivo, a mensagem final sobre a volta de Cristo e não a condenação à reencarnação que não é assunto do mesmo referido capítulo, onde assim termina:

Hb 9,28: **assim também Cristo**, tendo-se oferecido uma vez para sempre para tirar os pecados de muitos, **aparecerá segunda vez**, sem pecado, aos que o aguardam para a salvação.

Crer ou não em reencarnação na Bíblia como uma lei natural (Jo 3:12) é de foro íntimo. Assim, como foi negada a teoria Geocêntrica, provando-se o Heliocentrismo por Galileu, a ciência tem colaborado já há algum tempo nas provas da reencarnação, em decorrência das pesquisas sobre a lembrança de outras vidas, o que, facilmente, poder-se-á confirmar lendo a obra do Dr. Ian Stevenson, *Reincarnation and Biology: A Contribution to the Etiology of Birth Marks and Birth Defects*, (Vol. I: Birthmarks, 1200 páginas e vol II: Birth Defects and Other Anomalies, 1100 páginas) e a sinopse desse livro, *Where Reincarnation and Biology Intersects: A Synops*. Nessa obra o autor relata 225 casos

de crianças que se lembraram de outra vida dos, nada menos, 2600 investigados por ele. Tão logo, todos irão crer mais naturalmente e, quem sabe, num futuro não muito distante, assim como se ensinam às crianças da escola de que a Terra é redonda. Mesmo esta ideia tendo sido combatida a ferro e fogo na Idade Média, certamente ocorrerá de igual forma com a lei natural da reencarnação (Jo 3:12). Como diz o Codificador **“Se não se convencem pelos fatos menos o fariam pelo raciocínio” (Allan Kardec)**, faço das palavras dele, as minhas.

## 26. O Evangelho de Judas

*“Ao que lhe disse Jesus: Em verdade vos **digo a vós que me seguistes**, que na regeneração, quando o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, **sentar-vos-eis também vós sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel**”.* (Mt 19,28)

Neste estudo, analisaremos a atuação de Judas, o desenrolar do antissemitismo e do surgimento do Evangelho de Judas. Enfim, serão divididos os assuntos em tópicos e subtópicos, a fim de facilitar a consulta aos leitores e chegarmos à conclusão se houve, ou não a possibilidade de Judas ter uma oportunidade para restabelecer o que foi temporariamente negligenciado, bem como atestar se o Evangelho de Judas é, ou não verídico.

Nesta análise, acreditamos que após o oportuno lançamento mundial do *Evangelho de Judas*, realizado pela *National Geographic Society*, ficou muito claro neste documentário como se desenvolveu a ideia da evolução do pensamento, na primeira era cristã, sobre a aproximação do apóstolo Judas ao lado das trevas no decorrer dos anos, quando este entregou Jesus ao Sinédrio. Por outro lado, o Evangelho de Judas nos apresenta uma visão menos sombria da imagem de Judas e que analisaremos mais adiante, traçando um paralelo com os sinóticos.

### 26.1. Analisando a traição de Judas

Apresentaremos argumentos históricos sobre o fato da traição de Judas e pretendemos aprofundar ainda mais sobre tal tema. Todavia, dizemos de antemão que não somos historiadores, como os que se apresentaram no documentário, destrinchado no subitem 10, mas somos pesquisadores e será nestes célebres historiadores que fundamentaremos a nossa tese.

É necessário pesquisar a Bíblia, se nós aceitarmos o que um

fundamentalista entende o que ela diz, estaríamos fatalmente indo contra muitos textos dela mesma, assim como veremos no segmento deste estudo. O que devemos realizar não é teimosia, mas uma intensa pesquisa não para tentar converter ninguém, mas a priori, ter uma opinião formada diante de antíteses para chegarmos a nossa síntese sobre tão interessante tema e do qual discorreremos sobre a traição de Judas e o antissemitismo.

## **26.2. A profecia de Jesus em Mateus 19,28 era dirigida aos doze apóstolos, ou não?**

Antes de adentrar nesta profecia áurea e sendo a **chave inicial** de nossas pesquisas, onde temos uma prova textual realizada por Jesus em direção aos demais apóstolos, sendo um deles o próprio Judas, os opositores das vidas sucessivas nos dizem que a Bíblia é clara em Mt 19:28 que a profecia era condicional, O primeiro ponto chave de nossas considerações é sobre esta profecia de que em Mt 19:28, Jesus demonstra que não era condicional. Com efeito, a citaremos a fim de verificar se ela realmente nos remete tal sentido pela construção gramatical que ela nos apresenta. Vejamo-la:

*Mt 19,28: “Ao que lhe disse Jesus: Em verdade vos **digo a vós que me seguistes**, que na regeneração, quando o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, **sentar-vos-eis também vós sobre doze tronos, para julgar as doze tribos de Israel**”.*

Outro ponto levantado pelos opositores das vidas sucessivas é o de que nos preocupamos demais com Judas e não com os demais 11, entretanto, procuramos refletir no caráter da mensagem do próprio Mestre que veio para os que estavam perdidos e não para os sãos. Se Judas entregou Jesus acreditando que Ele viria a tomar o poder das mãos dos Romanos e libertar os Judeus de seu cativeiro, tão logo não seria através da força, mas pela indulgência e perdão apresentado pelo Mestre no suplício do Gólgota que não somente os Judeus teriam a sua libertação, mas toda a humanidade. Com efeito, a intenção de Judas não foi a de matar Jesus, mas dar-Lhe a oportunidade de demonstrar o Seu poder.

Outrossim, não desmerecemos os demais discípulos, tanto que se pudemos ter contato com a mensagem de Jesus, é através desses abnegados apóstolos, mas não poderíamos ignorar o fato de que Judas também teve o seu papel, afinal, Jesus o confiava todas as finanças como sendo tesoureiro dos demais, demonstrando assim, a confiança que Jesus depositava nele (Jo 13,29).

Contudo, os opositores das vidas sucessivas nos apresentam que Jesus foi bem claro **“a vós que me seguistes!”** Pedem ainda que respondamos **biblicamente**: Judas seguia Jesus? Ele Não precisaria ter **conjugado o verbo no futuro**, mesmo no presente ele sabia, assim como Judas também, de que discípulos mesmo **naquele momento eram apenas os outros 11**. Dessa forma, subdividiremos em duas partes da argumentação dos opositores das vidas sucessivas, ao qual relacionamos abaixo:

1. Analisando com mais critério a conjugação verbal de **seguistes**, chegamos a 2ª pessoa do plural que indica todos os apóstolos ali presentes e, por conseguinte, o tempo verbal do Pretérito Perfeito do Indicativo que não nos permite o sentido verbal no **condicional** como é pretendido pelos opositores das vidas sucessivas, já que para que o tempo verbal fosse levado para o condicional, este verbo estaria construído como **seguiríeis** e não **seguistes**. Com efeito, se o tempo verbal está no pretérito do indicativo (não subjuntivo), assim sabemos que se trata de todos os apóstolos presentes, o que defendemos de acordo com a **semântica do texto**, que Judas é um dos doze.

2. Após o esclarecimento da inuvidosa conjugação verbal não permitir a defesa de uma profecia condicional, somos impelidos a crer que Judas faz parte dos doze apóstolos e eram contados como doze por Jesus. Embora para muitos opositores **naquele momento eram apenas os outros 11**; Jesus nos apresenta-os como uma analogia aos **doze tronos e doze tribos de Israel**. Conforme demonstrado pela afirmativa do Mestre, não há nenhuma dúvida que Ele se dirigia a todos os **doze** apóstolos, naquele momento e não apenas os outros 11, como advogam os opositores das vidas sucessivas. A negação dessa profecia só vem a uma tentativa inglória de reforçar uma única vida e as penas

eternas. Aceitá-la, teriam os opositores das vidas sucessivas que abraçar a reencarnação, o perdão e a possibilidade de regeneração do apóstolo Judas. O que sabemos que o espiritismo nos elucida esse fato e põe um fim ao tormento eterno de Judas, enraizado na mente de muitos opositores das vidas sucessivas.

### **26.3. A evolução da imagem negativa de Judas e o antissemitismo**

Conforme abordaremos sobre o Evangelho de Judas e o seu oportuno lançamento mundial pela *National Geographic Society*, nos basearemos, mais adiante, no estudo do artigo publicado como **“Manuscrito redescoberto pode reabilitar Judas”**, assim como no documentário realizado pelo próprio canal Nat Geo.

Enumeramos os estudiosos que realizaram tal tarefa de recuperação deste manuscrito antigo, sendo eles o Rodolphe Kasser que é um dos maiores especialistas em língua cóptica, Marvin Meyer da universidade de Chapman como um estudioso da Bíblia e que auxiliou na tradução do Evangelho, Craig Evans que é um estudioso também da Bíblia, Elaine Pagels que é professora de religião da Universidade de Princeton e Gregor Wurst que é especialista em copta. Diante destes estudiosos e de outros mais neste artigo e documentário, pretendemos desenrolar as nossas considerações sobre o referido tema em foco.

Assim sendo, segundo estes especialistas, os Evangelhos que até então compõem o NT, datam de 65 d.C. até provavelmente 100 d.C., como sequencialmente apresentamos o Evangelho de Marcos que é o mais antigo e provavelmente data de 65 d.C., onde os Evangelhos de Mateus e Lucas passaram a ser compilados através do Evangelho de Marcos, sendo que este Evangelho pouco fala sobre a traição de Judas. Já o Evangelho de João teria sido escrito por volta de 95 e 100 d.C., sendo o mais enfático em apresentar Judas como um traidor impelido por satanás a entregar Jesus, assim como muitos opositores das vidas sucessivas apresentam sobre as passagens de Jo 17:12, Jo 12:4-6, que julgam eles que as ignoramos.

Pesquisando os Evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João, fica clara a sequência das compilações e a evolução do pensamento de



que Judas, como traidor foi incitado pelas trevas a entregar Jesus e que a intenção dele era de tirar a vida do próprio Mestre. Com efeito, ao nos depararmos com os relatos do suicídio de Judas, vemos que quem deseja tirar a vida de alguém não poderia tirar a própria vida, já que houvera alcançado o seu objetivo. Ou seja, este argumento se autoanula, já que Judas se desespera e com o peso da culpa, se suicida, onde relataremos mais adiante este evento não tão esclarecido no NT.

#### **26.4. Judas era ou não um ladrão? Jesus poderia confiar as finanças a um ladrão?**

Após o esclarecimento acima da evolução da imagem negativa de Judas e a evolução do antissemitismo que culminou no holocausto na Segunda Guerra Mundial, adentraremos neste subtópico, a fim de chegar a um consenso, Judas era ou não ladrão?

Há a citação dos opositores das vidas sucessivas sobre a passagem:

*Mas Judas Iscariotes, um dos seus discípulos, aquele que o havia de trair disse: Por que não se vendeu este bálsamo por trezentos denários e não se deu aos pobres? Ora, ele disse isto, não porque tivesse cuidado dos pobres, **mas porque era ladrão** e, tendo a bolsa, subtraía o que nela se lançava. (Jo 12:4-6)*

Em relatos posteriores é realçado que era confiada a “bolsa” a Judas, assim como diz o Mestre:

*Pois, como **Judas era quem trazia a bolsa**, pensaram alguns que Jesus lhe dissera: Compra o que precisamos para a festa ou lhe ordenara que desse alguma coisa aos pobres. (Jo 13:29)*

Como um sinal de que era depositada a confiança em Judas e não o oposto. Como uma acusação grave dessa não foi feita por mais alguém? Se Judas fosse realmente ladrão, por que deixaram tomando conta do dinheiro? Como que um ladrão mencionado anteriormente é

posto a cuidar da “bolsa”, ou seja, do dinheiro? Quando sabemos que uma pessoa tem hábito de roubo, colocamos para que se cuide de algo em que não confiamos? Estes questionamentos ainda carecem de respostas por ser irrelevante segundo os fundamentalistas.

Sobre esta passagem de João, havíamos dito que apenas ele coloca Judas como sendo aquele que, entre os discípulos, cuidava da “bolsa”. Com efeito, os opositores das vidas sucessivas vociferam: “Ora, apenas? Se algo na Bíblia tiver que ser descartado simplesmente porque apenas um evangelista contou, seja coerente pelo menos e descarte outras passagens que apenas João contou... quem sabe a conversa de Jesus com Nicodemos? Se ‘apenas’ João disse, é suficiente, se os outros não falam nada, também não contradizem o evangelista. Certamente se há apenas o relato de João, não é por apenas ele ter relatado, mas que mesmo relatando ele que Judas era ladrão, não houve sequer uma evidência de roubo da parte de Judas para tal. Entretanto, os demais não contradizem o evangelista por que não relatam tal evidência de que Judas era, ou não era ladrão de fato, assim como não provam que ele era. Com efeito, o próprio evangelho de João apresenta Judas com o cargo de quem cuida da “bolsa”, sendo que anteriormente foi chamado de ladrão.

Para os opositores das vidas sucessivas é conveniente não se preocupar em responder o porquê que um ladrão tomava conta das finanças, já que, além de conveniente, também é irrelevante, e sendo desnecessário o comentário, tão logo se atribuía a Judas o pecado de subtrair dinheiro dela. Onde está o relato de Judas subtrair o dinheiro dela? Quem garante que não tenha sido interpolação? Se Judas foi dado como ladrão anteriormente, como em quem era confiado para cuidar das finanças? Muito estranho.

Como havíamos dito anteriormente, repetimos que Jesus jamais colocaria uma pessoa com conduta duvidosa em um cargo de confiança. Entretanto os opositores das vidas sucessivas dizem que o Mestre “provavelmente assim fez, porém não apenas colocou o ‘cuidar de bolsa’ como cargo de confiança, colocou Judas dentre aqueles que seriam seus 12 discípulos, levou o mesmo a participar de muitos eventos importantes, dentre eles a Santa Ceia **mesmo sabendo que**

**ele o havia de trair**". Ou seja, se sabiam que Judas era ladrão, colocaram-no para cuidar das finanças e se já sabemos que alguém é ladrão de antemão, não é necessário constatar-mos um fato já consumado, assim como a cronologia das passagens do evangelho de João.

Todavia, é citado pelos opositores das vidas sucessivas a seguinte passagem:

*Em verdade o Filho do homem vai, conforme está escrito a seu respeito; mas ai daquele por quem o Filho do homem é traído! bom seria para esse homem se não houvera nascido. (Mt 26:24).*

Com o seguinte comentário do articulista: "Nova chance? Regeneração? Mas lendo sua complementação, entendemos o motivo da insistência em salvar Judas, pois conforme dizem, Judas também participou, na condição de discípulo, da codificação da Doutrina Espírita. Deus me livre então de tal doutrina, eis aí mais um motivo para eu me afastar dela!" Conforme a profecia já analisada anteriormente de **Mt 19:28**, vemos que Jesus diz sobre o dia regeneração do Planeta Terra, ou o ciclo das últimas reencarnações com o fim das provas e expiações para espíritos ainda renitentes no erro, onde a Terra adentrará em uma nova fase de regeneração, assim como o Mestre prediz. Agora, regenerar o que e quem? Se, é uma regeneração que Jesus declara, ela deve ser de alguém, ou de algo! Se não for da humanidade e nem do Planeta Terra, não deveria ser regeneração, ou os últimos ciclos reencarnatórios para espíritos ainda renitentes no mal, onde fatalmente culminará na deserção destes mesmos espíritos, ou em sua redenção e na nova fase planetária dos que herdarão o orbe terrestre.

O mais curioso da argumentação dos opositores das vidas sucessivas é quando eles dizem que "Deus me livre então de tal doutrina, eis aí mais um motivo para nos afastarmos dela", pelo fato de termos argumentado a reparação e regeneração de Judas através dos processos reencarnatórios, sugerem as penas eternas para erros finitos, sem dar ao ser humano a condição de recuperação.

Conforme fora dito, a passagem de Mateus 26:24 foi a única

não ignorada, tão logo, ao tangenciarem em muitas outras que citamos, ainda se faz um comentário sobre este versículo e a profecia relacionada a Jesus, mesmo o próprio Mestre afirmando que a profecia dizia respeito a ele. E qual era a profecia sugerida? **Sl 41:9** que relata sobre um amigo íntimo de Davi, cujo nome é Aquitofel e que também o trai, mas não uma profecia relacionada à traição de Judas em relação a Jesus. Senão, os opositores das vidas sucessivas teriam que condicionar a **Judas como melhor amigo de Jesus**, já que Aquitofel o era de Davi.

## **26.5. A profecia de II Samuel 15,12-31 teria um “duplo cumprimento”?**

Muitos opositores das vidas sucessivas se utilizam de uma sátira em dizer-nos que aprofundemos então e veremos se ela se refere apenas a Davi foi traído por um amigo, seu próprio conselheiro, de nome Aquitofel, conforme narrativa em (2 Sm 15:12-31). Não obstante nos chamam de detratores das Escrituras, sempre tentam derrubar as profecias que se encontram no VT a respeito de Cristo com o argumento de que se referem a outros fatos históricos, apenas. Derrubar não, mas analisá-la sem o medo da Verdade, já que acreditamos que existam realmente profecias que se referem a Jesus, mas não acreditamos na montagem de textos para levar a condenação de Judas e propagar o antissemitismo. Com efeito, seguimos a recomendação de Paulo em provar todas as coisas e reter o que é bom, inclusive sobre profecias. (I Ts 5-15:22).

Ademais, no texto “**A comunicação com os mortos na Bíblia**”, abordamos onde realmente estão os detratores que se usaram artifícios de falsificação nos originais, a fim de condenar e reprovar a Doutrina Espírita, porém, assim está escrito que:

*a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: **Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e, se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa e das coisas que se acham escritas neste livro. (Ap 22:18-19).***

Analisando o argumento dos opositores das vidas sucessivas, acerca de que as Escrituras Sagradas estão repletas de fatos históricos e/ou profecias que são como sombras de acontecimentos futuros, que se cumprirão também no campo espiritual. Pelo nosso entendimento, tanto os fatos históricos, quanto as profecias são como sombras de acontecimentos futuros. Ou seja, se analisarmos o fato histórico de Davi e Aquitofel, traçando um paralelo sobre Jesus e Judas, obtemos a informação de que Davi não foi morto pela traição, mas Jesus o foi. Mesmo ambos tendo sido traídos, um morreu e o outro não, ou seja, não são fatos históricos condizentes.

Por outro lado, os opositores das vidas sucessivas julgavam que por estes dois relatos é difícil de traçarmos um paralelo histórico, objetivando uma profecia, todavia, ao analisar tais relatos, estaríamos invariavelmente destruindo a crença em quê? Por algum acaso não acreditamos que Jesus é o Messias? Claro que não. Com efeito, para os articulistas, o espiritismo se opõe às Escrituras, e pior, dão apoio aos dogmas? Reencarnação! Quais? Só se for das penas eternas, estes sim são dogmas.

Entretanto, ainda persistem os opositores das vidas sucessivas em nos dizer que estes fatos ou profecias têm duplo cumprimento, assim como outras várias passagens que encontramos do Antigo Testamento. Se estes dois fatos históricos possuem duplo cumprimento, deveriam ocorrer em similaridade e não como sombras. No entanto, nos apresentam os exemplos do êxodo do povo hebreu através de Moisés, com o paralelo com Jesus, bem como cerimônias e festas judaicas que simbolizavam a vinda do Messias, ainda citou também o casamento de Rute que simbolizava a igreja gentia e Boaz, como o noivo remido que simboliza Jesus e por fim, cita Daniel, Ezequiel, Zacarias e até mesmo Jonas com que o Jesus comparou a sua morte, sendo como sombra.

Não gostaríamos de adentrar neste quesito das profecias que estão relacionadas a Jesus no AT, já que estamos analisando as profecias referenciadas sobre a traição de Judas, onde até esperamos que fossem abordadas mais outras profecias que tratam deste tema, e não de profecias que relatam da vinda, morte e ressurreição do Messias.

Quando os opositores das vidas sucessivas citam a passagem de Lc 24:44, assim como que Jesus disse sobre o cumprimento da Lei, dos profetas e dos Salmos com a vinda Dele, tão logo entendemos o cumprimento da segunda revelação em complemento da primeira. Embora, segundo os articulistas, a traição do amigo de Davi também é um evento que denominamos como “sombra” ou duplo cumprimento, como se explica, eventos que se realizaram tanto com Aquitofel e Davi como com Judas e Jesus. Entretanto, o texto de **SI 41:9** fala de um Amigo Intimo como o **melhor amigo de Davi**; Judas era um dos Adeptos sem maiores laços segundo os opositores das vidas sucessivas. Enfim, para que a profecia referida desses opositores das vidas sucessivas seja válida, este teria que levar a crer que **Judas era o apóstolo mais íntimo de Jesus, o que fatalmente irá confrontar com o que acreditam os opositores das vidas sucessivas.**

Finalizando sobre esta abordagem, os opositores das vidas sucessivas assim questionam: “Se Jesus mesmo disse que o evento da traição que ocorreu com Davi era uma profecia que se referia a Ele, nós acreditamos no que o Mestre afirmou, sim ou não?” Não acreditamos na correlação entre Judas e Aquitofel, pois temos dois grandes dilemas, um é que os fatos históricos não estão correlacionados mediante os fatos consumados com Davi e Jesus, e o outro é que Aquitofel era o **melhor amigo de Davi**, enquanto Judas, segundo os opositores das vidas sucessivas, certamente **não era o melhor amigo de Jesus.**

## **26.6. Judas cobrou ou lhe foram dadas as trinta moedas?**

O Evangelho de Mateus foi o único que mencionou o valor cobrado de trinta moedas e esta cobrança não está clara se realmente foi feita, ou se Judas foi recompensado. Quando encontramos fatos nos Evangelhos que relatam a imprecisão deste ato de Judas, ou até mesmo dos Sacerdotes, vemos que são suposições e não fatos reais, assim como se houvessem mesmo ocorrido, senão, teríamos citações em diversos destes Evangelhos convergindo em um mesmo tema, ou seja, Judas cobrou, ou os Sacerdotes o retribuíram.

Ademais, se temos esta incerteza nos Evangelhos, assim

ficamos com a explanação dos opositores das vidas sucessivas que os eventos de duplo cumprimento, pois temos mais um caso aqui, fatos que ocorrem como sombras do que haveria de ocorrer (cf Mt 26:15; 27:3 e Zc 11:12-13). Se, estes casos são sombras e não certezas, assim sendo, melhor é levar para o lado das hipóteses do que profecias que não coadunam entre si. Com efeito, os textos em análise explicaram incidentes menores e episódios ligados à crucificação. Portanto, a traição de Judas, seu remorso, sua tomada das trinta moedas de prata para o Templo, e a compra do campo do Oleiro como local para enterrar esse dinheiro foi considerado como realização de algumas passagens do Profeta Zacarias (**Zc 1:12 e seguintes**); as quais o relato, erroneamente, atribuíram os opositores das vidas sucessivas a Jeremias, (**Mt 27:9 e seguintes**).

A passagem do evangelho de Mateus relata que o Profeta Jeremias profetizou sobre as 30 moedas de prata (**Mt 27:9**). Entretanto, quem disse isso foi o Profeta Zacarias, em (**Zc 11:12**) e não Jeremias. Quanto à questão dessa combinação com os sacerdotes em **Mt 26:15** diz que Judas pediu dinheiro para entregar-lhes Jesus, enquanto que em **Mc 14:11** e em **Lc 22:5** afirmam que foram os sacerdotes quem tomaram a iniciativa de retribuir ao discípulo, dando-lhe dinheiro como recompensa pelo seu ato de traição. Um bom observador irá perceber que, pelas suas narrativas, Mateus teve uma evidente preocupação, qual seja a de relacionar Jesus com as profecias, inclusive, muito mais que os outros Evangelistas. Daí ser ele o único que diz sobre o quanto Judas teria recebido, dando como certa a importância de trinta moedas de prata (**Mt 26:15; 27:3**).

Como estamos diante de relatos não muito precisos, acreditamos que melhor é ponderarmos que não havia na época, a certeza do recebimento de trinta moedas pela parte de Judas, ou uma provável retribuição dos Sacerdotes a Judas; embora, diante de hipóteses, melhor é ficar com impressões e não certezas do que teria ocorrido de fato, já que não se sabe ao certo.

## **26.7. Onde está a contradição?**

Os opositores das vidas sucessivas ainda asseveram que nos contradizemos com o que escrevemos, com os demais espíritas e com a Doutrina Espírita que professamos. Enfim, estamos até tentando ver onde nos contradizemos tanto assim, para que pudéssemos esclarecer, todavia, não encontramos as provas da acusação. Embora haja sempre este tipo de atitude por parte dos opositores das vidas sucessivas, ao terminarem as suas acusações sem provas, assim vociferam: “Judas era apenas um seguidor nominal, **provavelmente por um tempo seguiu Jesus**, pois a Bíblia diz que ele se **desviou**”. E confrontando o que eles próprios dizem sobre a análise que realizaram sobre a traição de Judas, estes arrematam dizendo que: “Jesus não precisou fazer ressalvas, foi bem claro **‘a vós que me seguistes!’** Judas seguia Jesus? Ele não precisaria ter conjugado o verbo no futuro, mesmo no presente ele sabia, assim como Judas também, de que **discípulos mesmo naquele momento eram apenas os outros 11**”. Vamos aos comentários em seguida.

Se ao final da abordagem, os opositores das vidas sucessivas declaram que Judas seguia Jesus e em um momento desviou, por uma via transversa eles iniciam os seus comentários de que Judas não fazia parte dos 12 apóstolos, a fim de negar a profecia em **Mt 19:28**, porém, eles se contradizem textualmente. Contudo, os opositores das vidas sucessivas terão que decidir em qual de suas duas teses irão se apoiar, já que as duas se autoanulam e se alguém aqui se contradisse, estes não fomos nós.

Os opositores das vidas sucessivas dizem ainda que nós não dissemos que Tomé não presenciou a ressurreição. Esclarecendo: João assim diz que:

*Ora, Tomé, **um dos doze**, chamado Dídimo, não estava com eles quando veio Jesus. (Jo 20:24)*

Mesmo citando que haviam aparecido aos onze (**Mt 28:16-17**, **Mc 16:14**), Judas era tido como um dos doze e segundo Pedro que *ele era contado entre nós e **teve parte neste ministério***. (Atos 1:7); portanto, sua morte e substituição não anulam o cumprimento da profecia dirigida a ele, Judas, e aos demais apóstolos (**Mt 19:28**). Ou seja, no entendimento dos opositores das vidas sucessivas, nós



afirmamos que Tomé não presenciou a Jesus após a sua ressurreição, porém dissemos que após a morte de Judas, os apóstolos eram contados ainda como **doze** e somente em **At 1:7** Judas foi substituído por Matias.

## **26.8. O Espiritismo de fato não diverge do Cristianismo!**

Sabemos que Jesus sabia de todas estas coisas que com ele aconteceram, sendo referentes à sua crucificação e não todas as coisas, já que onisciente somente Deus o é, tanto é que diz Jesus:

*Mas a respeito **daquele dia e hora ninguém sabe**, nem os anjos dos céus, **nem o Filho**, senão o Pai (Mt 24:36).*

Ou seja, não acreditamos que Jesus sabia tudo de antemão, já que ele mesmo julgou não saber de tudo. Por este fato que poderíamos tencionar na divergência entre o cristianismo e espiritismo? Claro que não!

Quanto ao entendimento de que Jesus deixou que Judas o traísse, a fim de que cumprisse as Escrituras. Não desacreditamos que Judas teve o seu papel a cumprir, mas o fato de que ele seria substituído por outro, não implicaria necessariamente que a profecia de Jesus aos doze em **Mt 19:28** fosse condicionada aos onze e sim aos doze, onde Judas se incluía, a fim de que fosse corroborado que as penas eternas não têm sustentação nenhuma, pois, assim o ensinamento de Jesus em que se nós homens temos que perdoar infinitamente, certamente o Pai, que nos concede a vida e as oportunidades de um resgate, estando acima de toda a sua criação, Ele não poderá estar abaixo de nós homens que, ironicamente, teríamos que perdoar mais do que Ele mesmo pudera fazê-lo. Ou seja, quem crê nas penas eternas certamente tenta, de forma ingloria, em afirmar que o cristianismo diverge do espiritismo. Por este fato que poderíamos asseverar na divergência entre o cristianismo e espiritismo? Claro que não!

Sabemos que o fato da crucificação de Jesus foi puramente política e devido ao fato de sua nova mensagem que trazia algo novo

que fazia a humanidade de sua época a deixarem de odiar os seus inimigos e passar a perdoá-los, amando-os incondicionalmente. Ou será que os que O julgaram, O mataram porque estava escrito que o Messias teria que passar por tudo aquilo para cumprir no que eles acreditavam? Controverso, **buscar-se matar aquele que vem como Messias para nos libertar!** O que queremos dizer é que os que tiraram a vida de Jesus, tiraram-na por motivos políticos e não por que eles acreditavam Nele e por este motivo o crucificaram, cumprindo assim as Escrituras!

A Doutrina Espírita nos traz uma nova ideia de onde viemos, por que estamos aqui e para onde vamos. É nesta temática que defendemos a tese de que os Sacerdotes e Fariseus que participaram na crucificação do Mestre, tampouco o fizeram por que acreditavam Nele, ou até mesmo para que cumprisse as Escrituras, onde até mesmo Pedro foi contrariado por Jesus ter-se se entregado, sendo que o objetivo maior fosse para que o Evangelho pudesse permanecer com o objetivo de redenção a toda a humanidade e só através da reencarnação, todas as nações terão contato com ele.

O que o Espiritismo vem lançar luzes nos ensinamentos morais de Jesus esquecidos atualmente, bem como esclarecer que não existem amparos para dogmas criados por homens, tal como as penas eternas, que se opõe à lógica, ao bom senso, à justiça divina, e consequentemente à reencarnação.

Atualmente a Doutrina Espírita é combatida porque ela retira das mãos dos líderes religiosos escusos, o poder pelas massas, tirando-lhes o conforto proveniente dos dízimos recebidos, sem generalizar, pois a carapuça servirá somente àqueles que se ofenderem com isso. Com os evangélicos e católicos sérios, que realizam as suas tarefas de verdadeiros cristãos, nossos sinceros votos de admiração na moral universal Cristã.

Enfim, deveria ser uma conduta de todos aqueles que julgam serem seguidores de Jesus, pois foi Ele quem instituiu este ensinamento de que com a mesma medida com que julgares, sereis julgados. Portanto, para aqueles que julgam segui-Lo, que assim seja! Ademais, poderia uma doutrina se opor ao que Jesus ensinou, pregando justamente a prática tais ensinamentos? Que os demais leitores tirem

suas próprias conclusões!

## **26.9. Houve o remorso de Judas e, por conseguinte, o seu arrependimento!**

Acredito que através do relato do remorso de Judas, seu arrependimento está implícito, já que primeiro nos acomete o remorso, como um peso na consciência, onde após este remorso, certamente somos impelidos a crer que advirá o arrependimento.

Ambos os significados se completam, o arrependimento é:

*O ato ou efeito de arrepender-se. Compunção, contrição. Insatisfação causada por violação de lei ou de conduta moral, e que resulta na livre aceitação do castigo e na disposição de evitar futuras violações. Já o remorso que provém do latim remorsu, como a inquietação da consciência por culpa ou crime cometido; mordimento, remordimento; bicho-da-consciência. (Dicionário Online)*

Outrossim, segundo o parecer de muitos opositores das vidas sucessivas, enquanto um está disposto a reconhecer seu erro, aceitar o castigo e evitar novas falhas, o remorso teria como única semelhança com o arrependimento o fato da consciência ficar inquieta, porém, não há, por parte do sujeito com remorso, intenção de se sujeitar, antes, procura fazer a sua própria justiça, assim como Judas fez. Certamente Judas reconheceu o seu erro, tanto que em estado de remorso, não suportou o peso da culpa que sentia em seu coração em ter participado na morte de Jesus, já que acreditava que de alguma forma Jesus viria a demonstrar o Seu poder, a fim de libertar não somente a Si mesmo, como também o povo Judeu do jugo Romano.

Com efeito, segundo os mesmos opositores das vidas sucessivas o arrependimento que a Bíblia fala é aquele que sabemos sinceramente que cometemos um erro, e que confessa e pede perdão. Judas não fez isto. É usado o argumento do silêncio, o mesmo que podemos usar para o caso do ladrão na cruz, que não confessou nem pediu perdão, mas ganhou a promessa de ir ao paraíso. Segundo a **Bíblia do Peregrino:**

*“O episódio da morte de Judas interrompe estranhamente o curso do relato, como se a entrega de Jesus ao governador ultrapassasse suas previsões. Sabemos que a figura de Judas alimentou desde cedo fantasias legendárias. Lucas dá versão diferente (At 1,18-20). A morte violenta do perseguidor ou culpado é tema literário conhecido (p. ex. Absalão, 2Sm 18: Antíoco Epifanes, 2Mc 9; em versão poética vários oráculos proféticos, p.ex. Is 14; Ez 28). **Antes de morrer, Judas acrescenta seu testemunho sobre a inocência de Jesus. Confessa o pecado, mas desespera do perdão...**” (Bíblia do Peregrino, p. 2385-2386, grifo nosso).*

Ou seja, Judas sente um profundo remorso, se arrepende e desespera pelo perdão. Sendo o Pai rico em perdoar, estaria Judas sem a oportunidade de ser perdoado sobre tal ato? Se o Mestre nos incita a perdoar infinitamente, simbolizado setenta vezes sete, estaria Deus na impossibilidade de perdoar Judas? Estaria a Justiça Divina abaixo do comportamento para o qual fomos orientados a ter em relação ao nosso próximo? A resposta é sintomática – somente a **reencarnação** poderá nos apresentar a Justiça Divina.

## **26.10. Como ocorreu a morte de Judas?**

Neste desfecho sobre as narrativas atribuídas a Judas, certamente o evento de sua morte nos passa o relato indubitado da especulação de como este veio a morrer, conforme vimos a confrontar os relatos no NT, e os opositores das vidas sucessivas não realizam nenhum comentário a respeito de tal evento. Afinal, Judas enforcou-se, ou se precipitou barranco abaixo?

A resposta é reveladora, pois Judas movido pelo seu remorso e, por conseguinte o arrependimento, segundo relata Mateus, por **profundo remorso**, conforme vimos acima o real sentido das palavras, sem haver sofisma algum para manter o dogma das penas eternas. Estranhamente, ele é o único evangelista que fala disso; nenhum outro apresenta uma linha sequer sobre Judas ter-se arrependido. Continuando seu relato. Mateus diz que Judas enforcou-se (**Mt 27:5**); entretanto no livro dos Atos dos Apóstolos, Pedro está afirmando que ele, Judas,

*precipitando-se, caiu prostrado e arrebitou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram (At 1:18)*

Muda-se, desta maneira, a versão anterior a respeito de sua morte. Onde ficamos neste instante, os opositores das vidas sucessivas e os demais leitores, com Pedro ou Mateus? Encontramos a seguinte explicação para esse passo:

*Possivelmente a narração da morte de Judas enforcando-se, está inspirada na história da morte de Aquitofel (cf. 2Sm 17,23) (Bíblia Sagrada Santuário, p. 1463, grifo nosso).*

Certamente Aquitofel enforcou-se, mas querer daí, apenas por inspiração, atribuir a Judas uma morte semelhante é lamentável, pois os fatos bíblicos deveriam relatar fielmente o ocorrido, não como o autor quer que tenha acontecido, o que nos coloca diante de uma mera suposição.

Ademais, se existem relatos da morte de Judas que não se coadunam entre si, certamente a narrativa da história de Judas neste ponto e nos demais, nos sugerem que são suposições e diante destas incertezas, melhor é não ficar no campo dos fatos, mas do imaginário.

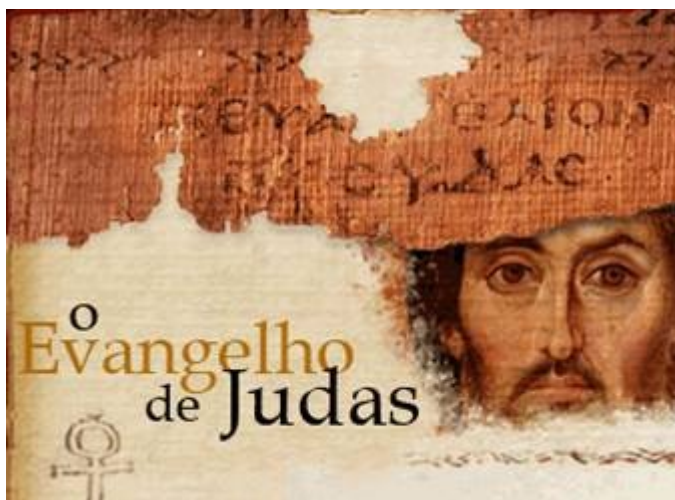
## **26.11. O Evangelho de Judas e a sua veracidade histórica**

Após esclarecer a incerteza de como de fato Judas suicidou-se, os opositores das vidas sucessivas preferem comentar que após efetuarmos a busca, a fim de encontrar contradições nos relatos de sua morte. Ou seja, o que fizemos no subtópico anterior não foi de buscar contradições, antes confrontar os relatos que nos apresentam como ocorreu o suicídio de Judas. Buscamos as explicações sobre estes relatos acerca da incerteza de como de fato Judas se suicidou, porém, deixaremos lá as nossas explanações complementares do que enfatizamos aqui.

Com efeito, apresentamos no devido tópico, o Evangelho de Judas que nos dá uma visão de como era compreendida, com certa diversidade, a atitude dele para com o Mestre, isso nos dá a certeza inverossímil de sua natureza histórica comprovada pelo teste do

carbono 14 que data a cópia cóptica com caracteres gregos deste manuscrito, entre meados do século segundo e terceiro, testificados pela National Geographic Society. Assim sendo, como não é o original, mas como Irineu o citou por volta de 180 d.C., certamente o seu original, possivelmente em grego, a citação remonta ao primeiro, ou talvez segundo século da era Cristã, nos mostrando esta tão fabulosa e grandiosa descoberta e a diversidade da compreensão da mensagem da atitude de Judas, bem como dos ensinamentos de Jesus. Ainda podemos citar os manuscritos de Nag Hamadi e os manuscritos Essênios de Quram como descobertas muito preciosas, dignas de um estudo sério.

Contudo, o códice onde foi encontrado o Evangelho de Judas nos apresenta outros três escritos que ainda estão por vir a sua tradução, sendo eles a Carta de Pedro a Felipe, o texto de Jairo, o Apocalipse de Jairo e o Livro de Alughenes. Por isso é necessário que a ciência venha a nos fornecer dados suficientes para vermos onde se encontra a verdade que liberta. Com efeito, apresento a veracidade documental do **“Evangelho de Judas”**, assinado pela autora *Elizabeth Snodgrass*.



Esta é uma revelação que, com certeza, vai suscitar discussões acaloradas: De acordo com um texto antigo recém-descoberto, o

chamado “Evangelho de Judas”, o discípulo conhecido por ter traído Jesus pode ter sido o servo mais fiel do Cristo e ter aceitado a desgraça perpétua por levá-lo à morte – devido a um pedido do próprio Salvador. Examine a mística do pensamento gnóstico do início da era cristã, expresso em palavras escritas em um papiro encadernado em couro e atribuídas ao próprio Jesus. [Ouça as interpretações de quatro estudiosos da Bíblia](#). Acompanhe o trajeto deste documento frágil, de sua descoberta no Egito a sua tradução, culminando na apresentação ao mundo.

E compartilhe suas ideias a respeito de como as informações contidas nele podem abalar as bases da fé cristã.

**Perdido durante quase 1.700 anos, um manuscrito em papiro já se desfazendo apresenta a história do homem mais odiado da história sob nova luz.**

**AUTOR: Andrew Cockburn**

**FOTÓGRAFO: Kenneth Garrett**

Com um ligeiro tremor nas mãos, causado pela doença de Parkinson, o professor Rodolphe Kasser pegou o texto antigo e começou a ler com voz firme e clara: “Pe-di-ah-kawn-aus ente plah-nay”. Essas palavras estranhas eram em copta, a língua falada no Egito no alvorecer do cristianismo. Não eram ouvidas desde que a Igreja nascente declarara o documento proibido aos cristãos.

Esta cópia, não se sabe como, sobreviveu. Escondida por uma eternidade no deserto egípcio, finalmente foi descoberta no fim do século 20, para depois novamente desaparecer no submundo dos negociantes de antiguidades. Quando chegou às mãos de Kasser, o papiro – um tipo de papel feito de plantas aquáticas desidratadas – estava se desfazendo, com sua mensagem prestes a ser perdida para sempre.

O erudito professor de 78 anos, um dos maiores especialistas mundiais em copta, terminou de ler e cuidadosamente pôs a página de volta na mesa. “Bela língua, não? Egípcio escrito em caracteres gregos.”

Sorriu. “Esta é uma passagem em que Jesus explica aos discípulos que eles estão no caminho errado.” Maravilhara-se com o texto, e não era para menos. Na primeira linha da página inicial está escrito: “**O relato secreto da revelação feita por Jesus em conversa com Judas Iscariotes [...]**”.

Após quase 2 mil anos, o homem mais odiado da história está de volta.

Todos se lembram do grande amigo de Jesus Cristo, um dos Doze Apóstolos, que o vendeu por 30 moedas de prata, identificando-o com um beijo. Depois, enlouquecido de remorso, Judas se enforcou. Ainda hoje, ele é o símbolo supremo da traição. Nos abatedouros, o bode que conduz os outros animais ao abate é chamado de Judas. Na Alemanha, autoridades podem proibir os pais de dar o nome Judas a um recém-nascido. Na Igreja Suspensa, um templo cóptico na Cidade Velha do Cairo, os guias apontam uma coluna negra na colunata branca da igreja – Judas, é claro. O cristianismo não seria o mesmo sem o seu traidor.

Um contexto sinistro permeia as descrições tradicionais de Judas. À medida que o cristianismo desvinculou-se de suas origens como uma denominação judaica, os pensadores cristãos foram julgando cada vez mais conveniente culpar os judeus, como povo, pela prisão e execução de Cristo, e assim pintar Judas como o judeu arquetípico. Os quatro evangelhos, por exemplo, tratam com brandura o governador romano Pôncio Pilatos, mas condenam Judas e os altos sacerdotes judeus.

O manuscrito secreto mostra-nos um Judas muito diferente. Ele é um herói. Ao contrário dos outros discípulos, realmente compreende a mensagem de Cristo. Quando entrega Jesus às autoridades, está fazendo o que seu mestre pediu, sabendo o destino que irá acarretar para si mesmo. Jesus o avisa: “**Serás amaldiçoado**”.

A mensagem é chocante o suficiente para despertar suspeitas de fraude, coisa comum em se tratando de artefatos que se dizem bíblicos. Foi o caso de uma caixa vazia de calcário que supostamente continha os ossos de Tiago, irmão de Jesus. Ela atraiu multidões



quando foi exibida em 2002, mas logo se revelou uma engenhosa falsificação.

Um Evangelho de Judas é obviamente mais atraente do que uma caixa vazia, mas até o momento todos os testes confirmam sua antiguidade. A National Geographic Society, que está contribuindo para financiar a restauração e a tradução do manuscrito, encomendou a um renomado laboratório especializado da Universidade do Arizona a datação por carbono do livro de papiro, ou códice, que contém o evangelho. Testes com cinco amostras separadas do papiro e da sua encadernação de couro datam o códice entre 220 e 340 d.C. A tinta parece ser uma mistura feita com noz-de-galha, vitríolo, goma e fuligem. Especialistas em copta afirmam que modos de expressão reveladores encontrados no evangelho indicam que ele foi traduzido do grego, língua na qual a maioria dos textos cristãos foi escrita nos dois primeiros séculos desta era. “Nós todos nos sentimos à vontade situando a origem desse texto no século 4”, declarou um especialista.

Uma confirmação adicional vem do passado. Por volta de 180 d.C., Irineu, bispo de Lyon na Gália Romana, escreveu um volumoso tratado intitulado *Contra as Heresias*. O livro era uma censura feroz a todas as concepções sobre Jesus que diferiam das apresentadas pela Igreja tradicional. Entre os que ele criticou estava um grupo que reverenciava Judas, “o traidor”, e que criara uma “história fictícia” à qual “chamam Evangelho de Judas”.

Pelo visto, décadas antes de o manuscrito hoje nas mãos de Rodolphe Kasser ser escrito, o irado bispo sabia sobre o texto original em grego.

Irineu estava às voltas com uma profusão de heresias. Nos primeiros séculos do cristianismo, o que chamamos de Igreja, operando por meio de uma hierarquia de padres e bispos, era apenas um de muitos grupos inspirados por Jesus. O estudioso da Bíblia Marvin Meyer, da Universidade Chapman, que ajudou na tradução do evangelho, resume a situação com uma frase: “O cristianismo em busca de seu estilo”.

Um grupo chamado ebionitas, por exemplo, pregava que os

cristãos deviam obedecer a todas as leis religiosas judaicas, enquanto outro, os marcionitas, rejeitavam qualquer relação entre o Deus do Novo Testamento e o Deus judaico. Alguns afirmavam que Jesus fora inteiramente divino, contradizendo outros, para quem ele fora completamente humano. Dizem que uma outra denominação, os carpocracianos, praticava a troca de casais ritualizada. Muitos desses grupos eram gnósticos, seguidores da mesma linha do cristianismo nascente refletida no Evangelho de Judas.

“Gnose, em grego, significa conhecimento”, explica Meyer. “Os gnósticos acreditavam que existe uma fonte suprema de bondade, que chamavam de mente divina, fora do universo físico. Os humanos trazem uma centelha desse poder divino, mas não a podem acessar, impedidos pelo mundo material que os cerca.” Esse mundo imperfeito, na concepção dos gnósticos, era obra de um criador inferior e não do Deus supremo.

Enquanto cristãos como Irineu salientavam que apenas Jesus, o filho de Deus, era ao mesmo tempo humano e divino, os gnósticos afirmavam que pessoas comuns podiam ligar-se a Deus. A salvação requeria despertar aquela centelha divina no espírito humano e reconectá-la à mente divina. Para isso era preciso a orientação de um mestre, e esse, segundo os gnósticos, era o papel de Cristo. Os que compreendessem sua mensagem se tornariam tão divinos quanto Cristo.

Eis a razão da hostilidade de Irineu. “Aqueles homens eram místicos”, diz Meyer. “E os místicos despertam a ira da religião institucionalizada. Ouvem a voz de Deus dentro de si e não precisam de um sacerdote para interceder por eles.”

Irineu começou seu livro após voltar de uma viagem e encontrar seu rebanho em Lyon sendo subvertido por um pregador gnóstico chamado Marcus, que estava incentivando seus iniciados a demonstrar o contato direto com o divino por meio de profecias. Quase tão escandaloso era o visível sucesso de Marcus entre as mulheres do rebanho. A “iludida vítima” do pregador, escreveu Irineu, irritado, “impudentemente profere algumas bobagens” e “então se considera profeta!”

Décadas atrás, as doutrinas desse tipo eram vislumbradas sobretudo por meio de críticas feitas por antagonistas como Irineu, mas em 1945 camponeses egípcios encontraram um conjunto de textos gnósticos, perdidos havia muito tempo, enterrados em um jarro de cerâmica próximo à cidade de Nag Hammadi. Entre eles havia mais de uma dúzia de versões totalmente novas de ensinamentos de Cristo, incluindo os evangelhos de Tomé e Felipe e um Evangelho da Verdade. Agora temos o Evangelho de Judas.

No passado distante, algumas dessas versões alternativas podem ter sido mais divulgadas do que os evangelhos conhecidos, Marcos, Mateus, Lucas e João. Mas, hoje, a ideia de textos que contradizem os quatro evangelhos canônicos do Novo Testamento é profundamente perturbadora para algumas pessoas, como fui lembrado quando almoçava com Marvin Meyer em um restaurante em Washington, D.C. Transbordante de entusiasmo, o eufórico acadêmico limpou um prato de salada de frango enquanto discorria sem parar sobre as crenças contidas no Evangelho de Judas. “É sensacional”, exclamou. “Explica por que Judas é apontado por Jesus como o melhor entre os discípulos. Os outros não entenderam.”

A multidão da hora do almoço se fora e estávamos sós no restaurante quando o maître, hesitante, veio entregar um bilhete a Meyer. Dizia simplesmente: “Deus ditou um livro”. A mensagem enigmática fora passada por telefone, com instruções para que fosse entregue ao cliente que pedira salada de frango. Alguém que se sentara perto de nós pensou que Meyer estava lançando dúvida acerca da Bíblia como a palavra de Deus.

Na verdade, não se sabe se os autores de quaisquer dos evangelhos de fato testemunharam os acontecimentos que descreveram. O estudioso evangélico da Bíblia Craig Evans diz que os evangelhos canônicos acabaram eclipsando os demais porque sua versão dos ensinamentos e da Paixão de Cristo era a mais verossímil. “Os primeiros grupos cristãos em geral eram pobres; não tinham recursos para mandar copiar mais do que alguns livros; por isso, seus membros diziam: ‘Quero o evangelho do apóstolo João, ou do apóstolo tal’”, supõe Evans. “Ou seja, os evangelhos canônicos são os que eles

próprios consideraram os mais autênticos.”

O Evangelho de Judas reflete com clareza a luta travada muito tempo atrás pelos gnósticos e pela Igreja hierárquica. Na primeira cena, Jesus ri dos discípulos por orarem para “seu deus”, referindo-se ao desastroso deus que criou o mundo. Compara os discípulos a um sacerdote em um templo (uma referência à Igreja preponderante), a quem chama de “ministro do erro”, plantando “árvores sem frutos, em meu nome, vergonhosamente”. Desafia os discípulos a olhar para ele e compreender o que ele de fato é, mas eles não o olham.

A passagem mais importante é aquela em que Jesus diz a Judas: **“Sacrificarás o homem que me veste”**. Em outras palavras, Judas matará Jesus – e com isso lhe fará um favor. **“Enfim ele se livrará de seu invólucro material, a carne de seu corpo, e libertará o verdadeiro Cristo, o ser divino que ela contém”**, diz Meyer. (grifos nossos).

O fato de essa tarefa ter sido confiada a Judas é um indicador de sua posição especial. **“Levanta os olhos, vê a nuvem e a luz dentro dela e as estrelas ao redor”**, Jesus lhe diz para encorajá-lo. **“A estrela que mostra o caminho é a tua estrela.”** Finalmente, Judas tem uma revelação, na qual ele entra em uma **“nuvem luminosa”**. As pessoas abaixo ouvem uma voz saída da nuvem, embora o que ela diz possa não vir jamais a ser conhecido, pois nesse trecho há um rasgo no papiro. O evangelho termina abruptamente com um comentário afirmando que Judas **“recebeu dinheiro”** e entregou Jesus aos que o vinham prender. (grifos nossos).

Para Craig Evans, esse relato é uma ficção, escrita em apoio a um sistema de crença que não vingou. “Não há nada no Evangelho de Judas que nos diga alguma coisa que possamos considerar historicamente confiável”, ele declara. Outros estudiosos, contudo, acham que o documento é uma nova e importante janela para a mente dos primeiros cristãos. “Ele muda a história dos primórdios do cristianismo”, diz Elaine Pagels, professora de religião na Universidade Princeton. “Não procuramos dados históricos nos evangelhos, e sim os fundamentos da fé cristã.” Bart Ehrman, da Universidade da Carolina do Norte, completa: “Isso vai incomodar muita gente”.

O padre Ruwais Antony é um deles. Há 27 anos esse venerável monge de barbas brancas vive no Mosteiro de Santo Antônio, um posto avançado no deserto oriental egípcio. Em visita ao local, perguntei o que ele achava da ideia de que Judas estava apenas agindo a pedido de Jesus quando o entregou e que, portanto, era um homem bom. Ruwais ficou tão chocado que cambaleou e trombou com a porta que estava fechando. Depois, repugnado, murmurou: “Não recomendado”.

Sua indignação está em sintonia com a cólera do bispo Irineu – um lembrete de que nesse lugar, à sombra das inóspitas montanhas do Mar Vermelho, o mundo cristão dos primeiros tempos é algo palpável. Um pouco antes, o padre Ruwais me recebera no interior da Igreja dos Apóstolos. Sob nossos pés, recém-escavadas, estavam as celas, a cozinha e a padaria construídas por Santo Antônio em pessoa no século 4, quando fundou sua comunidade.

Na época desse acontecimento, célebre na história da Igreja como o início do monasticismo no deserto, um escriba anônimo pegara uma pena de junco e uma folha de papiro e começara a copiar o “Relato secreto...” Não deve ter feito isso muito longe dali; a área onde se afirma ter sido encontrado o códice fica 65 quilômetros a oeste do mosteiro. O escriba pode ter sido um monge, como aqueles que reverenciavam os textos gnósticos e os mantinham em suas bibliotecas.

No fim do século 4, porém, possuir livros desse tipo era uma imprudência. Em 313, o imperador romano Constantino legalizara o cristianismo. Mas sua tolerância abrangia apenas a Igreja organizada, a quem ele prodigalizava riquezas e privilégios, sem falar das isenções de impostos. Os hereges, cristãos que discordavam das doutrinas oficiais, não tiveram apoio, foram punidos e, por fim, proibidos de reunir-se.

Irineu indicara os quatro evangelhos canônicos como os únicos que os cristãos deveriam ler. Sua lista, por fim, tornou-se a política da Igreja. Em 367, Atanásio, o poderoso bispo de Alexandria e admirador de Irineu, emitiu uma ordem a todos os cristãos do Egito com uma lista de 27 textos, entre eles os evangelhos atuais, que deveriam ser considerados os únicos livros sagrados do Novo Testamento. Essa lista perdura até hoje.

Não há como saber quantos livros foram perdidos à medida que a Bíblia tomou forma, mas sabemos, com certeza, que alguns foram escondidos. O achado de Nag Hammadi fora enterrado em um jarro de cerâmica de gargalo alongado, talvez por monges dos mosteiros de São Pacômio, nas proximidades. Um homem apenas teria bastado para esconder o Evangelho de Judas, que estava encadernado junto com três outros textos gnósticos.

Os documentos sobreviveram intactos por séculos. Ninguém os leu até o começo de maio de 1983, quando Stephen Emmel, estudante de pós-graduação em Roma, recebeu um telefonema de um colega acadêmico pedindo-lhe que fosse à Suíça examinar alguns documentos coptas. Em Genebra, Emmel e dois colegas foram encaminhados a um quarto de hotel onde se encontraram com dois homens: um egípcio que não falava inglês e um grego que traduzia.

“Tivemos cerca de meia hora para examinar três caixas de sapato. Dentro havia papiro embrulhado em jornal”, conta Emmel. “Não nos foi permitido tirar fotos nem fazer anotações.” O papiro já começava a esfarelar-se, por isso Emmel não ousou tocá-lo com as mãos. Ajoelhou-se ao lado da cama, ergueu algumas das folhas com uma pinça e vislumbrou o nome de Judas. Equivocadamente, supôs tratar-se de Judas Tomé, outro discípulo, mas acertou ao compreender que aquela era uma obra de enorme importância.

Um dos colegas de Emmel enfiou-se no banheiro para negociar. Emmel estava autorizado a oferecer no máximo 50 mil dólares; os vendedores pediam 3 milhões, nem um centavo a menos. “Ninguém pagaria tudo aquilo”, diz Emmel, hoje professor na Universidade de Münster, Alemanha, que recorda, com tristeza, que o papiro estava “bonito” e lamenta sua deterioração desde esse encontro. Enquanto os dois lados almoçavam, ele saiu de mansinho e anotou tudo o que conseguiu lembrar. Foi a última vez que um especialista viu esses documentos nos 17 anos seguintes.

O egípcio naquele quarto de hotel em Genebra era um negociante de antiguidades do Cairo chamado Hanna. Ele comprou o manuscrito de um negociante de aldeia que ganhava a vida procurando material desse tipo. Não se sabe exatamente onde ou como a coleção

foi parar nas mãos desse negociante. Ele está morto agora, e seus parentes, no distrito de Maghagha, 150 quilômetros ao sul do Cairo, mostram-se reticentes quando são instados a revelar o local da descoberta.

Logo depois de Hanna adquirir o manuscrito, todo o seu estoque desapareceu em um roubo. Ele afirma que os produtos roubados foram contrabandeados para fora do país e acabaram nas mãos de outro negociante. Tempos depois, contudo, Hanna conseguiu recuperar parte de suas mercadorias, inclusive o evangelho.

Houve um tempo em que pouca gente indagaria como é que uma antiguidade de valor inestimável saiu do país que a abrigava. Qualquer visitante podia coletar artefatos e mandá-los para o exterior. Foi assim que grandes museus, como o Louvre e o Museu Britânico, adquiriram muitos de seus tesouros. Hoje, países ricos em relíquias históricas tendem a ter uma atitude de dono, proibindo a propriedade privada e controlando as exportações do patrimônio que herdaram. Os compradores respeitáveis, como os museus, tentam assegurar-se da legitimidade da procedência dos artefatos, ou origem, verificando se eles não foram roubados ou exportados ilegalmente.

No início da década de 1980, quando ocorreu o roubo, o Egito já proibira a posse de antiguidades não registradas e sua exportação sem licença. Não está claro como essa lei se aplica ao códice. Mas, devido às questões sobre sua procedência, sua situação vem sendo nebulosa desde então.

Hanna, porém, estava decidido a ganhar o máximo de dinheiro possível com ele. Como os acadêmicos de Genebra, com sua animação, confirmaram que o documento era valioso, Hanna partiu para Nova York à procura de um comprador com dinheiro de verdade. A incursão foi infrutífera, e Hanna, desanimado, regressou ao Cairo. Em 1984, antes de partir de Nova York, alugou um cofre em uma agência do Citibank em Hicksville, Long Island, onde guardou o códice e outros papiros antigos. Ali eles permaneceram, mofando, enquanto Hanna fazia tentativas intermitentes de despertar o interesse de compradores. Seu preço, se diz, foi sempre alto demais.

Finalmente, em abril de 2000 ele fez a venda. A compradora foi Frieda Nussberger-Tchacos, grega natural do Egito que ascendera ao topo do implacável ramo de antiguidades depois de estudar egiptologia em Paris. Ela não quer divulgar quanto pagou – apenas admite que a quantia estimada nos boatos, 300 mil dólares, está “errada, mas próxima”. Ocorreu-lhe que talvez a Beinecke Rare Books and Manuscript Library, um centro de textos raros na Universidade de Yale, poderia querer o texto, e assim ela confiou sua mercadoria a um dos especialistas em manuscritos da biblioteca, o professor Robert Babcock.

Dias depois, quando ela ia pegar um avião de volta a Zurique, o professor telefonou. A notícia que ele lhe deu era explosiva, mas é da empolgação do homem, audível até em um celular no trânsito de Manhattan na hora do rush, que Frieda mais se lembra. “Ele dizia: ‘Isto é inacreditável! Acho que é o Evangelho de Judas Iscariotes’. Mas eu, na verdade, só registrei a emoção que vibrava em sua voz” Só mais tarde, sobrevoando o Atlântico, Frieda começou a se dar conta de que era a dona do lendário Evangelho de Judas.

Os gregos falam em moira – destino –, e nos meses seguintes Frieda começou a sentir que sua moira enredara-se terrivelmente com a de Judas, “como uma maldição”. A biblioteca Beinecke ficou com o documento por cinco meses, mas no fim se recusou a comprá-lo – apesar da empolgação de Babcock –, em parte devido às dúvidas sobre sua procedência. Assim, Frieda desistiu dos círculos acadêmicos de elite e foi procurar Bruce Ferrini, cantor de ópera que virara negociante de manuscritos antigos em Akron, Ohio.

A rejeição de Yale fora desalentadora, e a viagem a Akron, um pesadelo. “Meu vôo do aeroporto Kennedy foi cancelado, e precisei decolar de La Guardia em um avião pequeno. Eu estava levando o material acondicionado em caixas-pretas, mas não me deixaram entrar com elas na cabine.” Judas voou para Ohio no compartimento de bagagem. Em troca de Judas e outros manuscritos, Ferrini deu a Frieda um contrato de venda com uma empresa chamada Nemo e dois cheques pré-datados de 1,25 milhão de dólares cada um.

Ferrini não deu retorno a numerosos telefonemas nos quais foi pedida a sua versão da história. Mas pessoas que viram o manuscrito



sobre Judas nessa época afirmam que ele embaralhou as páginas. “Queria fazê-lo parecer mais completo”, supõe o especialista em copta Gregor Wurst, que está ajudando a restaurar o documento. Mais fragmentos estavam se desprendendo. Frieda começara a preocupar-se com a transação dias depois de voltar para casa. Suas dúvidas aumentaram quando um amigo, Mario Roberty, comentou que *nemo*, em latim, significa “ninguém”.

Roberty, um advogado suíço muito perspicaz e simpático, conhece o mundo desses negociantes e dirige uma fundação dedicada à arte antiga. Ficou “fascinado” com a história de Frieda, declarou, e se prontificou a ajudá-la a reaver Judas. Os vultosos cheques de Ferrini estavam datados para o início de 2001. Para ajudar a fazer pressão sobre o negociante de Akron, Roberty recrutou a arma de destruição em massa do ramo das antiguidades: o ex-negociante Michel van Rijn. Em Londres, Van Rijn gerencia um site no qual flagela sem piedade seus inimigos no meio.

Informado por Roberty, Van Rijn divulgou a notícia do evangelho, acrescentando que o manuscrito estava “nas garras de um ‘multitalentoso’ negociante, Bruce P. Ferrini”, que se encontrava “em tremendos apuros financeiros”. E, em letras garrafais, alertou potenciais compradores: “Você compra? Você põe a mão? Será processado!”

Como Roberty relembra alegremente, mobilizar Van Rijn “funcionou, foi decisivo”. Mas, tempos depois, Van Rijn deu uma guinada e começou a fazer críticas ferozes a Roberty e Frieda em seu site. “Acho que acabou a munição dele”, explica Roberty. Em fevereiro de 2001, Frieda recuperou o código de Judas e o levou para a Suíça, onde, cinco meses depois, encontrou Kasser.

Naquele momento, ela conta, Judas transformou-se de maldição em bênção. Enquanto Kasser ia capturando o significado do código nos fragmentos, Roberty atinou com uma solução criativa para o problema da procedência: vender os direitos de tradução e de divulgação pela mídia, prometendo, ao mesmo tempo, devolver o material original ao Egito. A fundação de Roberty, que hoje está em posse do manuscrito, assinou um acordo com a National Geographic Society.

Livre agora das preocupações comerciais, a própria Frieda começa a parecer um tanto mística. “Tudo é predestinado”, murmura. “Eu mesma fui predestinada por Judas para reabilitá-lo”.

Às margens do lago Genebra, no andar de cima de um prédio anônimo, um especialista manipula um pedaço de papiro, coloca-o em seu lugar, e parte de uma sentença antiga é restaurada. Judas, renascido, está prestes a nos encarar.



Retirado das areias do Egito no final do século 20, esta cópia do Evangelho Gnóstico de Judas, com data entre o início e meados do século 4, foi escrita em cóptico egípcio, mas com caracteres gregos. (O original foi composto em grego e traduzido em cóptico egípcio.) Escrito a tinta no que é hoje – depois de dois mil anos – um papiro perigosamente frágil, este documento de preço incalculável é um tesouro por si só. Mas seu verdadeiro valor está no que o texto revela: Judas Iscariotes, que se transformou no homem mais odiado da cristandade, foi o discípulo mais devoto e o amigo mais fiel do Salvador. Ele sacrificou o próprio nome para honrar o pedido de Jesus para que o traísse.

### **Códice página 33:**



**“O relato secreto...”**

*“O relato secreto da revelação que Jesus fez em conversa com Judas Iscariotes...”.*

Lendo da esquerda para a direita, esta passagem encontra-se entre as primeiras linhas. “Judas” é a última palavra no final da segunda linha, basta seguir o pequeno rasgo vertical que começa na parte superior direita da página. Na maior parte de texto fragmentado que se segue, lê-se “Iscariotes”.

O Evangelho de Judas contém texto com perspectiva bem diferente da exposta nos escritos do cristianismo ortodoxo seguidos hoje. Essas ideias pouco convencionais, permeadas de mitologia dos judeus gnósticos, refletem-se nos ensinamentos que Jesus compartilhou com Judas nos dias anteriores ao pessach:

- No início, existiu uma deidade infinita tão elevada que nem a palavra “Deus” era capaz de fazer-lhe justiça.
- Por meio de uma sequência complexa de eventos, os céus produziram luz divina, radiante.
- Nebro, deus criador mau, responsável pelos problemas do mundo, reina sobre o mundo inferior dos seres humanos.

- Alguns humanos carregam dentro de si o espírito do divino.

Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão americana. [Clique aqui](#).

#### **Códice página 34:**



“... [ele] riu.”

*Estas palavras encontram-se logo abaixo da última palavra da primeira linha. Partes faltantes do papiro forçaram os tradutores a inferir certas palavras como “ele”, com base em seus conhecimentos e a interpretação do restante do texto.*

Evangelhos do Novo Testamento retratam Jesus como um homem reservado, que raramente demonstrava bom humor. Mas, no Evangelho de Judas, Jesus ri bastante, especialmente frente aos absurdos que ditam as regras da vida humana. Mas ele também ri da maneira séria – e sem questionamento – de como os discípulos aceitam coisas como preces, oferecendo-a não apenas por terem vontade, mas por acreditar que seu Deus realmente quer ser louvado desta maneira. É como se Jesus observasse de longe, sacudisse a cabeça e pensasse: “O que posso dizer?”.

Por que o filho de Deus riria de algo assim? O Evangelho de Judas é considerado um evangelho gnóstico, uma forma primitiva de espiritualidade que se foca na gnose, palavra grega que significa “sabedoria”. Os gnósticos acreditam em um conhecimento místico, um conhecimento de Deus que os permite comungar com ele e comunicar-se com ele sem intermediários. Tais crenças entravam em conflito direto com integrantes da Igreja Ortodoxa, que estava surgindo. “No Evangelho de Judas”, diz Marvin Meyer, estudioso da Bíblia a Universidade Chapman da Califórnia (EUA), “esses outros cristãos atendem à vontade de um deus criador que controla o mundo com severidade. Este deus é o oposto radical da deidade transcendente proclamada no Evangelho de Judas”.

Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão americana. [Clique aqui](#).

### **Códice página 37:**



**Fragmento de Nova York** “... outras forças (...) por [meio das quais] você governa. Quando os discípulos [dele] ouviram isto, cada um ficou com o espírito inquieto. Não podiam dizer palavra. Outro dia, Jesus veio a [eles]. Disseram a [ele]: ‘Mestre, vimos o senhor em uma [visão], porque tivemos [sonhos] notáveis [à] noite (...)’. [Ele disse:] ‘Por que foram se esconder?’”.

Esta passagem ocupa todo este fragmento, uma porção da página 37 encontrada em Nova York depois de a descoberta ter sido

noticiada pela imprensa. Os pesquisadores, que esperam encontrar outros fragmentos, foram capazes de traduzi-lo e incorporá-lo à tradução do texto maior.

Com base na especulação a respeito do significado possível deste texto fragmentário, pesquisadores acreditam que a passagem possa descrever os discípulos relatando sua premonição a respeito da prisão de Jesus no jardim do Getsêmani. Por sua vez, ficam atordoados e em silêncio quando Jesus prevê ainda que vão fugir aterrorizados quando ele for preso, cena descrita nos Evangelhos de São Mateus e São Marcos no Novo Testamento.

Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão americana. [Clique aqui](#).

#### **Códice página 39:**



**“... árvores sem frutos...”**

*“E plantaram árvores sem frutos, em meu nome, de maneira vergonhosa.”*

Conte 14 linhas para cima a partir da parte de baixo da página. Esta passagem começa logo antes da grande interrupção em forma de curva no centro, à direita, e continua por mais duas linhas até um sinal de pontuação grego que se parece com dois pontos.

Jesus parece criticar aqueles que pregam em seu nome, mas com proclamações sem substância ou conteúdo frutífero. Isto fazia parte da polêmica da época entre os gnósticos e a nova Igreja Ortodoxa, com um grupo questionando abertamente as opiniões do outro.

Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão americana. [Clique aqui](#).

#### **Códice página 40:**



**“... ministro de erros.”**

A cinco linhas inteiras a partir da parte de baixo da página, esta passagem começa logo à direita da interrupção vertical e continua na linha seguinte no símbolo que parece dois pontos, à esquerda do rasgo.

O conflito entre os gnósticos e a Igreja Ortodoxa se reflete na maneira como Jesus enxerga a igreja e sua doutrina questionável. Os discípulos têm uma visão do templo, que Jesus explica em termos alegóricos. Ele compara o que eles veem no templo com a mensagem errônea que vem da Igreja dominante em surgimento. Os discípulos, ele explica são assemelhados a um sacerdote de templo, ou um “ministro de erros”: aquele que expõe ensinamentos imprecisos.

Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão

americana. [Clique aqui.](#)

### Códice página 56:



**“... você vai se destacar sobre todos eles...”**

*“... você vai se destacar sobre todos eles. Porque vai sacrificar o homem que me veste.”*

Olhe para o segmento mais extenso de texto na parte de baixo desta página altamente fragmentada. À direita do pedaço de papiro no topo e de um caractere grego que parece um “Υ”, está a palavra “você”. A linha seguinte diz: “... vai se destacar sobre todos eles”. O restante desta passagem continua nas duas linhas seguintes e no início da terceira, logo depois do primeiro rasgo em ângulo reto.

As palavras de Jesus a Judas descrevem como ele vai se destacar entre os outros discípulos depois de sua morte. De acordo com o Evangelho de Judas, o Salvador é o ser espiritual dentro de Jesus, que vive na dimensão espiritual. O ser físico de Jesus não passa de uma cobertura, assemelhada a uma roupa, que o Salvador espiritual usa neste mundo. Jesus, em essência, diz a Judas que, ao traí-lo – conscientemente e a seu pedido –, está demonstrando verdadeira amizade e permitindo ao homem Jesus morrer para que o Salvador possa se libertar para retornar a sua morada no céu. Segundo a tradição gnóstica, Jesus não enxerga sua morte como tragédia nem como ato necessário para salvar o mundo do pecado.



Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão americana. [Clique aqui](#).

### **Códice página 57:**



**“Erga seus olhos...”**

*“Erga seus olhos e olhe para a nuvem e a luz dentro dela e as estrelas que a rodeiam. A estrela que indica o caminho é a nossa estrela. Judas ergue os olhos e viu a nuvem luminosa, e entrou nela.”*

Esta passagem começa oito linhas para baixo do fragmento maior e continua mais sete linhas até o fim dos dois caracteres gregos que parecem “OC” à direita da página.

Ao confiar a Judas a difícil tarefa de cumprir a ordem e entregá-lo às autoridades, Jesus confirma a posição de destaque de Judas entre os discípulos.

Este exemplo de pensamento gnóstico tem a mesma base da premissa de Platão de que o criador da humanidade designou uma alma e uma estrela para cada pessoa, e que seguimos esta estrela como guia por toda a vida.

Judas é glorificado quando entra na “nuvem luminosa”, que se acredita ser uma manifestação de Deus semelhante à transfiguração de

Jesus.

Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão americana. [Clique aqui](#).

### Códice página 58:



### “O Evangelho de Judas”

*“Os altos sacerdotes murmuraram porque ele tinha entrado no quarto de hóspedes para sua oração. Mas alguns escribas estavam lá, observando com cuidado para prendê-lo durante a oração, porque tinham medo do povo, já que ele era considerado um profeta por todos. Aproximaram-se de Judas e disseram a ele: ‘O que está fazendo aqui? Você é discípulo de Jesus’. Judas respondeu o que eles desejavam. E recebeu algum dinheiro e o entregou a eles.”*

As palavras “aproximaram-se de Judas” começam onze linhas a partir da parte inferior da página, à esquerda da grande quebra vertical no papiro, e à direita do rasgo estreito horizontal. O final do manuscrito, “O Evangelho de Judas”, encontra-se nas duas últimas linhas, mais ou menos centradas, embaixo do buraco grande.

Estas últimas palavras levam o Evangelho de Judas a um fim abrupto. Apresentado como traidor nos relatos do Novo testamento,

Judas Iscariotes é o oposto no Evangelho de Judas. Aqui, ele é visto como o mais leal entre os discípulos porque compreende Jesus e faz exatamente o que ele pede. É por isso, acreditam os estudiosos, que o Evangelho de Judas termina com a história da traição de Judas a Jesus. Assim, seu objetivo é alcançado ao mostrar que as ações de Judas fazem com que ele se destaque como o padrão a que os discípulos devem aspirar.

Dê uma olhada mais de perto nesta página do papiro e passagens específicas traduzidas que foram analisadas por uma equipe de especialistas. Para vê-las, use a ferramenta de navegação da versão americana. [Clique aqui](#).

**O que eles têm a dizer:**

**especialistas falam sobre o Evangelho de Judas**



Marvin Meyer (que ajudou a traduzir o Evangelho de Judas), Craig Evans, Bart Ehrman e Elaine Pagels, estudiosos de religião, usaram seus conhecimentos para analisar o conteúdo impressionante do manuscrito, apresentando ideias sobre agnosticismo e a traição de Judas a Jesus.

**MARVIN MEYER**

*Coptólogo e professor de Estudos do Início do Cristianismo e*

**Marvin Meyer – Tradução do depoimento**

**Segmento 1**

Estou trabalhando no Evangelho de Judas e no restante do Códice de Tchacos desde mais ou menos agosto de 2005. E a maneira como eu me envolvi no projeto é um dos exemplos mais maravilhosos de coincidência feliz. Estava dando uma palestra a respeito de alguns papiros antigos, textos de Nag Hammadi, textos mágicos etc. em um evento patrocinado pela embaixada egípcia. Era em Washington, no Kennedy Center, e havia algumas pessoas da National Geographic Society participando do evento. Depois da minha palestra, muita gente sentada na frente queria fazer perguntas sobre os textos gnósticos e os papiros mágicos etc. Algumas pessoas vieram até a frente e me entregaram cartões de visita da National Geographic e disseram: “Vamos procurar você”. Algumas semanas depois, ligaram e disseram: “Precisamos conversar com você sobre um assunto”. E eu disse: “Bom, qual é a ideia de vocês?” Então começamos a falar sobre isso e a entender os parâmetros da discussão etc. E, em setembro, pediram que eu fosse até a sede em Washington para dar uma olhada no texto, porque não estavam compreendendo o que acontecia no Evangelho de Judas. Tem título provocativo e deve ser muito emocionante, mas o que significa? Está fragmentado, e há algumas passagens difíceis e bastante obscuras etc. Então fiquei trancado em uma sala com o texto em cóptico por cerca de uma semana com meus dicionários e meus léxicos e minhas fontes cópticas que trouxe da Califórnia e, depois disso, saí da sala trancada, encontrei-me com as pessoas e disse: “O texto é sobre o seguinte: é um evangelho gnóstico brilhante que apresenta Jesus e apresenta a figura de Judas como o apóstolo mais perspicaz e mais leal de todos”.

**Marvin Meyer – Tradução do depoimento**

**Segmento 2**

O Códice de Tchacos na verdade inclui quatro textos diferentes. É um manuscrito cóptico, com linguagem cóptica escrita em páginas de papiro. Há quatro textos distintos que se encontram neste códice em particular. Um códice é um livro, chamado de códice porque esta a palavra antiga em latim para livro, e não é um rolo, mas um livro encadernado. Os quatro textos encontrados neste códice são: a carta de Pedro a Felipe; um livro ou texto intitulado Jaime, que é uma versão de algo que já conhecíamos – o primeiro Apocalipse ou revelação de Jaime; tem, é claro, o Evangelho de Judas; e então tem um texto em fragmentos no fim que estamos chamando de Livro de Alughenes, ou o Livro do Estranho, que é um texto fascinante a respeito de Jesus e o desconhecido que aparece em forma humana e dá a revelação ao mundo.

Quando vi este texto pela primeira vez, pensei na hora que devia ser autêntico. Está escrito em cóptico, e o tipo de cóptico encontrado aqui está muito próximo do que se encontra na biblioteca de Nag Hammadi – eu conheço bem esse tipo de cóptico. Trata-se de um dialeto chamado Sehedic, mas tem certas características que são típicas do Egito Médio e que também adicionam autenticidade ao próprio cóptico. E, depois, esses textos são bem complicados, mas representam muito bem o ponto de vista gnóstico. E o Evangelho de Judas é um belo exemplo de texto gnóstico setiano. E a maneira como os caracteres se apresentam, com clareza e também de modo complicado. Representa completamente esse tipo de ponto de vista gnóstico setiano – é um exemplo brilhante disso. Agora, além disso, o que é muito interessante é o fato de texto do Evangelho de Judas parecer um texto setiano muito antigo. Então, temos uma ideia de onde esse texto veio, como ele é um texto que tem importância e delimita outros textos setianos posteriores, e como se encaixa muito bem em toda a tradição gnóstica setiana de pensamento.

### **Marvin Meyer – Tradução do depoimento**

#### **Segmento 3**

Todos os quatro textos do códice de Tchacos e a maior parte dos documentos da biblioteca de Nag Hammadi podem ser descritos como gnósticos. Textos gnósticos são textos místicos, e isto quer dizer

que eles têm a ver com o fato de que existe um pouco da luz divina, que existe a fagulha divina, dentro de toda pessoa que tenha conhecimento, e se esta pessoa for capaz de jogar fora toda a ignorância e chegar à essência de autoconhecimento que ele ou ela de fato é, então essa pessoa vai reconhecer que existe um pouco de Deus dentro da pessoa. Estes textos são a respeito disto. Este é o conhecimento – a “gnosis”, em grego – que os textos gnósticos buscam transmitir. Quem se autodenominava gnóstico e se considera como detentor de “gnosis”, ou conhecimento, tinha acesso direto a Deus. Não precisava passar por um sacerdote ou um bispo ou um rabino. Não precisava de um intermediário. Mas na Igreja Ortodoxa que surgia, havia sacerdotes e havia bispos que levavam sua autoridade muito a sério. E parte do conflito entre os gnósticos e as pessoas que faziam parte do início da ortodoxia era o fato de que os gnósticos dançavam ao ritmo de sua própria música. Eles não escutavam os sacerdotes, não escutavam os bispos, porque escutavam Deus e a voz d’Ele encontrava-se dentro de cada um.

## **Marvin Meyer – Tradução do depoimento**

### ***Segmento 4***

No Evangelho de Judas, aquele discípulo que realmente compreende a essência de Jesus e que realmente é fiel e leal a Jesus é Judas Iscariotes. Os outros discípulos simplesmente não compreendem. Mas Judas sim. É ele quem escuta Jesus, ele aprende com Jesus, e faz tudo que Jesus quer, e no final do evangelho, quando Jesus diz “Judas: Você tem que me ajudar a libertar minha alma dos limites deste corpo por meio de uma traição”, Judas obedece. O que mais ele poderia fazer por seu amigo além de ajudá-lo a se libertar das amarras de seu corpo?

A ideia de que Judas de fato está ajudando Jesus, ao contrário de se voltar contra ele, é uma maneira muito diferente de encarar a traição de Jesus e a crucificação de Jesus e assim por diante. Aqui, a traição acaba sendo algo muito bom. É algo que Jesus queria e que Judas faz em obediência a Jesus, porque a morte não é uma coisa ruim para Jesus; para ele, é a libertação – a libertação da alma e do espírito de Jesus de seu corpo.

## Marvin Meyer – Tradução do depoimento

### Segmento 5

Acho que existem dois trechos que são especialmente significativos no Evangelho de Judas e são esses que vou comentar. Um ocorre bem cedo no evangelho, quando Jesus diz a todos os discípulos: “Ouçam, se foram capazes de fazê-lo, permitam que o ser humano que existe dentro de vocês, quer dizer, a verdadeira essência do que significa ser uma pessoa dentro de vocês, permitam que esta pessoa saia e se apresente perante mim”. E os outros discípulos tentaram, e não conseguiram. E Judas disse: “Eu farei isso”. Mas ele agiu com modéstia perante Jesus; Então ele se levantou perante Jesus, mas virou os olhos para baixo. Então, disse: “Eu sei quem você é, Jesus, e de onde você veio. Você veio do reino imortal, o reino imortal de Barbelo. E a minha boca não é digna de descrever e dar nome àquele que o enviou”. E esta confissão, esta profissão de fé, sugere que Jesus veio do reino de Deus – que é o que o reino imortal eterno de Barbelo significa – que Jesus na verdade não faz parte deste mundo, mas é um espírito ou uma entidade assemelhada a uma alma que veio a este mundo. Essa é a verdadeira origem de Jesus. E aquele que enviou Jesus é o Deus indescritível, impronunciável, absolutamente transcendente que está além de qualquer descrição e além de qualquer nome, e a boca de Judas não é capaz de pronunciar o nome e a essência daquele Deus maravilhoso.

A tradução cóptica que temos do Evangelho de Judas não é o original. Estamos convencidos de que este Evangelho na verdade foi composto em grego. Há tudo que é tipo de elemento para indicar isto: o tipo de cóptico que se apresenta é o cóptico de uma tradução, e a tradução de um original em grego. A razão por que temos apenas uma cópia em cóptico do texto é porque todas as cópias em grego foram destruídas. As areias secas do deserto preservaram este texto. A caverna seca, talvez, onde foi encontrado, conservou este texto. E as cópias gregas que estavam na Grécia ou na Turquia ou em algum lugar do Oriente Médio, onde chove, apodreceram, e estão todas perdidas. Mas estamos convencidos de que existiu uma cópia grega a certa altura, que era a versão original do Evangelho de Judas composto em

grego.

## **Marvin Meyer – Tradução do depoimento**

### ***Segmento 6***

O Evangelho de Judas é um evangelho que classificaríamos não apenas como evangelho gnóstico, mas como representativo de um certo tipo de gnosticismo: podemos nos referir a ele como integrante de uma “escola” do gnosticismo que chamamos de gnosticismo setiano; E a razão por que recebe este nome é devido ao fato de que Set, filho de Adão e Eva, tem papel muito especial, de um tipo muito particular, neste Evangelho e nos textos parecidos com ele. Pensando bem sobre a história, o fato é que a família de Adão e Eva era disfuncional. Os dois primeiros filhos, Caim e Abel, meteram-se em confusão e Abel foi assassinado e Caim foi exilado e houve mais um filho que nasceu depois disso – Set. E com Set foi possível recomeçar, e Set era o bom garoto. E os gnósticos perceberam, isso e acharam que, de algum modo, eram aparentados a Set, que tinham vindo de Set, que os seres humanos que verdadeiramente tinham o conhecimento de Deus eram derivados de Set. E então eles se autodenominaram a geração ou a semente ou a família de Set. E Set era seu pai, seu pai espiritual. Nos textos gnósticos setianos, isso se torna particularmente interessante para os cristãos que comprem esta maneira de olhar para o mundo e para eles mesmos; e o fato de enxergar essa fagulha do divino dentro de si é o que precisam para relacionar Jesus à figura de Set. E o pessoal cristão setiano acreditava que Jesus na verdade é a mesma coisa que Set, que o espírito e o poder de Set encarnam na figura de Jesus, de modo que, de certa maneira, Set renasce na figura de Jesus. E quando Jesus anuncia o caminho até Deus, na verdade está proferindo as palavras de Set e trazendo as boas notícias, o evangelho, de Set.

## **Craig Evans – Tradução do depoimento**

### ***Segmento 1***

Acho que o elemento mais interessante do Evangelho de Judas é quando Jesus pede a Judas que o traia para completar sua missão. E



acho isso interessante porque os próprios evangelhos canônicos – são Mateus, são Marcos, são Lucas e são João – não nos dizem por que Judas fez o que fez. Ele fez alguma coisa por trás dos panos, e nos evangelhos temos outros personagens que fazem coisas por trás dos panos. Como adquirir o animal em que Jesus montou para entrar na cidade, ou adquirir a sala onde Jesus e seus discípulos fizeram a última ceia junto. É possível que Judas também estivesse fazendo algo do tipo por trás dos panos, mas como a coisa acabou com a prisão e a morte de Jesus, então seu ato é lembrado como maldade? Considero esta questão muito interessante, e é algo que o Evangelho de Judas abriu para nós. Então, na minha opinião, esta é a coisa mais importante do documento recém-descoberto.

De acordo com o Evangelho de Judas, Jesus realmente pede a Judas que o traia para que Jesus complete seu ministério. Seu ministério está completo, agora ele precisa retornar ao céu. E, para tanto, precisa deixar seu corpo carnal, e assim poderá retornar ao céu e os discípulos poderão seguir em frente com sua própria missão. Judas é o único discípulo entre os doze que compreende isto e que tem a coragem de fazê-lo. E é por isso que Jesus pede a Judas que o traia.

## **Craig Evans – Tradução do depoimento**

### ***Segmento 2***

Nos evangelhos do Novo Testamento, não fica claro por que Judas fez o que fez. Nenhuma explicação real é apresentada. Mas o Evangelho de Judas nos dá uma explicação: na verdade, está agindo de acordo com as instruções de Jesus. Perceba que vemos, em são Mateus, são Marcos e são Lucas, exemplos de pessoas que agem segundo as ordens de Jesus, mas não conhecemos os detalhes completos. Por exemplo, quando Jesus pede a discípulo para que arrume um animal para ele montar quando entrar em Jerusalém. Não conhecemos todos os detalhes. Quem era esse discípulo? Não conhecemos as combinações. Quando foram feitas? Esses detalhes foram excluídos dos evangelhos. Jesus também diz a seus discípulos que sigam uma pessoa que carrega um jarro e esta pessoa vai levá-los à sala do andar de cima onde ele e seus discípulos farão sua última ceia juntos. Os evangelhos não explicam como essas coisas foram

combinadas. Então, preciso perguntar a mim mesmo: Será que Jesus tinha combinado alguma coisa com Judas sem os outros discípulos saberem e algo deu muito errado e, quando Jesus foi preso, os discípulos só puderam interpretar o fato como traição, mas na verdade nunca souberam por que Judas fez o que fez. No Evangelho de Judas, pode ser que haja esta explicação. E é isso que eu acho tão intrigante neste evangelho perdido recém-descoberto e recém-publicado. Será que ele finalmente vai poder explicar para nós por que Judas fez o que fez? Não foi um verdadeiro ato de traição, mas sim a tentativa de seguir as instruções de Jesus, sendo que hoje não conhecemos os detalhes? Seja qual fossem as instruções, resultaram com a prisão de Jesus. Acho que algo deu errado, e Judas levou a culpa, e por isso ficou para sempre lembrado como o traidor, mas a história pode ser um pouco mais complicada do que isso, e o Evangelho de Judas nos faz perceber que talvez exista outra explicação.

## **Craig Evans – Tradução do depoimento**

### ***Segmento 3***

Os evangelhos do Novo Testamento foram recebidos pelos primeiros chefes da Igreja Católica e se transformaram em canônicos porque, neles, acredito, estão as primeiras palavras de Jesus, transmitidas da maneira mais fiel. Tradições encontradas em São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João remontam à época de vida de pessoas que ouviram Jesus falar. Isso significa que houve controles, que um corpo de tradição foi preservado no início da comunidade cristã – a primeira geração. São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João refletem este corpo inicial de tradição. Mas, na medida em que entramos no século 2, quando evangelhos como o de São Tomás e de São Pedro e de Judas e de Mary são escritos, chegamos em outra geração, há duas de distância, e algumas ideias estranhas aos primeiros ensinamentos cristãos começam a ser propagadas e colocadas na boca de Jesus e na boca dos discípulos; Essas tradições não refletem o primeiro século, mas o segundo. E é por isso que eu acho que sempre é necessário dar prioridade para os evangelhos do Novo Testamento se quisermos entender aquele que é conhecido como o verdadeiro e histórico Jesus de Nazaré.

## **Craig Evans – Tradução do depoimento**

### ***Segmento 4***

Iraneus, pai da Igreja que surgiu no final do século 2, reconheceu o valor dos quatro evangelhos que se encontram no Novo Testamento. Ele sabia que eram antigos, e mais antigos do que outros evangelhos que começaram a surgir no século 2. Então ele argumentou que apenas esses quatro deviam ser considerados, e não quatro outros. Então, ele está invocando um argumento que a maior parte de nós consideraria bastante curioso, porque, na época do Antigo Testamento e do judaísmo e do início do cristianismo, existe uma coisa que podemos chamar de geografia teológica. Isto é muito estranho para nós, mas o mundo podia ser entendido como um afastamento de Jerusalém que era uma espécie de centro sagrado do mundo todo, e então de lá era possível ir para norte, sul, leste ou oeste. Até mesmo Jesus ressuscitado menciona isto quando diz a seus discípulos que devem pregar primeiro em Jerusalém e, depois disso, em círculos de expansão que se afastassem cada vez mais, até pregar o evangelho nos pontos mais afastados do mundo. Bom, acho que isso é que se refletia na afirmação de Iraneus quando ele diz: “Assim como existem quatro ventos ou quatro pontos em uma bússola, existem quatro evangelhos. Para ir de encontro, para combinar com leste, oeste, norte e sul”. É por causa desta característica quádrupla dos evangelhos, das quatro testemunhas do evangelho, que ele faz esta argumentação. Se houvesse cinco evangelhos, suspeito que ele teria dito: “Assim como há cinco dedos na sua mão”, ou qualquer coisa do tipo. Então, não acho que os quatro pontos da bússola nos deram os quatro evangelhos; o argumento dos quatro pontos da bússola existe porque temos quatro evangelhos.

## **Craig Evans – Tradução do depoimento**

### ***Segmento 5***

Bom, se tivesse sido Iraneus, e não outros cristãos anteriores... Porque Iraneus não estabeleceu isto por conta própria, foram os primeiros cristãos que o fizeram – os evangelhos que eles escolheram ler e que pagaram para ser copiados, esses eram os que eles

valorizavam. E os evangelhos que valorizavam acima de todos eram os de são Mateus, são Marcos, são Lucas e são João. Mas havia alguns outros evangelhos que algumas das primeiras comunidades cristãs liam. O Evangelho de são Tomás seria um deles. O Evangelho de são Pedro – temos até um dos primeiros padres da Igreja que fala sobre ele e pede que as paróquias deixem de lê-lo. Mas havia também os evangelhos judeus, no cristianismo judeu, como o Evangelho dos Nazarenos, ou o Evangelho dos Ebionitas. E então poderia ter havido outros evangelhos incluídos no Novo Testamento, mas acho que os quatro que terminaram ali são os primeiros, e os mais consistentes com a memória dos primórdios da Igreja de sua mais antiga proclamação oficial do evangelho de são Pedro e de são Paulo e de outros discípulos e apóstolos.

### **Craig Evans – Tradução do depoimento**

#### **Segmento 6**

Existe um método para datar documentos como esses da antiguidade, porque não temos os originais – não adianta fazer um teste com carbono 14 porque não temos o original. Então, ninguém pode de fato datar são Mateus em um ano específico ou são Marcos em um ano específico. Mas o que temos em são Mateus, são Marcos e são Lucas é um Jesus consistente com o judaísmo que sabíamos existir antes [do ano] 70. Jesus não aparece em são Mateus, são Marcos e são Lucas falando sobre “aeons” e sete camadas do céu e mistérios gnósticos especiais e assim por diante. Temos um Jesus consistente com todas as fontes que conhecemos, tais como Josephus ou os pergaminhos do mar morto e outros textos da sinagoga sobre como o judaísmo era compreendido antes do ano 70. Mas, quando consultamos evangelhos como o Evangelho de Judas ou o Evangelho de são Tomás ou o Evangelho de Maria, deparamos com ideias novas e bem posteriores. Elas não representam o judaísmo pré-70 da maneira como o vemos em são Mateus, são Marcos e são Lucas. São diferentes, são estranhos, vieram de algum outro lugar. Vêm de um lugar posterior, e é isso que chamamos, que os padres da Igreja chamam de “gnosticismo”.

### **Barth Ehrman – Tradução do depoimento**

## **Segmento 1**

O Evangelho de Judas foi mencionado pela primeira vez por um padre da segunda metade do século 2 chamado Iraneus, que escreveu uma obra de cinco volumes atacando diversos grupos de hereges, pessoas que seguiam em crenças falsas. Um dos grupos que ele atacou foi o dos chamados cainitas, de uma religião gnóstica que entendia que Caim, filho de Adão e Eva, na verdade não era um dos vilões da história bíblica, mas sim um herói da fé. Ele era herói da fé porque Caim teve o bom senso de se voltar contra do Deus dos judeus que, é claro, o puniu pelo assassinato do irmão, Abel. Mas esta não foi uma ação má, foi uma boa ação porque mostrou que Caim estava, de fato, do lado do verdadeiro Deus, e não do Deus que criou este mundo e no fim convocou Israel para ser seu povo. Os cainitas se batizaram em homenagem a Caim porque viram que o Deus deste mundo não era o Deus verdadeiro, que havia um Deus acima do Deus deste mundo que deveria ser adorado e, para adorar este Deus verdadeiro, era preciso desrespeitar as leis estabelecidas pelo Deus criador. Este grupo de contrariadores, este grupo de cainitas, tinha um evangelho, de acordo com Iraneus, que era o evangelho batizado em homenagem ao maior contrariador da história da religião, especificamente o próprio homem que traiu Jesus: Judas Iscariotes. Da mesma maneira como celebravam a vida de Caim, a vida dos homens de Sodoma e Gomorra, celebravam a vida de Judas e afirmavam que Judas era aquele que guardava a verdade real, que sabia realmente quem era Jesus. Ele era o único discípulo que compreendia Jesus, e foi ele, portanto, que realizou o desejo de Jesus ao entregá-lo para seus inimigos, para que Jesus pudesse ser morto, porque foi na morte que Jesus encontrou sua salvação.

## **Barth Ehrman – Tradução do depoimento**

### **Segmento 2**

Os gnósticos defendiam que as pessoas deste mundo tinham sido aprisionadas aqui em matéria, que de fato dentro de algumas pessoas existe uma fagulha divina que ficou aprisionada no corpo, e esta fagulha divina precisa ser libertada. Ela é libertada por meio do aprendizado de quem ela realmente é – quem é, como chegou ali e

como pode escapar. Esta verdade é dada pelo próprio Jesus em conhecimento secreto que ele transmite a seus discípulos; Este grupo gnóstico, os cainitas, acreditavam que o conhecimento secreto transmitido por Jesus foi transmitido especificamente a Judas, e de Judas então para o leitor deste evangelho. Iraneus, no entanto, achava esta uma afirmação completamente absurda. Iraneus achava que essa ideia de as pessoas terem uma fagulha dentro de si era completamente errada. E Iraneus achava que o criador deste mundo era de fato o único Deus verdadeiro, de modo que este evangelho supostamente escrito por Judas ou sobre ele era de fato um evangelho herege que deveria ser proscrito e nunca lido. E então Iraneus proibiu a leitura deste livro e, com o tempo, então, o resultado foi que ele se perdeu.

## **Barth Ehrman – Tradução do depoimento**

### **Segmento 3**

Quando este evangelho foi descoberto, achei que só podia ser uma entre duas coisas, e sua importância dependeria de qual dessas coisas fosse. Uma coisa que o evangelho poderia ser é uma revelação gnóstica a respeito de como o mundo passou a existir e como aparecemos aqui, como ficamos presos na matéria como espíritos divinos. Se o evangelho contivesse este tipo de revelação, um evangelho gnóstico, seria muito importante para os historiadores do início do cristianismo que estudam o gnosticismo e querem conhecer as variedades de cristianismo [existentes] nos séculos 2 e 3 da era cristã. Mas eu achei que, por outro lado, podia ser um tipo diferente de evangelho. Possivelmente seria um evangelho em que Judas e Jesus interagem várias vezes e isto seria contar a história de Jesus do ponto de vista do seu traidor. Se fosse esse tipo de evangelho, seria ainda mais significativo. E não só para os estudiosos dos primórdios do cristianismo, mas para qualquer pessoa que se interesse pelo cristianismo. Porque teríamos um evangelho contando os feitos de Jesus da perspectiva de seu traidor. Se fosse esse tipo de coisa, achei que seria uma enorme descoberta, a mais importante dos últimos 60 anos. Mas, na época, eu não esperava descobrir que ele era as duas coisas. É tanto uma revelação gnóstica a respeito de como chegamos até aqui e como este mundo foi criado e também é um evangelho em

que Jesus e Judas interagem. São as duas coisas ao mesmo tempo, então, é um evangelho de enorme importância.

### **Barth Ehrman – Tradução do depoimento**

#### ***Segmento 4***

Acho que a divulgação do Evangelho de Judas pode ter impacto significativo sobre a maneira como as pessoas compreendem o cristianismo e como compreendem seu mundo. E acho que isto vai ser algo positivo, não acho que exista qualquer coisa de negativo nisso. As pessoas precisam compreender que, no início, o cristianismo era notavelmente diversificado. Havia grupos distintos de pessoas que diziam coisas radicalmente diferentes e praticavam a religião de modos radicalmente diferentes nos primeiros séculos do cristianismo. Não era simplesmente um monólito em que todo mundo encontrava “a verdade”. Em realidade, havia várias versões da verdade flutuando no ar. O Evangelho de Judas nos mostra uma compreensão bem diferente da verdade, uma compreensão bem diferente da religião cristã, em relação à que se tornou dominante. A razão por que é importante compreender esta diversidade no início do cristianismo é porque ainda existe diversidade hoje. E seria um erro achar que o cristianismo é apenas uma coisa hoje se, de fato, o cristianismo é uma ampla gama de coisas. A minha visão é que, uma vez que alguém compreende a diversidade desta religião que remonta a seus primeiros séculos, esta pessoa se torna mais tolerante em relação a essa diversidade. Em vez de insistir que você tem um pedaço da verdade, faz com que você perceba que, de fato, existem muitas versões da verdade que merecem nosso respeito e admiração. Então, em vez de insistir que você está certo e todo mundo está errado, em vez disso é preciso compreender que o cristianismo é e sempre foi um movimento amplamente diverso.

### **Barth Ehrman – Tradução do depoimento**

#### ***Segmento 5***

Todos os evangelhos que temos – estejam eles no Novo Testamento ou fora do Novo Testamento – são evangelhos escritos em contextos históricos específicos, tratando de questões históricas

específicas. Isto é verdade a respeito de são Mateus, de são Marcos, de são Lucas e de são João. Também é verdade em relação ao Evangelho de são Tomás, o Evangelho de são Pedro, e agora o Evangelho de Judas. A maior parte desses evangelhos não é útil para os historiadores que desejam lê-los apenas para saber o que de fato Jesus diz e faz. Na verdade, esses evangelhos podem conter informação histórica a respeito do que Jesus disse e fez, mas são mais úteis não para compreender o Jesus histórico, mas para compreender o autor que escreve o livro, dá para ver quais eram os interesses do autor. Então, isto é verdade em relação a são João, tanto como é verdade a respeito de Judas. A maneira de abordar o Evangelho de Judas, então, provavelmente não é perguntar se Judas realmente fez isso ou se Jesus de fato disse aquilo, se os discípulos fizeram ou não tal e tal afirmação. A pergunta é por que o evangelho os retrata desta maneira e que mensagem está tentando passar para o leitor. Então, a abordagem literária a essas coisas que levam a sério o contexto histórico é provavelmente a melhor abordagem para este evangelho, não para reconstruir o que aconteceu na vida de Jesus, mas compreender o que aconteceu no cristianismo nas décadas subsequentes à morte dele.

## **Barth Ehrman – Tradução do depoimento**

### **Segmento 6**

Então, existe a questão de porque existiam tantos evangelhos no início do cristianismo, e acho que a resposta é porque existiam muitos grupos de cristãos. O cristianismo se disseminou pelas áreas urbanas do Mediterrâneo; e a comunicação naquele tempo não era o que é hoje. A comunicação de massa não existia, a comunicação era lenta, uma comunidade se comunicava por carta com outra e isso envolvia alguma pessoa que carregava a carta fisicamente até a outra comunidade. Então, comunidades diferentes tinham pontos de vista diferentes espalhados por todo o Mediterrâneo, e todos esses grupos, é claro, queriam ter sua própria literatura sagrada porque eram comunidades sagradas devotadas ao culto de Deus. Então, queriam ter evangelhos, e epístolas, e apocalipses, e tudo o mais. Os livros eram adquiridos na medida que circulavam, com comunidades distintas venerando autores distintos e textos distintos. Então temos algumas



comunidades que achavam que o Evangelho de são Pedro era o evangelho real, outras diziam que era o Evangelho de são Tomás, outras que era o Evangelho de são João, outras que diziam que era o Evangelho de Judas. Como esses grupos eram muito isolados uns dos outros e dispersos, demorou muito tempo para trazer alguma coesão aos grupos. Parece que a coesão aconteceu quando um grupo acabou se estabelecendo como dominante. Walter Bauer, quando escreveu seu livro “Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity” (ortodoxia e heresia nos primórdios do cristianismo), argumentou que este grupo que acabou se estabelecendo como dominante era o grupo que por acaso se localizava na cidade de Roma – Roma, que era a capital do império. Os cristãos romanos eram mais ricos e mais organizados do que cristãos em outras comunidades, e usaram suas capacidades de organização e sua riqueza para disseminar sua forma de cristianismo para aniquilar outras formas de cristianismo. Então, assim, o cristianismo acabou se transformando no cristianismo romano, ou como ficou conhecido mais tarde, na Igreja Católica Apostólica Romana. De modo que esta Igreja acabou por estabelecer as normas para a compreensão da religião face à diversidade inicial.

## **Elaine Pagels – Tradução do depoimento**

### **Segmento 1**

O mais fascinante a respeito do Evangelho de Judas é a noção de que Jesus e Judas agem em cooperação e que Judas tem destino especial, e uma estrela particular, como é colocado no texto, que ele tem um destino especial e uma compreensão espiritual que ultrapassa a dos outros discípulos. Independentemente de acreditarmos se é verdade ou não, é uma perspectiva sobre a história de Jesus de que nunca ouvimos falar. É como a perspectiva a respeito de Maria Madalena que obtivemos no Evangelho de Maria ou como a perspectiva de são Tomás que obtivemos no Evangelho de são Tomás, ou a perspectiva de são Paulo ou são Pedro que encontramos nesses outros evangelhos secretos. É que, sabe como é: sabemos muito pouco a respeito da vida e da morte de Jesus de Nazaré. Talvez tenhamos quarenta e cinco páginas de evangelhos no total no Novo Testamento, e o Evangelho de são João diz que se tudo que Jesus disse e fez fosse

escrito, o mundo não comportaria todos os livros. Bom, sabemos que a vida de um homem tão notável quanto ele teria muito mais facetas que não conhecemos. Agora, pela primeira vez, na história, temos vislumbres que nos chegam de fontes de quase dois mil anos atrás que nos apresentam pontos de vistas diferentes. É como se pudéssemos voltar e enxergar do ponto de vista de pessoas diferentes como aqueles dizeres e aqueles atos e o que aconteceu naquela época pareceram para as pessoas que os presenciaram. Ou que ouviram essas coisas da boca de gente que presenciou.

### **Elaine Pagels – Tradução do depoimento**

#### **Segmento 2**

É muito difícil saber se o Evangelho de Judas contém mesmo palavras reais de Jesus e de Judas. Nesse caso, sabemos mesmo muito pouco a respeito da composição de qualquer um dos evangelhos do Novo Testamento, então é melhor nem comentar sobre os outros evangelhos. Então, não sabemos se essas foram palavras e ditos de Jesus. É possível que possam ter sido tradições secretas, ou coisas que foram transmitidas para uma pessoa e não para outra. É isso que o Evangelho de Judas afirma, mas não temos certeza. Acho que é bem improvável. Mas como saber? Quer dizer, a minha sensação é provável, é muito condicionada pelo que me é conhecido. E esta é uma tradição muito estranha e desconhecida. Então, dá para entender por que a maior parte das pessoas, eu inclusive, teria algum tipo de preconceito contra isso. Pensamos: “Bom, esta não parece ser a história certa. Nunca ouvimos falar disso”.

### **Elaine Pagels – Tradução do depoimento**

#### **Segmento 3**

Se você olhar para o Evangelho de São Marcos no Novo Testamento, em São Marcos 4:11, diz a seus seguidores: “A vós é concedido saber o mistério do reino de Deus”. Mas para os de fora, tudo em parábolas, eles não vão compreender. E, então, quando se olha para as tradições de São Marcos, por exemplo, São Marcos sugere que Jesus ensinava algumas coisas publicamente e outra em particular, mas

ele não fala muito sobre os ensinamentos privados. O Evangelho de são João no Novo Testamento apresenta ensinamentos de uma espécie de nível avançado secreto nos capítulos 13-18. O Evangelho de são Tomás sugere que ele ensina que, se você compreender Jesus como salvador do mundo, Jesus como filho de Deus, agora pode vê-lo como alguém que manifesta a luz de Deus como você também poderá manifestar. O Evangelho de são Tomás descreve Jesus como alguém criado à imagem de Deus que brilha com a luz divina, mas sugere que você também poderia brilhar com a mesma luz. Existe apenas uma sugestão da ideia em, digamos, são Mateus, em são Lucas e em são João. E, aqui, transforma-se no tema dominante.

### **Elaine Pagels – Tradução do depoimento**

#### **Segmento 4**

O que chamamos de textos gnósticos são de fato um apanhado bem variado de fontes dos primórdios do cristianismo. Nós os chamamos assim porque os primeiros padres da igreja o chamavam de “gnósticos” e, com isso, queriam dizer que eram os textos errados, sabe. E com frequência sugeriram que todos eles compartilham de um ponto de vista comum. Isto não é verdade. Existem mais de 55 textos e evangelhos conhecidos dos primórdios do cristianismo que ficaram de fora do Novo Testamento, e não são todos iguais, são bem diferentes entre si. Mas o que foi reunido e considerado parte do Novo Testamento é uma pequena amostra dos primeiros evangelhos cristãos e os primeiros textos cristãos do mundo antigo. Sabemos hoje que existiram dúzias de outros. Durante o final do século 2, alguns líderes da Igreja estavam preocupados que os cristãos estivessem divididos em muitos grupos, lendo diversos tipos de tradição, algumas das quais conflitantes, e queriam uma única história unânime que unisse os cristãos do mundo todo. Deste modo, Iraneus, que era bispo na França, resolveu e declarou que apenas quatro dos muitos evangelhos disponíveis seriam os verdadeiros evangelhos, os autênticos. Todos os outros, chamou de “evangelhos secretos ilegítimos”, e especificou muitos deles, inclusive o Evangelho de Judas e o Evangelho de são Tomás e o Evangelho da Verdade – todos encontrados no alto Egito no decorrer do último século – e declarou que eram todos os evangelhos errados e os certos são os

quatro incluídos no Novo Testamento. Então, o que temos e o que sabemos há milhares de anos na verdade é uma amostra bem pequena e agora estamos conseguindo acesso a muitos outros pontos de vista a que simplesmente não tínhamos antes.

### **Elaine Pagels – Tradução do depoimento**

#### **Segmento 5**

Sempre nos surpreendemos ao descobrir quantos textos existem. É interessante, sabe, achávamos que sabíamos tudo sobre judaísmo no século 1 ao ler as fontes dos rabinos. Mas os pergaminhos do mar morto foram descobertos e vimos que existiam vários tipos de grupos judaicos no século 1 sobre os quais não fazíamos ideia. Na verdade, grupos judeus que parecem muito mais afinados com as pessoas que ensinavam o que são João Batista ou Jesus de Nazaré ensinavam. Nós realmente achamos, eu acho, que são João Batista pode ser originário de uma desses outros grupos judeus apocalípticos e místicos que escreveram os pergaminhos do mar Morto, e que Jesus de Nazaré e o que ele ensinou foi influenciado por grupos assim. Então temos uma visão completamente diferente de como eram os grupos judeus no século 1 por causa dos pergaminhos do mar Morto. Sem eles, tínhamos uma imagem bem mais uniforme dos rabinos no final do século 1. Agora que temos esses outros evangelhos, nossa imagem unificada do início do movimento cristão, algumas pessoas estão incomodadas porque esta visão unificada foi estraçalhada e ficou bem mais complicada e bem mais fragmentada e interessante. Para mim, é um quebra-cabeça fascinante. Algumas pessoas acham desconcertante. Algumas pessoas acham ridículo, heresia, posterior, subversivo.

### **Elaine Pagels – Tradução do depoimento**

#### **Segmento 6**

Quando estudiosos começaram a perceber que os evangelhos de são Mateus e de são Lucas tinham sido escritos, cada um, por um autor que tinha na frente de si uma cópia do Evangelho de são Marcos, escrito em sua língua original, que era grego, e são Mateus e são Lucas, ou os autores que chamamos de são Mateus e são Lucas – não

sabemos o nome deles, mas pode ter sido este – usaram todo o Evangelho de são Marcos, palavra por palavra, e simplesmente o inseriram em cada um dos evangelhos. Então é possível conferir que o Evangelho de são Marcos está incluído no de são Lucas e quase todo incluído em são Mateus. Mas são Mateus também expandiu seu evangelho, não apenas com são Marcos, mas com outros dizeres, listas de dizeres. E são Lucas também expandiu seu evangelho com outros dizeres, histórias e anedotas e narrativas de curas etc. Então, em alguns casos, há grandes trechos em comum em são Mateus e são Lucas, não apenas em são Marcos, mas há dizeres totalmente repetidos. E entre eles temos, por exemplo, “Jesus disse: ‘Abençoados sejam os pobres, porque é deles é o Reino dos Céus’”, por exemplo. Citam as palavras idênticas em grego. Sabemos que Jesus não falava grego como primeira língua, se é que falava. Falava aramaico com seus discípulos, até onde sabemos. Então, se citarmos os dizeres de Jesus em grego, e estou citando-os em grego. E temos as mesmas versões dos mesmos dizeres, então provavelmente podemos concluir que, depois de examinar cerca de 50 dizeres, que temos uma fonte escrita em comum. Porque, se não, você não teria a mesma tradução do que eu. Então, é preciso concluir, portanto, que você usou uma fonte dos dizeres de Jesus traduzida do aramaico para o grego, e se citarmos as mesmas palavras idênticas, usamos a mesma fonte. Esta é uma hipótese, não podemos prová-la porque nunca encontramos um exemplar de “Estes são os dizeres de Jesus de Nazaré” em grego que os dois tenham usado. Mas parece uma sugestão bastante provável e razoável. E nós chamamos isto de “fonte”, e os alemães dizem “quella”, então foi chamada pelos estudiosos simplesmente de “Q.” Trata-se de uma fonte hipotética porque ainda não a encontramos. Acho que é uma convicção bem fundamentada de que existiu tal fonte escrita, apenas tendo como base probabilidades a respeito de como encontrar os mesmos dizeres citados desta maneira.

**Ken Garrett**

*Transcrição de som e imagem*

## **CAPÍTULO UM (01:22) – Uma outra história**

Eu me chamo Ken Garrett e sou fotógrafo da revista National

Geographic. Há um ano e meio, estou trabalhando em um projeto que publicamos agora como o Evangelho de Judas. Segundo a tradição, Judas era aliado dos soldados romanos e foi até o Jardim do Getsêmani, até um grupo de discípulos, e beijou Jesus para que eles soubessem quem era o homem que devia ser preso; Judas recebeu 30 moedas de prata pelo serviço, Jesus foi preso e crucificado. A história conta que Judas foi o traidor por ter entregado Jesus. No nosso manuscrito, o Evangelho de Judas, a história se inverte: fala do trato secreto que Jesus fez com Judas Iscariotes. Muito bem, para mim, o mais importante ali é a parte em que ele diz a Judas que “você vai superar todos eles”. Então Jesus diz a Judas: “Você vai ser o discípulo mais importante porque vai entregar minha carne, mas não faz mal, porque o meu espírito vai sobreviver à eternidade. Você só vai entregar a carne. Não vai entregar o espírito de Jesus. E, por isso, você vai se transformar no maior entre todos os discípulos”. É neste ponto que o Evangelho de Judas difere dos relatos do Novo Testamento.

## **CAPÍTULO DOIS (1:25) – Retraçando a história**

O documento em si é um manuscrito em papiro do século 3 ou 4 depois de Cristo, e é um papiro marrom com letras gregas em língua cóptica com a qual a maior parte dos nossos leitores não conseguirá se identificar. Então, como é que se fotografa uma reportagem para que ela seja interessante ao leitor quando o assunto é um documento em papiro do século 3? Então, delineamos um plano que tem como base, em essência, construir o contexto deste documento. Então, ao fazer a pesquisa, encontramos locais onde atividades cristãs se davam naquele período. Existem dois anfiteatros romanos em Lyon, acima da cidade, em um lugar lindo, onde haveria... eram coliseus romanos onde os cristãos seriam perseguidos e literalmente jogados aos leões e mortos e queimados na fogueira, ali mesmo, na cidade moderna de Lyon. É um tanto assustador olhar para este lugar tão lindo que dá vista para o vale e se dar conta do que acontecia ali há uns 1.500, 1.800 anos. De lá fomos para o Egito. Descemos o rio Nilo até a área onde o manuscrito foi encontrado.

## **CAPÍTULO TRÊS (01:48) – Seguindo a tradição cristã**

Se hoje seguirmos um mapa, quase diretamente a leste da

caverna onde o manuscrito foi achado, chegamos ao mosteiro de Santo Antônio. O mosteiro foi fundado no início do século 4, entre os anos 300 e 320 por Antônio, certo. Antônio viveu logo ao norte de onde este manuscrito foi encontrado, em Beni Suef. Ele decidiu virar monge, mudou-se para o deserto do leste, morou em uma caverna na escarpa da montanha e fundou este mosteiro. Então, se ele o viu ou não, o manuscrito circulou enquanto ele estava lá, então quisemos ir ao mosteiro e, quando chegamos lá, o padre Maximus tinha acabado de terminar escavações no piso da igreja antiga para uma reforma e encontrou câmaras incluindo uma cozinha e áreas de dormir nos primeiros níveis do mosteiro, que datam aos primeiros anos do século 4 depois de Cristo. Então, da época de Santo Antônio, da época do nosso manuscrito, tínhamos as estruturas físicas onde os teólogos cristãos, os monges eremitas viviam, exatamente na mesma época, e isso é notável. Assim como Santo Antônio está próximo da nossa reportagem, eu quis ir a Santa Catarina, no Sinai, que é a igreja cristã mais antiga em funcionamento contínuo no mundo, e foi naquela área, na base da montanha de Santa Catarina, que Moisés recebeu os Dez Mandamentos de Deus. E, dentro do mosteiro de Santa Catarina, há um arbusto que pertenceu à capela da sarça ardente. Segundo a tradição, remonta à época de Moisés, e é um arbusto que se renova continuamente, como um framboeseira.

#### **CAPÍTULO QUATRO (01:38) – Nos passos de Jesus**

Então, de Santa Catarina, eu quis continuar a jornada até Jerusalém, porque é lá que a história se desdobra. Então, fui pesquisar a história e descobri, sabe, que Jerusalém foi saqueada pelos romanos, e eram histórias orais, e eu quis ir lá pessoalmente ver o que tinha sobrado da época de Jesus. Bom, toda sexta acontece uma procissão que passa pela via crucis na Villa Dolorosa, em Jerusalém, do lugar onde Pôncio Pilatos deu a sentença e a cruz a Jesus e disse a ele para atravessar a cidade carregando a cruz para depois ser erguido e crucificado. A procissão passa por toda a Jerusalém e termina na igreja do Santo Sepulcro que foi, segundo a tradição, construída no local da crucificação, na antiga Jerusalém. E lá fica a pedra, entre aspas, onde colocaram Jesus ao ser tirado da cruz. Bom, ainda segundo a tradição. Mas sabemos que a caminhada começa no lugar certo e provavelmente

termina no lugar certo, mas todas as estruturas são da época das cruzadas. Só que hoje é possível seguir o caminho percorrido por Jesus. Então, pode começar no Jardim do Gethsêmani, onde Jesus foi importunado, pode ir ao lugar onde ele recebeu a cruz, pode ir ao lugar da crucificação. Então, dá para andar em todo esse espaço hoje. Então eu quis ir lá fazer isso, e na reportagem aparece o Jardim do Gethsêmani e a igreja do Santo Sepulcro. Então, este é o cenário onde Jesus e Judas viveram seu drama.

### **CAPÍTULO CINCO (00:33) – Um bom ponto de partida**

Para mim, uma das coisas mais importantes aqui é que qualquer pessoa com curiosidade intelectual vai querer saber algo sobre isto e para mim foi totalmente fascinante estudar os primeiros 400 anos do cristianismo, porque a gente acha que “certo, Jesus foi crucificado e o cristianismo nasceu”. Não foi assim, e quanto mais se aprende, mais interessante fica. E o evangelho de Judas é um elemento disso, e é um bom ponto de partida para quem quiser estudar por conta própria a origem do cristianismo.

#### **Fotos:**



#### **Despedaçado**

*Foto de Kenneth Garrett*

Perdido durante quase 1.700 anos, o evangelho de Judas veio à luz na forma de um manuscrito em papiro que se desmanchava dentro de uma capa de couro, escavado no Médio Egito na década de 1970 e comprado em 2000 por um antiquário de Zurique. Cinco anos de



restauração, transcrição e tradução revelaram a visão radicalmente diferente de Judas Iscariotes – geralmente visto como vilão – e dos ensinamentos de Cristo. Escrito por cristãos denominados gnósticos décadas depois do testemunho canônico de São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João, este evangelho afirma que Jesus pediu a Judas que o trairisse: Jesus queria ser morto para que sua alma escapasse da prisão de seu corpo. Outras partes do evangelho de Judas afirmam que o mundo não foi criado pelo verdadeiro Deus, cujas fagulhas divinas existem dentro de todos os seres humanos, mas por uma divindade menor – o Deus vingativo do Antigo Testamento. É por isso, explica o evangelho, que a criação tem falhas e o mal existe.

*Câmera: Nikon D2X*

*Formato: Digital*

*Lente: 60 mm*

*Velocidade e abertura: 1/8 f/9*

*Condições do tempo: Interno*

*Hora do dia: Meio da manhã*

*Técnicas de iluminação: Refletores para luz do dia*



**Momento da verdade**

*Foto de Kenneth Garrett*

Sacrificando um pedacinho do manuscrito à ciência, a restauradora Florence Darbre corta fora uma amostra minúscula do papiro para Tim Jull, da Universidade do Arizona, à direita, testar sua idade por meio da datação de carbono-14. Os resultados indicam que o

papiro remonta ao ano 280 d.C., mais ou menos 60 anos. Teste na tinta e a análise da escrita apontam que o exemplar do evangelho data de mais ou menos o mesmo período. Especialistas estimam que a versão original do evangelho foi escrita por volta do ano 150 da era cristã.

*Câmera: Nikon F6*

*Formato: Fujichrome Provia*

*Lente: 17-35mm, f/2.8 Nikkor zoom*

*Velocidade e abertura: 1/8 f/4*

*Condições do tempo: Interno*

*Hora do dia: Fim da tarde*

*Técnicas de iluminação: Iluminação de vídeo portátil*



### **Um lugar único**

*Foto de Kenneth Garrett*

Toda noite, o padre Lazarus, monge do mosteiro de Santo Antônio no deserto oriental do Egito, diz suas últimas orações do dia em uma caverna para onde, segundo a tradição, santo Antônio se retirou por volta do ano 300 d.C. para se concentrar em Deus. Com este ato, santo Antônio ajudou a dar início às práticas monásticas, que prosperou durante séculos. Monges dos primeiros mosteiros preservaram e copiaram textos cristãos, inclusive, talvez, o evangelho de Judas que foi encontrado.

*Câmera: Nikon D2X*

*Formato: Digital*

*Lente: 10.5 mm, f/2.8*

*Velocidade e abertura: 1/3 f/5.6*

*Condições do tempo: Interno*

*Hora do dia: Anoitecer*

*Técnicas de iluminação: Luz de velas e cabeças de flash*



### **A última ceia**

*Foto de Kenneth Garrett*

A segunda página do Evangelho de Judas apresenta um relato muitíssimo diferente da última refeição que Jesus compartilhou com seus discípulos. “Quando ele [se aproximou de] seus discípulos, [que tinham] se reunido e [estavam] sentados e oferecendo uma prece de agradecimento pelo pão, [ele] riu”, diz o manuscrito. “Os discípulos disseram a ele: ‘Mestre, por que ri da [nossa] prece de agradecimento? Nós fizemos o que é certo’. Ele respondeu e disse a eles: ‘Não estou rindo de vocês. [Vocês] não estão fazendo isto por vontade própria, mas porque [é por meio disto que] o seu deus [será] glorificado’.” Jesus ri, dizem os estudiosos, porque os discípulos não compreendem que o Deus do Antigo Testamento, a quem dirigem suas preces, não é o Deus verdadeiro. Neste evangelho. Apenas Judas, o discípulo que os cristãos ortodoxos desprezam, compreende a verdadeira natureza de Deus.

*Câmera: Nikon D2X*

*Formato: Digital*

*Lente: 105mm*

*Velocidade e abertura: 1/13 f/11*

*Condições do tempo: Interior*

*Hora do dia: Manhã*

*Técnicas de iluminação: Refletores*



### **A pedra da agonia**

*Foto de Kenneth Garrett*

Os cristãos reverenciam a Igreja de Todas as Nações em Jerusalém, construída sobre a pedra onde, segundo a tradição, Jesus suou sangue à espera da traição de Judas no jardim do Getsêmani. Os evangelhos canônicos pregam que Jesus pediu a Deus para não ter que morrer. Em contraste, o evangelho de Judas diz que Jesus queria morrer para passar à amplitude de Deus.

*Câmera: Nikon D2X*

*Formato: Digital*

*Lente: 16mm*

*Velocidade e abertura: 1/15 f/5.6*

*Condições do tempo: Interno*

*Hora do dia: Meio da manhã*

*Técnicas de iluminação: Lâmpadas de tungstênio*



### **Chão sagrado**

*Foto de Kenneth Garrett*

Fiéis russos no mosteiro de Santa Catarina, no Sinal, tocam em um pedaço da história ao tocar nos ganhos mais baixos de um arbusto a partir do qual Deus falou com Moisés pela primeira vez, de acordo com a tradição. Na luta entre as versões concorrentes do cristianismo que se deram nos primeiros séculos depois da morte de Jesus, ideias ortodoxas venceram as gnósticas. Estes fiéis são herdeiros dos cristãos que consideraram o evangelho de Judas uma heresia.

*Câmera: Nikon D2X*

*Formato: Digital*

*Lente: 160mm*

*Velocidade e abertura: 1/80 f/4.5*

*Condições do tempo: Quente e ensolarado*

*Hora do dia: Meio-dia*

*Técnicas de iluminação: Luz natural*



### **Tesouro no deserto**

*Conservado pelo clima seco do deserto do Egito, a cópia restante do Evangelho de Judas foi descoberta em algum momento da década de 1970 ao norte da cidade de El Minya.*

**ANOTAÇÕES DE CAMPO DO FOTÓGRAFO KENNETH GARRETT**

## O MELHOR



Eu nunca me interessei muito por história bíblica, mas esta reportagem me deu uma oportunidade incrível de examinar as origens tumultuadas do cristianismo nos primeiros 400 anos depois da morte de Cristo. Achei fascinante o fato de as histórias sobre Jesus serem transmitidas oralmente e de ninguém ter começado a escrevê-las até cerca de 30 anos depois de sua morte. Depois, os teólogos da época demoraram séculos para destrinchar as histórias durante o

processo de edição da Bíblia.

Vai ser interessante ver o tipo de debate que nossas descobertas a respeito de Judas vão suscitar, porque enxergá-lo como o discípulo em que Jesus mais confiava, com certeza modifica a história. Eu sei que algumas pessoas vão rejeitar a ideia de cara, porque os primeiros estudiosos declararam o evangelho uma heresia. Mas quem tem curiosidade intelectual vai pensar: “Isto aqui é bacana demais”.

## O PIOR

O trabalho nesta reportagem começou em dezembro de 2004, e todos os envolvidos tiveram que assinar um termo de sigilo para que a informação não vazasse. Além dos integrantes deste pequeno grupo, eu não pude conversar sobre o assunto com ninguém – nem com meus familiares. Eu só dizia às pessoas que estava trabalhando em uma reportagem sobre as origens do cristianismo. Para quem queria saber mais, eu tinha que me ater ao bordão: “Se eu contar, vou ter que te matar”.

## O MAIS BIZARRO

Quando recebemos a primeira tradução do evangelho de Judas, ficamos arrepiados ao ler sobre a revelação que Judas teve ao entrar em uma nuvem. Dizia assim: “Quem estava no chão ouviu uma voz vinda de uma nuvem, dizendo...”. Então, quando achamos que iríamos descobrir o que a voz disse, lemos “...Lacuna”. As palavras estavam

faltando devido a um fragmento desaparecido do papiro.

## **VOCÊ SABIA?**

Os primeiros cristãos, conhecidos como gnósticos, cujas crenças se refletem no evangelho de Judas, não eram um grupo homogêneo – estudiosos até debatem se as diversas ramificações dos gnósticos devem mesmo ser agrupadas sob um só título. A ideia gnóstica de que os indivíduos carregam dentro de si uma fagulha divina pode muito bem ter existido antes do cristianismo. Mas, depois da época de Cristo, vários gnósticos adotaram Jesus como seu salvador – como o homem que contou a verdade sobre Deus para a humanidade – e portanto passaram a se considerar cristãos. No entanto, eles enxergavam o papel e os ensinamentos dele de modo bem distinto dos cristãos ortodoxos.

Então, onde Jesus se encaixava na cosmologia gnóstica?

Muitos gnósticos acreditavam que Jesus foi enviado à Terra para falar à humanidade sobre um Deus gentil, amoroso e condescendente, muito diferente do Deus severo, vingativo e criador do Antigo Testamento. Como os gnósticos não conseguiam harmonizar os dois aspectos opostos do divino em um único Deus, acreditavam que devia existir outro deus além do criador.

Chegaram a enxergar este segundo Deus maior como a mente divina que, no início dos tempos, teve ideias que ganharam vida própria e se transformaram em entidades divinas conhecidas como Aeons. Os Aeons viviam no Pleroma, ou amplidão de Deus, que era um tipo de éter celestial ou reino de luz. Uma dessas ideias transformadas em substância era a Sabedoria, chamada “Sophia”. Ela começou a pensar e a ter ideias próprias, então criou um novo ser sem consultar a mente divina, e sem sua aprovação. Este ser ficou conhecido como Yaldobaoth, e foi chamada de demiurgo, ou criador.

Os gnósticos acreditavam que Yaldobaoth era o responsável por criar Adão e Eva a partir do barro de dar-lhes o sopro da vida. O espírito do criador, uma aberração no mundo puro da mente divina, introduziu a maldade no mundo. Mas também carregava a essência de Sophia, e

exalou um pouco dessa divindade em Adão e Eva quando os trouxe à vida. Toda a humanidade herdou esta fagulha divina.

O papel de Jesus na Terra, de acordo com os cristãos gnósticos, era explicar à humanidade sua descendência do divino. Com esta informação, e olhando para dentro de si para descobrir a fagulha divina, um gnóstico é capaz de se reunir com o divino e viver na amplitude de Deus. (*Elizabeth Snodgrass*).

## 27. Considerações Finais

Chegamos ao fim de mais este estudo, no qual nos comprometemos a analisar seu foco que era a justiça da **reencarnação** como contraponto ao dogma das penas eternas que, sem nenhuma base de sustentação, alguns ainda tentam mantê-lo. Entretanto, se Judas, conforme a narração da **Bíblia do Peregrino** (pp. 2385-2386) nos informa que ele estava em estado de remorso, se arrependeu, confessou a inocência de Jesus e desesperou pelo perdão, estamos certos de que:

*O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades (Sl 103:8-10)*

E, portanto, já o perdoou. Se Deus, em sua grandiosidade, está infinitamente acima da justiça de nós homens, onde Jesus nos recomendou que devêssemos perdoar nosso próximo infinitamente, pela figura de setenta vezes sete, por evidência de axioma, a justiça de Deus não poderia estar abaixo da justiça de nós homens e punir perpetuamente a Judas, sem o direito de remissão de seus erros.



## 28. Os fenômenos mediúnicos contidos na Bíblia

*Se não se convencem pelos fatos, menos o fariam pelo raciocínio. (Allan Kardec)*

*A fé não é algo para se entender, é um estado para se transformar. (Mahatma Gandhi)*

*A mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará ao seu tamanho original. (Albert Einstein)*

Este assunto é um tanto quanto interessante e a ideia de produzir este texto surgiu através do interesse de muitos cristãos em se esclarecer sobre tais fenômenos que surgiu numa lista de discussão, onde participamos por volta do ano de 2005 e 2006, intitulado de Fórum Evangelho. Ademais, este era o objetivo do Espírito de Verdade, guiarnos por toda a verdade e nos explicar o que noutra tempo não estávamos prontos para aprofundarmos no entendimento de tais fenômenos (Jo 16:1-33). Dessa forma, subdividiremos em tópicos e subtópicos para facilitar o acompanhamento dos prezados leitores.

Adentaremos no âmbito das definições dos fenômenos mediúnicos para compreensão deste estudo, relatar os fatos que ocorreram na Bíblia e também na Igreja. Nosso objetivo será unicamente o de se esclarecer sobre este tema que provoca um interesse enorme, por parte de todos nós cristãos e que Kardec teve o estimado trabalho em catalogá-los através de sua experiência.

### 28.1. Definições

Isaac Newton (1642-1727) um cientista que ao observar um objeto que caía, fundamentou a Física em três leis enunciadas abaixo:

- Primeira Lei de Newton ou Lei da Inércia: Um corpo que esteja em movimento ou em repouso, tende a manter seu estado inicial.
- Segunda Lei de Newton ou Princípio Fundamental da

Dinâmica: Quando uma força é aplicada em um corpo, este passa a ter uma aceleração e podemos calcular o seu módulo fazendo o produto entre massa e aceleração ( $F = ma$ ).

– Terceira Lei de Newton ou Ação e Reação: Para toda força aplicada, existe outra de mesmo módulo, mesma direção e sentido oposto.

Destarte, Assim fora Allan Kardec, o codificador da Doutrina Espírita que através de um fenômeno que era o que contrariava a lei da gravidade em haver uma mesa suspensa ao ar, procurou compreender tais eventos como a tipologia, a psicografia, a pneumatofonia, a pneumatografia, a dupla vista, o sonambulismo, o desdobramento, as transfigurações, a bicorporeidade e etc, que abordaremos daqui a diante.

Muitos cristãos desconhecem esses “moldes da doutrina espírita” e a definição espírita de médium, segundo a qual, traremos os significados para como ocorrem os efeitos físicos, Kardec traz um estudo básico para o entendimento quando a mediunidade. Vejamo-lo:

*159. “Todo aquele que sente, num grau qualquer, a influência dos Espíritos é, por esse fato, médium. Essa faculdade é inerente ao homem; não constitui, portanto, um privilégio exclusivo. Por isso mesmo, raras são as pessoas que dela não possuam alguns rudimentos. Pode, pois, dizer-se que todos são, mais ou menos, médiuns. Todavia, usualmente, assim só se qualificam aqueles em quem a faculdade mediúnica se mostra bem caracterizada e se traduz por efeitos patentes, de certa intensidade, o que então depende de uma organização mais ou menos sensitiva. E de notar-se, além disso, que essa faculdade não se revela, da mesma maneira, em todos. Geralmente, os médiuns têm uma aptidão especial para os fenômenos desta, ou daquela ordem, donde resulta que formam tantas variedades, quantas são as espécies de manifestações. As principais são: a dos médiuns de efeitos físicos; a dos médiuns sensitivos, ou impressionáveis; a dos audientes; a dos videntes; a dos sonambúlicos; a dos curadores; a dos pneumatógrafos; a dos escreventes, ou psicógrafos.” (KARDEC, A. O Livro dos Médiuns, cap. XIV)*

Recorremos ao dicionário para verificar as definições de Vidente, Profeta e Médiun. Vejamo-las:

*Vidente*

[Do lat. *vidente*.]

Adj. 2 g.

1. Diz-se de pessoa dotada, segundo a crença de muitos, da faculdade de visão sobrenatural de cenas futuras ou de cenas que estão ocorrendo em lugares onde ela não está presente.

S. 2 g.

2. Pessoa dotada dessa faculdade.

3. Pessoa que profetiza.

4. Pessoa perspicaz.

5. Pessoa que tem o uso da vista (em oposição aos cegos).

*Profeta*

[Do gr. *prophétes*, pelo lat. *propheta*.]

S. m.

1. Indivíduo que prediz o futuro.

2. P. ext. V. adivinho. [Fem., nessas acepç.: profetisa.]

3. Título que os muçulmanos dão a Maomé.

*Médiun*

[Do lat. *medium*.]

S. 2 g.

1. Segundo o espiritismo, o intermediário entre os vivos e a alma/espírito dos mortos.

Vamos citar abaixo um trecho de Kardec, que mostra essa diferença:

**Médiuns videntes:** os que, em estado de vigília, veem os Espíritos. A visão acidental e fortuita de um Espírito, numa circunstância especial, é muito frequente; mas, a visão habitual, ou facultativa dos Espíritos, sem distinção, é excepcional. (N. 167.)

"É uma aptidão a que se opõe o estado atual dos órgãos visuais. Por isso é que cumpre nem sempre acreditar na palavra dos que dizem ver os Espíritos."

**Médiuns inspirados:** *aqueles a quem, quase sempre mau grado seu, os Espíritos sugerem ideias, quer relativas aos atos ordinários da vida, quer com relação aos grandes trabalhos da inteligência. (N. 182.)*

**Médiuns de pressentimentos:** *pessoas que, em dadas circunstâncias, têm uma intuição vaga de coisas vulgares que ocorrerão no futuro. (N. 184.)*

**Médiuns proféticos:** *variedade dos médiuns inspirados, ou de pressentimentos. Recebem, permitindo-o Deus, com mais precisão do que os médiuns de pressentimentos, a revelação de futuras coisas de interesse geral e são incumbidos de dá-las a conhecer aos homens, para instrução destes.*

**“Se há profetas verdadeiros, mais ainda os há falsos, que consideram revelações os devaneios da própria imaginação, quando não são embusteiros que, por ambição, se apresentam como tais.” (Veja-se, em O Livro dos Espíritos, o n. 624 - “Características do verdadeiro profeta”)** (KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*, Capítulo XVI, Dos Médiuns Especiais)

De acordo com a definição espírita, todo profeta é médium, mas nem todo médium é profeta. Todavia, quanto a isso, nos é dada a forma de como devemos nos portar diante de tais fenômenos, conforme nos orienta o apóstolo João logo abaixo.

*I Jo 4:1-3 Amados, não deis crédito a qualquer espírito; antes, provai os espíritos se procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo fora. Nisto reconheceis o espírito de Deus: todo espírito que confessa que Jesus Cristo veio em carne é de Deus; e todo espírito que não confessa a Jesus não procede de Deus; pelo contrário, este é o espírito do anticristo, a respeito do qual tendes ouvido que vem e, presentemente, já está no mundo.*

Vejamos o que os espíritos dizem sobre o assunto em “*O Livro dos Espíritos*”, questão 93 e seguintes:

*93. O Espírito, propriamente dito, nenhuma cobertura tem, ou, como pretendem alguns, está sempre envolto numa*

*substância qualquer? “Envolve-o uma substância, vaporosa para os teus olhos, mas ainda bastante grosseira para nós; assaz vaporosa, entretanto, para poder elevar-se na atmosfera e transportar-se aonde queira. Envolvendo o gérmen de um fruto, há o perisperma; do mesmo modo, uma substância que, por comparação, se pode chamar perispírito, serve de envoltório ao Espírito propriamente dito.”*

94. *De onde tira o Espírito o seu invólucro semimaterial? “Do fluido universal de cada globo, razão por que não é idêntico em todos os mundos. Passando de um mundo a outro, o Espírito muda de envoltório, como mudais de roupa.”*

a) – *Assim, quando os Espíritos que habitam mundos superiores vêm ao nosso meio, tomam um perispírito mais grosseiro? “É necessário que se revistam da vossa matéria, já o dissemos.”*

95. *O invólucro semimaterial do Espírito tem formas determinadas e pode ser perceptível? “Tem a forma que o Espírito queira. É assim que este vos aparece algumas vezes, quer em sonho, quer no estado de vigília, e que pode tomar forma visível, mesmo palpável.” (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Segunda, Mundo Espírita ou dos Espíritos, Cap. I)*

De acordo com a Doutrina Espírita, “Os Espíritos podem comunicar-se espontaneamente, ou acudir ao nosso chamado, isto é, vir por evocação”, e mais adiante, se nos diz que “Quando se deseja comunicar com determinado Espírito, é de toda necessidade evocá-lo. (N. 203.) Se ele pode vir, a resposta é geralmente: Sim, ou Estou aqui, ou, ainda: Que quereis de mim? As vezes, entra diretamente em matéria, respondendo de antemão às perguntas que se lhe queria dirigir”, e isso nada tem a ver com exigir sua presença.

Estas informações constam no *Livro dos Médiuns, capítulo XXV*. Aliás, este livro é inteiramente dedicado ao estudo da mediunidade, e por isso, um excelente ponto de partida, aos que se desejam aprofundar seriamente sobre o tema. Daí bastará apenas compararmos toda a detalhada descrição e classificação dos fenômenos com as inúmeras ocorrências que traremos daqui em diante, presente em toda a Bíblia.

O fenômeno mediúnico não nasceu com o Espiritismo. Ele existe desde as épocas mais remotas da vida humana planetária. Temos notícias das comunicações mediúnicas ao longo dos tempos, entre homens cultos e ignorantes, envolvidas ora com a sombra do mistério e simbologia, ora manifestadas como fatos naturais.

De acordo com os povos, os costumes e a época, os Espíritos comunicantes e seus médiuns provocaram fenômenos mediúnicos prodigiosos que foram assinalados pela História ou pelas religiões como milagrosos ou demoníacos. Digno de destaque, é que em todas as idades da Humanidade, somos assistidos por Espíritos Superiores que nos impulsionam para o progresso moral-intelectual.

*“Os antigos fizeram, desses Espíritos, divindades especiais. As Musas não eram senão a personificação alegórica dos Espíritos protetores das ciências e das artes, como os deuses Lares e Penates simbolizavam os Espíritos protetores da família. Também modernamente, as artes, as diferentes indústrias, as cidades, os países têm seus patronos, que mais não são do que Espíritos superiores sob várias designações (...). Nos povos, determinam a atração dos Espíritos os costumes, os hábitos, o caráter dominante e as leis, as leis, sobretudo, porque o caráter de uma nação se reflete nas suas leis. (...) Estudando-se os costumes dos povos ou de qualquer reunião de homens, facilmente se forma ideia da população oculta que se lhes imiscui no modo de pensar e nos atos.”* (KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*. Trad. de Guillon Ribeiro. 75. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. Comentário à questão 521, pág. 266.)

*“O profetismo em Israel, durante vinte consecutivos séculos, é um dos fenômenos transcendentais mais notáveis da História (...). A origem do profetismo em Israel é assinalada por imponente manifestação. Um dia, Moisés escolhe 70 anciãos e os coloca ao redor do tabernáculo. Jeová revela sua presença em uma nuvem (...). Jeová é um dos Eloim, Espíritos protetores do povo judeu e de Moisés em particular. (...) Assim começa o profetismo, ou mediunidade sagrada, em Israel. Moisés, iniciado nos ministérios de Isis, (...) e sobretudo em consequência de suas relações familiares com seu sogro Jetro, grã-sacerdote de Heliópolis, foi a seu turno o grande*

*iniciador psíquico de seu povo, antes de se lhe constituir em seu imortal legislador. (...)* (DENIS, Léon. A mediunidade gloriosa. No *Invisível*. Trad. de Leopoldo Cirne. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992. Págs. 386-387.)

Na Idade Média, época de obscurantismo, os médiuns ou são perseguidos e maltratados como feiticeiros ou são elevados à categoria de santos.

*“(...) Em sua aventurosa missão, Colombo era guiado por um gênio invisível. Tratavam-no de visionário. Nas horas das maiores dificuldades, ele escutava uma voz desconhecida murmurar-lhe ao ouvido. “Deus quer que teu nome ressoe gloriosamente através do mundo; ser-te-ão dadas as chaves de todos esses portos desconhecidos do oceano (...).”*

*A vida de Joana D'Arc está na memória de todos. Sabe-se que, em todos os lugares, seres invisíveis inspiravam e dirigiam a heróica virgem de Domrèmy. (...) Surgem aparições diante dela; vozes celestes ciciam-lhe ao ouvido. Nela, a inspiração flui como o borbotar de uma torrente impetuosa (...).”* (DENIS, Léon. A mediunidade gloriosa. No *Invisível*. Trad. de Leopoldo Cirne. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992. Pág. 396.)

Ainda na Idade Média, outros importantes se revelam: Dante Alighieri, que sobre influência espiritual redige A Divina Comédia; Tasso, sobre inspiração do Espírito Ariosto, escreve o poema Renaud; Milton escreve o Paraíso Perdido, Shakespeare nos fala sobre aparições em Hamlet. Há ainda Goethe. *“(...) O Fausto é uma obra mediúnica e simbólica de primeira ordem. (...).”* (DENIS, Léon. A mediunidade gloriosa. No *Invisível*. Trad. de Leopoldo Cirne. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992. Págs. 399.)

No século dezoito, destaca-se o médium Emmanuel Swedenborg. No século dezenove, reencarnam médiuns com a missão de comprovarem a realidade espiritual. Entre eles citamos: Davis, Eusábia Paladino, Amália Domingo y Soler, Stainton Moses, W. Krijanowsky, Madame D'Esperance, Florence Cook, Slade, Catarina e Margarida Fox, Sra. Hauffe, Ana Rothe etc.

Neste breve retrospecto, podemos verificar que a mediunidade é algo intrínseco ao próprio homem desde os tempos imemoriais. E mais, a base religiosa do homem está fundamentada nas manifestações mediúnicas, como podemos nas origens do judaísmo, cristianismo, islamismo e das seitas ditas orientais, como o bramanismo, o budismo, entre outras.

## **28.2. Pneumatografia**

Kardec observou fenômenos também de ordem natural e relatou, organizou, nomeou e identificou estes eventos também pela análise metódica e imparcial, onde o fato em Daniel 5:5 foi observado e narrado historicamente, chegando à manifestação da Pneumatografia ou escrita direta de um Espírito a escrever sem o intercâmbio do médium, ou a mais conhecida Psicografia.

*Dn 5:5 Na mesma hora apareceram uns dedos de mão de homem, e escreviam, defronte do castiçal, na caiadura da parede do palácio real; e o rei via a parte da mão que estava escrevendo.*

Destarte, agora vamos à codificação embasar o fenômeno e desenvolvê-lo nas explicações contidas no “O Livro dos Médiuns”.

### **Escrita direta**

**146. A pneumatografia é a escrita produzida diretamente pelo Espírito, sem intermediário algum; difere da psicografia, por ser esta a transmissão do pensamento do Espírito, mediante a escrita feita com a mão do médium.**



**O fenômeno da escrita direta é, não há negar, um dos mais extraordinários do Espiritismo; mas, por muito anormal que pareça, à primeira vista, constitui hoje fato averiguado e incontestável. A teoria, sempre necessária, para**



*nos inteirarmos da possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, talvez mais necessária ainda se faz neste caso que, sem contestação, é um dos mais estranhos que se possam apresentar, porém que deixa de parecer sobrenatural, desde que se lhe compreenda o princípio.*

*Da primeira vez que este fenômeno se produziu, a da dúvida foi à impressão dominante que deixou. Logo acudiu aos que o presenciaram a ideia de um embuste. Toda gente, com efeito, conhece a ação das tintas chamadas simpáticas, cujos traços, a princípio completamente invisíveis, aparecem ao cabo de algum tempo. Podia, pois, dar-se que houvesse, por esse meio, abusado da credulidade dos assistentes e longe nos achamos de afirmar que nunca o tenham feito. Estamos até convencidos de que algumas pessoas sejam com intuitos mercantis, seja apenas por amor-próprio e para fazer acreditar nas suas faculdades, hão empregado subterfúgios. (Veja-se o capítulo das Fraudes).*

*Entretanto, do fato de se poder imitar uma coisa, fora absurdo concluir-se pela sua inexistência. Nestes últimos tempos, não se há encontrado meio de imitar a lucidez sonambúlica, a ponto de causar ilusão? Mas, por que esse processo de escamoteação se tenha exibido em todas as feiras, dever-se-á concluir que não haja verdadeiros sonâmbulos? Por que certos comerciantes vendem vinho falsificado, será uma razão para que não haja vinho puro? O mesmo sucede com a escrita direta. Bem simples e fáceis eram, aliás, as precauções a serem tomadas para garantir da realidade do fato e, graças a essas precauções, já hoje ele não pode constituir objeto da mais ligeira dúvida.*

**147. Uma vez que a possibilidade de escrever sem intermediário representa um dos atributos do Espírito; uma vez que os Espíritos sempre existiram desde todos os tempos e que desde todos os tempos se hão produzindo os diversos fenômenos que conhecemos, o da escrita direta igualmente se há de ter operado na Antiguidade, tanto quanto nos dias atuais. Deste modo é que se pode explicar o aparecimento das três palavras célebres, na sala do festim de Baltazar. A Idade Média, tão fecunda em prodígios ocultos, mas que eram abafados por meio das**

*fogueiras, também conheceu necessariamente a escrita direta, e possível é que na teoria das modificações por que os Espíritos podem fazer passar a matéria, teoria que desenvolvemos no capítulo VIII, se encontre o fundamento da crença na transmutação dos metais.*

*Todavia, quaisquer que tenham sido os resultados obtidos em diversas épocas, só depois de vulgarizadas as manifestações espíritas foi que se tomou a sério a questão da escrita direta. Ao que parece, o primeiro a torná-la conhecida, estes últimos anos, em Paris, foi o barão de Guldenstubbe, que publicou sobre o assunto uma obra muito interessante, com grande número de fac-similes das escritas que obteve (1). O fenômeno já era conhecido na América, havia algum tempo. A posição social do Sr. Guldenstubbe, sua independência, a consideração de que goza nas mais elevadas rodas incontestavelmente afastam toda suspeita de fraude intencional, porquanto nenhum motivo de interesse havia a que ele obedecesse. Quando muito, o que se poderia supor, é que fora vítima de uma ilusão; a isto, porém, um fato responde peremptoriamente: o de haverem outras pessoas obtido o mesmo fenômeno, cercadas de todas as precauções necessárias para evitar qualquer embuste e qualquer causa de erro.*

*(1) A realidade dos Espíritos e de suas manifestações demonstrada mediante o fenômeno da escrita direta pelo barão de Guldenstubbe, 1 vol. in-8°, com 15 estampas e 93 fac similes.*

**148.** *A escrita direta se obtém, como, em geral, a maior parte das manifestações espíritas não espontâneas, por meio da concentração, da prece e da evocação. Têm-se produzido em igrejas, sobre túmulos, no sopé de estátuas, ou imagens de personagens evocadas. Evidente, porém, é que o local nenhuma outra influência exerce, além da de facultar maior recolhimento espiritual e maior concentração dos pensamentos; porquanto, provado está que o fenômeno se obtém, igualmente, sem esses acessórios e nos lugares mais comuns, sobre um simples móvel caseiro, desde que os que desejam obtê-lo se achem nas devidas condições morais e que entre esses se encontre quem possua a necessária*

*faculdade mediúnica.*

*Julgou-se, a princípio, ser preciso colocar-se aqui ou ali um lápis com o papel. O fato então podia, até certo ponto, explicar-se. E sabido que os Espíritos produzem o movimento e a deslocação dos objetos; que, algumas vezes, os tomam e atiram longe. Bem podiam, pois, tomar também do lápis e servir-se dele para traçar letras. Visto que o impulsionam, utilizando-se da mão do médium, de uma prancheta, etc., podiam, do mesmo modo, impulsioná-lo diretamente. Não tardou, porém, se reconhecesse que o lápis era dispensável, que bastava um pedaço de papel, dobrado ou não, para que, ao cabo de alguns minutos, se achassem nele grafadas letras. Aqui, já o fenômeno muda completamente de aspecto e nos transporta a uma ordem inteiramente nova de coisas. As letras hão de ter sido traçadas com uma substância qualquer. Ora, sendo certo que ninguém forneceu ao Espírito essa substância, segue-se que ele próprio a compôs. Onde a tirou? Esse o problema.*

*Quem queira reportar-se às explicações dadas no capítulo VIII, ns. 127 e 128 encontrará completa a teoria do fenômeno. Para escrever dessa maneira, o Espírito não se serve das nossas substâncias, nem dos nossos instrumentos. - Ele próprio fabrica a matéria e os instrumentos de que há mister, tirando, para isso, os materiais precisos, do elemento primitivo universal que, pela ação da sua vontade, sofre as modificações necessárias à produção do efeito desejado. Possível lhe é, portanto, fabricar tanto o lápis vermelho, a tinta de imprimir, a tinta comum, como o lápis preto, ou, até, caracteres tipográficos bastante resistentes para darem relevo à escrita, conforme temos tido ensejo de verificar. A filha de um senhor que conhecemos, menina de 12 a 13 anos, obteve páginas e páginas escritas com uma substância análoga ao pastel.*

**149.** *Tal o resultado a que nos conduziu o fenômeno da tabaqueira, descrito no capítulo VII, n. 116, e sobre o qual nos estendemos longamente, porque nele percebemos oportunidade para perscrutarmos uma das mais importantes leis do Espiritismo, lei cujo conhecimento pode esclarecer mais de um mistério, mesmo do mundo visível. Assim é que, de um*

*fato aparentemente vulgar, pode sair à luz. Tudo está em observar com cuidado e isso todos podem fazer como nós, desde que se não limitem a observar efeitos, sem lhes procurarem as causas. Se a nossa fé se fortalece de dia para dia, é porque compreendemos. Tratai, pois, de compreender, se quiserdes fazer prosélitos sérios. Ainda outro resultado decorre da compreensão das causas: o de deixar riscada uma linha divisória entre a verdade e a superstição.*

*Considerando a escrita direta do ponto de vista das vantagens que possa oferecer, diremos que, até ao presente, sua principal utilidade há consistido na comprovação material de um fato sério: a intervenção de um poder oculto que, nesse fenômeno, tem mais um meio de se manifestar. Todavia, raramente são extensas as comunicações que por essa forma se obtêm. Em geral espontâneas, elas se reduzem a algumas palavras ou proposições e, às vezes, a sinais ininteligíveis. Têm sido dadas em todas as línguas: em grego, em latim, em sírio, em caracteres hieroglíficos, etc., mas ainda se não prestaram às dissertações seguidas e rápidas, como permite a psicografia ou a escrita pela mão do médium. (KARDEC, A. O Livro dos Médiuns, Capítulo XII, Da Pneumatografia ou Escrita Direta Da Pneumatofonia)*

### **28.3. Pneumatofonia**

A pneumatofonia é a voz do espírito produzida sem o intercâmbio do médium. Com isso, temos Samuel, outro profeta judeu, que teve este evento relatado em II Reis. Vejamos:

*“(...) dormindo no templo, é muitas vezes despertado por vozes que o chamam, lhe falam no silêncio da noite e lhe anunciam as coisas futuras (I. Reis, III, 1 a 18). Esdras (liv. IV, cap. XIV) reconstitui integralmente a Bíblia que se tinha perdido (...) sob o auxílio espiritual denominado “A voz”. (...) Todo o livro de Job está repleto de iluminações e de inspirações mediúnicas. Sua própria vida, atormentada de maus Espíritos, é um assunto de estudos muitíssimo sugestivos (...)” (DENIS, Léon. A mediunidade gloriosa. No Invisível. Trad. de Leopoldo Cirne. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992. Pág. 391.).*

Encontramos ainda o fenômeno da pneumatofonia no momento da transfiguração de Jesus no monte Tabor. Vejamo-la:

***“Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi”.*** (Mt 17:5)

#### **28.4. Desdobramento**

O Desdobramento de Paulo em II Cor 12:2 e outros fenômenos correlatos ao desdobramento de Paulo estão narrados conforme abaixo, sendo o mesmo ocorrido com João, o Evangelista.

*Ap 1:10 Achei-me em espírito, no dia do Senhor, e ouvi, por detrás de mim, grande voz, como de trombeta,*

*At 8:39-40 Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, não o vendo mais o eunuco; e este foi seguindo o seu caminho, cheio de júbilo. Mas Filipe veio a achar-se em Azoto; e, passando além, evangelizava todas as cidades até chegar a Cesareia.*

Vale ressaltar que também podemos identificar que Elias também obteve o mesmo fenômeno do que Filipe (II Re 2:11). Tendo em vista que a ideia do fio de prata, ou os laços perispirituais que ligam o perispírito ao corpo físico era cogitado no AT, bem como *antes que se rompa o fio de prata, e se despedace o copo de ouro, e se quebre o cântaro junto à fonte, e se desfaça a roda junto ao poço,* (Ec 12:6). E volte ao pó o corpo físico e o espírito a Deus que o deu, bem como e o *pó volte à terra, como o era, e o espírito volte a Deus, que o deu.* (Ec 12:7). Com efeito, sabemos que o homem é formado por espírito, perispírito e corpo físico.

Votamos a analisar no NT que é sobre o “arrebato”; Paulo fala que um homem foi arrebatado até o terceiro céu, onde ele viu coisas indizíveis, não sabendo ele se foi no corpo ou fora do corpo. Esse “arrebato” é uma espécie de êxtase cristão, do instase oriental, do transe espírita e de desdobramento parapsicológico ou até mesmo da projeção (bilocação para a Igreja do passado). Vejamos:

*II Cor 12:2 Conheço um homem em Cristo que, há catorze anos, foi arrebatado até ao terceiro céu (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) e sei que o tal homem (se no corpo ou fora do corpo, não sei, Deus o sabe) foi arrebatado ao paraíso e ouviu palavras inefáveis, as quais não é lícito ao homem referir.*

*At 6:12-15 Sublevaram o povo, os anciãos e os escribas e, investindo, o arrebataram, levando-o ao Sinédrio. Apresentaram testemunhas falsas, que depuseram: Este homem não cessa de falar contra o lugar santo e contra a lei; porque o temos ouvido dizer que esse Jesus, o Nazareno, destruirá este lugar e mudará os costumes que Moisés nos deu. Todos os que estavam assentados no Sinédrio, fitando os olhos em Estêvão, viram o seu rosto como se fosse rosto de anjo.*

*At 8:36-40 Seguindo eles caminho fora, chegando a certo lugar onde havia água, disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que seja eu batizado? [Filipe respondeu: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus.] Então, mandou parar o carro, ambos desceram à água, e Filipe batizou o eunuco. Quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, não o vendo mais o eunuco; e este foi seguindo o seu caminho, cheio de júbilo. Mas Filipe veio a achar-se em Azoto; e, passando além, evangelizava todas as cidades até chegar a Cesareia.*

O que diríamos é que Filipe Atos 8:36-40 passou por este fenómeno de Bicorporeidade ou até mesmo de Homens duplos, estando Azoto e em outro, Cesareia, bem como Santo Antônio de Pádua, Santo Afonso de Liguori e Vespasiano.

Na velha Grécia, o grande Sócrates refere-se, na voz dos seus discípulos, é relatado:

*“(...) ao amigo invisível que o acompanhava, constantemente. (...) Sabe-se que Nero, nos últimos dias de seu reinado, viu-se fora do corpo carnal, junto de Agripina e de Otávia, sua genitora e sua esposa, ambas assassinadas por sua ordem, a*

*lhe pressagiarem a queda no abismo (...)”.* (XAVIER, Francisco Cândido. Jesus e mediunidade. *Mecanismos da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. Pág. - 13.)

## 28.5. Aparições

Em Atos 12:13-15, há o entendimento de que as pessoas que viam a desencarnar (morrer), estas podiam se manifestar, assim como relata na passagem citada. Apenas um adendo para enriquecer ainda mais o estudo, no desfecho, citamos e R. N. Champlin, Ph.D. de Atos 12:13-15.

### **Comentário de R. N. Champlin, Ph. D. de Atos 12.15**

***“Eles lhe disseram: Estás louca. Ela, porém, persistia em afirmar que assim era. Então, disseram: É o seu anjo.”***

No quarto parágrafo Champlin diz: ***“Aqueles primitivos crentes devem ter crido que os mortos podem voltar a fim de se manifestarem aos vivos, através da agência da alma. Observemos que a segunda alternativa, por eles sugerida, sobre como Pedro poderia estar no portão, era que ele teria sido morto e que o seu ‘anjo’ ou ‘espírito’ havia retornado. Portanto, aprendemos que aquilo que é ordinariamente classificado como doutrina “espírita” era crido por alguns membros da igreja cristã de Jerusalém. Isso não significa, naturalmente, que eles pensassem que tal fosse a regra nos casos de morte; porém, aceitaram a possibilidade da comunicação dos espíritos, que a atual igreja evangélica, especialmente em alguns círculos protestantes dogmáticos, nega com tanta veemência.***

***O famoso escritor evangélico C.S. Lewis apareceu a J.B. Philips tradutor de bem conhecida tradução do Novo Testamento para o inglês, por duas vezes, após a sua morte, e se assentou naturalmente em sua sala de estar, tendo conversado com ele como se nada tivesse acontecido que pudesse ser classificado como falecimento. Porém, por toda à parte abundam histórias de fantasmas, e muitos cétricos negam tudo. Todavia, há muitos***

desses fenômenos, sob tão grande variedade, e cruzam todas as fronteiras religiosas, para que se possa duvidar dos mesmos como fatos. Algumas vezes os mortos voltam, e entram em comunicação com os vivos. Os teólogos judeus aceitavam isso como um fato, havendo entre eles a crença comum de que os “demônios” são espíritos humanos maus, desencarnados.

Essa ideia era forte na igreja cristã até o século V D.C., tendo sido apresentada por pais da igreja como Clemente de Alexandria, Justino Mártir e Orígenes, os quais também acreditavam na possibilidade do retorno e até mesmo da reencarnação de alguns espíritos, com o propósito de realizarem ou continuarem suas missões. (Ver esta doutrina em Mat. 16.14). Os essênios, dos quais João Batista parece ter sido membro, também mantinham crenças idênticas. É um equívoco cercarmos as doutrinas de muralhas, supondo em vão que somente nós, da moderna igreja cristã do século XX, temos as corretas interpretações das verdades bíblicas. Ainda temos muito a aprender, sobre muitas questões, e convém que guardemos nossas mentes abertas, pelo menos o suficiente para permitirmos a entrada de uma réstia de luz. **Sabemos pouquíssimo sobre o mundo intermediário dos espíritos e supomos que o estado “eterno” já existe, o que todas as evidências mostram não ser ainda assim.** (CHAMPLIN, p. 250)

Pedro estava preso e presumiam que ele já estava morto. Dessa forma, quando ele bateu a porta e chamou pelos que estavam dentro da casa, dava-se a entender que ele, Pedro, estava morto, já que estava preso e acreditavam que já estava morto. Vejamos:

**At 12:13-15** “E, batendo Pedro à porta do pátio, uma menina chamada Rode saiu a escutar; E, **conhecendo a voz de Pedro**, de gozo não abriu a porta, mas, correndo para dentro, **anunciou que Pedro estava à porta**. E disseram-lhe: **Estás fora de ti. Mas ela afirmava que assim era. E diziam: É o seu anjo**” (É o seu espírito).

Quando dizem que é o seu anjo, entendemos que é o seu espírito. Outrossim, vemos que outras crenças tiveram de igual maneira



os fenômenos mediúnicos, tal como o islamismo. Vejamo-lo:

*“(...) No silêncio do deserto, (...), Maomet (...), o fundador do Islam, redige o Alcorão, sob o ditado de um Espírito, que adota, para se fazer escutar, o nome e a aparência do anjo Gabriel. (...)”* (DENIS, Léon. A mediunidade gloriosa. No *Invisível*. Trad. de Leopoldo Cirne. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992. Págs. 395.)

## 28.6. Transfiguração

O fato de Jesus ter-se transfigurado, reiteramos que Moisés também o fora, de acordo com o relato contido em Ex 34:29-30. Se Moisés desencarnou (Dt 34,5-7) e estava ao lado com Jesus no monte Tabor, juntamente com Elias, há de se convir de que este também desencarnou. Reiteramos e confirmamos que quem se materializou foram Elias e Moisés e não Jesus, pois Ele transfigurou-se, onde trazemos como adendo a passagem em análise no Novo Testamento, e o desenrolar da fenomenologia na Codificação que nos elucidam este fenômeno ocorrido tanto com Jesus, quanto Moisés em outra ocasião (Ex 34:29-30). Leiamo-la:

*“Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, a Tiago e a João, irmão deste, e os conduziu à parte a um alto monte; e foi transfigurado diante deles; e o seu rosto resplandeceu como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. **E eis que Ihes apareceram Moisés e Elias, falando com ele.** Pedro, tomando a palavra, disse a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três cabanas, uma para ti, outra para Moisés, e outra para Elias”. (Mt 17:1-4)*



Nesta narrativa, fica claro de que houve a materialização de Elias e Moisés aos apóstolos e estes eram tão reais de que Pedro quis fazer uma cabana aos três. Na codificação há a explicação para o fenômeno da transfiguração. Vejamo-la:

## **Transfiguração**

[...]

(1) O Monte Tabor, a sudoeste do lago de Tabarich e a 11 quilômetros a sudeste de Nazaré, com cerca de 1.000 metros de altura.

**44.** - *É ainda nas propriedades do fluido perispirítico que se encontra a explicação deste fenômeno. A transfiguração, explicada no cap. XIV, nº 39, é um fato muito comum que, em virtude da irradiação fluidica, pode modificar a aparência de um indivíduo; mas, a pureza do perispirito de Jesus permitiu que seu Espírito lhe desse excepcional fulgor. Quanto à aparição de Moisés e Elias cabe inteiramente no rol de todos os fenômenos do mesmo gênero. (Cap. XIV, nos 35 e seguintes)*

*De todas faculdades que Jesus revelou, nenhuma se pode apontar estranha às condições da humanidade e que se não encontre comumente nos homens, porque estão todas na ordem da Natureza. Pela superioridade, porém, da sua essência moral e de suas qualidades fluidicas, aquelas faculdades atingiam nele proporções muito acima das que são vulgares. Posto de lado o seu envoltório carnal, ele nos patenteava o estado dos puros Espíritos. (KARDEC, A. A Gênese, Cap. XV, nº 44)*

### **Aparições – Transfigurações**

**35.** - *Para nós, o perispirito, no seu estado normal, é invisível; mas, como é formado de substância etérea, o Espírito, em certos casos, pode, por ato da sua vontade, fazê-lo passar por uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível. É assim que se produzem as aparições, que não se dão, do mesmo modo que os outros fenômenos, fora das leis da Natureza. Nada tem esse de mais extraordinário, do que o do vapor que, quando muito rarefeito, é invisível, mas que se torna visível, quando condensado.*

*Conforme o grau de condensação do fluido perispirítico, a aparição é às vezes vaga e vaporosa; doutras vezes, mais nitidamente definida; doutras, enfim, com todas as aparências*

*da matéria tangível. Pode, mesmo, chegar, até, à tangibilidade real, ao ponto de o observador se enganar com relação à natureza do ser que tem diante de si.*

*São frequentes as aparições vaporosas, forma sob a qual muitos indivíduos, depois de terem morrido, se apresentam às pessoas que lhes são afeiçoadas. As aparições tangíveis são mais raras, se bem haja delas numerosíssimos casos, perfeitamente autenticados. Se o Espírito quer dar-se a conhecer, imprime ao seu envoltório todos os sinais exteriores que tinha quando vivo. (1)*

*(1) O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, caps. VI e VII. (2) Nota da Editora: As materializações prolongadas, quais as verificadas por William Crookes, não eram, então, conhecidas.*

**36.** *- É de notar-se que as aparições tangíveis só têm da matéria carnal as aparências; não poderiam ter dela as qualidades. Em virtude da sua natureza fluídica, não podem ter a coesão da matéria, porque, em realidade, não há nelas carne. Formam-se instantaneamente e instantaneamente desaparecem, ou se evaporam pela desagregação das moléculas fluídicas (2). Os seres que se apresentam nessas condições não nascem, nem morrem, como os outros homens. São vistos e deixam de ser vistos, sem que se saiba donde vêm, como vieram, nem para onde vão. Ninguém os poderia matar, nem prender, nem encarcerar, visto carecerem de corpo carnal. Atingiriam o vácuo os golpes que se lhes desferissem.*

*Tal o caráter dos agêneres, com os quais se pode confabular, sem suspeitar de que eles o sejam, mas que não demoram longo tempo entre os humanos e não podem tornar-se comensais de uma casa, nem figurar entre os membros de uma família. (1)*

*(1) Nota da Editora: Segundo a Bíblia, este fato se deu na família de Tobias. (Ver "O Livro de Tobias".)*

*Ao demais, denotam sempre, em suas atitudes, qualquer coisa de estranho e de insólito que deriva ao mesmo tempo da materialidade e da espiritualidade: neles, o olhar é simultaneamente vaporoso e brilhante, carece da nitidez do*

*olhar através dos olhos da carne; a linguagem, breve e quase sempre sentenciosa, nada tem do brilho e da volubilidade da linguagem humana; a aproximação deles causa uma sensação singular e indefinível de surpresa, que inspira uma espécie de temor; e quem com eles se põe em contacto, embora os tome por indivíduos quais todos os outros, é levado a dizer involuntariamente: Ali está uma criatura singular. (2)*

*(2) Exemplos de aparições vaporosas ou tangíveis e de agêneres: Revue Spirite, janeiro de 1858, pág. 24; - outubro de 1858, pág. 291; - fevereiro de 1859, pág. 38; - março de 1859, pág. 80; - janeiro de 1859, pág. 11; - novembro de 1859, pág. 303; - agosto de 1859, pág. 210; - abril de 1860, pág. 117; - maio de 1860, pág. 150; - julho de 1861, pág. 199; - abril de 1866, pág. 120; - “O lavrador Martinho, apresentado a Luiz XVIII, detalhes completos”, dezembro de 1866, pág. 353*

**37.** - *Sendo o mesmo o perispírito, assim nos encarnados, como nos desencarnados, um Espírito encarnado, por efeito completamente idêntico, pode, num momento de liberdade, aparecer em ponto diverso do em que repousa seu corpo, com os traços que lhe são habituais e com todos os sinais de sua identidade. Foi esse fenômeno, do qual se conhecem muitos casos autênticos, que deu lugar à crença nos homens duplos. (3)*

*(3) Exemplos de aparições de pessoas vivas: Revue Spirite, de dezembro de 1858, págs. 329 e 331; - fevereiro de 1859, pág. 41; - agosto de 1859, pág. 197; - novembro de 1860, pág. 356.*

**38.** - *Um efeito peculiar aos fenômenos dessa espécie consiste em que as aparições vaporosas e, mesmo, tangíveis, não são perceptíveis a toda gente, indistintamente. Os Espíritos só se mostram quando o querem e a quem também o querem. Um Espírito, pois, poderia aparecer, numa assembleia, a um ou a muitos dos presentes e não ser visto pelos demais. Dá-se isso, porque as percepções desse gênero se efetuam por meio da vista espiritual, e não por intermédio da vista carnal; pois não só aquela não é dada a toda gente, como pode, se for conveniente, ser retirada, pela só vontade do Espírito, àquele a quem ele não queira mostrar-se, como*

*pode dá-la, momentaneamente, se entender necessário.*

*À condensação do fluido perispirítico nas aparições, indo mesmo até à tangibilidade, faltam as propriedades da matéria ordinária: se tal não se desse, as aparições seriam perceptíveis pelos olhos do corpo e, então, todas as pessoas presentes as perceberiam. (1)*

*(1) Devem acolher-se com extrema reserva as narrativas de aparições puramente individuais que, em certos casos, poderiam não passar de efeito de uma imaginação sobre-excitada e, porventura, de uma invenção com fins interesseiros. Convém, pois, levar em conta, muito escrupulosamente, as circunstâncias, a honradez da pessoa, assim como o interesse que ela possa ter em abusar da credulidade de indivíduos excessivamente confiantes.*

**39.** *- Podendo o Espírito operar transformações na contextura do seu envoltório perispirítico e irradiando-se esse envoltório em torno do corpo qual atmosfera fluidica, pode produzir-se na superfície mesma do corpo um fenômeno análogo ao das aparições. Pode a imagem real do corpo apagar-se mais ou menos completamente, sob a camada fluidica, e assumir outra aparência; ou, então, vistos através da camada fluidica modificada, os traços primitivos podem tomar outra expressão. Se, saindo do terra-a-terra, o Espírito encarnado se identifica com as coisas do mundo espiritual, pode a expressão de um semblante feio tornar-se bela, radiosa e até luminosa; se, ao contrário, o Espírito é presa de paixões más, um semblante belo pode tomar um aspecto horrendo.*

*Assim se operam as transfigurações, que refletem sempre qualidades e sentimentos predominantes no Espírito. O fenômeno resulta, portanto, de uma transformação fluidica; é uma espécie de aparição perispirítica, que se produz sobre o próprio corpo do vivo e, algumas vezes, no momento da morte, em lugar de se produzir ao longe, como nas aparições propriamente ditas. O que distingue as aparições desse gênero é o serem, geralmente, perceptíveis por todos os assistentes e com os olhos do corpo, precisamente por se basearem na matéria carnal visível, ao passo que, nas aparições puramente fluidicas, não há matéria tangível. (1)*

(1) *Exemplo e teoria da transfiguração: Revue Spirite, março de 1859, pág. 62. (KARDEC, A. O Livro dos Médiuns, 2ª Parte, cap. VII.) (KARDEC, A. A Gênese, Cap. XIV, nº 35 a 39)*

Partindo do esclarecimento acima, em relação à passagem sugerida, e a explicação quanto ao fenômeno na Codificação, passemos a parte adiante, onde trata do relato da Transfiguração de Jesus, correlacionada com um evento equivalente de Moisés.

Vemos a transfiguração da face de Moisés, representando a comunicabilidade do plano físico com o espiritual, ao receber, pela segunda vez, as tábuas da Lei. Portanto, fato este similar ao da Transfiguração de Jesus no monte Tabor, conforme se segue:

*“Quando Moisés desceu do monte Sinai, trazendo nas mãos as duas tábuas do testemunho, sim, quando desceu do monte, **Moisés não sabia que a pele do seu rosto resplandecia, por haver Deus falado com ele.** Quando, pois, Arão e todos os filhos de Israel olharam para Moisés, eis que a pele do seu rosto resplandecia, pelo que tiveram medo de aproximar-se dele”. (Ex 34:29-30).*

Através da Pneumatofonia ou a fala direta, Jesus se comunicou com plano espiritual. Há essa similaridade de eventos, tanto com Moisés, quanto em Jesus, e se Jesus se comunicou com os espíritos gloriosos de Moisés e Elias, há de se convir que fora uma comunicação que opõe a prática da Necromancia, bem como *“Estando ele ainda a falar, eis que uma nuvem luminosa os cobriu; e dela saiu uma voz que dizia: **Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi**”*. (Mt 17,5).

*“(…) Moisés é vidente e auditivo. Ele vê Jeová, o Espírito protetor de Israel, na sarça do Horeb e no Sinai. Quando se inclina diante do propiciatório da arca da aliança, escuta vozes (Num, VII, 89). É médium escrevente quando, sob o ditado de Eloim, escreve as tábuas da lei; (...) magnetizador poderoso, quando fulmina com uma descarga fluidica os hebreus revoltados no deserto; médium inspirado, quando entoia seu maravilhoso cântico após a derrota de Faraó. Moisés apresenta ainda o gênero especial de mediunidade — a transfiguração luminosa — (...). Quando desce do Sinai, traz*

na frente uma auréola de luz. (...)” (DENIS, Léon. A mediunidade gloriosa. *No Invisível*. Trad. de Leopoldo Cirne. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992. Pág. 395.)

## 28.7. Xenoglossia

Jesus profetiza como ocorreriam os fenômenos mediúnicos: “*não fiquem preocupados como ou com aquilo que vocês vão falar, porque, nessa hora, será sugerido a vocês*”, e conclui: “*Com efeito, não serão vocês que irão falar, e sim o Espírito do Pai de vocês é quem falará através de vocês*”. A tentativa de esconder o fenômeno fica por conta da expressão “o Espírito do Pai”, quando a ocasião é “um Espírito do Pai” a mudança do artigo indefinido para o artigo definido tem como objetivo principal desvirtuar a fenomenologia em primeiro plano e em segundo, que por oportuno se trata de um ajuste do texto bíblico para apoiar a trindade, copiada dos povos pagãos. O filósofo e teólogo Carlos Torres Pastorino abordando a questão da mudança do artigo, diz:

*“...Novamente sem artigo. Repisamos: a língua grega não possuía artigos indefinidos. Quando a palavra era determinada, empregava-se o artigo definido ‘ho, he, to’. Quando era indeterminada (caso em que nós empregamos o artigo indefinido), o grego deixava a palavra sem artigo. Então quando não aparece em grego o artigo, temos que colocar, em português, o artigo indefinido: **UM espírito santo**, e nunca traduzir com o definido: O espírito santo”.* (PASTORINO, C. J. T. *Sabedoria do Evangelho, volume 1, pág 43*).

Um fato, que reputamos como de inquestionável ocorrência da mediunidade, aconteceu logo depois da morte de Jesus, quando os discípulos reunidos receberam “línguas de fogo” e começaram a falar em línguas, de tal sorte que, apesar da heterogeneidade do povo que os ouvia, cada um entendia o que falavam em sua própria língua. Fato extraordinário registrado no livro Atos dos Apóstolos, Vejamo-la:

*“Quando chegou o dia de **Pentecostes**, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho como o sopro de um forte vendaval, e encheu a casa onde eles se encontravam. **Apareceram então umas como***

***línguas de fogo, que se espalharam e foram pousar sobre cada um deles. Todos ficaram repletos do Espírito Santo, e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que falassem. Acontece que em Jerusalém moravam judeus devotos de todas as nações do mundo. Quando ouviram o barulho, todos se reuniram e ficaram confusos, pois cada um ouvia, na sua própria língua, os discípulos falarem***". (At 2:1-6).



Aqui podemos identificar o fenômeno mediúnico conhecido como xenoglossia, que na definição do Aurélio é: *A fala espontânea em língua(s) que não fora(m) previamente aprendida(s)*. Mas, como da vez anterior, tentam mudar o sentido, para isso alteram o artigo indefinido para o definido, quando a realidade seria exatamente que estavam “repletos de um Espírito santo (bom)”.

Fato semelhante aconteceu, um pouco mais tarde, nomeado como o Pentecostes dos pagãos:

*“Pedro ainda estava falando, quando o Espírito Santo desceu sobre todos os que ouviam a Palavra. Os fiéis de origem judaica, que tinham ido com Pedro, ficaram admirados de que o dom do Espírito Santo também fosse derramado sobre os pagãos. De fato, eles os ouviam falar em línguas estranhas e louvar a grandeza de Deus...”* (At 10:44-46).

Episódio que confirma que “Deus não faz acepção de pessoas” (At 10,34), daí podemos estender à mediunidade como uma faculdade exclusiva a um determinado grupo religioso, mas existindo em todos os segmentos em suas expressões de religiosidade.



Destarte, a história da mediunidade dos profetas judeus encerra-se com a vinda de Jesus.

*“(...) A passagem do Mestre entre os homens, junto dos quais (...), a cada hora, revela o seu intercâmbio constante com o Plano Superior, seja em colóquios com os emissários de alta estirpe, seja em se dirigindo aos aflitos desencarnados, no socorro aos obsessos do caminho. Mas também na equipe dos companheiros, aos quais se apresenta em pessoa, depois da morte (...) No dia de Pentecostes, vários fenômenos mediúnicos marcam a tarefa dos apóstolos, mesclando-se efeitos físicos e intelectuais na praça pública, a constituir-se a mediunidade, desde então, em viga mestra de todas as construções do Cristianismo, nos séculos subsequentes (...)”.* (XAVIER, Francisco Cândido. Jesus e mediunidade. *Mecanismos da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. Pág. - 187.)

## **28.8. Os dons espirituais sob a ótica de Paulo**

Conforme já definimos anteriormente os fenômenos mediúnicos, citamos a passagem de Deuteronômio, no cap. 11:26-29, a fim de identificarmos a mediunidade profética, realizadas por Eldade e Medade. Vejamo-la:

*26 Porém no arraial ficaram dois homens; o nome de um era Eldade, e do outro Medade; e repousou sobre eles o espírito (porquanto estavam entre os inscritos, ainda que não saíram à tenda), e profetizavam no arraial. 27 Então correu um moço e anunciou a Moisés e disse: Eldade e Medade profetizam no arraial. 28 E Josué, filho de Num, servidor de Moisés, um dos seus jovens escolhidos, respondeu e disse: Moisés, meu senhor, proíbe-lho. 29 Porém, Moisés lhe disse: Tens tu ciúmes por mim? Quem dera que todo o povo do SENHOR fosse profeta, e que o SENHOR pusesse o seu espírito sobre ele! (Dt 11:26-29)*

Paulo nos orientava sobre a diversidade dos dons mediúnicos, que já eram conhecidos àquela época, tanto que ele direcionou orientações claras sobre como tratar com as pessoas que as

apresentavam.

*SEGUI o amor, e procurei com zelo os dons espirituais, mas principalmente o de profetizar. Porque o que fala em língua desconhecida não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala mistérios. Mas o que profetiza fala aos homens, para edificação, exortação e consolação. O que fala em língua desconhecida edifica-se a si mesmo, mas o que profetiza edifica a igreja. E eu quero que todos vós faleis em línguas, mas muito mais que profetizeis; porque o que profetiza é maior do que o que fala em línguas, a não ser que também interprete para que a igreja receba edificação. E agora, irmãos, se eu for ter convosco falando em línguas, que vos aproveitaria, se não vos falasse ou por meio da revelação, ou da ciência, ou da profecia, ou da doutrina? (I Cor 14: 1 a 6)*

E mais adiante:

*Que fareis, pois, irmãos? Quando vos ajuntais, cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação. E, se alguém falar em língua desconhecida, faça-se isso por dois, ou quando muito três, e por sua vez, e haja intérprete. Mas, se não houver intérprete, esteja calado na igreja, e fale consigo mesmo, e com Deus. (I Cor 14: 26 a 28)*

Temos exemplos de o fato da consulta aos mortos ser bem normal entre o povo hebreu:

*Quando disserem a vocês: ‘Consultem os espíritos e adivinhos, que sussurram e murmuram fórmulas; por acaso, um povo não deve consultar seus deuses e consultar os mortos em favor dos vivos?’; comparem com a instrução e o atestado: se o que disserem não estiver de acordo com o que aí está, então não haverá aurora para eles. (Is 8:19-20).*

*Consulte as gerações passadas e observe a experiência de nossos antepassados. Nós nascemos ontem e não sabemos nada. Nossos dias são como sombra no chão. Os nossos antepassados, no entanto, vão instruí-lo e falar a você com palavras tiradas da experiência deles. (Jó 8:8-10).*

Devemos entender aqui como “as gerações passadas” nem mais nem menos do que os espíritos daqueles que já morreram. O texto está bem claro. Os “antepassados”, tenho muito mais experiências na carne daqueles que os consultam (várias reencarnações), naturalmente têm mais experiência e bons conselhos a lhes darem.

Já encontramos pessoas que afirmaram que Moisés e Elias não morreram, foram arrebatados. Na vontade irresistível de se justificarem, desvirtuam a realidade, mudando até mesmo narrativas bíblicas, pois, pelo que sabemos, existe a passagem falando da morte e sepultura de Moisés, citado em Dt 34:5-8:

*Assim morreu ali Moisés, servo do SENHOR, na terra de Moabe, conforme a palavra do SENHOR. E o sepultou num vale, na terra de Moabe, em frente de Bete-Peor; e ninguém soube até hoje o lugar da sua sepultura. Era Moisés da idade de cento e vinte anos quando morreu; os seus olhos nunca se escureceram, nem perdeu o seu vigor. E os filhos de Israel prantearam a Moisés trinta dias, nas campinas de Moabe; e os dias do pranto no luto de Moisés se cumpriram. (Dt 34:5-8)*

Elias é que se diz ter sido arrebatado. Acredite quem quiser. Mas perguntamos: se a morte do corpo é uma Lei criada por Deus, Elias, sendo arrebatado, estaria assim, quebrando uma Lei divina, o que é incoerência daqueles que assim o afirmam. Vejamos as passagens contrárias a imortalidade física de Elias:

*O espírito é que dá vida a carne de nada serve. (Jo 6:63).*

*A carne e o sangue não podem herdar o reino do céu. (I Cor 15:50).*

***“Ora, ninguém subiu ao céu, senão o que de lá desceu, o Filho do Homem” (Jo 3:13)***

Estas passagens contradizem o suposto arrebatamento de Elias de corpo e alma. A expressão “mesmo que um dos mortos ressuscite” significa que mesmo que algum dos mortos ressuscite na sua condição espiritual, para se comunicar, que eles não se convenceriam. Mas alguém pode dizer que esse texto implica na necessidade de uma ressurreição do corpo para que ocorra esta comunicação. Isto é um

subterfúgio, já que na própria Bíblia encontramos indícios de que o termo ressurreição também era usado para indicar a influência dos mortos sobre os vivos.

*E disse aos seus criados: Este é João o Batista; ressuscitou dos mortos, e por isso estas maravilhas operam nele. (Mt 14:2)*

*E ouviu isto o rei Herodes (porque o nome de Jesus se tornara notório), e disse: João, o que batizava, ressuscitou dentre os mortos, e por isso estas maravilhas operam nele. Outros diziam: É Elias. E diziam outros: É um profeta, ou como um dos profetas. Herodes, porém, ouvindo isto, disse: Este é João, que mandei degolar; ressuscitou dentre os mortos. (Mc 6:14-16).*

## **28.9. Desaparecimento do corpo de Jesus**

Neste ponto do estudo, entendemos que é um dos mais polêmicos, pois muitos creem numa ressurreição física de Jesus, outros ainda creem que Jesus possuía um corpo fluídico, a fim de que pudessem concluir que por esses motivos o corpo de Jesus não foi encontrado. Percebemos, ao consultarmos a codificação de que Jesus possuiu um corpo físico e um corpo fluídico como todos nós. O que ocorreu com o seu corpo após a ressurreição. Vejamos na codificação o que encontramos:

### **Desaparecimento do corpo de Jesus**

**64.** - *O desaparecimento do corpo de Jesus após sua morte há sido objeto de inúmeros comentários. Atestam-no os quatro evangelistas, baseados nas narrativas das mulheres que foram ao sepulcro no terceiro dia depois da crucificação e lá não o encontraram. Viram alguns, nesse desaparecimento, um fato milagroso, atribuindo-o outros a uma subtração clandestina.*

*Segundo outra opinião, Jesus não teria tido um corpo carnal, mas apenas um corpo fluídico; não teria sido, em toda a sua vida, mais do que uma aparição tangível; numa palavra: uma*

*espécie de gênero. Seu nascimento, sua morte e todos os atos materiais de sua vida teriam sido apenas aparentes. Assim foi que, dizem, seu corpo, voltado ao estado fluídico, pode desaparecer do sepulcro e com esse mesmo corpo é que ele se teria mostrado depois de sua morte.*

*É fora de dúvida que semelhante fato não se pode considerar radicalmente impossível, dentro do que hoje se sabe acerca das propriedades dos fluidos; mas, seria, pelo menos, inteiramente excepcional e em formal oposição ao caráter dos gêneros. (Cap. XIV, nº 36.) Trata-se, pois, de saber se tal hipótese é admissível, se os fatos a confirmam ou contradizem.*

**65.** - *A estada de Jesus na Terra apresenta dois períodos: o que precedeu e o que se seguiu à sua morte. No primeiro, desde o momento da concepção até o nascimento, tudo se passa, pelo que respeita à sua mãe, como nas condições ordinárias da vida (1). Desde o seu nascimento até a sua morte, tudo, em seus atos, na sua linguagem e nas diversas circunstâncias da sua vida, revela os caracteres inequívocos da corporeidade. São acidentais os fenômenos de ordem psíquica que nele se produzem e nada têm de anômalos, pois que se explicam pelas propriedades do perispírito e se dão, em graus diferentes, noutros indivíduos. Depois de sua morte, ao contrário, tudo nele revela o ser fluídico. É tão marcada a diferença entre os dois estados, que não podem ser assimilados.*

*(1) Não falamos do mistério da encarnação, com o qual não temos que nos ocupar aqui e que será examinado ulteriormente. Nota da Editora: Kardec, em vida, não pôde cumprir esta promessa, visto que, no ano seguinte, ao dar publicação a esta obra, foi chamado à Pátria Espiritual.*

*O corpo carnal tem as propriedades inerentes à matéria propriamente dita, propriedades que diferem essencialmente das dos fluidos etéreos; naquela, a desorganização se opera pela ruptura da coesão molecular. Ao penetrar no corpo material, um instrumento cortante lhe divide os tecidos; se os órgãos essenciais à vida são atacados, cessa-lhes o funcionamento e sobrevém a morte, isto é, a do corpo. Não*

*existindo nos corpos fluídicos essa coesão, a vida aí já não repousa no jogo de órgãos especiais e não se podem produzir desordens análogas àquelas. Um instrumento cortante ou outro qualquer penetra num corpo fluídico como se penetrasse numa massa de vapor, sem lhe ocasionar qualquer lesão. Tal a razão por que não podem morrer os corpos dessa espécie e por que os seres fluídicos, designados pelo nome de agêneres, não podem ser mortos.*

*Após o suplício de Jesus, seu corpo se conservou inerte e sem vida; foi sepultado como o são de ordinário os corpos e todos o puderam ver e tocar. Após a sua ressurreição, quando quis deixar a Terra, não morreu de novo; seu corpo se elevou, desvaneceu e desapareceu, sem deixar qualquer vestígio, prova evidente de que aquele corpo era de natureza diversa da do que pereceu na cruz; donde forçoso é concluir que, se foi possível que Jesus morresse, é que carnal era o seu corpo.*

*Por virtude das suas propriedades materiais, o corpo carnal é a sede das sensações e das dores físicas, que repercutem no centro sensitivo ou Espírito. Quem sofre não é o corpo, é o Espírito recebendo o contragolpe das lesões ou alterações dos tecidos orgânicos. Num corpo sem Espírito, absolutamente nula é a sensação. Pela mesma razão, o Espírito, sem corpo material, não pode experimentar os sofrimentos, visto que estes resultam da alteração da matéria, donde também forçoso é se conclua que, se Jesus sofreu materialmente, do que não se pode duvidar, é que ele tinha um corpo material de natureza semelhante ao de toda gente.*

**66.** - *Aos fatos materiais juntam-se fortíssimas considerações morais.*

*Se as condições de Jesus, durante a sua vida, fossem as dos seres fluídicos, ele não teria experimentado nem a dor, nem as necessidades do corpo. Supor que assim haja sido é tirar-lhe o mérito da vida de privações e de sofrimentos que escolhera, como exemplo de resignação. Se tudo nele fosse aparente, todos os atos de sua vida, a reiterada predição de sua morte, a cena dolorosa do Jardim das Oliveiras, sua prece a Deus para que lhe afastasse dos lábios o cálice de amarguras, sua paixão, sua agonia, tudo, até ao último brado, no momento de*

*entregar o Espírito, não teria passado de vão simulacro, para enganar com relação à sua natureza e fazer crer num sacrifício ilusório de sua vida, numa comédia indigna de um homem simplesmente honesto, indigna, portanto, e com mais forte razão de um ser tão superior. Numa palavra: ele teria abusado da boa-fé dos seus contemporâneos e da posteridade. Tais as consequências lógicas desse sistema, consequências inadmissíveis, porque o rebaixariam moralmente, em vez de o elevarem. (1)*

*Jesus, pois, teve, como todo homem, um corpo carnal e um corpo fluídico, que é atestado pelos fenômenos materiais e pelos fenômenos psíquicos que lhe assinalaram a existência.*

*(1) Nota da Editora: Diante das comunicações e dos fenômenos surgidos após a partida de Kardec, concluiu-se que não houve realmente vão simulacro, como igualmente não houve simulacro de Jesus, após a sua morte, ao pronunciar as palavras que foram registradas por Lucas (24:39): – “Sou eu mesmo, apalpai-me e vede, porque um Espírito não tem carne nem osso, como vedes que eu tenho.”*

**67.** - *Não é nova essa ideia sobre a natureza do corpo de Jesus. No quarto século, Apolinário, de Laodiceia, chefe da seita dos apolinaristas, pretendia que Jesus não tomara um corpo como o nosso, mas um corpo impassível, que descera do céu ao seio da santa Virgem e que não nascera dela; que, assim, Jesus não nascera, não sofrera e não morrerá, senão em aparência. Os apolinaristas foram anatematizados no concílio de Alexandria, em 360; no de Roma, em 374; e no de Constantinopla, em 381.*

*Tinham a mesma crença os Docetas (do grego dokein, aparecer), seita numerosa dos Gnósticos, que subsistiu durante os três primeiros séculos. (1)*

*(1) Nota da Editora: Não somente foram anatematizados os apolinaristas, mas também os reencarnacionistas e os que se põem em comunicação com os mortos. (KARDEC, A. A Gênese, CAPÍTULO XV, Os milagres do Evangelho, Desaparecimento do corpo de Jesus)*

Entendemos que Jesus, após a morte, não se sabe o que

ocorreu ao seu corpo físico e o que entendemos que o seu nascimento também não é abordado por Kardec. Concluímos que o desaparecimento do corpo de Jesus é apenas uma questão secundária, tendo como fato mais importante a sua missão na terra.

## **28.10. O Espiritismo é doutrina de demônios?**

Percebemos que muitos tentam desqualificar a Doutrina Espírita, dando ao fenômeno como sendo preconizado pelos demônios. Kardec, antevendo esses acontecimentos, nos diz:

*“Todas as razões alegadas para condenar as relações com os Espíritos não resistem a um exame sério. Pelo ardor com que se combate nesse sentido é fácil deduzir o grande interesse ligado ao assunto. Daí a insistência. Em vendo esta cruzada de todos os cultos contra as manifestações, dir-se-ia que delas se atemorizam. O verdadeiro motivo poderia bem ser o receio de que os Espíritos muito esclarecidos viessem instruir os homens sobre pontos que se pretende obscurecer, dando-lhes conhecimento, ao mesmo tempo, da certeza de um outro mundo, a par das verdadeiras condições para nele serem felizes ou desgraçados. A razão deve ser a mesma por que se diz à criança: – ‘Não vá lá, que há lobisomens.’ Ao homem dizem: – ‘Não chameis os Espíritos: – São o diabo.’ – Não importa, porém: - impedem os homens de os evocar, mas não poderão impedi-los de vir aos homens para levantar a lâmpada de sob o alqueire.” (KARDEC, A. O Céu e o Inferno, pág. 164)*

Primeiro ponto, dizem que o Espiritismo é doutrina de demônios, entretanto, Kardec responde:

**46. Sistema pessimista, diabólico ou demoníaco.** (...) 5 – Quando se vos opõe a sabedoria de certas comunicações, respondeis que o demônio usa de todas as máscaras para melhor seduzir. Sabemos, com efeito, haver Espíritos hipócritas, que dão à sua linguagem um verniz de sabedoria; mas, admitis que a ignorância pode falsificar o verdadeiro saber e uma natureza má imitar a verdadeira virtude, sem deixar vestígio que denuncie a fraude?

6 – Se só o demônio se comunica, sendo ele o inimigo de



*Deus e dos homens, por que recomenda que se ore a Deus, que nos submetamos à vontade de Deus, que suportemos sem queixas as tribulações da vida, que não ambicionemos as honras, nem as riquezas, que pratiquemos a caridade e todas as máximas do Cristo, numa palavra: que façamos tudo o que é preciso para lhe destruir o império, dele, demônio? Se tais conselhos o demônio é quem os dá, forçoso será convir em que, por muito manhoso que seja, bastante inábil é ele, fornecendo armas contra si mesmo (1). (...).*

*(1) Esta questão foi tratada em **O Livro dos Espíritos** (números 128 e seguintes); mas, com relação a este assunto, como acerca de tudo o que respeita à parte religiosa, recomendamos a brochura intitulada: **Carta de um católico sobre o Espiritismo**, do Dr. Grand, ex-cônsul da França (à venda na Livraria Ledoyen, in-18; preço 1 franco), bem como a que vamos publicar sob o título: **Os contraditores do Espiritismo, do ponto de vista da religião, da ciência e do materialismo**. (KARDEC, A. O Livro dos Médiuns, Cap. IV, Dos Sistemas)*

Muitos creem que os “espíritos ou guias nada mais são do que demônios só que estes que admitiram tais coisas dizem que existem bons demônios ou que podem manipular os mesmos para conseguir as coisas”. Entretanto, tanto não são *daimons* que se manifestam, pois eles não poderiam fornecer armas contra si mesmo, pois:

*Se só o demônio se comunica, sendo ele o inimigo de Deus e dos homens, por que recomenda que se ore a Deus, que nos submetamos à vontade de Deus, que suportemos sem queixas as tribulações da vida, que não ambicionemos as honras, nem as riquezas, que pratiquemos a caridade e todas as máximas do Cristo, numa palavra: que façamos tudo o que é preciso para lhe destruir o império, dele, demônio? Se tais conselhos o demônio é quem os dá, forçoso será convir em que, por muito manhoso que seja, bastante inábil é ele, fornecendo armas contra si mesmo. (KARDEC, A. O Livro dos Médiuns, Capítulo IV, Dos Sistemas).*

## **29. Os fenômenos mediúnicos na Igreja**

Adentraremos nos fatos relatados por Kardec e que foram documentados no seio da Igreja. Entendemos que há muitos outros fatos ainda não explorados, mas nos ateremos aos que temos conhecimento, tais como a Bicorporeidade que adentraremos adiante.

## 29.1. Bicorporeidade

O que nos apresenta Kardec para entendermos este fenômeno, trazemos a Codificação, “O Livro dos Médiuns – Capítulo VII – Da Bicorporeidade e da Transfiguração”, conforme abaixo:

### **Homens duplos**

**118.** Antes de irmos adiante, devemos responder imediatamente a uma questão que não deixará de ser formulada: **como pode o corpo viver, enquanto está ausente o Espírito?** Poderíamos dizer que o corpo vive a vida orgânica, que independe do Espírito, e a prova é que as plantas vivem e não têm Espírito. Mas, precisamos acrescentar que, durante a vida, nunca o Espírito se acha completamente separado do corpo. Do mesmo modo que alguns médiuns videntes, os Espíritos reconhecem o Espírito de uma pessoa viva, por um rastro luminoso, que termina no corpo, fenômeno que absolutamente não se dá quando este está morto, porque, então, a separação é completa. Por meio dessa comunicação, entre o Espírito e o corpo, é que aquele recebe aviso, qualquer que seja a distância a que se ache do segundo, da necessidade que este possa experimentar da sua presença, caso em que volta ao seu invólucro com a rapidez do relâmpago. Daí resulta que o corpo não pode morrer durante a ausência do Espírito e que não pode acontecer que este, ao regressar, encontre fechada a porta, conforme hão dito alguns romancistas, em histórias compostas para recrear. (O Livro dos Espíritos, ns. 400 e seguintes)

### **Santo Afonso de Liguori e Santo Antônio de Pádua**

**119.** Voltemos ao nosso assunto. **Isolado do corpo, o Espírito de um vivo pode, como o de um morto, mostrar-se com todas as aparências da realidade.** Demais, pelas

mesmas causas que hemos exposto, **pode adquirir momentânea tangibilidade**. Este fenômeno, conhecido pelo nome de **bicorporeidade**, foi que deu azo às histórias de homens duplos, isto é, de indivíduos cuja presença simultânea em dois lugares diferentes se chegou a comprovar. Aqui vão dois exemplos, tirados, não das lendas populares, mas da história eclesiástica.

**Santo Afonso de Liguori** foi canonizado antes do tempo prescrito, por se haver mostrado simultaneamente em dois sítios diversos, o que passou por milagre.

**Santo Antônio de Pádua** estava pregando na Itália (*vide Nota Especial à página 162*), quando seu pai, em Lisboa, ia ser supliciado, sob a acusação de haver cometido um assassinio. No momento da execução, Santo Antônio aparece e demonstra a Inocência do acusado. Comprovou-se que, naquele Instante, Santo Antônio pregava na Itália, na cidade de Pádua.

Por nós evocado e interrogado, acerca do fato acima, Santo Afonso respondeu do seguinte modo:

**1ª Poderias explicar-nos esse fenômeno?** “Perfeitamente. Quando o homem, por suas virtudes, chegou a desmaterializar-se completamente; quando conseguiu elevar sua alma para Deus, pode aparecer em dois lugares ao mesmo tempo. Eis como: o Espírito encarnado, ao sentir que Ihe vem o sono, pode pedir a Deus Ihe seja permitido transportar-se a um lugar qualquer. Seu Espírito, ou sua alma, como quizeres, abandona então o corpo, acompanhado de uma parte do seu perispírito, e deixa a matéria imunda num estado próximo do da morte. Digo próximo do da morte, porque no corpo ficou um laço que liga o perispírito e a alma à matéria, laço este que não pode ser definido. O corpo aparece, então, no lugar desejado. Creio ser isto o que queres saber.”

**2ª Isso não nos dá a explicação da visibilidade e da tangibilidade do perispírito.** “Achando-se desprendido da matéria, conformemente ao grau de sua elevação, pode o Espírito tornar-se tangível à matéria.”

**3ª Será indispensável o sono do corpo, para que o Espírito**

**apareça noutros lugares?** “A alma pode dividir-se, quando se sinta atraída para lugar diferente daquele onde se acha seu corpo. Pode acontecer que o corpo não se ache adormecido, se bem seja isto muito raro; mas, em todo caso, não se encontrará num estado perfeitamente normal; será sempre um estado mais ou menos extático.”

**NOTA.** A alma não se divide, no sentido literal do termo: irradia-se para diversos lados e pode assim manifestar-se em muitos pontos, sem se haver fracionado. Dá-se o que se dá com a luz, que pode refletir-se simultaneamente em muitos espelhos.

**4ª Que sucederia se, estando o homem a dormir, enquanto seu Espírito se mostra noutra parte, alguém de súbito o despertasse?** “Isso não se verificaria, porque, se alguém tivesse a intenção de o despertar, o Espírito retornaria ao corpo, prevendo a intenção, porquanto o Espírito lê os pensamentos.”

**NOTA.** Explicação inteiramente idêntica nos deram, muitas vezes, Espíritos de pessoas mortas, ou vivas. Santo Afonso explica o fato da dupla presença, mas não a teoria da visibilidade e da tangibilidade.

### **Vespasiano**

**120.** Tácito refere um fato análogo: Durante os meses que Vespasiano passou em Alexandria, aguardando a volta dos ventos estivais e da estação em que o mar oferece segurança, muitos prodígios ocorreram, pelos quais se manifestaram a proteção do céu e o interesse que os deuses tomavam por aquele príncipe...

Esses prodígios redobraram o desejo, que Vespasiano alimentava, de visitar a sagrada morada do deus, para consultá-lo sobre as coisas do império. Ordenou que o templo se conservasse fechado para quem quer que fosse e, tendo nele entrado, estava todo atento ao que ia dizer o oráculo, quando percebeu, por detrás de si, um dos mais eminentes Egípcios, chamado Basílide, que ele sabia estar doente, em lugar distante muitos dias de Alexandria. Inquiriu dos sacerdotes se Basílide viera naquele dia ao templo; inquiriu

*dos transeuntes se o tinham visto na cidade; por fim, despachou alguns homens a cavalo, para saberem de Basílido e veio a certificar-se de que, no momento em que este lhe aparecera, estava a oitenta milhas de distância. Desde então, não mais duvidou de que tivesse sido sobrenatural a visão e o nome de Basílido lhe ficou valendo por um oráculo. (Tácito: Histórias, liv. IV, caps. LXXXI e LXXXII. Tradução de Burnouf.)*

**121.** *Tem, pois, dois corpos o indivíduo que se mostra simultaneamente em dois lugares diferentes. Mas, desses dois corpos, um somente é real, o outro é simples aparência. Pode-se dizer que o primeiro tem a vida orgânica e que o segundo tem a vida da alma. Ao despertar o indivíduo, os dois corpos se reúnem e a vida da alma volta ao corpo material. Não parece possível, pelo menos não conhecemos disso exemplo algum, e a razão, ao nosso ver, o demonstra, que, no estado de separação, possam os dois corpos gozar, simultaneamente e no mesmo grau, da vida ativa e inteligente. Demais, do que acabamos de dizer ressalta que o corpo real não poderia morrer, enquanto o corpo aparente se conservasse visível, porquanto a aproximação da morte sempre atrai o Espírito para o corpo, ainda que apenas por um instante. Daí resulta igualmente que o corpo aparente não poderia ser matado, porque não é orgânico, não é formado de carne e osso. Desapareceria, no momento em que o quisessem matar (1).*

*(1) Ver na Revue Spirite, janeiro de 1859: O Duende de Baiona; fevereiro de 1859: Os agêneres; meu amigo Hermann; maio de 1859: O laço que prende o Espírito ao corpo; novembro de 1859: A alma errante; janeiro de 1860: O Espírito de um lado e o corpo do outro; março de 1860: Estudos sobre o Espírito de pessoas vivas; o doutor V. e a senhorita I.; abril de 1860: O fabricante de São Petersburgo; aparições tangíveis; novembro de 1860: História de Maria Agreda; julho de 1861: Uma aparição providencial. (KARDEC, A. O Livro dos Médiuns, Capítulo VII, Da Bicorporeidade e da Transfiguração)*

## **29.2. Projeciologia**

A parapsicologia nos esclarece que este fenômeno é o Desdobramento, através de pesquisas projeciológicas e bioenergéticas, bem como trazemos um adendo ao estudo em pauta, conforme abaixo:

Fenômeno anímico que permite ao espírito libertar-se do corpo parcialmente e estar em outros lugares.

Este outro fenômeno relatado, trata-se comumente ao fenômeno do Desdobramento, ou até mesmo como entendem o da bilocação, ou projeção astral, ao qual referenciamos às passagens de II Coríntios 12:2, onde retrata o relato de Paulo sobre o desdobramento de um homem e a de Atos 6:12-15 referenciando a experiência de Estevão diante do Sinédrio.

No canal de TV Discovery, passou um programa Fator Desconhecido somente sobre viagens astrais. Destacando estudos de cientistas sérios realizando experimentos para se provar a sobrevivência da consciência fora do corpo.

Em um relato, um cientista estudando uma jovem desdobladora (chamada de Z), foi fixada uma placa em uma espécie de estante muito alta, onde só seria possível vê-la com uma escada. Esta placa possuía uma numeração. A jovem deitou-se no quarto, supervisionada pelo cientista. Após despertar, Z foi até o cientista e lhe ditou a numeração da placa. Ela disse que havia saído do corpo e flutuado até a altura da placa onde viu a numeração e memorizou.

Em outro caso, são realizadas pesquisas no IIPC (Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia) do Prof. Waldo Vieira em Foz do Iguaçu, onde uma imagem é buscada aleatoriamente em um computador ligado à internet em uma sala fechada e monitorada e os desdobradores ficam adormecidos em outra sala também monitorada. De 100 projetores, uns 4 conseguem dizer a imagem que viram no micro, nesta sala fechada através da projeção astral.



*A Experiência da Garota Z*

*A experimentação laboratorial tem início com o pesquisador Charles Theodore Tart, em 1966, nos Estados Unidos, quando realizou a primeira tentativa de retirar o fenômeno das EFC's do âmbito restrito dos experimentos individuais para o ambiente científico do laboratório, efetuando experiências com a jovem experimentadora até hoje conhecida apenas como Miss Z. Tratava-se uma jovem solteira, com aproximadamente 20 anos, inteligente e bastante interessada nos resultados da experiência. Difícil descrevê-la em termos psicológicos.*

*As observações informais de Tart ao longo de vários meses – sem dúvida, distorcidas pelo fato de que é difícil para alguém descrever a personalidade de um amigo de forma imparcial – resultam no quadro de uma pessoa que, em determinados aspectos, é bastante madura e sensível, e, em outros, tão atribulada psicologicamente quanto qualquer um de nós.*

*As experiências fora do corpo sempre ocorriam da mesma maneira: ela acordava uma ou duas vezes durante o sono noturno e se descobria flutuando próximo ao teto, com um percentual de lucidez próximo ao da vigília física ordinária, ou seja, como se estivesse completamente acordada. Essa condição durava até 30 segundos e frequentemente observava o corpo físico deitado na cama, então, retornava ao sono natural. O fenômeno ocorria várias vezes durante a semana e por toda a sua vida. Desde criança nunca notou qualquer coisa de estranho com relação a isso e concluiu que todas as pessoas tinham esse tipo de experiência durante o sono noturno, nunca mencionando o fato a quem quer que fosse.*

*Quando o fez, já durante a adolescência, notou que as demais pessoas achavam o fato no mínimo esquisito e parou de conversar a respeito. Até a data do experimento científico ela nunca havia lido qualquer coisa sobre o assunto. Ao tomar conhecimento de suas experiências, Tart lhe pediu que evitasse a leitura de qualquer livro ou texto sobre o assunto até o fim da experimentação, no que foi atendido. Vale ressaltar que Miss Z nunca havia feito qualquer tentativa de controlar suas EFC's, nem as tinha em grande conta. Tudo o que sabia era que, definitivamente, não eram sonhos.*

*O interesse de Tart no experimento se dividia em dois*

*aspectos: psicológico, estando possivelmente ligado ao sonho; e extrassensorial, uma vez que o fenômeno frequentemente parecia estar revestido de aspectos parapsicológicos. Miss Z foi colocada em um laboratório destinado a pesquisa de sono por quatro noites consecutivas, em um período de aproximadamente dois meses. O procedimento era essencialmente o mesmo em todas as noites: ela era conectada a um eletroencefalógrafo (aparelho que produz um gráfico das oscilações elétricas que resultam da atividade do cérebro), que estava ligado durante toda a noite. Os movimentos rápidos dos olhos – fase do sono em que se instalam movimentos rápidos, sincrônicos e involuntários dos globos oculares sob as pálpebras cerradas e que ocorrem durante os sonhos – também foram monitorados através de um eletrodo preso à sua pálpebra. A resistência basal cutânea (mede a resistência da pele quando em repouso absoluto), bem como a resposta galvânica (estímulos elétricos produzidos pelos nervos e músculos), a pressão sanguínea e os batimentos cardíacos também foram controlados.*

*O laboratório era composto por dois recintos, ambos com isolamento acústico. Havia um janelão entre eles, que foi coberto com uma cortina do tipo veneziana, para evitar que a claridade perturbasse o sono da experimentadora. Os polígrafos (aparelhos destinados ao recebimento e gravação de dados provenientes dos equipamentos ligados ao experimentador) estavam localizados no segundo recinto, e a porta mantida fechada. Um sistema de comunicação permitia que todos os ruídos provenientes da sala onde se encontrava Miss Z fossem escutados pelo controlador. Ela dormia em uma cama confortável, situada abaixo da janela de observação. Os fios dos eletrodos eram conectados a um cabo master que se prendia à uma caixa eletrônica logo acima de sua cabeça. Essa disposição permitia espaço suficiente para que ela se movesse sobre a cama sem que os eletrodos se desconectassem. Acima da janela de observação havia uma prateleira e, acima desta, um relógio preso à parede.*

*Em cada noite de experiência, depois que a experimentadora estava deitada e os equipamentos ligados funcionando satisfatoriamente, Tart se retirava para o seu escritório, no corredor, e, abrindo uma tabela de números aleatórios,*



*deixava cair uma moeda. Copiava os primeiros cinco dígitos logo acima do local onde a moeda caíra em um pequeno pedaço de papel com uma caneta preta. Os cinco dígitos constituíam o alvo parapsicológico para a noite. Eram colocados dentro de um envelope opaco e Tart entrava no recinto de Miss Z, colocando-o sobre a prateleira sem que ela o visse em nenhum momento. O alvo era perfeitamente visível para qualquer pessoa que estivesse flutuando próximo ao teto.*

*A experimentadora foi instruída a dormir e tentar ter uma EFC. Se isto ocorresse, deveria tentar acordar imediatamente após e informar ao controlador tudo a respeito, de forma que pudesse ser evidenciado no polígrafo o momento da ocorrência. Era também instruída para que, se por acaso flutuasse próximo ao teto, tentasse ler os números, acordasse e os repetisse. Nas três primeiras noites, apesar de o equipamento ter funcionado a contento medindo todos os estágios de seu sono, ela não conseguiu ter uma EFC dentro do laboratório. Na quarta e última noite, entretanto, Miss Z acordou às 6h04 e disse em voz alta que o número era 25132. E isto estava correto. Ela informou que despertou flutuando por sobre a cama, entre 5h50 e 6h, procurou ir mais alto para poder ler os números, depois tentou ir para o recinto do pesquisador e desligar o aparelho de ar condicionado, mas não conseguiu.*

*Ao cruzar as informações dos polígrafos com a hora em que ocorreu a EFC, Tart descobriu um padrão até então não descrito na literatura específica relativa ao estudo do sono. Havia uma mistura entre o primeiro estágio do sono natural e a vigília física ordinária, como se a experimentadora não estivesse nem acordada nem dormindo, e a total ausência de MRE ou movimento rápido dos olhos indicou que ela definitivamente não estava sonhando.*

*(<http://www.sytonia.com/textos/textossaude/textosregressao/viagemforadocorpo.htm>)<sup>[32]</sup>*

Vejamos agora, portanto a visão da ciência sobre este fenômeno da projecciologia:

**A CIÊNCIA PROJECCILOGIA: UMA VISÃO PANORÂMICA**

*Baseada em dados projetivos, a projeção da consciência é uma experiência autêntica que se realiza numa dimensão que não é a física. Os projetores conscientes são capazes de, temporariamente, abandonar as restrições do seu corpo físico e aceder a dimensões não-físicas, onde descobrem novas facetas sobre a natureza da consciência.*

***A EFC (Experiência Fora-do-Corpo) é completamente diferente do sonho (comum ou lúcido) e de outros estados alterados de consciência. Não é nem uma espécie de alucinação, nem uma criação da imaginação, nem um sonho ou devaneio.***

***A Projecciologia emprega o rigor da metodologia científica para direcionar as suas pesquisas sobre a Experiência Fora-do-Corpo, sobre as manifestações de bioenergia e sobre os fenômenos psíquicos.***

*Os antropólogos descobriram recentemente que 95% das culturas em todo o mundo acreditam numa espécie de experiência extracorpórea (Alcock & Otis). A Experiência Fora-do-Corpo é normalmente considerada um fenômeno universal, presente em todas as civilizações e descrita em muitos escritos filosóficos, religiosos e literários, ao longo da história humana. A pesquisa formal assim como a auto-experimentação no campo da Experiência Fora-do-Corpo e fenômenos correlatos, permitem uma compreensão mais vasta da nossa realidade como consciência. Por sermos capazes de deixar o corpo com lucidez, somos também capazes de encontrar respostas às perguntas fundamentais da vida, tais como “Quem sou eu?”, “O que é que faço aqui?”, “Há algo mais na vida do que a nossa experiência física?”, “A morte biológica é o fim da existência?”.*

*Os temas da pesquisa da Projecciologia englobam:*

- projeção da consciência e suas aplicações;*
- características dos corpos subtis;*
- dimensões não-físicas;*
- tipos de bioenergia e as suas aplicações;*
- fenômenos paranormais;*

- estados alterados da consciência;
- **interação entre dimensões e consciências físicas e não-físicas;**
- **técnicas para deixar o corpo físico com lucidez e rememoração consequente;**
- mecanismos que facilitam ou inibem a capacidade projetiva;
- fatores que otimizam a preparação das EFCs;
- tipos de Experiências Fora-do-Corpo;
- níveis de lucidez fora do corpo;
- sensações ligadas ao processo de deixar o corpo físico;
- relações entre a Projecciologia e as ciências convencionais.

*O dr. Scott Rogo, famoso parapsicólogo norte-americano, já se tem certeza de uma coisa: o desdobramento realmente existe: o corpo que viaja se mantém consciente, o que prova que a consciência não é produto exclusivo nem parte inseparável do corpo físico e, mais ainda, que sobrevive á morte. Veja em: Instituto Viagem Astral*

<http://www.espiritualismo.hostmach.com.br/biblio/bibliografia.htm> <sup>[33]</sup>

Podemos começar estudando um pouco mais sobre os sonhos para podermos entender qual o papel dos sonhos no AT e NT. Dentro destas pesquisas, citadas acima, vemos que não é absurdo afirmarmos que durante o sono o espírito se desloca do corpo e pode ter contato com “consciências físicas” e “consciências extrafísicas”, já que a palavra “espírito” causa grande reação.

Neste link, temos acesso a várias teses na Biblioteca de Teses da USP: Fenomenologia das experiências mediúnicas, perfil e psicopatologia de médiuns espíritas.

O Autor Alexandre Moreira de Almeida faz uma abordagem para definir o perfil sociodemográfico e a saúde mental em médiuns espíritas, bem como a fenomenologia e o histórico de suas experiências mediúnicas. Em seu método foram utilizados 115 médiuns em atividade, selecionados aleatoriamente de centros espíritas de São Paulo.

É uma Tese muito interessante e importante para que os fenômenos mediúnicos sejam abordados com a devida seriedade e não

como se fosse qualquer tipo de doença mental ou atribuída a “demônios”.

### **30. O Antigo Testamento, o Novo Testamento e os fenômenos mediúnicos**

Em muitas passagens do Antigo Testamento, a comunicação de um espírito superior era aceita e confundida como sendo uma comunicação direta do próprio lahvéh. A seguir estamos citando algumas das passagens mais representativas dos fenômenos ocorridos no Antigo Testamento, trazendo, juntamente, o tipo de mediunidade ou fenômeno estamos apresentando.

*Gn 6, 13: Noé dialoga com lahvéh, de quem recebe a incumbência de construir a arca. – Mediunidade de Audiência.*

*Gn 12: A história de Abraão, que trava um diálogo com lahvéh – Mediunidade de Audiência.*

*Gn 16,7-12: Diálogo entre Agar, escrava egípcia, mãe de Ismael, primogênito de Abraão com o anjo de lahvéh – Mediunidade de Vidência e Audiência*

*Gn 18,1-3: Abraão é visitado por três espíritos (anjos), que se apresentam como três homens e lhe anunciam o nascimento de seu filho Isaac – Fenômeno de Materialização.*

*Gn 22,11: Um anjo desce ao Monte Moriá e impede que Abraão sacrifique seu filho Isaac. – Mediunidade de Vidência e Audiência.*

*Gn 28,10-19: O sonho de Jacob, onde este vê uma escada atingindo o céu. Jacob muda o nome do lugar de Luza para Betel, que significa “Casa de lahvéh”. – Mediunidade Onírica.*

*Gn 32, 23-33: A luta de Jacob com um espírito materializado (anjo). Jacob nomeia o lugar “Peniel”, que significa “Face de lahvéh” – Fenômeno de Materialização*

*Gn 37,5-11: Os sonhos de José, filho de Jacob (Israel), despertando ciúmes em seus irmãos, que o venderam a uma*

*caravana como escravo. – Mediunidade Onírica.*

*Gn 41,1-32: Os sonhos do Faraó, interpretados por José. – Mediunidade Onírica.*

*Êx 3,1-22: A “Sarça Ardente” no Monte Horeb ou Sinai, que se queima em combustão espontânea. Moisés ouve a voz de Iahvéh, que sai de dentro da sarça. – Mediunidade de Efeito Físico (Pirogenia) e Voz Direta e Audiência.*

*Êx Cap 4: Diálogo entre Iahvéh e Moisés e o anjo de Iahvéh. – Mediunidade de Audiência.*

*Êx 7,1-16: Aarão é escolhido profeta (médium) de Moisés por Iahvéh. Moisés o designa de “incircunciso de lábios”.*

*Êx Caps 7 a 11: Diversos fenômenos realizados por Moisés, como a transformação do cajado em cobra, as sete pragas que assolam o Egito, a divisão do Mar Vermelho. – Mediunidade de Efeito Físico.*

*Êx 16: O surgimento do maná e das cordonizes. – Efeito Físico.*

*Êx 17, 6: A água que jorrou da rocha. – Efeito Físico.*

*Êx 31, 18: Escrita na pedra dos Dez Mandamentos. – Efeito Físico.*

*Nm 9,15-17: Uma nuvem cobre o tabernáculo e tem aparência de fogo. Foi presenciado por todos e provocado por um espírito para proteger os filhos de Israel. – Efeito Físico.*

*Nm 11,24-30: Moisés reúne os setenta anciãos em uma tenda e todos profetizaram e não mais pararam até o fim de suas vidas. – Mediunidade Psicofônica.*

*Nm 11,26-29: Um jovem vem até Moisés denunciando a Eldad e Melad, que profetizavam no campo e é repreendido por Moisés dizendo: “Tens tu ciúmes por mim? Quem dera que todo o povo do SENHOR fosse profeta, e que o SENHOR pusesse o seu espírito sobre ele!” – Mediunidade Psicofônica*

*Nota: Porque Moisés não proibiu as profecias dos dois jovens?*

*E ainda deseja que todos os outros profetas fossem como aqueles dois. Este fato nos demonstra que Moisés aprovava a mediunidade, pois sabia, que bem utilizada, era boa e proveitosa.*

*Nm 12,1-8: Aarão e Miriam contra Moisés por causa de seu casamento com uma mulher cusita. E Iahvéh os ouve e Ihes fala diretamente. – Fenômeno de Voz Direta.*

*Nm 20,6-11: Moisés fere a rocha com seu cajado e a água jorra. – Efeito Físico.*

*Nm 22,20: Iahvéh fala com Balaão. – Mediunidade de Audiência.*

*Nm 22,22-35: O anjo do Senhor fala a Balaão através de seu animal (mula) – Fenômeno de Voz Direta.*

*Dt 18,17-22: Iahvéh orienta a Moisés que escolherá um profeta como ele no meio do Hebreus, a quem ditará suas ordens. Moisés pergunta como saberá que Iahvéh fala por este profeta. Iahvéh responde: “Quando o profeta falar em nome do SENHOR, e essa palavra não se cumprir, nem suceder assim; esta é palavra que o SENHOR não falou; com soberba a falou aquele profeta; não tenhas temor dele”. E Acrescenta que este profeta morrerá. – Fenômeno da peneumatofonia.*

*Dt 34: É dito que, em Israel nunca mais se viu um profeta (médium) como Moisés, a quem Iahvéh falava por “voz direta”. Justifica-se este fato, por todos os prodígios realizados no Egito por intermédio de Moisés, além da mão forte e os feitos grandiosos e terríveis que ele realizou aos olhos de todo Israel.*

*Jz 6,11-23: Gedeão vê o anjo de Iahvéh e teme ser morto. Os dois mantêm uma conversação. – Fenômeno de Materialização.*

*Jz 13,3-5: A esposa de Manoá vê um anjo que Ihe anuncia que conceberá um filho e que este será nazireu de Iahvéh. – Fenômeno de Materialização.*

*Jz 13,9-22: Manoá e sua esposa conversam com o anjo do*

*Senhor no campo. – Fenômeno de Materialização.*

*I Sm 9,6: O companheiro de viagem diz a Saul: “Eis que há nesta cidade um homem de lahvéh, e homem honrado é; tudo quanto diz, sucede assim infalivelmente; vamo-nos agora lá; porventura nos mostrará o caminho que devemos seguir.” Esta passagem nos mostra que era hábito a consulta dos profetas, mas aqueles honrados e de lahvéh, para coisas materiais e vulgares, utilizando-os como adivinhos. Este fato ocorreu mesmo após a proibição de Moisés de se consultarem os adivinhos e ainda se pagou pela informação.*

*I Sm 9,17: Quando Samuel viu Saul, lahvéh lhe disse que era sobre este homem que havia falado anteriormente. – Mediunidade de Audiência.*

*I Sm 10,1-9: Samuel profetiza a Saul acontecimentos que se realizaram naquele mesmo dia. – Mediunidade de Profética.*

*I Sm 11,6: O espírito de lahvéh se apodera de Saul. – Mediunidade de Incorporação.*

*I Sm 12,18: Samuel invoca ao Senhor que responde com trovões e chuvas. – Efeito Físico.*

*I Sm 15,10-11: lahvéh fala diretamente com Samuel, dizendo-se arrependido de ter colocado Saul como Rei. – Fenômeno de Voz Direta.*

*I Sm 16,1-3: Samuel dialoga com lahvéh. – Fenômeno de Voz Direta.*

*I Sm 16,14-23: O espírito de lahvéh deixa a Saul e outro espírito mau o atormenta. – Obsessão.*

*Nota: “E sempre que o espírito de Deus acometia o rei, David tomava a harpa e tocava. Saul acalmava-se, sentia-se aliviado e o espírito mau o deixava.” Nesta passagem o espírito mau é tido como enviado de lahvéh. O que ocorre é que a permissão é dada ao mau espírito estar atormentando a Saul com fins de educá-lo, pois quando estava com lahvéh não soube agir corretamente. Notem que não se refere a nenhum demônio, mas simplesmente a um espírito mesmo. E ainda mais, os*

*homens ou servos de Saul sabiam que os espíritos podiam ser afastados através de recursos diversos, no caso, a música.*

*I Sm 28,7-19: Saul na casa da pitonisa de Endor dialogando com Samuel, já morto. Passagem polêmica, pois o próprio Saul tinha feito a proibição de se comunicar com os mortos. Que fique registrado que o episódio narrado é uma sessão mediúnica, mesmo contra a opinião dos opositores, posto que tudo que a pitonisa (Médium) viu e predisse ocorreu. Isto mostra a seriedade e legitimidade do Fenômeno Mediúnico ocorrido.*

*II Sm 2,1: Davi consulta a Iahvéh sobre o caminho a seguir e Iahvéh Ihe responde. – Fenômeno de Voz Direta.*

*II Sm 5,23: Davi consulta a Iahvéh sobre que estratégia tomar contra os Filisteus e Iahvéh Ihe responde. – Fenômeno de Voz Direta.*

*II Sm 6,7: Iahvéh mata a Uzá por tocar na Arca da Aliança.*

*II Sm 7, 4-17: Iahvéh fala com Natã, orientando que Davi construa uma morada definitiva para ele. – Fenômeno de Voz Direta.*

*II Sm 12 1-15: Natã é enviado por Iahvéh a repreender David, que tinha se deitado com a Mulher de Urias, o heteu. Natã é usado como mediano entre Iahvéh e Davi.*

*I Rs 9,1-9: Uma aparição de Iahvéh ao Rei Salomão, após a construção do Templo. – Fenômeno de Materialização.*

*I Rs 11,29-33: Encontro de Jeroboão com Aias, o profeta que prediz a sua subida como rei das dez tribos do norte. – Mediunidade Profética.*

*I Rs 12,1-15: O Rei Salomão tem um sonho, no qual dialoga com Iahvéh, solicitando discernimento para ouvir e julgar. – Mediunidade Onírica.*

*I Rs 13,1-10: Condenação do altar de Betel, por um homem enviado de Deus, que realiza a quebra do altar na presença do Rei Jeroboão. – Fenômeno Mediúnico.*



*I Rs 13,20-22: Deus fala através de outro profeta ao homem que tinha quebrado o altar de Betel, que este desobedeceu as suas ordens e morrerá. – Fenômeno Mediúnico.*

*I Rs 17,3: O Senhor fala com Elias diretamente – Fenômeno de Voz Direta.*

*I Rs 18,38: O fogo que se espalha e consome tudo. – Efeito Físico (Pirogenia).*

*I Rs 19,5-7: A aparição do anjo que aconselha Elias a se alimentar e seguir caminho. – Fenômeno de Materialização.*

*I Rs 19,11-13: Elias vê a terra fender-se, sente um vento forte e ouve uma voz. – Efeito Físico.*

*II Rs 1,9-15: Elias provoca um incêndio contra os mensageiros de Acazias, rei de Samaria. – Efeito Físico (Pirogenia).*

*II Rs 2, 8: Elias divide as águas do rio Jordão, após bater com seu manto e atravessa o rio enxuto. – Efeito Físico.*

*II Rs 2,11: Elias é separado de Eliseu por um carro de fogo, com cavalos de fogo, e Elias sobe num redemoinho. – Efeito Físico.*

*II Rs 5,8-14: A cura de Naamã, chefe do rei de Aram, que após mergulhar nas águas do rio Jordão, fica livre da lepra. Eliseu recusa o presente de Naamã, dando o exemplo de que não se cobra pelo trabalho mediúnico e pune o servo Giezi por tentar receber o presente que não era seu direito. – Mediunidade de Cura.*

*II Rs 6,15-17: Elizeu encontra o macho perdido nas águas do rio. – Efeito Físico.*

*II Rs 8,7-15: Elizeu prevê a morte do rei de aram, Bem-adad, e a sua sucessão por Hazael, seu servo. – Mediunidade de Profética.*

*Jó 4,15-16: Jó cita um espírito que passa e causa uma sensação de arrepio, sem no entanto mostrar sua face. Depois de um período de silêncio ele escuta a sua voz. – Mediunidade de Audiência.*

*Ez 2,1-2: Ezequiel descreve todas as sensações de um médium em transe mediúnicos, evidenciando da sua mediunidade de vários tipos: vidência, audiência, psicofonia e desdobramento.*

*Ez 8: Ezequiel descreve o acontecimento de sua visão de um espírito com se feito de fogo e seu transporte à Jerusalém. – Mediunidade de Vidência e Desdobramento.*

*Dn 3,25-28: Um anjo salva Sadraque, Mesaque e Abednego da fornalha, à qual foram atirados atados, e não se queimaram. – Efeito Físico.*

*Dn 4,19-24: Daniel interpreta um sonho do rei Nabucodonosor e prediz a queda do rei para sete anos, o que de fato ocorreu. – Mediunidade de Profética (Daniel) e Onírica (Nabucodonosor).*

*Dn 6,22: Um anjo é enviado para fechar as bocas dos leões, para não fazerem mal nenhum a Daniel. – Fenômeno de Materialização.*

*Dn 7: Daniel descreve suas visões dos animais, do Ancião e a visão do filho do Homem, a do carneiro e do bode. – Mediunidade de Vidência.*

*Dn 8: Daniel tem novas visões e um vulto à semelhança de homem lhe aparece e as explica em voz alta. – Mediunidade de Vidência e Audiência.*

*Dn 9,20-27: Gabriel se comunica com Daniel durante sua oração, instruindo-o sobre suas visões. – Mediunidade de Vidência e Audiência.*

*Dn 10,5-14: Daniel vê um homem e o descreve, porém, somente ele o vê. Esse homem lhe fala. – Mediunidade de Vidência e Audiência.*

Da mesma maneira como na Primeira Parte, citaremos as passagens mais representativas, no Novo Testamento, dos fenômenos e o tipo de mediunidade ou fenômeno mediúnicos.

*Mt 1,20-23: Um anjo anuncia, através de um sonho de Maria, o nascimento de Jesus. – Mediunidade Onírica.*

*Mt 2, 3: Um anjo aconselha a José a fuga para o Egito, em sonho. – Mediunidade Onírica.*

*Mt 2,19-20: Um anjo anuncia a morte de Herodes a José, em sonho, e que eles poderia retornar a Israel. – Mediunidade Onírica.*

*Mt 4,11: Um anjo serve a Jesus após a tentação no deserto. – Fenômeno de Materialização.*

*Mt 28,2: Um anjo remove a pedra do sepulcro de Jesus e é visto por Madalena. – Fenômeno de Materialização e Efeito Físico.*

*Lc 11,21: Um anjo aparece a Zacarias e anuncia que este terá um filho. – Fenômeno de Materialização.*

*Lc 9, 14: Um anjo anuncia aos pastores o nascimento de Jesus. – Fenômeno de Materialização.*

*Lc 22,43: Um anjo conforta Jesus em sua agonia no Horto da Oliveiras. – Fenômeno de Materialização.*

*Jo 5,4: O anjo que agitava as águas do tanque de Betesda e que tornava as águas curativas. – Fenômeno de Efeito Físico.*

*At 3,6-8: Pedro cura um coxo na entrada do Templo. – Mediunidade de Cura.*

*At 6, 8-10: Estevão realiza vários prodígios e falava e um espírito o inspirava. – Mediunidade Psicofônica e de Cura.*

*At 8, 6-8: Felipe falava à multidão e muitos espíritos eram afastados. – Doutrinação de Espíritos.*

*At 8,26-30: Um anjo (que em seguida é denominado Espírito) fala a Felipe que fosse para Gaza, onde encontra um eunuco lendo as escrituras e este lhe roga que as explique. – Mediunidade de Audiência.*

*At 8,39-40: Um espírito arrebatou Felipe da presença do eunuco. – Fenômeno de Efeito Físico.*

*At 9,3-8: Jesus aparece a Saulo nas portas de Damasco e lhe*

*fala, deixando-o cego. – Fenômeno de Materialização.*

*At 9,32-35: Pedro cura um paralítico em Lida chamado Enéas. – Mediunidade de Cura.*

*At 9,36-42: Pedro ressuscita Tabita. – Mediunidade de Cura.*

*At 10,3: A visão do Centurião Cornélio. – Mediunidade de Vidência.*

*At 10,11-16: A visão de Pedro do vaso que descia do céu com alimentos. – Mediunidade de Vidência e Fenômeno de Voz Direta.*

*At 10,44-48: Pedro falava aos gentios e pagãos quando o Espírito caiu sobre todos que ouviam. – Mediunidade Auditiva.*

*At 11, 2: Um espírito orienta a Pedro que fosse a Cesárea. – Mediunidade de Audiência.*

*At 11,28: Ágabo, influenciado pelo espírito prediz uma grande seca, que de fato ocorreu no Reinado de Cláudio. – Mediunidade Profética.*

*At 12,1-12: Pedro é solto da prisão por um espírito (anjo) materializado. – Fenômeno de Materialização.*

*At 13,2: O espírito orienta Barnabé e Paulo para a obra que lhes estava destinada. – Mediunidade de Audiência.*

*At 13,6-12: Paulo recebe a ação de um espírito superior e provoca uma cegueira temporária no falso médium Elimas. – Magnetismo.*

*At 16,6-10: Paulo é proibido pelo espírito de pregar o Evangelho, na Ásia e tem a visão do macedônio que pede auxílio para a Macedônia. – Mediunidade de Vidência e Auditiva.*

*At 16,16-18: Paulo retira o espírito de Pitão que estava na jovem escrava, que fazia muitas adivinhações. – Magnetismo.*

*At 19, 6: Paulo impõe as mãos ao que foram batizados, este falavam outras línguas e profetizavam. – Fenômeno de*

### *Xenoglossia e Mediunidade Profética.*

*At 19,13-16: Os judeus tentam expulsar espíritos e não obtém êxito. Os espíritos lhe abominam e causam-lhes danos. Dizem que conhecem Paulo e Jesus, mas não os conhecem. – Demonstração de que é preciso ter moral elevado para afastar os espíritos.*

*At 21,4: O espírito orienta Paulo que não vá a Jerusalém, através de seus discípulos em Tiro. – Mediunidade Psicofônica.*

Nos eximimos de citar os fenômenos realizados por Jesus por entendermos que, por terem sido realizados por Ele, que reunia em si todos os tipos de mediunidade e de capacidades de realizar todos os fenômenos, deveríamos nos restringir aos fatos que envolviam pessoas comuns, como os apóstolos acima citados, que traziam em si, cada um deles, uma capacidade mediúnica diferenciada.

### **31. Considerações Finais**

Diante de tantos exemplos de Fenômenos Mediúnicos citas acima, não há como se manter a ideia de que tais fatos não ocorreram. Poderemos, no máximo, dar interpretações independentes aos acontecimentos e palavras das passagens estudadas.

Ressaltamos o fato de que tais ocorrências estão de acordo com as Leis da Natureza, pois se assim não o fosse, não teriam acontecido nenhum destes fatos narrados na Bíblia. “Não se vendem dois passarinhos por um ceitil? e nenhum deles cairá em terra sem a vontade de vosso Pai. E até mesmo os cabelos da vossa cabeça estão todos contados” (Mt, 10:29-30). E tais fatos aconteceram por vontade do Pai, e por motivos que somente Ele pode compreender.

Atualmente estamos na lida evangélica em busca deste entendimento, que apesar de ainda elevado demais para o nosso discernimento, já se revela em alguns pontos, de algumas formas sutis. E, sendo assim, contamos com a Doutrina Espírita a nos auxiliar nesta

busca pela verdade, estudando, esmiuçando todos e quaisquer fenômenos, descritos onde estiverem, em livros científicos, filosóficos, religiosos, onde for. O nosso maior interesse é o de aprender mais sobre esta maravilhosa cadeia de eventos que é o Universo. E contamos com os bons espíritos, com a orientação de Jesus para tal intento. Assim: “(...) *O Evangelho, (...) não é o livro de um povo apenas, mas o Código de Princípios Morais do Universo, adaptável a todas as pátrias, (...) porque representa, (...) a carta de conduta para a ascensão da consciência à imortalidade, na revelação da qual Nosso Senhor Jesus Cristo empregou a mediunidade sublime como agente de luz eterna, exaltando a vida e aniquilando a morte, abolindo o mal e glorificando o bem (...)*”. (XAVIER, Francisco Cândido. *Jesus e mediunidade. Mecanismos da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994. Pág. 188.)

## 32. Quem realmente é Satanás e quem são os demônios?

*“A fé necessita de uma base, e essa base é a perfeita compreensão daquilo em que se deve crer. Para crer, não basta ver, é necessário compreender.” (Allan Kardec)*

Primeiramente é preciso definir o que de fato os hebreus foram influenciados para se chegar à crença em satanás. Sabemos que satanás é mencionado 15 vezes no velho testamento e 98 vezes no novo testamento. Sabemos ainda que Eva foi tentada pela serpente, mas que ela não representava a figura de satanás, assim como definimos no nosso texto em parceria com Paulo Neto, “A serpente é *satanás?*”, mas recorreremos o que lá expusemos, na obra *A Gênese*.

*A palavra **nâhâsch** existia antes na língua egípcia, com o significado de negro, provavelmente porque os negros tinham o dom do encantamento e da adivinhação. Foi talvez por isso também que as esfinges, de origem assíria, eram representadas com a figura de um negro.*

*Não foi senão na versão dos Setenta – que, segundo Hutcherson, corromperam o texto hebreu em muitos lugares, - escrita em grego no segundo século antes da era cristã, que a palavra **nâhâsch** foi traduzida para serpente. As inexactidões dessa versão, sem dúvida, prendem-se às modificações que a língua hebraica sofrera no intervalo; porque o hebreu do tempo de Moisés era então uma língua morta, que diferia do hebreu vulgar, tanto quanto o grego antigo e o árabe literário diferem do grego e do árabe modernos. (KARDEC,1993, p. 219) (grifo nosso).*

Diante do exposto, percebemos que a serpente não tem nenhuma relação com a serpente e que os primeiros registros do surgimento de satanás estão no livro de I Cr 21:1 e também em Jó em 538 a.C. que ele decorria de influência do zoroastrismo, religião persa que foi assimilada por muitos os hebreus enquanto estiveram sob domínio persa, ao qual citamos a obra “*Analisando as Traduções Bíblicas*” do professor Severino Celestino.

## **Satanás**

*Satanás é uma figura muito controvertida na Bíblia. A palavra ‘Satã’ significa acusador. Aparece, pela primeira vez no livro de Jó, sendo como um promotor celestial. A sua intimidade com Deus e o direito de entrar no “Céu”, de ir e vir livremente e dialogar com Ele, torna-o uma figura de muito destaque. Veja o livro de Jó 1:6 “Um dia em que os filhos de Deus se apresentaram diante do Senhor, veio também Satanás entre eles”.*

*O livro de Jó foi escrito depois do Exílio Babilônico. Sabemos que o povo judeu, tendo retornado a Israel com a permissão de Ciro, rei persa, no ano de 538 a.C., assimilou muitos costumes dos persas. Isso ocorreu devido à simpatia e apoio que receberam do rei, que inclusive permitiu a construção do Segundo Templo judaico e ainda devolveu muitos de seus tesouros, que haviam sido roubados. A religião dos persas, o Zoroastrismo, influenciou sobremaneira o judaísmo.*

*No Zoroastrismo, existe o Deus supremo “Ahura-Mazda” que sofre a oposição de uma outra força poderosa, conhecida como “Angra Mainyu, ou Ahriman”, “o espírito mau”. Desde o começo da existência, esses dois espíritos antagonísticos têm-se combatido mutuamente. O Zoroastrismo foi uma das mais antigas religiões a ensinar o triunfo final do bem sobre o mal. No fim, haverá punição para os maus, e recompensa para os bons.*

*E foi do Zoroastrismo que os judeus aprenderam a crença em um “Ahriman”, um diabo pessoal, que, em hebraico, eles chamaram de “Satanás”. Por isso, o seu aparecimento na Bíblia só ocorre no livro de Jó e nos outros livros escritos após o exílio Babilônico, do ano de 538 a.C. para cá. Nestes livros, já aparece a influência do Zoroastrismo persa. Observe ainda que a tentação de Adão e Eva é feita pela serpente e não por Satanás, demonstrando assim, que o escritor do Gênesis não conhecia Satanás. Os sábios judaicos interpretando o Eclesiastes 10:11, afirmam (**Pirkei de Rabi Eliezer 13**), que na verdade, a cobra que seduziu Adão e Eva era o Anjo Samael que apareceu na terra sob forma de serpente. E que*



*Ele é conhecido como o “dono da língua”. O Anjo Samael, que apareceu sob a forma de serpente, usou sua língua, e este poder pode ser usado somente para dominar o sábio. Ele não pode prevalecer sobre um ignorante.*

*Uma outra observação interessante é que o livro de Samuel foi escrito antes da influência persa no ano de 622 a.C. e, no II livro de Samuel em seu capítulo 24:1, você lê com relação ao Recenseamento de Israel o seguinte: **“A cólera de IAHVÉH se inflamou novamente contra Israel e excitou David contra eles, dizendo-lhe; Vai recensear Israel e Judá”**. Agora veja esta mesma passagem no I livro das Crônicas, que foi escrito no começo do ano 300 a.C., portanto, já sob a influência do Zoroastrismo persa com o já conhecimento de **“Ahriman”, – “Satanás”**. No capítulo 21:1 desse livro, está escrito: Recenseamento: **“e levantou-se Satã contra Israel, e excitou David a fazer o recenseamento de Israel”**. Portanto, o que era **IAHVÉH** no livro de Samuel aparece agora no livro das Crônicas como **SATANÁS**. (Confira em sua Bíblia).*

*Assim, está evidenciado que Satanás não é um conceito original da Bíblia, e sim, introduzido nela, a partir do Zoroastrismo Persa. Passa a existir a partir daí, **“uma lenda”** entre o povo judeu de que Satanás é considerado como o rei dos demônios, que se rebelara contra Deus sendo expulso do céu. Ao exilar-se do céu, levou consigo uma hoste de anjos caídos, e tornou-se seu líder. A rebelião começou quando ele, Satanás, o maior dos anjos, com o dobro de asas, recusou prestar homenagem a Adão. Afirmam ainda que esteve por trás do pecado de Adão e Eva, no Jardim do Éden, 4 mantendo relação sexual com Eva, sendo portanto, pai de Caim. Ajudou Noé a embriagar-se com vinho e tentou persuadir Abraão a não obedecer a deus no episódio do sacrifício do seu filho Isaac. Muitas pessoas acreditam no poder de Satanás e até o enaltecem em suas igrejas, razão pela qual, acharmos que seriam fechadas muitas igrejas se os seus dirigentes deixassem de acreditar em Satanás. (SILVA, 2001, p. 277-283) (grifo nosso).*

Percebemos que o termo satã nada mais é do que adversário e podemos identificá-lo na passagem em que Jó é tentado, ou provado

por ele, vejamos:

*Jó 1,6-12: “Certa vez, foram os filhos de Deus apresentar-se ao Senhor; entre eles veio também Satanás. O Senhor, então, disse a Satanás: ‘Donde vens?’ –‘Dei umas voltas pela terra, andando a esmo’, respondeu ele. O Senhor lhe disse: ‘Reparastes no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, teme a Deus e se agasta do mal’. Satanás respondeu ao Senhor: ‘Mas será por nada que Jó teme a Deus? Porventura não levantaste um muro de proteção ao redor dele, de sua casa e de todos os seus bens? Abençoastes seus empreendimentos e seus rebanhos cobrem toda a região. Mas estende a mão e toca em todos os seus bens: eu te garanto que te lançará maldições em rosto!’ Então o Senhor disse a Satanás: ‘Pois bem, tudo o que ele possui, eu o deixo em teu poder, mas não estendas a mão contra ele!’ Mas Satanás saiu da presença do Senhor”.*

Já que satã é uma lenda persa, incutida na cultura hebreia através do convívio com a cultura persa, onde se encontraria a base da ideia dos anjos caídos que é defendido por muitos cristãos? Vemos que no livro de 2ª Pedro e Isaías encontramos a evidência. Analisaremos agora a tradução em Isaías 14 e II Pedro 1,19 e ver onde se encaixa o termo Lúcifer, verificando o seu real significado. Vejamos:

**2 Pe 1,19** Et habemus firmiorem propheticum sermonem: cui benefacitis attendentes quasi lucernæ lucenti in caliginoso loco donec dies elucescat, et **lucifer** oriatur in cordibus vestris: (VULGATA LATINA, p. 1487)

**2 Pe 1,19** Assim demos ainda maior crédito à palavra dos profetas, à qual fazeis bem em atender, como a uma lâmpada que brilha em um lugar tenebroso até que desponte o dia e a **estrela da manhã** se levante em vossos corações.

Percebemos que no texto de 2ª Pedro apresentado não se trata de um ser que caiu, ou como queiram muitos crer neste dogma, já que quando Pedro diz que “**estrela da manhã** se levante em vossos corações”, não poderia ele induzir que satanás, ou Lúcifer deveria crescer nos corações dos primeiros cristãos. Vemos que no livro de

Isaías encontramos a evidência, vejamos:

**Is 14,12-15** Quomodo cecidisti de cælo, **Lucifer**, qui mane oriebaris? corruisti in terram, qui vulnerabas gentes? Qui dicebas in corde tuo: In cælum conscendam, super astra Dei exaltabo solium meum; sedebo in monte testamenti, in lateribus aquilonis; ascendam super altitudinem nubium, similis ero Altissimo? Verumtamen ad infernum detraheris, in profundum lacu. (VULGATA LATINA, p. 849)

*Is 14,12-15: “Como caíste do céu, ó estrela d’alva, filho da aurora! Como foste atirado à terra, vencedor das nações! E, no entanto, dizias no teu coração: ‘Subirei até o céu, acima das estrelas de Deus colocarei o meu trono, estabelecer-me-ei na montanha da Assembleia, nos confins do norte. Subirei acima das nuvens, tornar-me-ei semelhante ao Altíssimo’. E, contudo, foste precipitado ao Xeol, nas profundezas do abismo”.*

Satã não é Lúcifer mencionado em Is 14,12, pois Isaías se referia ao Rei da Babilônia, já que a narrativa da passagem se inicia no capítulo treze, que assim diz: **“Sentença que, numa visão, recebeu Isaías, filho de Amós, contra a Babilônia”**. (Is 13,1). Sentença que se proferia contra a Babilônia e não a um anjo que, inclusive, já houvera caído, segundo os que se apegam à letra que mata. Ele, satã, não é um anjo que se revoltou contra o Senhor. Ele é apenas um acusador, ou seja, um dos “olhos” do Senhor, que anda pela Terra e comparece perante o Senhor para acusar os faltosos e não para se opor contra Javé.

Analisando, dentro da concepção judaica, lemos:

*Yeshayahu (Isaías) 14:12 – “ekh nafaleta mi.shamaím neyel ben-shachar nigda’eta la’aretz cholesh ‘al-goyim.” –*

*– “que! Tombada dos céus, astro filho da conjuração. Tu ejetado para a terra, ó vencedor de nações!*

O termo – neyel ben-shachar – também pode significar – brilhante filho da Aurora ou Alva. Na LXX reza “heosforos = aquele que traz a Aurora”; já Vulgata (Latim) é traduzido por

“Lucifer = portador da Luz”, ou seja aquele que porta a claridade, mas que não a possui. Na mitologia de Ugarit é associado a “deidade Attar”, concorrente de Ba'al.

No Oriente Antigo, era comum a observação dos astros e estrelas, e este texto faz alusão ao planeta Vênus, que na época era confundido com mais uma estrela (talvez por falta dos instrumentos modernos), assim o identificavam, porém a TaNaKh nos revelava que se tratava de uma “Falsa Estrela”; pois uma estrela possui luz própria; enquanto Vênus reflete a Luz do Sol, assim como a Lua, é o espelho do Sol e também traz claridade a Noite. <sup>[28]</sup>

No livro de Ezequiel, existe também a alusão da queda de um querubim, ao qual transcrevemos abaixo:

*Ez 28:11-19 Veio a mim a palavra do SENHOR, dizendo: Filho do homem, levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro, e dize-lhe: Assim diz o Senhor DEUS: Tu eras o selo da medida, cheio de sabedoria e perfeito em formosura. Estiveste no Éden, jardim de Deus; de toda a pedra preciosa era a tua cobertura: sardônica, topázio, diamante, turquesa, ônix, jaspe, safira, carbúnculo, esmeralda e ouro; em ti se faziam os teus tambores e os teus pífaros; no dia em que foste criado foram preparados. Tu eras o querubim, ungido para cobrir, e te estabeleci; no monte santo de Deus estavas, no meio das pedras afogueadas andavas. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti. Na multiplicação do teu comércio encheram o teu interior de violência, e pecaste; por isso te lancei, profanado, do monte de Deus, e te fiz perecer, ó querubim cobridor, do meio das pedras afogueadas. Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei, diante dos reis te pus, para que olhem para ti. Pela multidão das tuas iniquidades, pela injustiça do teu comércio profanaste os teus santuários; eu, pois, fiz sair do meio de ti um fogo, que te consumiu e te tornei em cinza sobre a terra, aos olhos de todos os que te veem. Todos os que te conhecem entre os povos estão espantados de ti; em grande espanto te tornaste, e nunca mais subsistirá.*

É importante frisar que o profeta está predizendo a queda do rei Tiro, assim como lemos “*levanta uma lamentação sobre o rei de Tiro*”. Embora alguns isolem os versos 13 e 14 e aludem também a um querubim, ou Lúcifer (satã), igualmente em Isaías 14. Contudo, o verso 12 anterior é importante ser citado e testificado que a profecia se refere ao rei Tiro, sua soberba e futura queda.

Na passagem no da predição de Jesus do seu suplício com os apóstolos, há uma citação interessante, ao qual vemos:

*Mt 16,21-23: “E Jesus começou a mostrar aos seus discípulos que devia ir a Jerusalém, e sofrer muito da parte dos anciãos, dos chefes dos sacerdotes e dos doutores da Lei, e que devia ser morto e ressuscitar ao terceiro dia. Então Pedro levou Jesus para um lado, e o repreendeu, dizendo: ‘Deus não permita tal coisa, Senhor! Que isso nunca te aconteça!’ Jesus, porém, voltou-se para Pedro, e disse: ‘Fique longe de mim, Satanás! Você é uma pedra de tropeço para mim, porque não pensa as coisas de Deus, mas as coisas dos homens!’”.*

Longo depois de Pedro fazer a revelação aos demais discípulos que Jesus era o filho de Deus, Jesus predisse o seu martírio e Pedro o interpelou dizendo que interferiria para que isso não ocorresse, mas Jesus o chama de satanás. Muito estranho Pedro através do espírito santo revelou que Jesus era o filho de Deus vivo e logo após era satanás. Fácil à explicação, pois Jesus se referia à ideia adversária que Pedro se opôs ao que deveria acontecer com Jesus, para que as escrituras pudessem se cumprir. Mediante o esclarecimento da origem da crença em satã, passemos adiante para a definição dos demônios e a sua origem.

A denominação demônio ocorre 102 vezes no novo testamento e não há registros no velho testamento e por que. Pelo simples fato da influência grega no novo testamento, onde os demônios, não passam de *daimons* em grego que podem significar gênio bom e gênio mal. Nas traduções gregas do novo testamento, tomou-se o sentido negativo da palavra para gênios maus. Encontramos na obra “*O Livro dos Espíritos*”, onde Kardec questiona como devemos entender o que são os demônios.

**131 Há demônios, no sentido que se dá a essa palavra? –** *Se houvesse demônios, seriam obra de Deus. Deus seria justo e bom por ter feito seres eternamente devotados ao mal e eternamente infelizes? Se há demônios, é no vosso mundo inferior e em outros semelhantes ao vosso. Demônios são esses homens hipócritas que fazem de um Deus justo um Deus mau e vingativo e acreditam que Lhe agradam pelas abominações que cometem em Seu nome.*

☼ *A palavra demônio nos dias atuais significa e nos dá ideia de mau Espírito, porém a palavra grega daimôn, de onde se origina, significa gênio, inteligência, e se emprega para designar seres incorpóreos, bons ou maus, sem distinção.*

*Os demônios, conforme o significado comum da palavra, supõem seres malvados por natureza, na sua essência. Seriam, como todas as coisas, criação de Deus. Assim sendo, Deus, soberanamente justo e bom, não pode ter criado seres predispostos, por sua natureza, ao mal e condenados por toda a eternidade. Se não fossem obra de Deus, seriam, forçosamente, como ele, de toda a eternidade, ou então haveria muitos poderes soberanos.*

*A primeira condição de toda doutrina é a de ser lógica. A doutrina dos demônios, cuidadosa e severamente analisada, peca por essa base essencial. Pode-se compreendê-la na crença dos povos atrasados que, por não conhecerem os atributos de Deus, creem em divindades maldosas e em demônios. Mas, para todo aquele que faz da bondade de Deus um atributo por excelência, é ilógico e contraditório supor que Deus pudesse criar seres voltados ao mal e destinados a praticá-lo perpetuamente, porque isso é negar Sua bondade. Os partidários do demônio se apoiam nas palavras do Cristo. E com toda certeza não contestaremos aqui a autoridade de Seu ensinamento, que gostaríamos de ver mais no coração do que na boca dos homens. Mas os partidários dessa ideia estarão certos do significado que o Cristo dava à palavra demônio? Já não sabemos que a forma alegórica é a maneira usual de Sua linguagem? Tudo que é dito no Evangelho deve ser tomado ao pé da letra? Não precisamos de outra prova mais evidente além desta passagem:*

*“Logo após esses dias de aflição, o Sol se escurecerá e a Lua não mais iluminará, as estrelas cairão do céu e as forças do céu serão abaladas. Eu vos digo em verdade que esta geração não passará sem que todas essas coisas sejam cumpridas.”*

*Não vimos a forma do texto bíblico ser contestada pela ciência no que se refere à Criação e ao movimento da Terra? Não se dará o mesmo com certas figuras empregadas pelo Cristo, tendo que falar em conformidade com os tempos e os lugares? O Cristo não poderia dizer, conscientemente, uma falsidade; se, então, em suas palavras há coisas que parecem chocar a razão, é porque não as compreendemos ou as interpretamos mal.*

*Os homens fizeram com os demônios o que fizeram com os anjos. Da mesma forma que acreditaram na existência de seres perfeitos desde toda a eternidade, tomaram também por comparação os Espíritos inferiores como seres perpetuamente maus. Pela palavra demônio devem-se entender Espíritos impuros que, muitas vezes, não são nada melhores do que o nome já diz, mas com a diferença de que seu estado é apenas transitório. Esses são os Espíritos imperfeitos que se revoltam contra as provas que sofrem e, por isso, as sofrem por um tempo mais longo; porém, chegarão a se libertar e sair dessa situação quando tiverem vontade. Podemos, portanto, compreender a palavra demônio com essa restrição. Mas, como se entende agora, com um sentido peculiar e muito próprio, ela induziria ao erro, fazendo acreditar na existência de seres especialmente criados para o mal.*

*Com relação a Satanás, é evidentemente a personificação do mal sob uma forma alegórica, porque não se poderia admitir um ser mau lutando em igualdade de poder com a Divindade e cuja única preocupação seria a de contrariar seus designios. Como o homem precisa de figuras e imagens para impressionar sua imaginação, o próprio homem pintou seres incorpóreos sob uma forma material, com os atributos que lembram as qualidades e os defeitos humanos. É assim que os antigos, querendo personificar o Tempo, pintaram-no na figura de um velho com uma foice e uma ampulheta. A figura de um jovem para essa alegoria seria um contrassenso.*

*Ocorre o mesmo com as alegorias da fortuna, da verdade, etc. Modernamente os anjos ou Espíritos puros são representados numa figura radiosa, com asas brancas, símbolo da pureza; Satanás com chifres, garras e os atributos da animalidade, emblema das paixões inferiores. O povo, que toma as coisas ao pé da letra, viu nesses emblemas individualidades reais, como antigamente viu Saturno na alegoria do Tempo. (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Segunda, Mundo Espírita ou dos espíritos, Capítulo 1, dos Espíritos).*

Como já explanado, em vez de usar a palavra tentação ou tentador, se use provação, mas se existe algum princípio gerador de divisão, pois esta é a tradução da palavra Diabo, este princípio só pode ser ideológico. A explicação que daremos parte deste evangelho espiritual de João. (Jo 17,15). “Ho ponêros” (o perverso) é denominação que indica sua maldade intrínseca e o apresenta como inspirador do “modo de agir perverso” próprio do mundo (Jo 7,7, cf Jo 3,20).

Em João aparece com o termo diabolos três vezes: a primeira, nos lábios de Jesus, aplicado a Judas Iscariotes (Jo 6,70); a segunda, na qualidade de “pai” dos dirigentes judeus (Jo 8,44), do que estes aprendem o homicídio e a mentira (Jo 8,40.55); a terceira como instigador da traição de Judas (Jo 13,2). Ter por pai o Inimigo opõe-se a “ter por Pai a Deus” e implica agir de modo contrário ao desígnio divino. Uma vez que “ter por Pai a Deus” opõe-se, por sua vez, a “ser filho da prostituição” (Jo 8,41b), que significa a idolatria, a acusação da Jesus aos dirigentes de ter pai distinto de Deus equivale a chamá-los de idólatras. Este pai-ídolo é o Inimigo (ho diabolos, Satanás).

A acusação de idolatria estava implícita na primeira denúncia que Jesus fez no templo: os dirigentes transformaram a cada do Pai em casa de negócios (Jo 2,16): o Deus que suplantou o Deus de Israel é a ambição de riquezas. João identifica assim o Inimigo homicida e embusteiro com o dinheiro: o templo é idólatrico porque nele se dá culto ao dinheiro. É o tesouro (Jo 8,20) o verdadeiro santuário do templo, onde se aloja o deus e pai dos dirigentes, o inimigo, homicida e embusteiro agente da mentira e da morte. A afirmação de Jesus de que Judas é inimigo, significa, portanto, que o princípio inspirador de sua conduta é o interesse econômico (Jo 12,6: era ladrão) que o leva à



mentira (Jo 12,5: não porque lhe importassem os pobres) e o homicídio (Jo 13, 21-30). Os que têm por pai o “Inimigo” quer realizar os desejos de seu pai (Jo 8,44).

A figura de Anãs representa neste evangelho de João o “Inimigo”. Isso quer indicar precisamente que por detrás de detentores transitórios do poder existe princípio diretor que inspira a conduta de todo o sistema. A figura do Inimigo-pai corresponde a Anãs-sogro. João indica que todo PODER (príncipes/principados), tem por princípio inspirador o proveito próprio, que leva à injustiça e ao homicídio; ele guiará a conduta da Caifás (Jo 18,24) e, por fim, a de Pilatos (Jo 19,16). Em sua oração, Jesus pede ao Pai pelos discípulos: Não te rogo que os leves do mundo, mas que os guardes do perverso (Jo 17,15), ou seja, o deus dinheiro. Não pertencer ao mundo é não ser cúmplices da sua injustiça, mas denunciá-la, como Jesus, e entregar-se como ele ao trabalho em favor do homem.

Se há algo fora de nós a que devemos temer é o deus-dinheiro que dá origem a duas realidades: um círculo de poder e uma ideologia. Já afirmava um confrade meu: “O dinheiro é como esterco, se amontoado fede, se espalhado, faz um bem danado”. A ideologia a serviço do deus-dinheiro propõe ideia falsa de Deus (Jo 8,44: a mentira) que oculta (Jo 1,5: as trevas) o desígnio de seu amor. Apresenta um deus que priva o homem de liberdade submetendo-o a uma Lei absolutista (Jo 7,22s, cf. Jo 5,45), separada da promessa e da mensagem profética (Jo 8,52.53). Ensina o povo a não ter opinião própria (Jo 7,26) e a submeter-se aos mestres e chefes (Jo 7,48);

A opressão do deus-dinheiro priva o homem de vida (Jo 5,3) e o leva à morte definitiva, o povo, em sua maioria aceita a ideologia do sistema opressor e se encontra, por isso, em situação desesperada – os enfermos. Há, porém, homens que nunca deram sua adesão ao sistema opressor, mas que, tendo vivido sempre dentro dele, não conhecem outro horizonte (Jo 9,1ss: o cego que não tem pecado). Só o Messias nos liberta da morte (Jo 3,17; 6,39).

Destarte, recorreremos agora a obra “*O Céu e o Inferno*” e ver a origem da crença nos demônios. Vejamo-la:

## **Origem da crença nos demônios**

*1. – Em todos os tempos os demônios representaram papel saliente nas diversas teogonias, e, posto que consideravelmente decaídos no conceito geral, a importância que se lhes atribui, ainda hoje, dá à questão uma tal ou qual gravidade, por tocar o fundo mesmo das crenças religiosas. Eis por que útil se torna examiná-la, com os desenvolvimentos que comporta.*

*A crença num poder superior é instintiva no homem. Encontramo-la, sob diferentes formas, em todas as idades do mundo. Mas, se hoje, dado o grau de cultura atingido, ainda se discute sobre a natureza e atributos desse poder, calcule-se que noções teriam o homem a respeito, na infância da Humanidade.*

*2. – Como prova da sua inocência, o quadro dos homens primitivos extasiados ante a Natureza e admirando nela a bondade do Criador é, sem dúvida, muito poético, mas pouco real. De fato, quanto mais se aproxima do primitivo estado, mais o homem se escraviza ao instinto, como se verifica ainda hoje nos povos bárbaros e selvagens contemporâneos; o que mais o preocupa, ou, antes, o que exclusivamente o preocupa é a satisfação das necessidades materiais, mesmo porque não tem outras.*

*O único sentido que pode torná-lo acessível aos gozos puramente morais não se desenvolve senão gradual e morosamente; a alma tem também a sua infância, a sua adolescência e virilidade como o corpo humano; mas para compreender o abstrato, quantas evoluções não tem ela de experimentar na Humanidade! Por quantas existências não deve ela passar!*

*Sem nos remontarmos aos tempos primitivos, olhemos em torno a gente do campo e perscrutemos os sentimentos de admiração que nela despertam o esplendor do Sol nascente, do firmamento a estrelada abóbada, o trino dos pássaros, o murmúrio das ondas claras, o vergel florido dos prados. Para essa gente o Sol nasce por hábito, e uma vez que desprende o necessário calor para sazonar as searas, não tanto que as creste, está realizado tudo o que ela almejava; olha o céu para*

saber se bom ou mau tempo sobrevirá; que cantem ou não as aves, tanto se lhe dá, desde que não desbastem da seara os grãos; prefere às melodias do rouxinol, o cacarejar da galinhada e o grunhido dos porcos; o que deseja dos regatos cristalinos, ou lodosos, é que não sequem nem inundem; dos prados, que produzam boa erva, com ou sem flores.

*Eis aí tudo o que essa gente almeja, ou, o que é mais, tudo o que da Natureza apreende, conquanto muito distanciada já dos primitivos homens.*

**3.** – *Se nos remontarmos a estes últimos, então, surpreendê-los-emos mais exclusivamente preocupados com a satisfação de necessidades materiais, resumindo o bem e o mal neste mundo somente no que concerne à satisfação ou prejuízo dessas necessidades.*

*Acreditando num poder extra-humano e porque o prejuízo material é sempre o que mais de perto lhes importa, atribuem-no a esse poder, do qual fazem, aliás, uma ideia muito vaga. E por nada conceberem fora do mundo visível e tangível, tal poder se lhes afigura identificado nos seres e coisas que os prejudicam.*

*Os animais nocivos não passam para eles de representantes naturais e diretos desse poder. Pela mesma razão, veem nas coisas úteis a personificação do bem: daí, o culto votado a certas plantas e mesmo a objetos inanimados.*

*Mas o homem é comumente mais sensível ao mal que ao bem; este lhe parece temor suplanta o reconhecimento.*

*Durante muito tempo o homem não compreendeu senão o bem e o mal físicos; os sentimentos morais só mais tarde marcaram o progresso da inteligência humana, fazendo-lhe entrever na espiritualidade um poder extra-humano fora do mundo visível e das coisas materiais. Esta obra foi, seguramente, realizada por inteligências de escol, mas que não puderam exceder certos limites.*

**4.** – *Provada e patente à luta entre o bem e o mal, triunfante este muitas vezes sobre aquele, e não se podendo racionalmente admitir que o mal derivasse de um benéfico*

*poder, concluiu-se pela existência de dois poderes rivais no governo do mundo. Daí nasceu a doutrina dos dois princípios, aliás lógica numa época em que o homem se encontrava incapaz de, raciocinando, penetrar a essência do Ser Supremo.*

*Como compreenderia, então, que o mal não passa de estado transitório do qual pode emanar o bem, conduzindo-o à felicidade pelo sofrimento e auxiliando-lhe o progresso? Os limites do seu horizonte moral, nada lhe permitindo ver para além do seu presente, no passado como no futuro, também não lhe permitia compreender que já houvesse progredido, que progrediria ainda individualmente, e muito menos que as vicissitudes da vida resultavam das imperfeições do ser espiritual nele residente, o qual preexiste e sobrevive ao corpo, na dependência de uma série de existências purificadoras até atingir a perfeição.*

*Para compreender como do mal pode resultar o bem é preciso considerar não uma, porém, muitas existências; é necessário apreender o conjunto do qual – e só do qual – resultam nítidas as causas e respectivos efeitos.*

*5. – O duplo princípio do bem e do mal foi, durante muitos séculos, e sob vários nomes, a base de todas as crenças religiosas. Vemo-lo assim sintetizado em Oromase e Arimane entre os persas, em Jeová e Satã entre os hebreus. Todavia, como todo soberano deve ter ministros, as religiões geralmente admitiram potências secundárias, ou bons e maus gênios. Os pagãos fizeram deles individualidades com a denominação genérica de deuses e deram-lhes atribuições especiais para o bem e para o mal, para os vícios e para as virtudes. Os cristãos e os muçulmanos herdaram dos hebreus os anjos e os demônios.*

*6. – A doutrina dos demônios tem, por conseguinte, origem na antiga crença dos dois princípios. Compete-nos examiná-la aqui tão-somente no ponto de vista cristão para ver se está de acordo com as noções mais exatas que possuímos hoje, dos atributos da Divindade.*

*Esses atributos são o ponto de partida, a base de todas as doutrinas religiosas; os dogmas, o culto, as cerimônias, os*

*usos e a moral, tudo é relativo à ideia mais ou menos justa, mais ou menos elevada que se forma de Deus, desde o fetichismo até o Cristianismo. Se a essência de Deus continua a ser um mistério para as nossas inteligências, compreendemo-la, no entanto melhor que nunca, mercê dos ensinamentos do Cristo. O Cristianismo racionalmente ensina-nos que: Deus é único, eterno, imutável, imaterial, onipotente, soberanamente justo e bom, infinito em todas as perfeições.*

*Foi por isso que algures dissemos - (1ª Parte cap. VI, "Doutrina atributos, não haveria mais Deus, por isso que poderia coexistir um ser mais perfeito." Estes atributos, na sua plenitude absoluta, são, pois, o critério de todas as religiões, estão da verdade de cada um dos princípios que ensinam. E para que qualquer desses princípios seja verdadeiro, preciso é que não encerre um atentado às divinas perfeições. Vejamos se assim é, de fato, na doutrina vulgar dos demônios. (KARDEC, A. O Céu e o Inferno, Capítulo IX, Os Demônios).*

Para os judeus ortodoxos, há dentro de nós duas forças, o Yetzer Hará (Inclinação para o mal) e o Yetzer Hatov (Inclinação para o bem). O que ocorre dentro de nós? Uma intensa briga entre estas duas "forças". É mais ou menos que o Rav. Shaul fala sobre a "briga" entre a "carne" e "espírito". Um nos leva para servir a HaShem e outro para o lado oposto. Também nos lembra das palavras de Yeshua (Jesus), sobre uma criança que já nasce com o mal dentro dela. E também com o que sai de nos é mau e não o que entra. Ou seja, quando não nos seguramos, deixamos o Yetzer Hará atuar e o mal sai de dentro de nós e aparece através de violações da Torah. Por isto devemos estar em constante oração! De certa forma, HaSatan (que significa "o adversário") estaria dentro de nós, nesta linha de interpretação judaica.

Segundo a igreja, verificaremos a origem dos demônios, encontrada a definição na obra "O Céu e o Inferno", de Kardec. Vejamo-la:

### **Os demônios segundo a Igreja**

*7. – Satanás, o chefe ou o rei dos demônios, não é, segundo a Igreja, uma personificação alegórica do mal, mas uma entidade real, praticando exclusivamente o mal, enquanto*

*que Deus pratica exclusivamente o bem.*

*Tomemo-lo, pois, tal qual no-lo representam. Satanás existe de toda a eternidade, como Deus, ou ser-lhe-á posterior? Existindo de toda a eternidade é incriado, e, por consequência, igual a Deus. Este Deus, por sua vez, deixará de ser único, pois haverá um deus do mal. Mas se lhe for posterior? Neste caso passa a ser uma criatura de Deus. Como tal, só praticando o mal por incapaz de fazer o bem e tampouco de arrepender-se, Deus teria criado um ser votado exclusiva e eternamente ao mal. Não sendo o mal obra de Deus, seria contudo de uma das suas criaturas, e nem por isso deixava Deus de ser o autor, deixando igualmente de ser profundamente bom. O mesmo se dá, exatamente, em relação aos seres maus chamados demônios.*

**8.** – *Tal foi, por muito tempo, a crença neste sentido. Hoje dizem (1): “Deus, que é a bondade e santidade por excelência, não os havia criado perversos e maus. A mão paternal que se apraz imprimir em todas as suas obras o cunho de infinitas perfeições, cumulara-os de magníficos predicados. As qualidades eminentíssimas de sua natureza, juntara as liberalidades da sua graça; em tudo os fizera iguais aos Espíritos sublimes de glória e felicidade; subdivididos por todas as suas ordens e adstritos a todas as classes, eles tinham o mesmo fim e idênticos destinos. Foi seu chefe o mais belo dos arcanjos. Eles poderiam até ter alcançado a confirmação de justos para todo o sempre, e serem admitidos ao gozo da bem-aventurança dos céus. Este último favor, que deverá ser o complemento de todos os outros, constituía o prêmio da sua docilidade, mas dele desmereceram por insensata e audaciosa revolta.”*

*(1) As citações seguintes são extraídas da pastoral de Monsenhor Goussé, cardeal-arcebispo de Reims, para a quaresma de 1865. Atentos ao mérito pessoal e à posição do autor, podemos considerá-las a última expressão da Igreja sobre a doutrina dos demônios.*

*“Qual foi o escolho da sua perseverança? Que verdade desconheceram? Que ato de adoração, de fé, recusaram a Deus? A Igreja e os anais das santas escrituras não no-lo*

*dizem positivamente, mas certo parece que não aquiesceram à mediação do Filho de Deus, nem à exaltação da natureza humana em Jesus-Cristo.”*

*“O Verbo Divino, criador de todas as coisas, é também o mediador e salvador único, na Terra como no Céu. O fim sobrenatural não foi dado aos anjos e aos homens senão na previsão de sua encarnação e méritos, pois não há proporção alguma entre a obra dos Espíritos eminentes e a recompensa, que é o próprio Deus. Nenhuma criatura poderia alcançar tal fim, sem esta maravilhosa e sublime intervenção da caridade. Ora, para preencher a distância infinita que separa a sua essência das suas obras, preciso fora reunisse à sua pessoa os dois extremos, associando à divindade as naturezas ou do anjo, ou do homem: e preferiu então a natureza humana. Esse plano, concebido de toda eternidade, foi manifestado aos anjos muito antes da sua execução: o Homem-Deus foi-lhes mostrado como Aquele que deveria confirmá-los na graça e guiá-los à glória, sob a condição de o adorarem durante a missão terrestre, e para todo o sempre no céu. Revelação inesperada, arrebatadora visão para corações generosos e gratos, mas – mistério profundo – humilhante para espíritos soberbos! Esse fim sobrenatural, essa glória imensa que lhes propunham não seria unicamente a recompensa de seus méritos pessoais. Nunca poderiam atribuir a si próprios os títulos dessa glória! Uni mediador entre Deus e eles! Que injúria à sua dignidade! E a preferência espontânea pela natureza humana? Que injustiça! que afronta aos seus direitos!”*

*“E chegarão eles a ver esta Humanidade, que lhes é tão inferior, deificada pela união com o Verbo, sentada à mão direita de Deus em trono resplandecente? Consentirão enfim que ela ofereça a Deus, eternamente, a homenagem da sua adoração?”*

*“Lúcifer e a terça parte dos anjos sucumbiram a tais pensamentos de inveja e de orgulho. S. Miguel e com ele muitos exclamaram: ‘Quem é semelhante a Deus? Ele é o dono de seus dons, o soberano Senhor de todas as coisas. Glória a Deus e ao Cordeiro, que tem de ser imolado à salvação do mundo.’ O chefe dos rebeldes, porém, esquecido*

de que a Deus devia a sua nobreza e prerrogativas, raiando pela temeridade, disse: 'Sou eu quem ao céu subirá; fixarei residência acima dos astros; sentar-me-ei sobre o monte da aliança, nos flancos do Aquilão, dominarei as nuvens mais elevadas e serei semelhante ao Altíssimo.' Os que de tais sentimentos partilharam, acolheram essas palavras com murmúrios de aprovação, e partidários houve em todas as hierarquias. A sua multidão, contudo, não os preserva do castigo."

#### 9. - Está doutrina suscita várias objeções:

1ª – Se Satã e os demônios eram anjos, eles eram perfeitos; como, sendo perfeitos, puderam falir a ponto de desconhecer a autoridade desse Deus, em cuja presença se encontravam? Ainda se tivessem logrado uma tal eminência gradualmente, depois de haver percorrido a escala da perfeição, poderíamos conceber um triste retrocesso; não, porém, do modo por que no-los apresentam, isto é, perfeitos de origem.

A conclusão é esta: – Deus quis criar seres perfeitos, porquanto os favorecera com todos os dons, mas enganou-se: logo, segundo a Igreja, Deus não é infalível! (1)

(1) Esta doutrina monstruosa é corroborada por Moisés, quando diz (Gênese, cap. VI, vv. 6 e 7): "Ele se arrependeu de haver criado o homem na Terra e, penetrado da mais íntima dor, disse: Exterminarei a criação da face da Terra; exterminarei tudo, desde o homem aos animais, desde os que rastejam sobre a terra até os pássaros do céu, porque me arrependo de os ter criado." Ora, um Deus que se arrepende do que fez não é perfeito nem infalível; portanto, não é Deus. E são estas as palavras que a Igreja proclama! Tampouco se percebe o que poderia haver de comum entre os animais e a perversidade dos homens, para que merecessem tal extermínio.

2ª – Pois que nem a Igreja e nem os sagrados anais explicam a causa da rebelião dos anjos para com Deus e apenas dão como problemática (quase certa) a relutância no reconhecimento da futura missão do Cristo, que valor – perguntamos – que valor pode ter o quadro tão preciso e



*detalhado da cena então ocorrente? A que fonte recorreram, para inferir se de fato foram pronunciadas palavras tão claras e até simples colóquios? De duas uma: ou a cena é verdadeira ou não é. No primeiro caso, não havendo dúvida alguma, por que a Igreja não resolve a questão? Mas se a Igreja e a História se calam se a coisa apenas parece certa, claro, não passa de hipótese, e acena descritiva é mero fruto da imaginação. (2)*

*(2) Encontra-se em Isaías, cap. XIV, Vv. 11 e seguintes: “Teu orgulho foi precipitado nos infernos; teu corpo morto baqueou par terra; tua cama verterá podridão, e vermes tua vestimenta. Como caíste do Céu, Lúcifer, tu que parecias tão brilhante ao romper do dia? Como foste arrojado sobre a Terra, tu que ferias as nações com teus golpes; que dizias de coração: Subirei aos céus, estabalecerei meu trono acima dos astros de Deus, sentar-me-ei acima das nuvens mais altas e serei igual ao Altíssimo! E todavia foste precipitado dessa glória no inferno, até o mais fundo dos abismos. Os que te virem, aproximando-se, encarar-te-ão, dizendo: ‘Será este o homem que turbou a Terra, que aterrou seus remos, que fez do mundo um deserto, que destruiu cidades e reteve acorrentados os que se lhe entregaram prisioneiros?’” Estas palavras do profeta não se rclerem à revolta dos anjos, são, sim, uma alusão ao orgulho e à queda do rei de Babilônia, que retinha os judeus em cativo, como atestam os últimos versículos. O rei de Babilônia é alegoricamente designado por Lúcifer, mas não se faz aí qualquer menção da cena supra descrita. Essas palavras são do rei que as tinha no coração e se colocava por orgulho acima de Deus, cujo povo escravizara. A profecia da libertação do povo judeu, da rainha de Babilônia e do destroço dos assírios é, ao demais, o assunto exclusivo desse capítulo.*

*3ª – As palavras atribuídas a Lúcifer revelam uma ignorância admirável num arcanjo que, por sua natureza e grau atingido, não deve participar, quanto à organização do Universo, dos erros e dos prejuízos que os homens têm professado, até serem pela Ciência esclarecidos. Como poderia, então, dizer que fixaria residência acima dos astros, dominando as mais elevadas nuvens?!*

*É sempre a velha crença da Terra como centro do Universo, do céu como que formado de nuvens estendendo-se às estrelas, e da limitada região destas, que a Astronomia nos mostra disseminadas ao infinito no infinito espaço! Sabendo-se, como hoje se sabe, que as nuvens não se elevam a mais de duas léguas da superfície terráquea, e falando-se em dominá-las por mais alto, referindo-se a montanhas, preciso fora que a observação partisse da Terra, sendo ela, de fato, a morada dos anjos. Dado, porém, ser esta em região superior, inútil fora alçar-se acima das nuvens. Empréstimo aos anjos uma linguagem tiszada de ignorância, é confessar que os homens contemporâneos são mais sábios que os anjos. A Igreja tem caminhado sempre erradamente, não levando em conta os progressos da Ciência.*

**10.** – *A resposta à primeira objeção acha-se na seguinte passagem:*

*“A escritura e a tradição denominam céu o lugar no qual se haviam colocado os anjos, no momento da sua criação. Mas esse não era o céu dos céus, o céu da visão beatífica, onde Deus se mostra de face aos seus eleitos, que o contemplam claramente e sem esforço, porque aí não há mais possibilidade nem perigo de pecado; a tentação e a dúvida são aí desconhecidas; a justiça, a paz e a alegria reinam imutáveis, a santidade e a glória imperecíveis. Era, portanto, outra região celeste, uma esfera luminosa e afortunada, essa em que permaneciam tão nobres criaturas favorecidas pelas divinas comunicações, que deveriam receber com fé e humildade até serem admitidas no conhecimento da sua realidade essência do próprio Deus.”*

*Do que precede se infere que os anjos decaídos pertenciam a uma categoria menos elevada e perfeita, não tendo atingido ainda o lugar supremo em que o erro é impossível. Pois seja: mas, então, há manifesta contradição nesta afirmativa: – Deus em tudo os tinha criado semelhantes aos espíritos sublimes que, subdivididos em todas as ordens e adstritos a todas as classes, tinham o mesmo fim e idênticos destinos, e que seu chefe era o mais belo dos arcanjos. Ora, em tudo semelhantes aos outros, não lhes seriam inferiores em natureza; idênticos em categorias, não podiam permanecer*

*em um lugar especial. Intacta subsiste, portanto, a objeção.*

**11.** – *E ainda há uma outra que é, certamente, a mais séria e a mais grave.*

*Dizem: – “Este plano (a intervenção do Cristo), concebido desde toda a eternidade, foi manifestado aos anjos muito antes da sua execução.” Deus sabia, portanto, e de toda a eternidade, que os anjos, tanto quanto os homens, teriam necessidade dessa intervenção. Ainda mais: – o Deus onisciente sabia que alguns dentre esses anjos viriam a falir, arcando com a eterna condenação e arrastando a igual sorte uma parte da Humanidade. E assim, de caso pensado, previamente condenava o gênero humano, a sua própria criação. Deste raciocínio não há fugir, porquanto de outro modo teríamos que admitir a inconsciência divina, apregoando a não presciência de Deus. Para nós é impossível identificar uma tal criação com a soberana bondade. Em ambos os casos vemos a negação de atributos, sem a plenitude absoluta dos quais Deus não seria Deus.*

**12.** – *Admitindo a falibilidade dos anjos como a dos homens, a punição é consequência, aliás justa e natural, da falta; mas se admitirmos concomitantemente a possibilidade do resgate, a regeneração, a graça, após o arrependimento e a expiação, tudo se esclarece e se conforma com a bondade de Deus. Ele sabia que errariam, que seriam punidos, mas sabia igualmente que tal castigo temporário seria um meio de lhes fazer compreender o erro, revertendo alfin em benefício deles. Eis como se explicam as palavras do profeta Ezequiel: – “Deus não quer a morte, porém a salvação do pecador.” (1)*

(1) *Vede 1ª Parte, cap. VI, nº 25, citação de Ezequiel.*

*A inutilidade do arrependimento e a impossibilidade de regeneração, isso sim, importaria a negação da divina bondade. Admitida tal hipótese, poder-se-ia mesmo dizer, rigorosa e exatamente, que estes anjos desde a sua criação, visto Deus não poder ignorá-lo, foram votados à perpetuidade do mal, e predestinados a demônios para arrastarem os homens ao mal.*

**13.** – *Vejamos agora qual a sorte desses tais anjos e o que*

fazem:

*“Mal apenas se manifestou a revolta na linguagem dos Espíritos, isto é, no arrojamento dos seus pensamentos, foram eles banidos da celestial mansão e precipitados no abismo. Por estas palavras entendemos que foram arremessados a um lugar de suplícios no qual sofrem a pena de fogo, conforme o texto do Evangelho, que é a palavra mesma do Salvador. Ide, malditos, ao fogo eterno preparado pelo demônio e seus anjos. S. Pedro expressamente diz: que Deus os prendeu às cadeias e torturas infernais, sem que lá estejam, contudo, perpetuamente, visto como só no fim do mundo serão para sempre enclausurados com os réprobos. Presentemente, Deus ainda permite que ocupem lugar nesta criação, à qual pertencem, na ordem de coisas idênticas à sua existência, nas relações enfim que deviam ter com os homens, e das quais fazem o mais pernicioso abuso. Enquanto uns ficam na tenebrosa morada, servindo de instrumento da justiça divina contra as almas infelizes que seduziram, outros, em número infinito, formam legiões e residem nas camadas inferiores da atmosfera, percorrendo todo o globo. Envolvem-se em tudo que aqui se passa, tomando mesmo parte muito ativa nos acontecimentos terrenos.”*

Quanto ao que diz respeito às palavras do Cristo sobre o suplício do fogo eterno, já nos explanamos no cap. IV, “O Inferno”.

**14.** - *Por esta doutrina, apenas uma parte dos demônios está no inferno; a outra vaga em liberdade, envolvendo-se em tudo que aqui se passa, dando-se ao prazer de praticar o mal e isso até o fim do mundo, cuja época indeterminada não chegará tão cedo, provavelmente. Mas, por que uma tal distinção? Serão estes menos culpados? Certo que não, a menos que se não revezem, como se pode inferir destas palavras: “Enquanto uns ficam na tenebrosa morada, servindo de instrumento da justiça divina contra as almas infelizes que seduziram.”*

Suas ocupações consistem, pois, em martirizar as almas que seduziram. Assim, não se encarregam de punir faltas livres e voluntariamente cometidas, porém as que eles próprios

*provocaram. São ao mesmo tempo a causa do erro e o instrumento do castigo; e, coisa singular, que a justiça humana por imperfeita não admitiria – a vítima que sucumbe por fraqueza, em contingências alheias e porventura superiores à sua vontade, é tanto ou mais severamente punida do que o agente provocador que emprega astúcia e artifício, visto como essa vítima, deixando a Terra, vai para o inferno sofrer sem tréguas, nem favor, eternamente, enquanto que o causador da sua primeira falta, o agente provocador, goza de uma tal ou qual dilação e liberdade até o fim do mundo.*

*Como pode a justiça de Deus ser menos perfeita que a dos homens?*

**15.** – *Mas, ainda não é tudo: “Deus permite que ocupem lugar nesta criação, nas relações que com o homem deviam ter e das quais abusam perniciosamente.” Deus podia ignorar, no entanto, o abuso que fariam de uma liberdade por ele mesmo concedida? Então, por que a concedeu? Mas nesse caso é com conhecimento de causa que Deus abandona suas criaturas à mercê delas mesmas, sabendo, pela sua onisciência, que vão sucumbir, tendo a sorte dos demônios. Não serão elas de si mesmas bastante fracas para falirem, sem a provocação de um inimigo tanto mais perigoso quanto invisível? Ainda se o castigo fora temporário e o culpado pudesse remir-se pela reparação!... Mas não: a condenação é irrevogável, eterna! Arrependimento, regeneração, lamentos, tudo supérfluo!*

*Os demônios não passam portanto de agentes provocadores e de antemão destinados a recrutar almas para o inferno, isto com a permissão de Deus, que antevia, ao criar estas almas, a sorte que as aguardava. Que se diria na Terra de um juiz que recorresse a tal expediente para abarrotar prisões? Estranha ideia que nos dão da Divindade, de um Deus cujos atributos essenciais são: - justiça e bondade soberanas!*

*E dizer-se que é em nome de Jesus, dAquele que só pregou amor, perdão e caridade, que tais doutrinas são ensinadas! Houve um tempo em que tais anomalias passavam despercebidas, porque não eram compreendidas nem*

*sentidas; o homem, curvado ao jugo do despotismo, submetia-se à fé cega, abdicava da razão. Hoje, porém, que a hora da emancipação soou, esse homem compreende a justiça, e, desejando-a tanto na vida quanto na morte, exclama: – Não é, não pode ser tal, ou Deus não fora Deus.*

**16.** – *“O castigo segue por toda a parte os seres decaídos: o inferno está neles e com eles: nem paz nem repouso, transformadas em amargores as doçuras da esperança, que se lhes torna odiosa. A mão de Deus desferiu-lhes o castigo no ato mesmo de pecarem, e sua vontade galvanizou-se no mal.*

*“Tornados perversos, obstinam-se em o ser e sê-lo-ão para sempre.*

*“São, depois do pecado, o que é o homem depois da morte. A reabilitação dos que caíram torna-se também impossível; a sua perda é, desde então, irreparável, mantendo-se eles no seu orgulho perante Deus, no seu ódio contra o Cristo, na sua inveja contra a Humanidade.*

*“Não tendo podido apropriar-se da glória celeste pelo desmesurado da sua ambição, esforçam-se por implantar seu império na Terra, banindo dela o reino de Deus. O Verbo encarnado cumpriu, apesar disso, os seus desígnios para salvação e glória da Humanidade. Também por isso procuram por todos os meios promover a perda das almas pelo Cristo resgatadas: o artifício e a importunação, a mentira e a sedução, tudo põem em jogo para arrastá-las ao mal e consumir-lhes a perda.*

*“E como são infatigáveis e poderosos, a vida do homem com inimigos tais não pode deixar de ser uma luta sem tréguas, do berço ao túmulo.*

*“Efetivamente esses inimigos são os mesmos que, depois de terem introduzido o mal no mundo, chegaram a cobri-lo com as espessas trevas do erro e do vício; os mesmos que, por longos séculos, se fizeram adorar como deuses e que reinaram em absoluto sobre os povos da antiguidade; os mesmos, enfim, que ainda hoje exercem tirânica influência nas regiões idólatras, fomentando a desordem e o escândalo até*

*no seio das sociedades cristãs. Para compreender todos os recursos de que dispõem ao serviço da malvadez, basta notar que nada perderam das prodigiosas faculdades que são o apanágio da natureza angélica. Certo, o futuro e sobretudo a ordem natural têm mistérios que Deus se reservou e que eles não podem penetrar; mas a sua inteligência é bem superior à nossa, porque percebem de um jacto os efeitos nas causas e vice-versa. Esta percepção permite-lhes predizer acontecimentos futuros que escapam às nossas conjeturas. A distância e variedade dos lugares desaparecem ante a sua agilidade. Mais prontos que o raio, mais rápidos que o pensamento, acham-se quase instantaneamente sobre diversos pontos do globo e podem descrever, a distância, os acontecimentos na mesma hora em que ocorrem.*

*“As leis pelas quais Deus rege o Universo não lhes são acessíveis, razão por que não podem derogá-las, e, por conseguinte, predizer ou operar verdadeiros milagres; possuem no entanto a arte de imitar e falsificar, dentro de certos limites, as divinas obras; sabem quais os fenômenos resultantes da combinação dos elementos, predizem com maior ou menor êxito os que sobrevêm naturalmente, assim como os que por si mesmos podem produzir. Daí os numerosos oráculos, os extraordinários vaticínios que sagrados e profanos livros recolheram, baseando e acoorçoando tantas e tantas superstições.*

*“A sua substância simples e imaterial subtrai-os às nossas vistas; permanecem ao nosso lado sem que os vejamos, interessam-nos a alma sem que nos firam o ouvido. Acreditando obedecer aos nossos pensamentos, estamos no entanto, e muitas vezes, debaixo da sua funesta influência. As nossas disposições, ao contrário, são deles conhecidas pelas impressões que delas transparecem em nós, e atacam-nos ordinariamente pelo lado mais fraco. Para nos seduzirem com mais segurança, costumam servir-se de sugestões e engodos conformes com as nossas inclinações. Modificam a ação segundo as circunstâncias e os traços característicos de cada temperamento. Contudo, suas armas favoritas são a hipocrisia e a mentira.”*

**17. – Afirmam que o castigo os segue por toda parte; que**

*não sabem o que seja paz nem repouso. Esta asserção de modo algum destrói a observação que fizemos quanto ao privilégio dos que estão fora do inferno, e que reputamos tanto menos justificado por isso que podem fazer, e fazem, maior mal. É de crer que esses demônios extra-infernais não sejam tão felizes como os bons anjos, mas não se deverá ter em conta a sua relativa liberdade? Eles não possuirão a felicidade moral que a virtude defere, mas são incontestavelmente mais felizes que os seus comparsas do inferno flamífero. Depois, para o mau, sempre há um certo gozo na prática do mal, de mais a mais livremente. Perguntai ao criminoso o que prefere: se ficar na prisão, ou percorrer livremente os campos, agindo à vontade? Pois o caso é exatamente o mesmo.*

*Afirmam, outrossim, que o remorso os persegue sem tréguas nem misericórdia, esquecidos de que o remorso é o precursor imediato do arrependimento, quando não é o próprio arrependimento. “Tornados perversos, obstinam-se em o ser, e sê-lo-ão para sempre.” Mas desde que se obstinam em ser perversos, é que não têm remorsos; do contrário, ao menor sentimento de pesar, renunciariam ao mal e pediriam perdão. Logo, o remorso não é para eles um castigo.*

**18.** – *“São, depois do pecado, o que é o homem depois da morte. A reabilitação dos que caíram torna-se, portanto, impossível.”*

*Donde provém essa impossibilidade? Não se compreende que ela seja a consequência de sua similitude com o homem depois da morte, proposição que, ao demais, é muito ambígua.*

*Acaso provirá da própria vontade dos demônios? Porventura da vontade divina? No primeiro caso a pertinácia denota uma extrema perversidade, um endurecimento absoluto no mal, e nem mesmo se compreende que seres tão profundamente perversos pudessem jamais ter sido anjos de virtude, conservando por tempo indefinido, na convivência destes, todos os traços da sua péssima índole e natureza.*

*No segundo caso, ainda menos se compreende que Deus inflija como castigo a impossibilidade da reparação, após uma primeira falta. O Evangelho nada diz que com isso se pareça.*



19. – “A sua perda é desde então irreparável, mantendo-se eles no seu orgulho perante Deus.” E de que lhes serviria não manterem tal orgulho, uma vez que é inútil todo o arrependimento? O bem só poderia interessá-los se eles tivessem uma esperança de reabilitação, fosse qual fosse o seu preço. Assim não acontece, no entanto, e pois se perseveram no mal é porque lhes trancaram a porta da esperança. Mas por que lhes trancaria Deus essa porta? Para se vingar da ofensa decorrente da sua insubmissão. E, assim, para saciar o seu ressentimento contra alguns culpados, Deus prefere não somente vê-los sofrer, mas agravar o mal com mal maior; impelir à perdição eterna toda a Humanidade, quando por um simples ato de demência podia evitar tão grande desastre, aliás previsto de toda a eternidade!

Trata-se, no caso vertente, de um ato de demência, de uma graça pura e simples que pudesse transformar-se em estímulo do mal? Não, trata-se de um perdão condicional, subordinado a uma regeneração sincera e completa. Mas, ao invés de uma palavra de esperança e misericórdia, é como se Deus dissesse: “Pereça toda a raça humana antes que minha vingança.” E com semelhante doutrina ainda muita gente se admira de que haja incrédulos e ateus! E é assim que Jesus nos representa seu Pai? Ele que nos deu a lei expressa do esquecimento e do perdão das ofensas, que nos manda pagar o mal com o bem, que prescreve o amor dos nossos inimigos como a primeira das virtudes que nos conduzem ao céu, quereria desse modo que os homens fossem melhores, mais justos, mais indulgentes que o próprio Deus? (KARDEC, A. O Céu e o Inferno, Capítulo IX, Os Demônios).

A partir da definição de como surgiu à concepção da igreja diante do conceito dado pela igreja, concluímos este estudo como a doutrina espírita nos concede de conceito os demônios.

### **Os demônios segundo o Espiritismo**

20. – Segundo o Espiritismo, nem anjos nem demônios são entidades distintas, por isso que a criação de seres inteligentes é uma só. Unidos a corpos materiais, esses seres constituem a Humanidade que povoa a Terra e as outras

*esferas habitadas; uma vez libertos do corpo material, constituem o mundo espiritual ou dos Espíritos, que povoam os Espaços. Deus criou-os perfectíveis e deu-lhes por escopo a perfeição, com a felicidade que dela decorre. Não lhes deu, contudo, a perfeição, pois quis que a obtivessem por seu próprio esforço, a fim de que também e realmente lhes pertencesse o mérito. Desde o momento da sua criação que os seres progredem, quer encarnados, quer no estado espiritual. Atingido o apogeu, tornam-se puros espíritos ou anjos segundo a expressão vulgar, de sorte que, a partir do embrião do ser inteligente até ao anjo, há uma cadeia na qual cada um dos elos assinala um grau de progresso.*

*Do exposto resulta que há Espíritos em todos os graus de adiantamento, moral e intelectual, conforme a posição em que se acham, na imensa escala do progresso.*

*Em todos os graus existe, portanto, ignorância e saber, bondade e maldade. Nas classes inferiores destacam-se Espíritos ainda profundamente propensos ao mal e comprazendo-se com o mal. A estes pode-se denominar demônios, pois são capazes de todos os malefícios aos ditos atribuídos. O Espiritismo não lhes dá tal nome por se prender ele à ideia de uma criação distinta do gênero humano, como seres de natureza essencialmente perversa, votados ao mal eternamente e incapazes de qualquer progresso para o bem.*

**21.** – *Segundo a doutrina da Igreja os demônios foram criados bons e tornaram-se maus por sua desobediência: são anjos colocados primitivamente por Deus no ápice da escala, tendo dela decaído. Segundo o Espiritismo os demônios são Espíritos imperfeitos, suscetíveis de regeneração e que, colocados na base da escala, hão de nela graduar-se. Os que por apatia, negligência, obstinação ou má vontade persistem em ficar, por mais tempo, nas classes inferiores, sofrem as consequências dessa atitude, e o hábito do mal dificulta-lhes a regeneração. Chega-lhes, porém, um dia a fadiga dessa vida penosa e das suas respectivas consequências; eles comparam a sua situação à dos bons Espíritos e compreendem que o seu interesse está no bem, procurando então melhorarem-se, mas por ato de espontânea vontade, sem que haja nisso o mínimo constrangimento. “Submetidos à*

*lei geral do progresso, em virtude da sua aptidão para o mesmo, não progridem, ainda assim, contra a vontade.” Deus fornece-lhes constantemente os meios, porém, com a faculdade de aceitá-los ou recusá-los. Se o progresso fosse obrigatório não haveria mérito, e Deus quer que todos tenhamos o mérito de nossas obras. Ninguém é colocado em primeiro lugar por privilégio; mas o primeiro lugar a todos é franqueado à custa do esforço próprio.*

*Os anjos mais elevados conquistaram a sua graduação, passando, como os demais, pela rota comum.*

**22.** – *Chegados a certo grau de pureza, os Espíritos têm missões adequadas ao seu progresso; preenchem assim todas as funções atribuídas aos anjos de diferentes categorias.*

*E como Deus criou de toda a eternidade, segue-se que de toda a eternidade houve número suficiente para satisfazer às necessidades do governo universal. Deste modo uma só espécie de seres inteligentes, submetida à lei de progresso, satisfaz todos os fins da Criação.*

*Por fim, a unidade da Criação, aliada à ideia de uma origem comum, tendo o mesmo ponto de partida e trajetória, elevando-se pelo próprio mérito, corresponde melhor à justiça de Deus do que a criação de espécies diferentes, mais ou menos favorecidas de dotes naturais, que seriam outros tantos privilégios.*

**23.** - *A doutrina vulgar sobre a natureza dos anjos, dos demônios e das almas, não admitindo a lei do progresso, mas vendo todavia seres de diversos graus, concluiu que seriam produto de outras tantas criações especiais. E assim foi que chegou a fazer de Deus um pai parcial, tudo concedendo a alguns de seus filhos, e a outros impondo o mais rude trabalho. Não admira que por muito tempo os homens achassem justificação para tais preferências, quando eles próprios delas usavam em relação aos filhos, estabelecendo direitos de primogenitura e outros privilégios de nascimento. Podiam tais homens acreditar que andavam mais errados que Deus?*

*Hoje, porém, alargou-se o círculo das ideias: o homem vê mais*

*claro e tem noções mais precisas de justiça; desejando-a para si e nem sempre encontrando-a na Terra, ele quer pelo menos encontrá-la mais perfeita no Céu.*

*E aqui está por que lhe repugna à razão toda e qualquer doutrina, na qual não resplenda a Justiça Divina na plenitude integral da sua pureza. (KARDEC, A. O Céu e o Inferno, Capítulo IX, Os Demônios).*

O que podemos concluir com este estudo é que no convívio dos hebreus com os persas é que fundiu a crença do zoroastrismo persa com a cultura religiosa judia, tendo como as primeiras citações no livro de I Crônicas e Jó. Também vemos as citações da queda dos reinados do rei da Babilônia em Isaías e do rei Tiro em Ezequiel que muitos entendem como a queda de Lúcifer (Satã), mas que num exame mais apurado, não é este o significado.

Já a aparição da denominação dos demônios, vimos que não há referência no antigo testamento, tendo surgido apenas no Novo Testamento, já que houve um sincretismo religioso entre os gregos e primeiros cristãos. Dessa forma, entendemos que não existe uma força que se opõe a Deus, nem mesmo seres criados e voltados ao mal eternamente, julgamos que os demônios citados no Novo Testamento não passam de espíritos maus e que satanás nada mais é do que uma citação de adversário, atribuída a tentação que Jesus sofreu no deserto e as passagens que podemos verificar no Velho e Novo Testamento.

### 33. Reencarnação ou Penas Eternas?

*O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não reprecende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades. (SI 103:8-10)*

Este texto está umbilicalmente ligado, não somente aos já publicados, mas também ao texto “**O Evangelho de Judas**”. De um lado a reencarnação que é o meio pelo qual há a possibilidade de regeneração e de outro, as penas eternas que nada oferecem, senão a condenação. Neste intento, visando fácil consulta aos leitores, segue mais este trabalho dividido em tópicos e em subtópicos, a fim de facilitar a consulta e veremos se será a reencarnação ou as penas eternas que darão uma nova oportunidade de correção de nossos erros.

Neste texto, constatamos que é abordado pelos defensores das penas eternas a sua inglória tarefa crença nelas e nosso esclarecimento, em contradição é a Lei Natural da Reencarnação como aplicação da Justiça Divina (**Jo 3:12**). Houve também assuntos paralelos, como por exemplo, a traição de Judas e os arranjos exegéticos, a fim de acusá-lo de uma pena eterna e irremissível. Este tema foi amplamente discutido no texto “O Evangelho de Judas”, mas aprofundaremos neste quesito, acerca do 12º apóstolo e que esclareceremos nas linhas abaixo.

Como já dissemos, de um lado temos a reencarnação que nos outorga o direito da correção de nossos erros do passado, angariando as virtudes celestes através de uma lei natural (**Jo 3:12**). De outro lado temos as penas eternas para erros finitos, sem a oportunidade de correção de nossos erros, restando apenas à condenação. É com base neste argumento que transcorreremos neste texto.

#### **33.1. Afinal, quem foi o Apóstolo que substituiu Judas, Paulo ou Matias?**

Segundo alguns, o apóstolo que substituiu Judas foi Paulo, porém, após o esclarecimento e nosso entendimento, percebemos de que foi Matias, o apóstolo a substituir Judas. Vejamos:

*É necessário, pois, que dos varões que conviveram conosco todo o tempo em que o Senhor Jesus andou entre nós, começando desde o batismo de João até o dia em que dentre nós foi levado para cima, um deles se torne testemunha conosco da sua ressurreição. E apresentaram dois: José, chamado Barsabás, que tinha por sobrenome o Justo, e Matias. 24 E orando, disseram: Tu, Senhor, que conheces os corações de todos, mostra qual destes dois tens escolhido para tomar o lugar neste ministério e apostolado, do qual Judas se desviou para ir ao seu próprio lugar. 26 Então deitaram sortes a respeito deles e **caiu a sorte sobre Matias, e por voto comum foi ele contado com os onze apóstolos.** (At 1:21-26)*

Aqui vemos claramente a eleição entre dois discípulos, dentre eles, José Barsabás e Matias. Mais adiante, é descrito o desvirtuamento de Judas Iscariotes, mas não eterno, já que o mal é a ausência do bem e as trevas não podem resistir ao progresso das luzes, entoando as trombetas da regeneração que são incompatíveis com a condenação eterna. Vemos claramente que o discípulo Matias é o décimo segundo apóstolo e ele foi o substituto de Judas Iscariotes, após o período trágico do desfalque. Matias foi um dos setenta e dois discípulos que o Senhor designou e enviou, dois a dois, adiante de si a todas as cidades e lugares que pretendia visitar. Uma tradição, confirmada entre os Gregos, refere que, após o Pentecostes, ele pregou o evangelho na Capadócia e para o lado do Ponto Euxino.

Já que o apóstolo que substituiu Judas foi Matias e não Paulo, assim como está esclarecido. O texto é claro em aludir que o 12º apóstolo era Matias e não Paulo (**At 1: 16-17; 21-26**). Todavia, também dizemos aos defensores das penas eternas que tudo como julgam eles que sabemos não é verdade, tanto que até mesmo Jesus declarou não saber tudo quando disse: **“Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai”** (Mt 24:36). Ou

seja, não julgamos tudo saber, assim como o Mestre Jesus, pois a verdade absoluta só a Deus pertence. Ademais, que os defensores das penas eternas promovam correção naquilo que acreditam erroneamente, como esclarecemos acima, já que “...em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; **não sejais sábios aos vossos próprios olhos.**” (Rm 12:16). Ademais, de fato Matias acompanhou o Mestre, dentre os 70 discípulos, mediante o batismo de João até o dia de sua ascensão (At 1:21-22).

Com efeito, Paulo menciona que Jesus apareceu a Cefas e depois aos doze. No entanto, Paulo não exclui Judas e coloca Matias em seu lugar. Os defensores das penas eternas afirmam que “Paulo exclui Judas e põe Matias em seu lugar; não querem dizer que fez isto *ipsis literis*, pois ele além de sequer citar Judas ou Matias, sequer cita o nome dos demais apóstolos, apenas o de Pedro, que o viu primeiro sem os outros e depois juntamente com eles”. Se Paulo exclui Judas e põe Matias, não poderia deixar de citá-los para corroborar o que defendem os defensores das penas eternas. (I Cor 15:5-7). Apenas o de Pedro, mas nos apresenta Paulo que foi visto por Tiago e depois pelos demais (v. 7 **do mesmo capítulo**)? O que defendemos é que Paulo não esclarece se ele considera Judas ainda como um dos doze ou não.

### **34. Analisando a descida de Jesus às “regiões inferiores”**

Neste ponto do texto, iniciamos a análise da passagem de **Ef 4:7-16**, em relação a questão da descida de Jesus às “regiões inferiores”, como santo mistério e o serviço dos santos, com destaque aos seguintes pontos:

a. Jesus desceu às regiões inferiores de fato, como um santo mistério, segundo Paulo, a fim de levar cativo o cativo e **até mesmo rebeldes**, ou seja, espíritos renitentes ainda no erro.

b. Jesus subiu os degraus evolutivos através das vidas sucessivas, **antes de sua encarnação (Jo 3:13)**

c. Jesus **desceu** à nossa compreensão. (Jo 3:13).

d. Jesus **foi elevado** no madeiro, bem como ascendido na escalada evolutiva (**Jo 3:14; Hb 1:4**).

e. Jesus desceu as regiões inferiores **após** a sua **ressurreição**.

f. Jesus desceu às regiões inferiores **antes** de sua **ascensão**.

g. Jesus **ascendeu** em espírito.

### 34.1. Efésios 4,7-10 e o santo mistério

Acerca deste tema, e mesmo tendo realizado a exegese da nota de rodapé da versão de João Ferreira de Almeida revista e atualizada no Brasil – 2ª edição da SBB (Sociedade Bíblica do Brasil), os defensores das penas eternas se esquivam e não fazem nenhum comentário desta nota de rodapé. Ademais, ela nos remete à passagem de **Salmos**, relacionada à citação de Paulo, ao qual vejamos:

*Subiste às alturas, levaste cativo o cativo; recebestes homens por dádivas, **até mesmo rebeldes**, para que o Senhor Deus habite no meio deles. (SI 68:18)*

E:

*Ora, que quer dizer subiu, **senão que também havia descido até às regiões inferiores da terra**? Aquele que desceu é também o mesmo que subiu acima de todos os céus, para encher todas as coisas (Ef 4:9-10).*

Após a citação desta referência de Paulo ao livro de Salmos, vemos o seguinte questionamento, que conforme o nosso entendimento, para levar a esperança aos corações aflitos e que jaziam em seus devidos tormentos morais nas regiões inferiores, dando-os a esperança da regeneração pela reencarnação? A resposta é simples. Se Jesus de fato desceu as regiões inferiores, é pelo fato de os espíritos que ali estavam não estariam em condições para receber o merecimento de boas atitudes que tiveram em vida, já que eram **até mesmo rebeldes** e se estavam rebelados contra algo, é pelo fato de não concordarem. Segundo a citação do livro de Salmos, feita por Paulo, a fim de inferir



que estes mesmos rebeldes foram levados, como cativo o cativo, somos impelidos a crer que só através da reencarnação para a reparação de seus erros e rebeldia. Nossa explanação era baseada no “santo mistério”, como sendo Paulo se referindo à descida de Jesus as regiões inferiores, dando a possibilidade de regeneração através da reencarnação para os ainda rebeldes.

A reencarnação seria como regeneração destes espíritos **até mesmo rebeldes** e que estavam nas **regiões inferiores da terra**, onde só através da reencarnação que poderiam vir a reparar os seus erros. Acerca da passagem, sobre *aquele que desceu é também o mesmo que subiu muito acima de todos os céus, para cumprir todas as coisas* (v. 10) e segundo os defensores das penas eternas, por termos inferido que a conjugação verbal está no passado, pelo simples fato de ser narrada, para eles não invalida a assertiva proposta, de que o texto não fala sobre futuras oportunidades aos que não creram. Todavia, e aos que foram **até mesmo rebeldes**? Estes obteriam uma nova chance de retomarem ao caminho? Por que só estes e não os demais? Já que *O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades (SI 103:8-10).*

Contudo, já que os defensores das penas eternas assumem que se trata de dois eventos, estes nos sugerem uma releitura, a fim de responder onde eles deram a entender que poderia haver o aperfeiçoamento dos santos que haviam crido na vinda do Messias referindo aos que já estavam mortos? Haveria sido entendido desta forma, se mesmo os defensores das penas eternas não acatassem a nossa elucidação de que são os dois eventos, e não apenas um.

#### **34.2. Efésios 4,11-16 e o serviço dos santos**

Na abertura desta parte da passagem de Efésios, os defensores das penas eternas não foram ao âmago da questão que levantamos, antes se desviaram para tentar inverter o sentido do texto, assumindo que Paulo relatava sobre dois eventos que eram a descida de Jesus às

regiões inferiores, como um santo mistério e o serviço dos santos. É previsível o quão inconciliável era para os defensores das penas eternas unirem os dois eventos, após os questionamentos, já que se fosse o inverso a crença dos defensores das penas eternas começaria a ruir.

Tanto que, como elucidamos que não podemos inferir que ambos relatos estão interligados, tão logo vemos que após os defensores das penas eternas separarem ambos os eventos, eles ainda não se abstiveram em dizer que os que estariam nas regiões inferiores da terra antes da vinda de Jesus são os santos em Cristo. Porém, nos orientam em pesquisar o texto de Hebreus 11, a fim de entendermos como era a Salvação nos tempos pré-encarnação de Cristo. Neste intuito, pesquisamos sobre o tal capítulo e nada encontramos em referência ao texto em análise.

Embora que para os defensores das penas eternas pareça que não concordamos com a promessa do messias, não discordamos, principalmente sobre as profecias acerca da reencarnação da ruach de Elias, formando uma nova nepesh, João Batista, a fim de preparar o caminho do Mestre. Outrossim, para os defensores das penas eternas, os santos em Cristo são os espíritos que estavam nas regiões inferiores e que de lá saíram apenas após a ressurreição de Cristo e hoje aguardam o cumprimento pleno das coisas em descanso junto com os demais salvos do NT. Ou seja, seria válido se estes espíritos **não** fossem **até mesmo rebeldes** conforme a citação do livro de **Salmos 68:18**. Seriam estes mesmos santos em Cristo **até mesmo rebeldes**? Certamente que não, pois se aguardavam a promessa, estes mesmos santos em Cristo que os defensores das penas eternas advogam não estariam em estado de rebeldia.

Acerca do Juízo Final, realizamos um amplo comentário sobre este assunto no texto “**A fé sem obras está morta**”, nos subtópicos 12 e 15. Ademais, cremos que os que praticaram os ensinamentos de Jesus, estes obterão a recompensa (**Mt 25:31-46**), conforme explanamos sobre a parábola dos cabritos e ovelhas no mesmo tópico. Outrossim, não acreditamos que os que não tiveram misericórdia para com o seu próximo terão a condenação eterna, pois o Senhor “**...Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira.**”

Finalizando os nossos comentários acerca de tal passagem, do serviço dos santos, citamos o contexto, a fim de fechar o raciocínio sobre a passagem de **Ef 4:11-13**. Ou seja, o de que todos chegarão ao ***pleno conhecimento do Filho de Deus, ao estado de homem feito, à medida da estatura da plenitude de Cristo.***

### **34.3. O que realmente ensina tal passagem**

Ao esclarecer tais pontos, colocamos abaixo a conclusão deste assunto. Os defensores das penas eternas concordam que sobre tal passagem são tratados dois eventos, sendo estes a descida de Jesus às “regiões inferiores”, como um santo mistério e o serviço dos santos.

Embora ignoradas algumas argumentações que realizamos anteriormente, os defensores das penas eternas entendem que distorcemos o seu argumento, embora tenhamos demonstrado que era inconciliável que ambos eventos seriam apenas um. Tanto que eles chegam aos seguintes pontos:

**1** – Os defensores das penas eternas concordam que Paulo trata de dois eventos (Santo mistério e serviço dos santos). Neste primeiro ponto não discordamos.

**2** – Neste segundo ponto, os defensores das penas eternas identificam o segundo evento como o “serviço dos santos”, e o primeiro como o “santo mistério” que é a descida de Jesus às regiões inferiores. O primeiro evento começa no versículo 7 e termina no 10, assim como ele concorda com as nossas explanações realizadas para separar a ambos os eventos. Porém, para eles, referente ao “santo mistério” Paulo abre um parêntese, e é neste parêntese que eles defendem o que comentaremos.

Não discordamos que Paulo se refere ao aperfeiçoamento de todos os santos **vivos** como sendo o segundo evento o aperfeiçoamento em Cristo (v. 12). O que queremos ainda comentar é que Jesus **foi o mesmo que subiu levando cativo o cativo**, como os já falecidos, sendo este o primeiro evento do “santo mistério”. Ou

seja, Jesus **subiu levando cativo o cativo** e estes espíritos eram **até mesmo rebeldes** conforme a citação do livro de **SI 68:18** não comentado, muitas das vezes pelos defensores das penas eternas. Estes espíritos que estavam nas regiões inferiores eram rebeldes e, conseqüentemente, não podiam ser os santos em Cristo, pois estavam ainda **rebeldes** e renitentes no erro.

Ademais, se Jesus veio aos que estavam perdidos e não aos justos, Ele não poderia contradizer-se e após a sua ressurreição buscar os justos nas “regiões inferiores” e sim trazer a Boa Nova aos que eram **até mesmo rebeldes**, já que não veio “...chamar justos, e sim **pecadores**, ao arrependimento (**Lc 5:32**). Com efeito, cremos desta forma, sendo que Jesus veio aos que estavam perdidos enquanto encarnado e após a sua descida às “regiões inferiores”, certamente era para ministrar a Boa Nova aos que se achavam perdidos e não aos justos, senão a Sua atitude viria a divergir de quando Ele estava ministrando enquanto encarnado.

#### **34.4. A pregação de Paulo e a de Pedro com um dilema**

Após o esclarecimento acima, acerca da passagem narrada por Paulo em **Ef 4:7-10**, vemos que os defensores das penas eternas se delongam nas explicações sobre Jesus e a Sua “descida nas regiões inferiores”, onde o eles não defendem que Jesus “pregou aos espíritos em prisão”. Mediante tal parecer dos defensores das penas eternas, o comentaremos mais adiante, conforme o contexto de **Ef 4:7-10**, **I Pe 3:18-20** e **I Pe 4:6**.

Primeiro, os defensores das penas eternas nos abrem as suas argumentações com um questionamento: “Não precisaria Jesus fazer isto, se não aceitou o Evangelho em vida vai aceitar depois de morto?” E a resposta deles parece sugerir uma resposta negativa, pois do contrário, implicaria em aceitar a lei natural da reencarnação (Jo 3:12). Com efeito, ao negar a capacidade de um espírito arrependido em resgatar as suas faltas, nos sugere os defensores das penas eternas que a Bíblia é clara na ênfase do “*Buscai ao Senhor enquanto se pode achar*” (Is 55:6). É claro que se viermos a suprimir o verso subseqüente

a citação apresentada, veríamos que:

*Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao Senhor, que se compadecerá dele, e **volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar.** (v. 6 do mesmo capítulo).*

Ou seja, até comentamos que se Jesus nos incita a perdoar 70x7, tão logo vemos que se temos que perdoar infinitamente o nosso próximo, Deus em sua onipotência não viria a perdoar o infrator arrependido? Seria uma falta finita punida por uma pena infinita? Viria à justiça e comportamento humano ser maior do que a essência do Pai? Estaríamos acima de Deus? Questionamentos como este foram flagrantemente ignorados e tão logo vemos que por bases sólidas, não poderíamos inserir a eternidade do Criador sobre uma pena eterna em cima de um erro finito, já que **Deus ...é rico em perdoar**, e nossas faltas, estas, sim, são finitas e não eternas.

Destarte, encontram-se os defensores das penas eternas diante de um grande dilema, já que após ignorar o contexto exegético do livro de **Sl 68:18** sob o texto de **Ef 4:7-10**, estes viriam a nos sugerir que Paulo fala do “levar cativo o cativo”, mas estes mesmos cativos eram **até mesmo rebeldes**, e se eram **rebeldes**, tão logo vemos que Pedro relata que Jesus, ao “pregar aos espíritos em prisão que noutra tempo foram **rebeldes**”, foi pregar a quem podia se arrepender. Se Paulo fala de Jesus levando cativo o cativo, e se estes eram **até mesmo rebeldes**, ambos relataram que Jesus pregou aos rebeldes, pelo que somos impelidos a entender que a evidência textual aponta em direção contrária ao que pretende os defensores das penas eternas.

### **35. Analisando a pregação de Jesus “aos espíritos em prisão”**

Neste subtópico, adentraremos na passagem do relato de Pedro no contexto de **I Pe 3:18-20** e **Pe 4:6**, acerca da pregação “aos espíritos em prisão”, e ainda sobre o Evangelho ter sido “pregado até a mortos”. Entendemos que os defensores das penas eternas tentaram passar dois pontos, sendo estes os seguintes:

1. A pregação de Paulo e de Pedro difere entre si, pois no entendimento dos defensores das penas eternas, Paulo relata que Jesus desceu às regiões inferiores em busca dos santos do VT, por outro lado, Pedro relata da pregação de Jesus a “espíritos em prisão” e ainda rebeldes. Entretanto, foi provado acima que **ambos** os relatos tratam de espíritos **rebeldes** e renitentes no erro. Assim sendo, é a explanação dos defensores das penas eternas que destoa de todo o contexto bíblico!

2. Neste segundo ponto, os defensores das penas eternas tentam inferir que, segundo o relato de Pedro, Jesus veio a pregar aos “**espíritos em prisão**” antes de encarnar, ou seja, **nos dias de Noé** através do Espírito Santo. Vejamos o contexto em análise:

*Pois também Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus; morto, sim, na carne, mas vivificado no espírito, no qual também foi e **pregou aos espíritos em prisão**, os quais, **noutro tempo, foram desobedientes** quando a longanimidade de Deus aguardava nos dias de Noé, enquanto se preparava a arca, na qual poucos, a saber, oito pessoas, foram salvas, através da água, (1 Pe 3:18-20).*

Apesar do esclarecimento, os defensores das penas eternas tentam provar que o mesmo se refere à pregação de Jesus aos espíritos em prisão, e que a pregação teria sido feita nos dias de Noé, mas sem sucesso, pois tangenciam nos argumentos. Reprisaremos o que foi dito e aprofundar ainda mais o assunto, buscando responder e elaborar outros questionamentos.

### **pregou aos espíritos em prisão**

Quem são os espíritos em prisão? São os espíritos rebeldes, vejamos:

os quais **noutro tempo** foram rebeldes

De acordo com este trecho, são os que foram rebeldes noutro tempo, ou seja, em tempo diferente do tempo da pregação.

Que tempo é esse? Vemos claramente que estes espíritos eram rebeldes **noutro tempo**, e não que a pregação de Jesus tenha ocorrido **noutro tempo**.

**quando** a longanimidade de Deus esperava

**nos dias de Noé**

**enquanto** se preparava a arca

Os trechos acima informam em que tempo foram rebeldes, mas não situa o tempo da pregação, que foi outro. Porém, o contexto de 4:6 deixa subentendido que, se o evangelho foi pregado a eles, só pode ter sido **após** e não durante aquele tempo, o tempo da rebeldia. E se foi após, não pode ter sido antes ou durante. Assim sendo, está claro e justificado por que o evangelho foi pregado “**até** aos mortos”, porque estes já estavam mortos desde o dilúvio. Vemos que não há como inferir que Jesus tenha pregado aos espíritos rebeldes que viviam na mesma época de Noé, ainda por cima, através do Espírito Santo sobre Noé, a fim de realizar tal pregação. Sinceramente, é dizer justamente o oposto do que está no texto, os defensores das penas eternas violam as normas básicas de **interpretação de texto** para provar algo que não existe no texto. Para que fosse válida a tese dos defensores das penas eternas, o texto deveria estar escrito: “no qual também foi, e **noutro tempo** pregou aos espíritos em prisão, os quais foram rebeldes, **quando...**”, mas não é assim que está elaborado.

Com efeito, nos questionam os defensores das penas eternas: Será que a Bíblia entende que o Evangelho tendo sido pregado até aos mortos (I Pe 4:6; I Pe 3:19) defende uma segunda oportunidade aos já desencarnados (ou terceira, quarta, quinta, etc, visto que pela teoria espírita as reencarnações são contínuas até o aperfeiçoamento do espírito)? Ou seja, se não há nova oportunidade de reconstrução do próprio caminho do infrator sobre o erro que não é eterno, tão logo nos resta o dogma das penas eternas para uma falha finita. A resposta seria a **reencarnação**, para a aplicação da Justiça Divina, a fim de que **não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior. (Jo 5:14)**.

### 35.1. A pregação “aos espíritos em prisão” foi nos dias de Noé, ou nos dias de Jesus?

Após esclarecermos o que o texto nos apresenta de fato, nos dizem os defensores das penas eternas que entre os evangélicos há várias posições deste tema, onde até alguns mesmo creem ter havido uma pregação no hades, i.e., que o evangelho tenha sido pregado aos mortos. Todavia, apesar de uma parcela dos evangélicos entenderem que o relato narrado por Pedro nos apresenta o fato de realmente Jesus ter pregado aos espíritos em prisão, embora a outra parte não concorde com o que o texto diz, os defensores das penas eternas nos deixam implícito que Jesus desceu às regiões inferiores para proclamar sua vitória aos santos que viveram antes de Cristo e, pela fé, esperavam pelo Messias prometido. Interessante que os defensores das penas eternas, em outro parágrafo, assumem que a pregação de Jesus ocorreu na mesma época de Noé, mas neste aqui, eles deixam claro que Jesus anunciou aos santos do VT a sua vitória **após a sua ressurreição**, segundo o entendimento deles sobre o texto de Efésios já comentado. Por um lado, os defensores das penas eternas creem que Jesus tenha realmente pregado, todavia, por outro prisma, ele nos apresenta uma pregação realizada através da inspiração de Noé em seus dias.

Entendemos que os defensores das penas eternas não deixaram claro o seu entendimento, se esquivou de todas as maneiras, a fim de negar a oportunidade de regeneração aos que eram espíritos ainda rebeldes e renitentes no erro, já que para eles a salvação só é dada em vida. Assim sendo, implicaria a eles aceitarem a **reencarnação**, como oportunidade da regeneração destes mesmos espíritos rebeldes de outrora. Talvez, por este motivo que neguem que Jesus tenha pregado aos espíritos em prisão.

Os defensores das penas eternas ainda advogam que o termo "pregou" pode adquirir outros significados, pois no original também implicaria em anunciar, comunicar, não exatamente pregar para fins de salvação. Como sempre, o original do verbo pregar pode dizer tudo, menos pregar fins de uma nova oportunidade de se reconstruir uma



existência em desacordo com a providência. Para os defensores das penas eternas, que não nos apresentam tal significado, a fim de embasar a sua argumentação, o mais curioso é que se lemos que Jesus pregou a uma multidão que o rodeavam, isso não seria o mesmo que pregar aos espíritos em prisão e ainda renitentes no erro. Todavia, Jesus enfatizou sempre que veio buscar o que estava perdido e com esta postura, não poderia Ele buscar o que já era justo e sim, os que estavam ainda presos em suas atitudes de rebeldia para com a Justiça Divina.

Ainda para os defensores das penas eternas, estes creem que este versículo remete à pregação que foi feita **nos dias de Noé**, porém, como apresentamos acima a forma pela qual está construído o texto, somos impelidos a crer que **não há brecha gramatical**, a fim de que se defenda a tese de que tal texto refere-se à pregação de Jesus nos dias de Noé. Ainda com o fito de embasar a sua tese, os defensores das penas eternas correlacionam esta passagem de Pedro com a passagem de Lc 4:19, que trata de “pregar liberdade aos cativos”. Porém, nesta passagem, Jesus não distingue os cativos entre vivos e mortos. Embora ainda para os defensores das penas eternas, Jesus lê uma passagem do Velho Testamento de Is 61:1, e nestes a referência aos presos não se trata de mortos e, sim, de vivos que não conhecem a palavra do Senhor, que lhes faltam resplandecer a luz de Cristo (cf Is 42:7), Com base nesta citação e fazendo um paralelo ao texto de Pedro, somos levados a crer em três assertivas:

1. O texto **não** nos fornece que Jesus **pregou por meio de Noé** em seus dias aos “espíritos em prisão”.

2. Jesus foi quem pregou diretamente aos “**espíritos em prisão**”, tão logo, o texto nos esclarece que **não eram** espíritos encarnados, ou seja, **vivos, mas** mortos segundo a carne, no entanto, **vivos em espírito**.

3. Estes mesmos espíritos noutra tempo foram rebeldes, tão logo, só poderiam ser rebeldes **após** negarem o que Noé buscava esclarecer e se foram rebeldes, somente **após** os dias de Noé e não nos dias de Noé como defendem os defensores das penas eternas.

Diante disso, é interessante observar que a posição dos defensores das penas eternas é escorregadia. Ou seja, se o termo “pregar” significa apenas “notificar” (sem fins de salvação), a pregação foi feita após os dias de Noé. Mas se, por outro lado, o sentido de “pregar” tem por fim o arrependimento e salvação, então a pregação foi feita durante os dias de Noé. Eis aí um exemplo clássico de interpretação por conveniência.

### **35.2. A pregação “aos espíritos em prisão” e o Credor Incompassivo**

Neste ponto, para os defensores das penas eternas, a expressão “espíritos em prisão” é bem diferente da interpretação literal que muitos têm de “espíritos **na** prisão”. Com efeito, esclarecemos esta expressão em outro tópico com a sabedoria de **Gandhi** que nos esclarece: “**A prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e livres na prisão**”. É uma questão de consciência, bem como nos apresenta Jesus que não há dívida e nem muito menos uma pena eterna para uma falta finita, assim como nos diz na **Parábola do Credor Incompassivo**:

*Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida. (Mt 18:30)*

*E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão. (Mt 18:34-35).*

Destarte, ao adentrarmos na passagem do encontro entre Jesus e a mulher adúltera, num paralelo traçado com a análise da parábola do Credor infiel, deixamos **Torres Pastorino** nos apresentar o seu parecer em sua obra **Sabedoria do Evangelho, volume III**, páginas 20 a 22, conforme abaixo:

**O AMOR SALVA**

**Luc. 7:36-50**

**36. Um dos fariseus convidou-o para jantar com ele. Entrando na casa do fariseu, reclinou-se à mesa.**

**37. Havia na cidade uma mulher que era pecadora, e esta, sabendo que ele estava jantando na casa do fariseu, trouxe um vaso de alabastro com perfume**

**38. e, pondo-se-lhe por trás, aos pés, a chorar, começou a regá-los com lágrimas e os enxugava com os cabelos de sua cabeça, e beijava-lhes os pés e ungiu-os com o perfume.**

**39. Ao ver isso, o fariseu que o convidara pensava consigo: 'Se esse homem fosse profeta (médiuim), saberia quem é, e de que classe, a mulher que o toca, pois é uma pecadora'.**

**40. E respondendo-lhe, disse Jesus: "Simão, tenho algo a dizer-te". Ele disse: "Fala, Mestre".**

**41. 'Certo agiota tinha dois devedores; um lhe devia quinhentos denários e o outro cinquenta.**

**42. Não tendo nenhum dos dois com que pagar, perdoou a dívida a ambos. Qual deles, portanto, o amará mais"?**

**43. Respondeu Simão: "Suponho que aquele a quem mais perdoou". Replicou lhe: "Julgaste bem".**

**44. E, virando-se para a mulher disse a Simão: "Vês esta mulher? Entrei em tua casa, e não me deste água para os pés; mas esta me regou com lágrimas e os enxugou com seus cabelos.**

**45. Não me deste ósculo; ela, porém, desde que entrei, não cessou de beijar-me os pés.**

**46. Não ungiu minha cabeça com óleo, mas esta, com perfume ungiu meus pés.**

**47. Por isso te digo: foram resgatados seus muitos erros, porque ela amou muito; mas aquele a quem pouco se resgata, pouco ama".**

**48. E disse à mulher: “Foram resgatados teus erros”.**

**49. Os que estavam com ele à mesa começaram a dizer consigo mesmo: “Quem é esse que até resgata erros”?**

**50. Mas Jesus disse à mulher. “Tua fé te salvou; vai em paz”.**

*Trata-se aqui de um episódio particular a Lucas, que não deve ser confundido com outra cena semelhante, ocorrido mais tarde (em abril do ano seguinte) na casa de Simão, ex-leproso, em Betânia (cfr. Mat. 26:6-13, Marc. 14:3-9 e João, 12:1-8), quando Maria de Betânia, irmã de Marta, executou o mesmo gesto. Não é possível identificar-se Maria de Betânia com a “pecadora” deste passo. Nem pode confundir-se com Maria de Mâgdala (Luc. 8:2), pois aí é ela apresentada como nova personagem em cena. E o fato de ter sido libertada de sete obsessores não significa que fosse “pecadora”.*

*O fariseu, também chamado Simão (nome comuníssimo entre os israelitas da época), convida Jesus para um jantar em sua casa. Jesus costuma aceitar esses convites (cfr. Mat. 11:37 e 14:1).*

**Figura “A PECADORA E JESUS”**

*A expressão “mulher pecadora na cidade” é usada por Amós (7:17) para designar as meretrizes. Mas o argumento é fraco para atribuir esse procedimento a esta criatura em particular. Dizem os comentadores que, se fora meretriz, não na teriam deixado entrar na casa de Simão; mas isso dependeria do nível social em que ela agisse. Todavia, a desenvoltura de seu modo de proceder e de seu gesto, sem acanhamento nem peias sociais, e mais ainda a intensidade de seu amor, parecem revelar uma criatura ardorosa e livre de preconceitos, coisas típicas dessas pessoas. Inclusive o fato viria confirmar a afirmativa categórica de Jesus: “Em verdade vos digo que as meretrizes e os cobradores de impostos conseguirão o reino dos céus antes de vós” fariseus e doutores da lei (Mat. 21:31).*

*Anota o evangelista que ela trazia um vaso de alabastro com perfume. Eram realmente acondicionados em vasilhames desse material os perfumes caros (cfr. Mat. 26:7 e Marc. 14:3).*

*Recordemos que o sistema de mesa nessa época, era em forma de U, ficando os convivas reclinados (ou deitados) em divãs, em redor do U, apoiados no braço esquerdo, tendo a mão direita livre para comer. Pelo centro andavam os empregados a servir a refeição. Dessa forma, os pés dos convivas ficavam “por trás”, voltados para as paredes. Nesse espaço entrou a “pecadora”, prostrou-se ao chão a chorar, agarrada aos pés de Jesus. Como os visse molhados por suas lágrimas, os enxugava carinhosamente com seus cabelos, ao mesmo tempo que os beijava (katephilei) com ardor. A seguir ungiu-os com o perfume que trouxera.*

*A cena era patética, além de profundamente romântica, e chocou o fariseu puritano, que tirou logo suas deduções desfavoráveis à sensibilidade mediúnica de Jesus. Talvez ele se recordasse de que os antigos profetas percebiam o grau de moralidade das pessoas pela simples aproximação (cfr. 1 Reis. 14:6; 2.º Reis 1:3; 5:24, etc). Mas Jesus prova-lhe que o julgamento foi precipitado e propõe-lhe a parábola dos dois devedores insolváveis, a quem o credor perdoa, a um 500, a outro 50.*

*Anotemos, com cuidado, que o verbo usado aqui é echarísato (de charizomai) que literalmente significa “fazer benevolência” ou “dar com amor” (que é exatamente o sentido etimológico de “perdoar”, ou seja, per – prefixo de superlativo – e doar: que é dar de presente; fica então o sentido: doar totalmente). Indaga, então, o Mestre qual dos dois amará mais o antigo credor. Simão não quer comprometer-se e introduz sua resposta com um “suponho”. Jesus aprova plenamente a interpretação da parábola. E, quebrando sua anterior impassibilidade, aponta a mulher e salienta a diferença entre o tratamento que dele recebeu, com austeridade e frieza, e o amor esfuziante e desinibido da mulher que publicamente lhe manifesta seu sentimento apaixonado.*

*No vers. 45 todos os textos trazem eiselthon “desde que eu entrei”, só se encontrando eiselthen (desde que ela entrou) na Peschitta e na Vulgata; é evidente correção, para não parecer exagero. Como explicar que a mulher já se encontrasse na sala de refeições, a esperar que Jesus entrasse e se reclinasse à mesa.*

*Depois vem a declaração: “seus muitos erros foram resgatados (aphéontai, perfeito de aphíemi) porque (hóti) ela amou muito”. As traduções comuns transladam apherontai como “são perdoados”, no presente, e com o mesmo sentido de “Perdão” do versículo 42. Mas aqui o verbo grego é outro: exprime resgatar, que é totalmente diferente de perdoar. A dívida de dinheiro foi perdoada pelo credor isto é, foi anulada, declarada nula, sem que nada tivesse sido feito pelo devedor para merecer esse perdão: foi uma consideração benevolente do credor, por seu estado de insolvência. Já o verbo aphíemi exprime o “resgate”, ou seja uma ação realizada em contraposição ao erro, de tal forma que essa ação do devedor é que anula o erro, porque o apaga. Digamos, por exemplo, que o devedor de 500 denários houvesse prestado um favor tão grande ao credor, que este, por isso lhe perdoasse a dívida: aqui teríamos tò aphíemi, isto é: o favor prestado fez que a dívida fosse resgatada (cfr. vol. 2.º pág. 84).*

*Exatamente nesse sentido é que Jesus declara enfaticamente que o AMOR é uma das maneiras (e talvez a melhor) de conseguir o resgate dos erros do passado, anulando todos os carmas. E quanto mais amor, maior o resgate; mas quando o resgate é pequeno, o amor também o é. Daí passa à sentença absolutória; e é quando, pela primeira vez, se dirige diretamente à mulher, ratificando suas ações de amor com a declaração “teu, erros foram resgatados”. E, sem dar importância ao murmúrio que se levanta da parte dos convivas, mais uma vez se dirige a ela: “tua fé te salvou”, acrescentando a fórmula de despedida comum le shalom “,vai em paz” (cfr. Luc 5:48 e 1 Sam. 1:17).*

*Temos, neste episódio, que pode perfeitamente ter ocorrido no mundo material, um símbolo de grande beleza e profundidade. Trata-se do encontro da emotividade com a individualidade.*

*Já não é mais, aqui, o intelecto iluminado que obtém o contato com o Eu Interno, mas é o astral que descobre a individualidade e a ela se submete integralmente.*

*Os observemos os pormenores*

*Os fariseus eram religiosos rigoristas com bastante espiritualidade, embora muito apegados ainda à letra e às*

*exterioridades rituais. Representam, pois, a personalidade com tendências místicas, se bem que não no rumo certo.*

*Tendo um deles ouvido falar na individualidade (Jesus) convida-O "a jantar. isto é, a chegar até ele para um contato no banquete eucarístico.*

*Algo desconfiado, porém, para agir fora dos preconceitos de sua própria denominação religiosa recebe-O com certa secura, sem muita intimidade, não lhe "dando o ósculo" nem atendendo-O com as mesuras habituais.*

*Mas o contato com a individualidade desperta-lhe emoções profundas em seu corpo astral, embora seu intelecto permaneça arredio. Surge, então, a luta dele consigo mesmo: o intelecto a condenar as emoções que se manifestam com desusado calor.*

*A "pecadora" (são as emoções que arrastam a criatura ao erro) todavia, não conhece peias que a impeçam de expressar-se com entusiasmo: entra em cena, levando seu coração ardoroso de profundo amor (o vaso de alabastro) e lança-se aos pés da individualidade, dando expansão a todo o seu amor com ardentes beijos. E sobre os pés descarrega os fluidos emocionais, transformados em lágrimas.*

*O intelecto começa a descrever da individualidade: como pode ela – de quem tanto falaram com elogios, a respeito de sua superioridade e elevação – como pode deixar de perceber que as emoções são erradas e, não obstante, permitir ser por elas acariciada e amada desordenadamente sem um protesto?*

*A individualidade, no entanto, toma partido em favor da emoção e contra o intelecto vaidoso. Faz-lhe ver que, apesar de seus muitos erros, essa manifestação imensa e vívida de amor conseguiu resgatá-los, por causa das vibrações fortíssimas de união sintônica e isso lhe aumentava reciprocamente o amor, por causa da gratidão; ao passo que o intelecto frio, que não sabe amar, e que encara seus erros, realmente menores, como leves desvios, não consegue resgatá-los a não ser se se entregar à tônica da humildade, passo difícilíssimo para ele.*

*Os exemplos comparativos esclarecem o intelecto, mostrando a diferença profunda no seu agir, em confronto com a emoção. Enquanto esta se purifica dos fluidos pesados emotivos com as lágrimas, vertidas com humildade (aos pés), aquele nem com água faz sua catarse; ele não lhe deu um ósculo de boas-vindas, enquanto ela não deixa de beijar-lhe os pés, desde que a individualidade se manifestou.*

*Aqui se explica o que parece contradição no texto, entre o vers. 37 (a mulher, ao saber que Jesus fora jantar, vai, depois dele, e manifesta seu amor) e o vers. 42 (desde que entrei, dando a impressão de que a mulher já lá estava a esperá-lo). Como, porém, o fato apresenta um símbolo, o verbo do vers. 42, na primeira pessoa, está certo: desde que a individualidade se manifestou, a emoção expressou seu amor.*

*E mais ainda, para que o leitor verifique que cada palavra traz realmente um ensinamento: a oliveira é o símbolo da paz, donde o óleo (azeite), produto da oliveira, é o símbolo da pacificação, resultado da paz. Diz a individualidade que, ao manifestar-se ao intelecto perquiridor curioso, este “não ungiu sua cabeça com o óleo”, isto é, não pacificou suas lutas íntimas, mas prosseguiu perturbando a mente da individualidade com suas dúvidas e críticas; ao passo que a emoção “quebrou o vaso de alabastro” de seu coração e “derramou o perfume” de seu amor, humildemente (aos pés) da individualidade.*

*A conclusão é óbvia: o corpo de emoções. o que vibra no mundo astral sujeito à Lei da Justiça, obtém, através de seu amor intenso e profundo, o resgate de seus carmas. E isso é conseguido através da fé, da convicção inabalável que manifestou, ao acreditar imediatamente na individualidade, amando-a e tendo a coragem de expressar-lhe seu amor, sem qualquer movimento de dúvida. (PASTORINO, p. 20-22).*

### **35.3. A “pregação aos mortos” foi feita aos mortos, ou aos ainda vivos?**

Entro agora na análise do versículo de **I Pe 4:5-6**, ao qual o relaciono abaixo com a citação do verso anterior para embasar a nossa



argumentação:

*os quais hão de prestar contas àquele que é competente para julgar vivos e mortos; pois, para este fim, foi o evangelho pregado também a mortos, para que, mesmo julgados na carne segundo os homens, vivam no espírito segundo Deus. (1 Pe 4:5-6)*

Resolvi inserir este texto para comparar o que realmente está nele e o que vem sendo defendido pelos defensores das penas eternas, a fim de analisar a ambos e estabelecer os devidos esclarecimentos. Embora haja no texto a narração verbal no passado, indicando que o Evangelho foi também pregado aos mortos, segundo os defensores das penas eternas, cumpre esclarecer este acontecimento está sendo narrado por Pedro.

Outrossim, ainda para os defensores das penas eternas, esta pequena frase “**foi o evangelho pregado também a mortos**” infere que esta expressão deve ser entendida como uma alusão aos que ouviram o evangelho enquanto viviam na terra, porém **agora mortos**. Ou seja, diante do que está implícito no texto, vemos que o Evangelho foi pregado aos vivos e também a mortos, já que o advérbio também nos dá a entender que o Evangelho tenha sido pregado não somente aos vivos, mas **também aos “mortos”**. Embora, para os defensores das penas eternas Pedro escreveu; ouviram o evangelho e creram, e embora tenham morrido (isto é, “julgados segundo os homens na carne”), agora vivem com Deus. Pedro escreveu onde que ouviram o evangelho e creram, e embora tenham morrido? Gostaríamos de, pelo menos, ter tido a referência. Quando Pedro diz que estes que estavam mortos, foram julgados na carne segundo os homens. Pedro quis dizer de todos os que tiveram atitudes completamente avessas à providência divina, sendo eles julgados na carne, conforme viveram (v. 3 **do mesmo capítulo**), segundo os homens e mesmo mortos, tiveram a oportunidade de se refazerem diante da pregação da Boa Nova, a fim de que vivam no espírito segundo Deus, já que **Ele é capaz de julgar vivos e mortos**.

Entendo que se os defensores das penas eternas acatassem a ideia de que a “pregação aos espíritos em prisão” realizada por Jesus

fosse **após a sua ressurreição** e não nos dias de Noé como eles defendem, a “pregação do Evangelho também aos mortos” foi dirigida aos espíritos rebeldes e renitentes no erro, **após desencarnarem**, ou morrerem. Tão logo, eles não teriam como embasar a crença de que O evangelho foi pregado àqueles que creram e posteriormente morreram, a fim de que tivessem a vida eterna com Deus, já que os defensores das penas eternas teriam que aceitar uma segunda, ou mais oportunidades de um espírito ainda rebelde, mas que poderia se arrepender, mesmo após o desencarne, sendo que estes poderiam resgatar as suas faltas somente através da **reencarnação**.

#### **35.4. O que realmente ensina tal passagem**

Mediante o que foi apresentado nesta passagem narrada por Pedro, vemos que não há como inferirmos que ele relatou que Jesus pregou aos “espíritos em prisão” nos dias de Noé e através dele, já que eles foram considerados “espíritos em prisão” e rebeldes **após o desencarne nos dias de Noé**. Outrossim, tendo o Evangelho sido “pregado aos mortos”, não poderia ter sido pregado aos que ainda viviam e que ao morrerem, vieram a crer no Evangelho, já que o Evangelho foi pregado aos vivos e **também a mortos**.

#### **36. Analisando a Serpente, Satã e os Daimons**

O sentido grego para a palavra *Daimons* não é somente de espíritos impuros. No idioma grego significa ser um gênio bom ou um gênio mal. Este significado de gênio mal foi tomado a partir dos Evangelhos terem sido escritos em grego. Os defensores das penas eternas aproveitam para salientar apenas um. Segundo eles, os seres aos quais se denominam demônios são, sem sombra de dúvidas, os espíritos, tendo em vista que, pelas passagens citadas, as narrativas ora dizem demônio ora espírito impuro, demonstrando, portanto, que são sinônimas. O fato é que por haver “maus espíritos” possa existir também a manifestação dos “bons espíritos”. O sentido de se levar o significado para “**gênios maus**” da palavra *Daimons*? Vejamos: o possesso de Gerasa Mt 8,28-34; Mc 5,1-20 e Lc 8,26-39; o possesso de Cafarnaum

Mc 1,21-28 e Lc 4,31-37 e o menino mudo e epilético Mt 17,14-21; Mc 9,14-29 e Lc 9,37-43.

O embasamento do entendimento grego, a utilização dessa cultura pelo povo Judeu, imersa no NT, no que tange à palavra *Daimons* e seu real significado, fica esclarecido a denotação negativa para gênio mal. Para os defensores das penas eternas, toda manifestação de “bons espíritos” nada mais é do que a manifestação do Espírito Santo. Analisando o entendimento da palavra *Daimons* no sentido de “gênios maus” no NT e se expulsavam estes mesmos “gênios maus”, somos impelidos a crer que o sentido grego desta palavra levou apenas o significado para “gênios maus”. Segundo, a manifestação de um Espírito Santo nada mais é a de um espírito, pois nos Atos dos Apóstolos, vemos que após Pedro liberto da prisão, muitos acreditaram que era o seu Espírito que se manifestava, assim como:

*reconhecendo a voz de Pedro, tão alegre ficou, que nem o fez entrar, mas voltou correndo para anunciar que Pedro estava junto do portão. Eles lhe disseram: Estás louca. Ela, porém, persistia em afirmar que assim era. **Então, disseram: É o seu anjo.** (At 12:14-15).*

Ou seja, para os Cristãos primitivos, os espíritos dos que desencarnavam se manifestavam naturalmente, quanto disseram que não poderia ser Pedro de fato e sim **o seu anjo**. Com efeito, elaborei o seguinte questionamento: Ou será que a inspiração dos profetas quando alertam o povo não é uma interferência dos bons Espíritos? A resposta é sim e se encontra respondida nos textos **“Toda a Bíblia está cheia de fenômenos mediúnicos”** e **“A Comunicação com os Mortos na Bíblia”**.

Não obstante, a evolução do pensamento sobre a serpente (*nâhâsch*), satã e os daimons foram absolvidas pela cultura judaica através de sincretismo com diversas culturas, tais como a egípcia, a persa e a grega. Ademais, conforme as passagens que foram apresentadas logo acima, estas se referem aos espíritos (imundos ou impuros) exercendo domínio sobre uma pessoa, outras, porém, referem-se às atitudes voltadas ao mal sendo substituídas pelo bem, assim

como desenvolvemos esta questão na passagem de **Lucas**.

*Respondeu-lhes ele: Eu via Satanás, como raio, cair do céu.  
(Lc 10:18)*

Quando se lê todo o texto para se entender o que está implícito consegue-se chegar a uma ideia mais concisa. O contexto é importante. Por isso importa estudar e pesquisar bastante antes de interpretarmos à nossa maneira e passarmos aquilo como verdade absoluta. Quem foi esse querubim que se vestia de pedras preciosas e que foi lançado fora do monte de Deus? Satanás não pode ser. De fato, lemos em Gênesis que Adão e Eva foram tentados no Éden por uma serpente que muitos interpretam como sendo Satanás. Ora, se Satanás estava tentando Adão e Eva e se interpretarmos ao pé da letra o que está em Gênesis, concluiremos que Satanás já tinha sido “expulso do Paraíso”.

No texto de Ezequiel, há a citação do Éden, mas o querubim que alguns querem relacionar com Satanás estava no Jardim do Éden coberto de pedras preciosas e permanecia no “monte santo de Deus”. Na realidade, o texto não fala sobre Satanás, mas sim sobre o rei de Tiro. Ezequiel profetizou sua queda, o que, de fato, aconteceu.

Finalmente, temos um caso, segundo o qual, o próprio Cristo teria dito que viu Satanás cair do céu. Vejamos o texto: “Eu via Satanás caindo do céu como um relâmpago.” (Lc, 10,18). Para estudarmos esse texto, devemos começar por sua análise gramatical. O verbo empregado está no pretérito imperfeito, indicando uma ação que ainda não terminou. Caso Jesus estivesse se referindo a um fato acontecido teria dito “eu vi Satanás caindo do céu” e não “eu via”. O tempo verbal nos remete à situação em que isso foi dito. Jesus havia enviado setenta discípulos às cidades onde ele havia de ir (Lc, 10,1). Quando os discípulos voltaram e deram conta de sua missão, dizendo que até os demônios se lhes submetiam (Lc, 10, 17), Jesus disse que via Satanás como um relâmpago cair do céu.

Analisando a frase de Jesus dentro do contexto, concluímos que ele estava usando o termo Satanás não como um espírito que caía do céu, mas como o mal que era substituído pelo bem que os setenta

discípulos haviam feito. Não há como inferir dessas palavras de Jesus qualquer ligação com a lenda de Lúcifer.

### **37. Escândalos, se vossa mão é motivo de escândalo, cortai-a!**

Mediante o contexto de **Mc 9:42-50, Mt 18:6-11; 29-30** e **Lc 17:1-2** Jesus nos dá um profundo ensinamento que se levarmos o entendimento literal, teremos que aceitar coisas estranhas como automutilação, mas se aceitarmos que o texto é alegórico, qual o ensinamento que ele nos traz? É o que demonstraremos.

Outrossim, cabe-nos ao menos citar o contexto abaixo para desenvolver as devidas considerações e trazer a tona que somente a reencarnação esclarece tal ensinamento de Jesus.

*Se algum escandalizar a um destes pequenos que creem em mim, melhor fora que lhe atassem ao pescoço uma dessas mós que um asno faz girar e que o lançassem no fundo do mar. Ai do mundo por causa dos escândalos; **pois é necessário que venham escândalos**; mas, ai do homem por quem o escândalo venha. Tende muito cuidado em não desprezar um destes pequenos. Declaro-vos que seus anjos no céu veem incessantemente a face de meu Pai que está nos céus, porquanto o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido. **Se a vossa mão ou o vosso pé vos é objeto de escândalo, cortai-os e lançai-os longe de vós**; melhor será para vós que entreis na vida tendo um só pé ou uma só mão, do que terdes dois e serdes lançados no fogo eterno. (Mt 18:6-11)*

***Se o vosso olho vos é objeto de escândalo, arrancai-o e lançai-o longe de vós**; melhor para vós será que entreis na vida tendo um só olho, do que terdes dois e serdes precipitados no fogo do inferno. (Mt 29-30)*

#### **37.1. Jesus nos sugere a automutilação?**

Após a explanação realizada anteriormente com os devidos

questionamentos, enfatizando a impossibilidade de tomarmos o texto literalmente, caso os defensores das penas eternas viessem a defendê-la, porém, concorda conosco de que o texto não é literal e sim alegórico. Todavia, não nos apresentou os defensores das penas eternas o sentido acima da letra que o texto nos passa.

Recordando, os defensores das penas eternas concordam que tal texto é alegórico, mas **não demonstram o seu significado**. Outrossim, como sempre eles deixam o seguinte parecer de que infelizmente para o espiritismo não há sentido implícito nenhum, os mandamentos e ensinamentos de Jesus sempre foram muito claros. Embora os defensores das penas eternas concordem que o texto é alegórico, estranhamente ele não concorda que o mesmo tenha sentido implícito. Isso seria mesma coisa do Espiritismo. Se o texto é literal, não tem nenhum ensinamento velado, está às claras, mas se o texto é alegórico, aí sim nós temos, inelutavelmente, um **sentido implícito**.

Porém, os defensores das penas eternas continuam argumentando que isto é “figura de linguagem”, mas em seguida, como dissemos, não apresentam o real sentido desta alegoria, antes se apoiam em outro sentido, ao qual eles realçam os imperativos (corta-o, arranca-o!), que são ordens para que **façamos isto aqui e agora**, e não que isto nos será arrancado em futuras encarnações. Ou seja, para os defensores das penas eternas que defendem o sentido alegórico (embora não implícito!), eles não se libertaram ainda das amarras literais e nos sugere que Jesus no apresenta a automutilação em vida para entrarmos na eternidade. Assim sendo, deixamos o questionamento aos leitores: **Jesus nos sugere a automutilação?**

Ainda sobre esta passagem, os defensores das penas eternas nos sugerem que antes não ter olho algum e entrar na vida do que com os dois para a morte **eterna**. É justamente isso que defendemos, pois Jesus emblematicamente enfatiza que *é melhor para vós ser que entreis na vida tendo um só olho, do que terdes dois e serdes precipitados no fogo do inferno*. É exatamente isso que argumentamos e se Jesus nos recomenda isso em vida, somos impelidos a crer que Ele nos sugere a automutilação, ou seja, o sentido literal de tal passagem.

Havíamos dito que Jesus nos adverte para retirar órgãos físicos não são literais, porém, já que para os defensores das penas eternas tais órgãos devem ser retirados **aqui e agora**, e que o façamos caso algo nos escandalizar. Destarte, para os defensores das penas eternas dão a entender que nós tenhamos que retirá-los. Eles defendem a literalidade destes imperativos que entendem que todo mandamento dado por Jesus deve ser observado no hoje, no agora. Ou seja, a conotação imperativa dada por Jesus nos sugere a alternativa literal de que o Mestre nos sugere que observemos no hoje, no agora, com a automutilação? Cremos que não, pois para os Judeus, a automutilação era uma ofensa a Deus.

Os defensores das penas eternas nos sugerem que ao contrário do espiritismo, cujos órgãos seriam retirados apenas em outras encarnações, contradizendo o mandamento de Jesus. É corta-o, e não *será cortado!* Assim sendo, nos sugerem os defensores das penas eternas mais uma vez a automutilação apresentada pelo Mestre Jesus, com isso, ainda ficamos com a codificação **no item 17 do ESE**:

**17. Se vossa mão é causa de escândalo, cortai-a.** *Figura enérgica esta, que seria absurda se tomada ao pé da letra, e que apenas significa que cada um deve destruir em si toda causa de escândalo, isto é, de mal; arrancar do coração todo sentimento impuro e toda tendência viciosa. Quer dizer também que, para o homem, mais vale ter cortada uma das mãos, antes que servir essa mão de instrumento para uma ação má; ficar privado da vista, antes que lhe servirem os olhos para conceber maus pensamentos. Jesus nada disse de absurdo, para quem quer que apreenda o sentido alegórico e profundo de suas palavras. Muitas coisas, entretanto, não podem ser compreendidas sem a chave que para as decifrar o Espiritismo faculta.* (KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo VIII, Bem-aventurados os que têm puro o coração).

Ou seja, a justiça divina que só através da **reencarnação** é que podemos compreendê-la.

### **37.2. Afinal, qual o ensinamento desta passagem!**

O que chamou à atenção, é que pela passagem ser considerada uma alegoria pelos defensores das penas eternas, estes dizem que pelo fato de ter dado um entendimento emblemático às palavras de Jesus para que as premissas espíritas sejam válidas. Ou seja, não seria com o fito de validar a premissa espírita, mas de corroborar com o que eles mesmos creem que é o sentido alegórico de tal passagem. Apresentamos o sentido desvelado do emblema de tal passagem e parece que os defensores das penas eternas se agarram ao sentido de um **fogo que não se apaga nunca**. Em outras palavras, começa emblematicamente o entendimento de tal passagem, mas termina com um sentido literal, mas teríamos que explanar ou com o sentido alegórico, ou literal.

Diante do contexto de **Mc 9:47-50**, salientamos que Jesus colocou que todos serão salgados com fogo (v. 49 **do mesmo capítulo**). Enfatizamos esta mensagem de Jesus dirigindo a todos que seriam salgados com as experiências expiatórias, de provas e de reparação para um espírito ainda em falta, dando-lhe a oportunidade do progresso. Para os defensores das penas eternas, tivemos certa dificuldade de passar este sentido ao texto, como sendo emblematicamente a expiação, como meio de purificação e, assim, de progresso, para o Espírito culpado, este seria um fogo que não se apaga **nunca**, segundo os defensores das penas eternas. Ou seja, o processo de expiação, de provas e reparação para o progresso espiritual e individual, onde sempre teremos este processo, a fim de alcançarmos níveis mais sublimes da escalada evolutiva que não cessa **nunca**.

O âmago da questão levantada pelos defensores das penas eternas é exclusivamente nos versos já citados de **Mc 9:47-50** que aplacaria conciliar esta passagem com uma futura reencarnação na vida terrena pois, se para onde forem, os que procederem em maus caminhos, conforme o que o Mestre disse, será o resultado daquilo que praticam, entende-se daí que é um estado irreversível: Ires para o inferno, para o fogo que nunca se apaga. Se um espírito infrator, por uma atitude finita em desacordo com a providência divina vem a ter a



sentença infinita, teríamos que crer que a atitude deste mesmo infrator deveria ser infinita. Este mesmo homem em um estágio finito em seu estado de qualidades e defeitos, sendo seus atos irreversíveis, somos impelidos a crer que o homem é infinito em suas qualidades e defeitos, porém, sabemos que este atributo só pertence a Deus que é Absoluto.

Ademais, para finalizar a ideia de inferno apresentada pelos defensores das penas eternas, em Judas 7 está escrito que Sodoma e Gomorra “foram postas como exemplo, **sofrendo a pena do fogo eterno**”, e Pedro diz que “**reduzindo a cinza** as cidades de Sodoma e Gomorra, condenou-as à destruição, havendo-as posto para exemplo aos que vivessem impiamente”. Podemos então, concluir que “fogo eterno” significa “destruição”? É claro que não é destruição definitiva, pois de acordo com Jesus, “Em verdade vos digo que, no dia do juízo, haverá menos rigor para a terra de Sodoma e Gomorra do que para aquela cidade”.

Sendo assim, a expressão “fogo eterno” não deve ser tomada literalmente. Assim fica então destruída a tese das penas eternas, já que este dogma **nivela** no inferno, tanto os grandes e pequenos criminosos, sendo estes os culpados de momento e os reincidentes contumazes, os com os corações endurecidos e os que não tiveram tempo de se arrepender. A única resposta para esta passagem seria a reencarnação, trazendo o progresso como um estado sem fim e não que as penas são eternas, mas proporcionais com as faltas dos infratores. Fica assim demonstrado **biblicamente** a incoerência dessa literalidade reducionista acerca do “fogo eterno”, para o qual nem os defensores das penas eternas refutaram ainda, pois se Sodoma e Gomorra foram destruídas, **destruída fica a tese literal do “fogo eterno”**.

Finalizando a proposta desta análise, deixei anteriormente uma explanação que não foi sequer comentada e que está em consonância com o cerne deste ensinamento, tendo em vista que não podemos assim ter a concepção LITERAL que implica em retirar os nossos próprios órgãos já que **melhor é entrarmos no reino de Deus com um só olho**. Ou seja, o entendimento desta parábola não é literal e de forma nenhuma Jesus nos manda mutilar o nosso próprio corpo. Ele dá a chave através da reencarnação e diante de tantos seres humanos que

nascem mutilados fisicamente seja por prova, ou até por expiação. A expressão cortar não representa a atitude de cortar em seu aspecto físico, como já foi amplamente discutido neste tópico, onde exemplificamos na passagem do cego de nascença e do homem coxo no texto “O diálogo entre Jesus e Nicodemos”, pois os órgãos lá estavam, mas que só puderam ser utilizados após o milagre de Jesus em ambos aspectos. Aproveitamos para ressaltar que, por isso, fica demonstrado que a determinação não pode ser entendida apenas no seu aspecto literal, mas também, no aspecto teológico e teleológico de admoestação, isto é, os órgãos lá estavam fisicamente, mas não puderam ser utilizados, pois só puderam ser utilizados, repetimos, após o milagre. Com efeito, essa não possibilidade de utilização dos órgãos representa uma forma de reprimenda – não de punição – e que deve ser analisada não só sob o aspecto físico, mas também, sob o aspecto transcendental.

### **38. O inferno e as penas eternas para erros finitos**

Parafrazeando Kardec, considerarmos que “**o homem é finito em suas qualidades, em suas aptidões, em seus conhecimentos e, conseqüentemente, não pode produzir senão coisas limitadas. Se o homem pudesse ser infinito no mal que faz, seria igualmente no bem, igualando-se a Deus. Mas se o homem fosse infinito no bem, não praticaria o mal, pois o bem absoluto é a exclusão de todo mal. Admitindo que uma ofensa temporária à Divindade pudesse ser infinita, Deus, vingando-se por um castigo infinito, seria infinitamente vingativo. Sendo Deus infinitamente vingativo, não pode ser infinitamente bom e misericordioso, visto como um destes atributos exclui o outro. Sendo o homem finito, nada que ele faça poderá atingir ou macular a Divindade, haja vista que Ele é infinito e o finito é infinitamente inferior ao infinito. Se Deus é Soberano e Justo, sua Justiça Soberana não é inexorável em termos absolutos, nem leva a complacência a ponto de deixar impunes todas as faltas. Ao contrário, pondera rigorosamente o bem e o mal, recompensando um e punindo outro equitativa e proporcionalmente, sem se enganar jamais na aplicação. Se por uma falta passageira, resultante sempre da natureza imperfeita do homem e muitas vezes da influência do meio em que vive,**

deixa a alma castigada eternamente e sem clemência, não há proporção entre a falta e o castigo. Reconciliando-se com Deus, arrependendo-se, e pedindo para reparar o mal praticado, o culpado deve voltar-se para o bem, para os bons sentimentos e atitudes. Mas se o castigo é irrevogável, esta subsistência para o bem não frutifica, e um bem não considerado significa injustiça. Entre nós, seres humanos, o condenado que se corrige tem abreviada sua pena. Neste caso, haveria mais equidade na justiça humana do que na divina. Se a pena é irrevogável, inútil será o arrependimento, e o culpado, nada tendo a esperar de sua correção, persiste no mal, de modo que Deus não só o condenaria a sofrer perpetuamente, mas ainda a **permanecer no mal por toda eternidade**. Nisso não há bondade nem justiça”. E de mais a mais, se o tempo de uma pena é **indeterminado**, quem é capaz de querer **determinar** alguma coisa e estabelecer que não tem fim? Já que O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. **Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira**. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades (Sl 103:8-10)... mas conforme a Sua justiça, ou seja, a lei natural da **reencarnação (Jo 3:12)**. O que mais uma vez nos prova exuberantemente ser inconciliável o absurdo das penas eternas, como reflexo de justiça divina.

### 38.1. “A falibilidade dos projetos humanos”, segundo Tiago

Os defensores das penas eternas, acerca da passagem de **Tiago**, tentam corroborar a tese de que Tiago sabe que somos como vapor que aparece um pouco e logo se desvanece como se desse a entender que não existe a possibilidade das vidas sucessivas. Com efeito, nos recomendam eles sobre este versículo, sugerindo que o alterássemos para “Sois um vapor que aparece por um pouco, logo se desvanece, e *volta a aparecer de novo*”. Assim sendo, eis a passagem:

*Atendei, agora, vós que dizeis: Hoje ou amanhã, iremos para a cidade tal, e lá passaremos um ano, e negociaremos, e teremos lucros. Vós não sabeis o que sucederá amanhã. Que é a vossa vida? Sois, apenas, como neblina que aparece por instante e logo se dissipa. Em vez disso, devíeis dizer: Se o Senhor quiser, não só viveremos, como*

*também faremos isto ou aquilo. Agora, entretanto, vos jactais das vossas arrogantes pretensões. Toda jactância semelhante a essa é maligna. Portanto, aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando. (Tg 4:13-17)*

O objetivo deste texto de Tiago não é o de pregar a reencarnação, ou muito menos condená-la. O objetivo deste texto é única e exclusivamente a falibilidade dos projetos humanos em querer deixar o seu próximo à mercê da sorte, preocupando-se com seus próprios projetos (vv. 13-14 **do mesmo capítulo**), não praticando o ato de amor ao próximo por inércia (v. 17 **do mesmo capítulo**). Ademais, lendo todo o capítulo recomendado anteriormente pelos defensores das penas eternas, pudemos depreender isto que acabamos de relatar e não notamos que Tiago não fala da “falibilidade dos projetos humanos”, ele fala da falibilidade da **vida humana**. Nossos projetos não darão certos não pelo projeto em si, mas por nossa vida que, amanhã, pode se findar. Aliás, sabemos que por egoísmo podemos não praticar o ato de amor ao próximo e pelo motivo da inércia deixamos o nosso próximo à mercê da sorte. Ademais, os defensores das penas eternas se apegaram apenas ao fato de sermos espíritos encarnados que amanhã podemos desencarnar. Ou seja, não corroborou a sua tese do que realmente ensina tal passagem, antes se preocupou em salientar esta passagem de Tiago, mas ignorou, por exemplo, o tópico IV deste tema sobre a passagem de **Jó 35:5-8** que enfaticamente diz sobre as vidas sucessivas.

Acerca do desfecho do capítulo 4 da epístola de Tiago tratar de que todo **aquele que sabe que deve fazer o bem e não o faz nisso está pecando**, demonstrando o real objetivo de tal apóstolo, os defensores das penas eternas disseram que concordam plenamente. Todavia, sendo este o objetivo de Tiago que apresentamos, os defensores das penas eternas nos remetem ao verso 14 para trazer a questão central de tal passagem, porém, não é isso que conclui o texto.

A exortação de Tiago é para que atentemos ao realizarmos o bem, sem nos preocuparmos com o amanhã, já que se não o fizermos, certamente por não praticarmos o bem é o mesmo que fazer o mal pela inércia. Realmente os defensores das penas eternas não afirmaram que a fé sem obras é suficiente e com isso ratificamos o que dissemos que

eles afirmam, mas pelo que discutimos no texto “**A fé sem obras está morta**”, ficou claro que se para os defensores das penas eternas a fé é suficiente para a salvação, mas a prática das boas obras teria meramente um valor secundário e, tão logo, seriam dispensáveis para que já se consideram “salvos”. O que fizemos foi **fundamentar** que é pelas boas obras que provamos a nossa fé.

### **38.2. Marcos 9 e o que ele ensina sobre “salgar com fogo”**

Vamos à passagem em análise:

*Disse-lhe João: Mestre, vimos um homem que em teu nome expulsava demônios, e nós lho proibimos, porque não nos seguia. Jesus, porém, respondeu: Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e possa logo depois falar mal de mim; pois quem não é contra nós, é por nós. Porquanto qualquer que vos der a beber um copo de água em meu nome, porque sois de Cristo, em verdade vos digo que de modo algum perderá a sua recompensa. Mas qualquer que fizer tropeçar um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma pedra de moinho, e que fosse lançado no mar. E se a tua mão te fizer tropeçar, corta-a; melhor é entrares na vida aleijado, do que, tendo duas mãos, ires para o inferno, para o fogo que nunca se apaga. [onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga.] Ou, se o teu pé te fizer tropeçar, corta-o; melhor é entrares coxo na vida, do que, tendo dois pés, seres lançado no inferno. [onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga.] Ou, se o teu olho te fizer tropeçar, lança-o fora; melhor é entrares no reino de Deus com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no inferno. onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga. **Porque cada um será salgado com fogo. Bom é o sal;** mas, se o sal se tornar insípido, com que o haveis de temperar? Tende sal em vós mesmos, e guardai a paz uns com os outros. (Mc 9:38-50)*

Vamos aos fatos segundo o contexto: Primeiramente vemos que os Apóstolos proibiram alguns que não estavam com eles a expulsarem “demônios”, com isso o Mestre os advertiu de que não haveria de os proibir, pois voltamos ao mesmo fato de que um reino dividido entre si não

sobre existirá.

Outro fato é os Homens que vivem em atitudes que não conseguem se libertar do desejo da mulher de teu próximo e da cobiça, do assassinio, alcoolismo, prostituição, etc, estes deveriam arrancar os seus próprios olhos, as mãos, os órgãos genitais, etc e tudo praticado em vida, conforme a parábola abaixo?

*Ou, se o teu olho te fizer tropeçar, lança-o fora; melhor é entrares no reino de Deus com um só olho, do que, tendo dois olhos, seres lançado no inferno. (Mc 9:47)*

Vemos que Jesus enfatiza: **[onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga.]**, colocando assim a preexistência da alma e as penas morais que muitos de nós enfrentamos entre nossas idas e vindas mediante as nossas faltas, para nos elucidar de que os órgãos físicos, que, porventura nos for motivo de queda serão retirados em nossa nova encarnação para o nosso aperfeiçoamento, fato este que comprova milhares de deficientes no mundo inteiro que por misericórdia superam as suas más inclinações mediante a prova e até mesmo na expiação para que assim manifeste a Vontade do Pai de que sejamos um só rebanho em um só Pastor. Logo à frente o Mestre nos elucidava o porquê cada um será salgado com fogo. **Bom é o sal; mas, se o sal se tornar insípido, com que o haveis de temperar? Tende sal em vós mesmos, e guardai a paz uns com os outros**, fazendo assim a alusão de que estamos num planeta de provas e expiações e sujeitos às tais, com isso Ele desfecha a passagem de que o “sal” é bom e todos nós o temos o tempero de nossas virtudes e más inclinações e seremos moldados e lapidados pelas prova que o Pai nos concede para a nossa superação e evolução espiritual e mesmo assim buscarmos a felicidade incansavelmente, que, porventura também progride o nosso estado de emancipação da alma através da luta interior que por deveras temos que travar em dominar o nosso ego e sobrepormos a vontade do Espírito pelo desejo e fraqueza da carne.

O sal, entre os Hebreus, era o emblema da purificação de toda a vítima oferecida em oblação ao Senhor, mas no que se refere ao texto em análise, **este nos apresenta o sal como símbolo de purificação e fogo como emblema da expiação na passagem de Mc 9:49.** O

entendimento exegético de tal passagem continua sendo o mesmo sobre a passagem do sal da Terra (**Mt 5:13**) que segundo a nota de rodapé de sua Bíblia é da SBB, em que estamos utilizando também. Porém, cabe-nos umas ressalvas nas passagens de **Mt 18:6-11, Mc 9:42-50 e Lc 17:1-2**.

*Disse Jesus a seus discípulos: **É impossível que não venham os escândalos; mas ai daqueles por que vêm os escândalos. A esse melhor fora lhe atassem ao pescoço uma mó de moinho e o lançassem ao mar do que escandalizar a um destes pequeninos. (Mt 18:6-11, Mc 9:42-50 e Lc 17:1-2)***

Necessário é, pois, que haja escândalo no mundo, visto que só mediante eles muitas consciências despertam para o reconhecimento dos erros praticados e para o arrependimento, e, que, pelo contato com os vícios, é que às virtudes se fortalecem e deles triunfam. Ai, porém, dos que ocasionem o escândalo, e ai também, ainda que menor lhes seja a culpa, dos que se deixem levar até o escândalo. Mais valerá estarem bastante amadurecidos para uma vida melhor.

Qualquer que seja o sacrifício que nos custe à destruição, em nossas almas, de todas as causas do mal, preferível é que o façamos a que nos tornemos causa de escândalo, com o que nos condenaremos a sofrer pelos nossos próprios frutos durante séculos talvez, mas nunca eternamente. O sal, entre os Hebreus, era o emblema da purificação de toda a vítima oferecida em oblação ao Senhor. Outrossim, Jesus recorrendo sempre aos costumes, preceitos e tradições Hebraicas, para compor a linguagem figurada de que necessitava usar, Ele ainda aqui apresentou a infância como emblema da pureza e da virtude; **Este nos apresenta o sal como símbolo de purificação e fogo como emblema da expiação na passagem de Mc 9:49.**

### **39. Considerações Finais**

Chegamos ao fim de mais este texto, no qual nos comprometemos a analisar seu foco que era a justiça da reencarnação como contraponto ao dogma das penas eternas que, sem nenhuma base de sustentação, alguns ainda tentam sustentar. Outrossim, se

Judas, conforme a narração da **Bíblia do Peregrino** (pp. 2385-2386) nos informa que ele estava em estado de remorso, se arrependeu, confessou a inocência de Jesus e desesperou pelo perdão, estamos certos de que “*O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades*” (**SI 103:8-10**) e portanto, já o perdoou. Se Deus, em sua grandiosidade, está infinitamente acima da justiça de nós homens, onde Jesus nos recomendou que nós devemos perdoar nosso próximo infinitamente (70 x 7), por evidência de axioma, Deus não poderia estar abaixo de nós homens.

Por outro lado, os defensores das penas eternas argumentam que nós deduzimos que Judas se arrependeu, ou que confessou seu pecado diante de Deus antes do suicídio, **não fossem as fartas referências bíblicas do destino dele**. E também que continuamos com esta tese insistindo que Judas se arrependeu. Ademais, segundo o questionamento de Kardec em **O Livro dos Espíritos**, em relação a **questão 1009 – Desse modo, os sofrimentos impostos nunca serão por toda a eternidade?** E parafraseando os espíritos Santo Agostinho, Lammenais, Platão e o Apóstolo Paulo. Faço deles as minhas palavras finais:

*– Interrogai o bom senso, a razão, e perguntai-vos se uma condenação perpétua por causa de alguns momentos de erro não seria a negação da bondade de Deus. O que é, de fato, a duração da vida, mesmo de cem anos, em relação à eternidade? Eternidade! Compreendei bem essa palavra? Sofrimentos, torturas sem fim, sem esperança, por algumas faltas! Vossa razão não rejeita uma ideia dessa? É compreensível que os antigos tenham visto no Senhor do universo um Deus terrível, ciumento e vingativo. Em sua ignorância, atribuíam à Divindade as paixões dos homens. Porém, esse não é o Deus que o Cristo nos revelou, que coloca como virtudes primordiais o amor, a caridade, a misericórdia e o esquecimento das ofensas. Poderia Ele próprio não ter as qualidades das quais faz um dever? Não há contradição em atribuir ao Criador a bondade infinita e a vingança também infinita? Ensinai, antes de mais nada, que Ele é justo em Sua perfeição e que o homem não compreende*



*Sua justiça. Mas a justiça não exclui a bondade, e Ele não seria bom se condenasse aos mais horríveis e perpétuos sofrimentos a maior parte de suas criaturas. Teria o direito de fazer da justiça uma obrigação para seus filhos, se não lhes tivesse dado os meios de compreendê-la? Aliás, a sublimidade da justiça, unida à bondade, está em fazer com que a duração dos sofrimentos dependa dos esforços que o transgressor faça para se melhorar. Eis a verdade destas palavras: “A cada um segundo suas obras”. (Santo Agostinho).*

– *Esforçai-vos, por todos os meios ao vosso alcance, em combater, destruir a ideia dos castigos eternos, pensamento blasfemo, ultrajante para com a justiça de Deus. Esse pensamento é a fonte mais fecunda da incredulidade, do materialismo e da indiferença que invadiu as massas humanas desde que sua inteligência começou a se desenvolver. O Espírito, prestes a se esclarecer, ou apenas saído da ignorância, logo compreende a monstruosa injustiça; sua razão a rejeita e, então, frequentemente, sente a mesma rejeição ao sofrimento que o revolta e a Deus, a quem o atribui; daí os males inumeráveis que vieram se unir aos vossos e para os quais viemos trazer remédio. A tarefa que apontamos será tão mais fácil quanto é certo que as autoridades sobre as quais se apoiam os defensores dessa crença têm todas evitado de se pronunciar sobre elas formalmente. Nem os concílios, nem os Pais da Igreja resolveram essa questão. Mesmo de acordo com os próprios evangelistas, e tomando ao pé da letra as palavras simbólicas do Cristo, ele ameaçou os culpados com um fogo que não se apaga, com um fogo eterno; porém, não há absolutamente nada nessas palavras que prove que ele os condenou eternamente.*

***Pobres ovelhas desgarradas, sabeis deixar vir até vós o bom Pastor que, longe de vos banir para sempre de sua presença, vem ao vosso encontro para vos reconduzir ao aprisco. Filhos pródigos, deixai o exílio voluntário; dirigi vossos passos à morada paternal: o Pai estende os braços e se mostra sempre pronto a festejar vosso retorno à família. (Lammenais).***

– ***Guerras de palavras! Guerras de palavras! Já não***

**fizestes derramar sangue suficiente? Será ainda preciso reacender as fogueiras? Discutem-se os temas: eternidade das penalidades, eternidade dos castigos; deveis compreender que o que entendeis hoje por eternidade não é o mesmo que entendiam os antigos.**

Se o teólogo consultar as fontes, descobrirá, como vós, que o texto hebreu não dava às palavras penas sem fim e irremissíveis o mesmo significado dado pelos gregos, os latinos e os modernos nas suas traduções. Eternidade dos castigos corresponde à eternidade do mal. Sim, enquanto o mal existir entre os homens, os sofrimentos subsistirão; é em sentido relativo que se devem interpretar os textos sagrados. A eternidade dos sofrimentos é, portanto, apenas relativa, e não absoluta. Quando chegar o dia em que todos os homens, pelo arrependimento, se revestirem da túnica da inocência, não haverá mais gemidos nem ranger de dentes. A razão humana é limitada, é bem verdade, mas mesmo assim é um presente de Deus. Assim, com a ajuda da razão, não existe uma única pessoa de boa-fé que não seja capaz de compreender a natureza relativa da noção de castigos eternos! Castigos eternos! Como? Seria preciso, então, admitir que o mal é eterno! Somente Deus é eterno e não poderia ter criado o mal eterno, porque assim seria preciso lhe tirar o mais magnífico de seus atributos: o poder soberano, porque não seria soberanamente poderoso aquele que criasse um elemento destruidor de suas próprias obras. Humanidade! Humanidade! Não mergulhes mais tristes olhares nas profundezas da Terra para lá procurar os castigos. Chora, espera, arrepende-te, repara os erros e refugia-te no pensamento de um Deus infinitamente amoroso, absolutamente poderoso, essencialmente justo. (Platão).

– **Gravitar para a unidade divina, esta é a meta da humanidade. Para atingi-la, três coisas são necessárias: a justiça, o amor e a ciência; três coisas lhe são opostas e contrárias: a ignorância, o ódio e a injustiça.** Pois bem! Eu vos digo, em verdade, que falseais esses princípios fundamentais, comprometendo a ideia de Deus ao exagerar uma severidade que Ele não tem. Vós a comprometeis mais ainda incutindo no espírito da criatura a ideia de que ela mesmo possui mais clemência, bondade, amor e verdadeira

*justiça do que o Criador. Vós destruíis até mesmo a ideia de inferno ao torná-lo ridículo e inadmissível às vossas crenças, como é para vossos corações o horrendo espetáculo das execuções, fogueiras e torturas da Idade Média! Mas, como? Será que agora, quando a era das represálias foi banida pela legislação humana, é que esperais mantê-la viva? Acreditai em mim, irmãos em Deus e em Jesus Cristo, acreditai em mim, ou resignai-vos a deixar morrer em vossas mãos todos os dogmas, em vez de os modificar, ou, então, vivificai-os, abrindo-os às ideias puras que os bons Espíritos derramam neles neste momento. A ideia de inferno, com suas fomalhas ardentes, suas caldeiras fervilhantes, pode ser tolerada, num século de ferro; mas atualmente não é mais que um fantasma, quando muito para amedrontar criancinhas, e no qual elas mesmas não acreditam mais quando crescem.*

***Insistir nessa mitologia assustadora é incentivar a incredulidade, mãe de toda desorganização social. Tremeo ao ver toda uma ordem social abalada e a ruir sobre suas bases, por falta de sanção penal condizente. Homens de fé ardente e viva, vanguardeiros do dia da luz, mãos à obra! Não para manter fábulas ultrapassadas que perderam o crédito, mas para reavivar, restaurar o verdadeiro sentido da sanção penal, de forma que estejam de acordo com os costumes, sentimentos e as luzes de vossa época.***

*Quem é, de fato, o culpado? É aquele que, por um desvio, por um falso movimento da alma, se afasta do objetivo da Criação, que consiste no culto harmonioso do belo, do bem, idealizados pelo arquétipo humano, pelo Homem-Deus, por Jesus Cristo. Que é o castigo? A consequência natural, derivada desse falso movimento; uma soma de dores necessárias para fazê-lo desgostar, detestar a sua deformidade, pela prova do sofrimento. **O castigo é o agulhão que estimula a alma, pela amargura, a se curvar sobre si mesma e retornar ao caminho da salvação. O objetivo do castigo é apenas a reabilitação, a redenção. Querer que o castigo seja eterno, por uma falta que não é eterna, é negar toda a sua razão de ser.***

***Eu vos digo em verdade, basta, chega de colocar em paralelo na eternidade o bem, essência do Criador, com o***

**mal, essência da criatura; isso seria criar uma penalidade injustificável.** *Afirmar, ao contrário, o amortecimento gradual dos castigos e das penalidades pelas reencarnações sucessivas e consagrai, com a razão unida ao sentimento, a unidade divina. (Paulo, Apóstolo).* (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Quarta, Capítulo 2, Penalidades e Prazeres futuros).

## 40. Seremos salvos ou teremos que nos salvar?

*Zaqueu, porém, levantando-se, disse ao Senhor: Eis aqui, senhor, dou aos pobres metade dos meus bens; e se em alguma coisa tenho defraudado alguém, eu lho restituo quadruplicado. **Disse-lhe Jesus: Hoje veio a salvação a esta casa, porquanto também este é filho de Abraão. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.** (Jesus – Lc 19:8-10)*

Este estudo é um tanto quanto polêmico, pois segundo a defesa de alguns de que não precisamos mais nos esforçar em sermos pessoas melhores, pois como já definimos de que **‘a fé sem obras é morta’**, bem como o caráter de julgamento de que será dado **‘a cada um segundo as suas obras’** no texto **‘A fé sem obras está morta’**. Entendemos que temos que nos esforçar em adentrar na porta estreita das virtudes, a fim de que possamos buscar a salvação, não esperando uma salvação já adquirida com o sacrifício de Jesus. Definiremos que devemos percorrer na busca incessante das virtudes vividas pelo Mestre, conforme os tópicos abaixo.

Este tema é muito polêmico, principalmente quando se trata do salvacionismo paulino pregado em muitas correntes religiosas. O que estabeleceremos é que o que foi pregado por Jesus é a necessidade de praticarmos a seu evangelho e que esta prática será o critério de salvação estabelecido pelo Mestre, já que sabemos que o caráter de julgamento é **‘a cada um segundo as suas obras’**. Ademais, as passagens de Lc 13:22-30 e Mt 7:13-14, estas se referem a um ensinamento muito mais profundo e nosso objetivo aqui será esclarecer. Sabemos que pela fé muitos foram curados e Jesus em muitas ocasiões dizia **‘tua fé te curou’** ou ainda **‘crê e serás salvo tu e tua casa’** a essas pessoas que passavam pelo processo de cura, bem como podemos verificar nas passagens Lc 8:50; Lc 9:56; Mc 8:35; Lc 17:33; Lc 9:24; Mc 5:34; Mc 13:20; Lc 2:30; Lc 3:6 Jo 4:22; Lc 19:9; Lc 1:69; Mt 20:28.

### 40.1. A Porta estreita e a Porta larga – Devemos nos esforçar?

Transcorrendo nessa análise, há o símbolo da Porta Estreita segundo o qual é pelas virtudes que seremos julgados e medidos para recebermos o galardão (Mt 24). A conquista das virtudes está ligada ao esforço de cada um. A simbologia da Porta Larga, ao contrário, está ligada à falta de esforço e traz a perdição pelas nossas paixões e imperfeições. Teríamos que nos esforçar sim, por adentrar nas virtudes celestes e como bem sabemos de que em uma vida somente seria praticamente impossível e desta maneira que teríamos que nos esforçar para domarmos as nossas más inclinações, conhecendo a nós mesmos e procurarmos a prática do Evangelho para engendrar o merecimento do patamar que alcançarmos, diante do exemplo deixado pelo Mestre, praticado por nós mesmos, e não por lábios, mas pelos nossos próprios atos e esforços que fizermos, uns para com os outros. A responsabilidade é sempre nossa, e nossa entrada pela Porta estreita ou Porta larga deve ser feita por nós.

Contudo, os salvacionistas dizem que o “Cristo, ao invés de negar o que os próprios discípulos perguntaram, se serão ‘... poucos os que são salvos?’ (Lc 13:23), antes confirma esta assertiva, pois muitos procurarão entrar e não poderão. (Lucas 13:24)” E isto Jesus diz logo após o conselho para que nos esforcemos para entrar pela porta estreita, confirmando que, mesmo muitos tendo se esforçado, naquele dia ficarão de fora.” Ou seja, segundo os salvacionistas, Jesus orienta que nos esforcemos para entrar pela porta estreita e mesmo que muitos tendo se esforçado, naquele dia ficarão de fora. Pelo que entendemos, Jesus orienta aquilo que Ele mesmo condenará. Mas, diante do contexto, há outra visão, diferente da apresentada pelos salvacionistas, vejamos:

*Passava Jesus por cidades e aldeias, ensinando e caminhando para Jerusalém. E alguém lhe perguntou: **Senhor, são poucos os que são salvos?** Respondeu-lhes: **Esforçai-vos por entrar pela porta estreita**, pois eu vos digo que muitos procurarão entrar e não poderão. **Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado a porta**, e vós, do lado de fora, começardes a bater, dizendo: *Senhor, abre-nos a porta, ele vos responderá: Não sei donde sois. Então, direis: Comíamos e bebíamos na tua presença, e ensinavas em nossas ruas. Mas ele vos dirá: Não sei donde vós sois;**

***apartai-vos de mim, vós todos os que praticais iniquidades. Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes, no reino de Deus, Abraão, Isaque, Jacó e todos os profetas, mas vós, lançados fora. Muitos virão do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul e tomarão lugares à mesa no reino de Deus. Contudo, há últimos que virão a ser primeiros, e primeiros que serão últimos.*** (Lc 13:22-30)

Diante do contexto, vemos que os discípulos perguntam se poucos serão salvos e Jesus responde como uma orientação para que se esforcem em adentrar à Porta Estreita, ou, se elevar às virtudes celestes. Todavia, no pensamento dos salvacionistas, Jesus disse que muitos **tendo se esforçado**, naquele dia **ficarão de fora**. Entretanto, Jesus disse o oposto, pois, Ele não poderia condenar àqueles que seguirem sua orientação de **Esforçai-vos por entrar pela porta estreita**, tanto que o Mestre assevera que muitos procurarão entrar e não poderão. **Quando o dono da casa se tiver levantado e fechado a porta**. Muitos procuraram entrar, mas não se esforçaram em adquirir as virtudes necessárias para terem o merecimento, antes procuram entrar sem nenhum esforço. Não estavam dispostos a "pagar o preço". Esta simbologia representa o fato de muitos dos que estavam próximos Dele, ouviram os Seus ensinamentos, mas não fizeram o principal em não se esforçarem para se melhorarem como pessoas, substituindo o orgulho pela humildade, o egoísmo pela fraternidade, a avareza pela caridade, ou seja, será dito a estes que **“Não sei donde vós sois; apartai-vos de mim, vós todos os que praticais iniquidades”**. Praticaram todas as liturgias religiosas e preceitos de suas crenças, procuraram entrar na porta, ainda procuram, mas não querem se esforçar para tal, por isso que muitos serão lançados fora até pagarem o último ceitil, daí poderão retornar ao caminho através da consolação da reencarnação e de uma nova oportunidade de retificar os próprios erros na prática do bem, através da excelência do amor exemplificado pelo Mestre.

E, finalizando a análise realizada, os salvacionistas chegam ao desfecho dizendo que “a conclusão lógica, texto com contexto, apenas favorece que temos que nos salvar, isto é claro, mas, apenas pelos nossos esforços? Se o próprio Cristo diz que muitos tentarão entrar, encontrar outro significado para ‘**tentarão**’ que não seja, ‘se esforçarão.’” Ou seja, muitos tentaram na última trombeta, mas era

tarde, pois a porta estava fechada e por este motivo, não haveria como se esforçarem para alcançarem as virtudes celestes. Todavia, os salvacionistas encontram o mesmo significado para “tentarão” que é “se esforçarão”. Uma diferença é tentar entrar numa porta que está ao seu lado e fechada, outra bem diferente é se esforçar para adentrar a Porta Estreita, enquanto esta ainda está aberta. Se a condição de “entrar” é se “esforçar”, e muitos tentam e não conseguem, é porque não se esforçaram o suficiente ou não estavam dispostos a isso.

Há uma entrada para a salvação que é a conscientização de onde viemos, quem somos, para onde vamos e o que devemos realizar para nos curvamos diante do Evangelho em verdade e praticarmos os seus ensinamentos de luz, com muita resignação em alcançar as virtudes do amor, humildade, fraternidade e caridade pela atitude diária, nos esforçando por esta prática, como a orientação do próprio Mestre, em afixarmos nossos pés sobre a Rocha. A Doutrina Espírita nos esclarece que há dois caminhos a seguir: o que nos conduz às bem aventuranças e o que nos conduz ao sofrimento.

Quando declaram os salvacionistas que “muitos tendo se esforçado, naquele dia ficarão de fora”, falseiam a lógica da narrativa, viola os princípios mais elementares de interpretação de texto e desprezam o significado das palavras. Jesus fala para se esforçar, mas diz que muitos procurarão entrar e não poderão, mostrando, como dizemos que estes últimos não se esforçarão para tal, o que é justamente o contrário do que pretende alegar os salvacionistas. Se eles declaram que “muitos tendo se esforçado, naquele dia ficarão de fora”, é sinal de que não são todos que ficarão de fora, alguns terão recompensado seu esforço para entrar pela porta estreita, o que depõe contra própria tese deles mesmos, pela qual nenhum esforço é necessário ou premiado, ou minimamente relevantes para a salvação. Ao contrário disso, segundo Jesus, ela só ocorre ao que “se esforça por entrar pela porta estreita”.

#### **40.2. As duas opções, nos esforçar, ou ficar com os braços cruzados!**

Eis a passagem em análise:



***Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela. (Mt 7:13-14)***

Mais uma vez nos orienta o Mestre em entrar pela Porta Estreita das virtudes e Ele **não poderia nos condenar por seguirmos a orientação Dele mesmo**. Antes nos alerta de que muitos procurarão entrar pela mesma Porta, mas esta estará fechada. É o que buscamos trazer nesta primeira parte, não como espírita e nem com nenhuma bandeira religiosa, mas com a exortação do que encontramos no Evangelho.

**Há dois caminhos, o do esforço para sermos pessoas mais virtuosas**, não aos nossos próprios olhos e nem para os que estão ao nosso redor, mas pelo amor que nos alimenta e sustenta, estando este nas linhas vivas do Evangelho. Buscamos nos esforçar para estar na estatura mediana das atitudes do Mestre dos Mestres. **O outro caminho é o do sofrimento, ligado às vicissitudes que nos consomem e nos condenam pelos nossos próprios atos**. São estas mesmas atitudes as representadas pela porta larga que conduz ao nosso sofrimento e muitos vêm a caminhar para ela, sem ao menos olharem para a outra via que os chama para a vida que é Jesus pela prática dos Seus ensinamentos. Esta é a Verdade que encontramos no Evangelho.

Este é o entendimento que buscamos orientar nesta passagem, não excetuando dessa regra nenhuma crença, nenhuma raça e nenhuma pessoa em específico. Por este motivo me direcionei a todos, por sentir o fulgor no coração em orientar e procurar esclarecer, mesmo que as mensagens em que me fundamentei para comentar não tenham vindo no mesmo teor. Por que poucos se acertam com os esforços de adentrar na Porta Estreita? Porque muitos não querem se sacrificar e burilar suas mazelas com resignação, antes procuram a facilidade e o imediatismo de angariar as mesmas virtudes, sem se esforçarem e sem precisarem lutar contra si mesmos para adquirirem o merecimento de serem chamados Bem-Aventurados por Aquele que é o Senhor dos

senhores.

E, concluindo, o que afirmamos nas linhas acima é isto o que está no **Evangelho Segundo o Espiritismo**, no **capítulo XVII**, conforme vemos no **item 5**:

*Larga é a porta da perdição, porque são numerosas as paixões más e porque o maior número envereda pelo caminho do mal. E estreita a da salvação, porque a grandes esforços sobre si mesmo é obrigado o homem que a queira transpor, para vencer suas más tendências, coisa a que poucos se resignam. E o complemento da máxima: “**Muitos são os chamados e poucos os escolhidos**”.*

*Tal o estado da Humanidade terrena, porque, sendo a Terra mundo de expiação, nela predomina o mal. Quando se achar transformada, a estrada do bem será a mais frequentada. Aquelas palavras devem, pois, entender-se em sentido relativo e não em sentido absoluto. Se houvesse de ser esse o estado normal da Humanidade, teria Deus condenado à perdição a imensa maioria das suas criaturas, suposição inadmissível, desde que se reconheça que Deus é todo justiça e bondade.*

*Mas, de que delitos esta Humanidade se houvera feito culpada para merecer tão triste sorte, no presente e no futuro, se toda ela se achasse degredada na Terra e se a alma não tivesse tido outras existências? Por que tantos entraves postos diante de seus passos? Por que essa porta tão estreita que só a muito poucos é dado transpor, se a sorte da alma é determinada para sempre, logo após a morte? **Assim é que, com a unicidade da existência, o homem está sempre em contradição consigo mesmo e com a justiça de Deus.***

***Com a anterioridade da alma e a pluralidade dos mundos, o horizonte se alarga; faz-se luz sobre os pontos mais obscuros da fé; o presente e o futuro tornam-se solidários com o passado, e só então se pode compreender toda a profundidade. Toda a verdade e toda a sabedoria das máximas do Cristo.** (KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo XVII) (grifo nosso).*

É o que sempre afirmamos que sem a pluralidade dos mundos habitados, a pluralidade das existências e sem a consciência dos Atributos de Deus não entenderia a justiça Divina, nem tampouco a Realeza de Jesus e muito menos os escritos sagrados, por não compreender os demais apóstolos e a visão que detinham em vida nas suas ditosas missões sobre o que é Deus e Jesus. Destarte, estes afixaram a bandeira do Evangelho sobre o terreno dos que estavam perdidos e desorientados.

Prosseguindo na análise das abordagens dos salvacionistas, estes nos dizem que com relação a Mt 5:24-26 houvera visão que “Jesus envolve dois elementos distintos (sentimentos e valores financeiros)”. Fica claro que a análise dos salvacionistas começa por ser acima da letra e termina por ser literal. Na nossa análise veio a ser acima da letra do início ao fim. Todavia, os salvacionistas dizem que: “em Mt 5:24-26, o ‘último centavo/ceitil’, fossem as vicissitudes da existência corporal, termo usado para as provas que o ser humano tem que passar em suas diversas reencarnações”. Ou seja, concordam com o que dissemos, mas discordam posteriormente sem apresentar o que ele entende da parábola. Entretanto, analisaremos o ponto da discordância que é mais uma vez a reencarnação e a inglória tentativa de aplicar a eternidade de uma prisão espiritual, reafirmando a eternidade das penas numa passagem que diz o oposto.

Chegamos à passagem em análise que é a de Mt 5:24-26. Esta passagem trata de uma figura de linguagem que nos leva a um ensinamento mais profundo, sendo este que buscaremos aprofundar ainda mais. Certamente que o contexto de Mateus, capítulo 5, este vem a tratar do Sermão da Montanha e uma série de complementações da parte de Jesus, no que tange aos preceitos da lei de Moisés, tendo em vista a passagem em análise de Mt 5:21-26, onde Jesus complementa a antiga lei sobre o homicídio em Ex 20:13 e Dt 5:17, derrubando o legalismo farisaico. Adentremos na passagem e em seu contexto.

### **40.3. A antiga lei disciplinar e um novo ensinamento**

Neste tópico, trouxemos o cumprimento do que a Lei e os Profetas incutiram na cultura judaica, com as diversas normas de

conduta a um povo rebelde de outrora, mas que com a vinda do Messias, foi cumprido, complementado e estendido o entendimento destes mesmos judeus, gentios e toda a humanidade, recebendo a soberana Lei da justiça e do amor descritas no Evangelho Rm 7, 4-6; Lc 16,16; Gl 2,21; Hb 7,18; 10,9; 8,6-7.13. Com efeito, trazemos o ensinamento profundo de Jesus sobre a questão do “último ceitil”. Eis a passagem a ser comentada:

***Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faz a tua oferta. Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão. Em verdade te digo que não sairás dali, “enquanto” não pagares o último centavo. (Mt 5:21-26)***

Após a citação do contexto em análise, diz os salvacionistas entendem que “mesmo com esta ênfase espiritual no texto, discordam das explicações espíritas, como se em Mt 5:24-26, o ‘último centavo / ceitil’, fossem as ‘vicissitudes da existência corporal’, termo usado para as provas que o ser humano tem que passar em suas diversas reencarnações”. Acreditamos que se os salvacionistas não venham a aceitar que não seja as nossas imperfeições morais, o sentido verdadeiro da figura de linguagem do ceitil e da prisão, como a permanência em nossos defeitos gostaria de saber qual é o outro significado que defendem, todavia, tentam sustentar a insustentável ideia das penas eternas, em meio a uma análise descontextualizada da ideia da analogia e de outras passagens que nada tem a ver com o que estamos idealizando.

Só para caráter de esclarecimento, sem a reencarnação, esta

passagem fica sem nexos, pois, se um indivíduo errou com o seu irmão numa dada existência e não buscou a reconciliação com ele, logo, estará em débito até pagar o último centavo de suas imperfeições. Pagar não seria sofrer na mesma moeda, mas reconstruir o afeto que foi desfeito, reparar as ofensas que se cristalizaram em seu coração e no de seu próximo, perdoando-se e procurando perdoar aquele a quem magoou. Esta é a verdade de que não viemos para pagar, mas para retificar com a oportunidade da reencarnação que está de acordo com a Justiça Divina e a lógica, isto sem mencionar a questão da ciência que estuda e vem comprovando a lei natural da reencarnação.

Dando seguimento as elucubrações, os salvacionistas prosseguem dizendo que “contextualmente, esta é apenas uma das partes do Sermão da Montanha em que Cristo enfatiza o uso da misericórdia, do perdão, para com os irmãos na fé (versículos 22 a 24) e com o próximo, mesmo este sendo um inimigo (versículos 24 a 26), e quem assim não age acaba por tornar-se um pecador, e o pecador é sempre um devedor diante de Deus, seu credor”. Como já foi dito, a parábola em análise faz parte do Sermão do Monte, nisso, não há dúvidas. O que foi salientado é que o exemplo ilustrado não diz que o devedor (quem pecou) é devedor de Deus (seu credor). A passagem em análise nos mostra que o credor é nosso próximo, a quem ofendemos. Deus não é nosso irmão, muito menos adversário.

Quem está em **débito (devedor)** é que é orientado por Jesus a buscar a pessoa (credor) a quem agiu em desafeto, não seria o credor buscando perdoar o seu devedor, como exemplificado pelos salvacionistas, mas ao contrário, é este que deve buscar aquele. Pois bem, Jesus prossegue a sua orientação de que seria quem **ofendeu (devedor)** quem deveria buscar o seu **próximo (credor)** para que fossem reconciliados ou perdoados os pecados e erros daquele com quem esteve em desacordo, e não o apresentado pelo salvacionista que somente Deus é quem perdoaria o pecado entre os que estavam distantes pelos matizes que passaram. Por que dizemos isto? Pelo simples fato de estar bem claro no texto que não seria a Deus que estaríamos buscando o perdão, mas àquele a quem ofendemos com a seguinte passagem:

*Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro **reconciliar-te com teu irmão**; e, então, voltando, faze a tua oferta. (Mt 5:23-24)*

A orientação de Jesus é a de promover o sentimento de arrependimento daquele que ofendeu, ou que causou o constrangimento no coração de seu próximo, aquele é que deve buscar a quem ofendeu para reconstruir os laços de afeto que foram temporariamente desatados. Se levarmos ao altar (a Deus) a nossa oferta e se ali nos lembrarmos que temos algo contra alguém, nós devemos sair naquele momento e buscar a reconciliação com o nosso próximo, e não que Deus nos daria o perdão naquele momento em que estávamos oferecendo a oferta a Ele. Seria necessário o nosso próximo nos perdoar por nossa falha. Esta é a proposta que está apresentada por Jesus. Quando entramos em desacordo com a Lei divina, seremos perdoados pelo Pai, mas este não inocenta o culpado pela falta. Se não buscarmos reconciliação, pagaremos até o último centil.

No desfecho apresentado pelos salvacionistas, arrematam dizendo que “o pecador, caso não se arrependa, é lançado na prisão até que pague o último centavo, **o que é para sempre**, pois ele não tem os recursos para pagar a conta final”. Bom, pelo que já foi dito anteriormente, quem deve buscar o perdão é aquele que **ofende (devedor)**, mas quem perdoará é o que foi **ofendido (credor)**. Esta ideia é clara, e por não haver saída para outra interpretação, oferece os salvacionistas o dogma das penas eternas. Vale observar que os recursos para pagar a conta final foram apresentados, quando Jesus diz que:

***Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão. Em verdade te digo que não sairás dali, “enquanto” não pagares o último centavo.*** (Mt 5:25-26)

Estes recursos são a misericórdia para com o próximo, a busca pela reconciliação por aquele que infringiu o sentimento para com o próximo e esta atitude é a certeza de que **“enquanto” não pagares o**

**último centavo**, estaria preso às nossas imperfeições, tal como a do ódio e rancor para com o nosso próximo. Se permaneceremos eternamente com este peso de nossos vícios morais, vemos que até mesmo a capacidade de um ser humano em querer mudar de atitude está sendo negada, onde se apresentam subterfúgios para levar os leitores ao erro, por não ter a humildade de aceitar o que o Mestre nos ensinou, por meio de uma alegoria que nos traz o ensinamento profundo de que o erro não é eterno e a sua reparação é até que se refaça o que foi destruído, ou seja, o amor pelo próximo é o objetivo a ser alcançado através do perdão entre ambos.

#### **40.4. A eternidade de uma prisão temporária**

Na referida sequência do Evangelho, Jesus ensina que aquele que estiver diante do altar e lembrar que alguém tem alguma mágoa contra ele, deixem ali a sua oferta e vá reconciliar-se com o seu irmão, e depois faça a sua oferta. Ele completa o ensinamento dizendo que façamos as pazes com o nosso adversário enquanto estamos no caminho com ele, ou seremos encerrados na prisão e dali não sairá até que seja pago o último centil (centavo).

Estes ensinamentos demonstram que prece e adoração, estas não têm valor quando o nosso coração está pejado de ódio e rancor. De nada adianta os atos exteriores se o coração não participar, e ele não pode participar se estiver cheio de rancor, despeito, mágoa, tristeza, não havendo o perdão, e isso evidencia que colocamos sobre a nossa carga um fardo pesado, e ao invés do julgo leve e suave do Mestre, damos vazão aos desequilíbrios e doenças da alma que refletem em nosso corpo.

Nosso corpo é o Templo vivo do Criador, onde o nosso coração é o altar, logicamente não falamos do coração como um músculo cardíaco que bombeia o sangue para todo o corpo mediante as artérias e as veias, mas o sentimento de nossa alma. Nenhum ato de adoração, de amor a Deus terá validade se não formos capazes de perdoar e amar o nosso próximo, independente dele nos amar ou não. Se amares somente os que vos amam, que fareis demais? Os gentios também amam os que os amam.

Quanto ao se reconciliar, fazer as Pazes ou perdoar-se com o adversário, significa que quem odeia, fica magoado, constrói uma prisão em torno de si, assim como recomenda o Cristo:

*Concilia-te depressa com o teu adversário, enquanto estás no caminho com ele; para que não aconteça que o adversário te entregue ao guarda, e sejas lançado na prisão. (Mt 5:25)*

Essa prisão é a de ficarmos presos ao adversário para quitar a nossa dívida, ou seja, reconstruir os laços de afetos que foram desfeitos. Portanto, consagra o princípio da reencarnação e a lei de causa e efeito que transcende a figura de linguagem, levando a interpretação correta de ceitel para mágoa, rancor e falta de perdão consigo mesmo e, por conseguinte com o próximo. Estar no caminho com o adversário é estar reencarnado com ele na vida presente. **“A prisão não são as grades, e a liberdade não é a rua; existem homens presos na rua e livres na prisão. É uma questão de consciência (Gandhi)”** e enquanto não perdoamos a nós mesmos e ao próximo, não teremos como nos libertar desta prisão da consciência. Assim, quando Jesus diz que:

*“Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali enquanto não pagares o último ceitel”. (Mt 5:26).*

Concluindo de que se pagamos esta “dívida” para com o próximo dali poderemos sair e isso derruba o dogma das penas eternas, enquanto consagra a importância do esforço pessoal, pois o Cristo nos dá a chance do resgate, ou o pagamento desta mesma dívida, e se assim não o fosse o verso teria que ser assim: **Em verdade te digo que de maneira nenhuma sairás dali**, para assim confirmar as penas eternas e a impossibilidade de resgate, porém Cristo arremata na continuidade de sua fala: **enquanto não pagares o último ceitel.** (Mt 5:26).

#### **40. 5. O entendimento de uma conjunção diante de falsas premissas**

Os salvacionistas, após comentarem de forma evasiva a análise que trouxemos da passagem de Mt 5:21-26, vem a averiguar o grego



em Mateus. Este nos diz que “ocorre é que a palavra ‘até’ na Bíblia tem dois sentidos; no primeiro há o sentido que usualmente conhecemos que denota um tempo determinado e posterior mudança de estado, e o segundo em que não implica um período de tempo definido ou temporário, sem haver uma mudança de estado, uma figura de linguagem”. Vale ressaltar que o Evangelho de Mateus foi escrito em aramaico e não em grego. Neste intento, verificaremos logo abaixo o parecer dos salvacionistas em relação a sua análise do Grego.

Segue a passagem utilizada pelo salvacionista em sua análise, onde trouxemos a tradução comumente utilizada pelos protestantes que é a Almeida, o grego, sua transliteração e a versão King James.

*Em verdade te digo que não sairás dali, **enquanto** não pagares o último centavo. (Mt 5:26) (Versão: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada)*

*αμην λεγω σοι ου μη εξελθης εκειθεν **εως αν** αποδως τον εσχατον κοδραντην. (Mt 5:26) (Versão: Original Grego)*

*amên legô soi ou mê exelthês ekeithen **eôs an** apodôs ton eschaton kodrantên. (Mt 5:26) (Versão: Original Grego Transliterado)*

*Verily(Em verdade) I(Eu) say unto thee(te digo), Thou shalt(Tu) by no means(de modo algum) come out(sair) thence(dali), **till(até)** thou hast(tu) paid the uttermost farthing(pagares o último ceutil). (Mt 5:26) (Versão: King James Version with Strongs transliterado) <sup>[1]</sup>*

Diante do Grego, encontramos na versão King James o seguinte esclarecimento quanto à conjunção "**εως**" (**HEÔS**), seguida da partícula "**αν**" (**AN**). A conjunção heos significa até, **enquanto**, até que, enquanto que. Já a partícula an pode ter vários sentidos, dependendo do tempo verbal. Por exemplo, é utilizada para indicar possibilidade (o verbo vai para o optativo). Em Mt 5:26, a tradução de heos está no português, como **enquanto** que nos remete como sendo um tempo determinado, ou seja, que varia de estado. Vemos abaixo a versão King James para mais esclarecimentos.

**Hoes(Enxadas)** - *heh'-oce* – *of(de) uncertain(incerta) affinity(afinidade); a conjunction(uma conjunção), preposition(de preposição) and(e) adverb(advérbio) of(de) continuance(continuidade), until(até que) (of time and place) (de tempo e lugar): even(mesmo) (until, unto)(até, até), (as) far(muito) (as), how long(quanto tempo), (un-)til(-l), (hither(aqui)-, un-, up(para cima)) to(para), while(ao mesmo tempo)(-s).*

**an(uma)** - *a primary particle(uma partícula primária), denoting(denotando) a supposition(uma suposição), wish(desejo), possibility(possibilidade) or uncertainty(ou incerteza): --(what(o que)-, where(onde)-, wither(murchar)-, who(que)-) soever(seja quem for). Usually(Normalmente) unexpressed(não expressa) except by the(exceto pelo) subjunctive(subjuntivo) or potential(ou potencial) mood(modos). Also(Também) contracted for(contratado para) 1437. See(Ver) GREEK(GREGOS) g1437 <sup>[1]</sup>*

Para corroborar o que dissemos acima, *heos* significa um período determinado e *heos an* significa um período indeterminado, ou seja, denota uma suposição, uma possibilidade e até mesmo uma incerteza, segundo a gramática *Aprenda o Grego do Novo Testamento*, de John Dobson, da Editora CPAD.

Essa informação é interessante e verificamos que os salvacionistas nos apresentam o oposto no que está definido acima, quando dizem que “a partícula *heos*, é o que nem sempre indica um período de tempo determinado e ao contrário de quando é utilizado as partículas ‘*heous hou*’, aí, sim, neste sentido, sempre há uma mudança de estado”. Em outras palavras, o texto em foco de Mt 5:26 está empregada a conjunção “**εως**” (**HEÏS**), seguida da partícula “**αν**” (**AN**) que já vimos, estes apontam para um **período indeterminado**. Seria indeterminado, algo eterno, sem variar o seu estado presente? A pergunta é clara e a resposta é óbvia, um tempo determinado é um tempo datado, mas um tempo indeterminado é um tempo em que não se sabe quando ocorrerá a sua mudança de estado, mas que **nunca será fixo e eternamente invariável**. Seria interessante ainda, recorrermos ao *Dicionário On-line Priberam*, referente ao adjetivo indeterminado, para que os leitores possam entender o que foi dito nas

linhas acima.

### **Indeterminado**

do Lat. Indeterminatu

adj.,

não determinado;

**impreciso**;

irresoluto;

s. m.,

**o que é vago ou indeciso.**

Após adentrar na questão do grego, seria interessante analisar a palavra em português que foi empregada na parábola em que estamos analisando, ou seja, a conjunção correspondente – **enquanto** e até mesmo a preposição **até** angariada pelos salvacionistas.

### **Enquanto**

[De em + quanto.]

Conjunção

1. No tempo em que
2. Ao passo que; durante o tempo em que
3. Ao passo que; à medida que
4. Sob o aspecto de; considerado como

[Cf. em quanto, na loc. prep. em quanto a.]

### **Até**

[Do ár. hatta.]

Preposição

1. **Indica um limite de tempo, no espaço ou nas ações**

Mediante os esclarecimentos anteriores, diz o proponente da articulação que a preposição **até** tem o outro significado “em que não implica um período de tempo definido ou temporário, sem haver uma mudança de estado, uma figura de linguagem. E diante Deste segundo sentido, segundo os salvacionistas, temos exemplos bíblicos como nas passagens de Lc 20:42-43, onde é dito ‘O SENHOR disse ao meu Senhor: Assenta-te à minha mão direita ATÉ que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés.’ (Lc 20:42-43)”. Após a citação, questionam os salvacionistas: “Será que o Filho de Deus não estará mais assentado

à mão direita do Pai após seus inimigos serem subjugados? É claro que estará, é uma figura de linguagem”. Mas há controvérsias diante dessa interpretação. Em I Cor 15:27 e 28, ocorre essa mudança de estado. Aproveitaremos a oportunidade, analisar a passagem abaixo e realizar os devidos comentários como tempos que dentro do contexto são irresoluto e indeterminado.

*“até que eu ponha os teus inimigos por estrado dos teus pés”.  
(Lc 20:43) (Versão: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada)*

*“εως αν θω τους εχθρους σου υποποδιον των ποδων σου”.  
(Lc 20:43) (Versão: Original Grego)*

*“eōs an thō tous echthroux sou upopodion tōn podōn sou”. (Lc 20:43) (Versão: Original Grego Transliterado)*

*“Till(Até que) I(Eu) make(ponha) thine(os teus) enemies(inimigos) thy footstool(escabelo de teus pés)”. (Lc 20:43) (Versão: King James Version with Strongs transliterado)*  
<sup>[1]</sup>

Outrossim, prosseguem os salvacionistas: “Ou então em Gn 28:15 ‘Diz o Senhor a Jacó: Não te abandonarei ATÉ que eu tenha realizado o que te prometi. ’ Certamente Deus não abandonou Jacó depois de cumprir as suas promessas”. O fato de não abandonar Jacó não implica que em Mt 5:26 será um estado imutável, são contextos distintos e a conjunção “*heos an*” dá a ideia de um período indeterminado e não eterno. Segue agora a análise do hebraico:

*“Eis que eu estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei voltar a esta terra, porque te não desampararei, até cumprir eu aquilo que te hei referido”. (Gn 28:15) (Versão: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada)*

*“vehinnêh'ânokhiy `immâkh ushemartiykha bekhoh 'asher-têlêkh vahashibhothiykha 'el-hâ'adhâmâh hazzo'th kiy lo' 'e'ezâbhkha `adh 'asher 'im-`âsiythiy 'êth'asher-dibbartiy lâkh”.  
(Gn 28:15) (Versão: Original Hebreu Transliterado)*

*“And(E), behold(eis que), I am with thee(estou contigo), and*

*will keep thee(e te guardarei) in all(em todos os) places  
whither(lugares para onde) thou goest(quer que tu), and(e) will  
bring thee(te trará) again(de novo) into this land(a esta terra);  
for I(por que Eu) will not leave thee(não te deixarei), until I  
have(até que eu tenha) done that which(feito o que) I have  
spoken(Eu falei) to thee(para ti) of(de)”. (Gn 28:15) (Versão:  
King James Version with Strongs transliterado)*

**'aher**

**ash-er'**

*a(um) primitive(primitivo) relative(relativa) pronoun(pronome)  
(of every(de cada) gender and number(sexo e número));  
who(que), which(a qual), what(o que), that(que); also(também)  
(as(como) an(um) adverb(advérbio) and(e) a(um)  
conjunction(conjugado)) when(quando), where(onde),  
how(como), because(por que), in order(de modo) that(que),  
etc.: -X after(depois), X alike(igualmente), as(como) (soon as),  
because, X every, for, + forasmuch, + from whence, + how(-  
soever), X if(se), (so(lo)) that(que) ((thing) which(coisa que),  
wherein(em que)), X though(porém), + until(até), +  
whatsoever(qualquer), when(quando), where(onde) (+ -  
as(como), -in, -of(de), -on, -soever, -with(com)), which(o qual),  
whilst(ao passo que), + whither(para onde) (- soever),  
who(que) (-m, -soever, -se). As it is(como é)  
indeclinable(indeclinável), it is often(muitas vezes é)  
accompanied(acompanhado) by the personal pronoun(pelo  
pronome pessoal) expletively, used to show(usado para  
mostrar) the(a) connection(conecção).<sup>[1]</sup>*

Após o esclarecimento acima, dizem os salvacionistas que o termo *até*, aplicado pela partícula *heos*, é o que nem sempre indica um período de tempo determinado, e que foram usados nos exemplos acima, incluindo Mt 5:24-26, ao contrário de quando é utilizado as partículas “*heous hou*”, aí, sim, neste sentido, sempre há uma mudança de estado”. De tudo não é verdade, pois a conjunção “*heos*” seguida da partícula “*an*” não denota um tempo determinado e sim um tempo indeterminado. Com efeito, mesmo assim nos é apresentado mais exemplos: Mt 17.9 “E, descendo eles do monte, Jesus lhes ordenou, dizendo: A ninguém conteis a visão, até que [heos hou] o Filho do homem seja ressuscitado dentre os mortos.” Após a ressurreição, todos ficaram sabendo do ocorrido, como relatado nos Evangelhos (Mt 17 e

Mc 9) e por Pedro (II Pe 1:16-18). Analisando essas passagens sugeridas, temos abaixo:

*“E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do Homem ressuscite dentre os mortos”. (Mt 17:9) \* (Versão: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada)*

*“και καταβαινοντων αυτων εκ του ορους εντειλατο αυτοις ο ιησους λεγων μηδενι ειπητε το οραμα εως ου ο υιος του ανθρωπου εκ νεκρων αναστη”. (Mt 17:9) (Versão: Original Grego)*

*“kai katabainontôn autôn ab=ek ts=apo tou orous eneteilato autois o iêsous legôn mêdeni eipête to orama eô<sup>s</sup> ou o uios tou anthrôpou ek nekrôn a=egerthê tsb=anastê. (Mt 17:9) (Versão: Original Grego Transliterado)*

*“And(E) as they came down(descendo eles) from the mountain(do monte), Jesus charged them(ordenou-lhes), saying(dizendo), Tell(Diga) the vision to(a visão de) no man(ninguém), until(até que) the(o) Son(Filho) of man(do homem) be risen again(seja ressuscitado) from the dead(dentre os mortos)”. (Mt 17:9) (Versão: King James Version with Strongs transliterado)*

*hos – including(incluindo) feminine(feminino) he(ele) hay(feno), and(e) neuter(neutro) ho ho probably(provavelmente) a(uma) primary(principal) word(palavra) (or(ou) perhaps(talvez) a form of(uma forma de) the article(o artigo) 3588); the relatively(relativamente) (sometimes(às vezes) demonstrative(demonstrativo)) pronoun(pronome), who(que), which(que), what(o quê), that(que): --one(um), (an(um)-, the(o)) other(outro), some(alguns), that(que), what(o que), which(que), who(que) (-m, -se), etc. See also(Veja também) 3757. See(Ver) GREEK(GREGO) g3588. See(Ver) GREEK(GREGOS) g3757.*  
<sup>[1]</sup>

Citaremos um exemplo em que não há mudança de estado quando está sendo utilizada a conjunção “heos hou”, conforme abaixo:

*“Mas, havendo Paulo apelado para que ficasse em custódia para o julgamento de César, ordenei que o acusado continuasse detido até que eu o enviasse a César”. (At 25:21) (Versão: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada)*

*“του δε παυλου επικαλεσαμενου τηρηθηναι αυτον εις την του σεβαστου διαγνωσιν εκελευσα τηρεισθαι αυτον **εως ου** πεμψω αυτον προς καισαρα”. (At 25:21) (Versão: Original Grego)*

*“του de paulou epikalesamenou tērêthênai auton eis tēn tou Sebastou diagnōsin ekeleusa tēreisthai auton **eōs ou** a=anapempō tsb=pempō auton pros kaisara. (At 25:21) (Versão: Original Grego Transliterado) <sup>[1]</sup>*

Mediante a citação em Atos, certamente Paulo não viria a ser liberto após o julgamento com César, vindo a continuar no cárcere até o evento trágico de sua morte, decapitado por volta de 60 a 62 d.C. Nesta passagem, utilizou-se a expressão “*heos hou*”, todavia, o sentido manteve-se invariável. Assim sendo, seria mais prudente vermos que pode haver os dois sentidos, isso dependerá do contexto em específico.

Segundo os salvacionistas, em Lc 15:8 “Ou qual a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende a candeia, e varre a casa, e busca com diligência até que [heos hou] a encontre?” Aqui também há uma mudança de estado, ninguém em sã estado procuraria algo que já encontrou, segundo os salvacionistas. Diante da abordagem de que “*heos hou*” sempre vem a dar uma mudança de estado, também de tudo não é verdade, ao qual veremos mais abaixo a tradução de mais esta passagem aventada pelos salvacionistas e outros exemplos que diante do contexto não há mudança de ação.

*“Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma, não acende a candeia, varre a casa e a procura diligentemente até encontrá-la?” (Lc 15:8) (Versão: João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada)*

*“η τις γυνη δραχμας εχουσα δεκα εαν απολεση δραχμην μιαν ουχι απτει λυχνον και σαροι την οικιαν και ζητει επιμελως **εως οτου** ευρη”. (Lc 15:8) (Versão: Original Grego Transliterado)*

*“ê tis gunê drachmas echousa deka ean apolesê drachmên*

*mian ouchi aptei luchnon kai saroi tēn oikian kai zētei epimelōs eōs a=ou tsb=otou eurē*. (Lc 15:8) (Versão: Original Grego Transliterado) <sup>(1)</sup>

Em cada caso (At 25:21; Gn 8:5; II Sm 6:23; Pv 2:17; Pv 3:4), se na prosa ou na poesia, "ATÉ QUE" (*heos hou*) esteja sendo usado para significar um período de tempo, onde longo a ação da cláusula principal continua, e, no fato, nele é assim longo que a ação da cláusula principal para nunca realmente em tudo. Assim dizemos que o "*heos hou*", nestes exemplos citados "**continua a ação da cláusula principal**". No caso de Mt 17:9 e Lc 15:8 apresentados pelos salvacionistas, a partícula "*hou*" ligada "*heos*" não denota que o sentido verbal permanece. Esta é a diferença.

Seria mais prudente analisarmos o contexto da citação de "*heos hou*", já que esta conjunção pode ser uma determinação variável, mas também invariável e isso dependerá do contexto. No mais, se "*heos an*" denota período de tempo indeterminado, quem serão os salvacionistas para determinarem alguma coisa e dizer que não tem fim? Ainda mais em ilustrações tiradas do cotidiano.

#### **40.6. Afinal, o que ensina Mateus 5,21-26?**

O que ensina a parábola que analisamos, dizem os salvacionistas que "resumindo, Mt 5:25-26 apenas indica que, ao não agir como Jesus nos ensina, fazemo-nos como pecadores, e **ficaríamos na prisão até o último centavo a ser pago, figuradamente, para sempre** pois não temos como pagar ao Justo Juiz (Deus) se este for cobrar a dívida, pois esta ficará sempre em aberto, ao contrário de, se aceitarmos o sacrifício de Jesus e confessarmos os nossos pecados, Ele nos perdoa e quita a dívida perante o Justo Juiz que é Deus". A parábola em análise não é recomendada por Jesus, a acreditar em seu sacrifício para que até o último centavo fosse pago, antes o acréscimo corre por conta do articulador para induzir mais uma vez os leitores ao erro, pois, foi dito por Jesus que "**enquanto**" **não pagares o último centavo**. A mudança de estado é indefinida porque varia de pessoa para pessoa. O verbo pagar está conjugado na 2ª pessoa do singular, no futuro do conjuntivo. Esta forma verbal denota o pronome



**TU**, ou seja, se tu mesmo não pagares até o último centavo, não saíras da prisão de seu rancor e ódio. Este centavo é pago não a Deus, mas ao nosso adversário, se com ele não nos reconciliarmos. E para nos reconciliarmos com ele nada foi dito sobre sacrifício de Jesus. Portanto, o texto não infere o aceite do Sacrifício Vicário do devedor, e sim, a busca pelo perdão daquele que foram desatados os laços de amor.

O que foi apresentado é que enquanto estivermos com os laços em desafeto com o próximo e não nos reconciliarmos, aí sim estaremos e permaneceremos numa prisão espiritual, através do sentimento da mágoa, rancor e ódio que alimentamos em nosso coração. Se não buscarmos o perdão com aquele que ofendemos, não sairemos desta mesma prisão, até voltarmos ao caminho com ele e reatar os laços de amor fraterno desfeitos nesta, ou numa próxima vida. Esta é a lei natural ao qual todos nós estamos sujeitos (Jo 3:12), mesmo o nosso salvacionista, até mesmo para que a Justiça Divina possa vir a ser mais clara aos nossos corações, basta ter olhos de ver e ouvidos de ouvir.

#### **40.7. A primeira e a segunda revelação, não haveria a terceira?**

Entendemos, em consonância com Kardec, de que houve a primeira revelação com Moisés no Decálogo, a segunda revelação com Jesus e sua moral, bem como o Consolador, a que discorreremos neste tópico. Em examinado texto que se segue:

*quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará das obras mortas a vossa consciência, para servirdes ao Deus vivo? E por isso é mediador de um novo pacto, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões cometidas debaixo do primeiro pacto, os chamados recebam a promessa da herança eterna. Pois onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador. Porque um testamento não tem força senão pela morte, visto que nunca tem valor enquanto o testador vive. (Hb 9:14-17)*

O relato acima supracitado, Jesus se tornou o nosso único meio de Salvação mediante o seu Evangelho vivo em nossas atitudes, porém, **nós não cremos no sacrifício de Cristo como a levar sobre Si as**

**nossas imperfeições e responsabilidades de nossos atos**, onde, em Ez 18 nos elucida de que as responsabilidades de nossos atos caem sobre nós mesmos.

Os salvacionistas afirmam que “não haveria porque inferirmos que há uma terceira revelação, pois se Cristo substituiu definitivamente, a sua obra é definitiva, não precisando de complementos”. Entretanto, entendemos que o sacrifício do Cristo foi para a substituição definitiva dos sacrifícios e oblações da Lei de Moisés, ao qual trata exclusivamente a epístola aos Hebreus que foi o cumprimento da Lei e os Profetas e o desenvolvimento da 1ª revelação que fora Moisés pela 2ª que é o Cristo, conseqüentemente para que o seu Evangelho permanecesse e Jesus veio nos resgatar pelo seu evangelho vivo na transformação de nossas atitudes. **Todavia o sacrifício do Cristo foi para a substituição definitiva dos sacrifícios e oblações da Lei de Moisés.**

Os salvacionistas dizem ainda que “não haveria porque inferirmos que há uma terceira revelação, pois se Cristo substituiu definitivamente, a sua obra é definitiva, não precisando de complementos”. Conforme esclarecido o que Jesus é a **segunda revelação cumprida**, como o Messias que substituiu os sacrifícios e oblações ensinadas na Lei de Moisés (1ª Revelação). Todavia, o próprio Espírito da Verdade teria a missão de complementar o que Jesus não podia dizer naqueles dias, e guiar a toda a verdade, e é o próprio Jesus quem afirma isso:

***Ainda tenho muito que vos dizer; mas vós não o podeis suportar agora. Quando vier, porém, aquele, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras. (Jo 16:12-13).***

A expressão “dirá o que tiver ouvido” denota que os ensinamentos, as parábolas de Jesus foram mal compreendidas e que o Espírito da Verdade viria no tempo oportuno guiar por toda a verdade dos ensinamentos do Mestre, que outrora, foram interpretadas de forma errônea. As coisas vindouras são tudo aquilo que o Mestre não podia

dizer naquela oportunidade aos apóstolos, por não suportarem ainda, não tendo o amadurecimento para receber os ensinamentos vindouros e que não poderia dizer dias após a morte e ressurreição do Mestre, já que:

*Todavía, digo-vos a verdade, convém-vos que eu vá; pois **se eu não for, o Ajudador não virá a vós**; mas, se eu for, vo-lo enviarei (Jo 16:7).*

No capítulo citado, há a referência ao fato de que Jesus teria que deixá-los, para que o Consolador viesse, caso contrário, se Jesus ainda estivesse na Terra executando a sua tarefa, o Consolador não viria. E, finalizando este raciocínio, arrematam os salvacionistas, em resumo, que: “afirmamos que não precisa de complementos a sua obra feita para remissão dos pecados. **Jesus substituiu definitivamente os sacrifícios da lei de Moisés**, porém, o que o espiritismo pretende é substituir a de Cristo pela nossa, sinteticamente é isto o que ensina a reencarnação”. Concordamos e esclarecemos sobre o fato da substituição das oblações de Moisés pelo sacrifício de Jesus, porém, no desfecho, dizem-nos quando disse que o Espiritismo veio substituir a missão de Jesus, mas a missão do Consolador não é outra coisa senão a de cumprir a promessa do próprio Jesus, e se há coisas vindouras a serem ditas que não poderiam ser ditas naquela oportunidade e nem numa oportunidade próxima, isto não poderia ter ocorrido ou se cumprido integralmente, no evento de Pentecostes, a tudo isso é o que chamamos de 3ª Revelação. Agora, se o Consolador veio, onde está a Consolação? Se desde seus primórdios, o Cristianismo se fragmenta cada vez mais, e cada grupo ensina verdades opostas, como dizer que ele guiou a “toda a verdade”? A resposta está no texto: **Reencarnação ou Penas Eternas?** nos apresenta sempre uma chance para nos arrependermos e retificar nossos erros, já que *O Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno. Não repreende perpetuamente, nem conserva para sempre a sua ira. Não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos retribui consoante as nossas iniquidades (Sl 103:8-10)*, derrubando o dogma das penas eternas.

#### **40.8. Jesus anunciou as coisas vindouras após a ressurreição? Mas não seria o Consolador?**

Este tópico relata o quão difícil é para os salvacionistas passarem a ideia de que Jesus disse tudo após sua Ressurreição, ou até mesmo o Espírito Santo no Pentecostes, como alegam, sendo que tudo o que foi dito, foi repetido no que ele mesmo disse em seus três anos de Sua missão, ou seja, se os apóstolos não estavam preparados para suportarem o que haveria de ser dito no porvir, após a ressurreição de Jesus estariam preparados? É o que esclareceremos nas linhas abaixo.

Abrimos os comentários, feitos pelos salvacionistas, dizendo que “Jesus tinha mais coisas para falar, **e foram ditas após sua ressurreição**, porém nada contraditório com o que ele mesmo ensinou em seus três anos de ministério ao lado dos discípulos”. Foram ditas por Jesus, ou pelo Consolador? É o que veremos no decorrer de nossa análise.

Tendo iniciado a abordagem, os salvacionistas dizem que o texto em pauta é João 16:12, usado por nós espíritas como se Jesus tivesse dado a entender que ensinaria mais coisas ou mesmo que os discípulos não compreenderam o ensino do Mestre. Primeiro ponto a abordarmos, o texto em pauta não é somente o de João 16:12, mas as do capítulo 14, verso 15 ao 17 e 26 e no mesmo capítulo 16, porém dos versos 7 ao 15, no qual comentaremos mais adiante. Tendo Jesus ainda muito para dizer aos apóstolos, mas se estes não estavam preparados, logicamente, é porque não disse tudo. Se havia muito e não pouco a dizer, é porque maior parte de seus ensinamentos ainda estavam velados, reservados para um tempo futuro.

No capítulo quatorze, Jesus promete outro Consolador e no capítulo dezesseis, Ele exemplifica a missão deste Consolador que o mundo não o conhecia ainda. Se o mundo e os Judeus já conheciam o Espírito Santo, por este ter se manifestado de forma abrangente na Torá, no Tanah, no nascimento de João Batista, nos eventos dos Evangelhos e demais livros do novo testamento. Como poderiam ainda não conhecer, algo que já existia e era conhecido? A resposta é

sintomática – o Pentecostes apenas foi um marco onde o culto pneumático com suas manifestações, se tornou mais ostensivo.

Todavia, surpreendem-se os salvacionistas: “mas, será isto mesmo, será que quando Jesus afirmou **Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora** estaria ele apenas nesta frase dando razão aos espíritas de que seus ensinamentos não foram entendidos pelos discípulos?” Diante desta pergunta, a questão não é dar razão a nós espíritas, mas é o que está evidente no texto, negar tal evidência é torcer o que o texto, já esclarecido acima, diz tão claramente. Tanto não foram compreendidos de forma plena, como foram distorcidos ao longo da história, sendo preciso retornar ao ensinamento correto e fiel do Evangelho. As poucas coisas que ele havia ensinado seriam totalmente esquecidas, por isso o Consolador “fará lembrar tudo que tenho dito”. As muitas coisas que não ensinou só chegariam na medida em que tivessem condições de entendê-las, por isso o Consolador “guiará a toda a verdade”, coisa que Jesus não fez, daí porque os tantos equívocos acerca do que ele disse, bem como as tantas divisões que marcaram o cristianismo nascente.

Mediante tal clareza neste trecho (v 12), assim prosseguem os salvacionistas, ao dizer-nos posteriormente: “vamos ao contexto, vejamos, primeiro, tudo o que Jesus disse até o versículo 11: \* Coisas que os discípulos passariam como ‘*ser expulsos das sinagogas*’ e ‘*quem matá-los julgarão servir a Deus*’ (v 1); \* O que o Ajudador ensinaria ‘*convencer o mundo do pecado, da justiça e do juízo*’ (v 8)”. Interessante, o segundo e não primeiro verso do capítulo 16, onde este nos dá o entendimento de que muitos dos cristãos primitivos foram expulsos das sinagogas, e foram mortos em tributo a Deus. Qualquer semelhança com o “trato” com a Doutrina Consoladora, não é mera coincidência. Haja vista, o fato de se chegar ao ponto de excomungar os Pastores e muitos outros religiosos que pertencem a outras denominações cristãs, pelo simples fato de se conscientizarem da Doutrina Espírita como a uma fonte mais vertente caudalosa do Evangelho de Jesus, cumprindo a missão da vinda do Consolador prometido por Ele, o Mestre.

Conforme os salvacionistas do que seria o pecado, a justiça e o

juízo, Jesus explica todas as coisas que se sucederiam com Ele, e que estavam próximas a ocorrer. Ainda segundo eles, Jesus nesta passagem relata sobre o histórico acontecimento da sua iminente morte “*um pouco e não me vereis*” e ressurreição e *outra vez um pouco, e ver-me-eis* (verso 17). Primeiro, Quando dizem que após o sétimo verso, Jesus explica todas as coisas que se sucederiam com ELE, e que estavam próximas a ocorrer. De tudo não é verdade, pois do sétimo ao décimo sexto, Ele anuncia a missão do Consolador Prometido e não o seu relato sobre o histórico acontecimento da sua iminente morte, já que é após o verso décimo sexto é que ele anuncia a sua morte e ressurreição. Daremos uma pausa nesta abordagem, pois houve alguns saltos de passagens não comentadas aqui e distorções no que foi dito e explicado pelo proponente, ou se comentadas aos fragmentos, levaram muitos ao erro. A começarmos pelo salto do verso sétimo ao décimo sexto, conforme abaixo:

*Mas eu vos digo a verdade: convém-vos que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vós outros; se, porém, eu for, eu vo-lo enviarei. Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque não crêem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais; do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado. **Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora**; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e **vos anunciará as coisas que não de vir**. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. (João 16:7-16)*

Após o contexto às claras, sem fragmentos, nos é explicado pelos salvacionistas que não poderiam suportar ouvir mais do que aquilo que já tinha sido revelado (perseguições, morte e ressurreição de Cristo)? Será mesmo que era isto que houvera sido anunciado por Jesus como a missão do Consolador? Dizer sobre as perseguições, Sua morte e ressurreição? Prosseguem dizendo que naquele exato momento os discípulos ainda não haviam compreendido todas as verdades do Evangelho, por isto não teria como os discípulos

suportarem mais ensinamentos, pois antes sua morte e ressurreição teriam que ocorrerem para, depois disto, poderem entender tudo o que ocorreu. O fato é a via transversa desta afirmativa, pois, não seria naquele exato momento que os apóstolos não suportariam o que Jesus ensinava, mas por não estarem preparados para suportarem os “as coisas vindouras”, por falta do amadurecimento espiritual para tal, tanto que é não seriam ministrados estes novos ensinamentos por Ele mesmo (Jesus), ao contrário do que nos sugerem em: (ver Lucas 24:43-45), e sim que este processo seria presidido pelo próprio Espírito de Verdade, bem como: ***Tenho ainda muito que vos dizer, mas vós não o podeis suportar agora; quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que hão de vir. Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar. Tudo quanto o Pai tem é meu; por isso é que vos disse que há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar.*** (Jo 16:12-13).

Partindo desta premissa, encerram os salvacionistas o seu raciocínio no versículo 12, dizendo que tais coisas que os discípulos não poderiam suportar seriam ministrados pelo Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá o que tiver ouvido, e vos anunciará as coisas vindouras. Porém, vale atentar ao que foi dito por eles, de que Cristo fala do Espírito Santo, este ministraria os seus ensinamentos, além de **lembrar-lhes de tudo** o que Jesus ensinou, lhes revelariam as coisas futuras (verso 13). Um pequeno detalhe, o Espírito Santo (ou Espírito da Verdade), já havia se manifestado algumas vezes, mas o mundo não o conhecia e não podia recebê-lo, pois o *Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece*; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós. (Jo 14:17). O mundo ainda não poderia receber o Espírito da Verdade por não estar preparado para esta terceira revelação, porque não o vê e muito menos o conhecia, enquanto seus discípulos já desfrutavam de parte desse conhecimento, já que o texto diz “estará em vós”, o que também não implica em cumprimento naquela época. Não esqueçamos de que, por falar em esquecer, deveria haver primeiro um esquecimento de tudo que Ele havia ensinado, para então o Consolador entrar em cena e concluir sua

missão, fazendo-os lembrar.

Em resumo, caros leitores, encerram os salvacionistas seus comentários novamente com o Grego, dizendo que achava interessante é que o verbo usado (revelar) não é precisamente o de revelar mas de anunciar (*anaggello*), que indica re-anunciar, repetir de novo, ou melhor conclamar, à diferença do *aggello*, simples anúncio. O que afirmamos e dissemos que não é preciso saber Grego para entender o português claro, ou seja, O Espírito da Verdade viria apresentar a vertente da verdade dos ensinamentos do Mestre que foram entendidos de forma equivocada ao longo dos séculos. O mais interessante, é que os salvacionistas retiraram este argumento de um periódico do Pe. Ignácio dos padres escolápios que circula na net, porém, não é preciso se apegar a isto, pois, o que o padre veio a dizer neste trecho, é o que afirmei nas linhas acima. Neste intento, prosseguem os salvacionistas dizendo que: Nada mudaria, apenas seria complementado pois, se Cristo ensinava sobre a sua iminente morte e ressurreição (Mt 16:21), o Espírito Santo lhes ministraria a vitória, o fato consumado **e as profecias cumpridas que foram depois entendidas pelos discípulos (ver Lc 24:43-45).**

Nada constante nos ensinamentos de Jesus foram modificados pelo Consolador, antes veio trazer a essência destes ensinamentos do Mestre, retirando todo o erro impregnado em sua doutrina de amor e justiça. Jesus, nas passagens da promessa que faz acerca do Consolador Prometido e de revelar a sua missão, não disse e nem cogitou dizer que Cristo ensinava sobre a sua iminente morte e ressurreição (Mt 16:21), já que isto é muito pouco para ser considerado “muitas coisas”, e quem viria a ministrar os ensinamentos do Mestre seria o Espírito da Verdade e não Ele mesmo, após a sua morte e ressurreição, ao contrário do que sugerem os salvacionistas **(ver Lc 24:43-45).**

E se, como encerra o propositor da urdidura em nos dizer que o Espírito Santo lhes ministraria a vitória, o fato consumado e as profecias cumpridas que foram depois entendidas pelos discípulos (ver Lc 24:43-45). Como poderiam ter sido entendidas se fora o próprio Mestre quem ministrou os ensinamentos e cumprimentos da passagem sugerida em



Lucas? Se, ao que consta nos Evangelhos, esta missão viria a ser a tarefa do Consolador e não a de Jesus logo após a sua ressurreição, como nos remete a própria passagem sugerida pelos salvacionistas em Lucas.

#### **40.9. A parábola do Jovem Rico e o seu real sentido**

Neste tópico e em parábolas subsequentes, daremos andamento aos aprofundamentos e explicações. Diante disso, pretendemos também apresentar uma resposta à parábola do “mordomo, ou administrador infiel”.

Sabendo que o assunto é correlato à passagem em análise, que realizaremos da parábola do Jovem Rico, daremos andamento ao assunto aventado pelos salvacionistas, principalmente quando dizem que o texto de Mt 19:26, onde buscam sempre obter dos espíritas explicações plausíveis para o fato de Jesus ter dito que a salvação é impossível aos homens, claramente indicando que por nossos próprios esforços, somente, jamais alcançaremos a Salvação. Bom, para iniciarmos, não fomos nós que ignoramos a análise de Pastorino que mais adiante comentaremos e nem argumentações anteriores que já registramos, bem como outras mais que abordamos neste e em outros textos. Se ainda houver dúvidas referentes à alguma parábola de Jesus e se estiver ao nosso alcance em esclarecê-la, receberemos com boa vontade as dúvidas e tentar responder a qualquer um que nos solicite.

Comentando ainda a abordagem do urdidor em nos dizer que o texto de Mt 19:26, onde buscam sempre obter dos espíritas explicações plausíveis para o fato de Jesus ter dito que a salvação é impossível aos homens, **claramente indicando que por nossos próprios esforços**, somente, jamais alcançaremos a Salvação. Aqui, na frase grifada, os salvacionistas misturam a parábola da Porta Estreita com a parábola do Jovem Rico, esta em que estamos nos propondo a comentar. Todavia, como esclarecemos aos leitores acima, nos primeiros itens sobre a passagem da Porta Estreita, há duas atitudes a tomar: ou nos esforçamos, ou não nos esforçamos. Jamais alcançaremos a salvação sem esforço, o que para mim é a conscientização de nossos atos em acordo, ou em desacordo com a providência divina diariamente, e não

algo que precisamos apenas aceitar e aguardar de braços cruzados para que caia do céu.

Temos um caminho e este caminho pressupõe que temos que tomar a atitude, a iniciativa de andar por ele. Em nenhuma ocasião, Jesus mencionou que iríamos ser carregados por este caminho. A questão que esclareceremos mais ao final de nossa abordagem, esta virá a ser mais um exemplo do que seja a salvação pregada por Jesus, à luz de seu Evangelho.

Prosseguem os salvacionistas em alegar: nós, os espíritas, **analisam até onde querem, fazem analogias até onde convém**, e não entram no cerne da questão do que o Mestre afirma. Sim, pois a inferência à salvação, tema da pergunta feita pelos discípulos, ao contrário do que afirmam, já não contemplaram os ricos e, sim, a todas as pessoas, toda a humanidade. Dizem que fazemos analogias até onde quisemos, onde convinham e etc. Repetiremos o que foi dito desta parábola e veremos onde está a conveniência ou falta dela, sendo que nem mesmo os salvacionistas as comentam. Por outro lado, compete ao acusador o ônus da prova de que analisamos e fizemos analogias até onde nos convinha. **Vejamos se as provas são apresentadas** e ver quem realmente deixou os argumentos literalmente ignorados.

Sobre a parábola do Jovem Rico, começamos a explanação da seguinte forma: Por isso, citam os salvacionistas (Mt 19:26), enfatizando conclusões insustentáveis e se contradizendo novamente, por concluir à luz do texto que, **corroborando o que o próprio Mestre já tinha ensinado quando afirmou que por nossos próprios esforços jamais alcançaremos a Salvação**. Observem que o contexto imediato é sobre o Jovem Rico e ele nos elucida algo a mais do que pretende nos passar, texto fora de contexto é pretexto. Vamos ao contexto:

*E eis que alguém, aproximando-se, lhe perguntou: Mestre, que farei eu de bom, para **alcançar a vida eterna?** (Mt 19:16)*

Vemos que o jovem já houvera ouvido falar de Jesus e sabia de sua autoridade, com isso ele inquiria ao Mestre como poderia fazer para herdar a vida eterna, ou como poderíamos depreender nos dias de hoje

ser salvo ou ter a salvação por alcançar e que esforços seriam necessários para tal.

*Respondeu-lhe Jesus: Por que me perguntas acerca do que é bom? Bom só existe um. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. (Mt 19:17).*

Sem titubear, Jesus enfatiza ao Jovem a importância do esforço próprio, em guardar os mandamentos da Lei como premissa para entrar no reino das bem-aventuranças, com isso:

*E ele lhe perguntou: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo. (Mt 19:18-19)*

Diante da explanação do Mestre de todas as prerrogativas, em se seguir os Dez Mandamentos e amar o nosso próximo como a nós mesmos, eis que:

*Replicou-lhe o jovem: **Tudo isso tenho observado; que me falta ainda?** (Mt 19:20)*

Como se não bastasse, faltava-lhe algo e este algo era o que:

*Disse-lhe Jesus: **Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me.** (Mt 19:21)*

A caridade desinteressada e o desapego com os bens terrenos eram o que faltava àquele jovem, pois este seguia todos os preceitos judaicos de sua época, mas faltava-lhe o principal que era o amor em prática e quando Jesus disse ao moço que o inquiria sobre os meios de ganhar a vida eterna: “**Desfaze-te de todos os teus bens e segue-me**”, não pretendeu, decerto, estabelecer como princípio absoluto que cada um deva despojar-se do que possui e que a salvação só a esse preço se obtém; mas, apenas mostrar que o apego aos bens terrenos é um obstáculo à salvação. Aquele moço, com efeito, se julgava quite porque observara certos mandamentos e, no entanto, recusava-se à

ideia de abandonar os bens de que era dono. Seu desejo de obter a vida eterna não ia até ao extremo de adquiri-la com sacrifício e se esforçando para seguir Jesus, o que em seguida se nota por sua reação.

*Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades. (Mt 19:22)*

Entretanto, o Mestre arrematou que:

*Então, disse Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico **dificilmente** entrará no reino dos céus. (Mt 19:23)*

Porém o Mestre enfatiza que dificilmente entraria um rico no reino, por se tratar de uma dura prova que aguça a avareza e o egoísmo o que Jesus lhe propunha era uma prova decisiva, destinada a pôr a nu o fundo do seu pensamento. Ele podia, sem dúvida, ser um homem perfeitamente honesto na opinião do mundo, não causar dano a ninguém, não maldizer do próximo, não ser vão, nem orgulhoso, honrar a seu pai e a sua mãe. Mas, não tinha a verdadeira caridade; sua virtude não chegava até a abnegação. Isso o que Jesus quis demonstrar. Fazia uma aplicação do princípio: “**Fora da caridade não há salvação**”, enquanto que:

*E ainda vos digo que é mais fácil passar um **camelo** pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. (Mt 19:24).*

A palavra **Camelo** ao tempo de Jesus, as cordas de amarrar navios eram feitas de pelos de camelo e eram conhecidas como camelo e assim como no verso anterior Jesus disse que dificilmente um rico entraria no reino dos céus. Subentende-se que não é impossível que este entre, e:

*Ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: Sendo assim, quem pode ser salvo? Jesus, fitando neles o olhar, disse-lhes: Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível. (Mt 19:25-27)*

O Reino de Deus, ou o próprio Pai estando em nós ...**o reino de Deus está dentro de vós. (Lc 17:21)**, através do Mestre que é a busca íntima de nós mesmos na elevação de nosso ser através de nossos esforços de adentrar pela porta estreita das virtudes celestes, seremos salvos pelo Pai, somente se nos salvarmos, descobrindo-O dentro de nós mesmos e não em busca das formas exteriores para encontrá-lo, devemos vasculhar o íntimo, nos descobrir quem somos, como cita um sábio **“Conheça-te a ti mesmo”** (Platão). Desta maneira, proporcionaríamos a fazer uma introspecção em nosso ser a evidenciar o que deve ser mudado e aprimorado, descobrindo assim o Pai dentro de nós, bem como o Pai e o Cristo são um e representam esta elevação do espírito de Jesus ao seio das virtudes do Pai.

As riquezas materiais oferecem uma maior prova do que a pobreza e ainda um maior esforço para superar as facilidades que estas mesmas riquezas oferecem, conquanto, resta somente buscar as riquezas das virtudes por nos esforçar em praticarmos o Evangelho e promovermos a reforma íntima, com isso recorro à Codificação, em **O Livro dos Espíritos**, para melhor ilustração:

**814 Por que Deus deu a uns riquezas e poder e a outros a miséria?** - Para experimentar cada um de maneiras diferentes. Aliás, vós já o sabeis, essas provas foram os próprios Espíritos que escolheram e, muitas vezes, nelas fracassam.

**815 Qual das duas provas é a mais terrível para o homem, a miséria ou a riqueza?** – Tanto uma como outra; a miséria provoca a lamentação contra a Providência; a riqueza estimula todos os excessos.

**816 Se o rico tem mais tentações, não tem também mais meios de fazer o bem?** – É justamente o que nem sempre faz; torna-se egoísta, orgulhoso e insaciável. Suas necessidades aumentam com a riqueza e ele acredita nunca ter o suficiente.

*Allan Kardec – Neste mundo tanto as posições de destaque quanto a autoridade sobre seus semelhantes são provas tão*

*arriscadas e difíceis para o Espírito quanto a miséria. Quanto mais se é rico e poderoso, mais se tem obrigações a cumprir e maiores são as possibilidades de fazer o bem e o mal. Deus experimenta o pobre pela resignação e o rico pelo uso que faz de seus bens e de seu poder.*

*A riqueza e o poder despertam todas as paixões que nos ligam à matéria e nos afastam da perfeição espiritual; é por isso que Jesus ensinou: “Em verdade vos digo que é mais fácil um camelo<sup>1</sup> passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus”. (Veja a questão 266) (KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, Parte Terceira, Capítulo XIX).*

Caro leitor, como está demonstrado acima abordamos todo o contexto e analisamos toda a passagem, o que fica evidenciado e muito claro que não fomos nós que viemos a ignorar as explicações dadas! Mas mediante tal fato, dizem os salvacionistas que **analise o contexto**: O jovem rico primeiramente perguntou a Jesus qual bem deveria fazer para conseguir a vida eterna. Jesus, em seu ministério, sabia o que se passava nos corações dos homens (Jo 2:25), e a sua dura introdução à resposta (Mt 19:17) apenas evidencia isto, sabia também o que se passava no coração daquele rapaz. A resposta foi apenas, **guarde os mandamentos**, coisa que ele já observava, porém sabia que ainda faltava alguma coisa. O contexto foi analisado e solenemente ignorado pelo opugnador que nos sugere analisar o contexto!? Em conformidade com o que foi dito pelos salvacionistas, cremos que sabemos que Jesus tinha o poder de ler o pensamento e entrever a intenção nos corações das pessoas, disso não há dúvidas! Que mandamentos eram estes que Jesus o perguntava se este jovem os guardava, certamente os mandamentos contidos na Torá, em específico, os 10 mandamentos que até foram citados acima.

Na sequência desta análise dos salvacionistas, eles prosseguem dizendo que diante de tantas qualidades, faltava ao jovem negar a si mesmo, reconhecido sua condição de pecador; se o desejo daquele jovem fosse realmente seguir a Cristo, imediatamente obedeceria a sua voz, porém Jesus não pediu o que pediu a toa, ele tocou naquilo que ainda o impedia de negar a si mesmo, não foi uma ordem para que ele comprasse a Salvação com seus bens, como parte

de nossa abordagem em que acertadamente dizemos que Jesus complementa que o Jovem *não pretendeu, decerto, estabelecer como princípio absoluto que cada um deva despojar-se do que possui e que a salvação só a esse preço se obtém; mas, apenas mostrar que o apego aos bens terrenos é um obstáculo à salvação*. Ora bolas, dissemos tudo aquilo que afirmamos acima, porém, com uma retificação, como o Jovem Rico poderia reconhecer a sua condição de pecador e que não foi uma ordem para que ele comprasse a Salvação com seus bens, nós não dissemos isso, de que o Jovem Rico viria comprar a sua Salvação com seus bens! Mas se ele vendesse seus bens e desse aos pobres, seria salvo?

Ademais, o que os salvacionistas realmente entendem sobre esta citação de Jesus [*Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. (Mt 19:21)*]? O nosso entendimento está no parágrafo abaixo.

Se ele seguia todos os mandamentos da Torá, o que Jesus evidenciou e deixou claro como a alva é que aquele jovem se despojasse de seu materialismo, eis que:

*Replicou-lhe o jovem: **Tudo isso tenho observado; que me falta ainda? (Mt 19:20)***

Como se não bastasse, faltava-lhe algo e este algo era o que lhe disse Jesus:

***Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. (Mt 19:21).***

Jesus disse: **Se queres ser perfeito**. Ou seja, ainda precisava de se desapegar dos seus bens, vendendo-os e dando aos pobres, porém com amor e resignação, desapegando-se do materialismo e construindo um tesouro no “céu” que nem as traças roem e nem os ladrões roubam, pois que este tesouro estaria gravado no coração daquele jovem, para assim estar desapegado e em condições de seguir ao Mestre. Pergunta o Jovem: **que me falta ainda?** Faltava-lhe amar o

próximo como a si mesmo (Mt 19:21) e esta é a condição para seguir o Mestre.

Diante das abordagens dos proponentes, estes nos fazem uma boa observação, dizendo que antes de prosseguir, cabe uma retificação quando afirma que, conforme dissemos anteriormente *aquele moço, com efeito, se julgava quite porque observava certos mandamentos e, no entanto, recusava-se à ideia de abandonar os bens de que era dono.* Concluem os salvacionistas que ele, o jovem rico, não observava “certos mandamentos”, observava todos os mandamentos (v. 20). Ao qual somos gratos pela correção de que o jovem rico observava todos os mandamentos do Decálogo, obrigado!

Concluem os proponentes dizendo que Jesus listou apenas um dos grandes problemas de quem tem riquezas, o apego aos bens materiais. Se aos ricos, conforme vocês mesmos inferiram que os discípulos entenderam, **seria impossível a Salvação, por isso ficaram maravilhados, quem então pode ser salvo?** Claro está que a pergunta dos discípulos aqui não contemplava apenas os ricos, pois destes Jesus tinha acabado de comentar a respeito. Não ficaram maravilhados por que era aos homens impossível a salvação e sim após esta passagem:

*E ainda vos digo que é mais fácil passar um **camelo** pelo fundo de uma agulha **do que entrar um rico no reino de Deus.** (Mt 19:24).*

A ordem dos fatores altera produto, ou seja, a inversão do sentido do ensinamento desta parábola, quando é complementada: **Ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados.** Isto é, os discípulos ouviram o ensinamento e ficaram grandemente maravilhados e não que **seria impossível a Salvação, por isso ficaram maravilhados.** O que afirmam é o inverso do que o texto diz, pois, os apóstolos se maravilharam com o ensinamento da parábola do Jovem Rico e que explanamos anteriormente.

Encerram os articulistas: em sua resposta, Jesus teria uma bela oportunidade de responder “os pobres”, ou então, quem sabe, “quem se



esforça”, mas a palavra foi dura e direta: **aos homens é impossível!** Não há como querer dizer que ele se referia aos ricos pois, dos ricos ele tinha acabado de comentar a respeito. Onde? Em qual passagem? Eis a resposta **aos Ricos**:

*E ainda vos digo que é mais fácil passar um **camelo** pelo fundo de uma agulha **do que entrar um rico no reino de Deus.** (Mt 19:24).*

A palavra **Camelo** ao tempo de Jesus, as cordas de amarrar navios eram feitas de pelos de camelo e eram conhecidas como camelo e assim como no verso anterior Jesus disse que dificilmente um rico entraria no reino dos céus. Subentende-se que não é impossível que este entre, e **ouvindo isto**, os *discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: **Sendo assim, quem pode ser salvo?** Jesus, fitando neles o olhar, disse-lhes: **Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível.** (Mt 19:25-27).* Existem evidências demais para implicar outro sentido. A parábola se refere ao Jovem Rico e como desfecho, dizem os salvacionistas que a Salvação é uma só: Seguir a Cristo! Foi a condição sine qua non colocada por Jesus na continuidade deste capítulo (vs. 27 a 30). Ora, e dissemos que não era para segui-lo? Seguir a Jesus é desapegar-se dos bens materiais e procurar amar ao próximo como a nós mesmos. Observar os mandamentos no Decálogo não era suficiente, era e ainda é preciso desapegar-se do materialismo que irriga o egoísmo e sufoca a fraternidade e a receita é amar o próximo, esta é a condição *sine qua non* colocada por Jesus. Negar tal evidência seria como negar os ensinamentos do próprio Mestre. Há um ditado que diz: Deus ajuda a quem cedo madruga. Os que se esforçam serão fortalecidos, mas terão que se esforçar. Não podem jogar a responsabilidade nas costas de outro.

Pois bem, este tópico retrata o que entendemos sobre o verso tão polêmico das partes conclusivas da parábola do Jovem rico, já analisada anteriormente e citando-a: **Ouvindo isto**, os *discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: **Sendo assim, quem pode ser salvo?** Jesus, fitando neles o olhar, disse-lhes: **Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível.** (Mt 19:25-27).* Acreditamos que a partir do verso 25 em diante, os apóstolos

entenderam que eles depreenderam literalmente que é mais fácil um **camelo** passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus. Após este entendimento já esclarecido, fica claro que o questionamento posterior se referia a este posicionamento de Jesus.

Ademais, o que Jesus havia dito naquele instante e diante do contexto é que não haveria possibilidade daquele jovem, mesmo seguindo a Torá, se elevar ao céu à condição de moral necessária para angariar as bem-aventuranças, era necessário dedicar-se ao próximo, auxiliá-lo em sua vida, diminuir-lhe as suas dores, exercitar o amor fraterno. Se não optarmos por realizar este ato, por nós mesmos, não poderíamos alcançar a salvação, já que dependeríamos desta conscientização interior, voltar ao caminho reto e seguir pelo amor ao próximo. Jesus, nesta ocasião colocou o materialismo e o egoísmo com empecilho para alcançarmos esta salvação e conscientização, pois é preciso de nos amar uns aos outros, a fim de conseguirmos esta salvação junto ao próximo. Este é o princípio de que “**Fora da Caridade não há salvação**”, pois sem o amor praticado para com o nosso próximo é impossível nos salvar por si só.

Este princípio de “**Fora da Caridade não há salvação**” está ligado às palavras do Mestre, tendo em vista de que Ele nos orientava de quem quisesse vir após ele, a si mesmo devia se negar e tome a sua própria cruz dia a dia e siga-O (**Lc 9:23**). Seguir o Mestre é realizar toda a moral contida nos Evangelhos e *quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; quem perder a vida por minha causa, esse a salvará. (Lc 9:24)*. O que o Mestre quis nos passar com este ensinamento? O de que era necessário darmos a nossa dedicação ao Mestre e o que adiantaria ganharmos o mundo inteiro se porventura perdêssemos a nós mesmos? De nada valeria, pois deveríamos buscar o Mestre nos mais pequeninos, pois é a eles a quem Jesus assiste e se encontra,

*...porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me acolhestes; estava nu, e me vestistes; adoeci, e me visitastes; estava na prisão e fostes ver-me. Então os justos lhe perguntarão: Senhor, quando te vimos com fome, e te demos de comer? ou com sede, e te demos de beber? Quando te vimos forasteiro, e*

*te acolhemos? ou nu, e te vestimos? Quando te vimos enfermo, ou na prisão, e fomos visitar-te? E responder-lhes-á o Rei: **Em verdade vos digo que, sempre que o fizestes a um destes meus irmãos, mesmo dos mais pequeninos, a mim o fizestes...** (Mt 25:31-46).*

Por este motivo que é impossível ao homem fazer um outro entrar no reino dos céus, já que se mantivermos o egoísmo em nosso coração, jamais alcançaremos esta conscientização, e isto homem nenhum desse mundo pode fazer pelos outros. Precisamos mudar o nosso mundo interior e, por conseguinte o mundo em que vivemos. **A fraternidade é o único meio de sermos salvos e Jesus a fez como base de julgamento e de que a Verdade é que “Fora da Caridade não há salvação”, pois foi o que Ele vivenciou.** É nisto que acreditamos e este é o Jesus que cremos – Atitude para com o próximo, pois por nós mesmos, irá nos restar apenas o egoísmo e a fraternidade, juntamente com a humildade serão um dos seus únicos meios de combater este mal que nos assola!

Após a bela parábola do Jovem Rico, Jesus nos apresenta a consciência de nos desapegarmos do pesado fardo do materialismo, do apego aos bens materiais e aos vícios que nos distancia das virtudes. Por este motivo que aos homens é impossível de se conscientizarem, pelo simples fato de precisarmos de que Deus, através de Jesus, nos coloque este despertar no coração, dizendo-nos no âmago o que precisa ser retirado de nossos ombros, nos dando um jugo leve e suave, apresentado pelo Mestre, amando o próximo como a nós mesmos, assistindo-nos uns aos outros, a fim de que possamos vivenciar o Evangelho, mudando o nosso mundo interior e o mundo em que vivemos.

Neste intento, entendemos que após o estado de perplexidade e admiração dos apóstolos pelo ensino da parábola do Jovem Rico, veio à pergunta, posteriormente trazendo a dúvida de quem poderia ser salvo. Jesus, de forma enfática, diz ser impossível aos homens, sendo tudo possível para Deus, todavia, a impossibilidade é pelo fato do homem não ter como conseguir esta conscientização das virtudes a serem seguidas, por este motivo que aos homens é impossível, pois é preciso

uma direção, um caminho de perfeição Moral, seguido pelo sentimento e conhecimento de si mesmo.

O Pai na sua misericórdia nos enviou este modelo de perfeição e guia para os nossos pés que é o Mestre Jesus. Com o relato da pequena história que pudemos apresentar, cremos que somente nos elevando ao seio das virtudes celestes, pela prática diária do Evangelho é que poderemos nos libertar, despojar, salvar-nos, conscientizar-nos das iniquidades e delitos, retomando o reto caminho e buscando no Pai, através de seu filho, a salvação que só a Ele compete nos apresentar as virtudes que devemos praticar. A prática leva ao Mestre e por Ele veremos ao Pai e seremos um como eles o são, bem como:

*Não rogo somente por estes, mas também por aqueles que vierem a crer em mim, por intermédio da sua palavra; a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em tí, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos; eu neles, e tu em mim, a fim de que sejam aperfeiçoados na unidade, para que o mundo conheça que tu me enviaste e os amaste, como também amaste a mim (Jo 17:20-23).*

#### **40.10. O objetivo do Espírito da Verdade**

Neste curto tópico, abordaremos assuntos sendo tratados de forma primária (importante) e secundários do papel do Espírito da Verdade, segundo a visão dos salvacionistas. Neste intento, dizem que **pulando as quilométricas explicações sobre “riquezas materiais” encontradas na codificação espírita**, se admiram de haver tantos entendimentos divergentes entre os evangélicos. Ou seja, em outras palavras, pulando todo o contexto analisado acima, acerca da parábola do Jovem Rico, os salvacionistas nos trazem este jargão: **“pulando as quilométricas explicações”**, como justificativa de não querer dar o braço a torcer diante de nossa análise, mas não o obrigaremos a nada, pois cada um, por direito, comenta o que quiser comentar.

Todavia, os salvacionistas dizem que: realmente reconheço que

há, porém, a esmagadora maioria apenas nas questões secundárias. Entender que Matias ou Paulo seja o 12º apóstolo em nada vai danificar a Salvação que temos em Cristo. Reconhece que há muitas divergências entre os evangélicos. Entretanto, **quando vier, porém, o Espírito da verdade, ele vos guiará a toda a verdade; porque não falará por si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido e vos anunciará as coisas que não de vir.** (Jo 16:13). O Espírito da Verdade irá guiar os demais por **toda a verdade** e não por assuntos essenciais. Mas ainda encerra os articulistas que para estas questões secundárias temos uma certa liberdade, uma vez que a **“função” do Espírito Santo é convencer do pecado, da justiça e do juízo**. Mesmo que muitos protestantes e católicos divergem sobre quem é o 12º apóstolo, com certeza não divergiremos no essencial. Segundo a função do Espírito da Verdade **é convencer do pecado, da justiça e do juízo**, entretanto, como disse Jesus, esta não era a única missão do Consolador e o que os salvacionistas já disseram, mas algo mais: **o Espírito da verdade, ele vos guiará a “TODA” a verdade**. Toda a verdade não implica em que haja assuntos principais ou secundários, já que toda a verdade não exclui um ou outro, antes os coloca no mesmo patamar, já que não pode haver verdades que divergem.

Encerram os salvacionistas dizendo que: pergunte a ele ou qualquer evangélico, por exemplo, como fazer para nos salvarmos. Um assunto interessante é o fato da Trindade e do fato de Jesus ser Deus na concepção evangélica, um tema que tenho a certeza de que para os mesmos salvacionistas e o seu conceito, por assuntos secundários e principais, estes são assuntos primordiais para sustentar a sua tese da **“função” do Espírito Santo**. Ao contrário, vemos diversos Evangélicos divergirem neste quesito de assuntos essenciais.

#### **40.11. A parábola do administrador infiel e uma explanação sobre este assunto correlato**

Vemos como correlata com a passagem abordada que foi a do Jovem Rico. Neste intento, sugerimos aos demais leitores, o **capítulo XVI do ESE, dos itens 1º ao 15º** como adendo a nossa abordagem. Com efeito, lançamos a passagem abaixo e os nossos comentários, bem como de outros autores.

Disse Jesus também aos discípulos: Havia um homem rico que tinha um **administrador**; e este lhe foi denunciado como quem estava a defraudar os seus bens. Então, mandando-o chamar, lhe disse: Que é isto que ouço a teu respeito? Presta contas da tua administração, porque já não podes mais continuar nela. Disse o administrador consigo mesmo: Que farei, pois o meu senhor me tira a administração? Trabalhar na terra não posso; também de mendigar tenho vergonha. Eu sei o que farei, para que, quando for demitido da administração, me recebam em suas casas. Tendo chamado cada um dos devedores do seu senhor, disse ao primeiro: Quanto deves ao meu patrão? Respondeu ele: Cem cados de azeite. Então, disse: Toma a tua conta, assenta-te depressa e escreve cinquenta. Depois, perguntou a outro: Tu, quanto deves? Respondeu ele: Cem coros de trigo. Disse-lhe: Toma a tua conta e escreve oitenta. E elogiou o senhor o administrador infiel porque se houvera atiladamente, porque os filhos do mundo são mais hábeis na sua própria geração do que os filhos da luz. **E eu vos recomendo: das riquezas de origem iníqua fazei amigos; para que, quando aquelas vos faltarem, esses amigos vos recebam nos tabernáculos eternos.** Quem é fiel no pouco também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco também é injusto no muito. Se, pois, não vos tornastes fiéis na aplicação das riquezas de origem injusta, quem vos confiará a verdadeira riqueza? Se não vos tornastes fiéis na aplicação do alheio, quem vos dará o que é vosso? **Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.** (Lc 16:1-13)

Há em algumas traduções, no primeiro versículo, ora como sendo administrador, ora mordomo, todavia, averiguando as duas nomenclaturas, estas não poderiam fugir à questão do entendimento de que tanto o administrador, quanto o mordomo desempenham funções que possuem certas similaridades.

Neste intento, abalizaremos em diversos autores para termos um paralelo ao entendimento coletivo de obras espíritas em conformidade com o que nos apresenta a Codificação, com efeito,

apresentamo-os nas linhas abaixo:

*Esta parábola, interpretada ao pé da letra, pode dar a entender que o Mestre esteja apontando o roubo e a fraude como exemplos de conduta dignos de serem imitados. Considerada, porém, em seu verdadeiro sentido, segundo o espírito que vivifica, encerra uma profunda lição de sabedoria e de bondade que poucos hão sabido entender.*

*Inicialmente, identifiquemos as duas principais personagens da historieta evangélica, e o local em que a ação se desenrola. **O rico proprietário é Deus, o Poder Absoluto que sustenta todo o Universo; o mordomo é a Humanidade, ou seja, cada um de nós; e a fazenda é o planeta Terra, campo em que se desenvolve atualmente nossa evolução.** (grifo nosso).*

***Os bens que nos foram dados a administrar é tudo o de que nos jactamos estultamente nesta vida: propriedades, fortuna, posição social, família e até mesmo nosso corpo físico. Todas essas coisas nos são colocadas à disposição pelo Supremo Senhor, durante algum tempo, a fim de serem movimentadas para benefício geral, mas, em realidade, não nos pertencem.** (os grifos são meus). A prova disso está em que sempre chega o dia em que seremos despojados delas, quer o desejemos, quer não.*

*Nossa infidelidade consiste em utilizarmo-nos desses recursos egoisticamente, como se fossem patrimônio nosso, dilapidando-o ao sabor de nossos caprichos, esquecidos de que não poderemos fugir à devida prestação de contas quando, pela morte, formos despedidos da mordomia. Pois bem, já que abusamos da Providência, malbaratando os bens de que somos simples administradores, tenhamos ao menos o atilamento do mordomo de que fala a parábola.*

*Que fez ele? Para ter quem o favorecesse, quando demitido do cargo que desempenhava, tratou de fazer amigos, reduzindo as contas dos devedores de seu amo. É o que Jesus nos aconselha fazer, quando diz: “granjeai amigos com as riquezas iníquas”. Em outras palavras, isto significa que os sofredores de todos os matizes são criaturas que se acham*

*endividadas perante Deus, são pecadores que têm contas a saldar com a Justiça Divina, e auxiliá-los em suas necessidades, minorar-lhes as dores e aflições, equivale a diminuir-lhes as dívidas, de vez que, via de regra, todo sofrimento constitui resgate de débitos contraidos no passado.*

*Se assim agirmos, ganharemos a amizade e a gratidão desses infelizes, que se solidarizarão conosco quando deixarmos este mundo, bem assim a complacência do Pai celestial, porque muito Lhe apraz ver-nos tratar o próximo com misericórdia. Não falta, aqui na Terra, quem admire “os filhos do século” pelo fato de se empenharem a fundo, com inteligência, denodo e sacrifícios até, no sentido de assegurarem aquilo a que chamam “o seu futuro”.*

*Quão maiores louvores, entretanto, haveriam de merecer de Deus “os filhos da luz”, os já esclarecidos acerca da vida espiritual, se procedessem com igual esforço e dedicação, empregando a bondade na conquista dos planos superiores, situados além deste orbe de trevas?*

*Sejamos, pois, colaboradores fiéis da Divindade, gerindo os bens materiais de que dispusermos em conformidade com os ensinamentos sublimes que nos foram ditados por Jesus no Sermão da Montanha; assim fazendo, estaremos acumulando, no céu, um tesouro verdadeiramente imperecível. Sim, porque as virtudes cristãs, que fomos adquirindo no convívio com nossos semelhantes, são as únicas riquezas efetivamente nossas, e só elas nos poderão dar a felicidade perfeita, nos tabernáculos eternos! (Rodolfo Calligaris, *Parábolas Evangélicas*, Rio de Janeiro: FEB, 1987, pp. 103-107).*

Este primeiro autor, o Rodolfo Calligaris, este nos infere analogias que Jesus havia feito na questão de quem era o rico proprietário que era Deus, os mordomos ou administradores que eram toda a humanidade e por fim a fazenda que era o planeta Terra. Os bens que foram confiados ao administrador, estes são todas as coisas que nos foram postas a administrar e se somos infiéis com as nossas atitudes, somos penalizados por este comportamento.

O fato mais interessante é a abordagem que é realizada quando



Jesus diz que “**granjeai amigos com as riquezas iníquas**”. A primeira vista, parece-nos que há uma grave contradição em Jesus nos induzir a desonestidade, mas o sentido mais profundo nos revela o real ensinamento de que se nos dispusermos a amenizar as dores e aflições daqueles que estão em débito com a Justiça Divina, aliviando os seus matizes e suplícios morais e até físicos, estaríamos angariando estes em que nos propusemos a auxiliar a quitação de seus débitos, com efeito, o bom relacionamento com estes devedores da Lei Divina em que levamos o consolo, nos concederia o que realmente é nosso, para que pudéssemos estar nos tabernáculos eternos pela prática das luzes evangélicas com a as riquezas de nossas virtudes que são imperecíveis. Eis o segundo autor:

*Esta parábola de Jesus tem merecido as mais descontraídas interpretações no decurso dos tempos pelo fato de, aparentemente, encerrar uma apologia à desonestidade e uma consagração à fraude. Muitos supõem que o fato de Jesus recomendar que se deva “**granjear amigos, com o dinheiro da injustiça**”, representa um incentivo à conquista de fortunas ilícitas, pois, afirmam: “uma vez que se faça amigos com aquilo que é contraído desonestamente, não haverá maiores problemas”.*

*Ninguém ignora, entretanto, que no Evangelho não existe nada dúbio, e que não é esse o espírito do ensinamento contido na parábola. O mordomo infiel foi descoberto na prática de atos de desonestidade e, como decorrência, viu-se na iminência de perder o seu cargo. Agindo com verdadeiro espírito de previsão, ele achou que o caminho mais acertado, uma vez que já havia cometido o erro, seria aquele de granjear amigos, para que estes, quando ele estivesse privado da mordomia e na condição de penúria, o ajudassem como amigos.*

*Chamando todos os devedores do seu senhor, reduziu as dívidas de cada um, e o senhor, ao tomar conhecimento da sua atitude desleal e infiel, admirou-se de sua prudência. Jesus por sua vez esclareceu que “**os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz**”.*

*Qual será a linha divisória entre os bens adquiridos legítima ou ilegítimamente? O apóstolo Tiago, em sua Epístola Universal, assevera: “O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram, e a sua ferrugem dará testemunho contra vós, e comerá fogo a vossa carne. Entesourastes para os últimos dias. Eis que o jornal dos trabalhadores que ceifaram as vossas terras, e por vós foi diminuído, clama.” (Tg, 5:3-4)*

*O usurpador dos bens do próximo tanto é aquele que rouba ostensivamente, como aquele que, no dizer judicioso de Tiago: “diminui o salário dos seus trabalhadores”, locupletando-se com um patrimônio que poderia ter mitigado fome, proporcionando saúde, bem-estar, educação e até estancado lágrimas.*

*Tiago preconiza que, se o ouro ou a prata dos nossos tesouros materiais se enferrujarem, a ferrugem clamará contra nós. Ferrugem essa causada pela estagnação da riqueza, pela avareza, pela falta de uma aplicação sadia, que venha a beneficiar a coletividade; ferrugem simbolizada nas pessoas que mercantilizam com seus dons e com sua inteligência; ferrugem representada pelo saber, pelo conhecimento, que muitas pessoas guardam, egoisticamente, apenas para si.*

*Um indivíduo que, sem conhecer os seus reflexos no mundo espiritual, tenha adquirido uma fortuna ilegítima e resolve por um paradeiro. em seu erro, obviamente poderá reduzir o clamor de que fala Tiago, e minorar as consequências do desajuste que sofrerá nos planos espirituais, tomando como exemplo o feito do publicano Zaqueu, (**Lucas, 19:1-10**), que, ao receber em seu lar a visita de Jesus, decidiu-se espontaneamente a repartir com os pobres metade da sua fortuna e a restituir quatro vezes mais às pessoas a quem havia espoliado. **Zaqueu fez como o mordomo da parábola: granjeou amigos com o dinheiro que havia acumulado através da prática da injustiça, e, quando se dispôs a reparar a falta, Jesus o elogiou, dizendo: “Zaqueu, hoje entrou a salvação em tua casa!”***

*A Parábola do Rico e de Lázaro, (**Lucas, 16: 19-31**), nos revela as consequências funestas com que se depara um Espírito que “não soube ser prudente, granjeando amigos com*

*as riquezas contraídas com a prática da injustiça”: o rico da parábola não encontrou amigos nos “tabernáculos eternos”, nem para “molhar o dedo na água e refrescar a sua língua”: Ele não amparou Lázaro, não procurou ajudá-lo a encontrar meios de minorar as suas dores, e, como decorrência, após ultrapassar o limiar do túmulo, não obteve permissão para que Lázaro, que habitava “os tabernáculos eternos”, viesse aplacar as atribulações que o acometiam.*

*O homem que Deus situa na Terra, cumulado de todas as prerrogativas, desfrutando das facilidades da saúde, da paz, da educação, dos benefícios do instituto familiar, mas que malbarata todos esses valores, simboliza o Mordomo Infiel, esbanjando os talentos que Deus, nosso Pai, lhe confiou.*

*Entretanto, como o filho deste século é mais prudente do que os filhos da luz, esse mordomo infiel poderá auxiliar o seu próximo, minorando seus sofrimentos, ajudando-o, desta forma, a ter mais força para levar avante a sua tarefa.*

*O mais apreciável bem que poderíamos fazer ao nosso semelhante, é ajudá-lo no processo de auto-iluminação. A criatura esclarecida consegue evitar desvios e furtar-se à prática de atos danosos, que levam a contrair novas dívidas perante a Justiça Divina. Por isso, proclamou o Mestre: “Conheça a verdade e ela vos fará livres”.*

*Se alguém contribuir para elucidar um Espírito encarnado, iluminando a sua senda e proporcionando-lhe maiores condições de poder discernir o bem do mal, dando-lhe condições de diminuir suas dívidas para com a Justiça Divina, estará atuando como o Mordomo Infiel, que, apesar de ter esbanjado os talentos que Deus lhe confiou, soube ser diligente no gerir de sua vida material e, pelo menos, amparou o seu próximo, ajudando-o a carregar o seu pesado fardo: obviamente, esse seu próximo, agradecido, o ajudará como amigo quando, pela morte do corpo, for despojado da mordomia e se ver face aos “clamores” no mundo espiritual.*

*O mais formal desmentido às interpretações dúbias da parábola do Mordomo Infiel está contido nas últimas palavras da narrativa: “Pois se nas riquezas injustas não fostes fiéis,*

*quem vos confiará as verdadeiras? E se no alheio não fostes fiéis quem vos darão que é vosso?” Na realidade, Jesus deixa implícito nesse ensinamento sobre, se não soubermos aplicar a fidelidade no trato das riquezas injustas, quem nos confiará as riquezas verdadeiras, pois, é óbvio que a nossa infidelidade nas coisas pequenas, também é válida nas coisas grandes: se não soubermos ser fiéis naquilo que não é nosso, quem esperará a nossa fidelidade naquilo que é nosso? O apóstolo Paulo recomendou que aprendêssemos a nos livrar das coisas corruptíveis para que pudéssemos entrar no gozo das coisas incorruptíveis: Se não soubermos gerir bem as coisas da Terra, como nos poderão ser confiadas as coisas do Céu? (Paulo Alves Godoy, As Maravilhosas Parábolas de Jesus, São Paulo: FEESP, 1991, pp.19-23).*

Este segundo autor, o Paulo Alves Godoy nos apresenta uma mesma linha de argumentação do primeiro que trouxemos, mesmo que com outras palavras, nos deu um entendimento correlato. Neste intento, eis o terceiro autor e seu parecer: A parábola nos fala de um administrador (mordomo) que se comportou desonestamente. Então, chamado às contas, antes que fosse despedido convocou os devedores do proprietário (o senhor) e mandou que confessassem dívidas menores que as verdadeiras; com esse estratagemas visava a captar a boa vontade deles. E o senhor (proprietário) louvou sua astúcia. Assim, à primeira vista, parece que Jesus incentiva (já que aprovou) a prática de atos ilícitos, do roubo e da fraude.

***Todavia, como sempre, é preciso interpretar as Escrituras segundo o espírito que vivifica. (Os grifos são meus). A parábola representa, simbolicamente, as seguintes personagens: O proprietário, ou senhor, é Deus; o mordomo infiel é o homem; a propriedade é o mundo; os devedores beneficiados são o nosso próximo; os bens dados à administração é tudo: bens, propriedades, fortuna, posição social, filhos, cônjuge, família e até mesmo o corpo carnal; porque todas essas coisas são colocadas por Deus, o Senhor, à disposição do homem durante certo tempo. Mas, não pertence ao homem, porque lhe podem ser tiradas a qualquer instante; de fato: quem é casado, pode ficar sem seu cônjuge, portanto, não é proprietário dele; identicamente, os filhos, os***

*pais, podem, a qualquer instante, serem levados, portanto, não são propriedade individual.*

*No uso e administração de qualquer desses bens, o homem procede como mordomo infiel: apropria-se deles com exclusivismo, egoisticamente, acumula-os só para si, desrespeita os direitos alheios, prejudica o próximo. A “infidelidade” está em se apossar do que nos é dado temporariamente, “para administrar”.*

*“O homem sendo o depositário, o administrador dos bens que Deus lhe depositou nas mãos, severas contas lhe serão pedidas do emprego que lhes dará, em virtude do seu livre-arbítrio. O mau emprego consiste em utilizá-los somente para a sua satisfação pessoal. Ao contrário, o emprego é bom sempre que dele resulta algum bem para os outros. O mérito é proporcional ao sacrifício que para tanto se impõe.” (KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Capítulo XVI, item 13).*

*Mas, chega sempre o instante da tomada de contas; cada vez que ocorre a desencarnação (“morte”, como o povo diz) há uma prestação de contas, porque deixando de viver no mundo da matéria, o homem não pode ficar na administração de seus bens.*

*A parábola louva a sagacidade de um desses administradores; sabendo que nada podia alegar em sua defesa, granjeia amigos com a riqueza da iniquidade, isto é, ganha a amizade de várias pessoas com a riqueza do Senhor e que estava sob sua guarda, temporariamente.*

*E, assim, chegamos ao tema central da parábola: - Significa que se deve aproveitar a oportunidade da reencarnação para beneficiar os que sofrem, e para minorar os padecimentos dos necessitados. É necessário fazer o bem sempre. **Com isso, esses a quem se beneficia aqui na Terra serão aqueles que, futuramente, receberão o benfeitor no Plano Espiritual. (Algumas versões usam a expressão nos “tabernáculos eternos” que significa o “céu”, as moradas espirituais felizes, o Plano Espiritual).** (Os grifos são meus).*

*É com referência à necessidade de se proceder deste modo,*

que Jesus empregou a expressão “os filhos do século (do mundo) são mais sábios na sua geração do que os filhos da luz” (ou, em algumas versões, “os filhos do século são mais avisados no gerir seus negócios do que os filhos da luz”); ou seja, o homem de negócios é sábio preparando e assegurando seu futuro enquanto aqui no mundo; “os filhos do século”, ou seja, o homem materializado, luta, sacrifica-se, procede com arrojo e engenho para satisfazer sua ambição de acumular riquezas. Ora, se “os filhos da luz”, isto é, os já esclarecidos, já espiritualizados, procedessem com o mesmo denodo e afã na esfera do bem, certamente que já teriam galgado os Planos da Espiritualidade, as “moradas felizes”.

Todavia, há um aspecto importantíssimo da parábola que é preciso considerar; é a advertência de Jesus: Quem não é fiel no uso dos bens perecíveis, os bens temporais, como poderá sê-lo no dos bens verdadeiros, os bens espirituais? E quem não é fiel na aplicação do bem alheio, como poderá receber no mundo espiritual o que a ele lhe compete? Aí está a condenação do roubo e do emprego de meios ilícitos.

E também: a riqueza classificada por Jesus como sendo “o pouco”, “iníqua” e “alheia” é a que consiste nos bens materiais. Ao reverso, a riqueza chamada de “o muito”, “legítima” e “inalienável” é a que resulta da evolução do Espírito, representada pelos bons predicados do caráter; são as virtudes.

Assim, outro grande ensinamento desta parábola é que toda riqueza material é iníqua, no seguinte sentido: a terra não é propriedade de ninguém; é patrimônio comum. O homem tem apenas o usufruto dos bens materiais; porque, de fato, quando ele reencarna já encontra esses bens aí; e quando desencarna esses bens permanecem aqui.

**Isso significa que ao homem é dado desfrutar das riquezas terrenas na exata medida de suas reais necessidades.** (Os grifos são meus). O que passa daí é apropriação indébita, em prejuízo do próximo. Daí, aliás, que resulta a “infidelidade” do “mordomo” (o homem): ela procede do fato de os homens apossarem-se dos bens que lhe foram confiados por Deus, para administrá-los. Da Terra nada é

nosso; não passamos de meros administradores.

A parábola nos traz ainda os seguintes importantíssimos ensinamentos:

**a)** O homem rico, o senhor, não destituiu o administrador infiel inopinadamente, na hora; notificou-o antes para prestar contas da administração. Portanto, deu-lhe tempo para pensar, agir, tomar as providências que lhe aprovessem.

Ora, como toda parábola traz ensinamentos morais encobertos por fatos materiais, devemos buscar a mensagem espiritual: Deus, sempre bondoso e compassivo, manda-nos avisos para alertar-nos sobre futura prestação de contas; mas, não de inopino, dá-nos tempo para refletirmos e tomarmos providências. Os avisos vêm de diversas maneiras: uma página que lemos, uma palestra a que assistimos, uma frase ouvida, um fato ocorrido, um pensamento que nos surge...

**b)** O senhor não coagiu o administrador a agir deste ou daquele modo; apenas tornou-o ciente de que ele tinha que prestar contas. Na interpretação espiritual, significa que o Plano Espiritual, agindo sob as ordens de Deus, não nos obriga, a nós, na qualidade de administradores infiéis de Deus, a agir deste ou daquele modo; pois respeita o nosso livre-arbítrio. Isto porque Deus nos quer como filhos livres e não como escravos.

**c)** O administrador infiel não cruzou os braços; buscou solução, diligenciou. É uma orientação de como devemos agir.

**d)** O administrador não perdoou aos devedores, apenas diminuiu-lhes as dívidas. E, de fato, quando contraímos débitos para com as Leis de Deus, temos que ressarcir-los, por causa da Lei de Causa e Efeito (também chamada da Ação e Reação). Assim, quando saldamos nossas dívidas, saímos engrandecidos, pois conquistamos méritos e nos elevamos na escala do progresso espiritual, porque ampliamos nossa capacidade.

Mas, como Deus é Amor, a Bondade divina se manifesta sempre a nosso favor, em compensação ao nosso esforço, à

nossa luta, amparando-nos, socorrendo-nos, ajudando-nos, o que se traduz praticamente por uma diminuição do débito. Além de que, levando em conta nosso esforço, nossa dedicação, a Misericórdia divina sempre diminui o peso que carregamos.

e) Um ponto interessante da parábola é que o administrador ao diminuir os débitos dos devedores, não agiu com intenção de defraudar seu senhor, ou dilapidar-lhe os bens, pois que, na prestação de contas, que mais tarde ele teria que fazer, certamente que o senhor ficaria sabendo da redução dos débitos. Assim, temos que concluir que o administrador, por ainda não haver sido destituído de suas funções, agiu legalmente, em conformidade com o poder inerente ao seu cargo.

Logo, também nós, perante Deus e o Plano Espiritual, temos que proceder da mesma forma: já que nos foi outorgada a administração dos bens a nós confiados, temos o poder inerente para aliviar o peso que sufoca o devedor à nossa volta. O cuidado que devemos ter, em consonância com os ensinamentos evangélicos é a advertência **"A cada um, conforme suas obras" (Jó 34: 11; Salmo 28:4 e 62:12; Isaías 59:18; Apocalipse 20:12 e 20:13).**

f) Finalmente, o administrador procurou conquistar amigos encarnados, simbolizados na expressão "para que me recebam em suas casas". Porém, o senhor, ampliando as vantagens de se fazer o bem, esclareceu que também ganhamos Amigos no Plano Espiritual (nos tabernáculos eternos).

Encerrando a parábola, Jesus chama a atenção que ninguém pode servir com o mesmo zelo a dois senhores: a Deus e a mamona. ("mamona" é uma palavra aramaica que significa "riquezas".)

Os cristãos têm o dever de servir somente a Deus, não se sujeitando aos "filhos do século" que sempre querem dominar a consciência alheia. Observação: Ver o capítulo XVI de O Evangelho Segundo o Espiritismo, "Servir a Deus e a Mamona".



(1) *Cado*: Vaso de barro para guardar vinho, azeite e outros líquidos; equivale a 40 litros. (Poderíamos também dizer “barril”.)

(2) *Coro* (pronuncie “córo”): é uma antiga medida hebraica; equivale a 450 kg.

(José de Souza e Almeida, *As Parábolas de Jesus nos dias de hoje*, São Paulo: DPL, 2001, pp. 56-61)

Mediante este texto do autor José de Souza e Almeida, trazemos como conclusão uma terceira explanação da mesma parábola pela autora Therezinha Oliveira: Viemos a suprimir a parábola por termos citado-a logo no início de nossa abertura ao tópico, partindo para os comentários da autora.

**Observação:** As medidas usadas foram *cados* (para o azeite) e *coros* (para o trigo) diz **Carlos Torres Pastorino, em Sabedoria do Evangelho, volume 6, página 26**. Aqui as adaptamos para as medidas mais usadas entre nós.

### **A difícil interpretação**

*Esta parábola foi registrada apenas por Lutas e sua interpretação, no aspecto moral, parece muito difícil, em princípio, porque: um homem dissipa os bens do seu senhor, é denunciado e vai ser demitido; para conseguir a benevolência e ajuda dos que devem ao senhor, frauda na prestação das contas. E é elogiado?! E Jesus nos diz para imitá-lo?! Parece uma exaltação da esperteza desonesta! Jamais o Mestre ensinaria algo moralmente mau. Para alcançar o verdadeiro sentido da parábola, aprofundemo-nos em seu simbolismo.*

### **Que é um mordomo**

*A expressão vem do latim maior domus (o maior na casa) e designa o chefe dos criados de um soberano ou de uma casa de grande estado. Sua função é administração a casa, os bens do Senhor, e supervisionar o trabalho dos demais servos, empregados, com eficiência e fidelidade. Foi o que não fez o mordomo da parábola. Como consequência está perdendo o emprego e tem de fazer logo uma prestação de contas de tudo*

ao seu senhor.

### **Ante a situação**

*Que hei de fazer? pergunta-se ele. Está preocupado, mas não desanimado nem inerte. Examina a situação, procurando uma solução, verificando as alternativas.*

*Lavrar a terra? Não posso! Por que não? Há muito tempo estava realizando apenas o trabalho de organização e administração dentro de casa, evidentemente, estaria destreinado, sem condições físicas para voltar ao serviço braçal no campo, sob o sol inclemente, cavando a terra.*

*Mendigar? Tenho vergonha! Até agora dispunha, mandava, distribuía em nome do Senhor. Seria muito humilhante para ele passar a pedir o socorro de outros, ou ficar na dependência de alguém.*

*E na parábola dos talentos, Jesus coloca que um homem tendo de viajar, ausentando-se do país, confiou os seus bens aos seus servos e depois partiu. Essa “ausência”, após haver entregado os bens, expressa o livre-arbítrio que Deus nas concede para agir na vida.*

*Com que liberdade agimos sobre os recursos que Deus coloca ao nosso alcance! É tanta que até chegamos a nos sentir como donos... Mas não somos! Os bens não são nossos e, sim, do Senhor. Apenas os estamos administrando, empossados neles de modo temporário e precário. O Senhor vai voltar e teremos de prestar contas!*

*Nossa função é a de mordomo: cuidar de seres e bens do Senhor, segundo a vontade e desígnios. Dele, procurando preservar e, fazer render todo o possível para a bem geral nesta casa do Senhor, a Terra.*

*Temos feito isso? Estamos sendo mordomos fiéis? Ou usufruindo egoisticamente, em proveito próprio? Ou deixando sejam usadas sem controle, nem responsabilidade na área de nossa influência? Essa negligência e irresponsabilidade nossa como mordomos acarreta dissipação dos bens do Senhor,*

*desordem em sua casa.*

### **A denúncia**

*A parábola não diz quem denunciou ap senhor o mordomo infiel que lhe havia dissipada bens, mas quanto a nós, espíritas, a lei de causa e efeito é que aponta tudo que fazemos ou deixamos de fazer, na Terra ou, onde estivermos.*

*Pela repercussão de nossos atos na vida, sobre coisas e seres, Deus está “ouvindo” falar de nós! Se os atos são maus, a que está escutando de nós não é bom... Se maus ou omissos, pois não fazer o bem que se pode já é um mal.*

*Como o senhor na parábola chamou o mordomo denunciado, Deus também esta nas chamando e pergunta: Que isto que ouço falar de tí? Deus nas chama e nas fala pela voz da consciência, nas instruções e apelos espirituais que nas vêm de encarnadas ou não e, ainda, pelos efeitos que nossos atos estão causando em nós e naqueles que nos rodeiam.*

*Um mordomo prudente e fiel está sempre atento à prestação de contas que terá de fazer, mantendo tudo anotado e correto. O mordomo infiel, invigilante, não presta atenção no que está acontecendo, faz ouvidos moucos aos reiterados sinais e avisos que lhe chegam e só percebe que a situação ficou difícil, quando recebe...*

### **O ultimatum**

*Presta contas da tua mordomia, pois já não poderás ser mais meu mordomo. O senhor pode nos tirar a mordomia, destituir-nos de encarregados seus neste mundo, fazendo-nos perder situações, haveres ou pessoas. E há um ultimatum que todos, um dia, recebemos. É fatal, decisivo, não podemos evitar de receber e não temos como lhe resistir: é a marte, a desencarnação, que nos desapossa inteiramente de toda mordomia terrena.*

*Se Deus não a tirasse de nós, continuaríamos usando abusiva e irresponsavelmente os bens da vida, sem querer prestar cantas, de nada, a ninguém, nunca! Por isso mesmo, em*

*nosso atual estado evolutivo, a morte física, a desencarnação, é uma imposição necessária e providencial, periódico e obrigatório “balanço”, para que revisemos, reajustemos, renovemos nosso modo de ser e agir.*

*Com Jesus, isso não precisa acontecer: Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho-o poder para a dar e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai. (João 10:17/18) Deus nunca precisa tirar de Jesus a mordomia na Terra ou no plano-espiritual porque Jesus emprega sua vida em que, como e quando a lei de Deus o quer.*

*Para o mordomo fiel, a obrigatória prestação de contas é um processo natural e tranquilo, sem sustos ou aflições. Deus o acha fiel. Empregou bem seus encargos e poderes, portanto, eles não lhe são retirados, é mantido neles na vida espiritual ou pela reencarnação; e ainda lhe são confiados novos bens e oportunidades, como confirma a parábola dos talentos: Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei. Mas como fica o mordomo infiel, quando a morte o desaloja dos bens e encargos terrenos? Nada construiu de bom espiritualmente, fica sem perspectivas boas de futuro, tanto para a vida no plano espiritual como em, relação à sua próxima reencarnação.*

*E se ficarmos nessa triste situação, como o infiel mordomo, o mau administrador da parábola? Para ele, achávamos: errou, que se cumpra a justiça divina! Para nós, pedimos: misericórdia! Que hei de fazer? Como enfrentarmos a situação? Tentar negar, refutar as acusações? Tolice. São verdadeiras. Por descuido ou má-fé, dissipamos mesmo.*

*O mordomo infiel não perdeu tempo procurando inutilmente se desculpar. Em vez disso, examinou as possibilidades reais de saída. Quando desalojados deste mundo; pela desencarnação, quais as nossas possíveis alternativas? Será que iremos:*

**Lavrar a terra?** *Enfrentar situações mais primitivas e rudes, como, por exemplo: Ao desencarnar, ficamos presos no*

*umbral inferior, região fluidica habitada por espíritos sofredores ou maus; Ou, ao reencarnar: nascer com enfermidades, limitações físicas; ao abandono de família; na miséria; no idiotismo; em local inóspito, como as geleiras, os desertos, à selva... Se bem que, a reencarnação é sempre uma bênção e, onde quer que estejamos, como e com quem estivermos, sempre é possível viver, progredir, construir um futuro melhor. Mas, ante tudo de que hoje desfrutamos, acostumados a atividades melhores, recursos maiores, não nos será fácil viver nessas outras condições, nos sentiremos despreparados, é uma alternativa que não nos agrada.*

**Mendigar?** *Agora, dispomos de muitos recursos materiais e espirituais e com eles, dentro, da vida e em nome de Deus: decidimos, realizamos, coordenamos, distribuímos. E se viermos a ficar em carência espiritual, na dependência de outros para existir e sobreviver? Que vergonha!*

*Se bem que, se isso vier a nos acontecer (e para alguns já pode ter acontecido nesta reencarnação) o melhor é: enfrentar com humildade, resignação e coragem, procurando nos recuperarmos, para, no futuro, voltarmos a fazer jus à situação e funções de mordomo espiritual. Mas, apesar de já avisados a respeito pelo Senhor, ainda não morremos (a desencarnação ainda não se deu), ainda somos mordomos (mesmo que infieis), ainda desfrutamos de certas condições neste mundo, temos a chance de acharmos outra saída (uma solução melhor) e exclaimar, como o mordomo da parábola...*

**Já sei o que hei de fazer!**

*Qual a solução encontrada por ele? Chamou a si os devedores de seu senhor. Eram pessoas que também dependiam do senhor para viver e dele haviam recebido azeite e trigo, combustível e alimento (simbolizando o indispensável para a sustentação e sobrevivência do ser) e ainda não haviam pago, continuando em débito.*

*Chamou-os separadamente, discretamente, um a um, para uma conversa amiga, informando-se dos débitos de cada um. Para quê? A fim de permitir que os diminuíssem. Podia fazê-lo? Sim, pois ainda estava na função de mordomo. Que*

*ganhou, agindo assim? Granjeou amigos que, quando ele fosse desalojado da mordomia, o ajudariam a sobreviver. Que esperto! Mas não agiu por bondade e sim, por interesse pessoal...*

*Não obstante, os que foram beneficiados, sentindo-se aliviados em suas dívidas, ficaram gratos ao mordomo e sentindo-se seus amigos. Espíritos encarnados na erra, estamos na, situação de mordomos dos muitos recursos que Deus nos confiou. Deveríamos estar cuidando bem de tudo para que houvesse boas condições e progresso para todos. Em vez disso, temos sido negligentes e infiéis.*

*Avisos? Já recebemos muitos do Senhor, através dos recursos usuais: a voz da consciência, os efeitos de nossos atos, as instruções e apelos para o bem. O mais forte, contudo, é a certeza de, que um dia desencarnaremos e teremos de prestar contas de tudo. E a desencarnação, pode acontecer logo, hoje! Pensando nisso, como reagimos? Temos medo ante o que dizemos ser o desconhecido mas em verdade não o é; tristeza porque teremos de deixaria vida corpórea com tudo que nela nos agrada; desânimo diante do inevitável da desencarnação, mas sem nada fazermos de útil, válido e positivo para mudar a situação. Lembremos da solução encontrada pelo mordomo infiel e entendamos bem o conselho de Jesus...*

### **Granjeai amigos com as riquezas da iniquidade**

*Quais são elas? Quase tudo na vida, as situações, bens e poderes neste mundo são riquezas da iniquidade, porque injustas, pois, embora as tenhamos e desfrutemos, espiritualmente não fizemos por merecer. Ou são concessões divinas como empréstimos, adiantamentos de condições espirituais, ou situações ensejadas por circunstâncias da vida terrena que, bem sabemos, nem sempre são justas e lícitas perante Deus. Portanto, quase tudo que temos ou de que dispomos não é justo. Mas com tais riquezas, bens e situações, mesmo imerecidos, como e quanto podemos ajudar aos nossos semelhantes!*

*Mordomos infiéis, convém nos interessemos pelos nossos*

*semelhantes'. Como nós, também devem a Deus, pois todos recebemos do Pai muitos recursos e bênçãos, valores maiores e mais fundamentais para a vida da alma do que o azeite e o trigo são para a vida do corpo. E nenhum de nós pagou ainda ao Criador tantas bênçãos, pois, não, produzimos de acordo com o que recebemos, não retribuímos devidamente o investimento divino em nós!*

*Interessemos-nos, principalmente, em favor daqueles por quem somos mais diretamente responsáveis diante de Deus: família, grupo religioso, social. Discreta e fraternalmente, procuremos saber de seus débitos para com Deus, de sua situação espiritual, e, com os recursos de que ainda dispomos, o que sabemos e podemos neste mundo, diminuamos esses problemas, suavizemos suas dores!*

*Assim, mesmo sendo mordamos infiéis, não tendo sabido administrar direito os bens da vida, tendo feito ou permitido a dissipação nos bens do Senhor que estavam sob nossa guarda, beneficiaremos pessoas e granjearemos sua amizade com essas riquezas e possibilidades imerecidas. E, quando essas riquezas, recursos ou possibilidades de que dispomos nos faltarem de todo (e vão faltar, mesmo, pois desencarnando, seremos desalojados da nossa mordomia), não ficaremos desamparados: aqueles a quem ajudamos, e por isso, se tornaram nossos amigos, nos receberão nos tabernáculos eternos, nos acolherão em seu coração, no campo do sentimento, em seu espírito imortal.*

*É a solução da ajuda mútua, do amor fraterno, o investimento na caridade, a "poupança" espiritual. Deus quer que nos amemos uns aos outros. Ajudar é amar. Ajudem-nos mutuamente. Temos agido assim? Apesar dos avisos divinos, perdemos tempo e oportunidades sem nada fazermos de concreto, de efetivo, para melhorar nossa situação espiritual ante a vida. E poderíamos fazê-lo, simplesmente sendo fraternos, caridosos!*

### **Mais prudentes que os filhos da luz**

*Por isso Jesus nos diz que os filhos deste mundo (os materialistas) são mais prudentes em sua geração, em relação*

*à vida terrena, seus negócios e interesses materiais, são mais atilados, agem com mais previsão e maior empenho do que os filhos da luz (os espiritualistas) o fazem, em relação a seus interesses da vida imortal.*

*Apesar de saber que estamos em situação tão aflitiva e premente como a do mordomo infiel da parábola (faltosos e chamados, em breve, a prestar contas), não procuramos solucionar nosso problema espiritual com tanto empenho, inteligência e presteza, como os materialistas o fazem em relação às coisas do mundo terreno.*

***E ainda afirma Jesus, ao final:*** *Quem é fiel no mínimo, também é fiel, no muito; quem é injusto no mínimo, também é injusto no muito. Mínimo é o que é material e muito, o que é espiritual. Quem não controla e dirige o pouco, não pode, não sabe administrar nem dirigir o muito. Primeiro recebemos: bens materiais, encargos menores, pequenas oportunidades para ensaiarmos, nossa atividade espiritual, demonstrarmos nossa capacidade de ação boa, acertada. Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras? Se nem os bens, as oportunidades materiais, da vida terrena (que são as riquezas injustas e mínimas), soubermos utilizar com fidelidade (em prol da vida espiritual) como nos confiarão as riquezas verdadeiras, os bens do espírito para gerirmos e cuidarmos? E se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso?*

*Quando o bem é alheio, toma-se mais cuidado em utilizá-lo, do que com os bens que nos pertencem, porque dele devemos prestar contas. No que é nosso, agimos mais à vontade, com menos preocupação. Ora, se no alheio não temos cuidado, se, nos bens e oportunidades que Deus nos emprestou não agimos com responsabilidade, como nos entregarão o que será nosso em definitivo, os bens e as possibilidades espirituais, que serão para usarmos com toda a liberdade e sempre? A filho esbanjador com o que lhe damos agora, confiaremos logo toda a sua herança? Desejamos ser dignos de bens maiores?*

*Administremos com fidelidade (usemos com acerto) os que temos em mãos agora; assim testemunhando que estamos*



*aptos á coisas maiores. Não temos sido fiéis? Apressemos-nos em nos interessar pelos que também devem a Deus: os nossos semelhantes! Ajudemo-los a reconhecerem seus débitos, a entenderem no que estão errados, explicando-lhes as leis divinas. E, com o melhor sentimento de caridade, ajudemo-los a suportarem ou superarem suas dificuldades e, também, a corrigirem o rumo de suas vidas. **Diminuamos as dores dos que sofrem, os problemas dos que erram, suavizando um pouco a situação deles perante a lei divina.** Certamente, entre eles e nós, se estabelecerão laços de amizade e confiança, o afeto puro com que também nos acolherão em nossas necessidades, aqui ou no Além.*

*Mas façamos isto rápido, enquanto temos autoridade, poder e bens, possibilidades concedidas por Deus, ensejadas por esta reencarnação, antes que o Senhor nos tire a mordomia. É inegável que temos sido mordomos infiéis, maus administradores dos bens da vida, mas Jesus nos ensinou que no amor ao próximo está a esperança legítima e a inabalável certeza de conseguirmos equilibrar as nossas contas na contabilidade divina. **Fora da caridade, não há salvação.** (Therezinha Oliveira, *Parábolas que Jesus contou e valem para sempre*, Campinas, SP: CEAK, 2003, pp.104-119).*

Mediante a explanação do terceiro e quarto autores, José de Souza e Therezinha Oliveira, estes também abordaram de forma equivalente aos outros dois que apresentamos anteriormente, por isso, deixamos a caráter dos demais leitores virem a fazer juízo ao que apresentamos e, se porventura houver sanado as dúvidas, ou se ainda permanecer alguma dúvida, estaremos nos disponibilizando a saná-las.

Mediante as quatro fontes de autores distintos sobre tal parábola, viemos a suprimir as citações da mesma parábola nos textos originais, realizando uma otimização da primeira citação que realizamos.

#### **40.12. O Reino dos Céus está, ou não dentro de nós? O que realmente Jesus quis dizer com este ensinamento aos Fariseus de outrora e aos modernos?**

Neste tópico acontece algo interessante, quando se admiram os

salvacionistas em dizerem que ficamos felizes com algumas argumentações deles que divergem, o que não é esta a intenção e se transparecemos este sentimento, desculpe-nos pela má impressão, pois, devemos tratá-los como gostaríamos que fôssemos tratados, mas fazemos isso graças à educação cristã que recebemos no Espiritismo.

Mediante a discussão deste tópico, há uma indagação feita pelos Fariseus que eram os religiosos ortodoxos judeus que davam muita importância aos atos exteriores e por este fim, transcrevo o seguinte registro:

*Interrogado pelos fariseus sobre quando viria o reino de Deus, Jesus lhes respondeu: Não vem o reino de Deus com visível aparência. Nem dirão: Ei-lo aqui! Ou: Lá está! Porque o reino de Deus está dentro de vós. (Lc 17:20)*

Acredito não ser necessária a citação até o verso 37, sendo este verso o encerramento da passagem da pregação, justamente aos fariseus, que esclarecemos os seus prosélitos no texto “A fé sem obras está morta”. Jesus, nesta passagem alude aos demais clérigos de outrora, o ensinamento de que duros seriam os dias em que o mundo estaria pronto para receber o “reino de Deus”, que não vinha um reino que desce do céu literalmente ou visivelmente, mas que os habitantes da Terra se elevaria à condição Moral necessária de alcançarem este reino (grau de consciência) que sempre esteve dentro de nós mesmos, desde o princípio com as Leis Divinas gravadas em nossas almas.

As grandes turbulências e advertências de Jesus eram simplesmente para o fim de um mundo velho e o nascimento de um novo mundo, a Nova Jerusalém que desceria, ou seja, que seria alcançada pela nossa elevação moral e espiritual. Os fariseus buscavam as aparências de um reino que não cultivavam dentro de si mesmos, por se preocuparem com questões de seus prosélitos, menosprezando a essência do sagrado dentro de si mesmos.

Os salvacionistas contestam o entendimento sobre esta passagem da seguinte forma: “O problema na doutrina espírita é ensinar que seremos salvos por nossos próprios esforços, e nisto entende equivocadamente que quando Cristo disse ‘O Reino de Deus está

dentro de nós' (Lc 17:21), como se ele quisesse dizer que dentro de nós fosse nossos próprios esforços, conforme se afirma". Entendemos que essa justiça deverá estar dentro de nós, e a melhor dedução disto é que dentro de nós deva ser entendido como a fé, que é algo que está dentro de nós, apenas Deus pode saber o quanto de fé cada um tem, sendo que se formos considerar que dentro de nós é a nossa justiça, manifestada por nossas obras, estas são coisas visíveis, contradizendo de imediato o versículo anterior (Lc 17:20) que diz que "*O reino de Deus não vem com aparência exterior.*" Posteriormente comentaremos as aparências exteriores.

Para caráter de esclarecimento, voltamos ao assunto, acerca dessa justiça que deverá estar dentro de nós. Em outro passo do Evangelho, opina Del Chiaro, *Jesus afirma: Procurai em primeiro lugar o Reino dos Céus e a sua justiça e tudo o mais lhe será dado por acréscimo de misericórdia.* Ou conforme outros, *lhe será acrescentado.* Ora, o que Jesus falou sobre o Reino dos Céus, ou o Reino de Deus, que é uma só coisa? Ele disse que o Reino não vem com aparências exteriores, depois afirma: O Reino de Deus está dentro de vós. Então essa justiça deverá estar dentro de nós. Temos que ser justos e viver com justeza. Não se trata de julgamento jurídico, mas justeza, lealdade, compreensão, fraternidade, aceitação, amor. É ser o sal da terra e a luz do mundo.

Ajuntai para vos tesouros no céu, onde não enferrujam e nem o ladrão penetra para roubar. O Espiritismo ensina que não devemos ajuntar riquezas egoisticamente, mas sim em família. Entendamos que não se trata de família pelo sangue, mas família em humanidade. Kardec deixa bem claro que uma propriedade só é legítima quando foi adquirida sem prejuízo de ninguém.

A justiça que os salvacionistas interpretarem equivocadamente, não era as nossas próprias justiça como dizem, mas o Reino dos Céus e a sua justiça. Ou seja, a Justiça divina em nós mesmos que devemos procurar, foi exatamente o que Jesus nos recomendou a justiça, lealdade, compreensão, fraternidade, aceitação, amor. É ser o sal da terra e a luz do mundo.

Mediante o "aceitar Jesus" e o ponto que questionamos, dizem

os salvacionistas que a resposta seria sobre quem aceitar Cristo já fazer parte do reino dEle. Com isso, em quase 2.000 anos de Cristianismo não vimos este reino simplesmente em aceitar Jesus, pois pelo palco da história da humanidade é que tem diversas provas de que este ponto de vista diverge, e muito, da realidade. Ora, mesmo sabendo que houve homens que praticaram verdadeiramente o Evangelho em suas vidas, vemos também que “aceitaram” Jesus os que promoveram as Cruzadas, o “Santo Ofício” da Inquisição, enfim, até em nome de Deus mataram. Isso revela que apenas aceitar não é o suficiente, é preciso se esforçar para a reforma íntima, amando ao próximo como a si mesmo e praticar o Evangelho em sua mais pura essência.

Ainda prosseguem os salvacionistas em dizer que “exteriormente falavam com a boca cheia que eram enviados em nome de Deus, porém seus corações, algo interior, não possuía a verdadeira fé em Cristo, que prega exatamente o contrário do que eles faziam”. Entretanto, exteriormente falavam o que queriam e todos falam o que querem para conseguir realizar os seus interesses mais escusos e obscuros, mas não praticam nada daquilo que pregam. É fácil identificar uma boa árvore pelos seus bons frutos, já que uma boa árvore não dá maus frutos e uma árvore má não dá bons frutos. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis. (Mt 7:20). É a orientação do Mestre de que será pelos bons ou maus frutos que conheceremos a árvore.

Partindo desta premissa e organizando o entendimento, de acordo com o Evangelho, nos dizem os salvacionistas que “as obras como resultado da verdadeira fé é algo que sempre defendem, porém, as obras sem a fé, algumas são até visíveis de se perceberem, como nos maus exemplos acima”. Não são obras sem fé. Isso é o que sempre defendemos e não há como fugir deste conceito que explanamos mais amplamente no texto “A fé sem obras está morta”. Se existem obras e “obras”, cabe-nos separá-las em boas obras e péssimas obras, tais como as exemplificadas acima. Dizer que todas as boas e más obras são obras, é dar um mesmo conceito para coisas completamente distintas. Por fim, os salvacionistas terminam o raciocínio de que apenas Deus tem conhecimento. Pessoas que agem como se fossem perfeitos cristãos mas que não tiveram seus corações verdadeiramente transformados, possuem apenas aparência de serem cristãos. Não

poderia haver Pessoas que agem como se fossem perfeitos cristãos se praticassem os seus péssimos atos, como nos maus exemplos acima. O que argumentamos é que muitos enganam da boca para fora, mas que cedo ou tarde a máscara cai diante de seus maus exemplos e, como lobos travestidos de cordeiros nunca tiveram as atitudes de verdadeiros cristãos e somente a aparência de serem cristãos através dos comportamentos farisaicos de outrora e de hoje é que são evidenciados em seus atos, sendo extremante:

*gananciosos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes a seus pais, ingratos, ímpios, sem afeição natural, implacáveis, caluniadores, incontinentes, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, orgulhosos, mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando-lhe o poder. Afasta-te também desses. (II Tm 3:1-5).*

É isso que sempre defendemos, não há como conciliar um verdadeiro cristão com um falso profeta, quando pesamos as suas obras sabemos que a fraternidade não comunga com a ganância, que a humildade não coaduna com presunção e a soberba, que a exortação com sabedoria não coaduna com a blasfêmia e a perfídia, que honrar os pais nunca será o mesmo que a desobediência a eles, que a gratidão nunca estará atrelada a ingratidão e que o esforço não se coaduna com a indolência. Esta é a evidência das atitudes, mesmo que com a aparência de piedade, nunca serão cristãos verdadeiros, pois os seus atos em desacordo com o que pregam, os denunciam e mostram quem realmente são. Ademais, não há efeito sem causa, então, logo não haverá obras sem a fé.

O mais curioso disso tudo é que os salvacionistas dizem que “as boas obras não revelam apenas a verdadeira fé”. O que revela então? Se, são pelos frutos que conhecemos a árvore, que nos digam eles o que tudo isso nos revela. Nos apresente outra receita para separarmos as ovelhas dos bodes, senão a que o próprio Jesus apresentou (Mt 25:31-46).

Consequentemente, dizem os salvacionistas que muitas vezes pessoas fazem boas obras, no entanto são apenas o que expus acima:

Aparência. Aparências as boas obras? A aparência é para àqueles que praticam as iniquidades e fazem como que a aparência de piedosos, mas que não deixam de praticar todas as atitudes contrárias as que estão apresentadas no Evangelho e dá-las como boas obras, é o mesmo que dizer que todos os exemplos das atitudes antagônicas, exemplificadas acima, são a mesma coisa.

Os salvacionistas ainda nos sugerem que: “ Em Mt 7:22-24. Veja que, naquele dia, muitos dirão a Cristo que muitos trabalharam e boas obras fizeram. Profetizaram, expulsaram demônios, realizaram prodígios (milagres); e mesmo assim ficarão de fora no Grande Dia. Como alguém conseguiria explicar isto, aquele irmão que tanto trabalhou para a obra, fez tantas coisas visíveis, ficar de fora? Leremos primeiro o contexto da passagem, assim ela diz que:

*Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? e em teu nome não expulsamos demônios? e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade. Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente que edificou a casa sobre a rocha. (Mt 7:22-24)*

Mediante toda a elucubração, fica-nos a impressão de que, mais uma vez este vem a querer passar a impressão de que o texto, in locu, menciona algo que, porventura nos suscita a algumas retificações, já que Jesus não poderia querer dizer que muito trabalharam e boas obras fizeram, arrematando o Rabi Galileu que “*nunca vos conheci, apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade*”. Algo soa muito controverso, mas a dúvida é logo sanada no desfecho da passagem que nos esclarece que “*Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as põe em prática, será comparado a um homem prudente que edificou a casa sobre a rocha*”. É o que sempre defendi e sempre defendei. A verdade que há no texto é muito clara para querer dizer outra coisa, completamente distinta. O texto afirma que muitos profetizaram em nome de Jesus, expulsaram demônios em nome de Jesus e fizeram muitos milagres (prodígios) em nome de Jesus, mas o Mestre os classifica como os que praticavam iniquidades e não diz que boas obras

fizeram. Senão, Jesus não os advertiria dizendo que praticavam a iniquidade. Ou seja, por conseguinte, uma réstia de luz nos esclarece que todo aquele que ouve as palavras do Mestre e as põe em prática, será comparado ao homem prudente que edifica a sua casa sobre a rocha e esta pedra angular chama-se Jesus. Jesus poderia condenar aqueles a quem praticavam o que ele recomendava fazer (Mt 25:31-46)? Creio que não!

No desfecho da proposta dos salvacionistas em colocarem no rol as boas obras como insuficientes para serem caráter de julgamento de cada um, estes encerram dizendo que “a resposta é a mesma para todos os tipos de pessoas e situações: Muitos que tiveram, durante toda a vida, a aparência de terem sido bons cristãos, muitos também ficarão de fora por terem tido a aparência de boas pessoas, bons cidadãos; pois, é isto mesmo que estes são: aparência!” Em qual texto diz que os bons cristãos que praticavam todas as recomendações do Mestre é que ficaram de fora? O que foi esclarecido anteriormente é que os que estavam pensando que estavam realizando as recomendações do Mestre, é que não colocavam os Seus ensinamentos em prática, e por este motivo que não estavam calcados sobre a Pedra Angular, por conseguinte, ficariam de fora, bem como a parábola dos bodes e das ovelhas (Mt 25:31-46).

Diante deste exemplo, se teríamos que nos esforçar para angariarmos a nossa salvação, não há dúvidas, Jesus apontou o caminho, cabe a nós fazer o que nos compete, fazendo ao próximo tudo o que gostaríamos que nos fizessem e esta é a Lei que encontramos no Evangelho, negá-la é negar os seus fundamentos. Todavia, os salvacionistas nos sugerem a seguinte passagem:

*“Guardai-vos de fazer as vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles; de outra sorte não tereis recompensa junto de vosso Pai, que está nos céus.” (Mt 6:1).*

E quem de nós busca a justiça dos homens? Eis a resposta em sequência ao ignorado contexto:

*Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para*

*serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. (Mt 6:2-4).*

Tal é a prática que é exortada por aquele quem fundamentou estes pilares da prática do amor, sem buscarmos nos vangloriar diante dos homens, pois o Pai que vê em secreto e lhe recompensará em secreto. Todo e qualquer ato deve ser regido por amor e não por recompensas.

O que está claro nos textos acima, é que Jesus não poderia condenar àqueles que cumprem o que Ele mesmo recomenda fazer, que é amar ao próximo a si mesmo, se esforçando para entrar no Reino dos Céus e procurar a sua justiça. Esta justiça é a que está dentro de nós, como uma chama divina que nos impulsiona a amar incondicionalmente os mais pequeninos que carecem de alimento material e espiritual, tal como se a fizéssemos ao próprio Mestre que estaríamos realizando esta atitude, já que Ele ampara a estes pequeninos que carecem de alimento material e espiritual, desde todo o sempre, assim como nos amou e exemplificou com os seus atos.

#### **40.13. A Transubstanciação e a análise de Torres Pastorino**

Ainda prosseguem os salvacionistas dizendo que “o que purificará as nossas obras mortas de nossa consciência é o **sangue de Cristo** e, daí sim, sermos preparados para servirdes ao Deus vivo”, mas em relação à frase de Jesus, sobre o “sangue derramado por vós”, recorreremos ao Teólogo e Filósofo, catedrático em grego, hebraico e latim, **Carlos Torres Pastorino**:

##### **TRANSUBSTANCIAÇÃO**

*Mat. 26:26-29*

*26. Estando eles a comer, tomando Jesus um pão e tendo abençoado, partiu e deu aos discípulos, dizendo: “Tomai, comei, isto é o meu corpo”.*



27. E, tomando uma taça e tendo dado graças, deu-lhes, dizendo: "Dela bebei todos,  
28. pois isto é meu sangue do testamento, derramado em relação a muitos para abandono dos erros.  
29. Digo-vos, porém, que não beberei desde agora deste produto da videira, até aquele dia quando o beberei convosco no reino de meu Pai".

*Marc. 14:22-25*

22. Estando eles a comer, tomando um pão e tendo abençoado, partiu e deu a eles, dizendo: "Tomai, isto é o meu corpo".  
23. E tomando uma taça, tendo dado graças, deu a eles e todos beberam dela.  
24. E disse-lhes: "Isto é o meu sangue do testamento derramado sobre muitos.  
25. Em verdade digo-vos que não mais beberei do produto da videira até aquele dia quando o beberei convosco no reino de Deus""

*Luc. 22:15-20*

15. E disse a eles: "Desejei ardentemente comer esta páscoa convosco, antes de eu sofrer,  
16. pois vos digo que de modo algum a comerei até que se plenifique no reino de Deus".  
17. E tendo apanhado uma taça e tendo dado graças, disse: "Tomai isto e distribui a vós mesmos,  
18. pois vos digo que, desde agora, não beberei do produto da videira até que venha o reino de Deus".  
19. E tomando um pão, tendo dado graças, partiu e deu a eles, dizendo: "Isto é o meu corpo que é dado para vós: fazei isto para lembrar-vos de mim"  
20. E do mesmo modo a taça, depois do jantar, dizendo: "Esta taça é o novo testamento no meu sangue, que é derramado por vós".

*Vejamos o texto literal, estudando-o quanto aos termos.*

A expressão "desejei ardentemente" corresponde ao grego: *epithymía epethymêsa*, literalmente: "desejei com grande

*desejo”, tal como se lê em Gên. 31:30, versão dos LXX. “Até que se plenifique” (héôs hótou plêrôthêi) ou seja, até que atinja sua plenitude, sua amplitude total.*

*“Tomando um pão” (labôn ártan) sem artigo, do mesmo modo que mais adiante “tomando uma taça” (labôn potêrion), onde Lucas (vs. 17) usa “tendo apanhado” (dexámenas, de déchomai).*

*“Tendo abençoado” (em Mateus e Marcos, eulogêsas) ou “tendo dado graças” (eucharistêsas) nos três narradores. Na realidade são quase sinônimos, pois a bênção consistia num agradecimento a Deus pelo alimento que ia ser ingerido, suplicando-se que fosse purificado pela Bênção divina (cfr. Êx. 23:25).*

*“Partiu o pão” (éklase tòn árton): era o hábito generalizado entre os judeus, quando à mesa o anfitrião tirava pedaços de pão e os distribuía aos convivas em sinal de amizade e deferência. “Tomai, comei” (lábete, phágete) sem copulativa “e” (kai). “Isto é o meu corpo” e “isto é o meu sangue” (toúto estin tò sômá mou e toúto estin tò haímá mou). O pronome toúto é neutro e significa “isto”. No entanto, surge a dúvida: não será neutro apenas para concordar com os substantivos sôma e haíma que também são neutros? Pela construção, mais adiante (João, 22:38) onde se lê: “este é o grande mandamento” (autê estin ho megálê entolê), pode interpretar-se que o pronome venha em concordância com os substantivos. Deveria então preferir-se a tradução: “este é meu corpo” e “este é meu sangue”. Teologicamente, tanto “este” quanto “isto” exprimem a mesma ideia, embora “isto” seja mais explícito para exprimir a transubstanciação.*

*“Sangue do testamento” (em Lucas: “do novo testamento”) lembra Moisés (Êx. 24:8) quando esparziu o sangue dos bois sobre o povo, em que fala do “sangue do testamento” que muitos traduzem como “sangue da aliança” (cfr. Jean Rouffiac, “Recherches sur les Caracteres du Grec dans le Nouveau Testament d’après les Inscriptions de Priène”, Paris, 1911, pág. 42). Lucas exprimiu a ideia de outra forma: “esta taça é o novo testamento em meu sangue” (toúto tò potêrion hê kainê diathêkê en tôi haímati mou). A palavra grega diathêkê*

*exprime literalmente as “disposições testamentárias”, tanto no linguajar clássico quanto no popular (koiné), como vemos nas inscrições funerárias e nos “grafitti” da época. De qualquer forma, vemos, nessa frase, a abolição total dos sacrifícios sangrentos, pois as “disposições testamentárias” são feitas através do simbolismo do vinho transubstanciado no sangue.*

*O sangue “que é derramado” (tò ekchynnómenon), no participio presente; portanto, simbolismo do vinho na taça, representando o que seria mais tarde derramado quando o sacrifício se realizasse no Calvário. O sangue que é derramado “em relação a muitos” (peri pollôn, Mat.) ou “sobre muitos” (hypèr pollôn, Marc.) ou “sobre vós” (hypèr hymôn, Luc). Também o pão, em Lucas, é dito “que é dado sobre vós” (tò hypèr hymôn didómenon). A taça (potérion) utilizada era a comum destinada ao vinho, e o uso de agradecer a Deus e fazê-la passar por todos os convivas, já é assinalado quanto à “taça do Qiddoush” na Michna (Pesachim, 10).*

*A expressão “não mais beberei do produto da videira até o dia em que o beberei convosco no reino de Deus”, se compreendêssemos como alguns fazem, o “reino de Deus” como sendo “o céu”, nós teríamos irresponsavelmente um “céu” semelhante ao dos maometanos, com bons vinhos (lógico, os vinhos do céu não poderiam jamais ser ruins!) e talvez até com as célebres “huris”.*

*No entanto, Loisy (“Les Evangiles Synoptiques”, 1907/8, vol. 29, pág. 522) reconhece que o sentido literal das palavras desse trecho justificam plenamente o comportamento das igrejas cristãs desde os primeiros séculos.*

*Nesse “jantar pascal” Ele lhes deixará Suas “disposições testamentárias” (diathéké), que consistem no ensino da transmutação da matéria ou transubstanciação; na ordem de realizar sempre as refeições em memória Dele; e nas últimas revelações e ensinamentos, promessas e profecias para o futuro da humanidade.*

*A razão é que, depois desse jantar, o Filho do Homem não terá outra oportunidade até que se plenifique o “reino de Deus”, atingindo seu sentido pleno e total. Já vimos que essa*

expressão “reino de Deus” ou “reino divino” ou “reino dos céus” ou “reino celeste” é equivalente às outras que tanto empregamos: reino mineral (matéria inorgânica), reino vegetal (matéria orgânica), reino animal (psiquismo), reino hominal (racionalismo), reino divino (Espírito). Então, o sentido exato das palavras pode ser: até que o Espírito esteja plenamente vigorando nas criaturas, estando superadas definitivamente todos os outros reinos inferiores. Enquanto não tenha sido atingido esse objetivo na Terra, não mais provará o Filho do Homem nem o jantar pascal, nem o produto (genémata) da videira. De acordo com o uso judaico, o chefe da casa parte pedaços do pão e dá a cada conviva um pedaço. O essencial da lição, a novidade, portanto, é a frase: “ISTO É O MEU CORPO”. Há um ensino magistral nesse gesto e nessas palavras: o pão é o corpo crístico que serve de alimento à parte espiritual do homem, pois lhe sustenta os veículos inferiores durante a romagem terrena. Representação perfeita, sem que se precise chegar ao exagero de dizer que o “pão eucarístico” é, de fato, “o corpo, o sangue, a alma e a divindade, e os ossos de Jesus”.

Deu-se a confusão porque não houve suficiente compreensão da distinção entre Jesus, o ser humano excepcionalmente evoluído, e o Cristo divino que Lhe era a essência última, como o é de todas as coisas criadas, visíveis e invisíveis. Assim como podemos dizer que Jesus é “o corpo do Cristo”, porque o Cristo está nele, assim também pode dizer-se do pão (como de qualquer outra substância) que se trata, em verdade do “corpo do Cristo”. Não foi o fato de ser abençoado que assim o tornou (não é a “consagração” na missa que transubstancia o pão em alimento divino), mas qualquer pedaço de pão, qualquer alimento, tem como essência última a Essência Divina, já que a Divindade É, enquanto tudo o mais EXISTE, ou seja, é a manifestação dessa mesma essência divina: tudo é a expressão exteriorizada dessa Divindade que está em tudo, porque está em toda a parte sem exceção. Por que terá o Cristo de Deus escolhido o pão? Mesmo não considerando que era (e é) o alimento mais difundido na humanidade, temos que procurar alcançar algo mais profundo.

Nas Escolas iniciáticas egípcias e gregas, o simbolismo é

ensinado sob a forma da *ESPIGA DE TRIGO*; nas *Escolas palestinas* dá-se um passo à frente, apresentando-se o *PÃO*, que constitui a *transubstanciação* do trigo, após ter sido moído e cozido, símbolo já definido quando *Melquisedec* oferece pão ao *Deus Altíssimo* (*Gên. 14:18*). Assim como o trigo, produto da natureza, criação do Verbo, é transmutado em pão pelo sofrimento de ser moído e cozido, assim o pão se transmuta em nosso corpo após o sofrimento de ser mastigado e digerido. Então o pão se torna, pelo metabolismo, corpo humano, da mesma maneira que o corpo humano, após ser açoitado e crucificado, se transmutará em Espírito. Daí, pois, a expressão *toúto estin tò sômá mou* ter sido traduzida por nós em “*ISTO é o meu corpo, no sentido de ser aquilo que estava em Suas mãos não ser mais ‘pão’: não era mais ‘este pão’, mas ‘ISTO’, pois sua substância fora transmutada simbolicamente. Logo a seguir temos que considerar o vinho. Apanhando de sobre a mesa uma taça de vinho (no original sem artigo) novamente agradece ao Pai a preciosa dádiva, e afirma igualmente: ‘ISTO é meu sangue do Novo Testamento’. Tal como Moisés utilizou o sangue de bois como símbolo das disposições testamentárias de YHWH com o povo israelita, assim o Cristo apresenta, por meio de Jesus; o vinho como símbolo das disposições testamentárias novas que são feitas pelo Pai à humanidade. Assim como o pão, também o vinho está mais avançado que a uva, símbolo utilizado nas Escolas iniciáticas egípcias e gregas. Ao invés do produto da videira (tal como a espiga produto do trigo) representava a transubstanciação da terra-mãe, que se transmutava em alimento. Mas na Palestina, um passo à frente, empregava-se o vinho, símbolo da sabedoria (vol. 1 e vol. 4) obtido também, como o pão, através da dor: a uva é pisada no lagar e depois o líquido é decantado por meio da fermentação.*

Quanto à oferta do pão e do vinho, como substitutos dos holocaustos sangrentos de vítimas animais, já a vemos executada como sublime ensinamento por *Melquisedec*, conforme lemos na *Torah* (*Gên. 14:18*): *vemalki-tsadec meleq salem hotsia lehem vaiiam vehu kohen leel hheleion*; e nos *LXX*: *Melchisedek, basileús salêm, exênegke ártous kai oínon, hên dè hiereús toú theoú hysístou, ou seja: Melquisedec, rei de Salém, ofereceu pão e vinho, pois era sacerdote do Deus altíssimo*”. *Aí, pois, encontramos a origem dos símbolos*

escolhidos pelo Cristo, por meio de Jesus, que era precisamente “sacerdote da Ordem de Melquisedec” (Hebr. 6:20) e que, com o passo iniciático que deu no Drama sacro do Calvário, se tornou “sumo sacerdote da mesma ordem” (Hebr. 5:7-10; cfr. vol. 6). A indicação de uma Escola sacerdotal, portanto, é mais que evidenciada: o sacerdócio do Deus Altíssimo (não de YHWH) é exercido por Melquisedec, Hierofante máximo da ordem que tem seu nome, da qual fazem parte Jesus e outros grandes avatares. Essa Ordem de Melquisedec é conhecida atualmente como a Fraternidade Branca, continuando com o mesmo Hierofante, o “Ancião dos Dias”, o Deus da Terra, o Pai místico de Jesus, o único que, na realidade, neste planeta, tem o direito de ser chamado “pai” (Mat. 23:9).

Então entendemos em grande parte qual a meta a que somos destinados: onde está o Pai, de onde Jesus proveio e para onde estava regressando (João, 13:1 e 3), pois o desejo maior de Jesus é que vamos para onde foi: “que onde eu estou, vós estejais também” (João, 17:24). Mas tudo isso será estudado com Suas próprias palavras nos próximos capítulos.

Essa interpretação explica a expressão: “não mais beberei o produto da videira” ou “comerei a páscoa”, até quando convosco o faça no reino (na casa) do Pai: compreende-se, porque se trata da Terra, e não do “céu”.

**O sangue, foi dito em Mateus, é derramado em relação a muitos para “abandono dos erros” (eis áphesin tôn hamartiôn). Inaceitável a tradução “remissão dos pecados”, pois até hoje, quase dois mil anos depois, continuam os “pecados” cada vez mais abundantes na humanidade. Que redenção é essa que nada redimiu?**

Lucas tem uma frase de suma importância, que é repetição de Paulo (1.ª Cor. 11:24 e 25), tanto em relação ao pão, quanto em relação ao vinho: “fazei isto em recordação de mim, todas as vezes que o beberdes” (toúto poieíte eis tèn esmên anámnêsin hosákis ean pinete). Quem fala é O CRISTO. Daí podermos traduzir com pleno acerto: “fazei isto para lembrar-vos do EU” que, em última análise, é o CRISTO INTERNO.

*Nem o grego nem o latim podiam admitir a construção permitida nas línguas novilatinas, que podem considerar o pronome pessoal como substantivo, antepondo-lhe o artigo: o eu, do eu, para o eu; em virtude das flexões da declinação, eram forçados a colocar o pronome nos casos gramaticais requeridos pela regência. Daí as traduções possíveis nas línguas mais flexíveis: “em minha memória”, ou “em memória de mim” ou mesmo, em vista do conjunto do ensino crístico, “em memória DO EU”. Confessamos preferir a última: “para lembrar-vos DO EU” que se refere ao Cristo Interno que individua o ser. Sendo porém o Cristo que falava, nada impede que se traduza: em minha memória, ou “para lembrar- vos de mim”.*

*Portanto, pão e vinho representam, simbolicamente, o corpo e o sangue do Eu profundo, do Cristo; a matéria de que Se reveste para a jornada evolutiva no planeta.*

*Há mais um ponto importante a focalizar: é quando diz: “fazei isto em memória de mim, TODAS AS VEZES QUE O BEBERDES”.*

*Então não se trata apenas de uma cerimônia religiosa com dia e hora marcados: mas todas as vezes que nos sentarmos a uma mesa, para tomar qualquer alimento, todas as vezes que comermos pão ou que bebermos vinho, devemos fazê-lo com a certeza de que a essência divina (que constitui a essência desse alimento sob as formas visíveis e tangíveis transitórias) penetra em nós para sustentar-nos, transubstanciando-nos em Sua própria essência, transformando nosso pequeno “eu” personativo em Seu Eu profundo, no Cristo interno que nos sustenta a vida.*

*Por isso devemos tornar instintivo em nós o hábito de orar todas as vezes que nos sentarmos' à mesa: uma prece de agradecimento (eucharistia), de tal forma que qualquer bocado deglutido se torne uma comunhão nossa com a Essência Divina contida em todos os alimentos e em todas as bebidas, quaisquer que sejam, inclusive no ar que respiramos, pois “em Deus vivemos, nos movemos e existimos” (At. 17:28).*

*Temos que considerar (e já foi objeto de estudos desde a mais*

alta antiguidade) que havia duas partes totalmente destacadas e distintas na prática dessa “ação de graças” em relação à comida e à bebida: uma era ensinada aos fiéis comuns, para neles despertar o sentimento de fraternidade real; a outra era reservada aos componentes da Escola iniciática Assembleia do Caminho. Tratemos inicialmente da primeira. Vejamos apenas alguns textos que confirmem o que afirmamos, para que o leitor forme um juízo. Quem desejar aprofundar-se, consulte a obra de Joseph Turmel, “Histoire des Dogmes”, Paris, 1936, páginas 203 a 525 (são 322 páginas tratando deste assunto). A cerimônia destinada aos fiéis em geral consistia num jantar (o termo grego deípnon designava a refeição principal do dia, realizada geralmente à noite, tanto que muitos traduzem como “banquete” e outros como “ceia”). Em diversos autores encontramos referências a esse jantar, que Paulo denomina deípnon kyriakon (“jantar do Senhor”).

Esse tipo de refeição em comum, de periodicidade semanal, já se tornara habitual entre os judeus devotos. Iniciava-se com a passagem por todos os presentes da “Taça do Qiddoush”, que continha o vinho da amizade pura. Era uma cerimônia de sociedades reservadas, mantenedoras das tradições orais (parádôsis) dos ensinamentos ocultos, de origem secular, que com suas transformações e modificações resultou naquilo que hoje tem o nome de Maçonaria. Nessa refeição comia-se e bebia-se à vontade, só sendo rituais a taça de vinho inicial com sua fórmula secreta de bênção, o pão também abençoado e depois partido e distribuído pelo que presidia, e a taça final de vinho; cada um desses rituais era precedido e seguido de uma prece, de cujos termos exotéricos a Didachê conservou-nos um resquício “cristianizado” posteriormente. Mas a base é totalmente judaica. A ordem desse cerimonial foi-nos conservada inclusive pelo evangelho de Lucas (ver acima vers. 17, 19 e 20).

PAULO DE TARSO (I.ª Cor. 11:20-27) afirma que recebeu o ritual diretamente do Senhor. E neste ponto repete as palavras com a seguinte redação: “O Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou um pão e, tendo dado graças (eucharistêsas) partiu e disse: Isto é o meu corpo em vosso favor (toúto mou estin tò sóma tò hypèr hymôn); fazei isto em memória de mim. Iguualmente também a taça depois do jantar, dizendo: Esta taça



*é o novo testamento no meu sangue; fazei isto todas as vezes que beberdes, em memória de mim.”*

*Ora, esse texto da carta aos coríntios é anterior, de dez a vinte anos, à redação escrita de qualquer dos Evangelhos. E isso é de suma importância, pois foi Lucas quem escreveu essa epístola sob ditado de Paulo, que só grafou a saudação final. Logo, aí se baseou ele na redação de seu Evangelho.*

*Nessa mesma carta Paulo avisa que, no jantar, devem esperar uns pelos outros, pois se trata de uma comemoração: quem tem fome, coma em casa (ib. 11:34) e não coma nem beba demais, como estava ocorrendo entre os destinatários da missiva, pois enquanto uns ficavam com fome, outros já estavam embriagados. PEDRO (2.<sup>a</sup> Pe. 2:13) ataca fortemente o desregramento e a devassidão dos sensuais ao banquetear-se com os fiéis.*

*Vemos, pois, a interpretação de algo mais profundo que o simples “jantar”; e isso é mais explicitamente comentado por IRINEU, no ano 180 (“De Sacrificio Eucharistiae”, 4, 17, 5), onde escreve: Sed et suis discipulis dans consilium primitias Deo offerre ex suis creaturis, non quasi indigenti sed ut ipsi nec infructuosi nec ingrati sint, eum qui ex creatura panis est, accepit et gratias egit, dicens: Hoc est meum corpus. Et cálicem similiter, qui est ex ea creatura, quae est secundum nos suum sánguinem confessus est, et novi testamenti novam docuit oblationem, quam ecclesia ab apóstolis accípiens, in universo mundo offert Deo, ei qui alimenta nobis praestat, primitias suorum múnere in novo testamento, isto é: “Mas, dando também a seus discípulos o conselho de oferecer a Deus as primícias de suas criaturas, não como a um indigente, mas para que eles mesmos não fossem infrutíferos nem ingratos, tomou da criação aquele que é o pão, dizendo: Isto é o meu corpo. E igualmente a taça que é daquela criatura que, segundo nós, confessou ser seu sangue, e ensinou a nova oblação do novo testamento; recebendo-a dos apóstolos, a igreja oferece, no mundo inteiro, a Deus, àquele que nos fornece os alimentos, primícias de suas dádivas no novo testamento”. Aí, portanto, temos uma interpretação bastante ampla: o alimento ingerido com ação de graças é um atestado vivo de gratidão a Deus, pelo sustento que Dele recebemos;*

os quais alimentos, sendo criações Suas, representam Seu corpo, isto é, são a manifestação externa de Sua essência que subestá em tudo. Mas outro autor vai mais longe: CLEMENTE DE ALEXANDRIA, no ano 200, escreve (Strommateis, 5,10; Patr. Gr. vol. 9, col. 100/101): “Segundo os apóstolos, o leite é a nutrição das crianças, e o alimento sólido é a nutrição dos perfeitos (teleisthai, ‘iniciados’). Entendamos que o leite é a catequese, a primeira nutrição da alma, que a nutrição sólida é a contemplação (epoptía) que vê os mistérios. A carne e o sangue do Verbo (sárkes autai kai haima tou Lógou) é a compreensão do poder e da essência divina ... Comer e beber (brósis gar kai posis) o Verbo divino, é ter a gnose da essência divina (hê gnôsis estí tês theías ousías)”.

Clemente de Alexandria compreendia bem os mistérios cristãos porque fora iniciado em Elêusis antes de ingressar na Igreja. Por isso explica melhor, com os termos típicos da Escola Eleusina. Dele ainda temos (Pedagogia, 1, 6; Patr. Gr. vol. 8, col. 308): “O Cristo, que nos regenerou, nutre-nos com Seu próprio leite, que é o Verbo... A um renascimento espiritual corresponde, para o homem, uma nutrição espiritual. Estamos unidos, em tudo, ao Cristo o Somos de sua família pelo sangue, por meio do qual nos libertou. Temos sua amizade pelo alimento derivado do Verbo (dià tèn anatrôphên tèn ek tou Lógou)... O sangue e o leite do Senhor é o símbolo de sua paixão (páthein) e de seu ensino”. E mais adiante (Pedag. 2, 2; Patr. Gr. vol. 8 col. 409): “O sangue do Senhor é dúplice: há o sangue carnal com o qual nos libertou da corrupção; e há o sangue espiritual (tò dè pneumatikós) do qual recebemos a cristificação. Beber o sangue de Jesus significa participar da imortalidade do Senhor”. Aí temos o pensamento e a interpretação desse episódio, cujo símbolo já fora dado também no protótipo de Noé, citado pelo próprio Jesus (cfr. vol. 6), quando o patriarca se inebriou com o vinho da sabedoria. Na ingestão do vinho oferecido em ação de graças, nosso Espírito se inebria na união crística, participando da “imortalidade do Senhor”. Trata-se, pois, da instituição de um símbolo profundo e altíssimo, que aqueles que dizem REVIVER O CRISTIANISMO PRIMITIVO não podem omitir em suas reuniões, sob pena de falharem num dos pontos básicos do ensino prático do Mestre: não é possível “reviver o cristianismo primitivo” sem realizar essa

comemoração. Evidentemente não se trata de descambar para os rituais de Mitra, como ocorreu outrora pela invigilância dos homens que “paganizaram” o cristianismo. Mas é fundamental que se realize aquilo que o Mestre Jesus ordenou fizéssemos: **TODAS AS VEZES** que comêssemos pão ou bebêssemos vinho, devemos fazê-lo em oração de ação de graças, para lembrar-nos Dele e do Eu, do Cristo Interno que está em nós, que está em todos, que está em todas as coisas visíveis e invisíveis; do Qual Cristo, o pão simboliza o corpo, e o vinho simboliza o sangue, por serem os alimentos básicos do homem: o pão plasmando seu corpo, o vinho plasmando seu sangue (1).

(1) Esdrúxulo deduzir daí que o corpo de Jesus não era de carne. Contra isso já se erguera a voz autorizada de João o evangelista em seu Evangelho (1:14) e em suas epístolas (1.<sup>a</sup> João, 4:2 e 2.<sup>a</sup> João, 7) e todas as autoridades cristãs desde os primeiros séculos (cfr. Tertuliano, *De Pudicitia*, 9 e *Adversus Marcionem*, 4:40, onde escreve: “Tendo (o Cristo) tomado o pão e distribuído a seus discípulos, Ele fez seu corpo (*corpus suum illum fecit*) dizendo: Isto é o meu corpo, isto é a figura de meu corpo (*hoc est corpus meum* dicendo, *id est figura corporis mei*). Ora, não haveria figura, se Cristo não tivesse um corpo verdadeiro. Um objeto vazio de realidade, como é um fantasma, não comportaria uma figura. Ou então, se Ele imaginasse fazer passar o pão como sendo seu corpo, porque não tinha corpo verdadeiro, teria devido entregar o pão para nos salvar: teria sido bom negócio, para a tese de Marcion, se tivessem crucificado um pão!” (PASTORINO, *Sabedoria do Evangelho*, vol. VII)

Eis aí explicação e tradução fidedigna de **Pastorino**, que não deixa dúvidas sobre o assunto. A morte de Jesus não livra ninguém do pagamento dos seus erros, já que Ele disse: **“a cada um segundo suas obras”**. A ideia de que o sangue de Cristo remiu nosso pecado é a manutenção da ideia que tinham os hebreus sobre os sacrifícios de expiação pelo pecado. Sacrificavam um touro ou um cordeiro ou cabrito querendo com isso obter o perdão de Javé. Supunham que, satisfeito com o cheiro de carne assada, pois não era mais que isso, Javé os perdoariam dos seus pecados. Assim, associaram essa ideia ao

ocorrido com Jesus, que se transformou para alguns “no cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo”.

As penas eternas e o argumento ignorado é uma linha que seguimos na página um e dois, e ao que parece continuou sendo ignorado, porém, ainda gostaria de obter os comentários do salvacionista a título de esclarecimento, já que silenciam com o que dissemos quando apresentamos que **Torres Pastorino** vem a traduzir que se alguém se magoa, no lugar de irar, mostra que existe o homicídio moral que é passível de resgate doloroso, mas possível. Conforme a gravidade da falta é a severidade da pena. Seguindo a linha de **Pastorino**, este ainda prossegue esclarecendo que quem se magoa, fica ressentido e não perdoa, não esquece, mesmo ficando calado, perde a sintonia interna com Deus que é amor. Quando nos iramos e dizemos falsidades ou ofensas contra o nosso adversário e induzimos as pessoas a um juízo errôneo sobre ele, baseado no que dele falamos, somos responsáveis por um comprometimento coletivo, resgatado no vale de lágrimas (planeta Terra) e através da nova oportunidade da reencarnação que nos dá uma nova chance de reparação e reconciliação com o nosso próximo e com a Justiça Divina.

Muitos salvacionistas confrontam a análise de Pastorino sobre a transubstanciação com a passagem de Hb 9:14-17. Eles dizem que o que purificará as nossas obras mortas de nossa consciência é o sangue de Cristo e, daí sim, sermos preparados para servirdes ao Deus vivo. Entendemos que o sangue de Cristo tem um significado não literal que demonstraremos nas linhas abaixo. Antes disso, vamos à passagem.

*quanto mais o sangue de Cristo, que pelo Espírito eterno se ofereceu a si mesmo imaculado a Deus, purificará das obras mortas a vossa consciência, para servirdes ao Deus vivo? E por isso é mediador de um novo pacto, para que, intervindo a morte para remissão das transgressões cometidas debaixo do primeiro pacto, os chamados recebam a promessa da herança eterna. **Pois onde há testamento, necessário é que intervenha a morte do testador. Porque um testamento não tem força senão pela morte, visto que nunca tem valor enquanto o testador vive.** (Hb 9:14-17)*

Após a citação de Hb 9:14-17, concluem os salvacionistas que a

nossa colocação possa ser deduzida em prol do que é o assunto em foco, de que temos que nos salvar, por nossos próprios esforços, ainda mais considerando que, como há um testamento, e testamento sempre é deixado aos filhos e, filhos são apenas os que creem em Jesus (Jo 1:12), não há como coadunar tais versículos com o espiritismo, que ensina a salvação universal, de todos.

Quando os salvacionistas dizem que não há como coadunar tais versículos com o espiritismo, que ensina a salvação universal, de todos. Estaria ele se referindo ao oposto do que ensina a Parábola da Ovelha Perdida, bem como. Assim, *pois, não é da vontade de vosso Pai Celeste que pereça um só destes pequeninos (Mt 18:14)*. Uma reflexão nos remete a vontade do Pai que todos se salvem e que nenhuma ovelha se perca (Lc 19:10), mas que todos sejam resgatados, neste, ou em outro Orbe Celeste. Ademais, *Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. (Jo 3:17)*. Ao menos que o mundo se refira a alguns, aí os salvacionistas estariam com a razão de suas elucubrações exclusivistas.

O que significa para os salvacionistas e os demais leitores que Jesus purificou “as nossas obras mortas de nossa consciência”? Como seria essa purificação e conscientização? Pelo sangue derramado, ou pelos atos praticados e orientados à sua prática? A resposta a esta questão dá a entender o cerne do tópico que mesmo que Jesus tenha se oferecido, se nós não buscarmos a reforma íntima, não haverá conscientização e muito menos a nossa redenção de nossas imperfeições, reafirmando pela simples frase no princípio de que “Realmente Jesus veio nos resgatar pelo seu evangelho vivo na transformação de nossas atitudes”. É o que dissemos e sustentamos, que se não buscarmos transformar as nossas imperfeições em virtudes, ou seja, se não buscarmos a conscientização (salvação) diária, não poderemos ser conscientizados (ser salvos). Um depende do outro, o querer buscar e o que quer nos outorgar. É o encontro do filho pródigo com o seu Pai de braços abertos, conforme está claro na Parábola do Filho Pródigo.

Após o desfecho dos salvacionistas sobre a passagem de Hebreus, estes nos deixam um questionamento: “E agora, continuam

com o apoio do Sr. Pastorino abandonando o que outrora havia escrito sobre Hebreus 9:14-17?” Continuamos, não somente com a posição de ambas colocações esclarecidas acima nas simples e claras palavras, mas também no aguardo para que nos aponte onde estamos nos contradizendo, já que apenas aventou a possibilidade sem nos apresentar as provas.

A partir da investida desses mesmos salvacionistas, estes ainda citam Pastorino, dizendo que: Ele afirma que “Sangue do testamento” (em Lucas: “do novo testamento”) lembra Moisés (Êx. 24:8) quando esparziu o sangue dos bois sobre o povo, em que fala do “sangue do testamento” que muitos traduzem como “sangue da aliança” (cfr. Jean Rouffiac, “Recherches sur les Caracteres du Grec dans le Nouveau Testament d'après les Inscriptions de Priène”, Paris, 1911, pág. 42). Após a citação dos salvacionistas deste trecho que lhes interessam do texto de Pastorino, estes continuam dizendo que “consideram os termos equivalentes, porém ficamos com a expressão ‘sangue do testamento’, e tal palavra entra diretamente no foco do que escrevemos em outra postagem e trouxe logo acima novamente. Testamento, conforme definição do dicionário Michaelis, *Ato personalíssimo, unilateral, solene, gracioso e revogável, pelo qual a pessoa dispõe, total ou parcialmente, dos seus bens, com observância das prescrições legais a respeito, e estabelece deveres e direitos que devem vigorar depois de sua morte.* Sabe-se que testamento não é deixado a todos, apenas aqueles que foram escolhidos, e escolhidos bíblicamente somente aqueles que aceitam a Cristo”. Esta parte grifada pelo em nada diz o que não havíamos afirmado, todavia, como bem deixamos a Parábola da Ovelha Perdida para que os salvacionistas a comente, aguardaremos para saber: para Deus é mais importante ir à busca das 99 ovelhas de seu aprisco? Ou, se é à ovelha desgarrada que Jesus veio lançar mão? Neste intento, aguardaremos as explicações.

Um fato interessante dos salvacionistas, é que o trecho retirado do texto do Pastorino e comentado a favor de seus interesses, todavia, este se “esquecem” de citar a explanação do mesmo autor que explica da seguinte forma do parágrafo mutilado:

*Lucas exprimiu a ideia de outra forma: “esta taça é o novo testamento em meu sangue” (toúto tò potêrion hê kainé*

*diathêkê en tôi haímati mou*). A palavra grega *diathêkê* exprime literalmente as “disposições testamentárias”, tanto no linguajar clássico quanto no popular (*koinê*), como vemos nas inscrições funerárias e nos “grafitti” da época. De qualquer forma, vemos, nessa frase, a abolição total dos sacrifícios sangrentos, pois as “disposições testamentárias” são feitas através do simbolismo do vinho transubstanciado no sangue.

Ou seja, nem é preciso que venhamos a afirmar a parte grifada do texto da obra Sabedoria do Evangelho (Volume VII), pois é exatamente o que sempre afirmamos sobre o entendimento de tal passagem e o pior é ter que ler coisas do tipo: “o apoio buscado no filósofo e teólogo acabará por contradizer você mesmo”. Será mesmo? Ou é apenas a intenção do articulista? Os fatos testificam e falam por si.

O que ainda depreendemos de Testamento, são os Evangelhos e as demais epístolas, sendo este patrimônio da humanidade pelo alto grau de elevação dos ensinamentos morais e universais, contidos principalmente no Sermão da Montanha, ao qual Gandhi afirma que se tudo se perdesse, mas se mantivesse a parte do Sermão, nada haveria se perdido pelo puro teor de moral contido.

Os que tentam separar esta verdade das demais sublimes almas que vêm estes ensinamentos evangélicos e Universais, é simplesmente porque dão mais ênfase as liturgias de determinadas escolas religiosas do que do ensino universal em si. Contudo, este foi o motivo de Carlos Juliano Torres Pastorino abandonar a ordem eclesiástica da Igreja Católica, pois o Papa Pio XII rejeitou receber Gandhi em seu traje como uma túnica branca comum, mesmo com a admiração deste profeta indiano que venceu a potência da Inglaterra sem uma arma sequer em punho. Tendo em vista tal recusa, surge a célebre frase do mesmo simples Gandhi: “Aceito o Cristo, mas não o Cristianismo”.

Partindo desta análise, prosseguem os salvacionistas em nos dizer que “o Sr. Pastorino não nos refuta, antes concorda, quando afirmamos que o sangue, citando Pastorino: ‘que é derramado’ (*tô ekchynnómenon*), no participio presente; portanto, simbolismo do vinho na taça, representando o que seria mais tarde derramado quando o

*sacrifício se realizasse no Calvário. O sangue que é derramado ‘em relação a muitos’ (peri pollôn, Mat.) ou ‘sobre muitos’ (hypèr pollôn, Marc.) ou ‘sobre vós’ (hypèr hymõn, Luc). Também o pão, em Lucas, é dito ‘que é dado sobre vós’ (tò hypèr hymõn didómenon)...” e desfecham com o comentário: “Muitos”, ou “vós” quem? Se fossem todos, daí o espiritismo teria razão ao afirmar que todos um dia alcançarão a perfeição através das sucessivas e “esforçadas” reencarnações”. Só que há uma retificação ao comentário dos salvacionistas que “esqueceram” de colocar o desfecho do parágrafo de onde eles retiraram tal trecho, onde este assim termina: ...A taça (potêrion) utilizada era a comum destinada ao vinho, e o uso de agradecer a Deus e fazê-la passar por todos os convivas, já é assinalado quanto à ‘taça do Qiddoush’ na Michna (Pesachim, 10). Ou seja, o trecho retirado não tem nada a ver com a reencarnação e logo em seguida a mutilação do desfecho nos remete que “sobre vós” é referente aos apóstolos com Jesus na ceia.*

Ademais, o exemplo deixado pelo Mestre é para alcançar toda a Terra, tendo em vista o seu Evangelho vindo a transformar a todos que se dispusessem a fazê-lo pelo arrependimento de suas más inclinações e prática das virtudes exemplificadas por Ele, bem como *e lhes disse: Assim está escrito que o Cristo havia de padecer e ressuscitar dentre os mortos no terceiro dia e que em seu nome se pregasse arrependimento para remissão de pecados a todas as nações, começando de Jerusalém. (Lc 24:46-47).*

O Mestre ainda afirmou que:

*Respondeu-lhe Jesus: Em verdade, em verdade te digo que se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus (Jo 3:3).*

Ou seja, ninguém poderá “ver o reino de Deus” (e elevar-se ao grau de espírito puro) se não nascer de novo! Já que a Reencarnação é uma lei natural (v. 12 do mesmo capítulo), todos estão sujeitos a tal lei, assim como Jesus também galgou todos os degraus evolutivos (v. 13 do mesmo capítulo).

Nos deparamos com a seguinte frase dos salvacionistas: O



autor cita que *“a razão é que, depois desse jantar, o Filho do Homem não terá outra oportunidade até que se plenifique o ‘reino de Deus’, atingindo seu sentido pleno e total. Já vimos que essa expressão ‘reino de Deus’ ou ‘reino divino’ ou ‘reino dos céus’ ou ‘reino celeste’ é equivalente às outras que tanto empregamos: reino mineral (matéria inorgânica), reino vegetal (matéria orgânica), reino animal (psiquismo), reino hominal (racionalismo), reino divino (Espírito)”*. Daí questionam os salvacionistas: perguntamos: Já vimos? Onde?” Se os críticos conhecessem a obra Sabedoria do Evangelho (VIII Volumes), não seria preciso citar, todavia, demonstraremos aos leitores para caráter de exame em corroborar o “reino de Deus” com o reino divino (Espírito) na concepção de Torres Pastorino, sendo este quem utilizou tais expressões, todavia, os salvacionistas ainda não a podem ter pesquisado na obra do renomado autor. Entretanto, concernente na sua obra *Sabedoria do Evangelho, Volume VI*; pp. 76 a 78, em relação à passagem de Jesus e as Crianças (Mt 19:13-15; Mc 10:13-16 e Lc 18:15-17), Pastorino faz uma explanação sobre a expressão “reino de Deus”, quando disse que Já vimos que essa expressão. Ou seja, o autor já havia abordado sobre tal assunto no volume anterior, somente isso e os salvacionistas parecem ter entendido outra coisa completamente diferente. Faltou mais atenção!

Diante de tantos comentários sem provas, meras opiniões, mutilações em textos, enfim, concluem os salvacionistas que “o restante preferimos nem comentar, pois aborda temas que nada tem a ver com o tópico, como ‘corpo de Cristo’, fazendo analogias com o ‘pão’, ‘espiga de trigo’, ‘sacerdócio de Melquisedeque’”. Se estes não comentam nada mais sobre o texto que trouxemos, cabe-nos a certeza de que não o obrigaremos a fazê-lo, antes fundamentamos ainda mais o que acreditamos no simbolismo da Transubstanciação.

Todavia, o sacerdócio de Melquisedeque nos dá uma interessante passagem com desfecho ao comentário do crítico, no qual citamos:

*A esse respeito temos muitas coisas que dizer e difíceis de explicar, porquanto vos tendes tornado tardios em ouvir. Pois, com efeito, quando devíeis ser mestres, atendendo ao tempo decorrido, tendes, novamente, necessidade de alguém que*

*vos ensine, de novo, quais são os princípios elementares dos oráculos de Deus; assim, vos tornastes como necessitados de leite e não de alimento sólido. Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal. (Hb 5:11-14).*

Mediante o desfecho dos salvacionistas, entendemos que nem todos estão preparados para o alimento sólido, todavia, não é o que esperamos de nossos leitores ao qual tentamos esclarecer mais este assunto.

Diante de tudo o que foi dito e esclarecido neste tópico, encerram os salvacionistas retornando “ao ponto em que estamos conversando, onde ainda aborda sobre o sangue para remissão dos pecados. A rejeição à correta tradução de ‘remissão dos pecados’ é apenas subjetiva. Se rejeitam esta tradução por continuarem, até hoje, existindo pecados cada vez mais abundantes na humanidade a mesma dificuldade existe se a tradução for ‘correção dos defeitos’, por também existirem pecados cada vez mais abundantes na humanidade”. Diante de nossa explanação sobre a correta tradução de “remissão de pecados” ser como a “correção dos defeitos”, o que fizemos foi apenas inferir que uma terceira pessoa não poderia realizar o que nós mesmos temos que fazer, ou seja, corrigir os nossos próprios defeitos através do modelo no Evangelho de Jesus em prática. Isso é mais claro do que subjetivo, tanto que pudemos esclarecer a Transubstanciação, em conformidade com o texto de Torres Pastorino e as demais parábolas.

#### **40.14. Ezequiel combate o pecado original e as penas eternas**

Sobre tal tópico, entendemos que a análise do capítulo 18 de Ezequiel, em conjunto com os exemplos do Cego de Nascimento e do Homem Coxo nos Evangelhos que estão no texto “**O Diálogo entre Jesus e Nicodemos**” e nossa autoria.

O nosso esclarecimento sobre Ezequiel nos remete uma responsabilidade individual para as consequências de nossos atos, os

salvacionistas concordam que as responsabilidades de nossos atos caem sobre nós mesmos quando eles dizem que: “concordamos que este capítulo de Ezequiel trata, sim, sobre as responsabilidades pessoais de nossos atos, bons ou maus, **mas inclui-se também nestas responsabilidades aceitar ou rejeitar a Salvação oferecida gratuitamente**”. Onde diz em Ezequiel 18 sobre a aceitação, ou a rejeição da salvação oferecida gratuitamente pelo dogma do sacrifício vicário? É o que veremos mais adiante quando os salvacionistas nos sugerem:

*De novo veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Que quereis vós dizer, citando na terra de Israel este provérbio: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram? Vivo eu, diz e Senhor Deus, não se vos permite mais usar deste provérbio em Israel. Eis que todas as almas são minhas; como o é a alma do pai, assim também a alma do filho é minha: **a alma que pecar, essa morrerá. Sendo, pois o homem justo, e procedendo com retidão e justiça.** (Ez 18:1-5)*

Segue explanação dos salvacionistas, caro leitor que “este versículo apenas corrobora o que vemos tentando mostrar, a **alma que pecar, essa morrerá**, assim como Cristo disse: ‘...e todo aquele que vive, e crê em mim, **jamais morrerá** (Jo 11:26). Cristo (e nós também), perguntamos: Crês nisto?” A pergunta dos salvacionistas é um tanto quanto sem sentido com a passagem por eles citada, pois que Jesus havia perguntado a Marta após a ressurreição de Lázaro se ela acreditava que Jesus era o Filho de Deus e o que havia de vir, ou seja, o Messias e nós acreditamos.

O que está implícito nesta passagem caro leitor, é que o profeta combate às maldições hereditárias quando cita Jeremias (Jr 31:29) e diz que **Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram? Vivo eu, diz e Senhor Deus, não se vos permite mais usar deste provérbio em Israel.** Quando os demais Judeus acreditavam na literalidade da passagem de Ex 20:5-6 e aplicavam-na como sendo que os filhos herdariam a responsabilidade dos atos dos pais, porém tanto Jeremias quanto Ezequiel combatem esta ideia e põe por terra esta teoria das maldições hereditárias.

Após o salto do 5º ao 10º verso, os salvacionistas não nos passam como seria a recomendação de Ezequiel para que os demais certamente viverão, todavia, seguem as recomendações “esquecidas”:

*não comendo carne sacrificada nos altos, nem levantando os olhos para os ídolos da casa de Israel, nem contaminando a mulher do seu próximo, nem se chegando à mulher na sua menstruação; não oprimindo a ninguém, tornando ao devedor a coisa penhorada, não roubando, **dando o seu pão ao faminto e cobrindo ao nu com vestes**; não dando o seu dinheiro à usura, não recebendo juros, desviando a sua mão da injustiça e fazendo verdadeiro juízo entre homem e homem; **andando nos meus estatutos, guardando os meus juízos e procedendo retamente, o tal justo, certamente, viverá, diz o senhor Deus. (Ez 18:6-9).***

Seguem aí as recomendações para que viva o justo que proceder retamente os estatutos do Pai, sendo um deles em conformidade com o que Jesus recomenda (Mt 25:31-46): **dando o seu pão ao faminto e cobrindo ao nu com vestes**. Sendo assim, prosseguem os salvacionistas mais abaixo:

*e que não cumpra com nenhum desses deveres, porém coma sobre os montes, e contamine a mulher de seu próximo, **oprima ao pobre e necessitado**, pratique roubos, não devolva o penhor, levante os seus olhos para os ídolos, cometa abominação, empreste com usura, e receba mais do que emprestou; **porventura viverá ele? Não viverá!** Todas estas abominações, **ele as praticou; certamente morrerá; o seu sangue será sobre ele**. Eis que também, se este por sua vez gerar um filho que veja todos os pecados que seu pai fez, tema, e não cometa coisas semelhantes. (Ez 18:10-14)*

E mediante tal citação, nos explicam os salvacionistas que “este versículo continua afirmando que, se tal pai gerar um filho obediente, e que não proceder segundo as obras de seus pais, este viverá, **o que apenas ratifica que a Salvação é individual, pois se os pais não crerem em Cristo não significa que o filho estará condenado, pois o filho será condenado ou salvo se ele aceitar ou não o sacrifício vicário**”. O interessante é que a passagem que foi grifada no verso 10 é posterior a nossa citação anterior dos versos 6º ao 9º. Tanto que

seguem como preceitos que devem ser praticados de individualmente e responsabilizados individualmente.

Outro ponto interessante é que os salvacionistas dizem que **o filho será condenado ou salvo se ele aceitar ou não o sacrifício vicário**. Onde no texto afirma esta questão de Sacrifício Vicário, se Jesus nem havia vindo ainda? O que fica evidenciado são outros estatutos já citados (Ez 18:6-9). Diante disso, os salvacionistas encerram a análise desta passagem: “ainda não vimos nada que infira neste texto reencarnação pois até agora apenas têm mostrado as responsabilidades pessoais dos atos de cada pecador. Aliás, não apenas não vimos nada sobre reencarnação como nega veemente tal doutrina, uma vez que para quem proceder segundo más obras que fizer, nada resta a não ser a condenação (a alma que pecar, essa morrerá). Nada diz que haverá mais chances em futuros reencarnes para que possa proceder segundo a reta justiça e, assim, viver, senão nesta própria vida”. Uma coisa ficou bem clara, o tópico não trata de reencarnação e nem aceitação do sacrifício vicário, pois há outros em específico para tal tema sobre a Reencarnação, já citamos o exemplo do Homem Coxo e não é preciso repetir que:

*Depois Jesus encontrou-o no templo, e disse-lhe: **Eis que já estás são; não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior. (Jo 5:14).***

Todavia, o que fica evidenciado é que as maldições hereditárias já eram preceitos ultrapassados e errôneos naquela época, porém, ainda sustentados por muitos nos dias de hoje. Esclarecido a temática, prosseguem os salvacionistas mais adiante. Todavia, há o não comentário às passagens dos versos 15 ao 17 que são praticamente idênticos aos estatutos dos que foram “esquecidos” outrora.

*Quanto ao seu pai, porque praticou extorsão, e roubou os bens do irmão, e fez o que não era bom no meio de seu povo, eis que ele morrerá na sua iniquidade, contudo dizeis: Por que não levará o filho a iniquidade do pai? Ora, se o filho proceder com retidão e justiça, e guardar todos os meus estatutos, e os cumprir, certamente viverá. A alma que pecar, essa morrerá; **o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai levará a iniquidade do filho, A justiça do justo ficará sobre ele, e a***

*impiedade do ímpio cairá sobre ele. Mas se o ímpio se converter de todos os seus pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e preceder com retidão e justiça, certamente viverá; não morrerá. De todas as suas transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele; pela sua justiça que praticou viverá. (Ez 18:18-22)*

A partir da citação, nos dizem os salvacionistas que “idem acima, principalmente pela parte final, que explica todo o contexto: **Mas se o ímpio se converter de todos os seus pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e preceder com retidão e justiça, certamente viverá; não morrerá. De todas as suas transgressões que cometeu não haverá lembrança contra ele; pela sua justiça que praticou viverá.** Como conciliar a parte sublinhada com a necessidade de viver novamente para apagar suas faltas passadas, já que este diz que quem se converter de seus pecados nenhuma de suas transgressões será lembrada contra ele? A resposta que daremos é sintomática:

*E, passando o Senhor por diante dele, clamou: **Senhor, Senhor Deus compassivo, clemente e longânimo e grande em misericórdia e fidelidade; que guarda a misericórdia em mil gerações, que perdoa a iniquidade, a transgressão e o pecado, ainda que não inocenta o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos e nos filhos dos filhos, até a terceira e quarta geração. (Ex 34:6-7).***

Ademais, nós espíritas também concordamos que Deus promete perdoar a todos, já que este é **longânimo e grande em misericórdia**, porém, vale ressaltar que o perdão **não inocenta o culpado**. Sendo assim, como anteriormente já explanamos, Deus concede o perdão à alma arrependida, mas **não inocenta o culpado**, principalmente se este voltar a os praticar (**Jo 5:14**).

Assim como com o exemplo do Homem Coxo que, mesmo tendo sido curado de uma paralisia infantil que certamente não tivera seus atos na infância que corroborassem com a tese da unicidade de uma vida encarnada somente, Jesus o adverte:

*Depois Jesus encontrou-o no templo, e disse-lhe: **Eis que já***

***estás são; não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior. (Jo 5:14).***

É nesta tecla que batemos, pois não adianta sermos curados, “aceitarmos” Jesus, se continuarmos com os nossos defeitos e delitos em desacordo com as Leis Divinas, pois se voltarmos a cometer tais faltas já advertidas, certamente colheremos os frutos que colhemos nesta, ou na próxima encarnação, derrubando a tese das penas hereditárias, bem como **o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai levará a iniquidade do filho, A justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele.**

E prosseguindo os salvacionistas, estes citam:

*Tenho eu algum prazer na morte do ímpio? diz o Senhor Deus. Não desejo antes que se converta dos seus caminhos, e viva? (Ez 18:23)*

E os salvacionistas disse-nos que: “você pararam no versículo 23. Versículo 24 em diante: mas, desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo a iniquidade, fazendo conforme todas as abominações que faz o ímpio, **porventura viverá?** De todas as suas justiças que tiver feito não se fará memória; pois pela traição que praticou, e pelo pecado que cometeu ele morrerá. Dizeis, porém: O caminho do Senhor não é justo. Ouvi, pois, ó casa de Israel: Acaso não é justo o meu caminho? não são os vossos caminhos que são injustos? Desviando-se o justo da sua justiça, e cometendo iniquidade, morrerá por ela; na sua iniquidade que cometeu morrerá. Diante disso, em resumo, nós havíamos dito que se as transgressões e boas obras não são responsabilidades de antepassados que nos precederam dando-nos a responsabilidade de seus atos, nem tampouco o Cristo levaria sobre si a responsabilidade de nossos atos, senão, nos veio resgatar da prisão do nosso ego ainda que enraizado no materialismo.

Foi esta a intenção de citar o capítulo 18 de Ezequiel e o que nos parece que em nenhum momento fomos refutados neste quesito, antes foi desviado para o assunto da reencarnação que não foi aventado neste tópico. Tanto que ainda prosseguiremos, até mesmo para que entendam o que defendemos que convém aqui testificar que

esta punição dos pais sobre os filhos era uma ideia errônea que foi duramente combatida por Jeremias e Ezequiel, sendo que é o resultado lógico de princípios de causa e efeito idêntico ao da física newtoniana, não implicando por isso uma ação direta de Deus. Isto pode ser traduzido numa analogia básica: **quem coloca os dedos numa tomada elétrica sofre um choque, não porque foi “castigado”, mas porque esse é o efeito correspondente à sua ação**; os atos praticados no cotidiano obedecem às mesmas regras, traduzidas para um nível espiritual individualizado. Haja vista que certamente o plantio é livre, mas a colheita é obrigatória e não se colhe figos de espinheiros, já disse o Mestre.

O caráter de responsabilização ética pelos atos individuais (causa e efeito) é um conceito fundamental do Judaísmo e Espiritismo. O processo de correção assenta essencialmente nesta necessidade de gradualmente emendar e corrigir os defeitos da alma para assim se poder evoluir espiritualmente. Esta correção passa por um processo genuíno de admissão dos erros, arrependimento honesto, restituição sempre que tal seja viável. Vide o exemplo da **parábola do Filho Pródigo** também ensinada pelo Mestre.

Todavia, prosseguem os salvacionistas: “em primeiro lugar, Ezequiel 18 trata sobre as **responsabilidades pessoais** de nossos atos, mas não nega as **consequências** que atos de nossos pais possam trazer sobre nossas vidas. Bom, analisando este argumento, se os erros são **responsabilidades pessoais**, logo as **consequências** destes mesmos erros são individuais e que **nunca** que tais atos de nossos pais possam trazer sobre nossas vidas tanto bons ou maus frutos à colher, bem como **o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai levará a iniquidade do filho, A justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele**. Desta maneira exemplificamos o Homem Coxo (**Jo 5:14**) e seu entendimento que corrobora com o que temos dito neste e em outros tópicos.

Mediante toda a análise do tópico sobre a passagem de Ezequiel, tão logo, adiante os salvacionistas prosseguem dizendo e repetindo as mesmas coisas já comentadas e que pararemos por aqui, para que não possamos mergulhar de ver num assunto que não tem a



ver com a reencarnação, já que há outros textos que tratam de tal temática. Houve ainda uma tentativa de arrematar uma “destruição” para esta lei natural (**Jo 3:12**). Todavia, como já bem dissemos, crer ou não nela, não faz com ela deixe de existir. E em desfecho as elucubrações dos salvacionistas. Eles concluem dizendo que “Deus, misericordioso como É, e não desejando que houvesse a morte de alguém, estabeleceu a necessidade de sacrifícios constantes, pois sabia que pelos próprios esforços ninguém conseguiria alcançar a Salvação”. Vale ressaltar que os sacrifícios da Torá não eram para a salvação dos demais Judeus e sim para a purificação.

#### **40.15. O sentido de salvação apresentado por Jesus a Zaqueu**

Partindo para o nosso último subtópico, adentramos ao conceito de salvação que abordamos anteriormente com a Parábola do Bom Samaritano, a Parábola do Mordomo Infiel e para completar, a parábola da Ovelha Perdida. Tendo em vista tais abordagens e análises, adentraremos na evidência de tal conceito de salvação que é justamente o de conscientização para as retas atitudes em conformidade com o Evangelho de luz, vindo a nos trazer a reflexão final sobre a relevância de todos os princípios que Jesus nos deixou e a suma importância para que possamos estar firmes na rocha, alicerçada na Pedra Angular que é o nosso Mestre.

Neste intento, repasso aos leitores, mais esta análise que se refere ao **publicano Zaqueu**. Todavia, antes de iniciarmos a explanação, traremos informações sobre o que representavam os publicanos na antiga Jerusalém na época de Jesus, conforme o **Capítulo III da Introdução do Evangelho Segundo o Espiritismo** que assim reza:

***Publicanos – Eram assim chamados, na antiga Roma, os cavalheiros arrendatários das taxas públicas, incumbidos da cobrança dos impostos e das rendas de toda espécie, quer em Roma mesma, quer nas outras partes do Império. Eram como os arrendatários gerais e arrematadores de taxas do antigo regimen na França e que ainda existem nalgumas legiões. Os riscos a que estavam sujeitos faziam que os olhos***

*se fechassem para as riquezas que muitas vezes adquiriam e que, da parte de alguns, eram frutos de exações e de lucros escandalosos. O nome de publicano se estendeu mais tarde a todos os que superintendiam os dinheiros públicos e aos agentes subalternos. Hoje esse termo se emprega em sentido pejorativo, para designar os financistas e os agentes pouco escrupulosos de negócios. Diz-se por vezes: "Ávido como um publicano, rico como um publicano", com referência a riquezas de mau quilate.*

*De toda a dominação romana, o imposto foi o que os judeus mais dificilmente aceitaram e o que mais irritação causou entre eles. Dai nasceram várias revoltas, fazendo-se do caso uma questão religiosa, por ser considerada contrária à Lei. Constituiu-se, mesmo, um partido poderoso, a cuja frente se pôs um certo Judá, apelidado o Gaulonita, tendo por princípio o não pagamento do imposto. Os judeus, pois, abominavam a este e, como consequência, a todos os que eram encarregados de arrecadá-lo, donde a aversão que votavam aos publicanos de todas as categorias, entre os quais podiam encontrar-se pessoas muito estimáveis, mas que, em virtude das suas funções, eram desprezadas, assim como os que com elas mantinham relações, os quais se viam atingidos pela mesma reprovação. **Os judeus de destaque consideravam um comprometimento ter com eles intimidade.** (KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Introdução) (grifo nosso).*

Em conformidade com o que apresentamos no ESE, repassamos aos demais leitores a definição do Dicionário Bíblico de **Zaqueu** que significa:

**Puro** – *O incidente em que figura Zaqueu é referido em **Lc 19.1 a 10**. A sua posição era a de superintendente dos cobradores de tributos, estando ele próprio sujeito a um superior romano. Zaqueu era judeu, e Jesus lhe chama 'filho de Abraão', para nos fazer ver que mesmo a sua ocupação não o punha fora da comunidade de Israel. O vivo desejo de ver Jesus era mais alguma coisa do que simples curiosidade - doutra forma não teria ele tão prontamente respondido ao convite do Mestre. Jesus tinha chegado a Jericó, indo em direção a Jerusalém para a celebração da Páscoa. Jericó, pela*

*razão das suas palmeiras e jardins de balsamina, era nesta ocasião um distrito muito florescente, provindo deste fato tornar-se Zaqueu um homem rico. (Dicionário Bíblico) (grifo nosso).*

Partindo de tais definições que julgo pertinentes, adentro no evento do encontro de Jesus e Zaqueu, ao qual relaciono abaixo:

*Tendo Jesus entrado em Jericó, ia atravessando a cidade. **Havia ali um homem chamado Zaqueu, o qual era chefe de publicanos e era rico.** Este procurava ver quem era Jesus, e não podia, por causa da multidão, porque era de pequena estatura. E correndo adiante, subiu a um sicômoro a fim de vê-lo, porque havia de passar por ali. Quando Jesus chegou àquele lugar, olhou para cima e disse-lhe: **Zaqueu, desce depressa; porque importa que eu fique hoje em tua casa. Desceu, pois, a toda a pressa, e o recebeu com alegria. Ao verem isso, todos murmuravam, dizendo: Entrou para ser hóspede de um homem pecador. Zaqueu, porém, levantando-se, disse ao Senhor: **Eis aqui, Senhor, dou aos pobres metade dos meus bens; e se em alguma coisa tenho defraudado alguém, eu lho restituo quadruplicado. Disse-lhe Jesus: Hoje veio a salvação a esta casa, porquanto também este é filho de Abraão. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.***** (Lc 19:1-10)

Após as definições históricas no ESE sobre os publicanos na época em que Jesus esteve conosco, assim como o significado do nome próprio Zaqueu no dicionário Bíblico, nós viemos a chegar à conclusão de que por ele ser um publicano e por que a maioria destes eram vistos como defraudadores, eram maus vistos pelos judeus em sua época. Neste intento, Zaqueu já havia ouvido falar de Jesus e este queria estar na casa dele, colocando assim o preconceito dos demais judeus de sua época por terra. Todavia, Zaqueu verificou e reconheceu em **suas atitudes** que ***Eis aqui, Senhor, dou aos pobres metade dos meus bens; e se em alguma coisa tenho defraudado alguém, eu lho restituo quadruplicado.*** Portanto, era não somente acreditar em Jesus e sim mudar o comportamento em praticar as verdades contidas no Evangelho, reconstruindo a sua má conduta, doando com amor os seus bens e restituindo a todos aqueles a quem prejudicou, sendo este o grau

de conscientização ao qual abordamos anteriormente e pelo qual Jesus arremata: **Hoje veio a salvação a esta casa, porquanto também este é filho de Abraão.** Ou seja, Jesus havia testemunhado a conscientização de Zaqueu e pela sua atitude, disse que a salvação já estava presente, não somente para ser num ato somente que deveria ser entendida, já que era necessário andar na prática do Evangelho, bem como *“Eis que já estás são; não peques mais, para que não te suceda alguma coisa pior (Jo 5:14)”*.

Com a explanação acima, fica claro que **Jesus veio buscar e salvar o que se havia perdido.** Como a parábola do Filho Pródigo, o Pai sempre estará de braços abertos ao filho que retorna para a sua casa e busca a mudança de seus atos, pois este não deixa de aprender com a lição da experiência vivenciada.

#### **41. Considerações Finais**

Mediante tudo o que buscamos abordar em todos os pontos levantados pelos salvacionistas, neste tópico, e o ensejo de responder às dúvidas dos leitores acerca da parábola do Mordomo Infiel, pensamos que chegamos ao objetivo em tudo o que comentamos e os novos pontos que trouxemos, são igualmente pertinentes ao tema deste texto. Destarte, não nos ateremos em longas mensagens daqui a diante, senão em pontos que julgarmos que merecem ainda mais os nossos comentários e explicações que acreditamos ter esclarecido nas duas últimas postagens.

Todavia, não queremos de forma alguma impor nossas convicções a ninguém, nem muito menos solicitar que as pessoas mudem de religião para serem salvos, ou que ainda venham a aceitar a Jesus, sabendo que muitos aqui já o aceitam no seu dia-a-dia, por meio de atos que são condizentes com o Evangelho.

Neste intento, dizem os salvacionistas que “o mesmo Evangelho que diz crer, é claro de que Jesus não se transformou para alguns ‘no cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo’ a revelia. **Não, não foi designado por ‘alguns’, mas por João Batista, o suposto Elias reencarnado.** Apenas esta afirmação de João Batista já põe por terra

toda a teoria das sucessivas vidas, nos fazendo lembrar como era feita a expiação dos pecados na Velha Aliança e hoje, com o Cordeiro de Deus”. Mediante a frase que nos faz refletir, pois “**podemos discordar sem distorcer**” e este foi o meu objetivo caro leitor, discordar dos salvacionistas em alguns pontos e nunca procurar distorcer o cerne de suas opiniões. Sendo assim, colocamo-nos à disposição dos demais leitores, para que façam a análise de toda a argumentação, que estaremos dispostos a esclarecer algo que não ficou claro.

Entretanto, sobre a Transubstanciação e a visão da remissão de pecados, esta foi apresentada em detalhes. Isto significa que devemos nos esforçar para adentrar à porta estreita das virtudes, assim como Jesus nos fundamenta dizendo que, em relação ao reino de Deus, **todo homem forceja por entrar nele**. Ainda que os salvacionistas não concordem que se “esforçam a cada dia para melhorarem em mais e mais reencarnações”.

Mesmo sabendo que a reencarnação é uma lei natural (**Jo 3:12**). Sabemos que é necessária tal lei, a fim de chegarmos à plenitude da prática do Evangelho que sabemos ser impossível alcançarmos todas estas mesmas virtudes, em uma vida somente e que nenhuma delas nos será concedida se não nos esforçarmos em praticá-las. Isso, sempre defendemos e não se trata de crença, mas do que encontramos no Evangelho e qualquer crença que pregar o oposto, nós devemos voltar à essência dos ensinamentos do Mestre a fim de testá-la. **Este é o objetivo da Doutrina Espírita, reviver a essência dos ensinamentos de Jesus, colocar estes ensinamentos sempre em primeiro lugar, incentivando-nos em buscar mudar o nosso mundo interior e, somente assim mudaremos o mundo em que vivemos.**

## Fontes bibliográficas

### **Bíblias Impressas e Eletrônicas**

*A Bíblia Anotada*. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

*Bíblia Edição Palavra Viva*, Lisboa, S. Paulo, SP: Stampley Publicações Ltda, 1974.

*Bíblia Eletrônica 3.6.0* Rksoft Sothwares

*Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.

*Bíblia Sagrada*, Brasília-DF: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

*Bíblia Sagrada*, Edição Barsa. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.

*Bíblia Sagrada*, 68ª ed. São Paulo: Ave Maria, 1989.

*Bíblia Sagrada*, 5ª ed. Aparecida-SP: Santuário, 1984.

*Bíblia Sagrada*, 37a. ed. São Paulo: Paulinas, 1980.

*Bíblia Sagrada*, 8ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1989.

*Bíblia Sagrada*, Editora Vozes, 3ª edição, 1983.

*Bíblia de Jerusalém*, nova edição. São Paulo: Paulus, 2002.

*Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2002.

*Bíblia Sagrada*, Edição Pastoral. 43ª imp. São Paulo: Paulus, 2001.

*Bíblia Sagrada*, São Paulo: SBB, 2000.

*Escrituras Sagradas*, Tradução do Novo Mundo das, Cesário Lange-SP: STVBT, 1986.

VULGATA LATINA, *Bíblia Sacra juxta Vulgatam Clementinam*, CBCEW, Londres, 2006.

### **Obras Judaicas:**

BERG, P. S. *Reencarnação: as rodas da alma*. São Paulo: Cabala, 1998.

JOSEFO, F. *História dos Hebreus*, Rio de Janeiro, CPAD, 2003.

ITSCHAQ, S. B., *Chumash – Shemot com comentários de Rashi*, São Paulo: Editora TREJGER, I. U., 1993.

TORÁ, *A Lei de Moisés*, Templo Israelita Brasileiro Ohel Yaacov, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2001.

TANAH, *Bíblia Hebraica*, São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2012.

TALMUD BAVLI – BERACHOT, Capítulo 1-3, São Paulo: Editora Lubavitch Yeshivá Tomchei Tmimim Lubavitch, 2013.

TALMUD BAVLI – BERACHOT, Capítulo 7-9, São Paulo: Editora

**Dicionários Bíblicos e de Teologia:**

- STRONG J. LL.D, S.T.D.; *Dicionário Bíblico Strong Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*, Barueri/SP, Editora SBB, Ano 2002.
- SCHÖKEL, L. A. *Dicionário Hebraico Português*. São Paulo: Paulus, 1997.
- BEREZIN, Jaffa Rifka, *Dicionário Hebraico Português*. São Paulo: Edusp, 2003.
- MAGALHÃES, L. *Dicionário Português-Latim*, São Paulo: LEP S.A., 1960.
- ERNESTO, F. *Dicionário Escolar Latino-Português*, Rio de Janeiro, CNME, 1962.
- Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento, R. Laird Harris, Gleason L. Archer Jr. e Bruce K. Waltke, Editora Sociedade Religiosa Edições Vida Nova; São Paulo/SP; 1ª edição: 1998
- CHAMPLIN, R. N. e BENTES, J. M. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia 3a. ed., vol. 2*. São Paulo: Candeia, 1995b.
- BENTES, J.R. *Enciclopédia de Bíblia Teologia e Filosofia*, 4ª edição, volume 5.
- GINGRICH F. Wilbur, *Léxico do Novo Testamento Grego / Português*, Sociedade Religiosa Edições Vida Nova, São Paulo, 1993.

**Codificação Espírita:**

- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, São Paulo: PETIT, 2004.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, Rio de Janeiro: FEB, 1994.
- KARDEC, A. *O Livro dos Espíritos*, Brasília: FEB. 2019a
- KARDEC, A. *O Livro dos Médiuns*, São Paulo: PETIT, 2004.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Rio de Janeiro: FEB, 1996.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, São Paulo: PETIT, 2004.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Araras, SP: IDE, 1985.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Brasília: FEB. 2019c
- KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*, São Paulo, SP: PETIT, 2004.
- KARDEC, A. *A Gênese*, São Paulo: PETIT, 2004.
- KARDEC, A. *A Gênese*, Rio de Janeiro: FEB, 1995.

KARDEC, A. *A Gênese*, Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1987.  
KARDEC, A. *A Gênese*, Brasília: FEB. 2019e.  
KARDEC, A. *Obras Póstumas*, São Paulo, PETIT: 2004.  
KARDEC, A. *Revista Espírita 1861*. Araras, SP: IDE, 1993c.  
KARDEC, A. *Revista Espírita 1862*. Araras, SP: IDE, 1993d.

**Obras Espíritas:**

SILVA, S.C, *Analisando as Traduções Bíblicas*. João Pessoa-PB: ideia, 2001.  
SILVA, S. C. *Analisando as Traduções Bíblicas*. João Pessoa-PB: Ideia, 2012.  
CALLIGARIS, Rodolfo, *Parábolas Evangélicas*, Rio de Janeiro, RJ: FEB, 1987.  
PASTORINO, C. J. Torres, *Sabedoria do Evangelho*, volume I, Rio de Janeiro: 1970.  
PASTORINO, C. J. Torres, *Sabedoria do Evangelho*, volume II, Rio de Janeiro: 1964.  
PASTORINO, C. J. Torres, *Sabedoria do Evangelho*, volume III, Rio de Janeiro: 1970.  
PASTORINO, C. J. Torres, *Sabedoria do Evangelho*, volume VII, Rio de Janeiro: 1970.  
GODOY, Paulo A., *As Maravilhosas Parábolas de Jesus*, São Paulo, SP: FEESP, 1991.  
ALMEIDA, José de Souza, *As Parábolas de Jesus nos dias de hoje*, São Paulo: DPL, 2001.  
OLIVEIRA, Therezinha, *Parábolas que Jesus contou e valem para sempre*, Campinas, SP: CEAK, 2003  
PALHANO JR, L. *Aos Gálatas – a carta da redenção*. Niterói, RJ: Lachâtre, 1999.  
DENIS, Léon. *A mediunidade gloriosa. No Invisível*. Trad. de Leopoldo Cirne. 14. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1992.  
XAVIER, Francisco Cândido. *Jesus e mediunidade. Mecanismos da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.  
XAVIER, Francisco Cândido. *Mediunidade. Mecanismos da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 3. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1994.



### Obras Diversas:

- BRUNE, F. *Os Mortos nos Falam*. Edicel, DF. 1ª edição, 1991
- BRUNE, F. *Linha Direta com o Além*. Edicel, DF. 1ª edição, 1991
- FADIMAN, J. & FRAGER, R. *Psicologia da Personalidade*, São Paulo: Habra, 1986.
- GEISLER, N. L. e Rhodes, R. *Respostas às Seitas - Um Manual Popular Sobre as Interpretações Equivocadas das Seitas*, Editora CPAD.

### Fontes da Internet:

- [1] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Septuaginta> - Consulta às 12:42 em 14/09/2013
- [2] [http://pt.wikipedia.org/wiki/Jer%C3%B4nimo\\_de\\_Estrid%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jer%C3%B4nimo_de_Estrid%C3%A3o), Consulta às 11:05 em 24/10/2013
- [3] [http://pt.wikipedia.org/wiki/Vulgata\\_latina](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vulgata_latina), Consulta às 11:13 em 24/10/2013
- [4] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ablativo>, Consulta às 13:17 em 24/10/2013
- [5] [http://pt.wikipedia.org/wiki/Caso\\_acusativo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_acusativo), Consulta às 13:24 em 24/10/2013
- [6] Traduções do hebraico para português feito por um judeu ortodoxo no Fórum Evangelho em 2005/2006. (<http://forumevangelho.com.br/>)
- [7] SEPTUAGINTA Interlinear (Verão Eletrônica):  
[http://docs9.chomikuj.pl/714609164,PL\\_0\\_0,Septuaginta-Interlinear---Old-Testament.pdf](http://docs9.chomikuj.pl/714609164,PL_0_0,Septuaginta-Interlinear---Old-Testament.pdf))
- [8] <http://pt.wikipedia.org/wiki/Zohar>, Consulta às 15:30 em 20/11/2013
- [9] <http://ruadajudicialia.com/?m=200402&paged=2>, Consulta às 06:35 em 12/01/2006
- [10] [http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos\\_view.asp?a=479&p=2](http://www.morasha.com.br/conteudo/artigos/artigos_view.asp?a=479&p=2), Consulta às 15:00 em 21/11/2013
- [11] Análises dos textos bíblicos em português, inglês e grego extraído do site (<http://www.blueletterbible.org/>).
- [12] [http://pt.wikipedia.org/wiki/95\\_teses\\_de\\_Lutero](http://pt.wikipedia.org/wiki/95_teses_de_Lutero), consultada julho 2006.
- [13] SOBRINHO, P. S. N. *O que efetivamente nos salva?* Belo Horizonte, 2003,  
[http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/025\\_O\\_que\\_efetivamente\\_nos\\_salva.pdf](http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/025_O_que_efetivamente_nos_salva.pdf), acesso em 04.2006.
- [14] [Division of Perceptual Studies](#) – 01/07/2012 às 17:36
- [15] <http://www.brianweiss.com/> – 01/07/2012 às 17:45

- [16] [http://pt.wikipedia.org/wiki/Transcomunica%C3%A7%C3%A3o\\_instrumental](http://pt.wikipedia.org/wiki/Transcomunica%C3%A7%C3%A3o_instrumental) - 01/07/2012 às 17:55
- [17] <http://www.saindodamatrix.com.br/archives/2005/03/transcomunicaca.html> - 01/07/2012 às 18:05
- [18] <http://transcomunicaoinstrumental.blogspot.com.br/> - 01/07/2012 às 18:10
- [19] <http://www.neudelondrina.org.br> - 01/07/2012 às 18:15
- [20] ESDE: <http://www.febnet.org.br/site/downloads.php?SecPad=409>, consultada 01/2007.
- [21] Wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hamurabi>, consultada 06/2012.
- [22] [http://www.saindodamatrix.com.br/archives/2004/11/adulteracao\\_da.html](http://www.saindodamatrix.com.br/archives/2004/11/adulteracao_da.html), consultada 01/2007
- [23] SOBRINHO, P. S. N. *Contestação Comunicação com os mortos na Bíblia II?* Belo Horizonte, 2007, [http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/025\\_Contestacao\\_a\\_o\\_comunicacao\\_com\\_os\\_mortos\\_II.pdf](http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/025_Contestacao_a_o_comunicacao_com_os_mortos_II.pdf), acesso em 06.2012.
- [24] Entrevista com o Judeu Ortodoxo no Fórum Evangelho em 2005/2006. (<http://forumevangelho.com.br/>)
- [25] Enciclopédia Judaica: <http://www.jewishencyclopedia.com/view.jsp?artid=245&letter=E>
- [26] Revista Galileu: <http://revistagalileu.globo.com/Galileu/0,,ECT1080621-1706,00.html>
- [27] Wikipédia <http://pt.wikipedia.org/wiki/Aoristo> – Consulta às 15:50 em 04/01/2012
- [28] Traduções do hebraico para português feitas pelo judeu ortodoxo no Fórum Evangelho em 2005/2006. (<http://forumevangelho.com.br/>)
- [29] <http://www.dicio.com.br/palingenesia/> Consulta às 15:50 em 04/01/2012
- [30] [http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/025\\_a\\_conversa\\_de\\_jesus\\_com\\_nicodemos-v3.pdf](http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/025_a_conversa_de_jesus_com_nicodemos-v3.pdf), consulta às 14:00h em 18/11/2013
- [31] Desdobramento: [http://www.guia.heu.nom.br/desdobramento\\_e\\_mediunidade.htm](http://www.guia.heu.nom.br/desdobramento_e_mediunidade.htm) - Consultada 06/2006
- [32] Viagem Astral:

<http://www.syntonia.com/textos/textossaude/textosregressao/viagemforadocorpo.htm> - Consultada 06/2006

[33] Espiritualismo:

<http://www.espiritualismo.hostmach.com.br/biblio/bibliografia.htm> - Consultada 06/2006

[34] Instituto de Pesquisas Projeciológicas e Bioenergéticas:

[http://www.ippb.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=9208&catid=31&Itemid=57](http://www.ippb.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=9208&catid=31&Itemid=57) - Consultada 06/2006

[35] Imagem adaptada:

<http://arssecreta.com/wp-content/uploads/2007/11/belshazzar.jpg>  
Consultada 10/2013

[36] Imagem adaptada:

<http://cleofas.com.br/wp-content/uploads/2013/05/transfiguracao.jpg>  
Consultada 10/2013

[37] Imagem adaptada:

<http://1.bp.blogspot.com/-VhzWhGowDvk/T8IW-DDXjml/AAAAAAAAAxw/8sxs26Zb27M/s1600/pentecostes.jpg>

Consultada 10/2013

[38] SOBRINHO, P. S. N. *Satanás – ser ou não ser, eis a questão?* Belo Horizonte, 2007,

[http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/025\\_Satanas\\_ser\\_o\\_u\\_nao\\_ser\\_eis\\_a\\_questao.pdf](http://www.apologiaespirita.org/apologia/artigos/025_Satanas_ser_o_u_nao_ser_eis_a_questao.pdf), consultada em 07/2012.

### **Referências bibliográficas utilizadas pela NETGEO:**

#### **LINKS The Catholic Encyclopedia (A Enciclopédia Católica)**

[www.newadvent.org/cathen](http://www.newadvent.org/cathen) Indexada por letras e pesquisável por palavra-chave, a Enciclopédia Católica (em inglês) é uma referência online valiosíssima para tudo relativo ao catolicismo. Faz parte de um site católico mais amplo, o New Advent (Novo Advento), que também inclui a Summa Theologica, a obra-prima teológica de São Tomás de Aquino, além de cartas, discursos e livros dos primeiros cristãos.

#### **The Nag Hammadi Library (A Biblioteca Nag Hammadi)**

[www.gnosis.org/naghamm/nhl.html](http://www.gnosis.org/naghamm/nhl.html) Saiba mais sobre a descoberta da biblioteca Nag Hammadi, em 1945, um verdadeiro tesouro de textos do início do cristianismo (muitos deles gnósticos). É possível examinar a tradução em inglês dos textos, sendo de fácil acesso por meio de links em ordem alfabética e ler mais sobre o Evangelho de São Tomás em

uma seção independente.

### **Codex Sinaiticus**

[www.bl.uk/onlinegallery/themes/asianafricanman/codex.html](http://www.bl.uk/onlinegallery/themes/asianafricanman/codex.html) Por que o Codex Sinaiticus, o mais antigo exemplar do Novo Testamento que existe até hoje, é tão importante para a história do cristianismo? Conheça os detalhes no site da Biblioteca Britânica (que abriga a maior porção do Codex Sinaiticus.) Siga o link para o projeto da biblioteca de disponibilizar a íntegra do codex online.

### **Irenaeus Against Heresies (Irenaeus contra as heresias)**

[www.wesley.nnu.edu/biblical\\_studies/noncanon/fathers/ante-nic/irenaeus/02-ag-he.htm](http://www.wesley.nnu.edu/biblical_studies/noncanon/fathers/ante-nic/irenaeus/02-ag-he.htm) O Wesley Center for Applied Theology (Centro Wesley de Teologia Aplicada) apresenta uma tradução do Livro 2 do tomo anti-herético de Irenaeus, um bispo de Lyon no século 2. O link acima leva diretamente a uma condenação vigorosa dos gnósticos, apesar da linguagem ponderada.

### **The Gnosis Archive (O arquivo da gnose)** [www.webcom.com/gnosis](http://www.webcom.com/gnosis)

Este arquivo, organizado pela Gnostic Society (sociedade Gnóstica), abriga informações relativas a tudo que é gnóstico. Encontre aqui explicações detalhadas da crença gnóstica sob o título “The Gnostic Viewpoint: Essays on Contemporary Gnosticism”. (O ponto de vista gnóstico: ensaios sobre o gnosticismo contemporâneo). Há também palestras virtuais e livros.

---

## **BIBLIOGRAFIA**

CROSS, F. L., and E. A. Livingstone. The Oxford Dictionary of the Christian Church, 3rd ed. revised. Oxford University Press, 2005.

EHRMAN, Bart D. The New Testament. Oxford University Press, 2004.

EHRMAN, Bart D. Lost Christianities. Oxford University Press, 2003.

JENKINS, Philip. Hidden Gospels. Oxford University Press, 2001.

JONHNSON, Luke T. “The New Testament’s Anti-Jewish Slander and the

Conventions of Ancient Polemic.” *Journal of Biblical Literature*, 108/3 (1989), 419-41.

Meyer, Marvin. *The Gnostic Gospels of Jesus: The Definitive Collection of Mystical Gospels and Secret Books About Jesus of Nazareth*. HarperCollins, 2005.

PAGELS, Elaine. *The Gnostic Gospels*. Random House, 1979.

PAGELS, Elaine. *Beyond Belief*. Random House, 2003.

ROBINSON, James M., gen. ed. The Nag Hammadi Library. Harper and Row, 1977.

---

**BIBLIOGRAFIA NGS:**

SZULC, Tad. "Abraham: Journey of Faith." National Geographic (December 2001), 90-129.

TUSHINGHAM, A. Douglas. "The Men Who Hid the Dead Sea Scrolls: Ancient Manuscripts Found in Judean Caves Open a New World to Biblical Scholarship." National Geographic (December 1958), 784-80.